

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES DA UNESP – CAMPUS SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - DOUTORADO

Luciano Zanette

Transições Políticas:

Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE ARTES DA UNESP – CAMPUS SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - DOUTORADO

Transições Políticas:

Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016

Doutorado em Artes Visuais

Linha de Pesquisa - Artes Visuais: Processos e Procedimentos Artísticos

LUCIANO ZANETTE

Área de Concentração: Artes Visuais

2022

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo

São Paulo, setembro de 2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor.

Z28t	Zanette, Luciano, 1973- Transições políticas : posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016 / Luciano Zanette. - São Paulo, 2022. 475 p. : il. color. Orientador: Prof. Dr. Sergio Mauro Romagnolo Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte - Aspectos políticos. 2. Política na arte. 3. Brasil - Política e governo - Séc. XXI. 4. Arte - Exposições. I. Romagnolo, Sergio Mauro. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 704.94932

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

TERMO DE APROVAÇÃO

Luciano Zanette

Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016

Prof. Dra. Ana Carvalho

Prof. Dr. Artur Freitas

Dr. Gustavo Henrique Torrezan

Prof. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Prof. Dr. Sérgio Mauro Romagnolo

Data da aprovação 23 de setembro de 2022

Para minha companheira Carolina Tie Yagihara

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Ana Maria Albani de Carvalho, Prof. Dr. Artur Freitas, Dr. Gustavo Henrique Torrezan e Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli, membros da banca que gentilmente cederam seu inestimável tempo e atenção para a leitura deste escrito.

Agradeço pelo privilégio de poder ter dado continuidade aos meus estudos em uma universidade pública de excelência como a UNESP. Agradeço aos meus colegas da pós-graduação e ao corpo de funcionários do Instituto de Artes.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação da UNESP José Paiani Spaniol, Luiza Helena Silva Christov e Rita Luciana Bredariolli.

E agradeço em especial o meu orientador, o artista e professor Sérgio Romagnolo pelo acolhimento da minha pesquisa, por compartilhar com generosidade, seriedade e leveza a sua larga compreensão do campo artístico e da pesquisa acadêmica e por sua orientação sensível e objetiva.

Agradeço os meus colegas de trabalho do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo pelo companheirismo e constante apoio e pela compreensão nos momentos difíceis passados durante a pandemia do covid-19, em especial à Ana Carolina Lopes Melchert, Roberto Bertani, Jacques Jesion, Marcos Lopes, Rosana Mariotto, Katia Salvany, Helena Freddi, Sérgio Augusto Barreto, Marilúcia Bottallo e Nelson Rodrigues da Silva. Também aos diálogos com os colegas Bertoneto Alves de Souza e Jorge Paulino.

Agradeço a(o)s querida(o)s amiga(o)s e estimados colegas

Allann Seabra e Ian Duarte – Galeria Verve

Orlando Lemos – Galeria Orlando Lemos

Renê Foch – Casa Museu Ema Klabin

Marcio Alessandri – Cozinha da Pintura

Jerri Rossato Lima

Lizandra Magalhães

Cauê Alves

Olivia Ardui

Marcelo Armani

Fernando Burjato

Túlio Pinto

Rodrigo Núñez

Alexis Iglesias

Thaís Rivitti

Andrés Inocente Martín Hernández e Danilo Lorena Garcia - Subsolo Laboratório de Arte
Eduardo Veras, Amélia Brandelli, Marcos Fioravante, Nelson Rosa - Exposição *detalhe, desenho*
Zang e Daniel Zagatti
Frantz - Koralle
Francisco Klinger Carvalho
Claudia Paim e Marcelo Gobatto - Coletivo POIS

Agradeço o(a)s amigo(a)s do skate - Marcio Quadrado, Gerson de Lima Martins, Adriano Mayer, Marcelo "Orelha" (em memória), Mauro "Alice", Marcelo Diehl, Jairo "Bugrão", Claudinho, Cezar, Mauro "Rei da *Night*", Rogério "Lixo *or Die*", Flavinho Biehl, Arnaldo "Choco", "Corujão", Fabiano Oliveira, Fabiano "Fafá" Torrano, Yuri Weber, Cesar "Silvério" Trajano, Antônio Alexandre Oliveira Reis, Anderson "Piolho" Dutra, Rodrigo "Kbça" Lima, Paulinho, Alexandre Araujo "Papito", José "Zé" Alexandre Pereira e gurizada da Trevo; Jerri, Marcelo Hempel "Bixiga", Carlos "Jajá" Aldrino, Tomás Guedes "Tomate"; Cristiano "Bozoi" Oliveira, Jacques Souza, Noêça Oliveira, Jana Souza e Regina Oliveira (em memória); Elias "Lika" Vaz do Nascimento, Alessandro Machidonschi "Mão" e Karen "Pimpa" Machidonschi (em memória), Rodrigo Silveira, Rafinha Lima, Cristiano "Alemão" Silva; Luciano Finger, Gugo, Alex "Leco" Freitas, "Vini", "Sushi", Marcio Pinto e gurizada do "Subúrbio"; Paulinho (em memória), Marcos Antônio da Luz, Milton "Moca" Araujo, "Neco" Araujo, Luciano "Tano" Araujo, Dona "Ita", Flávio Vidal "Justice", Vitor Hugo Leão de Melo, Alexandre Ribeiro (em memória), Marcos Matte "Capão", Lucio "Agacê", Rafael Leote "Fuka", Leco, Leandro Piccioni "Chaka", Alexsandro "Duka" Sawada; "Russo" e família Rysdyk; "Biano" Bianchin, Betinho, Eurico Cassel, Diego Cassel, Nara Oliveira, "Bugui", Pablo Rebelo, Marcio Peixe, Gui Zolin e família, Luis Fernando "Pepino", Rafael Sganzerla, Juliano Vicari, Anderson "Dera" Proença, Michel Salgado, Peterson "Peter" Cabral, Fabrício Araujo, "Filipinas", Max Bauer, Alexandre "Poupa" e Roger "Conan" Klafke, Julio Dewes, Márcio "Orelha", Cassiano Pamplona, João Leão Velloso, Rodrigo Luis "Coelho" Pilar, "Jaca", "Morcego", Tavares, Gui, Gilberto "Beto Bazuca" Basualdo, pessoal do viaduto, da praça da Legalidade, do Coração e mais tanto(a)s outro(a)s camaradas.

Aos meus familiares pelo apoio e presença constante
Francisco Paulo Zanette, Luciana Zanette, famílias Zanette e Schwarzbach
Orlando, Regina e família Yagihara

Entre tantas outras pessoas aqui não nomeadas e que estiveram presentes nesta jornada.

Em memória da querida amiga e colega
Claudia Paim (1961-2018)

Em memória da minha mãe
Rosa Ivone Zanette (1943-2021)

RESUMO

Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016 é o título deste escrito decorrente de minha pesquisa de doutorado realizada entre 2018 e 2022. O objetivo da pesquisa foi a produção de uma série de proposições artísticas e a busca por uma reflexão crítica onde procurei trazer para o campo da arte alguns aspectos de fatos ocorridos no Brasil, com especial atenção para eventos e personagens políticos envolvidos no golpe de Estado de 2015-2016. Uma parte desses trabalhos artísticos, cerca de trinta peças, constituiu a exposição *Necrocolônia 2016-2019*, composta por desenhos, esculturas e pinturas. A exposição foi um instrumento metodológico importante, escolhido para propiciar a determinação de um recorte temporal e temático. A tese possui três capítulos: I - Antes – ainda melancolia; II - Transições – do geral para algumas particularizações; Pós-golpe de 2016 – mais informações, mais especificidades e III – Colonialismos; *Necrocolônia 2016-2019* – começando a descortinar sistemas e estruturas de poder. O primeiro capítulo é composto por uma breve seleção de trabalhos basais, amalgamados pela relação entre a noção de melancolia e o campo artístico, fator que no meu entendimento atravessa grande parte de minha produção. O segundo capítulo apresenta trabalhos que considero de transição para as peças de caráter político mais direto. E por fim o terceiro capítulo - *Necrocolônia 2016-2019*: começando a descortinar determinadas estruturas de poder – o qual eu considero como uma inflexão importante em minha trajetória por abordar concretamente temas políticos de relevância nacional. Nesse último capítulo os trabalhos serão apresentados em contexto com teóricos que me permitiram uma aproximação com questões relativas ao imperialismo, colonialismo, guerras híbridas, *lawfaire*, golpes de Estado, etc.

PALAVRAS-CHAVE:

Arte e Política, Brasil, Golpe de Estado, Capitalismo, Colonialismo

ABSTRACTO

Transiciones Políticas: Posicionamientos artísticos en el contexto de Brasil después del golpe de 2016 es el título de este escrito resultado de mi investigación doctoral realizada entre 2018 y 2022. El objetivo de la investigación fue la producción de una serie de proposiciones artísticas y la búsqueda de una reflexión crítica donde traté de llevar al campo del arte algunos aspectos de hechos ocurridos en Brasil, con especial énfasis en hechos y personajes políticos involucrados en el golpe de Estado de 2015-2016. Una parte de estos trabajos artísticos, una treintena de piezas, constituyó la exposición *Necrocolônia 2016-2019*, compuesta por dibujos, esculturas y pinturas. La exposición fue un importante instrumento metodológico, elegido para proporcionar la determinación de un corte temporal y temático. La tesis tiene tres capítulos: I - Antes - todavía melancólica; II - Transiciones - de lo general a algunas particularizaciones; Pós-golpe de 2016 - más información, más especificidades y III – Colonialismos; *Necrocolônia 2016-2019* - comenzando a revelar ciertas estructuras de poder. El primero está compuesto por una breve selección de obras fundacionales, amalgamadas por la relación entre la noción de melancolía y el campo artístico, que tiendo a considerar como un factor que atraviesa gran parte de mi producción. El segundo capítulo presenta obras que considero una transición a piezas de carácter político más directo. Y finalmente, el tercer capítulo - *Necrocolonía 2016-2019*: comenzando a revelar sistemas y estructuras de poder - que considero una inflexión importante en mi trayectoria para abordar de manera concreta temas políticos de relevancia nacional. En este último capítulo, se presentarán los trabajos en contexto con teóricos que me permitan abordar temas relacionados con el imperialismo, el colonialismo, las guerras híbridas, el *lawfaire*, los golpes de Estado, etc.

PALABRAS CLAVE:

Arte y Política, Brasil, Golpe de Estado, Capitalismo, Colonialismo

Lista de Figuras

Fig. 1	<i>Ausente</i> , 2000, madeira e aço.....	34
Fig. 2	“Luto pelo Museu Nacional, luta pela educação”, 3 de setembro de 2018	43
Fig. 3	Miroslaw Bałka, 268 x 142 x 54, 84 x 40 x 22.....	45
Fig. 4	Miroslaw Bałka, <i>Quando você molhar a cama</i> , 1987.....	45
Fig. 5	<i>Meio-pau</i> (detalhe do topo da escultura)	47
Fig. 6	<i>Outro</i> (detalhe)	47
Fig. 7	<i>Meio-pau</i> , 2011, madeira, pigmento e cera, 257 x 90 x 90 cm	47
Fig. 8	<i>Outro</i> , 2011, madeira, pigmento e cera, 180 x 174 x 300 cm	47
Fig. 9	Elaine Tedesco.....	48
Fig. 10	Daniel Acosta	48
Fig. 11	Elaine Tedesco, <i>Guarita Z</i>	48
Fig. 12	René Magritte	50
Fig. 13	<i>Noite de Palavra</i> , 2002, 12 genuflexórios de madeira, 12 lâmpadas e cabos elétricos.....	50
Fig. 14	<i>Fadiga Ocular</i> , 2000, cadeira, assoalho, cachimbos, caixa de madeira, dimensões variáveis.....	51
Fig. 15	<i>Paralipse</i> , 2000, madeira e cobre, 80 x 50 x 50 cm	51
Fig. 16	<i>Luvro</i> , 2007, madeira e laca, 90 x 50 x 60 cm	54
Fig. 17	León Ferrari, <i>La Civilización Occidental y Cristiana</i>	54
Fig. 18	<i>Olvidamento Tardio</i> , 2000, madeira, aço e cera	58
Fig. 19	<i>Em ti</i> , 1999, instalação realizada na reserva técnica	58
Fig. 20	<i>Intervenção Torreão</i> , 2008, madeira e esmalte sintético, 400 x 400 x 90 cm	63
Fig. 21	<i>Desobrigação das adaptações passageiras</i> , 2012, madeira, pigmento e cera	67
Fig. 22	<i>Para um</i> , 2012.....	67
Fig. 23	<i>Estruturas do Hábito</i> , 2015, aço e pintura eletrostática	69
Fig. 24	<i>Inscrição</i> , 2015	69
Fig. 25	<i>Quatro Poderes</i> , 2015, aço e pintura eletrostática, 500 x 335 x 335 cm	71
Fig. 26	<i>Obstáculo defensivo entre si e o perigo</i> , 2012 madeira, pigmento e cera, 90 x 72 x 72 cm	73
Fig. 27	<i>Conformismo</i> , 2015.....	73
Fig. 28	Neoliberalismo Mata	73
Fig. 29	<i>Cruz Preta Incompleta</i> , 2011, série <i>Cercanias</i> , madeira pigmento e cera, 87 x 234 x 234 cm.....	78
Fig. 30	<i>Barreira Militar Rietveld - BMR1</i> , série <i>Re-Rietveldt</i> , 2012, 160 x 182 x 188 cm	80
Fig. 31	<i>Quatro Poderes</i> , 2014	81
Fig. 32	Imagem a partir do arquivo da modelagem digital em 3d	81
Fig. 33	John Gast, <i>Progresso Americano</i> , 1872, óleo sobre tela, 29,2 cm x 40 cm	92
Fig. 34	Victor Gillam “ <i>The White Man's Burden (Apologies to Rudyard Kipling)</i> ”	93
Fig. 35	William H. Walker, “ <i>O fardo do homem branco (?)</i> ”	93
Fig. 36	Joaquín Torres García, <i>América Invertida</i> , 1943	101
Fig. 37	Waldemar Cordeiro <i>Viva Maria</i>	114
Fig. 38	Livia Aquino.....	114
Fig. 39	Pieter Claesz	124
Fig. 40	Registro fotográfico do processo de modelagem em argila a partir da referência em primeiro plano. Sala de cerâmica do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.	124
Fig. 41	<i>Três Estudos da Natureza Humana</i>	124
Fig. 42	<i>Esqueleto Sintético</i>	125
Fig. 43	<i>Esqueletos e Espaço</i>	125
Fig. 44	<i>Estudo com esqueleto e boneca</i>	125
Fig. 45	<i>Alvor de Equívocos</i> , 2005, grafite sobre papel, escultura cerâmica, mesa de madeira, bolsa térmica de borracha, cabos elétricos e lâmpadas incandescentes, dimensões variáveis. <i>Mapeamento das Artes Visuais no Rio Grande do Sul – Módulo I</i> , MACRS, Galpões do Cais de Porto Alegre.....	126
Fig. 46	Andre Dhamer.....	127
Fig. 47	<i>Mapa Américas - Non Santo sobre o mundo</i> , 2013, lápis contê sépia aquarelável sobre papel, 20,7 x 12,6 cm	130

Fig. 48	<i>Non Santo - OGM</i>	130
Fig. 49	<i>Crânio Eurocêntrico</i>	130
Fig. 50	<i>Escravidão Propriedade Lucro</i>	130
Fig. 51	<i>Sud – ou Sulado, série Subversões da imposta norma, 2014, lápis aquarelável e grafite sobre papel, 20,7 x 12,5 cm</i>	130
Fig. 52	<i>Ouro Estúpido, série desenhos mínimos, 2013, lápis conté e lápis aquarelável sobre papel, 20 x 12 cm</i>	130
Fig. 53	<i>Temporär, 2014-15, carvão e pastel seco sobre papel, 50 x 195 cm</i>	138
Fig. 54	<i>Temporär, 2014-15, carvão e pastel seco sobre papel, 50 x 195 cm. Detalhe da folha central.</i>	139
Fig. 55	<i>Trauerspiel</i>	140
Fig. 56	Robert Longo.....	143
Fig. 57	Mário Röhnelt	143
Fig. 58	Caravaggio, <i>A Inspiração de São Mateus, 1602</i>	144
Fig. 59	Caravaggio, <i>David com a cabeça de Golias, c.1610</i>	144
Fig. 60	Robert Longo, sem título (Saturno), série <i>Sinais Externos e Visíveis, 2006, carvão sobre papel, 183 x 310 cm</i>	146
Fig. 61	Robert Longo, <i>Hércules, série Doença da Razão, 2008, carvão sobre papel montado, 243,84 x 177,8 cm</i>	147
Fig. 62	Robert Longo, <i>Now everybody - for R.W. Fassbinder, 1982-1983, resina sintética pintada, carvão, grafite, tinta sobre papel</i>	148
Fig. 63	<i>National Priorities Project</i>	153
Fig. 64	<i>Escória da História, 2017, grafite sobre papel, 130 x 50 cm</i>	154
Fig. 65	<i>explosivo amarrado na boca do inocente</i>	157
Fig. 66	<i>em nome do progresso</i>	157
Fig. 67	<i>passatempo com as mortes dos outros</i>	157
Fig. 68	<i>melhor amigo</i>	157
Fig. 69	<i>começando cedo</i>	157
Fig. 70	Convite da exposição <i>Diana Vegana, 2016</i>	165
Fig. 71	<i>Retrato de Dama como Diana Caçadora, Pompeo</i>	165
Fig. 72	<i>Diana Vegana, 2016, materiais diversos, dimensões variáveis</i>	167
Fig. 73	Vista da sala de jantar em direção ao corredor	168
Fig. 74	Vista a partir das costas da escultura de <i>Diana Vegana, 2016</i>	168
Fig. 75	Vista lateral da instalação <i>Diana Vegana</i> localizada dentro do jardim de inverno	169
Fig. 76	<i>Artemis</i>	170
Fig. 77	<i>Artemis</i>	170
Fig. 78	Primeira etapa de moldagem das pernas - moldagem frontal das pernas (com a modelo deitada).	172
Fig. 79	Segunda etapa de moldagem das pernas - moldagem da parte posterior das pernas (com a modelo em pé).	172
Fig. 80	Moldes de gesso das pernas.	172
Fig. 81	Molde das pernas fechado e preenchido com espuma de poliuretano expansível.	173
Fig. 82	Peça retirada do molde.....	173
Fig. 83	Problemas na retirada do molde.	173
Fig. 84	Etapa de ajustes.....	174
Fig. 85	Molde da cabeça.....	174
Fig. 86	Arthur Kaufmann (1888- 1971), <i>Retrato de Ema Klabin</i>	175
Fig. 87	As três partes que posteriormente foram conectadas para formar o corpo de <i>Diana Vegana</i>	178
Fig. 88	Aimé-Jules Dalou. Esboços de terracota para o projeto <i>Monumento ao Trabalho</i> . Fotografado em seu estúdio, impasse du Maine em Paris, entre 1902 e 1904. As esculturas estão agora no Museu Petit Palais em Paris (1864-1943, França)	182
Fig. 89	John Heartfield.....	185
Fig. 90	John Heartfield.....	185
Fig. 91	Martha Rosler	185
Fig. 92	Maurizio Cattelan.....	190
Fig. 93	Maurizio Cattelan.....	190
Fig. 94	<i>Mascote do Mercado, 2017, caneta de feltro marrom sobre papel, 20,7 x 12,6 cm</i>	197
Fig. 95	Thomas Nast, <i>O Vampiro Político, 1885</i>	198
Fig. 96	Thomas Nast, <i>A União como era, a causa perdida, pior que a escravidão, 1874</i>	206
Fig. 97	“Bolsonaro recebe elogios de David Duke, líder da seita racista Ku Klux Klan”	206

Fig. 98	Carlos Latuff, 29 de dezembro de 2017, charge publicada no site de jornalismo independente Brasil 247.	207
Fig. 99	Montagem digital, onde a mesma mão de Temer foi posta sobre a boca do Drácula interpretado pelo ator Béla Lugosi	207
Fig. 100	Andy Warhol, <i>O Beijo (Bela Lugosi)</i> , 1963, serigrafia sobre papel, 75,6 x 101,3 cm	209
Fig. 101	Meme com José Serra e pessoa caracterizada à maneira de <i>Nosferatu</i>	213
Fig. 102	Destaque do carro alegórico como o “vampiro neoliberalista”, referência à Michel Temer, 2018	215
Fig. 103	Detalhe do “vampiro neoliberalista”, 2018	215
Fig. 104	<i>"Manifestoche"</i> , 2018	216
Fig. 105	Marcio Baraldi	216
Fig. 106	Thiago Martins de Melo, <i>O ovo da serpente e o crepúsculo da demofobia</i> , 2016.....	217
Fig. 107	Thiago Martins de Melo	219
Fig. 108	sem título, 2006, nanquim sobre	231
Fig. 109	<i>Inscrição</i> , 2015, aço e pintura eletrostática, 170 x 50 x 120 cm	231
Fig. 110	<i>Minha Causa Minha Vida</i> , 2018.....	231
Fig. 111	detalhe da aplicação da massa asfáltica	233
Fig. 112	<i>Casa-Trabalho</i>	233
Fig. 113	sem título, 2006, nanquim sobre papel, 20 x 30 cm.....	234
Fig. 114	sem título, série <i>Desenhos de Gabinetes</i>	234
Fig. 115	sem título, 2007	234
Fig. 116	sem título, 2007, nanquim, sobre papel, 42 x 59,4 cm.....	234
Fig. 117	<i>Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas</i> , 2018, madeira e aço, 184 x 150 x 4,4 cm, coleção particular.....	240
Fig. 118	“O presidente Jair Bolsonaro abraça a deputada alemã Beatrix von Storch e o marido dela, Sven von Storch ...	243
Fig. 119	<i>O sono da justiça produz monstros fascistas</i> , 2018, madeira aço poliuretano e resina epóxi, 74 x 95 x 46 cm ...	245
Fig. 120	Detalhe da cabeça da alegoria da justiça dormindo	245
Fig. 121	Goya, Placa 43 de ‘ <i>Los Caprichos</i> ’: <i>O sono da razão produz monstros</i>	250
Fig. 122	<i>Cabeça Chumbo</i>	251
Fig. 123	<i>Prêmio Multi Tarefa</i> :	251
Fig. 124	<i>Prêmio Bartleby</i>	251
Fig. 125	<i>Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico</i> , série <i>Contrapesos</i> , 2018	252
Fig. 126	Detalhe <i>Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico</i> , série <i>Contrapesos</i> , 2018	253
Fig. 127	Detalhe <i>Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico</i> , série <i>Contrapesos</i> , 2018	254
Fig. 128	Peter Paul Rubens	258
Fig. 129	Francisco de Goya	258
Fig. 130	Eugenio Merino e Indecline	261
Fig. 131	Eugenio Merino e Indecline	261
Fig. 132	Eugenio Merino e Indecline	261
Fig. 133	página do caderno azul (b.a.).....	266
Fig. 134	<i>Existimos Resistimos</i> , série <i>Palavras Cruzadas</i> , 2018, madeira e aço, 65 x 43 x 6 cm	267
Fig. 135	<i>Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?</i> 2018, madeira e cobre, 85 x 6 x 6 cm	275
Fig. 136	Detalhe de <i>Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?</i> 2018, madeira e cobre, 85 x 6 x 6 cm.....	276
Fig. 137	Detalhe das “tatuagens”, bandeira antifascista e ALF – Frente de Libertação Animal.....	277
Fig. 138	Logotipo Antifa.....	277
Fig. 139	ALF – Frente de Libertação Animal	277
Fig. 140	<i>A Justiça Necessária</i> , 2018, madeira e aço	279
Fig. 141	<i>A Justiça Necessária</i> , 2018, madeira e aço	279
Fig. 142	Página do caderno de notas azul (b.a.)	284
Fig. 143	Diferença Vital	287
Fig. 144	<i>Interdição Educação</i> , série: <i>A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar</i>	326
Fig. 145	<i>A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (A democracia depende da educação política)</i> , série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar, díptico, 2019, tinta sobre placa de alumínio composto (ACM), verniz e tinta automotiva e madeira	327
Fig. 146	<i>A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (O fascismo depende da ignorância)</i> , série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar, ...	328

Fig. 147	<i>Troféu Espancador de Professoras Sub15</i>	334
Fig. 148	<i>Professora espancada em sala de aula por aluno de</i>	334
Fig. 149	<i>Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação</i>	335
Fig. 150	Profa. Marcia Friggi	337
Fig. 151	Profa. Marcia Friggi	337
Fig. 152	Profa. Marcia Friggi	337
Fig. 153	<i>Topologia da Violência, O Ódio como Política, O Ódio à Democracia e Necropolítica</i>	340
Fig. 154	<i>Instrumento de Estado Tanatopolítico</i>	343
Fig. 155	John Heartfield, <i>Blut und Eisen</i> , 1934, poster, 40,5 x 28,6 cm	344
Fig. 156	foto da tela do computador com o filme	347
Fig. 157	foto da tela do computador com o filme	347
Fig. 158	<i>Estado Sequestrado</i>	348
Fig. 159	Quino, <i>Mafalda</i>	350
Fig. 160	série de desenhos <i>Sobre Posições</i>	351
Fig. 161	<i>Steve Bannon sobre Jair Messias Bolsonaro</i>	358
Fig. 162	<i>Dilma Rousseff sobre Luiz Inácio Lula da Silva</i>	359
Fig. 163	<i>Michel Temer sobre Eduardo Cunha</i>	360
Fig. 164	<i>Fernando Henrique Cardoso sobre Fernando Henrique Cardoso sobre Aécio Neves</i>	361
Fig. 165	<i>Aécio Neves sobre Sergio Moro</i>	362
Fig. 166	<i>Donald Trump sobre Jair Messias Bolsonaro</i>	363
Fig. 167	<i>Jair Bolsonaro sobre José Antonio Dias Toffoli</i>	364
Fig. 168	<i>Janaina Paschoal sobre Miguel Reale Jr.</i>	365
Fig. 169	<i>Rodrigo Maia sobre José Antonio Dias Toffoli</i>	366
Fig. 170	<i>Aécio Neves sobre Gilmar Mendes</i>	367
Fig. 171	<i>Sérgio Moro sobre Deltan Dallagnol sobre Rodrigo Janot</i>	368
Fig. 172	<i>Tio Sam sobre Sérgio Moro</i>	369
Fig. 173	<i>Escola “cívico-militar” em imposição</i>	377
Fig. 174	<i>Ataques por todos os lados</i>	383
Fig. 175	<i>Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)</i>	385
Fig. 176	<i>Luzia</i>	386
Fig. 177	Thiago Martins de Melo	390
Fig. 178	modelo tridimensional	390
Fig. 179	<i>Estado Mínimo</i>	392
Fig. 180	<i>A Elite do Atraso</i>	398
Fig. 181	O gráfico do Orçamento Federal Executado (pago) em 2021 evidencia o privilégio do Sistema da Dívida	401
Fig. 182	<i>sMallmoro</i>	405
Fig. 183	Hans Haacke	406

Sumário

Introdução	17
1. CAPÍTULO I	30
1.1. Antes – ainda melancolia	34
2. CAPÍTULO II	86
2.1 Transições – do geral para algumas particularizações	106
2.2 Pós-golpe de 2016 – mais informações, mais especificidades	179
3. CAPÍTULO III	280
3.1 Colonialismos	282
3.2 <i>Necrocolônia 2016-2019</i> – começando a descortinar sistemas e estruturas de poder	310
Considerações Finais	416
Referências	421
Apêndice 1	457
Anexo 1	460
Anexo 2	462
Anexo 3	467
Anexo 4	470
Anexo 5	472

“A pesquisa é a entrega ao não saber”

Luiza Christov

“O humano só muito lentamente descobre como o mundo é infinitamente complicado. Primeiramente ele o imagina totalmente simples, tão superficial como ele próprio.”

Nietzsche

“Muitas vezes o não saber (...) está na gênese do trabalho e ele é o próprio motor desse trabalho (...)”

Tunga

“É justamente nessa hora que os artistas vão trabalhar. Não há tempo para desespero, não há lugar para auto piedade, não há necessidade de silêncio, não há espaço para medo. Falamos, escrevemos, fazemos linguagem. É assim que as civilizações se curam.”

Toni Morrison¹

“Os pensadores ‘latino-americanos’ deveriam lembrar que são prisioneiros e que, como todos eles, têm a obrigação de tentar fugir, em vez de se acomodar a uma situação confortável como prisioneiros.”²

Julio Cabrera

“O colonialismo foi e continua a ser o processo mais violento da história da humanidade.”

Tiago Muniz Cavalcanti

“Os golpes sempre foram por mais dinheiro para poucos, e nunca para combater a corrupção”.³

Jessé Souza

¹ Não há lugar para a autopiedade, não há espaço para o medo. Em tempos de pavor, os artistas nunca devem escolher permanecer em silêncio. Por Toni Morrison, 23 DE MARÇO DE 2015, *The Nation*.

<https://www.thenation.com/article/archive/no-place-self-pity-no-room-fear/> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

² CABRERA, Julio. Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. P. 21.

³ SOUZA, Jessé. *A Radiografia do Golpe: Entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: Leya, 2016. P. 19

Introdução

Este é um trabalho de dúvidas, um escrito na direção de um ensaio⁴, resultante de buscas e desvendamentos parciais.

No primeiro semestre dos meus estudos de doutorado⁵, a Profa. Dra. Luiza Christov nos disse que “a pesquisa é a entrega ao não saber”. O não saber - que tomo como deflagrador da pesquisa - no meu caso se refere em especial ao não possuir um entendimento com propriedade sobre a dimensão política da sociedade. Nesse sentido, essa tese apresenta uma amostragem do meu percurso recente e da minha necessidade de buscar ouvir (especialistas) e olhar com atenção para a política, em especial os eventos acontecidos nos últimos dez anos e que impactaram a história do Brasil de modo extremo – com o assalto fascista e ultra liberal ao Estado (assalto ao povo, território, governo e leis). Definido esse horizonte de interesse, em seguida vem a questão de como eu poderia tratar desse universo em meus trabalhos de arte. E de que maneira construir este escrito como uma forma de tentar comunicar, ou ao menos de buscar disponibilizar uma trilha, *uma via de acesso à consciência e a experiência de outrem e a barreira que faz obstáculo à isso*⁶, a linguagem, *que simultaneamente nos acolhe e nos afasta*. Abraçando o entendimento de que a “passagem à arte”, “a possibilidade de dizer”, a “palavra pronunciada”, ou a imagem/representação/objeto compartilhada “abre a possibilidade de uma relação”⁷. Relação essa com o público, com a possibilidade de comunicação que a arte me permite propor e experimentar.

Valendo-me deste escrito acadêmico, procurarei então apresentar como se deram as primeiras aproximações entre questões da política e a minha produção em arte e como essa relação foi se intensificando e se explicitando cada vez mais nos meus trabalhos de arte – inicialmente de modo rudimentar, por vezes indireto e muito impreciso e posteriormente de forma mais inequívoca, acredito eu, como no caso da exposição *Necrocolônia 2016-2019*⁸, objeto de estudo culminante dessa pesquisa.

⁴ *Doze Ensaios Sobre o Ensaio: Antologia Serrote*. Paulo Roberto Pires (org.). São Paulo: IMS, 2018.

A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Jorge Larrosa. Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) v. 29, n. 1 (2004).

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417> Acesso em 01 de março de 2022

⁵ No Instituto de Artes da Unesp, na cidade de São Paulo, em 2018, dentro do Seminário de Pesquisa II.

⁶ Fernando Vidal, no posfácio “A experiência melancólica aos olhos da crítica” in STAROBINSKI, Jean. *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (p. 499)

⁷ Idem. (p. 503)

⁸ A exposição individual *Necrocolônia 2016-2019*, foi aberta ao público em 07 de novembro de 2019, ocupou os dois andares da Verve Galeria em São Paulo, com vinte e nove (29) trabalhos entre esculturas, desenhos e pinturas. Essa foi a

Zigmunt Bauman, o sociólogo e filósofo polonês, nos propõe que “a incerteza é o hábitat natural da vida humana”⁹, o cito aqui, pois comecei esse processo de doutorado sem saber de fato sobre política (ainda sei muito pouco), mas ao mesmo tempo, comecei com a percepção importante de que sabia que não sabia¹⁰. Não sabia exatamente o que é a política. O que de fato é a política? O que é a necropolítica¹¹? Porque a propagação do ódio, da ojeriza à política? Porque era corrente o dito do senso comum de que “política não se discute”? O que é a democracia? Democracia ou democracias? Quantos modelos de democracias existem? O que é esquerda? Esquerda ou esquerdas? E a(s) direita(s)? E a “nova” extrema direita no Brasil? Só no Brasil? O que são os golpes de Estados? Por que uma parcela da população apoia esse tipo de ruptura institucional? A população apoia ou é levada a apoiar? Para que servem os golpes de Estado? Quais interesses atendem? Quem são os executores? Quem são os prováveis mentores? Quais são os grupos que ganham com isso? Quais são os grupos que perdem com isso? Quais as questões em jogo nas disputas de poderes (locais e globais)? Como lidar com essas questões complexas dentro do campo artístico? E tantos outros não saberes meus – lembrando que o lugar do não saber muitas vezes é o lugar da impotência, da angústia, da estagnação. Como transformar, através da arte, essa impotência em potência?

Na busca por transformar impedimentos, retrações, devastações, lutos em energias criadoras, procurei com essa tese apresentar uma parte das minhas tentativas de pesquisar sobre essas questões relacionadas à política; e uma das fontes para alimentar essa transformação, além da prática artística, foi a busca por informações em autores em grande parte relacionados às ciências sociais.

E porque esse desejo de querer saber sobre política? Primeiramente, penso que não se trata de um desejo – no sentido de um querer - mas de uma necessidade vital, de uma urgência do tempo presente. A palavra vital ali não é um exagero ou figura de linguagem, realmente nos períodos Temer (31 de agosto de 2016 a 31 de dezembro de 2018) e na continuidade com J. M. B. (1º de janeiro de 2019-31 de dezembro de 2022) um número inaceitável de pessoas foram levadas à óbito, seja por

primeira exposição individual que realizei na galeria e foi pensada e planejada por mais de um ano levando em conta o contexto da pesquisa de doutorado. A mostra teve texto da crítica e curadora Thais Rivitti, que também atua como diretora do espaço de arte independente Ateliê 397 na cidade de São Paulo. Disponível em:

<https://www.vervegaleria.com/necrocolonia> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

⁹ BAUMAN, Zigmunt. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (p. 31)

¹⁰ “Com o saber, é certo, reduz-se a ignorância; mas cresce a consciência da ignorância”. (GIANNETTI, 2005, p. 59). “Com o avanço do conhecimento, alarga-se o desconhecido. ‘Com o saber cresce a dúvida’”. (GIANNETTI, 2005, p. 67) “Penso, logo hesito”. “O criador, porém, persiste”. (GIANNETTI, 2005, p. 56). Particularmente entendo essa persistência como elemento estrutural da prática artística.

¹¹ MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

negligência, incitação à violência por parte destes ocupantes desses governos e seus cúmplices; seja por ações deliberadamente criminosas contra os mais pobres, contra os trabalhadores, contra os povos originários, contra os negros, contra as mulheres, contra os profissionais da educação, contra a comunidade LGBTQIA+, contra os animais não humanos – sendo as maiores vítimas os animais explorados pela indústria da carne representada pela bancada ruralista¹² que juntamente com as bancas da bala (policiais e militares) e da bíblia - Frente Parlamentar Evangélica (FPE) representam o que há de mais retrógrado no país; além das mais de seiscentas mil (650.000) mortes por covid-19 no Brasil devido ao negacionismo/“negocionismo”¹³ criminoso do *necrogoverno* de J.M.B.¹⁴

Este estudo busca saberes, busca saídas da inércia do não saber sobre política e sobre suas implicações na realidade social e na arte. O saber e o compartilhar esse saber pode ser entendido como uma ferramenta de resistência, de transformação, de esperança e potência. Conhecimento como um método de organização sensível da percepção da realidade e das possibilidades de ações – no meu caso – de processos de trabalhos artísticos com conteúdos relacionados à política.

¹² “A bancada ruralista, ou Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), é uma das maiores e mais atuantes bancadas da Câmara dos Deputados, formada por mais de 200 deputados federais (do total de 513) de diversos partidos. Eles representam os interesses dos grandes produtores rurais e latifundiários.” Para maiores informações ver *Observatório lança série de 30 vídeos sobre bancada ruralista*: De Olho nos Ruralistas inicia cobertura especial das eleições de 2022, com foco na Frente Parlamentar da Agropecuária e seus financiadores; *live* nesta terça terá MST, Greenpeace, MPA e pesquisadora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. CASTILHO, Alceu Luís. Observatório lança série de 30 vídeos sobre bancada ruralista. *De Olho nos Ruralistas*. 09 de agosto de 2021. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2021/08/09/observatorio-lanca-serie-de-30-videos-sobre-bancada-ruralista/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

¹³ Caso das negociações de compra da vacina indiana Covaxin pelo governo federal que veio à público através dos trabalhos da CPI da Covid. Redação CUT. CPI ouve servidor que denunciou superfaturamento na compra de vacina. *CUT Brasil*, 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/cpi-da-covid-ouve-servidor-que-denunciou-superfaturamento-na-compra-de-vacina-a6d7> Acesso em 31 de janeiro de 2022.

¹⁴ “Em seus depoimentos à CPI da Pandemia, nesta quinta-feira (24), Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil e representante do Movimento Alerta, e o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas (RS), apresentaram números sobre a pandemia de covid-19 no Brasil a partir de suas pesquisas que dão um retrato da resposta do país desde março de 2020, quando foi registrada a primeira morte pelo coronavírus. Segundo o ESTUDO EPICOVID dirigido por Pedro Hallal “4 de cada 5 mortes teriam sido evitadas se o Brasil estivesse na média mundial de óbitos pela covid-19, ou seja, **400 mil mortes não teriam ocorrido**. No país, 2.345 pessoas morreram pelo coronavírus para cada um milhão de habitantes; média mundial é de 494 pessoas. Em todas as fases do Epicovid, estudo realizado em 133 cidades, os mais pobres tiveram o dobro de risco de infecção na comparação com pessoas mais ricas. Jurema Werneck representante do GRUPO ALERTA informou que Menos de 14% da população brasileira fez testes de diagnóstico para a covid-19 até novembro de 2020. Pessoas com renda maior do que quatro salários mínimos consumiram quatro vezes mais testes do que pessoas que receberam menos de meio salário mínimo. Desigualdades estruturais tiveram influência sobre as altas taxas de mortalidade, atingindo principalmente negros e indígenas, pessoas com baixa renda e baixa escolaridade. Redação.

Pesquisas apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil. *Agência Senado*, Brasília, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil> Acesso em 20 de janeiro de 2022. Destaque deste autor.

Durante a pesquisa fui percebendo que é impossível saber tudo sobre o campo da política, mas é preciso saber ao menos os rudimentos desse universo tão complexo para que eu possa repensar as minhas práticas artísticas, repensar o meu lugar no mundo e as minhas possibilidades no campo artístico brasileiro onde atuo como artista e professor (ou seja, onde sou um entre muitos agentes que contribui para o meio da cultura com a formação de novas gerações de artistas, demais profissionais afins e participantes da área cultural). “Retomemos a proposta benjaminiana de que a experiência confere valor ao vivido. Do lado de quem transmite, a experiência se completa quando o vivido ultrapassa o âmbito solitário da vida interior e passa do privado ao público. O valor acrescido ao vivido, no ato dessa passagem, é evidente por si só.” (KEHL, 2015, p.224)

Nesse sentido compreendo que o saber e o compartilhar esse saber tem a função de nos reequilibrar frente ao nosso desamparo no mundo, o saber nos lança no jogo artístico do que é visível e não visível. O não visível, não comensurável, o não teórico, as vagas imagens mentais que surgem da experiência do convívio social (essas imagens não surgem do nada, são impulsionadas pelo meio social), podem ser o ponto de partida, o problema que deflagra o trabalho, como nas palavras do artista brasileiro Tunga: “Muitas vezes o não saber (...) está na gênese do trabalho e ele é o próprio motor desse trabalho (...)”.¹⁵

Um primeiro passo no sentido de se conhecer - além de se ter a consciência de saber que nada sabe - é produzir imagens frente ao que não se sabe - e foi isso que acredito que eu procurei fazer - de forma mais consciente nesse aspecto - na exposição *Necropolônia 2016-2019*: produzir imagens frente ao que não eu não sabia, frente ao que eu não podia. Agi, penso eu, como (um tipo de) artista (entre tantos outros possíveis) que procura apresentar fatos, apresentar fragmentos da realidade vivida e documentada pela população brasileira. Procurei, acredito, apresentar interpretações dentro de exercícios de concisão. Mas depois dessas construções de trabalhos, mostras e experiências, parti para as leituras teóricas com mais densidade (que atendem em especial o momento de construção da escrita) para conhecer mais sobre os temas que não conhecia e também para aferir as escolhas e passos dados eventualmente no escuro em alguns casos, como tratarei pontualmente na apresentação dos trabalhos nos capítulos a seguir.

¹⁵ Tunga. *Encontro com Tunga*. Sítio Arte, vídeo (47:47). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5J5hLFokkE>
Acesso em 31 de janeiro de 2022.

Produzir imagens é um recurso valioso na arte. As imagens mentais que me atravessam, que me constituem ou que deliberadamente busco gerar, ganham corpo e possibilidade de compartilhamento e comunicação através de palavras escritas ou entalhadas, desenhos, pinturas, esculturas e exposições. O desassossego, o não saber, o desequilíbrio¹⁶ muitas vezes, no meu caso, é o ponto de partida, e a agitação, intranquilidade, ansiedade, mal-estar são constituintes de todo o processo de produção, se mantendo muitas vezes até o ponto de finalização, ou abandono dos trabalhos. Mas logo em seguida reaparecem modificadas, borradas, desdobradas, nubladas, repetidas, oblíquas, sem nitidez, manchadas, sublimadas no encadeamento de novos exercícios de imaginação. Pois “(...) através da imaginação seremos capazes de vislumbrar outras narrativas para o nosso passado e novos caminhos para o futuro”.¹⁷ Não busco certezas absolutas nos trabalhos de arte – mesmo em peças que podem aparentemente pertencerem à lógica do óbvio, do literal -, procuro tirar partido das incertezas que me constituem. Incertezas que me colocam no *movimento do pensar*.¹⁸

A exposição *Necrocolônia 2016-2019* foi uma experiência pessoal fortíssima (passei por um turbilhão de forças e de situações físicas e mentais limítrofes – fui literalmente até a falha do corpo e da mente) onde tive que fazer escolhas visuais e éticas a partir de fragmentos de informações da realidade que me afetaram enormemente. A mostra é fruto, se não, de um período de mudanças de paradigmas, ao menos de afirmações de posicionamentos que antes se encontravam em suspensão. Essas mudanças (que procurarei apresentar através de meus trabalhos) não são mudanças apenas

¹⁶ Vidal ao nos apresentar Jean Starobinski (1920- 2019, Suíça) historiador das ideias, ensaísta, linguista, filósofo, crítico literário e de artes plásticas) escreve – “Em Jean Starobinski, uma inquietação primeira alimenta a elaboração de uma visão de conjunto sobre uma época. Essa visão, ele diz, ‘liberta da inquietação’. (...) a ação e a reação tornam-se a partir daí estruturas de base da hermenêutica starobinskiana. Disso resulta que cada obra é tratada como sendo “de passagem”. Fernando Vidal, no posfácio “A experiência melancólica aos olhos da crítica” in STAROBINSKI, Jean. *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (p. 499)

“A interpretação médica da melancolia, desde Galeno, ensinou aos antigos que não são os desuses que se expressam pela voz dos inspirados, e sim o desequilíbrio nas misturas que compõem o corpo que os leva a criar.” KEHL, Maria Rita. *O tempo e o Cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2015. (p. 64)

¹⁷ “A incerteza na arte aponta para a criação, levando em conta a ambiguidade e a contradição. A arte se alimenta do acaso, da improvisação e da especulação. Ela dá espaço ao erro, à dúvida e cria brechas mesmo para as apreensões mais profundas, sem evitá-las ou manipulá-las. A arte se funda na imaginação, e apenas através da imaginação seremos capazes de vislumbrar outras narrativas para o nosso passado e novos caminhos para o futuro.” VOLZ, Jochen; NGCOBO, Gabi; REBOUÇAS, Júlia; LARSEN, Lars Bang; OLASCOAGA, Sofia. Texto da curadoria da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 10 de setembro à 10 de dezembro de 2016. Catálogo a exposição disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/exhibition/h/> Acesso em 14 de janeiro de 2021.

¹⁸ Essas são algumas das questões relativas à imaginação (produção de imagens) eu tive o privilégio de tomar contato, em meados dos anos 2000, através das aulas e conversas com o professor, escritor e psicanalista Edson Luiz André de Sousa - professor titular do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia. Professor do PPG de Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia UFRGS.

minhas, mas acredito que de 2012 até 2022, a sociedade brasileira viveu essas mudanças perceptivas no seu dia a dia. Um despertar incômodo e inadiável.

No entanto o presente escrito não ficara circunscrito apenas a essa exposição, apesar de apontar para ela; também trabalhos prévios serão brevemente referidos no primeiro capítulo a fim de buscar estabelecer um encadeamento de percepções, inquietações, escolhas e informações no sentido de apresentar a minha *poética*¹⁹, ou seja, de apresentar os meus métodos/percursos de trabalho.

A parte relativa aos trabalhos em transição será tratada no segundo capítulo. Denomino trabalhos de transição aqueles que foram acontecendo em encadeamentos mais espaçados, aparentemente erráticos, mas que agora, observando-os em sua sequência temporal percebo uma tendência, que talvez de uma forma velada, já estava em curso.

As transições, que trago no título da pesquisa, seriam as passagens, as mudanças graduais de percepção e de temas de interesse entre trabalhos anteriores que abordavam assuntos existenciais mais amplos, entre outros: a melancolia, a ideia de finitude, a ideia de hábito, de controle e contenção (como exemplo o objeto genuflexório que remete ao controle, submissão e auto punição propagado por séculos pela igreja romana); e a transição para argumentos mais específicos, mais particulares do campo da política e da sociedade brasileira em especial.

Depois da exposição *Necropolônia 2016-2019*, que aconteceu no final de 2019. mais nenhum trabalho foi feito, a não ser pequenos esboços em cadernos de notas; pensar e realizar essa exposição foi a primeira parte prioritária da presente pesquisa. Assim ficando o tempo restante destinado à pesquisa voltada para a continuidade do levantamento bibliográfico, sequência das leituras teóricas e escrita. Um fato a destacar é que as leituras foram contempladas com uma considerável nova safra de livros de autores brasileiros escritos no calor do momento, muitos deles publicados depois do golpe de Estado de 2016. Como uma das justificativas desta pesquisa nasce da urgência em tratar de assuntos da atualidade política do país, a fim de buscar entendimentos das estruturas de poder e controle por trás dos fatos que nos afetam cotidianamente, essas novas publicações desempenham um papel fundamental, pois me permitiram buscar mais clareza a respeito dos temas de estudo. Essa bibliografia será apresentada em sua maioria nos capítulos II e III.

¹⁹ Quando trago a palavra poéticas no sentido de processos de trabalho, segundo as considerações do filósofo, escritor e poeta francês Paul Valéry (1871-1945).

Entre, aproximadamente, 2013 e 2016, eu e, acredito uma boa parte da população não possuíamos as informações e análises políticas de que dispomos agora – que chegava principalmente via mídia digital independente no meu caso. Penso que se incrementou um estado proposital de caos e desinformação a partir de 2013; sendo essa desorientação da sociedade resultante de estratégias bastante sólidas de manipulação²⁰ e com objetivos muito precisos, entre eles, talvez o principal – tirar o governo de centro esquerda progressista comandado pela presidenta Dilma Rousseff com a finalidade de transferir patrimônio público para empresas privadas estrangeiras – tática colonialista recorrente contra os países da América Latina - sendo a Petrobrás e o pré-sal um dos alvos centrais no período Temer e posteriormente a Eletrobrás no período J.M.B. – e com isso, também retirar o controle estratégico do setor energético dos brasileiros.

Durante a pesquisa foi ficando cada vez mais claro (em função das leituras e escutas de veículos de mídias progressistas) que as instabilidades políticas à partir de 2013 não eram fruto do acaso, de uma má sorte, de uma administração desastrosa, mas de rigoroso planejamento de sabotagem, de métodos impostos também em outras partes do globo e em distintas épocas – isso uma parcela da população já sabe agora – infelizmente uma parcela ainda pequena acredito. Mas no período próximo ao golpe eu não dispunha dessas pesquisas e estava submerso em uma borrasca de dúvidas a respeito dos rumos da política e da sociedade.

E assim como eu busquei saber mais sobre essa realidade brasileira, alguns pesquisadores mais preparador do que eu, entre eles - cientistas políticos, juristas, jornalistas, sociólogos e economistas brasileiros se lançaram na pesquisa e na escrita, com a produção de artigos, livros e falas sobre os fenômenos sociais e políticos recentes do país. Esse material de estudo foi fundamental para o embasamento científico da presente pesquisa. Entre outros, citaria inicialmente alguns autores e publicações nacionais para indicar algumas ilhas de contato com a minha pesquisa: o economista e professor Ladislav Dowbor com *A Era do Capital Improdutivo: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?* (2017); o cientista social e professor Luis Felipe Miguel com *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição ao golpe de 2016* (2019); o advogado, doutor em Ciência Política e mestre em Criminologia e Direito Penal Fernando Augusto Fernandes - *Geopolítica da Intervenção: A verdadeira história da lava jato* (2020); o procurador do Ministério público e Doutor em

²⁰ EMPOLI, Giuliano da. *Os Engenheiros do Caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019.

Direito do Trabalho e Teoria Social Crítica Tiago Muniz Cavalcanti – *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão* (2021); com formação em direito e sociologia, o professor Jessé Souza com livros como *A Radiografia do Golpe: Entenda como o por que você foi enganado* (2016) e *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro* (2020); os advogados Cristiano Zanin, Valeska Teixeira e Rafael Valim com *Lawfare: Uma introdução* (2019); Rafael Valim – *Estado de Exceção: A forma jurídica do neoliberalismo* (2017); o juiz de direito e professor Rubens RR Casara com os livros *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis* (2017), *Sociedade Sem Lei: Pós-Democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie* (2018) e *Contra a Miséria Neoliberal: Racionalidade, normatividade e imaginário* (2021).

Além dos autores estrangeiros, entre eles: o filósofo e historiador marxista italiano Domênico Losurdo, *Colonialismo e Luta Anti-Colonial: Desafios da Revolução no século XXI* (2020) e *A Linguagem do Império: Léxico da ideologia estadunidense* (2010); o jornalista e analista político estadunidense Andrew Korybko, *Guerras Híbridas: Das revoluções coloridas aos golpes* (2018); o historiador inglês Perry Anderson, *A Política Externa Norte-Americana e seus Teóricos* (2015).

A eleição desse referencial teórico, penso que se apresenta como uma escolha que parte da minha necessidade urgente como cidadão, professor e artista visual em tentar saber o que estava (e ainda está) acontecendo de fato e quem eram e ainda são os operadores desses retrocessos drásticos na sociedade brasileira e quais as suas motivações e orientações. Isso levando em conta que a grande mídia corporativa brasileira apresenta um histórico consistente de manipulações²¹, onde os meios de comunicação (muitos deles concessões públicas – rádios e TVs) não fornecem informações seguras ou minimamente imparciais - muito pelo contrário – pois os grupos de mídia hegemônica, eles próprios são

²¹ “O público - a sociedade - é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela Imprensa. (...) Uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela maioria da grande Imprensa, é a manipulação da informação. O principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade. A maior parte do material que a Imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a Imprensa se referisse à realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real. É uma realidade artificial, não-real, irreal, criada e desenvolvida pela Imprensa e apresentada no lugar da realidade real. A relação que existe entre a Imprensa e a realidade é parecida com a que existe entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é a sua imagem: é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real.”

ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. Fundação Perseu Abramo, publicado em 03 de março de 2006. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa/> Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

um dos agentes obliteradores²² de informações justas – eles próprios altamente comprometidos com todo um ideário retrógrado e promotor de um imaginário neo e ultraliberal, em maior ou menor grau. No decorrer do texto, sobre a mídia, apresentarei alguns exemplos a partir da extensa pesquisa do sociólogo brasileiro Jessé Souza e também de um livro específico de Noam Chomsky²³ e da análise do sociólogo, professor e jornalista Perseu Abramo (1929-1996, São Paulo).

Mas esse volume de livros e artigos de pouco me ajudaria, não fosse a oportunidade fundamental oferecida pela universidade pública, UNESP, de conduzir esta pesquisa, que considero um impulso vital para instaurar as propostas de trabalhos aqui apresentadas. Com isso em mente apresento outro princípio que tentarei contemplar nesse escrito: procurar “(...) *encarar o real tal como é, sem nos iludir sobre ele ou sobre nós* (...)”²⁴. E a partir desta busca por entendimentos, procurar evidenciar visualmente estas questões políticas nas configurações finais dos trabalhos e não apenas tê-las somente como deflagrações primeiras dos trabalhos. O privilégio do doutorado me colocou no caminho da procura por esclarecimento pessoal que me permite uma maior clareza na apresentação dos temas através dos trabalhos.

No doutorado, juntamente com a construção de novas propostas de trabalhos (desenhos, esculturas e pinturas) com um viés político intencionalmente mais direto, busquei pesquisar e imprimir de modo mais afirmativo uma análise teórica na qual eu procurei formar um vocabulário específico que me faltava para adentrar pelo menos com alguns rudimentos no campo político. Para, de posse dessas noções teóricas buscar contextualizar e ampliar meu entendimento de uma relação entre arte e política. De modo amplo, algumas dessas noções e termos estão relacionadas à: disputas por poder,

²² “É possível distinguir e observar, portanto, pelo menos 4 padrões de manipulação gerais para toda a Imprensa e mais um específico para o Telejornalismo (...)”. O primeiro padrão elencado por Abramo é o da ocultação – “1. Padrão de Ocultação - É o padrão que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da Imprensa. Não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem mesmo de mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade. Esse é um padrão que opera nos antecedentes, nas preliminares da busca da informação. Isto é, no ‘momento’ das decisões de planejamento da edição, da programação ou da matéria particular daquilo que na Imprensa geralmente se chama de pauta. (...) Por isso é que o Padrão de Ocultação é decisivo e definitivo na manipulação da realidade: tomada a decisão de que um fato “não é jornalístico”, não há a menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência, através da Imprensa. O fato real foi eliminado da realidade, ele não existe. O fato real ausente deixa de ser real para se transformar em imaginário. E o fato presente na produção jornalística, real ou ficcional, passa a tomar o lugar do fato real, e a compor, assim, uma realidade diferente da real, artificial, criada pela imprensa.” ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. Fundação Perseu Abramo, publicado em 03/03/2006. Disponível em: < <https://fpabramo.org.br/csbh/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa/> >. Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

²³ CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

²⁴ CHARLES, Sébastien. *Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset: É possível viver o que eles dizem?* São Paulo: Editora Barcarolla, 2006. (p. 12)

neoliberalismo, golpes de estado organizados por potências imperialistas movidas por interesses do capital econômico improdutivo²⁵, caos²⁶, destruição do estado de direito, destruição do estado de bem-estar social, violência, etc.

Nos trabalhos da exposição *Necrocolônia 2016-2019*, de maneira mais deliberada, pretendi buscar imprimir os modos mais manifestos (seja na escolha das imagens, dos personagens da política, nos objetos e nos títulos dos trabalhos) para evidenciar as escolhas dos conteúdos pretendidos, e suas conexões com soluções e meios formais, através de instrumentos de apresentação (livros, tonfa²⁷ policial/militar), representação (desenhos, pinturas e esculturas) e compartilhamento de narrativas: apontamentos, comentários, menções, citações, uso de imagens e uso de palavras. Produzi esses desenhos, pinturas e esculturas com o objetivo de potencializar sua vinculação com uma experiência de realidade mais imediata e com questões mais urgentes que assaltam o cotidiano e ‘despotencializavam’ a população através do ódio e do medo.

No momento de produção inicial dos trabalhos para a exposição *Necrocolônia 2016-2019* eu estava impregnado pela noção de “*sociedade do desempenho*”²⁸ proposta pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han, onde ele nos sinaliza que no modelo atual de sociedade ocidentalizada neoliberal os sujeitos são levados a crer e investir suas energias vitais em um modo (aparentemente positivo para o sujeito, baseado na meritocracia) de constante competição por uma posição financeira e social idealizada através da exploração de si mesmo. Byung-Chul Han foi um dos autores importantes neste momento inicial de busca por referenciais para tentar entender um pouco mais deste complexo contexto político atual, ou seja, já era uma leitura de que eu dispunha de antemão. No decorrer das leituras e da escrita me pareceu necessário passar do “sujeito do desempenho” de Han, para um conceito estrutural, o neoliberalismo; pois é a partir da disseminação na sociedade desse princípio econômico que as pessoas acabam por buscar se ajustarem. De tanto ouvirem nas televisões que elas precisam ser empreendedoras, terem seus próprios negócios, isso acaba por formar um consenso tácito para boa parte da sociedade brasileira, onde se auto identificar como empresário ou o termo

²⁵ DOWBOR, Ladislau. *A Era do Capital Improdutivo: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

²⁶ EMPOLI, Giuliano Da. *Os Engenheiros do Caos: Como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar o ódio, medo e influenciar eleições.* São Paulo: Vestígio, 2019.

²⁷ Tonfa é um cassetete, uma arma usada por policiais; um bastão de madeira ou de borracha com uma alça numa das extremidades.

²⁸ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder.* Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

mais recente do ideário neoliberal, “empreendedor” é um símbolo de distinção social. Enquanto as pessoas do povo estão entregues à própria sorte sem as garantias de uma legislação trabalhista justa o grande capital faz de tudo para se apoderar ainda mais das riquezas e benesses do Estado. Com isso, tendo a acreditar que faço uma transição de um olhar focado nas pessoas para uma tentativa de tentar entender a estrutura que conforma as pessoas – que coloca frases prontas repetidas *ad nauseam* nas empresas “familiares” de grande mídia brasileira, são construídos código de ser, “necessidades” e padrões de consumo.

Então, depois dos livros de Han, foram acrescentados outros autores no decorrer da pesquisa, à medida que novos conteúdos eram descortinados pelas leituras. Em outras palavras, inicialmente eu enfocava o particular, o sujeito, os casos, mas fui passando para as teorias mais amplas, mais históricas e estruturais a medida que fui buscando informações nesse sentido. Por exemplo, a partir da experiência de preparar a exposição *Necrocolônia 2016-2019* eu começava a pensar menos em como as pessoas individualmente tinham decidido votar em J. M. B., nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, e mais em quem foram os poderes internos e externos que incutiram esse caminho de voto na cabeça das pessoas, fazendo com que uma parte considerável da população brasileira votasse na extrema direita (sem ter a menor noção do que isso significava) e outra parte significativa se abstivesse de votar em um professor e ex-ministro da educação com extraordinária contribuição para o país, o que acabou por também favorecer o extremista J. M. B. e o seu séquito de cúmplices, bajuladores, patrocinadores e tutores.

As especulações que procurarei apresentar no texto serão direcionadas no sentido de considerar os trabalhos artísticos talvez como sintomas, ações, resistências e/ou comentários a partir da experiência da onda de ofensivas de organizações de extrema-direita encabeçada publicamente por figuras como Steve Bannon²⁹ e Donald Trump. E depois ainda entender que essas figuras eram apenas uma fração mais estridente e grotesca de uma continuidade do imperialismo estadunidense e europeu ocidental (o Britânico em especial).

Então, para retomar e fechar essa introdução, reforço que tendo a entender este escrito no sentido de um ensaio de um artista visual e professor, onde pretendi expor meus questionamentos, tentativas de entendimento de noções e definições conceituais de políticas e como estas afetaram os meus arranjos estéticos. E com isso, pelos eventos políticos traumáticos recentes, me vi em um ponto

²⁹ Steve Bannon (1953, EUA) estrategista-chefe da Casa Branca e conselheiro sênior do Presidente Donald Trump em 2017.

de viragem em relação à questões mais abertas, mais generalistas, mais evocativas e sugestivas que acredito permeavam a minha produção artística até em torno de 2012, ligadas entre outros aspectos à noções de melancolia, luto, finitude, solidão, espaços de circunscrição, espaços de controle, impedimentos, entraves, relacionamentos e contatos. Sendo esses assuntos tratados através de soluções construtivas com uma sobriedade e economia de meios que penso estarem relacionadas às práticas ligadas à parâmetros estéticos e noções pós-minimalistas de matriz europeia das últimas duas décadas³⁰. Sendo as estruturas construídas, geralmente, evocativas de usos para um ou mais corpos humanos e partindo de contextos pessoais/particulares ou coletivos/universais. Essa parte será tratada no primeiro capítulo a seguir: Antes – ainda melancolia.

Nos capítulos I, II e III procurarei apontar para as inquietações e dúvidas recorrentes que entremearam o processo de deslocamentos de posições, transições, entraves, encruzilhadas morais, contradições processuais, avanços e recuos como medidas possíveis frente a situações e eventos que

³⁰ Para uma breve distinção: o minimalismo estadunidense do início dos anos 60 (entre Nova Iorque e Los Angeles e expostos publicamente a partir de 1963 em Nova Iorque) se vinculava com materiais impessoais (compensados, chapas de alumínio, placas de aço laminado, espelhos, *plexiglas* (placas de acrílico), pinturas com esmaltes sintéticos, cores primárias, superfícies lisas, formas geométricas simples – cubos, caixas e quadrados, com a característica de serialidade industrial onde uma coisa era disposta depois da outra, muitas vezes a partir de uma grade (*grid*) simétrica, não narrativa, não representativa, não ilusionista, fria - *Cool Art* – ver MARZONA, Daniel. *Minimal Art*. Köln: Taschen, 2005. (pág. 6). Boa parte do minimalismo estadunidense - fortemente influenciado pela *Fenomenologia da Percepção* (livro de 1945) do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty - propunha uma “relação inextricável, indivisível entre o trabalho e o lugar, e exigia a presença física do espectador para completar o trabalho” (ver - KWON, Miwon. *One place after another: site specific art and locational identity*. Cambridge/London: MIT Press, 2002, p. 11). Como contraponto ou consequência mais imediata ao minimalismo, logo em seguida, nos próprios EUA ocorreu a dissidência de Robert Morris (“Morris é normalmente associado pela crítica a artistas reconhecidos como minimalistas, tais como Carl Andre, Sol LeWitt, Donald Judd e Dan Flavin, no entanto a sua relação com o minimalismo foi suficientemente *sui generis* para se poder realmente afirmar que Morris foi um minimalista. Seria no entanto de maior rigor e importância afirmar que Morris situou-se no minimalismo já com o intuito de contestar as suas teses, ou se quisermos, entrou no minimalismo já com o ‘bilhete de saída’.” FLORES, Victor Manuel Esteves. *Minimalismo e Pós-Minimalismo: Forma, Anti-forma e corpo na obra de Robert Morris*. Covilhã, Livros LabCom, 2007. Página 2-3), ou transformação ou ainda extensão, nos casos de Eva Hesse e Richard Serra, por exemplo, no entanto esses artistas não me foram fonte de influência apesar é claro de sua importância evidente para a arte hegemônica ocidental do século XX. Minhas referências vieram do outro lado do Atlântico, de uma espécie de “pós-pós-minimalismo” ou mesmo um pós-minimalismo tardio, pois as vertentes europeias trabalharam a partir de questões do minimalismo e do pós-minimalismo (exemplos de pós-minimalistas seriam Eva Hesse e Serra) desenvolvidos nos Estados Unidos da América. Desse pós-minimalismo europeu eu cito dois artistas que foram fundamentais para a minha prática e pensamento escultórico e instalativo: Pedro Cabrita Reis de Portugal e Miroslaw Balka da Polónia). Penso que o pós-minimalismo desenvolvido na Europa, o qual eu tive contato em minha formação na graduação, estava em outra chave mais aquecida, afetada por narrativas pessoais não explicitadas visualmente nas obras, com uma relação não baseada especificamente na indústria serial fordista, mas mais voltada para o trabalhador ou o mundo do trabalho (certamente bastante idealizado, nostálgico e romantizado), para a figura do construtor, para a manufatura, para materiais mais pobres (madeira em especial), para artefatos e espaços construídos com as próprias mãos e/ou com as poucas ferramentas manuais dos artífices – e aqui certamente existe, acredito eu uma conexão com a Arte Povera (1967, Itália) também europeia.

impactaram e ainda mantém em crise a nação (acrescida terrivelmente da pandemia do Corona vírus – Covid 19).

CAPÍTULO I

Com *Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016* me lancei em uma busca por orientações e embasamentos que me permitissem alcançar posicionamentos artísticos mais esclarecidos, ou menos ingênuos frente às aproximações entre arte e política.

Com os estudos realizados aqui, baseados em leituras e práticas artísticas que culminaram na exposição individual *Necrocolônia 2016-2019*, me vi ponderando sobre posicionamentos, direcionamentos e tomadas de decisões práticas, processuais e conceituais. Por meio desse estudo pude verificar o quanto essa guinada para a extrema direita no mundo, não é inédita, mas uma repetição de momentos históricos precedentes - *Primeiro como tragédia, depois como farsa* (ZIZEK, 2011). Mas *O que vem depois da farsa?* (FOSTER, 2021). Estas últimas questões, entre outras, eu desconhecia antes do início da pesquisa, e foram fundamentais para ajudar a constituir noções de possíveis entendimentos tanto dos fatos ocorridos no Brasil e no mundo como dos fatos artísticos ocorridos no meu ateliê.

Posso inferir que questões políticas são relativamente novas em minha produção artística, e que podem ser tomadas como uma espécie de nova ramificação de minhas necessidades como artista. Algo que preciso dar atenção, não por uma predileção aleatória, mas por uma urgência, por ter sido afetado, por ter sido atingido enquanto trabalhador e cidadão. Questões políticas não estavam presentes (pelo menos, acredito eu, de modo mais direto) no meu trabalho de arte durante o que considero ser o meu período de formação tanto acadêmica quanto artística mais inicial, próximo de 1995 e da formação intermediária, em torno de 2008. Em meados de 1995 iniciei na graduação e também nas práticas expositivas e em 2008 me mudei para a cidade de São Paulo, logo depois de finalizar o mestrado em poéticas visuais.

Inicialmente os contatos mais próximos com arte ligada a questões políticas se deram, entre outros momentos, nas minhas participações nas montagens e monitorias nas Bienais do Mercosul, onde tive contato direto com artistas e curadores latino-americanos e principalmente com brasileiros. Trabalhei como montador e monitor no educativo da primeira edição de 1997, a I Bienal de Artes Visuais do Mercosul que foi um panorama histórico e fundamental da arte latino americana, com curadoria de Frederico Moraes, a bienal foi dividida em vertentes: “Política – A arte e seu contexto”,

“Construtiva – a arte e suas estruturas”, “Cartográfica - Território e história” e um módulo chamado de “Último Lustro” com os trabalhos de jovens artistas latino-americanos). Nessa primeira edição montei e trabalhei como monitor justamente na vertente “Política – A arte e seu contexto”, que curiosamente foi instalada em um prédio onde funcionava um antigo banco no centro histórico de Porto Alegre, próximo à Prefeitura, ao Mercado Público e ao lago Guaíba. Nesse prédio estavam, por exemplo, Artur Barrio (1945, Porto) com as suas *Trouxas Ensanguentadas* (1970), João Câmara (1944, João Pessoa) com seus generais deformados e Antônio Henrique Amaral (1935-2015, São Paulo) com sua série de pinturas de bananas torturadas, amarradas e perfuradas por garfos e facas. Na segunda edição de 1999, trabalhei novamente como montador e monitor. A II Bienal teve curadoria de Fábio Magalhães e Leonor Amarante como curadora adjunta. Na edição de 2005, 5ª Bienal do Mercosul, trabalhei apenas como montador. Auxiliei na finalização da montagem da sala de José Rufino dentro da 25ª Bienal Internacional de São Paulo em 2002 (depois de ter montado toda a sua sala na segunda Bienal do Mercosul em 1999 e também de ter ajudado a montar sua individual em Curitiba, em 2004, no Museu Oscar Niemeyer). E principalmente nas inúmeras conversas, convívio e trocas³¹ afetivas e artísticas com os amigos artistas Claudia Paim e Marcelo Gobatto durante as atividades do coletivo POIS (Palavras, Objetos e Imagens) em meados da década de 2000.

Depois de 2008, com a vinda para trabalhar em São Paulo, essas questões começaram a ficar mais presentes no dia-a-dia da minha atividade docente, além da integração com o circuito de arte local e principalmente pelas mudanças no cenário político nacional a partir da explosão da bolha imobiliária nos EUA³² e de 2013 com as manifestações de rua que foram capturadas e direcionadas pela direita conservadora (o que inclui, entre outros, os grandes meios de comunicação (jornais, revistas semanais, televisão e rádio) bancos, ruralistas além da participação internacional de agentes

³¹ Trabalhei entre 2002 e 2005 com Marcelo Gobatto – videoartista e artista visual; produtor e diretor de vídeo - na catalogação da obra completa de Iberê Camargo em Porto Alegre, na casa e ateliê do artista, onde funcionava na época a Fundação Iberê Camargo,. Sobre a casa ateliê de Iberê Camargo no Rio Grande do Sul - rua Alcebíades Antônio dos Santos, 110, bairro Nonoai, zona sul de Porto Alegre. *Casa de Iberê Camargo é aberta ao público*. Folha de São Paulo – Ilustrada. São Paulo, segunda, 15 de junho de 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq15069826.htm> acesso em 26 de julho de 2021. Depois do trabalho na FIC era comum passarmos na então casa da artista Claudia Paim onde fazíamos reuniões, conversas, planejamentos, assistíamos e editávamos vídeos e áudios do grupo POIS e também do projeto *Vídeos Bastardos*. A artista, professora e pesquisadora Claudia Paim (1961-2018) é também autora do livro *Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados* (2012), publicado pela editora Panorama Crítico.

³² Entre 2007 e 2008 eclodia a crise financeira do capitalismo, devido entre outros fatores (liberação de crédito sem grandes exigências, queda na produtividade, falta de liquidez, aumento dos juros, má avaliação das agências de classificação de risco) a especulação financeiro-imobiliária promovida nos EUA. Em 15 de setembro de 2008 o banco Lehman Brothers (fundado em 1850) quebrou, gerando uma crise global nos mercados financeiros e nos Estados.

ultraliberais estadunidenses, do setor privado trabalhando em conjunto com agências do setor público, no livro *A Guerra Contra o Brasil: Como os Estados Unidos se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro* (2020) de Jessé Souza esses fatos são contados em detalhes, abaixo segue um pequeno resumo dos fatos:

A (...) “revolução colorida brasileira” de 2013 como antessala dos sucessivos golpes que o país sofreria a seguir, e é fundamental para a compreensão de um novo tipo de ataque americano contra o Brasil. Não nos esqueçamos da sucessão de fatos interessantes anteriores a 2013. Em 2006, o Brasil descobre o pré-sal, uma das maiores reservas de petróleo do planeta, e já começa a explorá-lo efetivamente a partir de 2008. O marco regulatório do pré-sal prevê um forte controle da Petrobras sobre todas as fases da produção. Em 2012, a presidenta Dilma lança a ofensiva, respaldada no poderio dos bancos públicos brasileiros, para baixar os juros abusivos, onze vezes maiores que os juros praticados na França, ameaçando a “mamata” dos representantes do capitalismo financeiro americano no Brasil. Foi também nessa época que começou a ser gestado o banco do BRICS como principal estratégia para romper o controle absoluto da economia mundial pelo capitalismo financeiro americano. Setenta anos depois de Getúlio Vargas, o Brasil tenta mais uma vez conquistar um pouco de autonomia e desenvolvimento, unindo-se a outras potências rivais do império americano. Uma afronta ao *deep state* americano, que funciona como representante da elite americana e considera o Brasil - e a América Latina como um todo - um satélite que deve ser mantido submisso e oprimido. É nesse contexto que, na esteira da Primavera Árabe, ocorrem as chamadas Jornadas de Junho de 2013, no Brasil. Esse é o início da revolução colorida, que dá ensejo ao golpe de 2016 e à operação Lava Jato, levando à derrocada do PT, à prisão ilegal de Lula e à consequente eleição do “lambe-botas” de Trump, Jair Bolsonaro, ao poder.³³

Leituras como a de Jessé Souza, acima, sobre o Brasil - complementarmente com Eduardo Galeano em seu panorama histórico de invasões, escravidão, extorsões, embargos, espionagem, genocídios, roubos e controle sobre golpes e governos fantoches na América Latina - foram fundamentais para que eu pudesse entender como no momento presente os EUA impõe as suas vontades seja com armas (empunhadas por soldados estadunidenses ou mercenários, ou vendidas para grupos que eles apoiaram e armaram, ou ainda pelo controle que exercem sobre a OTAN) nos países do oriente médio e leste europeu, seja através de golpes de Estado em governos progressistas e de esquerda na América Latina contemporânea, como sempre fizeram (GALEANO, 2020).

O incômodo com a realidade e o peso da responsabilidade tornaram-se tão grandes que já não era mais possível apenas produzir trabalhos para espaços públicos, como forma de retribuição permanente pela minha formação em nível superior construída em universidades públicas (IA-UFRGS e IA-UNESP, além de disciplinas cursadas na USP como aluno especial). Já não era mais viável

³³ SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os Estados Unidos se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. São Paulo: Estação Brasil, 2020. (p. 83-84)

“comportar-se apenas como um espectador indiferente, inalcançável.”³⁴ Pois as crises alcançaram e inundaram a realidade brasileira da qual faço parte. Entre 2013 e 2016 - para mim - não estavam tão escancaradas as ações golpistas como ficaram depois de 2020, e ainda assim, as forças opressoras e retrogradadas se mantêm no poder com suas ameaças verbais e escritas e ações genocidas, com o apoio do grande capital. Por isso a necessidade de propor experiências de arte com o estabelecimento de um compromisso com o fazer, com o pensar e compartilhar com a sociedade os esforços empreendidos no sentido de trazer à público essas questões.

³⁴ LE BRETON. *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. (p. 23)

1.1. Antes – ainda melancolia



Fig. 1 *Ausente*, 2000, madeira e aço
Três vistas da instalação *site specific*. Centro de Artes Visuais Tambiá, João Pessoa, Paraíba

Em “Antes – ainda melancolia” apresentarei um breve recorte de minha produção anterior a 2012 – esses “Antes” eu acredito que começa simbolicamente como um marco de transição, com um trabalho que marca uma viragem da representação de figuras humanas para a apresentação de objetos em espaços físicos tridimensionais, o *site specific*, *Ausente* de 2000 (fig. 1) e segue através dos desdobramentos dos trabalhos pensados e produzidos mais para o período final da graduação (final dos anos 90 até 2002) e no mestrado (2005-2007).

Parto deste período e seleção de trabalhos com a intenção de apresentar uma espécie de base de tipologias de objetos (cadeiras, mesas, genuflexórios, camas, a forma do livro aberto e o próprio livro) e interesses (entraves mais generalistas, impedimentos, controle da religião católica, as medidas do corpo humano como medidas para os trabalhos, *luto e melancolia*³⁵), sendo que alguns desses aspectos continuarão presentes nas passagens para as propostas subsequentes, por isso “ainda

³⁵ FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917[1915]). In *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

melancolia”³⁶, por entender que estes objetos estão de certa maneira ligados a estados melancólicos de estudo, trabalho, sono, recolhimento, estados esses ligados a práticas artísticas (claro entre outras que não apenas artísticas, mas são essas as minhas experiências) que colocam o corpo do artista em situações de isolamento, concentração, de conexão com coisas e objetos que estão, ou serão inseridos em uma espacialidade³⁷. *Sobre essa produção e a relação com os objetos inertes Susan Sontag diz da tênue linha que separa a melancolia como uma situação paralisante e como um estado propício à criação, tomando a relação de Walter Benjamin com as coisas e sua propensão à espacialização das experiências*³⁸:

Poderíamos pensar que o que Benjamin descreve não passa de simples patologia: a tendência do temperamento melancólico a projetar para fora o torpor interior, sob a forma de imutabilidade da desdita³⁹, experimentada de forma ‘maciça, quase concreta’. Mas seu argumento é mais ousado: ele percebe que as profundas transações entre o melancólico e o mundo sempre se dão com coisas (e não com pessoas); e que se trata de transações autênticas, reveladoras de um significado. Exatamente porque o caráter melancólico é perseguido pela morte, são os melancólicos que melhor sabem decifrar o mundo. Ou, melhor, é o mundo que se rende à minuciosa investigação do melancólico, como não se rende a ninguém mais. Quanto mais inertes as coisas, mais poderosa e criativa pode ser a mente que as contempla. (SONTAG, 1986, p. 93)

Sontag, na passagem acima nos diz que *o caráter melancólico é perseguido pela morte*. Penso que, considerando mais o polo melancólico *propício à criação* (que será marcante no Renascimento) e menos o polo patológico (como uma derrota absoluta), ao enfrentar a questão da finitude o

³⁶ C. f. Apêndice 1. As palavras “ainda melancolia” está presente no texto que escrevi para o catálogo da exposição individual *Que a Distância nos Guarde*, na Galeria Virgílio em 2012.

³⁷ Ao falar de Walter Benjamin e de sua obra ligados à questão melancólica Susan Sontag diz que “Os temas recorrentes de Benjamin são, tipicamente, meios de espacialização do mundo: por exemplo, as ideias e as experiências vistas como ruínas. Compreender alguma coisa é compreender sua topografia, saber como mapeá-la. E saber como se perder. Para o indivíduo nascido sob o sino de Saturno, o tempo é o meio da repressão, da inadequação, da repetição, mero cumprimento. No tempo, somos apenas o que somos: o que sempre fomos. No espaço, podemos ser outra pessoa.” SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*: Porto Alegre, L&PM, 1986. (p. 91)

“Vale observar que Saturno, planeta à melancolia, também rege as relações dos homens com o tempo; na mitologia grega, Saturno é Cronos, o deus do tempo.” KEHL, Maria Rita. *O Tempo e o Cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009. (p. 63)

³⁸ C. f. a minha dissertação de mestrado *Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos* (2007). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10844>

³⁹ Desdita - má sorte, infortúnio, desgraça. Termos semelhantes sugeridos pelo google através do dicionário *Oxford Languages*: fatalidade, mal, perda, tragédia, revés, queda, pobreza, adversidade, aflição, derrota, falhaço, golpe, agrura, abertura, apuro, atribulação, contratempo, crise, frágua, incômodo, perigo, problema, provação, vicissitude, desgosto, transtorno, cafinfa, caguira, caipora, camarço, enguiço, pé-frio, tumbice, tanglomanglo, peso.

sujeito/artista se vincula com um tipo de lugar de possibilidades. E que possibilidades seriam essas? Talvez a possibilidade de, ao ter consciência plena de sua mortalidade, o sujeito olha o mundo de outra forma que não apenas um lugar de passagem para outra situação melhor no pós-vida, como vendem as religiões. O sujeito ao ter consciência do fim de sua existência valoriza ainda mais a preciosidade única da vida. Maria Rita Kehl, jornalista, psicanalista e escritora diz ainda sobre Benjamin em seu livro *O Cão e o Tempo* (2015) que:

O melancólico benjaminiano vê-se desadaptado, ou excluído, das crenças que sustentam a vida social de seu tempo; mas ao contrário do empenho investigativo e criativo que caracteriza seus percussores renascentistas, sente-se abatido pelo sentimento da inutilidade de suas ações. Daí a relação entre a melancolia e o fatalismo, sentimento de insignificância do sujeito como agente de transformações, tanto na vida privada quanto na política. (KEHL, 2015, p. 100)

Penso que há um embate constante entre esse sentimento de insignificância e derrota e a crença no *empenho investigativo e criativo*. Penso que o envolvimento na geração de pensamento crítico e de produção artística esteja na lógica desse *empenho investigativo e criativo*. Como indicado por Kehl o Renascimento italiano do século XV foi um desses momentos na história da humanidade que promoveu justamente esse *empenho investigativo e criativo*. Durante o Renascimento é atribuído ao estado melancólico um “novo traço fundamental: a autorreflexão. (...) A melancolia não é um simples estado de espírito: ela passa a ser uma disposição mental, um uso da razão (...)”⁴⁰. De lá para cá muitas mudanças de entendimento foram acontecendo em relação à noção de melancolia, termo tão plástico e passível de modelagens conforme as mudanças e necessidades das sociedades e dos especialistas. Fernando Vidal escreve no posfácio do livro de Jean Starobinski *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza* que:

Cada época transforma os traços da melancolia e os inscreve diferentemente numa ordem da natureza que vai dos planetas à subjetividade mais íntima. Mas a todo momento a melancolia, “talvez o que têm de mais específico as culturas do Ocidente”, também estende a estas um espelho onde percebemos rachaduras nos poderes estabelecidos. A melancolia costuma manifestar a sua capacidade reflexiva sob a forma de ironia ou utopia. As doutrinas que fazem da bile negra tanto uma “potência extraviante” como um humor favorável ao gênio põem em destaque a profunda ambiguidade que, na história do pensamento ocidental, caracteriza a separação entre racionalidade e o irracional.⁴¹

⁴⁰ TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. (p. 112)

⁴¹ Fernando Vidal, no posfácio “A experiência melancólica aos olhos da crítica” in STAROBINSKI, Jean. *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (p. 497)

Quando Vidal diz “(...) onde percebemos rachaduras nos poderes estabelecidos”, em outro momento de minha trajetória, digamos uns dezessete anos atrás, talvez eu tivesse o desprendimento para uma atitude irônica, e poderia parafrasear esse trecho levando em conta a trajetória infame de J.M.B. e seus comparsas e o trecho ficaria assim - onde percebemos “rachadinhas”⁴² nos poderes estabelecidos. Em momentos anteriores já tive a fagulha da ironia como forma de lidar com as questões da realidade, mas depois do que aconteceu a partir de 2013, a perspectiva irônica já não me parecia cabível, a não ser como forma emergencial de um breve respiro frente a desorientações, retrocessos, cinismos e caos – trabalho que os chargistas políticos de esquerda fazem, penso eu, com alto custo psíquico, para nos dar esse breves instantes de alívio. Mas penso que a ironia cínica foi defraudada pela direita e extrema direita. E a ironia pode ser um fio de navalha comunicativo perigoso para os desavisados, principalmente em tempos onde é necessária uma luta diária para se defender o óbvio, que é sistematicamente corroído por um extenso trabalho de notícias falsas. Então para mim restou como ação crítica a reapresentação (representação) de aspectos do factual que consegui perceber, do óbvio e também o esforço de manutenção de uma chama utópica a iluminar um possível futuro mais igualitário, mas esclarecido.

Laura Erber no texto de abertura – A energia melancólica como antídoto - do livro *Melancolia de Esquerda: Marxismo, história e memória* (2018) de Enzo Traverso, nos aponta para o polo da potência transformadora desse estado, que ao contrário dos períodos de retraimento, desamparo e estagnação (luto), pode nos colocar no caminho de um estado oposto, de luta. De enfrentamento por um futuro utópico melhor, se não para a geração atual, para as gerações seguintes. E por meio dessa potência transformadora revigorar as energias através da construção de um pensamento no sentido de um futuro melhor para o coletivo (e não no paradigma individualista – fundamental na lógica financeirista ultraliberal - de um depois paradisíaco fantasioso e fraudulento), mas num futuro realmente possível de ser pensado e colocado em prática para os que virão, dentro de um pensamento que considera o coletivo:

⁴² C.f. Rachadinha. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tag/rachadinha/> Acesso em 24 de janeiro de 2022. E também “Ex-assessor de Bolsonaro é o 4º nome a apontar rachadinha em gabinetes do clã”, por Estadão Conteúdo, 22 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-e-o-4o-nome-a-apontar-rachadinha-em-gabinetes-do-cla/> Acesso em 24 de janeiro de 2022.

Nos últimos anos, vimos ressurgir em diferentes contextos de resistência motes que articulam o afeto do luto e a força da luta. Tanto em manifestações de rua quanto nas ocupações de escolas e *campi* universitários não eram incomuns faixas com a expressão “De luto pelo futuro”, “De luto pela educação”, “De luto, na luta”. Em português os termos se prestam a trocadilhos, mas a atração que exercem entre si não é meramente sonora. A combinatória de luto e luta dá acesso a uma das questões fundamentais da cultura da esquerda: a metabolização das derrotas e a possibilidade de uso desse aprendizado como energia política. (TRAVERSO, 2018, p. 11)

Considero que a questão central está nessa possibilidade de transformação (metabolização), e por extensão, dentro do correlato entre arte e melancolia, se nós olhássemos para o contexto do século XVI, na Itália do período Maneirista poderíamos pensar na palavra alquimia, ou seja, a transformação de algo de pouco ou nenhum valor em algo vital. Evoco o século XVI e o Maneirismo por ser uma espécie de momento de relativizações e incertezas propício à melancolia⁴³, em contraponto a uma pura positividade da razão idealizada Renascentista. O Maneirismo sendo um período pós Renascimento (sendo este renascer do clássico grego considerado pelos autores europeus como racional, projetivo, positivo, científico, sistematizador, exemplar, ideal, claro, objetivo, etc.). O Renascimento coincidiu com o período das chamadas grandes navegações e invasões globais promovidas pelos europeus, onde esses privilegiavam o triunfo da razão ocidental e do humanismo europeu sobre o restante do mundo natural, “selvagem”, “pagão” e “bárbaro”; como se o animal humano europeu não fosse uma diminuta parte dessa entidade maior.

Gustav R. Hocke dentro da primeira parte do seu livro *Maneirismo: O mundo como labirinto* – “O Primeiro Abalo: Melancolia saturnina; Renascimento sim, mas também nascimento”, traz a figura e a obra do maneirista da escola florentina Jacopo da Pontormo⁴⁴ (Jacopo Carucci, 1494-1557), através do filtro de seu contemporâneo e biógrafo Giorgio Vasari⁴⁵ - Pontormo era “magro e cabeludo como um

⁴³ C. f. HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O mundo como labirinto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. (Debates; 92 / dirigida por J. Guinsburg). (p. 28-38).

⁴⁴ “Vasari era de opinião que os pintores de que falamos [Pontormo entre eles] pintavam alla maniera di Michelangelo. Contudo, reside aí um juízo negativo. Maneirismo significa aqui: imitação e, quiçá, até imitação de má qualidade. Vasari insinua que tais artistas não tinham uma maneira pessoal (maneira provém do latim manus: mão, que eles exageravam e que a sua arte era dissonante e desordenada) [em oposição aos primi maestri de Florença onde prevalecia o ideal classicista, as cores luminosas e as tonalidades harmoniosas e equilibradas que compunham as obras primas do Renascimento]. Vasari não considerou que tais “anticlássicos” de Florença não eram apenas “maneiristas” no sentido de serem imitadores e que os estilos que ele mais criticava, fez deles os corifeus de uma “nova” maneira, ou seja, os criadores de um novo “maneirismo”. (HOCKE, 2005, p.34-35)

C. f. também *Em Nome do Corpo: Escritos e Pintura de Jacopo Pontormo*. ANDRADE, Homero Freitas de (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

⁴⁵ Artista e arquiteto Giorgio Vasari (Arezzo-1574, Florença) em 1511. “Muitas vezes chamado de ‘o primeiro historiador da arte’, Vasari inventou o gênero da enciclopédia de biografias artísticas com seu *Le Vite de' più eccellenti pittori, scultori, ed architettori* (As Vidas dos Mais Excelentes Pintores, Escultores e Arquitetos), publicado pela primeira vez em 1550 e

selvagem, no dizer de Vasari” - para contextualizar algumas transições e distinções entre o idealismo do alto Renascimento - centralidade, estabilidade, idealização, equilíbrio, harmonia, cores vivas – em meio a crises políticas e guerras que afetaram o período Maneirista - deformações, anamorfoses, a imaginação, formas sinuosas (“*serpentinata*”), cores frias, lisas e “*venenosas*” (HOCKE, 2005, p.39):

“O Maneirismo não é apenas a manifestação de uma crise espiritual. Ele é também a tomada de consciência de um mundo ‘saído da confusão’ e de uma crise que durou por longo tempo (muito embora esta crise não tenha sido acompanhada por uma crítica da sociedade). Os acontecimentos políticos que se desenvolveram durante o Renascimento não revelam um caráter idílico; mas as mudanças que se pressentiam eram conservadas no fundo da consciência, compensadas por uma enorme vontade de obter a harmonia, que, por vezes, parece sobrenatural. (...) a partir de 1520, ano em que Lutero queima a Bula Papal, ano em que os jovens maneiristas toscanos começam a manifestar-se, anuncia-se e inicia-se uma mudança de consciências. Fora, então, como se o miserere medieval tivesse manifestado novamente a sua lúgubre súplica. Os acontecimentos que se sucederam até a metade do século seguinte não deixarão outra impressão. Em 1527 (...) a milícia alemã, espanhola e italiana de Carlos V, apodera-se de Roma e a entrega à pilhagem. (...) artistas, os poetas, os escritores e os sábios que escapam ao saque - e entre eles encontravam-se Rosso e o Parmigianino – tomaram o caminho do norte. (...) Quatro quintos da cidade ficaram completamente desabitados por um lapso de tempo. (...) o ano de 1527 marca (...) o fim do Renascimento (...) uma atmosfera de angústia pairava sobre todo o continente, tanto que se seguiu uma série de outras catástrofes. (...) Guerra e fome eram fatos cotidianos.” (p. 88-89).⁴⁶

Então talvez seja esse o motivo de eu pensar em estabelecer uma conexão (menos visual e mais contextual) com o Maneirismo a melancolia e a crise atual por que passa o mundo e o Brasil. Considerando como relevantes as constatações de Hocke, onde “o Maneirismo não é apenas a manifestação de uma crise espiritual. Ele é também a tomada de consciência de um mundo ‘saído da confusão’ e de uma crise (...)”; onde os artistas a partir de uma série de eventos traumáticos para a sociedade, “(...) começam a manifestar-se, anuncia-se e inicia-se uma mudança de consciências” me faz pensar muito no cenário Brasileiro da última década.

dedicado ao Grão-Duque Cosimo I de' Medici . Ele foi o primeiro a usar o termo ‘*Rinascita*’ (renascimento em italiano) impresso - embora a consciência de um ‘renascimento’ contínuo nas artes estivesse no ar desde a época de Alberti. O termo de Vasari, aplicado à mudança de estilos artísticos com a obra de Giotto, acabaria se tornando o termo francês *Renascimento* (renascimento) para a era que se seguiu. Vasari também foi o responsável pelo uso moderno do termo arte gótica , embora só tenha usado a palavra gótico em associação com o estilo alemão que precedeu o renascimento, que ele identificou como ‘bárbaro’.” Giorgio Vasari. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Giorgio_Vasari Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

⁴⁶ Para mais detalhes sobre os eventos catastróficos ver na íntegra as páginas 88 e 89.

HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O mundo como labirinto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. (Debates; 92 / dirigida por J. Guinsburg). (p. 28-38). Sexto capítulo da primeira parte – “Visão Apocalíptica: Tomada de consciência diante de uma crise” (p.88-93)

E com essa volta ao presente próximo, retomo Erber, “(...) a melancolia de esquerda pode ser vista como antídoto contra os mecanismos do capital neoliberal que destroem também no plano dos afetos, das imagens e das palavras a possibilidade de percepção da vitalidade minoritária insurgente” (TRAVERSO, 2018, p.12). A partir dessas pontuações de Erber a respeito de uma melancolia específica de esquerda (que Traverso irá desenvolver em seu livro) gostaria de localizar temporalmente a minha relação conceitual com a melancolia. Essa aproximação conceitual entre melancolia e esquerda para mim é recente, talvez tão recente quando o livro de Traverso (2018), até então eu trabalhava a partir das noções de melancolia atribuídas a partir de Aristóteles que relacionavam as práticas criativas com este estado - especulativo no campo da medicina e mítico no campo das artes e do pensamento - que seria provocado por um desequilíbrio entre os quatro humores corporais, e no caso do estado melancólico seria o excesso de descarga no organismo de (uma suposta – pois fisiologicamente ela não existe) bile negra.

Uma outra atribuição à melancolia é apresentada no prefácio por Traverso, onde o autor oferece uma primeira definição - “é um sentimento, um estado de ânimo, um emaranhado de emoções” (TRAVERSO, 2018, p.15). Dentro do capítulo I – *A cultura da derrota*, o autor avança um pouco mais - mas considero que sempre de modo muito telegráfico, seco e categórico, sobre a noção fluida de melancolia, a qual depende em grande medida do prisma temporal e das especialidades dos autores que irão realçar as suas nuances – “Há várias definições de melancolia, um conceito antigo cujo significado mudou ao longo dos séculos. Sua fenomenologia abarca da tristeza às dores do amor e à resignação, mas se manifesta em primeiro lugar na perda e no luto” (TRAVERSO, 2018, p.104-105). E um pouco mais à frente, no subcapítulo “Melancolia de esquerda”, o autor nos traz considerações sobre as interpretações de Rymond Klibansky, Erwin Panofsky e Fritz Saxl (a partir do *livro Saturno e Melancolia, Estudos Históricos e Filosóficos: Natureza, Religião, medicina e arte, 1964*, desses autores) que fazem uma análise da emblemática gravura do artista renascentista alemão Albrecht Dürer – *Melancolia I* (1514), imagem evocada por diversos autores quando se traçam paralelos entre arte e melancolia. “Na renascença, a melancolia atinge um novo traço fundamental; a autorreflexão. Além da contemplação, surge a introspecção. A melancolia já não é mais um simples estado de espírito, ela passa a ser uma disposição mental, um uso da razão, e seu símbolo é Saturno” (TRAVERSO, 2018, p.110-112). O autor também traz do passado a gravura de Dürer para contextualizar sua visão sobre a melancolia de esquerda:

Na realidade, a gravura de Dürer poderia ser uma alegoria da crise do marxismo e da melancolia de esquerda, na medida em que a derrota das revoluções do século XX refuta a velha visão teleológica do socialismo como fim da história. (...) a melancolia da esquerda deriva do falimento de uma concepção do socialismo como ciência. (...) e a cultura da derrota se manifesta em recolhimento melancólico na meditação e na introspecção. (TRAVERSO, 2018, p. 112)

Na passagem acima temos ressaltado o aspecto do fracasso, da falência de um ideal interrompido, e no artigo do professor do Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Alexandre Ragazzi, sobre o artista maneirista Pontormo tratado logo acima, observamos a alegoria da imagem mítica da Hidra como a melancolia, onde a cada cabeça do animal ao ser cortada, nascem outras, ou seja, a cada imagem mental obliterada, outras sequências de imagens mentais irão surgir tendendo ao infinito, a um pensamento interminável:

De acordo com certas convicções daquela época, um dos traços característicos dos melancólicos diz respeito à dificuldade de se concentrar em um único assunto. O pensamento desses sujeitos autonomiza-se, desdobra-se, escapa. Sempre às voltas com mais de um objeto, o melancólico procura relacioná-los a todo custo, mas preferindo as uniões paradoxais, em que o resultado é inusitado e original. Nesse sentido, é muito elucidativa uma passagem de Torquato Tasso, em que ele explica o temperamento melancólico da seguinte forma: “E certamente não foi mais difícil vencer a quimera do que superar a melancolia, a qual mais à hidra do que à quimera poderia assemelhar-se, pois mal o melancólico cortou um pensamento, imediatamente outros dois nascem dali, e por eles com mortais mordidas é traspassado e lacerado”.⁴⁷

Ou seja, essa característica é um dos fatores que relacionam a melancolia ao pensamento de pesquisadores, à acedia dos monges e à aparência de misantropia ligada à alguns artistas que se veem tomados por seus processos e praticas de criação devido a grande ou longa atenção que alguns trabalhos de arte demandam. Esse isolamento e quietude por vezes colocam o artista em uma zona limítrofe entre um estado necessário de concentração e um estado patológico sério. Eu não disponho de treinamento na área de saúde e em função disso não irei tratar desses aspectos, mas trago um texto central do início do século XX no ocidente, considerando que *o ano de 1914 assinalou o fim da velha Europa* (Hocke, 2005, p. 89). Em 1915 Sigmund Freud (1856, Příbor, República Tcheca - 1939, Londres, Reino Unido) - o avô do pintor Lucian Freud (1922, Berlim – 2011, Londres), que considero

⁴⁷ RAGAZZI, Alexandre. "A incerteza como método nos escritos e na arte de Jacopo Pontormo" *LaborHistórico* [Online], Volume 6 Número 2 (6 junho 2020). (p. 254). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/32306> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

também um artista envolto em procedimentos melancólicos - publica *Luto e melancolia* em plena Primeira Grande Guerra Mundial (28 de julho de 1914 – 11 de novembro de 1918), Freud acentua os aspectos patológicos da melancolia, em resumo Traverso escreve sobre o texto do psicanalista tcheco:

Ambos, o luto e a melancolia, derivam da perda (ou ausência) de um objeto amado, que pode ser uma pessoa ou uma categoria abstrata (um ideal, um país, a liberdade, etc.), porém eles não coincidem. O luto é um processo pelo qual a pessoa supera o sofrimento de uma perda para enfim se separar do objeto perdido. Dessa maneira suas energias libidinais podem encontrar nova destinação (um amor, um ideal, valores, etc.), e assim o sujeito recupera o equilíbrio. À diferença da pessoa em luto, que por fim supera a tristeza, o melancólico permanece narcisicamente unido ao objeto amado e perdido, transformando sua dor em isolamento introspectivo que o exclui do mundo externo. Em outras palavras, a melancolia é um “luto patológico” não acabado e impossível. (TRAVERSO, 2018, p. 116)

Como comentado anteriormente por Erber os cartazes que trazem os dizeres “De luto na luta”, estão inseridos nessa definição de luto e melancolia que Traverso nos fala acima, da *perda ou ausência de um objeto amado, que pode ser uma pessoa ou uma categoria abstrata (um ideal, um país, a liberdade)*, e penso ser exatamente estas as questões: perda de um país desejante de um futuro melhor, perda e em muitos casos ausência de uma educação pública de qualidade (um entre tantos outros atos dos estudantes secundaristas foi em resposta ao irreparável incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 2018)⁴⁸, perda da liberdade de cátedra de muitos professores e assim por diante. E a luta como uma forma de elaborar o luto (*luto que é um processo pelo qual a pessoa supera o sofrimento de uma perda para enfim se separar do objeto perdido. Dessa maneira suas energias libidinais podem encontrar nova destinação (um amor, um ideal, valores, etc.), e assim o sujeito*

⁴⁸ “Assim como a crise da educação, a tragédia no Museu Nacional não é inesperada ou inevitável”, afirmou o secundarista Pedro Gorki, presidente da UBES, em uma Cinelândia lotada pelo luto ao Museu Nacional de História Natural, nesta segunda (3/9). O incêndio que tomou conta do prédio histórico e seu acervo, no dia anterior, comoveu e mobilizou milhares de pessoas em manifestação convocada pelas entidades estudantis, como UBES, UNE e ANPG. Mais antigo do Brasil e maior da América Latina em história natural, o museu completou 200 anos em maio necessitando restauros e reformas inclusive para segurança. Um relatório de 2015 já indicava os riscos de incêndio. Porém, a instituição fica, desde 1946, sob responsabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com verbas cortadas ano a ano. Para piorar, a Emenda Constitucional 95, antiga PEC 55, impõe um teto de gastos aos investimentos do País desde 2016.”

“Para Gorki, a falta de prioridade e financiamento para educação e cultura fazem parte do projeto atualmente em vigor no Brasil, pois não interessa ao neoliberalismo um povo com conhecimento e identidade fortalecida: ‘A tragédia faz parte de projeto que sucateia o lphan, o Ministério da Educação e que aprovou no Congresso a Emenda Constitucional 95, projeto de sucateamento da educação, da cultura e, principalmente, de dominação do nosso povo’.”

Luto pelo Museu Nacional, luta pela educação: Movimento estudantil encheu a Cinelândia para se manifestar sobre tragédia anunciada que incendiou o primeiro museu e parte da história brasileira. União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, 4 de setembro de 2018. Disponível em: <https://ubes.org.br/2018/luto-pelo-museu-nacional-luta-pela-educacao/> Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

recupera o equilíbrio). Retomarei essa questão do desmonte da educação pública no capítulo referente a exposição *Necrocolônia 2016-2019*.



Fig. 2 “Luto pelo Museu Nacional, luta pela educação”, 3 de setembro de 2018

Movimento estudantil encheu a Cinelândia para se manifestar sobre tragédia anunciada que incendiou o primeiro museu e parte da história brasileira. Fotos: Vangli Figueiredo/ Circus da UBES

Mas voltando ao antes deste capítulo, trazer para o texto esse “antes - ainda” – uma referência ao tempo, onde *estamos sempre em atraso em relação a nós mesmos*⁴⁹ - é uma tentativa de perceber e pensar uma versão, entre outras possíveis, sobre as tensões que ainda persistem dos meus trabalhos anteriores – em termos factuais de recorrências: o desenho como etapa inicial na maioria dos processos, as estruturas lineares e vazadas, assim como a tipologia simplificada do mobiliário ou ainda a presença do recurso da palavra escrita presentes em desenhos de meados dos anos noventa, que continuam nos cadernos de anotas e que voltam sobre outros suportes nas esculturas recentes.

Penso que essas transições ocorrem de forma bastante lenta (pesadas [ponderadas, avaliadas], pensadas e repensadas ao modo do que considero como procedimentos melancólicos⁵⁰ - “propensão a

⁴⁹ “O tempo não nos concede muitas oportunidades: ele nos impele para trás, empurrando-nos pela estreita passagem do presente que desemboca no futuro. O espaço, ao contrário, é amplo, fértil de possibilidades, posições, interseções, passagens, desvios, conversões, becos sem saída, ruas de mão única. Na realidade, demasiadas possibilidades. Como o temperamento saturnino é vagaroso, propenso à indecisão, às vezes precisamos abrir caminho de faca na mão. Às vezes, acabamos virando a faca contra nós mesmos. (...) A característica do temperamento saturnino é a relação consciente e implacável com o eu, que nunca pode ser dada como certa. O eu é um texto – precisa ser decifrado. (Logo, é um temperamento adequado ao intelectual). O eu é um projeto, algo a ser construído. (Logo, é um temperamento adequado aos artistas e aos mártires, àqueles que cortejam ‘a pureza e a beleza de um fracasso’, como Benjamin diz a propósito de Kafka). E o processo de construção do eu e de suas obras é sempre demasiado lento. Estamos sempre em atraso em relação a nós mesmos.” SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*: Porto Alegre, L&PM, 1986. (p. 91)

⁵⁰ Procedimentos (*modo de fazer algo; técnica, processo, método*) artísticos, organizativos, experimentais que envolvem o trabalho com imagens e memórias. “Ainda no século IV a. C., a noção de melancolia é revolucionada pelo *Problema XXX 1*.

seguir a imaginação que é inseparável da memória”). Essas mudanças graduais, esse *repetir até ficar diferente*, tanto nos aspectos formais quanto conceituais fazem parte das minhas possibilidades e limitações como artista e estão presentes em meu percurso.

Tendo isso em conta tento estabelecer logo abaixo um tipo de marco referencial para o leitor através de uma sucinta seleção de trabalhos de minha autoria realizados após as pesquisas da graduação – a exposição final e a monografia se chamaram *1:1* - e a pesquisa de mestrado em poéticas visuais, cujo título é *Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos*⁵¹. Trago brevemente esses dois momentos anteriores como bases para posicionar o leitor sobre a produção desenvolvida durante o doutorado.

Sobre o título *1:1* além da relação com a escala na arquitetura, por exemplo, que é a que me ocorre em primeiro lugar, acredito que duas referências me levaram a escolher esse título, por um lado o depoimento do artista brasileiro Waltercio Caldas que diz não fazer trabalhos pensando na ideia de um público genérico, mas que faz trabalhos para uma pessoa, sendo o trabalho uma relação do artista com uma pessoa⁵², um para um; consideração essa que também endosso. E também a referência basal em minha formação do artista polonês Miroslaw Bałka (1958, Varsóvia) que toma as medidas do próprio corpo como títulos e como as dimensões que são definidoras das escalas de seus trabalhos (fig. 3 e 4) – e que eu poderia inferir como sendo um artista *sob o signo de Saturno*, como fala Sontag sobre Benjamin.

Trata-se de uma monografia sobre a bÍlis negra, que é atribuída a Aristóteles. Aristóteles define a melancolia como um estado originário da bÍlis negra que corresponde aos homens de exceção, aos homens que são considerados gênios. Todos os que têm sido homens de exceção, os filósofos, os poetas, os artistas, são manifestamente melancólicos. Eles têm uma propensão a seguir a imaginação que é inseparável da memória. Desta forma, a partir de Aristóteles a melancolia é associada à imaginação (Klibansky, Panofsky & Saxl, 1964/1989; Prigent, 2005).” Mendes, Elizaine Domingues, Viana, Terezinha de Camargo e Bara, Olivier, Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2014, v. 30, n. 4, pp. 423-431. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37DZD4n/?lang=pt#>>. Epub 20 Jan 2015. ISSN 1806-3446. Acesso em 4 de fevereiro de 2022.

C.f. também ARISTÓTELES. *O Homem de Gênio e a Melancolia*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1989.

⁵¹ *Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos*, 2005-2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/10844>>

⁵² C. f. Waltercio Caldas - 1985 2000 / curadoria Lígia Canongia. Rio de Janeiro: CCBB, 2000.



Fig. 3 Mirosław Bałka, 268 x 142 x 54, 84 x 40 x 22
2008
madeira



Fig. 4 Mirosław Bałka, *Quando você molhar a cama*, 1987
madeira, água, tecido, latão, alumínio e plástico, 191 x 280 x
400 cm. Acervo do Museu Nacional da Noruega em Oslo

Em um fragmento do artigo *Jaki Bałka, który Bałka?*⁵³ (*Onde Bałka, que Bałka?*) do crítico Krzysztof Jurecki ao trabalho do artista na revista polonesa *Ownetic* podemos ler sobre dois artistas que o crítico julga serem importantes para se pensar a produção de Bałka e que me foram importantes entre meados dos anos noventa e meados dos anos dois mil – “O artista utiliza as obras de, entre outros Joseph Beuys e Christian Boltanski, desejando reviver formas geométricas simples que evocam o sinal da morte (...)”, Krzysztof também enfatiza a evidente questão melancólica da produção do artista que constantemente apresenta estruturas concisas, sem adereços e representa figuras relativas à religião católica – lembrando que o chamado Papa João Paulo II (Karol Józef Wojtyła) chefe da Igreja Católica de 1978 até 2005, era de origem polonesa - e à morte.

Outro resumo bastante conciso do trabalho do artista que penso ser importante para identificar o seu horizonte de interesses e práticas é o apresentado pela Galeria Nacional de Arte Zachęta (Museu de Arte Contemporânea no centro de Varsóvia, Polônia):

Os temas mais importantes nas obras de Bałka são o corpo, duração e passagem, memória e preservação de vestígios, morte. Ele se refere ao seu próprio passado, experiências de infância, seus trabalhos são muitas vezes altamente pessoais. Na década de 1980, criou esculturas figurativas atribuídas ao movimento Nova Expressão. A partir da década de 1990, rejeitou a figuração em favor de uma

⁵³ Artigo sobre a exposição individual do artista no Museu de Arte em Łódź: Mirosław Bałka: Nerw. Curadoria: Kasia Redzisz. JURECKI, Krzysztof. *Jaki Bałka, który Bałka?*. *Ownetic Magazine*, 3 de março de 2016. Disponível em: <https://ownetic.com/magazyn/2016/krzysztof-jurecki-jaki-balka-ktory-balka> Acesso em 05 de fevereiro de 2022. C. f. também o catálogo *Mirolaw Balka* - Revisión 1986 - 1997 / curadoria Juan Vicente Aliaga. Valencia: IVAM Instituto Valenciano de Arte Moderna, 1997.

linguagem mais abstrata e formas minimalistas e ambíguas. As questões discutidas não são apresentadas diretamente, mas por meio de símbolos e representações.⁵⁴

Atrevo-me a dizer que se no texto acima fosse trocado o nome de Bałka pelo meu e fossem feitos poucos ajustes contextuais, a mim pareceria uma descrição bastante razoável e crível – isso referente a minha produção de final dos anos noventa até o terceiro quarto dos anos dois mil.

Com a escrita desta tese tive a oportunidade de olhar novamente para Bałka, fazia um bom tempo que não acompanhava a sua produção. E pelo que pude verificar realmente havia e ainda há muitos pontos de interesses e ocorrências em comum, como por exemplo, a questão de abandonar a figuração humana, no meu caso com o *site specific Ausente* em 2000 (ao menos em termos de exposições públicas) em favor de formas mais simplificadas (sem ornamentos ou detalhes) do mobiliário religioso e doméstico. Em meus desenhos pessoais e cadernetas de notas nunca deixei por completo de representar a figura humana – hora ou outra algo referente à figura pode ser encontrado, apenas deixei de mostrar ao público e, em 2012 retomo na exposição *Que a Distância nos Guarde* com uma série de representações de crânios, em seis pinturas da série *Mors* (morte em latim), dois entalhes em madeira na escultura *Meio-Pau* (fig. 5 e 7), na instalação *Outro* (fig. 6 e 8) e um desenho. Essa retomada “repentina” da figuração em público gerou uma reação inesperada, algumas pessoas que já conheciam um pouco do meu trabalho com esculturas vieram perguntar de quem eram as pinturas e o desenho.

⁵⁴ Sobre o Museu de Arte Contemporânea Zachęta: “A história do museu Zachęta começou em 1860, quando a Sociedade de Incentivo às Belas Artes foi criada por iniciativa de pintores (incluindo Wojciech Gerson). Foi a primeira instituição da partição russa a expor e colecionar obras de artistas poloneses. ‘A Sociedade de Incentivo às Belas Artes, como união de Artistas e Amantes da Arte, tem como objetivo difundir as artes plásticas no país, e ajudar e incentivar os artistas, principalmente os jovens egressos da Escola de Belas Artes de Varsóvia’.” Disponível em: <https://zacheta.art.pl/pl/kolekcja/artysci/miroslaw-balka> Acesso em 05 de fevereiro de 2022.



Fig. 5 *Meio-pau* (detalhe do topo da escultura)



Fig. 6 *Outro* (detalhe)

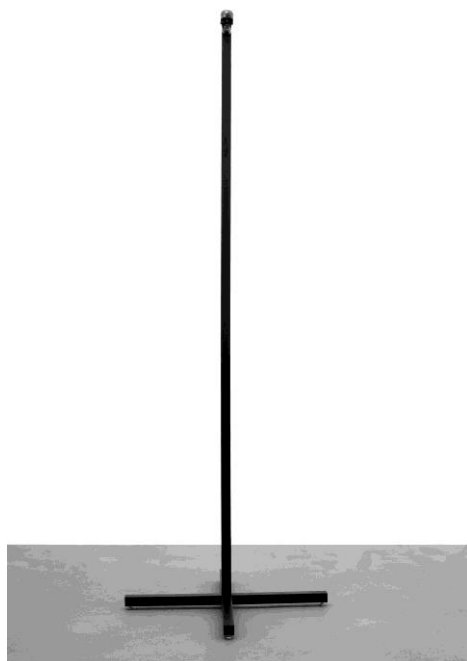


Fig. 7 *Meio-pau*, 2011, madeira, pigmento e cera, 257 x 90 x 90 cm

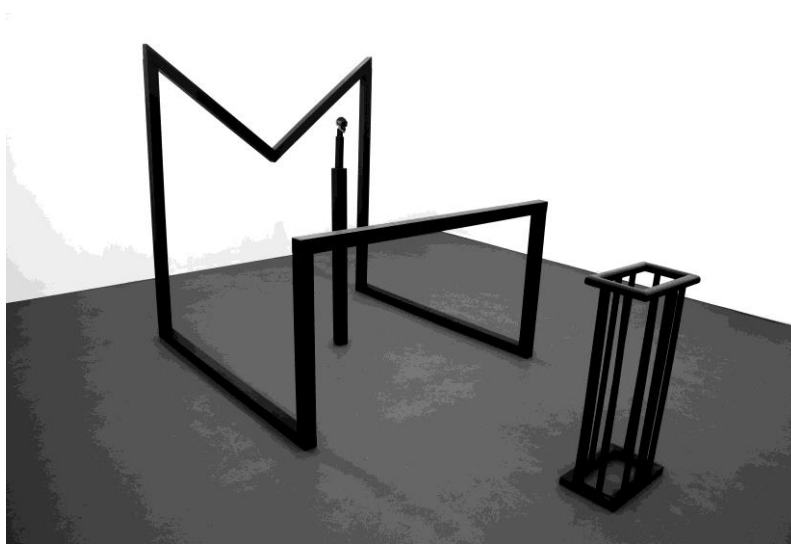


Fig. 8 *Outro*, 2011, madeira, pigmento e cera, 180 x 174 x 300 cm

Além dessas referências que considero mais diretas, sem dúvida a produção e contato com as obras e com os artistas Elaine Tedesco⁵⁵ e Daniel Acosta foram profundamente marcantes nesse período. Destaco um trabalho do projeto *Cabines para Isolamento*⁵⁶ de Elaine de 1999 (fig. 9) e de Daniel também uma *Cabina*⁵⁷ de 1998 (fig. 10), pude ver esses trabalhos na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, que é a galeria de arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, situada no prédio do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre.



Fig. 9 Elaine Tedesco
Cabine-nicho
1999
madeira, espuma e lâmpada
210 x 84 x 82 cm
Centro Cultural Maria Antônia
São Paulo, SP



Fig. 10 Daniel Acosta
Cabina
1998
compensado e fórmica
180 x 70 x 70 cm
Fotografia: Mauro Restiffe



Fig. 11 Elaine Tedesco, *Guarita Z*
2008
madeira, ferragens, telhas,
cabos elétricos, lâmpada e
projektor de slides
exposição *Montagem S – 3*
Galeria Leme, São Paulo, SP

No final dos anos noventa eu estava iniciando trabalhos com esculturas em madeira e me apropriando de objetos e sobras de construções de minha casa em Esteio no Rio Grande do Sul, móveis encontrados nas ruas ou comprados em instituições beneficentes como o Mensageiro da Caridade em Porto Alegre. Um exemplo nesse sentido foi o trabalho *Fadiga Ocular* de 2000 (fig. 14), onde utilizei as

⁵⁵ https://comum.com/elainetedesco/cabines/foto_cabine_antonia_nicho.htm Em 2008, à convite da artista Elaine Tedesco tive a oportunidade de construir uma peça em madeira da série de Guaritas para a exposição *Montagem S – 3*, na Galeria Leme, em setembro daquele ano, o título do trabalho era *Guarita Z* (fig. 11).

⁵⁶ <https://comum.com/elainetedesco/cabines/index.htm>

⁵⁷ <http://daniel-acosta.art.br/trabalhos/cabina>

pernas de uma cadeira danificada da minha antiga casa e onde substituí o assento da cadeira por uma porção de tábuas do assoalho dessa mesma casa que havia sido demolida havia pouco tempo, o trabalho também incluía cinco cachimbos comprados em uma feira em Campina Grande na Paraíba e uma pequena caixa de madeira também trazida da Paraíba⁵⁸, *Fadiga Ocular* foi mostrada em uma individual chamada *Descertezas*, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana em Porto Alegre.

Para a medida e forma do corte das tábuas do assoalho, que passaram a ser o novo assento da cadeira, tomei a medida do meu corpo, altura e largura. Penso que essa decisão artística passou pela memória de uma prática que eu costumava realizar, durante algum tempo, no meu antigo quarto, de deitar no chão entre o final da tarde e início da noite com os olhos fechados e procurava apenas respirar. Hoje, depois de ter lido o pequeno livro do diretor David Lynch, *Em Águas Profundas*, eu chamaria aquela prática intuitiva de meditação zen. Atribuo a essa memória o motivo de partir das minhas medidas corporais, ou para ser mais preciso, das medidas referentes a área do chão de madeira que era ocupada pelo meu corpo (altura e largura). Atualmente, eu poderia pensar no trabalho não no sentido de um autorretrato, mas talvez em um ato-retrato, ou ainda um *ato de lugar*⁵⁹. Relato essa relação da forma do trabalho com uma ação/memória específica, pois sempre me pareceu necessário que o trabalho estivesse gravitando algum sentido para mim, sempre desviei de escolhas aleatórias. Acredito que eu preciso estar convencido de que o trabalho partiu de algo vivido, pensando, sofrido. Acredito que meus trabalhos sempre partem de uma experiência vivenciada em algum nível, seja físico, mental, seja projetivo, seja factual, seja por algo que falta, seja por algo que excede.

⁵⁸ Enfatizo aqui a procedência pelo fato de ser resultante de uma experiência muito significativa, uma residência seguida de exposição em João Pessoa que foram muito importantes em minha formação, no sentido de minha autonomia como artista. O convite para a residência e mostra partiu do artista José Rufino que na época conduzia um espaço de arte independente chamado Centro de Artes Visuais Tambiá juntamente com a artista Marlene Almeida que fundou o espaço em 1974. Sendo José Rufino também uma referência naquele período, além do trabalho em comum com peças de mobiliário ainda a questão da melancolia também presente nas obras do artista. Tendo em 1999 montado a sua sala na 2ª Bienal do Mercosul (curadoria de Fábio Magalhães e Leonor Amarante), com a grande instalação *Laceratio*, aprendi muito sobre o rigor de expor, o cuidado minucioso com a instalação do trabalho no espaço. E justamente desse primeiro contato com o artista é que surgiu o convite para a residência e exposição no Centro de Artes Visuais Tambiá em 2000.

<http://www.joserufino.com>

⁵⁹ Samuel Beckett, *Poèmes* (1978) in DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ser Crânio: Lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. “Georges Didi-Huberman vai construindo, assim, uma teoria da escultura, cujo enfoque não é mais o objeto, mas a espacialidade, o lugar por onde a escultura passa”. (p. 14). Ainda: “... surgem não exatamente coisas, não exatamente espaços... uma escultura que transforma os objetos em sutis atos de lugar, em ter-lugares”. (p.45). Texto publicado em 1997 no catálogo da exposição de Giuseppe Penone no Musée d’art Contemporain de Nîmes.

Em termos de vinculações com uma história da arte mais ampla, penso no trabalho *Fadiga Ocular* como lugar de relações com o surrealista belga René Magritte e o artista português Pedro Cabrita Reis duas figuras que eu pesquisava na época. Conheci os trabalhos primeiro através de textos, livros e imagens e só depois pude estar frente à suas obras. Magritte com a questão óbvia do cachimbo, mas talvez mais ainda com a ideia do sono, sonho, vigília e do entre dia e noite que me remete ao lugar de algumas das vinte e sete pinturas feitas entre as décadas de 1940 a 1960, sob o título de *O Império da Luz* (fig. 12), esse conjunto de pinturas representa a paradoxal imagem de um casario à noite, mas sob um céu azul claro do dia. Evidentemente essa imagem dia/noite não está presente no meu trabalho *Fadiga Ocular*, mas pode ter estado em algum lugar de sua origem, ou não; o fato é que essa relação me ocorre. Talvez a instalação *Noite de Palavra*, 2002 (fig. 13) possa estar mais próxima das pequenas lâmpadas que iluminam a área noturna de *O Império da Luz*.

E por fim sobre *Fadiga Ocular*, evoco os trabalhos dos anos noventa de Cabrita Reis com as suas estruturas, esculturas e instalações com materiais simples da construção civil (tijolos, madeira e vidro), móveis e partes de casas (batentes, vigas e portas) e as referências simbólicas aos construtores presentes tanto nas obras como em seus títulos.



Fig. 12 René Magritte
O Império das Luzes
1954
óleo sobre tela
146 x 114 cm
Coleção dos Museus
Reais de Belas Artes
da Bélgica



Fig. 13 *Noite de Palavra*, 2002, 12 genuflexórios de madeira, 12 lâmpadas e cabos elétricos
Pinacoteca Barão do Santo Ângelo, IA-UFRGS

Um segundo exemplo de processo de trabalho foi *Paralipse* também de 2000 (fig. 15), onde eu encaixo dois genuflexórios construídos por mim. Um deles foi feito com madeiras que sobraram de construções que o meu pai fazia em nossa casa. Eram madeiras usadas nas formas que eram usadas para despejar concreto para fazer colunas e vigas de construções – muros, casa, garagem. Meu pai constrói coisas, arruma coisas, inventa e resolve coisas, um dos valores máximos para ele é o do trabalho. Penso que esse valor veio da época em que trabalhava com a família como pequeno produtor rural na serra gaúcha e depois como técnico de geradores para a área de hidroelétricas (meu pai trabalhou na mesma fábrica a vida toda). E o segundo foi feito com madeiras compradas por mim.



Fig. 14 *Fadiga Ocular*, 2000, cadeira, assoalho, cachimbos, caixa de madeira, dimensões variáveis
Exposição individual *Descertezas*,
Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS, 2000
Fotografia: Jerri Rossato Lima



Fig. 15 *Paralipse*, 2000, madeira e cobre, 80 x 50 x 50 cm
Exposição individual *Descertezas*
Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre,
2000
Fotografia: Jerri Rossato Lima

O primeiro genuflexório construído (e foi de fato a primeira escultura com a forma do genuflexório que fiz) era mais rústico (fig. 15 à esquerda), com um acabamento mais áspero, com marcas de furos de pregos, arranhões e vestígios de cimento, o segundo tinha um acabamento mais regular e a sua forma era mais minimalista, ângulos retos, cantos vivos. Sobre planejamento e encaixe: uma questão recorrente em minhas práticas, principalmente naquele período, diz respeito ao trabalho não ser planejado de antemão (no sentido de que uma peça iria ser feita para encaixar na outra), o encaixe aconteceu durante a prática de ateliê (as peças de *Paralipse* foram feitas inicialmente para trabalhos distintos). Eu já tinha a primeira peça feita e ao acabar de construir a segunda, olhei as duas no espaço de ateliê e pensei que elas poderiam ser cruzadas e o encaixe acabou acontecendo de modo bastante preciso para algo não planejado.

Muitos anos depois, ao perceber que esse tipo de conexão era recorrente e acontecia entre objetos, entre imagens e palavras, pensei em uma exposição hipotética que se chamaria “*As coisas se encaixam*”. Ainda não consegui parar para refletir com mais atenção sobre isso. Mas agora, passado mais um tempo, talvez pudesse ajustar o título para “Quando as coisas se encaixam”, incluindo a questão temporal. Digo isso pensando em um método de trabalho que alguns poderiam chamar de acaso (meu grande amigo e parceiro de muitas atividades Jerri Rossato Lima poderia ser um deles, a questão do acaso ocupou a sua atenção por muitos anos na sua produção literária e de imagens – fotografias, colagens, foto livros, etc.), ou dentro de um contexto de história da arte ocidental, no caso dos surrealistas com seus *objet trouvé* (objetos encontrados), e que eu definiria menos como algo inesperado e fortuito e mais como resultado de uma busca, de uma intenção, de estar com os sentidos atentos para... O que é diferente de um projeto.

O termo paralipse vem do grego *parálepsis*, -eos (*negligência, esquecimento, omissão*), é uma *figura de retórica pela qual se fixa a atenção num assunto ou objeto, fingindo não se ocupar dele; ou ainda, um recurso estilístico pelo qual o orador ou o autor finge não querer falar de uma coisa em que, no entanto, vai falando*. Na época eu estava experimentando esses jogos de palavras e alguns termos me pareciam também encaixar ajustadamente às peças produzidas. Em muitos casos os títulos vinham primeiro, já estavam anotados em cadernetas, ficavam à espera de alguma matéria que lhes daria corpo físico. O processo de trabalho começava com esses encontros com palavras ou com o encontro de uma conexão entre as palavras que acabava por mudar o sentido mais corriqueiro em que a palavra era usada. Ou ainda novas palavras surgiam a partir de um erro de escrita, um equívoco ou descuido de

digitação. Uma dessas palavras que surgiram do erro e viraram título de um trabalho, e um trabalho bastante significativo, foi quando percebi que ao invés de digitar a palavra livro, eu havia apertado a tecla que fica à esquerda da letra “i” e surgiu a palavra “lúvro”. As associações livres eram várias - e esse caso é um bom exemplo de como eu costumo trabalhar com as palavras - lúvro que é próximo da pronúncia de Louvre, que poderia ser um livro de Lu(ciano), um livro como uma espécie de luva – pensando em um livro que se encaixa como uma luva, e por aí se desdobram sequências de variações seja por relações sonoras, de sentido e de aproximações de escrita. A escultura *Lúvro* de 2007 (fig. 16) era a peça que fechava a exposição *Mobiliário Melancólico*, uma espécie de peça síntese da exposição, uma cadeira feita para se ajustar ao canto da sala pela dobra de noventa graus no encosto e também no assento. Essa dobra do assento eu tomei a partir da imagem de um livro aberto. Em resumo uma das ideias da exposição seria a existência destes móveis dobrados ser relacionada aos hábitos repetitivos de seus usuários ligados ao que eu denominei de procedimentos melancólicos.

Mas, voltando a questão dos encaixes na escultura *Paralipse* de 2000, na prática da marcenaria o ajuste físico entre peças de madeira é essencial para bons encaixes que manterão a integridade estrutural dos objetos construídos. Então, nessa peça o título me remete a um certo grau de enigma (penso aqui algo entre os dadaístas e os surrealistas) – que assunto é esse que se finge não dizer, mas que está sendo dito? Pois a junção dos dois genuflexórios inviabilizava, anulava os seus usos, e uma das ideias do trabalho era justamente essa, abolir ato físico de se ajoelhar, de se sujeitar a uma divindade imaginária e, simbolicamente poder vir a gerar um estranhamento para o público, um corte no hábito.

Digo isso pois presenciei, em outros trabalhos meus que incluíam o móvel religioso genuflexório, que muitas pessoas automaticamente iam em direção da peça para se ajoelhar ou pediam a permissão para fazê-lo. Esse cruzamento das peças foi também (além da ideia de que as *coisas se encaixam*) uma estratégia tomada a partir da experiência em situações expositivas onde pessoas queriam interagir com o trabalho de modo automático, iam até o trabalho e se ajoelhavam sorridentes (isso aconteceu, entre outras ocasiões, em uma exposição no Instituto Goethe de Porto Alegre em 2005). Ver isso me fez pensar que falhei terrivelmente, pois me vi no lugar de alguém que estava endossando essa prática de submissão ao poder da igreja católica, sendo que o meu ponto era justamente o contrário, que as pessoas não se ajoelhassem e que pudessem se aperceber da sujeição implícita ao objeto e à narrativa de poder à que ele serve. Nos trabalhos onde o genuflexório estava por assim dizer liberado, entendi

que esse “oferecimento” reforçava o hábito adestrado dentro das igrejas católicas. Então eu teria que pensar em um modo de impedir esse automatismo, e um dos modos que encontrei foi o cruzamento das peças, a anulação da funcionalidade costumeira foi feita por uma sobreposição, e com isso foi inviabilizada a entrada e a deposição do corpo do visitante sobre o genuflexório. É um ato tão pequeno, tão insignificante frente ao poder massificador da religião, mas foi o que eu consegui fazer naquela época, um ato simbólico que busca provocar um questionamento. Infelizmente um questionamento de dimensões microscópicas se comparado com a contundente peça *La Civilización Occidental y Cristiana*, 1965 (fig. 17) do excepcional artista argentino León Ferrari (1920-2013, Buenos Aires) onde uma figura que representa um cristo de pele clara e feições europeias está crucificada em um jato bombardeiro estadunidense dos anos cinquenta/sessenta. Mas entendo que essa é uma das peças mais importantes de toda a carreira de León (pelo menos aos meus olhos) e não são poucas as peças relevantes e incisivas desse artista estupendo – e a comparação é demasiado extrema com um trabalho de início de jornada como *Paralipse*. Assim fica a referência exemplar de coragem e inteligência artística de Ferrari, e ele segue sendo um sul a buscar.



Fig. 16 *Luvro*, 2007, madeira e laca, 90 x 50 x 60 cm
exposição coletiva *Abre Alas, 20??*
Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro



Fig. 17 León Ferrari, *La Civilización Occidental y Cristiana*
1965, tinta óleo sobre gesso e plástico
200 x 120 x 50 cm

E assim como Ferrari fez em *La Civilización Occidental y Cristiana* tenho começado a juntar figuras, ou partes de figuras humanas com objetos, mas isso será tratado no capítulo II.

A interdição do uso automático em *Paralipse* me ajudou, penso, a incorporar uma vaga, um espaço, um hiato de tempo breve, entre o hábito automatizado e talvez o questionamento utilitarista moderno – se não serve para rezar, serve para quê? Se não é para se ajoelhar é para quê? Hoje talvez eu pudesse arriscar uma proposição no sentido de um desuso ou anti uso – onde para começar, serviria para deixar de rezar, serviria para deixar de se sujeitar a uma narrativa de exploração e dominação colonial de mentes e corpos imposto e naturalizado por um poder crediário, que solicita obediência e bens dos fiéis no presente em troca de um lugar privilegiado em uma eternidade idílica futura. Esse poder dita regras retrógradadas, toma os bens e a liberdade de escolha das pessoas que são persuadidas e acreditar em fantasias de compensação e dependência. As religiões inventaram e disseminaram um poder “de dizer o que é verdadeiro ou falso” (SOUZA, 2020, p. 21), as religiões podem dizer quem é amigo e quem é o inimigo a ser odiado e mesmo abatido em nome de deus. Ainda segundo Jessé Souza:

(...) quem decide o que é verdadeiro ou falso costuma decidir também algo muito importante: o que é justo e o que é injusto. Quem controla essas definições é precisamente quem está habilitado a justificar e legitimar com sucesso todo tipo de dominação social e política – além da exploração econômica que ela implica.⁶⁰

A passagem de Jessé publicada em 2020 me esclarece e confirma muitas conjecturas de décadas passadas, questões que eu intuía quando deixei de repetir o que me foi apresentado como verdade e salvação forçosa. Na época que fiz *Paralipse*, eu não tinha conhecimento das pesquisas de Jessé Souza, parti não de um referencial teórico, mas de minhas lembranças de quando criança, de ser levado para um lugar cheio de pessoas que em alguns momentos se levantam juntas, falavam palavras e frases juntas, cantavam juntas e se ajoelham ao mesmo tempo sobre uma longa tábua de madeira, que eu achava que era para colocar os pés enquanto se estava sentado no banco também de madeira dura. Enquanto lá na frente uma única pessoa falava, com uma roupa diferente de todos nós e em um lugar mais alto que todos os demais, essa pessoa era um homem branco mais velho e proferia palavras sem sentido (para uma criança). Depois muitas pessoas formavam um fila no corredor central entre os muitos e longos bancos de madeira (sem nenhum estofamento) e esse homem colocava pequenos

⁶⁰ SOUZA, Jessé. *A Guerra contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. São Paulo: Estação Brasil, 2020. (p. 21)

discos brancos sobre as línguas de todas as pessoas que foram lá na frente e abriram as suas bocas para receber esses objetos estranhos. Mas o que realmente retenho de memória física dessa época é a lembrança incômoda e sem sentido do peso do corpo sobre os joelhos em contato com essa superfície rígida de madeira. A memória de um incômodo sem sentido de um auto castigo, mesmo que brevíssimo. Foi a partir dessa memória que construí o primeiro genuflexório.

Muito tempo depois fui entendendo que tudo estava ligado a poder, controle, sujeição, a baixar a cabeça e obedecer, a ter uma fé cega no absurdo, a empurrar uma narrativa única, à docilizar os corpos subjugados física e mentalmente. Nessa época a leitura de *Vigiar e Punir* (1975) de Foucault foi fundamental. Minha atenção estava voltada à religião europeia ocidental emanada de Roma, mais especificamente da cidade Estado do Vaticano, que penso estar fundamentada em controle, poder, enriquecimento, morte, ignorância, obscurantismo, convivência, preconceito e guerras (fig. 17). No Brasil apesar de cinquenta por cento da população se dizer católica (segundo a pesquisa Datafolha de 2020) há um crescimento de seus rivais pentecostais, em termos de poder econômico, midiático, judicial e político. As igrejas neopentecostais, segundo alguns autores foram trazidas ao país pelo consórcio militar brasileiro e EUA a partir da segunda metade do século XX⁶¹ em especial para tentar

⁶¹ “Denominações religiosas neopentecostais exercem hoje grande influência na política e na sociedade brasileiras. Elas contam com seguidores em todo o país, veículos de mídia e representantes em cargos executivos e legislativos. É uma influência que vem a reboque da expansão das religiões evangélicas no Brasil, seguidas por 31% dos brasileiros, segundo pesquisa do Datafolha de 2019. (...) O neopentecostalismo, assim como anteriormente o pentecostalismo, é um movimento dissidente do protestantismo. Foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos. No Brasil, o movimento neopentecostal teve início com Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus no fim dos anos 1970. (...) Originário de Rio das Flores, interior do Rio de Janeiro, Macedo começou pregando o evangelho em um coreto na zona norte da capital. Em 1977, fundou a Igreja Universal do Reino de Deus com seu cunhado, R.R. Soares. Seu sobrinho Marcelo Crivella, atualmente prefeito do Rio de Janeiro, está entre a primeira leva de frequentadores. Na década de 80, Macedo promoveu a expansão da lurd pelo Brasil, chegando a todos os estados do país e mais de 50 países na década seguinte. Em 1989, o bispo comprou a TV Record. No início da década de 90, Macedo passou 11 dias preso sob acusação de charlatanismo e curandeirismo. Em 2019, a revista Forbes estimou sua fortuna em cerca de R\$ 2 bilhões.(...). ‘Em termos absolutos, o Brasil foi o país que registrou o maior crescimento da população evangélica, em todo o mundo, nos últimos anos’, afirma o historiador e antropólogo Paul Freston, professor na Balsillie School of International Affairs e na Wilfrid Laurier University, em Waterloo, Ontário, no Canadá.”

Apesar do enorme crescimento dos evangélicos, segundo a pesquisa Datafolha de 2019, 50% da população se declara católica, 31% evangélicos, 10% sem religião e 3% espíritas. O curioso dessa pesquisa é que não aparecem as religiões de matriz africana.

“Se até a década de 1980 um bordão popular dizia que ‘crente não se mete em política’, isso começou a mudar na Assembleia Constituinte realizada entre 1987 e 1988. A elaboração da nova carta no Congresso nacional contou com a participação de 33 deputados evangélicos, incluindo 18 pentecostais, incluindo o primeiro congressista neopentecostal, ligado à lurd. Entre as iniciativas da bancada estava o pedido de que um exemplar da Bíblia fosse deixado na Mesa da Constituinte para uso dos congressistas. A ideia do deputado Antônio de Jesus (PMDB-GO), ligado à Assembleia de Deus. Atendido o pedido, a presença do livro sagrado no recinto seria mencionada em diversos pronunciamentos ao longo da Constituinte. A Bíblia foi convocada para apoiar discursos com temas que incluíam a “permissividade” da sociedade e sua

anular as boas práticas dos sacerdotes ligados à Teologia da Libertação, muitos desses que já eram dissidentes e perseguidos pela central romana. Mas voltando para Jessé, no texto ele fala um pouco mais sobre os modos de convencimento da população no sentido de naturalizar as desigualdades sociais e o racismo:

A religião é a primeira forma de produção dessa gramática da desigualdade, desse racismo primordial que permite sacralizar, justificar e tornar natural a desigualdade e formas recorrentes de opressão e de humilhação. Toda a análise das grandes religiões mundiais feita por Max Weber, um dos pais da sociologia, pode ser compreendida como um esforço gigantesco para entender como formas particulares de dominação econômica e social eram justificadas pelo discurso religioso dominante como naturais, necessárias e desejáveis. (SOUZA, 2020, p. 22)

A exposição *Ausente* (fig. 1) que realizei no Centro de Artes Visuais Tambiá na Paraíba em 2000 trazia como ponto central justamente a questão da religião e como ela me pareceu ser ainda mais presente e influente na vida dos paraibanos do que na dos gaúchos, que para mim já era demais. Pelo menos assim me pareceu, dentro das minhas observações, percursos e escutas pela cidade de João Pessoa e arredores no ano de 2000.

relação com a aids, a pena de morte, a reforma agrária e as injustiças sociais, conforme relato do cientista político Sydnei Melo em “Deus, a Bíblia e os evangélicos na Constituinte (1987-1988)”. Na década de 1990, o neopentecostalismo, por meio da Igreja Universal, começou a se infiltrar na arena política. Na virada do milênio, a lurd contava com uma bancada de 18 deputados na Câmara, em partidos diferentes. Eram liderados pelo Bispo Rodrigues, que na época chegou a ser vice-presidente do Partido Liberal (PL). Em 2002, o pastor Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, estreou na política, candidatando-se a senador pelo Rio de Janeiro, pelo PL. Crivella derrotou os veteranos Leonel Brizola e Artur da Távola. Em 2005, a Universal coletou mais de 600 mil assinaturas para a criação de um partido político, o PMR (Partido Municipalista Renovador). Em seguida, por sugestão de seu filiado José Alencar (então vice-presidente de Luiz Inácio Lula da Silva), mudou o nome para Partido Republicano Brasileiro (em 2019, mudaria outra vez para Republicanos). De acordo com Ricardo Mariano, sociólogo da USP, as igrejas pentecostais e neopentecostais ‘consideram estratégico ocupar posições de mando da nação, dentre elas as de natureza política, para assegurar seus interesses institucionais e sua liberdade religiosa, estender sua influência e seu poder político, defender seus valores morais e sua visão de mundo’. Atualmente, a bancada evangélica conta com 38% dos deputados federais, o que dá 195 congressistas (há também 8 senadores). A cota de neopentecostais é expressiva. De acordo com uma contagem da editoria de dados do site Metrôpoles, 52 deputados eleitos em 2018 são neopentecostais, sendo 18 da lurd. ‘Existe uma super-representação [de neopentecostais], especialmente da Igreja Universal do Reino de Deus (lurd)’, declarou Geraldo Monteiro, professor de ciência política da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ao Metrôpoles. Para ele, as fatias de congressistas neopentecostais e da lurd são desproporcionais a seu tamanho na sociedade brasileira. A bancada evangélica conta com personagens proeminentes como o deputado Marco Feliciano, fundador da Catedral do Avivamento. Em janeiro de 2020, Feliciano foi expulso do Podemos por infidelidade partidária por ter apoiado a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018. (...) A candidatura do presidente Jair Bolsonaro à Presidência, com o mote ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’, também serviu para aglutinar políticos de denominações diversas.

ROCHA, Camila. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil: As denominações comandadas por homens como Edir Macedo e Valdemiro Santiago se expandem, ocupando espaço na mídia e na política. Nexo Jornal, 6 de abr de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil> Acesso em 6 de fevereiro de 2022.

Essa foi a minha primeira individual, tornando-se um ponto de inflexão importante naquele período, não só por ser a primeira mostra pessoal, ou por ser em outro estado onde tudo era novo e fascinante, mas porque optei por deixar de trabalhar com representações figurativas de corpos humanos e passei a trabalhar com elementos do mobiliário e elementos de arquitetura. O genuflexório que construí para essa instalação *site specific* foi a peça simbólica que relacionava, segundo o meu entendimento, a religião católica com a submissão que ela demanda e, escolhi em complementariedade uma escada que remeteria à ideia de ascensão (fig. 18 e 19)⁶² – promessa da igreja romana.



Fig. 18 *Olvidamento Tardio*, 2000, madeira, aço e cera
90 x 180 x 330 cm
Exposição individual *Habitúário*, 2000
Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro



Fig. 19 *Em ti*, 1999, instalação realizada na reserva técnica
composta por sensor de presença, projetor de slide,
sistema de som, cadeira e tubos de aço. Exposição
coletiva *Circundante*, 1999, Casa de Cultura de Esteio

⁶² Essa noção de ascensão transcendente eu já havia trabalhado na escultura *Olvidamento Tardio* de 2000 (fig. 18), que era uma estrutura de madeira modulada com a forma de beliche com quatro estruturas de camas empilhadas e que ia até quase o teto da galeria, as camas não tinham estrados ou colchões e a estrutura também poderia remeter a um andaime de construção. E dentro dessa ideia de elevação também poderia citar a instalação *Em ti* de 1999 (fig. 19).

A escada era composta de pedaços de madeira representando degraus fixados nas paredes, mas degraus que não tinha condições estruturais de suportar um corpo humano. Era uma escada inútil para o uso físico convencional, aliás, duplamente inútil, pois não tinha a função de dar acesso para um segundo andar superior, pois terminava no teto da sala. Pensei o trabalho como um sistema, um circuito, por um lado talvez levando em conta a estrutura compositiva hierárquica do *Grande Vidro* (*La mariée mise à nu par ses célibataires, même*, 1915–1923, tinta óleo, verniz, chumbo, pó e vidro, 277,5 cm × 175,9 cm)⁶³ de Marcel Duchamp, onde o vidro é dividido em duas alturas, na parte de baixo ficam os noivos engrenagens amassadoras de chocolate que nunca alcançam a noiva que ocupa o plano superior.

Por outro lado pensando num circuito simples de ascensão, de transferência de algo que sai de baixo e pode ir para cima (imagem de elevação muito provavelmente introjetada desde a infância através de narrativas em desenhos animados e filmes estadunidenses que representavam a transcendência fantasiosa do personagem recém-falecido para um céu adocicado cheio de nuvens barrocas, através de uma grande escada ou ainda de uma escada rolante).

No meu caso o sistema “funcionaria” em duas etapas, aonde primeiro, um usuário iria até o aparelho subtrator de peso (de consciência) que é o genuflexório que se encontrava não virado para uma cabine (confessionário) onde ficaria um padre como é o habitual nas igrejas católicas, mas virado para a janela da sala que dá acesso à rua; e depois dessa etapa fictícia de alívio do peso da culpa o sujeito estaria apto a ascender leve através do uso da escada que se iniciava nas paredes opostas ao genuflexório.

O problema é que essa escada não era uma *coluna infinita*, não subia em direção ao céu, ela acabava no teto, não levava ao prometido paraíso celestial. Eu pensava idealmente nesse trabalho com uma espécie de denuncia da falha da promessa de ascensão, claro, essa era a direção de minha intenção simbólica e não o que o trabalho era ou deveria ser, mas a minha vontade como ateu liberto (até certa medida, dos danos psicológicos que a lavagem cerebral e a coerção promovida pela religião provocam). São marcas permanentes que essa gente de bem impõe à muitas parcelas da sociedade.

E aqui gostaria de usar a situação acima para estabelecer um ponto de conexão com o meu trabalho artístico atual, onde não me interessa mais a sutileza da sugestão, sinto que necessito me

⁶³ C.f. catálogo da participação das obras de Marcel Duchamp na 19ª Bienal Internacional de São Paulo de 1987, (p. 36-41). Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name85b234/89> Acesso em 7 de fevereiro de 2022.

direcionar para o horizonte simbólico de um León Ferrari e de sua *La Civilización Occidental y Cristiana*. Principalmente depois da experiência psíquica e física de um golpe de Estado seguido de uma ação criminosa de *lawfare* que colocou um fantoche fascista no comando do Poder Executivo do país. Sujeito criminoso que além de envenenar uma porcentagem significativa da população brasileira com seu programa de ódio obscurantista, promove e facilita o acesso à armas de fogo, destrói sistematicamente o que resta do estado de bem-estar social⁶⁴ e contribui com sua vilania para o aumento de internações e mortes por Covid-19 e suas variantes através de sórdidas mentiras contra a vacinação e contra quem defende a vida.

Infelizmente fomos expostos à experiência macabra de um governo genocida, de um estado sob um regime necropolítico. Diante de mais de seiscentos e oitenta mil (683.965)⁶⁵ mortos *não há condições para sutilezas*. E com isso penso que é necessário seguir buscando por formas mais objetivas de apresentar o óbvio. Sim, precisamos diariamente defender o óbvio que é negado dia e noite por grupos com coordenação local do “gabinete do ódio”, alinhados com organizações de atuação global de extrema direita, sendo uma delas chamada de Internacional Conservadora⁶⁶, onde atua Eduardo

⁶⁴ Segundo infere o pesquisador Luis Felipe Miguel nunca foi permitido que chegássemos de fato a este estado. “No Brasil, não se construiu nada que sequer lembrasse o Estado de bem-estar social (que foi, na Europa, a solução de compromisso encontrada para garantir a convivência entre a acumulação capitalista e a legitimidade do sistema político). Os eixos principais do conflito estavam na vigência da legislação trabalhista, na garantia de um poder de compra mínimo para os salários e na reforma agrária. Este é um aspecto constante, que ajuda a explicar também a crise política atual: a tolerância dos grupos dirigentes brasileiros à igualdade é muito reduzida. Medidas tímidas para a redução das distâncias sociais já são consideradas inaceitáveis e levam a reações de desestabilização da ordem política. Nessas condições, só prospera sem tensões uma democracia profundamente autolimitada, que refreie qualquer impulso para o combate à desigualdade”. MIQUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. P. 41-41.

⁶⁵ Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass). Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19> Corona Vírus Brasil - Disponível em: <https://covid.saude.gov.br> Acesso em 31 de agosto de 2022.

⁶⁶ Comentarista internacional José Reinaldo Carvalho em conversa com o jornalista Leonardo Attuch sobre a ofensiva nazifascista ser coordena por grupos globais, assunto que volta à pauta nacional em função de tentativas de naturalização de defesa de um partido nazista ser oficializado no Brasil a partir de Bruno Aiub, mais conhecido como Monark, no podcast *Flow* em 07 de fevereiro de 2022 com aquiescência do Deputado Kim Kataguiri do partido Podemos e ex-membro do MBL (Movimento Brasil Livre, movimento político brasileiro liberal conservador, ativo desde 2014); de Adrilis na Jovem Pan com cumprimento nazista *Sig heil** dissimulado de um aceno de adeus, sendo que ele nunca havia feito exatamente este mesmo tipo de gesto em programas anteriores onde ele balança o braço e mão no sentido de um tchau. Esses eventos recentes são repetições de J.M.B. no programa CQC, ou em entrevista que ele diz que deveriam ter sido assassinados “uns 30 mil” pela ditadura empresarial militar no Brasil (1964-1985), ou do então secretário (e não ministro, pois o Ministério da Cultura - MinC foi extinto no primeiro dia de governo de J.M.B., em 1º de janeiro de 2019, pela medida provisória nº 870; já que o golpista Michel Temer havia sem sucesso também logo após a sua posse em 31 de agosto de 2016 – como se pode perceber, acabar com a cultura é uma prioridade para os ultraliberais e para os fascistas) da cultura Roberto Alvim com emulação do discurso do ministro da propaganda nazista de Hitler, Joseph Goebbels, em rede nacional em 16 de janeiro de 2020. *Bom dia 247: A cassação de Kim e a volta triunfal de Lula* (10.2.22), TV 247, Bom Dia 247, 10 de fevereiro de 2022. **“Sieg Heil* é uma expressão alemã que significa ‘salve a vitória’ ou ‘viva a vitória’. Foi muito utilizada durante o período nazista, sobretudo a partir da década de 1930, e conjugando-se frequentemente com a saudação de Hitler, ou seja, *Heil*

Bolsonaro⁶⁷, oportunamente colocado como um dos chefetes na América Latina. Questões urgentes como essas citadas acima, juntamente com tantas outras, precisam ser colocadas à vista. E enfatizo que não tenho a pretensão de falar no lugar de outras pessoas ou grupos, não tenho a ambição moderna de guiar, de ser vanguarda. Entendo que faço parte da sociedade, sou um cidadão, um átomo passageiro entre uma enormidade, sou uma posição entre tantas outras, sou uma testemunha e com isso compartilho as minhas impressões a partir do que tive a capacidade de observar, que sei ser pouco e evidentemente parcial e, portanto, passível de muitos enganos. E esse escrito justamente mostra um pouco desse processo de conscientização política e como isso reflete nos trabalhos artísticos que realizo.

Mas, novamente voltando alguns passos atrás, na direção do antes, gostaria de apresentar mais alguns trabalhos que julgo relevantes em meus processos de transição artística.

Desde o final dos anos noventa até 2015-16 tenho trabalhado com mais atenção sobre a modificação, construção e cruzamento de objetos de mobiliário que atribuo a questões vindas de condicionamentos e memórias físicas que são minhas (mas que outras pessoas podem acessar as suas próprias memórias através da situação de experiência artística com as formas, cores, espaços e materialidades), alusões a ações e posturas corporais automáticas (sentar, deitar, ajoelhar, desviar, parar, tocar, aproximar, atravessar, ficar em pé) e subordinações mentais, tais como o cansaço (Fig. 14), a culpa (Fig. 1, 15), o luto (Fig. 5 e 21), a percepção da finitude (Fig. 5, 6, 21), o dever (Fig. 21), o desejo e a contiguidade.

Essas eram questões minhas como artista, em grande medida oriundas de contextos pessoais. Então, através dos títulos dos trabalhos, eu procurava estabelecer um campo de troca mais direto com o público, não concentrando todo o valor simbólico apenas nos aspectos visuais e materiais das peças,

Hitler, que significa 'Salve Hitler'. A expressão em si surgiu durante uma reunião, quando Joseph Goebbels disse *Sieg Heil* e todos o acompanharam. No entanto, uma pessoa próxima de Hitler, Ernst Hanfstaengl, alega que Hitler criou o termo. Atualmente, proferir a frase na Alemanha pode acarretar até três anos de prisão como punição. O mesmo vale para expressões que equivalham a *Sieg Heil*." *Sieg Heil*. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2013. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sieg_Heil Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

⁶⁷ "Steve Bannon, ex-estrategista-chefe de Donald Trump, anunciou Eduardo Bolsonaro como líder do 'The Movement' na América Latina, uma rede internacional de direita que se encontra em planejamento. Ao contrário da visita de Waldemar Herdt, o encontro com Beatrix von Storch, que é neta do ministro de finanças de Hitler, gerou uma grande indignação, sobretudo por grupos judeus e organizações de direitos humanos." Quem é o homem que conecta a extrema-direita alemã com evangélicos brasileiros: Parlamentar da AfD Waldemar Herdt fala sobre aliança entre ultraconservadores dos dois países. Niklas Franzen e Andrea Becker, Agência Pública, *Brasil de Fato*, 01 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/01/quem-e-o-homem-que-conecta-a-extrema-direita-alema-com-evangelicos-brasileiros> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

mas também na linguagem escrita e falada⁶⁸. Nem sempre a presença da palavra era empregada para sugerir um caminho mais curto de leitura, às vezes eu fazia uso de neologismos, trocadilhos e jogos que eventualmente levaria o público para outros lugares de pensamento que não de uma tautologia, mas em outros casos procurava incorporar a linguagem coloquial, os ditos populares. Ouso dizer que popular também era o material empregado na maioria destas esculturas, evocando o campo da arte poderia falar de materiais usados por artistas da Arte Povera: a madeira (chamada genericamente de cedrinho utilizada em construção civil, de baixo custo e facilmente encontrada em comércios de construção das regiões sul e sudeste do país); cola; parafusos; cavilhas; estrato de noqueira; esmalte sintético; vernizes para madeira; entre outros materiais. Não por um impulso no sentido de emular trabalhos da Arte Povera, mas principalmente por um contexto econômico, eram os materiais que eu tinha convívio desde a infância quando eram os que eu tinha acesso. Eram materiais literalmente familiares.

As questões apontadas logo acima foram apresentadas em esculturas e instalações através da presença da escala do corpo humano (e não do próprio corpo representado, mas a escala do corpo através das peças de mobiliário – cadeiras, camas, mesas, bancos, genuflexórios). Intuo, em termos de uma experiência sensível, que os trabalhos e suas relações com a escala humana disponibilizam aos corpos do público uma possível relação de natureza visual e ou física, possibilitando percursos, circulações, memórias corporais, atravessamentos, entradas (fig. 20 e 22), saídas e toques. Penso que se tratava especialmente de uma relação fenomenológica entre espaço expositivo, objeto artístico e os corpos do público. Pelo menos para mim esses eram os elementos que estavam em questão – espaço, coisa e sujeito.

⁶⁸ Tenho um trabalho com áudio embutido dentro de escultura que participou da exposição itinerante *O Estado Amoroso e a Melancolia* (2005-2009) e também trabalhos sonoros dentro do coletivo POIS com Marcelo Gobatto e Claudia Paim, um deles foi veiculado na rádio do Fórum Social Mundial de 2005.



Fig. 20 *Intervenção Torreão*, 2008, madeira e esmalte sintético, 400 x 400 x 90 cm
Torreão, Porto Alegre, RS, fotografia Fábio Del Re

A partir de 2008 e em especial com a instalação *site specific* para o espaço de arte independente Torreão (fig. 20) venho fazendo esculturas e instalações através do entrelaçamento de estruturas lineares vazadas (Fig. 21 e 22). Se tomasse apenas o aspecto visual estas esculturas poderiam ser eventualmente relacionadas ao movimento artístico chamado de minimalismo⁶⁹ oriundo dos Estados Unidos nos anos 60. Não foi a minha referência primordial, mas de tanto me ser indicado acabei por empreender uma pesquisa sobre esse grupo de artistas.

Diferentemente dos *objetos específicos*⁷⁰ minimalistas estadunidenses (autorreferentes, no sentido tautológico de *o que você vê é o que você vê*⁷¹ e não representativos de objetos de uso

⁶⁹ “Em sentido estrito, há cinco artistas cujos objetos, esculturas e instalações podem ser subsumidas ao termo Minimal Art: Carl Andre, Dan Flavin, Donald Judd e Robert Morris.” MARZONA, Daniel. *Minimal Art*. Köln: Taschen, 2005. (p. 7)

⁷⁰ Texto *Objetos Específicos* (1963) de Donald Judd, publicado no Brasil no livro *Escritos de Artistas – Anos 60/70*, organização de Glória Ferreira e Cecília Cotrim. (pág. 96-106).

⁷¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998. (p.63)

cotidiano), minhas estruturas partem de tipologias de objetos do mobiliário (mobiliário doméstico de madeira manufaturado, em especial) ou de medidas (escalas) vindas destes objetos - portanto de escalas humanas, tendo como uma referência pessoal, pelo menos desde o final dos anos 90, o artista polonês Miroslaw Bałka (1958, Varsóvia) e o artista português Pedro Cabrita Reis (1956, Lisboa).

Tanto Bałka quanto Cabrita Reis podem ser associados às tendências chamadas de pós-minimalista, tendo a questão fenomenológica como base conceitual e no caso desses artistas também motivados por temas autorreferentes, histórias pessoais e trazendo o corpo do artista como mote para produção de seus trabalhos. Apesar da base comum na teoria da fenomenologia da percepção⁷² do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908, Rochefort-sur-Mer - 1961, Paris) - basilar tanto para o minimalismo estadunidense quanto para o neoconcretismo do Brasil – (Hélio Oiticica, por exemplo, com seus ambientes e penetráveis), entendo que minha eventual relação estava mais ligada à arte contemporânea portuguesa, de viés, pós-minimalista, e também relacionada à leitura crítica ao minimalismo norte-americano pelo teórico francês Georges Didi-Huberman (1953, Saint-Étienne), no seu livro *O que vemos, o que nos olha*, onde ele escreve: “O cubo de Tony Smith é antropomorfo na medida em que tem a capacidade, por sua própria apresentação, de nos impor um encadeamento de imagens que nos farão passar da caixa à casa, da casa à porta, da porta ao leito e do leito ao ataúde.” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 127). E o artista português que foi um ponto de virada⁷³ em minha formação e produção foi Pedro Cabrita Reis, apresentado por outro artista fundamental em minha definitiva entrada no campo da escultura, Daniel Acosta (1965, Rio Grande, Rio Grande do Sul).

Dois exemplos mais próximos destas esculturas baseadas em estruturas lineares vazadas são *Desobrigação das adaptações passageiras*, 2012 (fig. 21) e *Para um*, também de 2012 (fig.22). O título *Desobrigação das adaptações passageiras* foi extraído de uma passagem do romance de formação⁷⁴ do

⁷² Maurice Merleau-Ponty. *A Fenomenologia da Percepção* (1945).

⁷³ Dentro do programa de extensão *Formas de Pensar a Escultura*, realizei o curso: *Cama, Mesa e Banho* (10 de setembro a 09 de outubro de 1999), no Instituto de Artes no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul orientado pelo professor e artista Daniel Albernaz Acosta.

⁷⁴ *Bildungsroman* “termo em alemão que se refere às obras literárias dedicadas a explorar o desenvolvimento completo de um personagem, em geral desde a infância ou adolescência até a idade adulta. A montanha mágica acompanha um momento crucial na vida do jovem burguês Hans Castorp, que começa a história indo visitar um primo em um sanatório para tuberculosos nos alpes suíços, na vila de Davos. Hans está prestes a iniciar sua carreira como engenheiro naval, mas estende sua permanência no sanatório ao ser diagnosticado com sintomas da doença. Curiosamente, neste que é considerado um dos mais icônicos romances de formação, o personagem principal, chamado pelo autor de “nosso herói” passa maior parte do tempo fazendo... nada. A aventura dele é bem outra: uma jornada que é ao mesmo tempo para dentro de si e para a compreensão dos pensamentos que fermentavam e se contrapunham na Europa do começo do século XX. No fundo, ele é um Ulisses às avessas (...) preso eternamente numa ilha de Circe.” Renata Beltrão, 7 motivos para ler ‘A

escritor alemão Thomas Mann *A Montanha Mágica* (1924), onde o autor fala sobre a morte do avô do personagem central do romance Hans Castorp. Nesse fragmento do livro o autor coloca a morte como uma libertação das obrigações impostas pela vida, demandadas pela sociedade, onde o então personagem falecido já não precisaria mais - como Charles Baudelaire em *O Letes - querer dormir mais que viver*⁷⁵, pois na morte não há mais o querer ou o dever. E a forma horizontal vazada e sustentada pelas duas cadeiras está no lugar simbólico do esquife, como disse Huberman sobre o cubo do minimalista Tony Smith, “(...) passar da caixa (...) ao leito e do leito ao ataúde.” *Desobrigação das adaptações passageiras* é uma escultura que contempla a definição que nos dá Rosalind Krauss (1941, Washington) em seu livro *Caminhos da Escultura Moderna* (1977), onde a crítica estadunidense diz que uma escultura é uma coisa onde podemos andar em volta; ou seja, uma espécie de sistema fechado, onde o público não entra.

E foi pensando nessa acepção (de não poder entrar na escultura) e também na ideia de um jogo simbólico de subverter o uso costumeiro de um objeto, no caso uma cadeira (que é feita para sentar), que propus *Para um* (fig. 22). Essa escultura é uma cadeira que possui uma espécie de porta, onde o espaço vazado do portal possui a minha altura e largura, assim como no volume horizontal de *Desobrigação das adaptações passageiras*, usei o meu corpo como escala. Nessa cadeira que construí não é possível sentar como em uma cadeira convencional, mas é possível apresentar ao público a possibilidade de entrar na cadeira, se alguém assim desejar. Com isso pensava que ao impedir uma ação habitual, eu poderia oferecer uma nova experiência, entrar em uma cadeira. E por ter escolhido manter em alguma medida as proporções de uma cadeira média comum, só caberia uma pessoa por vez, então o para um. Mas se pensarmos no espaço ao redor da escultura, o sujeito que resolve entrar na cadeira acaba por oferecer uma imagem inusitada para todos que estão visitando o mesmo espaço, então a experiência visual poderia ser para todos os demais presentes no espaço expositivo.

Para um funciona como uma espécie de complemento oposto à *Desobrigação das adaptações passageiras*, *Para um* é vertical, permite que se entre dentro da cadeira. Em *Desobrigação das adaptações passageiras* não se pode entrar, não se pode sentar, é uma espécie de sistema fechado

montanha mágica’, Lombada Quadrada, 16/05/2018, Disponível em: <<https://lombadaquadrada.com/2018/05/16/7-motivos-para-ler-a-montanha-magica/>> Acesso em 24 de janeiro de 2022.

⁷⁵ Fernando Vidal, no posfácio “A experiência melancólica aos olhos da crítica” in STAROBINSKI, Jean. *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (p. 501)

para uma entrada física, mas aberto visualmente, o olhar atravessa a peça, não há um dentro inacessível, a estrutura predominantemente horizontal está à mostra, estática e vazia.

Por ocasião da pesquisa retomo o olhar para Mirosław Bałka e descubro que ele fez a cenografia da ópera *A Montanha Mágica*⁷⁶ dirigida por Andrzej Chyra em 2015. Em entrevista o artista diz sobre a primeira experiência de produzir um cenário:

Percebi o medo da situação política não graças às informações atuais sobre o que está acontecendo no leste da Ucrânia, mas graças à mídia escrevendo sobre a "Montanha Mágica". (...)
Era importante definir o gesto que seria feito com o cenário. Esse gesto existencial beckettiano, camusiano, foi uma reviravolta, uma queda. Um corpo saudável cai e é então definido como um corpo doente ou morto. Era importante para mim que o design do cenário também caísse. (...)
Durante meu trabalho, descobri que ao fazer o cenário, havia muitos materiais artificiais. Era o contrário do que eu faço na arte e causou um problema no começo. O mundo do teatro é um mundo onde tudo pode ser feito de papel, e eu fui criado com honestidade material, construí minha arte sobre isso e estou construindo até agora. (...) Escolhi o material mais simples que me pareceu o mais honesto, ou seja, uma estrutura de aço e compensado (...).

Essa passagem me faz lembrar de como eu tive que adotar outra maneira de trabalhar para atender o convite do Sesc de Osasco para fazer a exposição *Objetos Oblíquos* (2015) em um espaço que estava em construção, não haviam galerias para serem ocupadas por obras, mas um espaço entre as edificações temporárias que já estavam em funcionamento e aguardando a futura construção de edificações definitivas para o grande terreno em Osasco. As formas eram próximas das esculturas da exposição *Que a Distância nos Guarde*, na Galeria Virgílio em 2012, onde as peças foram construídas por mim com caibros e sarrafos de madeira a partir de esboços feitos com poucas linhas em cadernos de anotações. Mas como as esculturas não teriam abrigo do sol e da chuva, elas não poderiam ser de madeiras e também devido às dimensões de algumas pelas, levando em conta a relação das peças com o espaço aberto, as reduzidas secções da madeira (que representam as penas das cadeiras) não aguentariam os próprios pesos. Então em lugar de caibros de madeira foram usados tubos quadrados de aço; no lugar de simples desenhos esquemáticos de linhas (fig. 31) que eu mesmo iria interpretar no

⁷⁶ "Agnieszka Sural: 'A Montanha Mágica' com música de Paweł Mykietyn e direção de Andrzej Chyra, não conta uma história do romance de Mann, cujo enredo se passa pouco antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. No entanto, é difícil subestimar a oportunidade deste livro em vista da atual situação política." "'Montanha Mágica', ópera em II atos. Música: Paweł Mykietyn, libreto: Małgorzata Sikorska-Miszczuk, diretor: Andrzej Chyra, cenografia: Mirosław Bałka. Estreia: 26 de junho de 2015, Malta Festival Poznań." SURAL, Agnieszka. Mirosław Bałka: Molehill, queda e trincheiras [entrevista]. Culture PL, Artes visuais, 3 de agosto de 2015. Disponível em: <https://culture.pl/pl/artykul/miroslaw-balka-kretowisko-upadek-i-okopy-wywiad> Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

ateliê, tive que aprender os rudimentos do programa *SketchUp* para poder elaborar arquivos (fig. 32) com projetos tridimensionais que seriam passados para o engenheiro da metalúrgica que iria produzir as peças.

Para um e Desobrigação das adaptações passageiras estavam na exposição individual *Que a Distância nos Guarde*, que foi uma exposição de caráter bastante pessoal, por isso ainda as medidas usadas para as “portas” ou outros elementos das peças foram baseadas em minhas medidas na época. Na exposição *Objetos/Oblíquos* a porta de entrada para a escultura *Estruturas do Hábito* de 2015 (fig. 23) já adotei a medida aproximada de uma porta de uma casa, ou seja, mais uma medida arquitetônica e menos a minha medida corporal. *Estruturas do Hábito* é uma junção de medidas e formas simplificadas de, além da porta, objetos de mobiliário que já faziam parte do meu vocabulário: a área da peça tem a dimensão aproximada de uma cama de casal conectada a uma cadeira e um genuflexório.

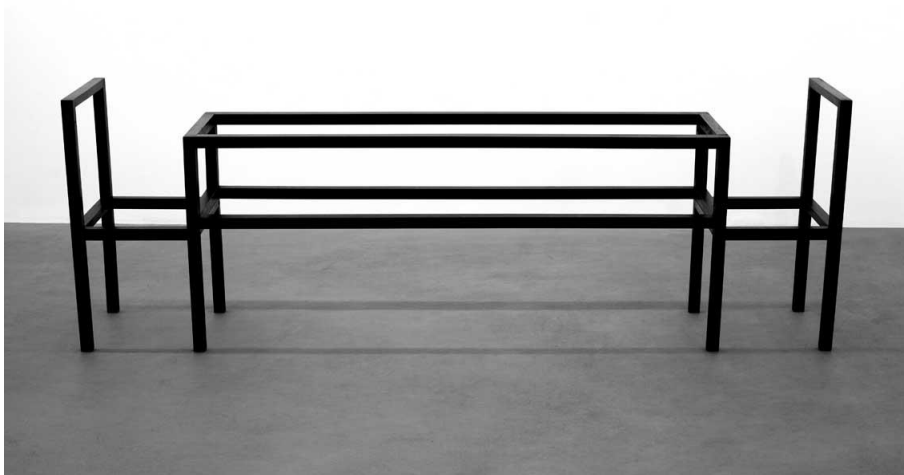


Fig. 21 *Desobrigação das adaptações passageiras*, 2012, madeira, pigmento e cera
90 x 42 x 264 cm
Exposição individual *Que a Distância nos Guarde*
Galeria Virgílio, São Paulo, 2012
fotografia: Jerri Rossato Lima

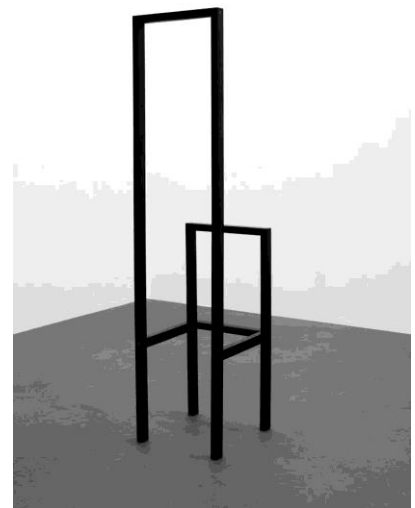


Fig. 22 *Para um*, 2012
madeira, pigmento e cera
180 x 42 x 45 cm
Que a Distância nos Guarde
Galeria Virgílio, 2012
fotografia: Jerri Rossato Lima
Acervo MAC-RS

Atribuo a escolha pela redução de elementos e informações presentes nos trabalhos que realizei com a intenção de indicar uma espécie de clareza visual quanto à escala humana e as tipologias de mobiliário e de elementos de arquitetura representadas: cadeiras (fig. 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29) casas⁷⁷ (fig. 24), escadas (fig. 1), corrimão/guarda corpo (fig. 8, 20, 29) marcos (batentes) de portas (fig. 22 e 23), mesas, camas (fig. 14, 18, 23), genuflexórios (fig. 1, 13, 15, 23, 29), barreiras/barricadas militares, (fig. 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32). Sendo que as barricadas/espinhos/barreiras militares (que são elementos originalmente feitos de aço e destinados aos ambientes externos para impedir a passagem de veículos motores em ruas, campos, estradas, etc.) foram mescladas a cadeiras de madeira, com exceção das esculturas *Conformismo* (fig. 25) e *Quatro Poderes* (fig. 27) ambas as peças de aço produzidas em 2015.

Então nos primeiros trabalhos que apresentam essa junção, existe um procedimento de trazer esses espinhos militares para o lado de dentro, para mais perto dos corpos – gerando uma percepção/noção de que esses impedimentos/obstáculos à movimentação/circulação – que são feitos para nos deter - estão rentes ao nosso corpo, no nosso dia-a-dia – evidentemente em uma leitura simbólica.

As peças da exposição *Objetos/Oblíquos* (Sesc Osasco, 2015 e Sesc Presidente Prudente, 2016) começam a marcar com maior intensidade uma necessidade e abordar temas que não apenas afetam a esfera do privado, mas que acabam por moldar a percepção que temos da esfera pública, em especial a escultura *Quatro Poderes*. O texto *À prova do corpo*, da crítica de arte e curadora Olivia Ardui apresenta os seguintes pontos da mostra no Sesc:

Levantar. Andar. Sentar. Deitar. Nossos cotidianos são ritmados essas por ações aparentemente banais e inócuas, que incessantemente se reiteram, se sucedem seguindo a pulsação do relógio e o decorrer dos dias. Por trás dessas repetições singelas se dissimulam uma coreografia normatizada por nossa sociedade que ensaiamos desde crianças. O mobiliário do dia-a-dia tem um protagonismo central nessa dança uma vez que ele sugere sub-reptícias etiquetas corporais. A adaptação e uniformização das posturas pelo mobiliário cotidiano é precisamente uma das premissas fundamentais na obra de Luciano Zanette.

De fato, o artista evidencia as estruturas de poder e submissão por trás das tipologias de mobiliário mais difundidas, que funcionam como ferramentas de contenção e adequação do corpo individual às normas e padrões de um corpo coletivo. Esse interesse já é latente em suas primeiras instalações, nas quais reconfigurava peças encontradas de mobiliário cotidiano investidos com uma certa carga afetiva.

⁷⁷ “(...) somos... ‘produzidos’ pelo espaço”. (BRANDÃO, 2002, p.15)

“Em especial, por esse espaço mais próximo que chamamos de espaço-doméstico (...) somos impensáveis sem as casas que nos acolheram, nos coproduziram e seguem, a seu modo, engendrando-nos.” (p. 16). *A Casa Subjetiva: Matéria, afeto e espaços domésticos* (2002) de Ludmila de Lima Brandão.



Fig. 23 *Estruturas do Hábito*, 2015, aço e pintura eletrostática
190 x 190 x 160 cm
Exposição *Objetos/Oblíquos*, Sesc Osasco, 2015
fotografia: Felipe Berndt



Fig. 24 *Inscrição*, 2015
aço e pintura eletrostática
170 x 50 x 120 cm
Objetos/Oblíquos, Sesc Osasco, 2015
fotografia: Felipe Berndt

Progressivamente, essa reflexão acerca dos condicionamentos insinuados por esses móveis foi se depurando e o artista começou a trabalhar com uma ideia mais abstrata e gráfica desse mobiliário em estruturas compostas e vazadas como as esculturas recentes do conjunto presente na mostra *Objetos/Oblíquos*. Apesar de tomarem forma de estruturas simplificadas e geometrizadas, as esculturas se referem às tipologias reconhecíveis de móveis que povoam nossas casas e escritórios: mesas, cadeiras, camas, entre outros. As composições de Zanette muitas vezes apresentam algum eixo deslocado ou um elemento que impossibilita a sua utilização, frustrando o apelo físico que esses móveis em tamanho real suscitam. É desnortando o espectador, impossibilitando o uso desses objetos, que o artista aponta para nossas respostas corporais e automatismos escondidos diante desse mobiliário, assim como eles reverberam em valores e princípios difundidos na sociedade.

A cadeira usual, objeto recorrente no trabalho de Zanette, por exemplo, corresponde a um modo de sentar propriamente ocidental: o que implica uma postura na qual o tronco forma um ângulo reto com as coxas e, por sua vez, com os joelhos. No entanto, se trata apenas de uma entre outras fórmulas que existem em outras partes do mundo como sentar ajoelhado ou ainda de pernas cruzadas. Além do mais, essa cadeira, é sintomática da condição atual de crescente inatividade física e, por extensão, dos padrões de passividade que progressivamente imprime nos indivíduos.

Zanette se refere a essa contenção mental suscitada pela contenção física induzida pela posição sentada em *Inscrição*, escultura na qual uma cadeira de tamanho real parece contida em uma

estrutura que denota um teto. A escultura sugere, por um lado, o conforto de uma casa, mas por outro, também um certo conformismo que essa comodidade pode ocasionar. Esse conforto domiciliar e sua relação com uma inércia conformista também é evocada em *Estruturas do Hábito*, que consiste em uma estrutura de aço vazada que resulta em um conglomerado de diferentes móveis: uma cama, cadeira, uma porta e um genuflexório. O espectador pode adentrar esse espaço da esfera privada, do quarto e da fé individual. O título é indicativo dos diferentes entendimentos do termo "estrutura" que permeiam os trabalhos do artista: a própria estrutura da escultura, a casa como metáfora de uma estrutura familiar, religiosa e social e, por fim, as estruturas comportamentais que esses diferentes agentes privilegiam.

A escultura *Quatro Poderes* é sintomática tanto da continuidade da reflexão sobre as diferentes implicações por trás do sentar e da cadeira, quanto de um direcionamento explicitamente político no trabalho recente de Luciano Zanette. A escultura consiste em quatro cadeiras equilibradas por uma de suas pernas é mais longa do que as outras. Cada perna prolongada é levemente inclinada de maneira a que as pernas das diferentes cadeiras se cruzem em um ponto, possibilitando um equilíbrio. Desta maneira, por estarem em altura e inclinadas, o uso das cadeiras fica impossibilitado. A altura e dificuldade de acesso remetem à história dessa peça de mobiliário, que originalmente e durante muito tempo era atribuída a figuras de poder político ou religioso, antes de se tornar uma peça standard de mobiliário no século XIX. As quatro cadeiras inacessíveis, que representam os poderes executivo, legislativo, judiciário e o da mídia, se apoiam uma na outra em uma configuração frágil, mas que ainda assim mantém o seu equilíbrio.

Para além das camadas e leituras políticas do trabalho recente de Zanette, dessas estruturas frias norteadas pelo que parecem linhas de força matemáticas e impessoais, parece sempre se desprender uma certa melancolia. De fato, as estruturas parecem suspensas em um estado de desequilíbrio, sem nenhum resquício de individualidade e na constante iminência da queda do conjunto. Talvez porque essas estruturas que ditam suas próprias regras resistem as resiliências e organicidades do corpo de cada indivíduo e que, em última instância, foram elaborados à prova dos corpos que as habitam. (ARDUI, 2015)

Considerando um passo em direção a uma transição ainda incerta e generalista de minha produção para camadas de leituras políticas, penso ser *Quatro Poderes*, até aquele momento, o trabalho exposto ao público que mais avança nesse sentido, mesmo que ainda de maneira muito genérica e leiga a apontar para os poderes executivo, legislativo, judiciário e a grande mídia corporativa.

Foi a tentativa de abordar uma noção mais ampla, menos íntima e mais voltada para as estruturas dos poderes políticos. As cadeiras foram proposta não de forma utilitarista e doméstica, uma cadeira para se trabalhar, jantar ou descansar, muito menos etérea (ou à maneira surrealista) como a cadeira da instalação *Em ti* de 1999 (fig. 19); mas a cadeira vinculada a noção de poder, daquele poder distante, que a população não tem acesso direto.

A cadeira dentro do significado oficial de "ocupar uma cadeira" – no sentido que Ardui traz no seu escrito – , "que originalmente e durante muito tempo era atribuída a figuras de poder político ou religioso", ou seja, um objeto de marca uma distinção de hierarquia de poder social e cultural.



Fig. 25 *Quatro Poderes*, 2015, aço e pintura eletrostática, 500 x 335 x 335 cm
Exposição individual *Objetos/Oblíquos*, Sesc Presidente Prudente, 2016

A cadeira como um objeto trazido da Europa ocidental para o Brasil, símbolo de educação e “boas maneiras”. Etimologicamente a palavra cadeira tem origem no grego *káthedra* que seria um “local de assento. A palavra ‘catedral’, ou seja, o lugar onde fica a mais alta autoridade eclesiástica de uma região, tem a mesma origem. Fazendo analogia, quando alguém conhece algum assunto ‘de cátedra’ é porque é uma autoridade no tema”⁷⁸. Também se atribui o nome de cadeira, por extensão e proximidade, à estrutura óssea do corpo humano que está em contato com o assento do móvel – “As cadeiras, aquela parte do corpo logo abaixo da cintura, levam esse nome porque são a parte que se acomoda ao sentarmos.”⁷⁹, usava-se o termo cadeira no lugar de quadril, ou de pelve – “nos seres humanos [seres pelvísticos] a pelve (ou popularmente chamada de bacia [devido a origem da palavra em latim que também significava concha ou tigela] é a região de transição entre o tronco e os membros

⁷⁸ Cadeira. In: Dicionário Etimológico. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cadeira/> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

⁷⁹ Cadeira. In: Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/cadeira/> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

inferiores”⁸⁰, esse lugar de muitos nomes que é o nosso centro de gravidade; assim como esses quatro poderes são os centros onde gravitam as decisões do país. Então essas quatro “cadeiras” como *região de transição* entre trabalhos anteriores ligados à afetos pessoais, a “*uma coreografia normatizada por nossa sociedade que ensaiamos desde crianças*”, ao “*mobiliário do dia-a-dia*” como protagonista central “*uma vez que ele sugere sub-reptícias etiquetas corporais (...), a adaptação e uniformização das posturas pelo mobiliário cotidiano*”, aos estados de desequilíbrios entre eles o estado melancólico para um Estado, uma país em desequilíbrio, onde as cadeiras conquistadas por voto popular são roubadas por além dos quatro poderes citados, pelo poderes financeiros, empresariais, religiosos e claro dos impérios capitalistas.

Mas *Quatro Poderes*, assim como muitos outros trabalhos meus, não surgem de repente, são frutos de buscas, demoram alguns anos para sair das cadernetas de notas, são resultantes de tentativas e variações de formas, escalas, materiais e abordagens. Antes de *Quatro Poderes* vieram, entre outros trabalhos, *Obstáculo defensivo entre si e o perigo*, 2012, que reaparece em *Conformismo*, 2015 e que ainda está no papel no pequeno desenho *Neoliberalismo Mata*.

⁸⁰ Pelve. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2014. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pelve> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.



Fig. 26 *Obstáculo defensivo entre si e o perigo*, 2012
madeira, pigmento e
cera, 90 x 72 x 72 cm
Individual *Que a*
Distância nos Guarde,
Galeria Virgílio, SP



Fig. 27 *Conformismo*, 2015
aço e pintura eletrostática, 100 x 100 x 90 cm
Exposição individual *Objetos/Oblíquos*
Sesc Osasco
2015

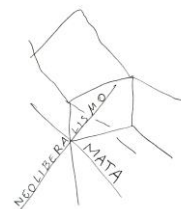


Fig. 28 *Neoliberalismo Mata*
caneta sobre papel
anotação para escultura
ainda não construída
exposição *Confronto*
Subsolo Espaço de Arte
Campinas, SP, 2018

Obstáculo defensivo entre si e o perigo (fig. 26), uma cadeira aberta, ou incompleta, inacabada ou ainda inútil, está muito próximo de *Para um* (fig. 22), foram construídos em madeira a partir da tipologia da cadeira e da ideia de unidade (de uma cadeira que receberia o corpo de uma pessoa por vez se nós pensarmos no uso da cadeira mais corriqueiro), os dois trabalhos com os pés apoiados no chão onde prevalece uma certa verticalidade, apesar do “X” levemente inclinado e encostado no único pé frontal de *Obstáculo defensivo entre si e o perigo*. Os dois trabalhos estavam na mesma exposição que tinha um caráter bastante pessoal e com muitas referências à melancolia, ao distanciamento, à finitude e à solidão.

Já *Conformismo*, de 2015 (fig. 27) acredito estar em outra esfera, considero o título como um passo no caminho de algo mais direto, um incômodo a partir de um despertar. Penso conformismo como uma autocrítica e por extensão também uma crítica mais ampla à boa parte da sociedade da qual faço parte, mesmo que ainda com um escopo mais aberto. E sim, ainda estão presentes os elementos que associo como atributos melancólicos - o preto (do grego *μελαγχολία* — *melagcholíá*; de *μέλας* — *mélas*, "negro" e *χολή* — *cholé*, "bílis"), o desequilíbrio visual marcado pela diagonal, pela obliquidade da cadeira (o título da mostra era *Objetos/Oblíquos*) em uma espécie de suspensão de não uso e

também o peso, e justamente esse peso visual e também físico do obstáculo/espinho/barreira militar que funciona como um grande asterisco em destaque com “negrito” e em itálico. Ardui no texto da exposição *Objetos/Oblíquos* aponta sobre elementos gráficos:

Progressivamente, essa reflexão acerca dos condicionamentos insinuados por esses móveis foi se depurando e o artista começou a trabalhar com uma ideia mais abstrata e gráfica desse mobiliário em estruturas compostas e vazadas como as esculturas recentes do conjunto presente na mostra *Objetos/Oblíquos*.

Nessa linha penso que o “X” elemento presente em *Obstáculo defensivo entre si e o perigo* e o asterisco em *Conformismo* se relacionam com o universo da escrita. A própria definição da palavra asterisco me sugere pontos de interesse e convergência, tais como as sua função de *indicar uma chamada de nota ou assinalar supressão, dúvida ou outra convenção previamente estabelecida; registra também o ponto defeituoso de um original na cópia de documentos; sinal usado pelos gramáticos para indicar lugares em que há lacunas*.⁸¹ Então essa barreira militar/asterisco como símbolo assinalador de *supressão* dos direitos civis pelo golpe empresarial militar de 1964, de *dúvidas* sobre quando seremos sujeitados a novos golpes de estado, dos militares golpistas como *pontos defeituosos* nas sociedades latino-americanas e das *lacunas* deixadas pela não punição dos militares pelos crimes de torturas e assassinatos após o golpe de 1964 ou pelo negacionismo criminoso e desvio de recursos públicos da saúde durante a pandemia de Covid-19 no Brasil e entrega das riquezas nacionais⁸². Essas são questões mais próximas e algumas delas serão apresentadas no terceiro

⁸¹ Sinal gráfico em forma de estrela (*), para indicar uma chamada de nota ou assinalar supressão, dúvida ou outra convenção previamente estabelecida; registra tb. o ponto defeituoso de um original na cópia de documentos. Etimologia, do grego asterískos, ou 'pequena estrela', pelo lat. asteríscus, i 'sinal us. pelos gramáticos para indicar lugares em que há lacunas'. Definições do dicionário *Oxford Languages* e Google.

⁸² Exclusivo: sem contestar, Exército paga quase triplo por insumo da cloroquina. Primeiros questionamentos formais do laboratório do Exército a empresa só aconteceram em julho, depois que o certame virou alvo de questionamentos do TCU. Daniel Mota, Luiz Fernando Toledo, José Brito e Vital Neto, *CNN Brasil*, 15/09/2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/exclusivo-sem-contestar-exercito-paga-quase-triplo-por-insumo-da-cloroquina/> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

TCU aponta indícios de fraude em compra de cloroquina pelo Exército. Relatório destaca “robustos indícios de fraude” nas licitações envolvendo a empresa Sulminas no fornecimento de matéria-prima para a produção de cloroquina. *CNN Brasil*, Vital Neto, José Brito e Marcos Guedes, 18/02/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tcu-aponta-indicios-de-fraude-em-compra-de-cloroquina-pelo-exercito/> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

Braga Netto desviou dinheiro para Covid e usou em gastos militares, segundo o TCU. *Central única dos Trabalhadores*, 04 Agosto, 2021, Redação CUT. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/braga-netto-desviou-dinheiro-para-covid-e-usou-em-gastos-militares-segundo-o-tcu-bfe3> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

capítulo. Mas já estão em trabalhos como o desenho *Neoliberalismo Mata*⁸³, que é um desdobramento da junção entre o espinho militar e a cadeira, ou ainda, a referência à união retrógrada e recorrente

Dinheiro do SUS para pandemia é desviado para gastos militares, diz MP. *Diário de Pernambuco*, 06/07/2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2021/07/dinheiro-do-sus-para-pandemia-e-desviado-para-gastos-militares-diz-mp.html> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

Como o lobby de um militar da reserva favoreceu mineradoras canadenses na Amazônia. Nos bastidores, velho conhecido de Mourão no Exército faz a ponte entre governo e Forbes & Manhattan, banco responsável por Belo Sun e Potássio do Brasil no exterior. Caio de Freitas Paes, *Agência Pública*, 21 de fevereiro de 2022.

Disponível em: <https://apublica.org/2022/02/como-o-lobby-de-um-militar-da-reserva-favoreceu-mineradoras-canadenses-na-amazonia/> Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

⁸³ Segundo Arthur Silva a visão de Pierre Dardot e Christian Laval a respeito do neoliberalismo no livro “A Nova Razão do Mundo” (2016): “O neoliberalismo não é um mero retorno ao liberalismo clássico dos séculos XVIII e XIX e sim uma verdadeira ruptura com este. No liberalismo clássico, os limites à intervenção do Estado na Sociedade Civil são corolários da liberdade individual, cujo fundamento ético é o bem comum. Ou seja, na visão dos clássicos do iluminismo e das primeiras correntes ideológicas imediatamente após as Revoluções Americana e Francesa, a centralidade ética não reside em uma ‘ditadura das vontades individuais’ somente limitada por outras ditaduras de igual valor, mas na noção de que a sociedade é mais do que a soma dos indivíduos que a constituem. A ideia de um bem comum permeia o cosmopolitismo kantiano e o espírito positivo de Comte. Se a esfera de atuação do Estado é limitada, é para evitar sua captura por interesses particulares que poderiam atrapalhar justamente a emergência deste bem comum. O que Dardot e Laval nos instigam a ‘desesquecer’ (ela mesma, a anamnese platônica) é que o neoliberalismo é uma ruptura com esse vínculo que une os limites da atuação do Estado ao bem comum. É preciso apagar a falsa noção de que o neoliberalismo é sobre a limitação da atuação do Estado. Muito pelo contrário. Desde o famoso Colóquio Walter Lippman em Paris em 1938, quando Alexander Rustow cunha o termo ‘neoliberalismo’ para distingui-lo de seu antecessor, esse “novo liberalismo” incentiva a intervenção estatal. Aqui o Estado intervém para impedir o surgimento de uma “ditadura da maioria” nas democracias, esvaziadas em aparelhos tecnocráticos e num primado do Poder Judiciário. Intervém para disciplinar as relações interpessoais moldando-a na forma de uma competição generalizada em todas as esferas da vida. Por fim, intervém para assegurar a supremacia do direito privado e do direito à propriedade sobre todas as demais esferas. Se no liberalismo clássico o bem comum é o alicerce ético da limitação do Estado, no neoliberalismo é o medo da impotência histórica do indivíduo que fundamenta esse hiper-estatismo travestido de seu oposto. Não é coincidência que justamente na crise da década de 70 que as obras de Murray Rothbard e Robert Nozick foram publicadas, defendendo um hiper-individualismo radical que ultrapassa os limites do surreal, alicerçadas em um “ataque” a tudo que lembre o Estado ou o coletivo e que ganhariam a alcunha de ‘anarco-capitalismo’ nos anos seguintes. Sua recepção mesmo em círculos liberais é bastante negativa, rendendo conflitos entre Rothbard e a ‘musa’ conservadora Ayn Rand. No entanto, vendidas como ideias ‘radicais’ com muito apelo aos jovens, seu individualismo ‘anarquista’ e contrário a toda qualquer hierarquia assumem ares modernos que atraem uma geração herdeira do Maio de 68, refratária a qualquer forma de organização. Afinal, esqueceram-se como as grandes rupturas foram feitas. De todas as intervenções do Estado neoliberal, a que se expressa de modo mais violento no cotidiano das pessoas é a compulsão a competir em todas as esferas da vida. Sob o peso do Estado neoliberal, a educação foi reduzida a um jogo que ensina somente o primado de índices abstratos de produtividade. Pela mão do Estado neoliberal, os locais de trabalho foram reduzidos a guerra de todos contra todos, por meio de mecanismos que estimulam a ‘transparência’ – isto é, o controle panóptico das pessoas, nuas frente a um dispositivo impessoal que molda suas subjetividades por meio de incentivos e ‘feedbacks’. É a dura e direta intervenção do Estado que destrói os serviços públicos, primeiro por seu sucateamento e então sua virtual doação à ‘iniciativa privada’, induzindo os governos estaduais e municipais a competir para ver quem é capaz de assegurar as condições mais proveitosas para o tal ‘mercado’. E principalmente pela mão do Estado neoliberal imperialista no Primeiro Mundo e colonial no Terceiro que as formas nacionais de desenvolvimento e democracia são trucidadas com violência implacável – patente nos efusivos elogios de Hayek a Pinochet.”

Ancap: Quando esquecemos o que é ser humano. Arthur Silva, Outras Mídias, 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ancap-quando-esquecemos-o-que-e-ser-humano/> Acesso em 13 de agosto de 2022.

entre parcela do empresariado⁸⁴ (a qual estaria dentro do escopo proposto por Jessé Souza como *elite do atraso*)⁸⁵ e militares, mas pelo viés ultra liberal contemporâneo.

Volto para 2012 e para o surgimento dessa alusão à barreira militar. Com *Barreira Militar Rietveld* - BMR1, série *Re-Rietveld*, 2012, a mudança na escala da barreira me permitiu vislumbrar a possibilidade do trabalho crescer e afastar ainda mais a cadeira do seu habitual lugar de existência e uso que é o chão, mas de outra maneira que *Em ti* de 1999 (fig. 19) onde os quatro pés estão no chão e o assento da cadeira está paralelo ao solo. *Barreira Militar Rietveld* acabou por encaminhar a possibilidade de *Quatro Poderes* surgir algum tempo depois. Mas qual a razão do título e da referência ao designer moderno? Para comentar um pouco sobre isso segue um extrato de uma apresentação dessa série para o curador Bernardo Mosqueira em 2012⁸⁶ onde escrevo uma síntese sobre a série *Re-Rietveld*, coloco o texto tal como escrito em 2012, para manter o entendimento da época, e para expor uma versão não mediada por minha escrita de agora:

A despeito de trabalhar com objetos relacionados ao mobiliário há mais de dez anos, nestas novas esculturas (série *Re-Rietveld*) se explicita uma referência mais estreita com a história do design, através da *Cadeira Militar*, de 1923, do arquiteto e designer holandês Gerrit Rietveld. O trabalho de Rietveld sempre me fascinou e até agora eu não tinha conseguido pensar em uma maneira honesta de lidar com ele; no entanto acredito que esta peça em especial me permitiu uma primeira conversa, que pretendo dar continuidade. Reproduzi a cadeira militar com as mesmas características construtivas definidas pelo autor (mesmo não dispondo das medidas exatas da peça original), mas com o acréscimo de uma extensão (em uma das pernas da cadeira) com a forma de uma barricada militar. Denominei inicialmente de "*Cadeira Militar Re-Rietveld*", e posteriormente de *Barreira Militar Rietveld* (BMR1), e a série de *Re-Rietveld*.

⁸⁴ "Por perfil, a avaliação do governo é sensivelmente melhor entre os empresários do Sul (63% de ótimo/bom) e do Norte/Centro-Oeste (64%). Chama a atenção que os executivos baseados na região Nordeste avaliam hoje melhor o governo (58% de ótimo/bom) do que os do Sudeste (51%). Por segmento, o agronegócio é quem faz a melhor avaliação: 70% dos empresários desse setor dizem que a gestão Bolsonaro é ótima/boa. A segunda melhor avaliação se dá entre os executivos da indústria (60%), praticamente a mesma do comércio (59%). Os mais críticos são os empresários do setor de serviços, ainda assim com 48% de ótimo/bom. Vale lembrar que este setor é o que mais vem sofrendo os impactos da pandemia de coronavírus nos negócios. O empresariado avalia Bolsonaro bem melhor do que faz a população em geral. De acordo com a última pesquisa Datafolha, por exemplo, divulgada em 12 de agosto, o presidente tem 37% de ótimo/bom, 27% de regular e 34% de ruim/péssimo entre os brasileiros a partir de 16 anos."

55% do empresariado avaliam o governo Bolsonaro como ótimo/bom - Pesquisa exclusiva do Instituto FSB mostra que 24% consideram a gestão regular e só 16% dos executivos avaliam o presidente como ruim/péssimo. Exame de agosto de 2020. Disponível em: <https://exame.com/bussola/55-do-empresariado-avaliam-o-governo-bolsonaro-como-otimo-bom/> Acesso em 29 de março de 2022.

⁸⁵ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

⁸⁶ A conversa via e-mail aconteceu por ocasião da exposição coletiva *Aí Vai Muito da Pessoa* na Galeria Luciana Caravello Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro.

A proposta *Barreira Militar Rietveld (BMR1)*, apresenta o princípio de fusão de cadeira e barricada militar e o jogo com o nome original da cadeira que fora encomendada para um albergue católico militar.

Me interessa pensar no sentido de ênfase da cadeira, como objeto, que por si só já oferece uma resistência à passagem, seja por disponibilizar o assento para se sentar (mas não neste caso, pois o mesmo está elevado e fora do alcance habitual), seja por ser um obstáculo à circulação; somado à ideia de barricada/barreira/impedimento/cerceamento (neste caso católico/militar = controle/poder sobre os corpos)... Enfim não tenho bem claro esta parte teórica (digamos assim), mas é por aí que penso o trabalho.

Eu gostava da imagem dessa cadeira de Rietveld⁸⁷, digo em primeiro lugar a imagem e não cadeira, pois eu apenas tinha o contato com a imagem dela, inclusive pude construí-la graças a imagens de projetos publicados dessa cadeira⁸⁸. Esse gostar estava ligado ao campo do meu possível, ou seja, ligado ao fato de eu conseguir entender a maneira de construir essa cadeira. Eu gostava dela, acredito, pois o seu desenho me era compreensível e me permitia pensar que eu poderia fazer uma cadeira da mesma forma que Rietveld havia feito. Penso que para muitos artistas ligados a práticas de construção manual, onde me incluo, um dos primeiros vínculos com a arte consiste em admirar o trabalho de um artista e depois dessa etapa, uma forma de aproximação maior com esse artista de referência é através da tentativa de reproduzir alguns de seus trabalhos, pois isso nos permite tentar entender como ele pensou, como ele procedia, o que era importante e o que era possível para ele. Além da reprodução como forma de estudo da arte também são muito recorrentes as alusões (formais e/ou conceituais) dentro de trabalhos de arte que são homenagens a artistas de referência. A série *Re-Rietveld* está relacionada a essa sequência: afinidade, admiração, estudo, citação e homenagem. Outro exemplo de trabalho que fiz nesse sentido é *Cruz Preta Incompleta*, 2011 (fig. 29).

⁸⁷ O interesse e estudo da obra de Rietveld se iniciam e consolidam em 2004 quando estudei um semestre no curso de arquitetura na Universidade Unisinos em São Leopoldo. Iniciei esse curso em função de buscar instrumentalizar a questão projetiva e entender melhor as relações entre arte, arquitetura e design. Além do acesso à ótima biblioteca da universidade onde li muito sobre arquitetura minimalista e sobre os arquitetos modernos e a Bauhaus em especial, produzi estudos de modelos arquitetônicos modulares a partir da Casa Schröder construída por Rietveld em 1924. Esse contato com o design se renova em 2010 quando iniciei uma pós-graduação (lato sensu) em Design para Movelaria no Centro Universitário Senac de São Paulo. Nessa especialização dei atenção para arquiteturas móveis e mínimas e em especial para a cadeira.

⁸⁸ C. f. DRIJVER, Peter e NIEMEIJER, Johannes. *How to construct Rietveld Furniture*. Bussum: Thoth, 2002.

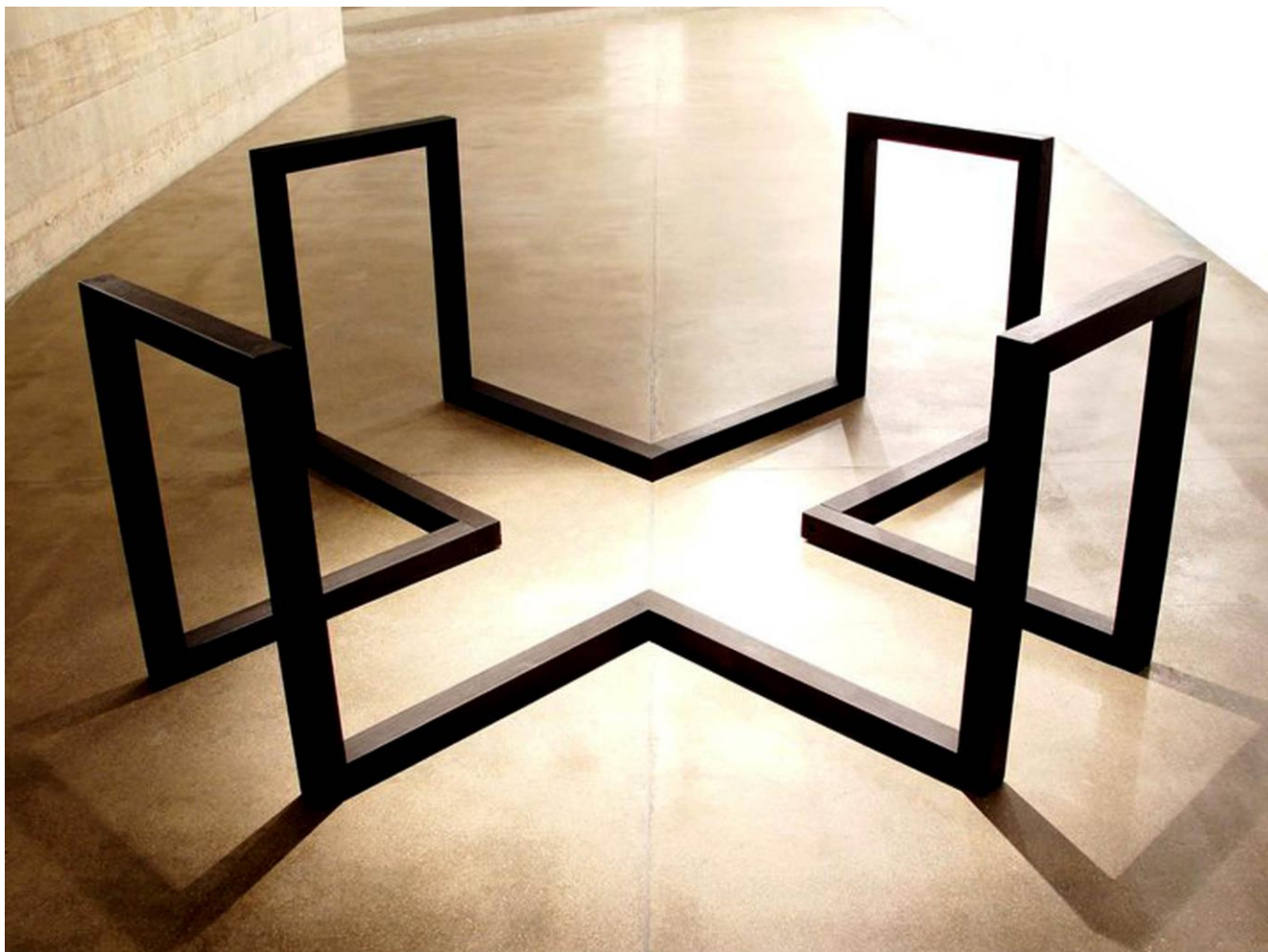


Fig. 29 *Cruz Preta Incompleta*, 2011, série *Cercanias*, madeira pigmento e cera, 87 x 234 x 234 cm
Exposição coletiva *Outra Relação*, MuBE - Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia, São Paulo

Cruz Preta Incompleta é uma referência não nominal ao artista minimalista e conceitual estadunidense Sol LeWitt (1928-2007), em referência à série de trabalhos *Incomplete Open Cubes*⁸⁹ iniciada em 1974 – penso que a citação aparece mais explicitamente através da palavra *incompleta*, e de maneira indireta na construção formal com os caibros de madeira quadrada, como LeWitt também usava, mas em outras escalas e também com outros materiais. No meu caso não são cubos incompletos, mas as quatro traves verticais que são uma síntese incompleta de genuflexórios, e essas quatro traves (que remetem à escala e forma simplificada dos genuflexórios) estão unidas na altura do chão por uma forma central de cruz (ou X) vazada.

⁸⁹ C. f. BAUME, Nicholas. *Sol LeWitt – Incomplete Open Cubes*. Cambridge: MIT Press, 2001.

Com *Barreira Militar Rietveld* - BMR1, série *Re-Rietveld*, enfatizo o nome do designer e arquiteto duas vezes, tanto no nome do trabalho quanto no título da série e claro coloco a cadeira em sua totalidade, anexa ou enraizada na estrutura inspirada na forma de uma barricada militar. Nesse um ano que separa *Cruz Preta Incompleta* (2011) de *Barreira Militar Rietveld* (2012) penso que fiz um pequeno avanço em direção a uma citação mais direta, sendo essa constatação uma das tônicas da presente pesquisa, qual seja, a minha necessidade de um avanço em direção à uma comunicação ou explicitação mais direta sobre os assuntos de base que estiveram na origem dos trabalhos e que estimularam e orientaram as suas configurações, materiais, imagens e processos.

Retomo a questão que envolve o que me permitiu um entendimento construtivo a respeito da cadeira militar de Rietveld. No que estava baseado esse entendimento? Observo que não havia segredos estruturais na cadeira de Rietveld, o que é um dos aspectos basais do modernismo (em especial nas vertentes construtivas) compartilhado pela arte (onde um marco nesse sentido é o *Relevo de Canto*⁹⁰, 1914, do artista russo Vladimir Tatlin, 1885-1953, Moscou), arquitetura e o design, a subtração dos adornos não essenciais às funcionalidades estruturais e visuais, as formas e os materiais estavam todos à mostra por um motivo específico, indicar a sua real função.

Na cadeira militar de Rietveld não havia cavilhas escondidas dentro dos sarrafos de madeira, ou encaixes impenetráveis e intrincados que juntavam as peças, apenas sobreposições de hastes e travamentos perpendiculares. A cadeira militar era composta por materiais elementares - madeira, compensado e parafusos - que eu também tinha acesso, pela simplicidade modular e construtiva - cortes retos, furos perpendiculares e encaixes através de parafusos franceses comuns. Além de simples, eram materiais que eu já estava acostumado a usar desde o final dos anos oitenta até meados nos anos noventa (quando ingresso na graduação em artes) na construção de obstáculos para a prática do skate: compensados, sarrafos, caibros de madeira e parafusos; inclusive daquela época para cá eu mantenho em muitas esculturas e instalações o uso da madeira chamada cedrinho que é empregada comumente em construção civil, em áreas internas em sua maioria, em portas, venezianas, caixilhos, lambris, molduras, guarnições e forros e nas etapas de construção em andaimes e formas para concreto. A madeira de cedrinho é encontrada com facilidade no Rio Grande do Sul e também em São Paulo; depois da madeira de pinus - madeira de pinheiro -, acredito que, o cedrinho é um dos tipos de madeiras mais populares e de baixo custo. Cito esse fato, pois a experiência anterior de construção de

⁹⁰ C. f. KRAUSS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (p. 65-70)

obstáculos também era baseada na leitura de imagens que eu tomava de revistas da época. No caso das peças de Rietveldt as imagens estavam em livros e na internet. Outro ponto que se mantém em alguma medida é a palavra obstáculo. Em sentido mais amplo no contexto da escultura, como um obstáculo à passagem do corpo e me especial na peça *Obstáculo defensivo entre si e o perigo*, 2012 (fig. 26).



Fig. 30 *Barreira Militar Rietveld - BMR1*, série *Re-Rietveldt*, 2012, 160 x 182 x 188 cm

Na primeira vez que foi mostrada a peça ainda não tinha recebido a pintura preta. Exposição coletiva *Oscilações Recíprocas*, 2012, Galeria Quarta Parede, São Paulo, SP. Coleção MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre

Essa passagem de imagens para objetos tridimensionais é corrente também na minha prática de desenho. Sendo que grande parte das esculturas que realizo são primeiro desenhadas para depois,

algumas delas, serem construídas. Existe essa passagem da imagem mental ou visual para o desenho e por fim para o tridimensional (fig. 31 e 32).

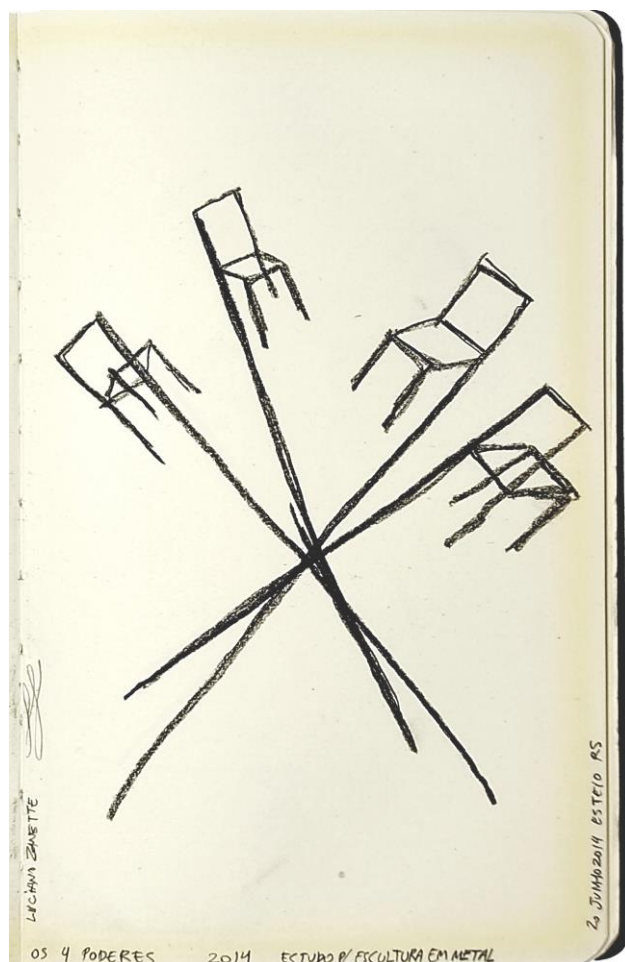


Fig. 31 *Quatro Poderes*, 2014
1º desenho mais próximo da configuração final da escultura que será produzida em 2015

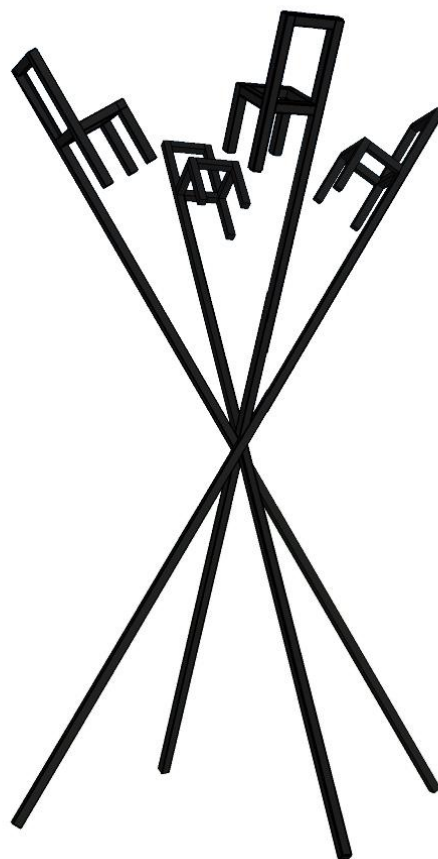


Fig. 32 Imagem a partir do arquivo da modelagem digital em 3d (*SketchUp*) enviado para a metalúrgica que produziu a escultura *Quatro Poderes* em 2015

Então, considerando essas transições (passagens, trajetos, percursos) das imagens entre meios distintos que costumo trabalhar - visual, mental, pictórico, gráfico (análogo), digital e tridimensional - trago o professor, sociólogo e antropólogo francês David Le Breton (1953, Le Mans), com seu livro *Desaparecer de Si: Uma tentação moderna* (2015), onde no capítulo “6: O si como ficção”, ele nos diz:

O sentimento de identidade é o lugar sempre em movimento em que o indivíduo experimenta sua singularidade e sua diferença. Ele é a herança da história passada no interior de uma configuração social e afetiva, e de inúmeras identificações cuja influência não cessa de se redefinir ao longo da existência, notadamente para os pais e as figuras do entorno, ou mais prestigiosas, emprestadas do imaginário cultural. (...) o sentimento de identidade é o reservatório de sentido que rege a relação com o mundo do indivíduo. Relativamente estável, mas aberto ao mundo, o sentimento de si se modula segundo os grupos dos quais participa. Não é um organismo ou uma entidade moral, mas uma modalidade da consciência que orienta os fatos e gestos ou os pensamentos e que não cessa de se redefinir segundo os contextos. Ele muda ao longo do tempo, mas o fio condutor permanece dando a convicção de que a pessoa continua a mesma. A identidade é um movimento idêntico, no sentido que o essencial de si permanece, o indivíduo se reconhecendo de uma época à outra. Mas a identidade também é flexível na medida em que incontáveis incidentes da vida vão depositando nela seus sedimentos, nutrindo a experiência e provocando mudanças na percepção de si. Uma trama movediça de valores, de representações, de modelos, de papéis e de afetos fornece as bases do sentimento de si, constrói uma história própria, um estilo de presença, uma afetividade em ato. (LE BRETON, 2018, p. 195-6)

E a respeito desse *sentimento de identidade*, de *uma afetividade em ato*, que no meu caso estão ligados ao fato do meu pai ser um técnico e um construtor e minha mãe ter sido uma professora e praticante entusiasta de artes manuais – saliento o ponto que Le Breton escreve “herança da história passada no interior de uma configuração social e afetiva”. Penso essa herança que recebi de meu pai que era – e ainda é - um construtor da nossa casa (ele nunca foi um construtor profissional, não ganhava a vida como pedreiro na construção civil, mas desempenhava essa atividade e ainda o faz) e de coisas para casa (ele constrói um estojo de madeira, uma escada, um andaime, um telhado, o encanamento, instalações elétricas, caixas de ferramentas, um banco ou uma bancada de trabalho, etc.). Interpreto que a configuração social, citada no texto, em meu caso seria a da experiência de dispor de poucos recursos e de resolver as demandas com as condições disponíveis, resolver a partir do próprio tempo, com o próprio corpo e com as próprias mãos, já que não havia recursos financeiros de sobra para que fosse contratada mão de obra especializada extra ou fossem comprados objetos prontos e novos (meu pai sempre frequentava ferros-velhos e as vezes eu ia com ele, alguns eram ferros-velhos especializados em sucatas industriais, outros, menos interessantes para mim, eram depósitos de carcaças de carros batidos onde se encontravam peças para automóveis de segunda mão – além da casa ele também sempre resolveu as questões do carro e das plantas do pátio (área dos fundos da casa onde há um pequeno pomar com parreiras (videiras vindas de Carlos Barbosa),

laranjeiras, limoeiros, vergamoteiras⁹¹, figueiras, butiazeiro, mangueira, ora-pro-nóbis, ervas para chás e temperos). Essa herança que foi complementada pela experiência da minha mãe como educadora no ensino fundamental e como bibliotecária na escola municipal onde ela trabalhou e eu estudei. E em casa minha mãe gostava de fazer “trabalhos manuais”, como ela dizia. Eu acompanhava ela em algumas dessas atividades e, ela sempre me apoiou nas minhas atividades artísticas e de estudo – este texto não existiria sem o incondicional incentivo dela.

Então a partir dessa *herança da história passada no interior de uma configuração social e afetiva* é que foram se estabelecendo os fundamentos de minhas práticas artísticas – como artista construtor e como professor. E a transição (que no universo do skate quer dizer uma rampa, uma parede de compensado ou concreto inclinado) da infância entre construções em andamento e objetos cruamente construídos para ficarem em pé estruturalmente sem maiores considerações estéticas e a formação em artes visuais, foi marcada por um processo coletivo de construção de obstáculos (rampas, corrimãos, escadarias, bancos, “mesas”, plataformas, tablados, etc.) para a prática do skate (esse período se estendeu de 1986 até 1994).

Nos anos oitenta as construções de rampas e obstáculos eram feitas basicamente com madeiras que sobravam de reformas das casas de amigos ou eram encontradas em terrenos baldios onde se jogavam entulhos. As ferramentas para a construção das transições (ou rampas de saltos) eram as mesmas que eu pegava emprestado do meu pai, martelo, serrote e também pregos reaproveitados que ele colocava em potes com óleo queimado de motor para que não enferrujassem ainda mais. Esse processo era bastante arcaico, começava com as batidas ao longo do corpo dos pregos usados para deixá-los minimamente retos e reutilizáveis e resultava em obstáculo pesados e por vezes rachados em função do uso de pregos ao invés de parafusos.

Com o início dos anos noventa a minha cidade⁹² foi se tornando um polo de praticantes e com isso vinham muitos colegas de fora da cidade, de fora do estado e mesmo do país. Esse intercâmbio de informações provocou uma evolução técnica na produção dos obstáculos, e também de campeonatos, os quais permitiam um pequeno apoio tanto do setor público quanto privado. Os campeonatos viabilizavam a construção de rampas maiores, moduladas e mais resistentes; as estruturas pesadas dos anos oitenta deram lugar a conjuntos de rampas estruturadas por compensados de melhor qualidade

⁹¹ Vergamoteira, substantivo feminino, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - m.q. Tangerineira (*Citrus reticulata*). Semelhantes – bergamoteira.

⁹² E as cidades no entorno: Canoas, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Porto Alegre.

do que aqueles compensados cor-de-rosa usados como tapumes pela construção civil – em São Paulo este tipo específico de compensado (o mais barato de todos e de baixa resistência) era chamado de “madeirite”, no sul chamávamos de “compensado de construção”. Os compensados laminados usados nas rampas dos anos noventa eram os mesmos usados pela indústria moveleira, por marcenarias. Outro fato é que a cidade de Esteio possuía uma fábrica de compensados, que nos anos oitenta passou a fabricar também os *shapes* (a prancha de madeira laminada - compensada - usada no skate).

Também ferramentas mais eficientes foram sendo agregadas seja por compra seja por empréstimos. A primeira serra elétrica manual tico-tico foi comprada para um grande campeonato interestadual em 1991 (em 1994 algumas das rampas que eu havia projetado e construído fizeram parte de um campeonato brasileiro na cidade de Santa Cruz do Sul, no RS⁹³), depois foram emprestadas plainas elétricas de vizinhos e até serras circulares de bancada.

Além de desenhar e construir as rampas juntos com amigos também envolvidos na prática do skate e das organizações dos campeonatos, eu costumava fazer os cartazes usando cortes e colagens e depois reproduzindo ampliações geralmente em cópias “xerox” e excepcionalmente em serigrafia. Em alguns eventos eu também me ocupava da produção ou de parte da produção dos troféus, seja das imagens que eram “serigrafadas” sobre placas de acrílico ou metal, seja na confecção das bases de madeira.

Trago esses relatos, pois para mim - em uma época que eu nunca imaginava que iria trabalhar com arte (eu havia cursado o chamado segundo grau técnico em eletrônica, seguindo o meu pai que havia feito o curso noturno de técnico em elétrica) – esse foi um período riquíssimo e de intenso aprendizado prático e de vivências coletivas e sem dúvida foi a base para um entendimento de autonomia que a arte me demandaria como artista um tempo depois. Autonomia é claro dentro de uma rede de relações de trabalhos, colaborações e trocas.

Se outrora eu planejava as rampas e as construía, fazia os cartazes e os troféus, carregava e montava as rampas nas ruas e ginásios e, ainda participava dos campeonatos como atleta; quando adentrei no campo artístico fiz algo muito semelhante, eu acredito – pensava e planeja os trabalhos, os construía na maioria das vezes, pensava a relação entre os trabalhos e os espaços de mostra,

⁹³ Esse campeonato onde quebrei o meu calcâneo em múltiplos fragmentos, um dos “incidentes da vida” que mudou o rumo da minha jornada, esse acidente me tirou do universo do skate, me fez perder o emprego em uma fábrica de balanças eletrônicas que se chamava Urano, e me colocou em um estado de crise de certezas, mas também de clareza. Ainda bem que isso aconteceu, pois a partir dessa experiência de literalmente estilhaçamento de noções de segurança profissional, revi o que pretendia fazer dali para frente e o caminho escolhido foi o da arte.

imaginava o percurso do público e fazia a montagem. Além de fazer as embalagens ou caixas de transporte e o próprio transporte muitas vezes. Em outros tempos cheguei a fazer a limpeza e a iluminação da sala de exposição além de escrever pequenos textos para as apresentações das mostras e para divulgação na imprensa; assim como a diagramação de convites, *folders* e pequenos catálogos impressos. Seria ótimo se houvesse um grupo de pessoas para que essas tarefas fossem divididas, mas na maioria dos casos isso não acontecia. Então aquele aprendizado de autonomia dos anos oitenta e noventa fizeram e fazem uma grande diferença para que as coisas aconteçam e, me parece que ainda prevalece um dos antigos lemas da época, de meados dos anos oitenta, oriundo de grupos anarquistas urbanos e do chamado *skate punk* que vieram logo antes de eu viver tudo isso: *faz tu mesmo*.

Ainda sobre transições, mas voltado ao campo da pesquisa teórica, com o fragmento acima de David Le Breton enfatizo a escolha da palavra “transições” presente no título desse escrito. Onde o esforço desse texto é no sentido de apresentar duas instâncias diametralmente oposta, mas ao mesmo tempo correlatas (mesmo que com potências bastante dispare): primeiro uma transição de percepção de caráter íntimo/pessoal de minha parte como artista propositor que comenta aspectos do mundo de modo mais universalista a partir de minhas limitações e experiências - com preocupações como a morte, finitude/vida, impedimento/desimpedimento, relações de aproximação e afastamento. E no outro extremo (complementar) a questão do poder público/privado, a grande política (ou com alguns analistas dizem atualmente “a política real”, a *Realpolitik*, a política pragmática) a mudança de percepção do cenário tanto nacional quanto mundial, onde o pêndulo da história se movimentou para o lado das extremas direitas, dos retrocessos, dos abusos das transações financeiras do dito “livre mercado”, dos cinismos e das violências como práticas políticas empresariais e de Estados. Essas duas escalas, que considero diametralmente opostas, do pequeno eu atomizado de um lado e do outro os grandes contextos, geográficos, sociais e políticos.

Nesse primeiro capítulo trouxe um pouco desse eu mínimo, de relatos e memórias mais particulares. Ao passo que os meus trabalhos que tratarei nos capítulos seguintes buscarão abordar os efeitos dessas mudanças de percepção minhas e de muitos de meus concidadãos frente a história recente do cenário brasileiro e com isso as referências serão menos pessoais e mais amplas assim como as fontes bibliográficas também mais voltadas para questões políticas, culturas e sociais.

CAPÍTULO II

Aquilo que a gente sabe é muito pouco

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

“Aquilo que a gente sabe é muito pouco” (informação verbal)⁹⁴ disse a professora Rita Bredariolli em aula, chamando atenção para o quanto ainda é precisa ser descoberto, desvelado, descortinado. Ela também disse que se deve buscar “um mínimo de resistência possível contra isto que está aí” (informação verbal)⁹⁵. Fazendo uma livre relação das falas acima com meus trabalhos anteriores que em muitos casos partiam de limitações econômicas e por isso o uso de materiais e objetos “*pobres*” – madeiras de construção civil e objetos encontrados; ou como alguns colegas me indicaram durante o mestrado (2005-2007) que meus trabalhos apresentavam características minimalistas (em termos formais, não em aspectos conceituais); hoje eu infiro a partir da fala da professora Bredariolli, que meus trabalhos anteriores (alguns deles abordados no capítulo I), tinham sim, algo de mínimo, mas não apenas quanto as suas formas e estruturas, mas quanto às motivações de base, tinham algo de minimamente indignados (contra o poder da doutrinação católica), de minimamente revoltados (contra as práticas automáticas do dia a dia), de minimamente descontentes. Nesse segundo capítulo procurarei apresentar algumas amplificações dessas indignações, revoltas e descontentamentos, assim com alguns apontamentos menos genéricos e mais específicos – usando principalmente o recurso dos títulos – das palavras - como sinalizadores de contextos.

Essas amplificações de ênfases nos meus trabalhos foram ocasionadas por descobertas, desvelamentos e esclarecimentos. Sendo esses ligados à contextos geradores de desigualdades, violências, escravidões e mortes, os quais eram e são amortizados ou silenciados por propagandas corporativas apaziguadoras e falsas, pagas por organizações privadas e por órgãos estatais⁹⁶.

⁹⁴ Fala da professora Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli dentro da disciplina Imagens: História, memória e teoria, Instituto de Artes, UNESP, em 18 de setembro de 2018.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ C. f. o documentário sobre os crimes ambientais, escravidão e assassinato humano da indústria pesqueira - *Seaspiracy: Mar Vermelho*. 2021, 1:29, Reino Unido. Direção Ali Tabrizi; produção Kip Andersen; edição Ali Tabrizi e Lucy Tabrizi; música Benjamin Sturley. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81014008> Acesso em 13 de março de 2022.

Em 2012 o contato e o olhar atento para o movimento ético chamado veganismo⁹⁷ foi a oportunidade de uma das primeiras tomadas de consciência (a partir da vontade de buscar saber um pouco mais, já que *aquilo que a gente sabe é muito pouco*) e mudanças para atitudes mais assertivas, pois como disse a professora Rita Bredariolli se deve buscar “um mínimo de resistência possível contra isto que está aí”, no caso do veganismo, contra a indústria da exploração animal.

Tomar conhecimento dos depoimentos, palestras, documentários⁹⁸, investigações e pesquisas sobre as violências cometidas contra os animais não humanos foi um despertar para o sentido não apenas ético, mas principalmente político do veganismo. Concordo que *o veganismo é um projeto ético-político* como proposto pela ativista dos direitos humanos e animais (com atuação na Palestina) Sandra Guimarães⁹⁹. Nas palavras de Sandra:

⁹⁷ “A maneira mais frequente de descrever o **veganismo** é ‘um modo de vida que **busca excluir na medida do possível e praticável toda e qualquer exploração e crueldade contra animais pra alimentação, vestuário e qualquer outro propósito**’. O inglês Donald Watson, que criou a palavra ‘*vegan*’ e fundou a primeira sociedade vegana, em 1944, é o autor dessa definição. Não é a minha maneira preferida de descrever o veganismo porque ela pode levar à uma interpretação focada exclusivamente no consumo individual. Eu prefiro outra definição, a que entende o **veganismo como uma postura política que rejeita a objetificação e mercantilização de animais e se compromete com a luta por abolição da exploração animal. Embora o objetivo do veganismo seja a libertação de animais não-humanos, eu vejo esse movimento como uma extensão lógica da luta anti-opressão de um modo geral**.” Os grifos são meus.

GUIMARÃES, Sandra. Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão: Em entrevista ao Sul21, Sandra Guimarães defende que os valores principais do veganismo são os mesmos pelos quais a esquerda luta: justiça, solidariedade e igualdade. Sul 21, Marco Weissheimer, 22 de abril de 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/> Acesso em 13 de março de 2022.

⁹⁸ *Terráqueos*. 2005, EUA, 1:35:29. Direção Shaun Monson; produção Shaun Monson, Libra Max, Nicole Visram, Brett Harrelson, Babak Cyrus Razi, Maggie Q, Persia White; narração Joaquin Phoenix; música Moby, Libra Max, Brian Carter, Natalie Merchant, Gabriel Mounsey, Barry Wood. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-TVktxouEY&list=PLgWjGNC47pYaldj0hq8Arh2iafhd0DMgk&index=2> Acesso em 12 de março de 2022.

Dominion (Domínio). 2018, Austrália, 2:04:58. Dirigido e produzido por Chris Delforce; Narrado por Joaquin Phoenix, Rooney Mara, Sadie Pia, Sia, Kat Von D, Editado por Chris Delforce, Música por Papa Asher. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PZO04lrg0rs&t=20s> Acesso em 12 de março de 2022.

Terráqueos (2005) e *Domínio* (2018) são apenas dois títulos entre muitos outros documentários disponíveis sobre a exploração, eugenia, escravidão, abuso e genocídio animal.

⁹⁹ No dia 15 de março de 2022 aconteceu uma reunião com ativistas e representantes de entidades veganas junto com o atual candidato à presidência da república Luís Inácio Lula da Silva, Sandra Guimarães foi a representante da UVA - União Vegana de Ativismo. A iniciativa foi da Setorial de Direitos Animais do Partido dos Trabalhadores. Segundo texto da UVA – “O GT de Incidência Política da UVA foi criado para pautar o Veganismo Popular na construção de programas de governo nas eleições de 2020. Construímos coletivamente a Declaração de Compromisso com o Veganismo Popular (disponível em nosso site - <https://uniaovegana.org/>). Foram 23 candidaturas eleitas, Brasil afora, que assumiram esse compromisso. Esse ano recebemos o convite da Setorial de Direitos Animais do PT para participar de uma reunião com o ex-Presidente Lula, que reuniu organizações do veganismo e direitos dos animais, e também de proteção animal e bem-estar animal. Para essa reunião, debatemos e levantamos informações para construir uma pauta vinculada aos direitos dos animais e agricultura familiar, dando suporte à participação de Sandra Guimarães nos representando. Como parte dos preparativos para o encontro foi criado um documento com informações sobre a pauta animal, retrocessos contra os direitos dos animais ocorridos na atual gestão do governo federal e sugestões para o Programa de Governo do PT em 2022. A UVA inseriu as seguintes pautas:

O veganismo é um projeto ético-político. Entendemos que o domínio da nossa espécie sobre todas as outras não pode ser moralmente justificado, pois se trata de uma discriminação baseada em critérios arbitrários, cuja raiz é o mesmo sistema de dominação que gera todas as outras opressões. Sendo assim, “vegana” é uma pessoa que pratica a solidariedade política com animais não-humanos através da não cooperação com o sistema de dominação e exploração que lucra com sua dor e morte. Não se trata apenas de um boicote de consumo e sim de coerência política com a causa que defendemos: a emancipação animal.

E como entendemos que a exploração animal é um dos pilares que sustentam o capitalismo, o veganismo popular se compromete com a luta anti-capitalista. Porém temos consciência que a derrubada do capitalismo não colocará automaticamente um fim à exploração animal, por isso insistimos na necessidade de quebrar a lógica da dominação humana sobre os outros animais.

(...) ao apoiar o veganismo popular o MST estará fortalecendo os sistemas e práticas que queremos ver reproduzidos (a agricultura familiar, a agroecologia, a alimentação saudável) e enfraquecendo as forças contra as quais lutamos (o capitalismo, a bancada ruralista, o agro, o colonialismo) e que estão destruindo as condições de vida pras gerações futuras.¹⁰⁰

Na fala de Sandra referente ao domínio humano sobre os animais não humanos a *discriminação baseada em critérios arbitrários, cuja raiz é o mesmo sistema de dominação que gera todas as outras opressões* é o especismo. O especismo é o paralelo com outras violências contra humanos, tais como o racismo, a xenofobia, a misoginia e a aporofobia. Para os países colonialistas e imperialistas esses preconceitos são estruturais para a manutenção de suas espoliações, *a violência é a essência do imperialismo* (PRASHAD, 2020, p. 59). Segundo o jornalista e escritor Vijay Prashad:

Nos dias antigos, nos dias do colonialismo, não havia qualquer necessidade de justificativas. Se uma potência colonial quisesse invadir um território, poderia fazê-lo à vontade. (...) Em 1884-1885, as potências imperialistas se encontraram em Berlim para dividir a África. As potências europeias e os Estados Unidos disputaram “ocupação efetiva” e “esferas de influência”,

- Apoiar e incentivar a difusão da alimentação vegetariana estrita segura, em especial por meio do PNAE, cabendo a ampliação ao ensino técnico e superior, restaurantes populares e demais estabelecimentos públicos e privados, valorizando alimentos in natura e minimamente processados, oriundos da agricultura familiar e prioritariamente agroecológicos/agroflorestais (que são livres de agrotóxicos e regeneram o meio), além de promover políticas de enriquecimento de alimentos com vitamina B12 (como já é feito com iodato de potássio adicionado no sal de cozinha e o ferro e ácido fólico na farinha de trigo/milho) e de rotulagem de alimentos identificando a presença ou não de ingredientes de origem animal.

- Incentivar a transformação de zoológicos e aquários em centros públicos de reabilitação, conservação e pesquisa, buscando sua integração com santuários de animais.

A UVA tem como princípio o suprapartidarismo e a nossa articulação com partidos políticos é apenas uma de nossas frentes de atuação. Estamos abertos ao diálogo com outras candidaturas que tenham interesse em firmar compromisso com um Veganismo Popular.” A UVA participa de encontro com o ex-presidente Lula. Em 15 de março de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CblWcGDLrkW/> Acesso em 24 de março de 2022.

¹⁰⁰ GUIMARÃES, Sandra. *MST e Veganismo Popular: Em artigo para a página do MST, Sandra Guimarães reafirma a defesa de um veganismo popular em parceria da agroecologia e da Reforma Agrária*. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular/> Acesso em 13 de março de 2022.

expressões que disfarçavam a brutal e cruel tomadas de terra e a supressão das aspirações populares. Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha e Estados Unidos retalharam a paisagem. (...) Tudo isso foi feito através de uma estrutura legal que privou de direitos um continente inteiro para servir às necessidades da Europa e dos Estados Unidos. John Westlake, professor da Universidade de Cambridge, que foi um dos pioneiros do Direito Internacional, e que posteriormente seria um membro liberal do Parlamento, escreveu em seu manual de 1894, *Direito Internacional*: o Direito Internacional deve tratar os nativos como incivilizados. (...) Para proteger os nativos, em outras palavras, estes devem entregar suas terras e recursos [naturais e força de trabalho] aos colonizadores (...) é para o benefício dos nativos que eles se rendam e observem os imperialistas que dividem o saque. (...) Ficções jurídicas pairavam sobre a questão da conquista, mas não havia desconforto sobre os massacres de populações e culturas inteiras. (PRASHAD, 2020, p. 28-29)

Hoje as mesmas potências europeias e os Estados Unidos juntamente com os países ocupados por suas bases militares (em torno de 750 no mundo) e os países sob sua *esfera de influência* (protetorados e satélites), seguem a mesma lógica de tomar (não apenas as terras, os metais preciosos, o petróleo, as fontes de água doce, ou a força de trabalho, mas ainda a) vida de animais não humanos, amparados por leis que beneficiam as gigantes transnacionais, tais como Cargill ou a Tyson Food. O imperialismo contemporâneo segue promovendo o massacre “legalizado” tanto dos animais não humanos quanto dos animais humanos – *a dominação imperialista implica um estado de violência permanente* (PRASHAD, 2020, P. 58).

Só os EUA interviram e desestabilizaram governos patrocinando milícias, terroristas e traidores, invadiram e promoveram guerras nos seguintes países: 1887–1889: Samoa; 1893: Reino do Havai; 1898: Cuba e Porto Rico; 1899: Filipinas; 1903: Panamá; 1900 a 1920: Honduras; 1912–1933: Nicarágua; 1915–1934: Haiti; 1916–1924: República Dominicana; 1918: Rússia; 1941: Panamá; 1945–1950: Coreia do Sul; 1946–1949: China; 1946–1949: Grécia; 1947 – década de 1970: Itália; 1949: Síria; 1952: Egito; 1953: Irã; 1954: Guatemala; 1955–1960: Laos; 1957–1959: Indonésia; 1958: Líbano; 1959: Iraque; 1960: Congo e Laos, 1961: República Dominicana; década de 1960: Cuba, 1961–1964: Brasil, 1963: Iraque e Vietnã, 1965–1966: República Dominicana; 1965-1967: Indonésia; 1967: Grécia; 1971: Bolívia; 1972-1975: Iraque; 1973: Chile; 1979-1989: Afeganistão; 1980-1989: Polônia; 1980-1992: El Salvador; 1982–1989: Nicarágua; 1983: Granada; 1989: Panamá; 1991: Kuwait; 1994–2000: Iraque; 1997: Indonésia; 2000: Iugoslávia; 2003–2011: Iraque; 2011: Paquistão, Somália e Uganda; 2012: Jordânia, Turquia e Chade; 2013: Mali, Somália, Coreia, Líbia; 2014: Iraque, Síria; 2015: Iêmen¹⁰¹; 2016-

¹⁰¹ Em "nome da paz", EUA gastaram mais de US\$ 8 trilhões em invasões militares desde 2001 - EUA têm participação direta ou indireta em conflitos militares na Somália, Iêmen e Síria. Fernanda Paixão, Brasil de Fato, Buenos Aires, Argentina, 05 de

2022: Brasil; 2022: Ucrânia. “O colonizador nunca é o terrorista. É sempre o selvagem que o é” (PRASHAD, 2020, p. 32). Prashad ainda nos informa sobre o *velho truque – a missão da civilização como objetivo do imperialismo*:

Albert Beveridge, senador dos EUA por Indiana, escreveu um tratado com esse tema (...) “Para a Grande República, não para o Imperialismo” (1899). “Imperialismo não é a palavra que descreve o nosso vasto trabalho”, escreve Beveridge, porque imperialismo vinha com todas as sugestões de dominação e roubo. O que o imperialismo realmente representa, continuou ele, era o “poderoso movimento e missão da nossa raça”. Qual foi a missão? Kipling¹⁰² usava aquela máscara mais apertada que Beveridge. Em seu poema – *O fardo do homem branco* (1899) –, como “buscar o lucro de outro, trabalhar o ganho de outro”. O imperialista não agiu para se engrandecer, para roubar a riqueza; ele trabalhou para levar a civilização como objetivo do imperialismo -, apesar de que já era claro, com todas as evidências, que o objetivo era saquear a riqueza e subordinar a soberania. Beveridge conquistou seu assento no Senado com um discurso apaixonado que pedia a total colonização de Cuba, Havaí, Filipinas e Porto Rico. (...) Essa foram palavras honestas – anexação para subordinar essas ilhas, a fim de fornecerem matérias-primas para a indústria estadunidense e depois comprarem os produtos beneficiados dos Estados Unidos.

A ansiedade de ser uma potência imperialista percorre toda a história da expansão de Washington. (PRASHAD, 2020, p. 63-4)

março de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/05/em-nome-da-paz-eua-gastaram-mais-de-us-8-trilhoes-em-invasoes-militares-desde-2001> Acesso em 19 de maio de 2022.

¹⁰² “Rudyard Kipling, poeta britânico nascido na Índia, foi uma das vozes mais ativas a celebrar as glórias do Império britânico. Seu poema mais conhecido sobre o tema, cujos versos iniciais servem de epígrafe a este trabalho, intitula-se ‘O fardo do homem branco’ e tem como subtítulo ‘Os Estados Unidos e as Ilhas Filipinas’. Portanto, tratase de um apoio explícito às políticas imperialistas dos EUA que, em 1898, na Guerra Hispano-americana tomaram as colônias espanholas no Caribe e no Pacífico. Nas Filipinas, após a expulsão dos espanhóis, seguiu-se uma guerra entre as tropas estadunidenses e as forças políticas filipinas que não aceitaram se submeter aos novos senhores. A Guerra Filpino-Americana perdurou oficialmente entre 1899 e 1902, mas na verdade a resistência persistiu por pelo menos mais uma década. Como resultado de uma guerra que foi denunciada na época como extremamente selvagem e cruel com os nativos, 250 mil filipinos foram mortos, a maior parte deles civis, assim como 4.200 soldados norte-americanos. Incêndio de aldeias, enforcamentos em massa, tortura, maus tratos e mulheres e crianças foram algumas das práticas que caracterizaram a atuação do ‘homem branco’ no arquipélago filipino. A idéia de que a missão civilizadora sobre as populações não brancas submetidas aos impérios coloniais era o fardo do homem branco se apoiava largamente nas teorias raciais que grassavam no campo científico europeu e norte-americano na virada do século XIX para o século XX. De acordo com Catherine Coquery-Vidrovitch, foi o naturalista Buffon (1707-1788) o primeiro a introduzir, em sua *Histoire Naturelle*, o conceito de raça, ainda que explicasse as variações físicas e de costumes das diversas populações humanas a partir do clima. De modo geral, no pensamento do século XVIII, esse tipo de teoria para explicar a diversidade humana se apoiava em três critérios de diferenciação: o clima, a cultura e a raça. Já no século XIX, principalmente a partir da publicação da obra de Darwin, *A origem das espécies*, em 1859, o critério racial passa a dominar. Esse fenômeno se relaciona com a expansão da conquista imperialista na segunda metade do século.”

FACINA, Adriana. De volta ao fardo do homem branco: o novo imperialismo e suas justificativas Culturalistas. Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Disponível em:

<https://www.unicamp.br/ce marx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m4c1.pdf> Acesso em 15 de maio de 2022.

Sendo que hoje se substituiu a “promoção da civilização” pela “democracia liberal”, pelo “combate à corrupção”, contra as “ditaduras comunistas”, pela “liberdade”, entre outras falácias que convencem milhões de incautos e fazem a alegria (e eventual riqueza) de outros milhares de cínicos pelo mundo. A cantilena do “combate à corrupção” vem de longa data, podemos ver isso na imagem de propaganda (de 1899) da cartunista estadunidense Victor Gillam que ilustra a poesia “O Fardo do Homem Branco” do também pró-imperialista Rudyard Kipling (1865, Bombaim, Índia - 1936, Londres, Reino Unido), onde “os EUA seguem a liderança imperial da Grã-Bretanha transportando pessoas da “Barbárie” na base do morro para a ‘Civilização’ no seu cume. Nesta versão descaradamente racista, o povo recém-subjugado da América parece muito mais primitivo e bárbaro do que a carga do império mais antigo”¹⁰³ (fig.34). Na peça de propaganda imperialista de Gilliam podemos ver inscrito “corrupção” na “pedra” mais próxima da alegoria da civilização, figura essa que se apresenta com os braços estendidos, como um cristo redentor, que segura em suas mãos placas com as palavras “educação” e “liberdade”. Segundo Ellen Sebring, pesquisadora e diretora criativa do projeto *Visualizing Cultures* do Instituto de Tecnologia de Massachusetts:

Além das proezas comerciais e militares, as duas nações formaram uma fraternidade natural dentro de atitudes posteriormente rotuladas como darwinismo social. Quando aplicada a pessoas e culturas, a doutrina da “sobrevivência do mais apto” deu aos países ricos e tecnologicamente avançados não apenas o direito de dominar nações “atrasadas”, mas o imperativo e o dever de trazê-los para o mundo moderno. A crença na superioridade racial/cultural que alimentou o império britânico abraçou os EUA no anglo-saxonismo baseado na herança e linguagem comuns. Nos EUA, apesar da forte resistência dos imigrantes irlandeses anglófilos e das ligas anti-imperialistas, as campanhas militares no exterior gradualmente ganharam apoio público. A florescente mídia de massa ajudou a promover políticas externas xenófobas, imprimindo representações depreciativas de nativos de aparência bárbara de países “benevolentemente assimilados” pelos EUA. Tio Sam foi retratado tanto com energia juvenil quanto como uma figura paterna mais velha, esforçando-se para seguir os passos de John Bull enquanto ele assumia o “fardo do homem branco”.

Enquanto artistas (fig. 33) do século XIX e jornais estadunidenses¹⁰⁴ fantasiavam a alegoria do progresso promovido pelos EUA em seu próprio território, sem mostrar o genocídio dos povos originários ou o roubo de terras do México – *O México perdeu um terço de seu território, incluindo o*

¹⁰³ Civilization & Barbarism: Cartoon Commentary & "The White Man's Burden" (1898-1902). Ellen Sebring, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Visualizando Culturas, 2014. Disponível em:

https://visualizingcultures.mit.edu/civilization_and_barbarism/cb_essay02.html Acesso em 15 de maio de 2022

¹⁰⁴ “O *New York Herald*, em 8 de outubro de 1847, aplaudiu os soldados: É uma perspectiva maravilhosa, esta anexação de todo o México. Era mais desejável que ele viesse à nós voluntariamente; mas como não teremos paz até que ele seja anexado, que venha, mesmo que a força seja necessária, a princípio, para trazê-lo. Como as virgens de Sabine, em breve ele aprenderá a amar os seus adoradores.” (PRASHAD, 2020, p. 61)

que se tornaria os estados do Arizona, Califórnia, Colorado, Nevada, Texas e Utah (PRASHAD, 2020, p. 61) e ilustradores de jornais da época sintetizam essas ações “heroicas dos bondosos homens brancos civilizadores” em suas charges (fig. 34); a revista Life, anti-imperialista na época, traz uma capa (fig. 35) como contraponto ao racismo imperialista enaltecido por Rudyard Kipling, onde “Um ponto de interrogação foi adicionado à frase ‘O fardo do homem branco (?)’, na legenda desta capa da Life publicada logo após o poema de Kipling. Os imperialistas Tio Sam, John Bull, Kaiser Wilhelm e, ao longe, provavelmente a França são carregados nas costas de pessoas subjugadas nas Filipinas, Índia e África.”¹⁰⁵



Fig. 33 John Gast, Progresso Americano, 1872, óleo sobre tela, 29,2 cm x 40 cm
Autry Museum of the American West, Los Angeles, Califórnia

“*American Progress* tornou-se um exemplo seminal da arte ocidental americana. A pintura serve como uma alegoria para o Destino Manifesto e a expansão americana para o oeste. A pintura foi encomendada em 1872 por George Crofutt, um editor de guias de viagem ocidentais americanos, e tem sido frequentemente reproduzida. A mulher no centro é Columbia, a personificação dos Estados Unidos, e em sua cabeça está o que Crofutt chama de ‘A Estrela do Império’. Columbia se move do leste de céu claro para o oeste escuro e traiçoeiro, levando colonos que a seguem a pé ou de diligência, a cavalo, vagão Conestoga, trem de vagão ou andando de trem a vapor. Progresso coloca um fio de telégrafo com uma mão e carrega um livro escolar na outra. Além disso, vistos à direita, estão os agricultores que já se estabeleceram no Centro-Oeste. Enquanto Lady Columbia se move para o oeste, indígenas e uma manada de búfalos são vistos fugindo dela e dos colonos.”
https://en.wikipedia.org/wiki/American_Progress
acesso em 15 de maio de 2022.

¹⁰⁵ Civilization & Barbarism: Cartoon Commentary & "The White Man's Burden" (1898-1902). Ellen Sebring, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Visualizando Culturas, 2014. Disponível em: https://visualizingcultures.mit.edu/civilization_and_barbarism/cb_essay02.html Acesso em 15 de maio de 2022

Da mesma maneira que os estados imperialistas apenas querem levar “coisas boas”, seus valores, costumes culturais e alimentares para os países “que precisam de ajuda”, a indústria da exploração animal também “apenas” está interessada em “oferecer” proteínas (animais) para as famílias do mundo. Há evidentemente uma relação direta entre xenofobia e especismo, entre capitalismo e exploração humana e animal, entre imperialismo e genocídio, tanto de minorias étnicas quanto de maiorias animais – já que o rebanho de gado é maior do que o número de seres humanos na terra. *Todas as opressões estão conectadas.*

A minha mudança de percepção, amplificação de consciência, transformação de pensamento e hábitos e, posterior produção de trabalhos de arte teve como ponto de virada, entre outros fatores precedentes e laterais, a palestra¹⁰⁶ do ativista dos direitos dos animais Gary Yourofsky (1970, EUA); nessa conferência Yourofsky desmonta uma série de falácias que tentam validar a continuidade do abuso de animais através de dados e argumentos consistentes. Incluindo a questão econômica pessoal de que a alimentação baseada em plantas seria cara e inacessível.¹⁰⁷

Nas brutais e obsoletas práticas comerciais da indústria de exploração animal¹⁰⁸ para o consumo humano temos um abominável ciclo de crueldade, tortura, escravidão e morte (e também exploração

¹⁰⁶ “Palestra de Gary Yourofsky, na íntegra, sobre direitos animais e veganismo, realizada na Universidade Georgia Tech, nos EUA, no verão de 2010.”

A palestra mais importante que você irá ouvir na sua vida - Gary Yourofsky, Universidade Georgia Tech, 08 de julho de 2010, EUA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U5hGQDLprA8> Acesso em 12 de março de 2022.

¹⁰⁷ C. f. também *Vegano Periférico*. 2020, 46:25, Brasil. Direção e produção: @rauany, produção: @joaofolharini e @raphacarnelos, roteiro e montagem: @elbrunoalves e @rauany, fotografia e som direto: @eusouoalt, @joaofolharini e @rauany, colorização: @pdrfrzz, edição de som: @victorvawo, trilha sonora: @selo_instituto e @ohcoelho, apoio e distribuição: @midianinja e @xepativismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kr98MSULN9g> Acesso em 14 de março de 2022.

¹⁰⁸ Relatório "O Impacto da Indústria da Carne no Brasil: Bem-Estar Animal, Saúde Humana, Meio Ambiente e Economia". O relatório foi lançado em um evento em Curitiba, realizado em parceria com o Laboratório de Bem-Estar Animal - LABEA, da Universidade Federal do Paraná. *Animal Equality*, julho de 2022. Disponível em:

https://animalequality.org.br/app/uploads/2022/07/Meat-Report_BR.pdf Acesso em 20 de julho de 2022.

Importante destacar que a *Animal Equality* é uma organização bem-estarista e não abolicionista.

“Bem-estarismo é uma linha de defesa animal que requer melhorias nas condições de vida dos animais explorados, para que sejam ‘menos maltratados’ nas indústrias, no comércio e outros locais onde haja exploração, de modo que não se busca o fim da exploração animal (divergindo assim do abolicionismo animal), mas perpetua e até mesmo reforça a ideologia exploratória com medidas paliativas e superficiais, por acreditarem que assim estarão minimizando o sofrimento animal. A ideologia bem-estarista, diferentemente da abolicionista, parte da já ultrapassada visão antropocêntrica de mundo onde o ser humano é considerado como “centro de toda a vida”, ser vivo superior e, portanto, supostamente detentor do direito de usar e explorar animais para seus interesses próprios, num tipo de violência aceitável e supostamente necessária para com as outras espécies do reino animal. O bem-estarismo ajuda a promover e disseminar uma espécie de alívio na consciência dos consumidores da carne animal e dos produtos derivados de animais, incentivando o consumo de ‘carne orgânica’, ‘laticínios e ovos orgânicos’ e de animais ‘bem-tratados ou felizes’, o que não se sustenta na realidade.

e adoecimento dos trabalhadores humanos que são sujeitados ao contato com agrotóxicos cancerígenos e jornadas de trabalho extenuantes, embrutecedoras, alienantes e perigosas)¹⁰⁹. Além de uso irracional e insustentável da terra, o que gera desmatamentos e desertificações (incluindo os desertos verdes como a monocultura da soja transgênica¹¹⁰ para a alimentação de animais)¹¹¹;

(Obs.: a maioria das ONG's em defesa dos animais segue a ideologia bem-estarista, ao mesmo tempo em que algumas se apropriam de conceitos abolicionistas ao tentarem promover uma conscientização pública acerca dos direitos animais, fazendo lobby junto aos parlamentares para aprovação de leis bem-estaristas e causando mais deseducação / desinformação do que esclarecimento, podendo interferir na formação de juízo crítico acerca da exploração animal e dificultar a possibilidade real de abolição)."

Bem-estarismo. Saber Animal, Glossário. Disponível em: <https://saberanimal.org/glossario/> Acesso em 20 de julho de 2022.

Bem-estarismo e Direitos animais. Ana María Aboglio. Olhar Animal. Tradução de Sérgio Greif – Edição Ânima. Disponível em: <https://olharanimal.org/bem-estarismo-e-direitos-animais/> Acesso em 20 de julho de 2022.

¹⁰⁹ *Carne e Osso*. Direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros. Roteiro e edição: Caio Cavechini. Fotografia: Lucas Barreto. Pesquisa: André Campos e Carlos Juliano Barros. Produção Executiva: Maurício Hashizume. Duração: 65 min. Realização: Repórter Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=887vSql35i8&t=389s> Acesso em 13 de março de 2022.

¹¹⁰ *A Carne é Fraca*. Instituto Nina Rosa, 2005, 52:11, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euvdedl-qso> Acesso em 12 de março de 2022.

A Engrenagem. Instituto Nina Rosa, 2012, 16:38, Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KmlprNpcd94&t=18s> Acesso em 12 de março de 2022.

¹¹¹ No livro "Nordeste", Gilberto Freyre descreve o papel fundamental da exploração animal na atividade colonial. "O aliado fiel do escravo africano no trabalho agrícola, na rotina da lavoura de cana, na própria indústria do açúcar, foi o boi; e esses dois – o negro e o boi – é que formaram o alicerce vivo da civilização do açúcar."

O que ele chamou de "aliado fiel" eu chamaria de "companheiro de dor e exploração". Mas o papel da exploração animal no Brasil-colônia não se resume aos engenhos.

O "gado" funcionou principalmente como meio de ocupação e aumento do território. Depois do litoral, onde estavam as plantações de cana-de-açúcar e engenhos, as vacas foram levadas pro interior das terras. No processo de colonização o animal não-humano tinha características extremamente vantajosas. Estamos falando de uma "mercadoria" que se auto-transporta, pode percorrer grandes distâncias, carregando outras mercadorias, além de ter valor em si mesmo.

"Como teria se dado a ocupação de áreas tão extensas, distantes do litoral, incultas e longínquas, de condições ambientais tão adversas, sem a presença do boi? O sertão foi aberto com o som das boiadas e berrantes, troncos caindo, solo amassado, arbustos queimados, chocalhos soando, chifres estalando, animais mugindo e homens cantando." (Morais, 2009:27).

E lembra das Sesmarias, os enormes pedaços de terra distribuídos pela coroa portuguesa? Se não fossem ocupadas, elas eram transferidas a outro colono. Foi então que começou essa história de soltar um punhado de bois em latifúndios improdutivos, o que ainda é muito usado nos dias de hoje por latifundiários pra impedir que suas terras, que não cumprem a função social, sejam distribuídas pra agricultoras e agricultores que precisam dela pra sobreviver. Se a época da colônia acabou, certos hábitos coloniais seguem vivos e colonização e pecuária seguem intimamente ligadas. Lembro de uma conversa com um assentado da reforma agrária, uns anos atrás, onde ele me disse: "Nosso maior inimigo é a pata do boi". E à medida que os territórios iam sendo invadidos e alargados pela pata do boi, a pecuária estruturava a sociedade luso-brasílica: grande propriedade, monocultura e trabalho escravo. Povos indígenas, privados de terra, floresta e de seu modo de vida ancestral, se viam obrigados a trabalhar na pecuária. 500 anos depois, pessoas de comunidades indígenas em zonas de forte desmatamento são obrigadas a trabalhar em abatedouros, despedaçando o boi que ocupa hoje seu território ancestral.

Estamos em 2021 e a colonização de territórios indígenas e desmatamento, etapas necessárias pra expansão da pecuária, seguem firme e forte. O ciclo de destruição continua o mesmo: invasão de territórios indígenas, desmatamento, genocídio dos povos da floresta... A única novidade aqui é a adição da soja. Defensoras da floresta repetem sempre: primeiro cortam as árvores, atrás da madeira vem o gado, atrás do gado vem a soja. Lembrando que a soja é utilizada, em sua maior parte, pra alimentar animais que serão comidos por humanos (quase 80% da soja produzida mundialmente vai pra alimentação de animais "de corte", segundo a WWF). A Amazônia está virando pasto, o Brasil está se tornando uma grande monocultura de

desperdício absurdo de água¹¹²; ineficiente uso de terras que produziram muito mais alimentos vegetais (os quais que não causam os males que o consumo de carnes (cadáveres), leite (pus) e ovos (menstruação) geram no organismo humano; poluição do ar (com o metano expelido na atmosfera pelo gado – quantidade essa que é superior à toda a frota global de veículos movidos com combustíveis fósseis de hidrocarbonetos); liberação de dióxido de carbono que aumenta o aquecimento global (ver o impacto causado pela pesca industrial nos oceanos no documentário *Seaspiracy*) e de mananciais de águas contaminados com os excrementos dos animais e com alto nível de antibióticos excretados em suas fezes e urina – como apresentado no documentário *Milked*¹¹³ de 2021.

As muitas camadas de violências contra os animais (humanos e não humanos) são amparadas por falácias¹¹⁴ vindas de religiões; de considerações médicas ultrapassadas; da indústria da carne, da pesca e da caça (indústria das armas e do turismo de assassinato); da “ciência”; dos governos; das organizações que deveriam proteger os animais, pessoas e o meio ambiente, mas que são patrocinadas justamente pelos causadores desses abusos contra a natureza – como demonstrado nos documentários *Seaspiracy* (2021) e *What the Health*¹¹⁵ (2017) entre outros.

Dentro do viés religioso (cristão ocidental) onde nós animais humanos agimos contra eles (animais não humanos) com a rançosa justificativa bíblica onde um deus fictício criado por humanos

soja e bois continuam sendo usados como ferramenta de expansão colonial.

GUIMARÃES, Sandra. *MST e Veganismo Popular: Em artigo para a página do MST, Sandra Guimarães reafirma a defesa de um veganismo popular em parceria da agroecologia e da Reforma Agrária*. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular/> Acesso em 13 de março de 2022.

¹¹² *Cowspiracy: O Segredo da Sustentabilidade*. 2014, 1:28:05, EUA. Direção e produção Kip Andersen e Keegan Kuhn; elenco Kip Andersen, Howard Lyman, Richard Oppenlander, Michael Pollan, Michael Klaper. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ATRlfHSgHM&t=474s> Acesso em 13 de março de 2022.

¹¹³ *Milked: White Lies In Dairy Land*. 2021, 1: 30, Nova Zelândia. Direção Amy Taylor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCwpsMtmMhM>

¹¹⁴ SOUZA, Robson Fernandes de. *Guia de falácias antiveganas: saiba como responder e derrubar os mais comuns argumentos de opositores do veganismo*. Veganagente, 21 de maio de 2016. Disponível em: <https://veganagente.com.br/falacias-antiveganas/> Acesso em 13 de março de 2022.

Guia das falácias usadas para “justificar” o consumo de animais. VEDDAS-RN (Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade), 06 de setembro de 2012. Disponível em: <https://veddasrn.files.wordpress.com/2013/01/guia-das-falacc81cias-carnistas.pdf> Acesso em 13 de março de 2022.

¹¹⁵ *What the Health*. 2017, 1:32, EUA. Direção, produção e roteiro Kip Andersen e Keegan Kuhn, edição Kip Andersen, Keegan Kuhn, Ali Tabrizi (assistente), música Kip Andersen, Keegan Kuhn e Fernando Arce. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NoYINMgImGs> Acesso em 14 de março de 2022.

outorga ao animal humano o direito de dominar¹¹⁶ os demais animais não humanos. Com essa desculpa - entre outras pseudocientíficas e dietéticas, mas no fundo promovidas por forças capitalistas - estamos praticando o especismo¹¹⁷, termo correlato ao racismo, a transfobia, a misoginia, à xenofobia – termos que autorizam que o diferente do ocidental (Europeus ou Estadunidenses brancos) possam ser tratados com recursos matáveis, torturáveis, exploráveis.

O filósofo, professor e pesquisador da área de ética animal e direito interespecie Gabriel Garmendia da Trindade na introdução do seu livro de 2014, *Animais como Pessoas: A abordagem Abolicionista de Gary I. Francione*, nos dá uma estimativa do genocídio de animais sencientes provocados pelos animais humanos a partir de dados do site *Animal Death Count* e da *Humane Society International* (2012):

Os seres humanos matam, a cada ano, cerca de cinquenta e três bilhões (53.000.000.000) de animais não humanos sencientes para fins de consumo. Além disso, o uso institucionalizado de animais aquáticos para alimentação, e de outros animais para pesquisas biomédicas ou cosméticas, para a indústria da moda, ou mesmo para o simples divertimento ou entretenimento humano, é diretamente responsável pela morte de muitos outros bilhões. É preciso ser dito que essa quantidade, cinquenta e três bilhões de animais mortos anualmente, representa a estimativa mais conservadora, encontrada quando os dados referentes aos múltiplos usos feitos dos não-humanos pelos seres humanos estavam sendo organizados para a consecução do presente estudo. Os números variam significativamente, e muitas estatísticas analisadas trazem montantes que ultrapassam sessenta e sete bilhões (67.000.000.000) de animais terrestres mortos, por ano, só para fins de consumo.

(...) A principais justificativas apresentadas para que se possa dar continuidade a essa terrível matança jazem, especialmente, nos hábitos, convenções, divertimento, conveniência ou prazer dos seres humanos.¹¹⁸

¹¹⁶ “Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que **ele domine sobre** os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, **todas as feras** e todos os répteis que rastejam **sobre a terra**’. Gênesis I: 24-26”.

Texto de abertura do livro bem-estarista de 2002 do jornalista conservador estadunidense Matthew Scully (1959) que irá abordar a questão do especismo de dentro de seu círculo social e cultural – agentes religiosos, governamentais, da indústria da carne e do leite, de lobistas de armas e da caça internacional. O republicano Scully trabalhou como redator de discursos na campanha presidencial de 2000 nos Estados Unidos, e foi assistente especial e redator de discursos do presidente George W. Bush (2001 a 2004). Também escreveu discursos para os vice-presidentes Dan Quayle, Dick Cheney e Mike Pence.

SCULLY, Matthew. *Domínio: O poder do ser humano, o sofrimento dos animais e um pedido de misericórdia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Grifos meus.

¹¹⁷ GUIMARÃES, George. *Especismo, veganismo e futuro* – TEDxPassoFundo. 2019, 17:23, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkqH97UE99Y> Acesso em 14 de março de 2022.

¹¹⁸ TRINDADE, Gabriel Garmendia da. *Animais como Pessoas: A abordagem Abolicionista de Gary I. Francione*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. (p. 25-26)

C. f. também: FRANCIONE, Gary L. *Introdução aos Direitos Animais*. Campinas: Unicamp, 2013.

ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: Uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

De posse dessas informações - *sessenta e sete bilhões de animais terrestres mortos* - o que se pode fazer? São números hiperbólicos, estar na terra é literalmente um inferno para os animais não humanos – e somos nós os causadores desse morticínio – sustentado por uma pesada manipulação da percepção das populações – com o objetivo de manter os ganhos dos setores rurais e industriais exploradores, escravagistas e genocidas. Elias "Elie" Wiesel (1928, Romênia – 2016, EUA), *escritor judeu e sobrevivente dos campos de concentração nazistas, Nobel da Paz de 1986, pelo conjunto de sua obra de 57 livros, dedicado a resgatar a memória do Holocausto e a defender outros grupos vítimas das perseguições*, nos disse “Devemos sempre tomar partido. A neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. O silêncio encoraja o agressor, nunca o agredido.” Os animais não têm voz ou poder político, então nós humanos devemos falar por eles. É isso que devemos fazer. A ativista brasileira Sandra Guimarães nos propõem as seguintes questões:

Embora a **opressão** tenha **várias faces**, cada uma com as suas particularidades, todas elas tem uma coisa em comum: a **exploração, discriminação e violência contra o ser mais vulnerável pelo ser que tem mais poder**. (...) **Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão.**

(...) **Os valores principais do veganismo e da esquerda, como corrente política, são os mesmos: justiça, solidariedade e igualdade.** Já o carnismo, a ideologia contrária ao veganismo, representa a ordem, onde os mais fortes, nesse caso os humanos, exploram os mais fracos, os não-humanos. Se dizer vegana e de direita me parece uma contradição porque não vejo como você pode defender a ordem, que é um dos valores principais da direita política, e ao mesmo tempo lutar por justiça e igualdade, valores que são impedidos de serem realizados enquanto essa ordem, que é necessariamente injusta, existir. Não estou afirmando que todas as pessoas que consomem animais são necessariamente de direita, mas se você é de esquerda, está engajada na luta por justiça e igualdade, mas ignora a conexão entre a opressão humana e animal, então sua análise está incompleta.

Por isso também não vejo como seria possível defender o capitalismo e o colonialismo e se manter coerente com a ética vegana. A exploração de animais não-humanos foi e ainda é uma parte essencial na expansão e no sustento do colonialismo. Animais foram uma das primeiras formas de acumulação de capital e na fase mais moderna do capitalismo a exploração animal atingiu dimensões gigantescas e vimos o nascimento de fazendas de criação intensiva, onde animais são confinados aos milhares, abatedouros-fábricas com linhas de produção e capacidade de matar um número absurdo de animais por hora. Por isso é uma contradição se dizer vegana, ou seja, se posicionar como alguém que luta contra a exploração animal, e ao mesmo tempo defender o capitalismo e o colonialismo, sistemas que apoiam e se beneficiam imensamente da exploração animal. Algumas pessoas argumentam que seria possível ver nascer um capitalismo mais “compassivo” e sem exploração animal, talvez até sem racismo e sem a opressão das mulheres, mas isso é uma abstração que ignora que o capitalismo existente é fruto desses processos históricos reais.

(...) a comunidade vegana é diversa e muitas de nós seguem essa linha revolucionária e entendem o veganismo como um movimento radical, anti-capitalista e anti-colonialista, que

luta pela abolição animal, mas que também se posiciona do lado de todas as pessoas oprimidas no mundo.¹¹⁹

Penso que Sandra faz uma síntese bastante clara sobre as *opressões* e as *várias faces*, e com o que *elas têm em comum: a exploração, discriminação e violência contra o ser mais vulnerável pelo ser que tem mais poder*; e onde *todas as opressões estão conectadas*; apontando o *veganismo*, evidentemente a partir de suas práticas ativistas como *uma extensão lógica da luta anti-opressão*. E também destaco de sua posição a ideia de que *os valores principais do veganismo e da esquerda, como corrente política, são os mesmos: justiça, solidariedade e igualdade*. São valores que preso e que tento, na medida das minhas limitações, trazer em alguma medida para dentro de minhas práticas de educação e arte.

Logo à frente, neste segundo capítulo, Transições – do geral para algumas particularizações, retomarei a questão do veganismo e da denúncia do especismo a partir de alguns trabalhos que realizei.

Violências, desgastes e controles. Muito proximamente (durante a década de 2010, como brevemente abordado acima, e especificamente a partir da aproximação com os ideais do veganismo), fui começar a entender os danos causados pelo ultraliberalismo na psique e nos corpos dos trabalhadores. A descoberta dessa estrutura opressora foi sendo percebida por mim no decorrer dos anos e no cruzamento de leituras, onde primeiro fui percebendo o veganismo como ação pessoal possível, depois com a descoberta das instituições promotoras do abuso em escala industrial e global contra os animais humanos e não humanos e por fim o entendimento de que essas instituições e conglomerados de exploração agem dentro de uma lógica maior e instalada há décadas e mesmo séculos, a partir de premissas do colonialismo, do imperialismo, do ideário capitalista, liberal, depois neoliberal e atualmente ultraliberal (não necessariamente nessa mesma ordem, mas acredito que algo

¹¹⁹ GUIMARÃES, Sandra. Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão: Em entrevista ao Sul21, Sandra Guimarães defende que os valores principais do veganismo são os mesmos pelos quais a esquerda luta: justiça, solidariedade e igualdade. Sul 21, Marco Weissheimer, 22 de abril de 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/> Acesso em 13 de março de 2022. Destaques meus.

“Sandra Guimarães (...) nascida em uma família vinda do Sertão nordestino, (...) nasceu e cresceu em Natal, Rio Grande do Norte. O seu pai entrou no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) quando ela tinha 12 anos de idade e a reforma agrária passou a fazer parte de seu cotidiano. Estudar no exterior era o seu maior sonho e, desde os 14 anos, passou a economizar dinheiro para realizá-lo. Aos 20 anos, foi estudar em Paris onde morou por seis anos, formando-se em Linguística. Em 2007, decidiu fazer um trabalho voluntário de duas semanas na Palestina. Acabou ficando cinco anos lá trabalhando como voluntária no campo de refugiados de Aida, em Belém. Ao longo dessa trajetória, Sandra tornou-se chefe vegana, escritora, ativista e guia política na Palestina.”

próximo à isso – no terceiro capítulo abordarei estas especificidades). Entendo que apenas comecei a arranhar a superfície brilhante e hiper polida pela propaganda das mídias comerciais à serviço do grande capital internacional que naturalizam essa máquina colossal de iludir e moer animais humanos e animais não humanos.

Apenas fazendo uma pequena retomada antes de prosseguir. Nos momentos iniciais desta pesquisa meus problemas metodológicos (poéticos/processuais) giravam em torno de como abordar questões mais amplas relacionadas às violências, desgastes, controles e coerções nos meus trabalhos artísticos, isso de uma maneira mais ampla e sem apontar para as situações e agentes geradores dessas ações, pois não tinha consciência clara sobre esses agentes, não havia parado para estudar sobre eles, como agora tive a oportunidade e contexto de fazer isso. Então ponderava quais procedimentos conceituais empregar. Quais suportes utilizar? Seguir unicamente com as estruturas em madeira? Ou incorporar outros elementos a elas como nas esculturas *Meio-pau* (fig. 5 e 7) e *Outro* (fig. 6 e 8) ambas de 2011, onde incluí pequenos crânios esculpidos em madeira? Retomar o trabalho com entalhes em madeira ou partir para moldagens e/ou modelagens com esculturas de figuras humanas? Quais temáticas específicas seriam escolhidas? Quais seriam viáveis? Partiria de assuntos de quais fontes? Da mídia tradicional (o quarto poder)? Da internet (o quinto poder)? De acervos públicos? Da literatura? Do meio acadêmico? Da história da arte? Usaria imagens apropriadas destes meios? De quais referenciais teóricos e de quais campos do conhecimento? Seguir com as referências mais amplas e por vezes abstratas da filosofia? Ou partir para a sociologia e contextos mais específicos? Empregar a palavra dentro do trabalho? Nomearia instituições e corporações? Essas eram algumas das questões que *sulearam*¹²⁰ (fig. 33) o início dessa pesquisa. Em função das leituras que se seguiram e também das atividades em ateliê, muitas dessas questões foram se encaminhando no decorrer do trabalho de pesquisa e prática artística.

¹²⁰ Sulear ao invés de nortear, na minha ignorância usei essa palavra pela primeira vez no seminário da professora Luiza Khristov, pensando a partir do que conhecia sobre o desenho *América Invertida*, 1943, (fig. 33) do artista uruguaio Joaquín Torres García (1874-1949, Montevideu), ao que ela sorriu percebendo o meu desconhecimento e me informou que esse termo era usado por Paulo Freire. Nas palavras de Torres García: “[...] *En realidad, nuestro norte es el Sur. [...] Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo [...]*.” LEAL, Fernanda. “Internacionalização invertida”: reflexões críticas sobre a educação superior mundial contemporânea – Desnaturalizar a ideia de internacionalização enfatizada pelo discurso político dominante implica em situar esse processo em seu próprio espaço e tempo. *Iberoamérica Social*, 22 de abril de 2018. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/internacionalizacַo-invertida-reflexoes-criticas-sobre-a-educacַo-superior-mundial-contemporanea/> Acesso em 14 de março de 2022.

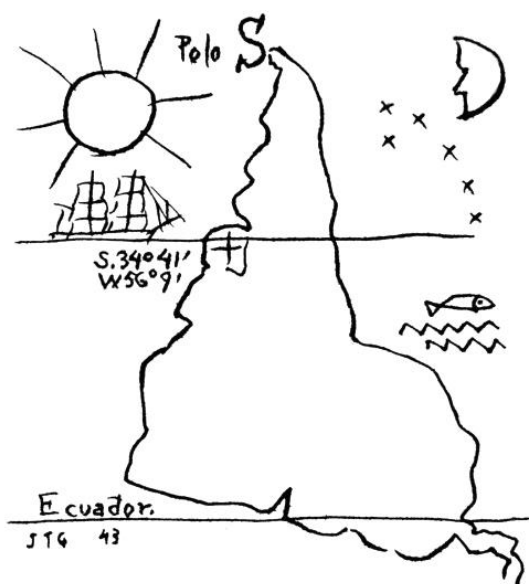


Fig. 36 Joaquín Torres García, *América Invertida*, 1943
tinta sobre papel, 22 x 16 cm,
Fundación Joaquín Torres García, Montevideo, Uruguai

Essa referência irá aparecer no meu desenho *Sud – ou Sulado*, série *Subversões da imposta norma* de 2014.

No pré-projeto para o doutorado as questões ainda estavam voltadas para aspectos mais amplos, mas a medida que a pesquisa ia avançando com os estudos e práticas fui entendendo que a produção a ser desenvolvida durante o doutorado teria como objetivo o estabelecimento de um lugar mais evidente para estas questões políticas urgentes¹²¹, onde pudessem ser abordadas reflexões visuais e escritas sobre extratos da realidade, tratar de contextos sociais e culturais presentes em nossa sociedade de modo mais afirmativo, de modo mais direto. Na época, antes de iniciar a presente pesquisa de maneira sistemática, um dos pontos que eu julgava que deveriam ser aprofundados seria a respeito da noção de delimitar - determinar os limites espaciais; demarcar (fronteiras, espaços, lugares), definir um espaço de existência e de percepção sensorial e mnemônica; ou por extensão de significado: estabelecer limites (éticos, teóricos e comportamentais). Mas também buscar problematizar o limite como cerceamento, como violência, como repressão, censura, como um modo de diminuição da potência vital. Acabei deixando um pouco de lado essa questão que me parecia mais genérica, mas aberta e talvez por isso pouco precisa. Mas me parece que de uma forma intuitiva e vaga

¹²¹ O Paço das Artes – instituição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo – realiza nos dias 19, 20 e 21 de outubro o Seminário Internacional de Arte Contemporânea 2017 – “*Urgências na Arte*”. Sintomático de uma necessidade do meio das artes visuais de buscar discutir as situações críticas (censura entre outras), que tem prioridade, que requerem ações imediatas. “‘**É urgente, hoje, que a arte se levante novamente como instigadora da transformação**’, defende Priscila Arantes, diretora artística do Paço das Artes.” Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/paco-das-artes-apresenta-seminario-internacional-de-arte-contemporanea-2017/> Acesso em 19 de março de 2022. Grifo meu.

eu estava já tratando de, talvez, um ponto central, mesmo que não literal do trabalho que seria ligado às noções, teorias e acepções de poder.

O filósofo sul coreano Byung-Chul Han em seu livro *O que é o poder?*¹²², faz um complemento à abordagem comunicacional do sociólogo Niklas Luhmann (1927-1998, Alemanha)¹²³, onde Han enfatiza a questão espacial do poder:

Por Luhmann tratar apenas do poder em sua relação *linear* entre agentes individuais da comunicação, passa despercebido o poder espacial que aparece na forma de uma continuidade, de uma totalidade. O espaço pode influenciar linhas de comunicação mesmo sem que seja especialmente percebido. Com frequência, *o que está ausente* tem mais poder do que o que está presente. O poder espacial pode parecer também como a *gravitação* que produz toda uma ordem na medida em que reúne forças difusas em sua estrutura. Não é possível descrever seu modo de atuar com a causalidade linear. O poder atua aqui como causa que gera uma ação específica nos subordinados ao poder. Ao contrário, ela estabelece um espaço no qual uma ação recebe em princípio uma direção, ou seja, um *sentido* – um *espaço*, portanto, que precede a *linha* de causalidade ou a cadeia de ações. Ele é um domínio, no interior do qual uns têm mais poder do que os outros, ou seja, uns podem ser mais dominadores do que outros. O poder gera um lugar em que as relações singulares de poder estão pré-armazenadas. (HAN, 2019, p. 38-39)

Quando Han diz que “O poder atua aqui como causa que gera uma ação específica nos subordinados ao poder”, penso em meu trabalho dos últimos anos como uma reação a essa força gravitacional promovida por interesses econômicos de dominação global (atualmente de matriz ultraliberal) que tem se manifestado no Brasil. As intervenções no país sempre existiram, apenas mudou o centro de controle, antes a Europa ocidental e a partir do final da segunda grande guerra mundial o norte do continente Americano. No terceiro capítulo procurarei tratar mais especificamente da influência desses poderes coloniais e de suas estratégias de dominação via ameaças e intervenções militares, espionagem, cooptação de agentes locais, embargos econômicos, guerras culturais e jurídicas (*lawfare*), as chamadas guerras híbridas, o controle velado, as guerras não convencionais e a dominação de espectro total¹²⁴.

O escritor sul coreano sintetiza que “(...) a perda completa de poder é experimentada com a *perda absoluta de espaço*” (HAN, 2019, p.18), ou seja, perder espaço é perder poder, e mais espaço significa mais poder – mais espaço na mídia, mais terras, mais satélites no espaço ao redor do planeta,

¹²² HAN, Byung-Chul. *O que é o poder?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019. Livro publicado em 2005 pela primeira vez.

¹²³ “Niklas que é apontado como um dos principais autores das teorias sociais do século XX”. Niklas Luhmann. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikipédia], 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Niklas_Luhmann Acesso em 7 de março de 2022.

¹²⁴ KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: Das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

mais bases militares espalhadas pelo mundo, mais países submisso à OTAN, mais espaço de memória computacional, mais poder. Quando o autor traz o livro *Massa e Poder* (1960) do ensaísta Búlgaro Elias Canetti (1905, Ruse-1994, Suíça), Han reforça a tese de poder como espaço e acrescenta o tempo na sua análise: “O poder é ‘mais espacial’ do que a violência. E a violência torna-se poder quando ele ‘se dá mais tempo’. O poder baseia-se, visto desse modo, em um ‘mais’ de espaço e de tempo” (HAN, 2019, p. 48). O geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) nos diz “... o espaço é a acumulação desigual de tempos”¹²⁵.

A leitura desse livro de Han também me chamou a atenção para repensar sobre a atribuição exclusivamente negativa a respeito do poder, deste como originador de opressões, violências, controles e punições. Han ainda falando a partir de Canetti, mas agora com um viés mais crítico, diz que “Canetti dispõe abertamente apenas de um conceito de poder muito restrito. Ele equipara em larga medida o poder com coerção, opressão e submissão” (HAN, 2019, p. 47), e infere ainda que:

Obcecado com a morte, Canetti se esquece visivelmente que o poder simplesmente não apenas mata, mas, sobretudo, deixa viver. Em sua fixação com a negatividade do poder, Canetti não reconhece que o poder não exclui a ação e a liberdade, que o poder, em um outro sentido bem diverso, *oferta tempo e espaço*. O espaço-tempo da *possibilidade* ou da liberdade pode ser, (...), uma ilusão. Mas o poder o pressupõe, mesmo na forma de uma *aparência*. (HAN, 2019, 49).

Penso que o “deixa viver”, na verdade corresponde a uma condição precária e vil de apenas deixar sobreviver, não por falta de recursos, mas como estratégia de dominação e concentração do capital nos espaços de poder. Dentro da lógica do sistema econômico capitalista deixar os trabalhadores (ou os países não ocidentais) sobreviverem é vital ao sistema opressor ultraliberal, com o mínimo de espaço nas mãos do povo e com o tempo de trabalho pago precariamente, o grande poder permite apenas a manutenção das necessidades básicas da mão de obra explorada pelas elites locais e globais. Então não estou de acordo com Han nessa questão, e com o seu ponto de vista de um poder positivo neste aspecto, apesar de sua ressalva ao final dessa *possibilidade de liberdade* como uma *aparência*, uma *ilusão* de liberdade. Impasses conceituais dessa natureza talvez tenham me afastado na última década das leituras de caráter filosófico e, em função disso comecei a procurar subsídios nos campos da história e das ciências sociais. Penso estar fazendo o movimento no sentido

¹²⁵ SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: EDUSP, 2012. (Coleção Milton Santos; 5). 1ª edição em 1982. (P. 9)

do geral para o específico, pois sinto necessidade de entender mais os fatos particulares e menos depender de teorias mais generalistas e eventualmente mais abstratas nesse atual momento – menos a teoria rarefeita e pretensamente universalista (geralmente imperialista) e mais a análise crítica pontual de fatos materiais que envolvam tempo, espaço, situações e agentes específicos.

Talvez, também, devido a isso nos últimos anos eu tenha sentido a necessidade de intensificar uma produção artística que parta de pressupostos oriundos de questões socioculturais mais prementes, tais como: narrativas midiáticas e políticas (dentro da noção de pós-verdade, de inversão de valores), da violência do estado e de pessoas contra pessoas¹²⁶ – sendo esse um recorte de assuntos prévios às leituras teóricas – depois das leituras comecei a buscar saber sobre quais são os agentes e órgãos estatais e privados que promovem o caos na sociedade como tática de desestabilização social e econômica e, disseminam discursos de ódio que autorizam as pessoas comuns a se armarem e a praticarem atos de violências contra outras pessoas da mesma classe, ou seja, da mesma classe trabalhadora. Penso que isto foi sintomático do momento histórico pós-golpe de 2016 no Brasil.

Desde pelo menos 2005 tenho empregado em meus trabalhos de arte linhas inclinadas – que são de alguma forma, indicativas de uma sugestão de movimento visual, e, da suscetibilidade de desabar, de cair - para tentar propor algum tipo de experiência corporal e visual de instabilidade, de desaprumo, mas ao mesmo tempo, fisicamente as obras continuam apresentando certo grau de estabilidade. Penso talvez poder se tratar de uma espécie de alegoria referente as instituições estabelecidas que parecem que vão cair, mas no fundo estão solidamente cristalizadas em estruturas e padrões de comportamento oral, físico e corporativo; onde quem se desequilibra e eventualmente cai é o sujeito da massa, que é privado parcialmente ou completamente de alternativas ao *status quo*.¹²⁷ Sendo este sujeito afastado de possibilidades de escolhas éticas e políticas.

Este movimento de transição para outra extensão de minha produção começou pela atribuição consciente de títulos mais diretos, como por exemplo, no caso da escultura *Quatro Poderes* de 2015 (fig. 25), apresentada na exposição *Objetos/Oblíquos*. E sem dúvida a proposição número trinta de Sol

¹²⁶ Mais da metade dos professores da rede estadual de SP sofreu agressão na escola, diz estudo. Publicado em 27 de Setembro 2017. Disponível em: <http://www.apees.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/mais-da-metade-dos-professores-da-rede-estadual-de-sp-sofreu-agressao-na-escola-diz-estudo/> Acessado em 16 de dezembro de 2022.

¹²⁷ C. f. FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

LeWitt, em seu escrito *Sentenças sobre Arte Conceitual*¹²⁸, contribuiu muito para eu buscar fazer esta transição de modo mais enfático: “*Há muitos elementos envolvidos em um trabalho de arte. Os mais importantes são os mais óbvios*”. Penso que esta passagem de LeWitt acerca da arte conceitual (do final dos anos 60) parece ser necessária neste momento de pós-verdades¹²⁹ e manipulações sustentadas por poderes econômicos, políticos e midiáticos¹³⁰. Considero que estas ênfases temáticas apareceram nos trabalhos através de estratégias de apontamentos, comentários, representações e menções de fatos ocorridos no contexto da realidade brasileira *pós-golpe jurídico, midiático, empresarial, parlamentar*¹³¹ e militar de 2016.

¹²⁸ Sol LeWitt, *Sentenças sobre Arte Conceitual*, (sentença nº 30 de 35), publicado pela primeira vez no catálogo 0-9 n.5 (jan 1969). Publicado no Brasil no livro *Escritos de Artistas Anos 60/70*. Glória Ferreira e Cecília Cotrim (org). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (p.207)

¹²⁹ “Na definição britânica, ‘pós-verdade’ é um adjetivo ‘que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais’.” In *A era da pós-verdade*. Gabriel Prioli, publicado 13/01/2017. <https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade> Acesso em 12 de setembro de 2017..

¹³⁰ TV “AL Jazeera” denuncia Rede Globo no Golpe do Brasil 1964/2016 (publicado em 31 de agosto de 2016), 9:58 – <https://www.youtube.com/watch?v=E6MpbF503b4> Acesso em 30 de abril de 2022.

¹³¹ Brasil Pós-Golpe é “mais capitalista, colonialista e patriarcal”. Boaventura de Sousa Santos. Publicado em 08 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/poder/274163/Boaventura-Brasil-p%C3%B3s-golpe-%C3%A9-%E2%80%9Cmais-capitalista-colonialista-e-patriarcal%E2%80%9D.htm> Acesso em 22 de setembro de 2017.

2.1 Transições – do geral para algumas particularizações

“Quanto mais poderoso for o poder, mais *silenciosamente* ele atuará”¹³²

“É importante para os EUA permanecer em segundo plano e, sempre que possível, limitar seu apoio a treinamento, aconselhamento e material, para que não prejudique o esforço do governo local e exponha os EUA desnecessariamente a acusações de intervenção e colonialismo”¹³³

A primeira frase é do filósofo sul coreano baseado na Alemanha Byung-Chul Han e está dentro do seu livro *O que é poder?*, no capítulo *Lógica do Poder*, a frase está em contexto com o trecho do sociólogo polonês Ulrich Bech (1944, Slupsk-2015, Munique) que diz: “(...) onde ninguém fala sobre o poder é onde é inquestionável, e, em sua inquestionabilidade é, ao mesmo tempo, mais seguro e grande. Onde se fala sobre o poder, começa sua derrocada.”¹³⁴ Partindo da premissa de Bech penso que, mesmo que de maneira evidentemente esperançosa e utópica, começar a falar sobre os poderosos, começar a lhes apontar as suas responsabilidades, poderá ajudar a promover a sua derrocada, mesmo que infelizmente à longuíssimo prazo – e também pode ser uma das formas de buscar “um mínimo de resistência possível contra isto que está aí”. Os poderes que me refiro aqui são os poderes do imperialismo estadunidense em especial e dos seus marionetes e comparsas comerciais e militares espalhados pelo globo (e pela rede Globo no caso do Brasil). Porque a referência aos EUA? Pelo fato de eles serem os responsáveis pelas agressões a centenas de países pelo mundo, sendo o Brasil um alvo recorrente, juntamente com os demais países da América.

No esclarecedor e aterrador livro *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos* de Vijay Prashad há uma quantidade significativa de evidências que apontam para as práticas imperialistas dos EUA, entre elas:

¹³² HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (p. 9-10)

¹³³ PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. (p. 67). Escrito a partir de 1967 por Richard Bissel e seu grupo de Contrainsurgência da CIA. Na época Bissel era vice-diretor de planos da CIA e supervisor – a pedido do Presidente Kennedy – do Grupo Especial (Contrainsurgência). Ele estudou em Yale e formou o grupo de trabalho com outros homens instruídos em Harvard, Princeton e Yale. (p. 66)

¹³⁴ A produção de Ulrich Beck abarca aspectos da sociologia, ambientalismo, sustentabilidade, direito, ciências da saúde, agricultura, política e filosofia da ciência. BECK, U. *Macht und Gegenmacht im Globalen Zeitalter – Neue Weltpolitische Ökonomie*. Frankfurt a. M., 2002, p. 105, In HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (p. 10-11)

O direito internacional e a opinião pública poderiam ser manipulados a favor do imperialismo. A fórmula é clichê. É um lugar comum, um plano curto para produzir um clima de golpe, criar um mundo subjugado. Aqui estão os nove capítulos deste manual para mudança de regime. **1. Fazer lobby junto à opinião pública.** (...) Um golpe deve ser previamente preparado na opinião pública. (...) **2. Escolha o homem certo em campo.** (...) No Brasil (em 1964), o homem em campo era Lincoln Gordon – um liberal quando lhe convinha (...). Foi Gordon quem pediu ao governo dos EUA que enviasse uma “entrega clandestina de armas” aos golpistas brasileiros. (...) Esses homens ajudaram a alinhar o posicionamento das embaixadas ocidentais, garantiam que a propaganda estivesse pronta para justificar o golpe e forneciam apoio suficiente dos EUA aos assassinos e ao caos que se seguia. (...) As embaixadas (...) forneciam listas de comunistas e simpatizantes comunistas que precisavam ser mortos. **3. Garanta que os generais estejam prontos.** O general aposentado do Exército, Roberto Viaux, que estava ansioso por um golpe de Estado e vinha se encontrando regularmente com a CIA, sequestrou o general Schneider (fiel ao presidente Salvador Allende) e o matou. **4. Faça a economia gritar.** Em (...) 1953, a CIA produziu um relatório sobre sua guerra híbrida (...). O texto observa que a “pressão econômica” era essencial (...) serão aplicados métodos de guerra econômica direcionados a suprimentos de petróleo, remessas e exportações e importações vitais, sempre que possível”. Foi formado um grupo de trabalho composto por empresários estadunidenses com “experiência em bancos, transporte marítimo, publicidade, investimentos gerias e petróleo na América Latina” e três homens que “ocupam altas posições nos negócios e na vida industrial (local). **5. Isolamento diplomático.** O governo que se opõe ao imperialismo e apoia seu próprio povo deve ser retratado como fora de alcance e isolado muito antes dos tanques deixarem o quartel. Esse isolamento deve parecer como um processo natural. O governo não é mais um governo, mas um regime; não é mais um governo democrático, mas um regime autocrático. **6. Organize protestos massivos. Um golpe nunca é um golpe. Chamá-lo de golpe seria admitir que o governo dos Estados Unidos tinha subvertido os processos democráticos de outro país** ou, pelo menos, interferido em outro país. Um golpe tem que vir com outro nome. Tem que ser visto como uma revolta popular contra um governo autoritário, que foi salvo pela intervenção dos militares nacionais. (...) Graças ao controle da mídia pela CIA, as notícias nos principais jornais ocidentais não chamariam isso de golpe nem de guerra. (...) Para ser uma revolta popular, são necessárias massas de pessoas nas ruas. Mas se as massas (estão à favor do governo), como fabricar o caráter popular? O dinheiro ajuda (...). **7. Sinal verde.** Sempre há um sinal verde. **8. Um estudo sobre o assassinato.** (...) A CIA há muito acreditava que se pudesse assassinar líderes importantes, enfraqueceria a resolução de qualquer Estado pela libertação nacional. (...) Nos arquivos da CIA na Guatemala está um documento arrepiante de 19 páginas, com o título simples, Uma estudo sobre o assassinato (1953). “Nenhuma instrução de assassinato deve ser escrita ou registrada”, diz o estudo. (...) Tais estudos continuam sendo produzidos para militares e paramilitares associados ao longo braço do imperialismo estadunidense. (...) Na América do Sul, o governo dos EUA trabalhou com o arquétipo de juntas militares, da Argentina ao Paraguai, para sequestrar, torturar e assassinar comunistas no continente. Esse programa, que funcionou de 1975 a 1989, foi chamado de Operação Condor. Mataram cerca de 100 mil pessoas e aprisionaram meio milhão. Em um documento da CIA de 1977, chamado “Counter-terrorism in the Southern Cone” [Contraterrorismo no Cone Sul], o autor afirma que a Operação Condor consistiu em uma ação sob a supervisão da CIA, com desenvolvimento chileno de um banco de dados informatizado (“todos os membros contribuirão com informações de terroristas conhecidos ou suspeitos”), e fornecimento brasileiro de equipamentos para o “Condortel” (a rede de comunicações do grupo). As equipes de assassinato da Condor foram acionadas contra comunistas conhecidos, líderes da oposição e grupos de direitos humanos (incluindo membros da Anistia Internacional). (...) Essa fórmula usada na Argentina e no Chile, no Brasil, no Iraque e em Gana – uma crueldade foi desencadeada na terra, pois as ideologias políticas mais tóxicas receberam licença total para matar. E então suas estações de rádio e televisão, em seus jornais e revistas, os Estados Unidos e seus aliados ou sufocariam a verdade, ou enquadrariam a história para que os comunistas tivessem matado a si próprios. **9. Negue.** (...) quando os comunistas foram assassinados, o

governo dos EUA negou qualquer participação. (...) O governo dos EUA mascarou suas atividades (...). (...) A ideia da “teoria da conspiração” foi desenvolvida pelo filósofo anticomunista Karl Popper em seu clássico de 1945, *A sociedade aberta e seus inimigos*. (...) Popper apontou que os grupos conspiratórios eram paranoicos e, como o nazismo, levariam ao totalitarismo e a políticas genocidas. Os liberais de Popper viam qualquer crítica de esquerda ao Estado e à sociedade dos EUA como conspiratórias (...). (PRASHAD, 2020, p. 70-95)

O acesso ao conteúdo desse livro de Vijay Prashad me permitiu entender, a partir de fatos históricos e relatos de ex-agentes da CIA¹³⁵, como opera o imperialismo estadunidense e sua sede de controle global, o que afeta de maneira significativamente o Brasil de longa data.

A minha produção mais recente, da década de 2010, foi motivada pelas experiências da realidade política no Brasil a partir de pelo menos 2013, mesmo que naquela época inicial de transição eu ainda não estivesse de posse do entendimento de quem formulava os planos de desestabilização e de onde viam os ataques organizados contra o Brasil e, de como isso faz parte de uma estratégia global para enfraquecimento dos países em desenvolvimento que se destacam e promovem ações de soberania nacional (como é o caso do Brasil que dispõe de abundantes fontes de energia: petróleo e o pré-sal em especial; energia eólica em potencial; energia hídrica; energia vegetal do álcool de cana de açúcar; capacidade de produção de alimentos; reservas minerais e de água doce) e associações independentes do bloco imperialista, tais como o Mercosul no âmbito do Cone Sul ou os BRICS em escala global.

A seguir indico alguns dos fatores que me inquietaram, instigaram e me afetaram física e mentalmente: a re-amplificação do poder das forças conservadoras e retrógradas que sempre dominaram o poder no Brasil (orientados e patrocinados outrora por Inglaterra e agora pelos EUA); a retirada de direitos sociais, a anulação dos sindicatos, o sucateamento de serviços essenciais do setor público (setor energético, saúde, educação, cultura, ciência) com vistas à sua destruição completa e entrega a preços irrisórios para empresas privadas e a estatais estrangeiras; e a crise financeira global de 2008 promovida por bancos privados e especuladores do mercado financeiro estadunidense, ou seja, o avanço do ultra liberalismo. Situações terríveis que tem apoio da narrativa da grande mídia corporativa nacional que sempre foi cínica e motivada por interesses militares, empresariais, do agronegócio e do setor financeiro – narrativa consonante com a extrema direita - pois a ladainha é de se desestatizar tudo, entregar tudo ao dito “livre” “mercado”, ou seja, estado mínimo para o povo,

¹³⁵ Ver o capítulo “Fontes” (PRASHAD, 2020, 155-167). “Nada foi tão útil para mim ao escrever esse livro quanto as conversas que tive com ex-agentes da CIA, pessoas como Chuck Cogan, Rafael Quintero e Tyler Drumheller. À procura de inimigos (1978), de John Stockwell, é um livro projetado para limpar a consciência de um homem que estava com nojo do trabalho que ele havia feito”. (p. 166-167)

estado máximo para o poder econômico. As contribuições de Vijay Prashad sobre a apropriação dos termos “livre” e “liberdade” pelos imperialistas são fundamentais:

Os Estados Unidos tinham que ser discretos. Mas não bastava conduzir suas atividades em segredo. Eles tinham que, ao mesmo tempo, negar seu papel de líder do bloco imperialista e revelar esse papel para gerar medo entre os adversários. (...) As doses homeopáticas de medo pelo poder dos EUA tiveram que acompanhar as doses alopáticas de amnésia sobre o poder dos EUA. **Livre. Liberdade.** Foi um golpe de relações públicas essas palavras terem sido associadas ao Ocidente e pintarem a URSS e seus aliados, bem como os novos Estados pós-coloniais independentes, como ditatoriais e autoritários. A ideia do “Mundo Livre” não foi produzida pela realidade (...). O Ocidente tornou-se associado à ideia de liberdade através da propaganda. A ideia do “Mundo Livre” foi mobilizada para produzir uma fé implícita nos Estados Unidos e para deslegitimar o mundo socialista e o projeto do Terceiro Mundo. O dinheiro foi derramado na mídia e em outras indústrias culturais para retratar pessoas como Stalin (...) como equivalentes a Hitler. Esses homens foram descritos como a essência do mal, e seus projetos, como contrários à liberdade. O que liberdade significava não era a liberdade de estar totalmente vivo – ter os recursos para comer, aprender, ser saudável –, mas ter eleições e imprensa livres (...). (...) os EUA intervíram regularmente nas Américas, a favor de velhas oligarquias incrustadas, em nome do anticomunismo e antitotalitarismo. Não parecia relevante que o colonialismo francês fosse ele próprio totalitário – como Ho Chi Minh dizia desde a década de 1920 – e que a intervenção dos EUA nas Américas fortaleceu o regime totalitário, incluindo o regime militar. Esses ataques contra a democracia foram conduzidos em nome da liberdade, uma **liberdade para os oligarcas e o imperialismo contra o povo.** (PRASHAD, 2020, p. 96)

Além dos fatores citados acima, ainda houve: o aumento da intolerância por parte de uma parcela da população (estimada entre vinte e trinta por cento) que foi sistematicamente instigada a sair as ruas e a agir em 2013, identificada com um ideário de extrema direita (tendo aqui também palavras apropriadas pela extrema direita, em particular o retorno da tríade integralista - *deus, pátria e família*); a explicitação de censuras e violências contra minorias econômicas (pessoas em situação de rua, moradores de periferias, dependentes químicos, moradores de assentamentos de terras, moradores de assentamentos urbanos, trabalhadores formais e informais (proletariado, precariado¹³⁶, lumpemproletariado/subproletariado); professores; mulheres; negros; comunidade LGBTQI+; povos originários¹³⁷; ativistas de direitos humanos; ativistas de direitos animais (movimentos veganos libertários); ambientalistas; artistas progressistas, músicos, atores, cartunistas/chargistas, ativistas de

¹³⁶ “Ruy Braga: O que é o precariado? - O sociólogo do trabalho, Ruy Braga, autor de “A política do precariado” (2012, <http://bit.ly/2DYKMIA>) e “A rebeldia do precariado” (2017, no prelo, <http://bit.ly/2gBZerR>), explica o conceito de precariado e fala sobre as vantagens de se usar ele para entender a realidade social, econômica e política no Brasil.” <https://www.youtube.com/watch?v=ZT471IJ7Vg> Acesso em 06 de julho de 2020.

¹³⁷ “Quais são os termos corretos para se referir a povos indígenas?” - O escritor e ambientalista Kaká Werá comenta as terminologias usadas para descrever os povos indígenas e se os termos usados hoje em dia são pejorativos de alguma forma. Extrato do Programa *Roda Viva* da Fundação Padre Anchieta de São Paulo, exibido em 09/01/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vNJYqBE0w90> Acessado em 03 de julho de 2020.

centro-esquerda, jornalistas progressistas e afins)¹³⁸ e também a demonização da política¹³⁹ que abriu caminho para os oportunistas autodeclarados não-políticos, empreendedores, gestores, cidadãos de bem, anticomunistas, militares, policiais militares, policiais federais, pastores, etc.

No início da pesquisa eu acreditava que o lugar a observar seria mais próximo da unidade, da pessoa, do indivíduo político; mas à medida que eu avançava nas leituras, principalmente depois de ter realizado a exposição *Necrocolônia: 2016-2019* (2019) me pareceu que fazia mais sentido, não me ater apenas ao micro, ao caso específico, mas também buscar entender o macro, às repetições históricas, aos métodos de continuidade do poder e controles estruturais promovidos pelos impérios colonialistas. Ou seja, na exposição *Necrocolônia: 2016-2019* (2019) acabei apresentando questões pontuais, e nessa parte escrita funciona como um elemento complementar ao esforço artístico de concepção, seleção e síntese.

Nesse escrito busquei ampliar o foco para questões mais estruturais que fui começar a entender a partir do avanço das leituras. Entendi que as respostas não estariam apenas na unidade do sujeito comum pertencente ao povo, mas no conjunto de sua classe e na função dessa classe dentro das engrenagens opressoras do sistema capitalista. E com isso, o que penso que descortinei foi que se trata de um sistema aos moldes coloniais, aos moldes imperialistas. Talvez para muitos historiadores e cientistas políticos esse ponto seja tão básico, tão óbvio, mas para mim foi um ponto de mudanças de paradigmas. O professor de história e comunicador marxista Humberto Matos¹⁴⁰ costuma afirmar em suas análises sobre a conjuntura política nacional que a grande maioria dos brasileiros nascem liberais, pois esse é o paradigma dominante perpetuado pelo grande capital através de seu braço publicitário que é a grande mídia, e é necessário um grande esforço para se desprender das falácias do capitalismo neoliberal: o “livre mercado” é a solução para tudo; liberdade econômica absoluta; a total desregulação do mercado não cria monopólios e oligopólios; a concorrência baixa os preços – não cria cartéis nem monopólios nem mesmo concentração de poder econômico (e portanto, poder político) – não é mesmo “Sr. Ambev” morador da Suíça?; o choque neoliberal não funcionou pois foi muito brando, faltaram medidas mais austeras, precisamos de mais alguns governos neoliberais para resolver

¹³⁸ Nessa tese não terei a pretensão de abordar todos esses tópicos em extensão, mas não posso deixar de indicá-los aqui para que se estabeleça um horizonte de causas em questão.

¹³⁹ Ver *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Esther Solano Gallego (org.). São Paulo: Boitempo, 2018. “Tudo o que a direita brasileira propõe é o que já foi praticado nos nossos quinhentos anos de história. (...) Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram foi em nome de Deus, da Pátria e da Família.” Gregório Duvivier. (p. 9)

¹⁴⁰ Ver o canal do Youtube Humberto Matos. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC3qAUf53j_dUv09jH7jsUJw

isso – a culpa foi dos sindicatos, a culpa é dos trabalhadores/consumidores; meritocracia; todos podem – e devem querer – ficar ricos – basta se esforçar; *não reclame da crise, trabalhe*¹⁴¹; empreendedorismo, enquanto os outros descansam, trabalhe mais; acabar com o estado “inchado” malévolo e fazer de tudo por um estado mínimo (para a grande massa da população) e deixar nas mãos invisíveis do mercado financeiro as soluções da economia, evidentemente com um ex-banqueiro ou economista liberal à frente do Banco Central e do Ministério da Economia; não existe mais esquerda ou direita; o povo não precisa se envolver em política que é algo ruim, deixe isso para os especialistas “instruídos”; não temos mais lutas de classes, somos todos uma única nação; a economia neoliberal é tão natural e necessária quanto o ar; o neoliberalismo não é excludente, não é cínico, não é manipulador, não é racista; veja os bons exemplos da Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia e Canadá¹⁴², que aliás são muito ajustados às condições brasileiras.

Frente a todos esses retrocessos em nome da concentração nefasta de poder econômico e político que resultam na entrega de patrimônio público, em abusos de poder, mortes, o que pode ser feito? Como sair dessa situação, ou ao menos, como lidar com ela?

Talvez tenham sido esses tipos de situações e questionamentos que me fizeram retomar a minha questão de pesquisa pregressa, a melancolia. Voltei a ela, para partir dela, tendo a melancolia como ponto de apoio para seguir em frente. A melancolia como lugar de passagem ou continuação em uma escala ampliada para o âmbito social da melancolia. Melancolia resumidamente entendida aqui como um estado impregnado em sujeitos que entendem que tem algum grau de consciência dos extremos das questões (entre fatos pregressos e presentes e prováveis desdobramentos futuros, *esperanças* – ou *desesperanças* - *antecipatórias*¹⁴³), mas que não conseguem agenciar saídas viáveis (encaminhamentos práticos, imediatos, afirmativos, conclusivos) para as opressões e ataques físicos e psicológicos atuantes nesse contexto vivido de opressão neoliberal.

¹⁴¹ Fala do agente golpista Michel Temer durante o seu primeiro discurso como presidente interino em 12 de maio de 2016.

¹⁴² “Mesmo nos países tidos como praticantes de políticas neoliberais, o ‘livre mercado’ passa longe de existir. E isso é decorrência de dois motivos. O primeiro, o fato de que todo mercado sem regulação alguma tende no longo prazo ao monopólio ou ao oligopólio. O segundo vem da ideia de que, ao concentrar poder econômico, concentra-se também poder político, e é esse poder político que é utilizado para fazer do Estado um agente protetor das barreiras que impedem a competição tão defendida pelos discursos dos mesmos grupos que se beneficiam de sua falta.” MOREIRA, Eduardo. *Economia do Desejo: A farsa da tese neoliberal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. (p. 32)

¹⁴³ A partir de Ernest Bloch no capítulo Fim das Utopias, dentro do livro *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória* de Enzo Traverso. (p. 39)

Percebo que os últimos oito anos obliteraram um possível futuro de mais igualdade social, de mais acesso à educação pública de qualidade e à cultura. O futuro foi “abolido pela era do neoliberalismo” (TRAVERSO, 2018, p. 40), pela “ditadura do mercado de capitais”, que nos força a uma “permanente aceleração” e precarização da experiência do viver, ao mesmo tempo em que estabelece uma espécie de prisão temporal, uma repetição do presente. O “‘presentismo’ se torna um tempo suspenso entre um passado que não se pode superar e um futuro negado”, um “futuro que não pode ser inventado ou previsto (exceto em termos de catástrofe)” (TRAVERSO, 2018, p. 40-1). Ainda conforme nos alerta Enzo Traverso “a melancolia continua no ar como o sentimento dominante de um mundo que carrega o pesado fardo de seu passado, e segue caminhando sem um norte, sem um futuro discernível” (TRAVERSO, 2018, p. 62). Como artista, procuro pôr em prática encaminhamentos artísticos que estão dentro das minhas possibilidades. Mesmo imerso e por muitas vezes perdido nesse vapor/torpor melancólico da derrota, da desesperança de um futuro melhor e da sensação de perda de um ímpeto utópico¹⁴⁴, me empenho em pensar e promover uma busca por um horizonte de possibilidades que visem à autorreflexão, a uma elaboração crítica e a uma maior e constante conscientização sobre a realidade – “os vencidos (...) repensam o passado com um olhar mais sutil e crítico (...)” (TRAVERSO, 2018, p. 76). Penso na continuidade do trabalho com arte em termos de “uma melancolia fecunda, que como diria Judith Butler¹⁴⁵, implica o ‘efeito transformador da perda’” (TRAVERSO, 2018, p. 66), de uma melancolia que incite à ação.

O inimigo está entre nós, travestido de amigo, de salvador. Sua ideologia e modo de vida idealizado foi entranhado na linguagem, na anglofonia, nos anglicismos, no angloimaginário heroico dos eleitos (EUA) que se autoproclamam como juízes e policiais do mundo (dentro da doutrina do *destino manifesto*¹⁴⁶ dos pais fundadores estadunidenses). Mas os brasileiros, e a classe trabalhadora

¹⁴⁴ “(...) Paul Celan diferenciou u-topia de utopia. U-topia, literalmente ‘sem lugar’, é um locus inexistente, enquanto utopia significa que há uma esperança, uma expectativa, uma visão de futuro, de algo que ainda não existe. Segundo Ernest Bloch, utopia é uma prefiguração, o campo do ‘ainda não’ (...) Hoje, após o colapso das revoluções do século XX, utopia não aparece como um ‘ainda não’, e sim como uma u-topia, um lugar que já não existe mais, uma utopia destruída que é o objeto da arte melancólica.” (TRAVERSO, 2018, p. 251)

¹⁴⁵ BUTLER, Judith. *Precarious Life: The power of mourning and violence*. Londres: Verso, 2004. (p.21)

¹⁴⁶ C. f. O militarismo dos EUA e a doutrina do Destino Manifesto - “(...) o colonista comenta como a independência e formação dos Estados Unidos enquanto nação resultou em uma ideia de predestinação a partir da doutrina do **Destino Manifesto**. A **crença de que o povo norte-americano tinha uma vocação para expandir seus domínios pelo mundo e “civilizar” aqueles que eram considerados bárbaros** foi levada adiante através de muitas guerras e segue pautando invasões baseadas nas mais variadas justificativas. Mauro Iasi lista todas as **(240) intervenções militares diretas ou indiretas feitas pelos Estados Unidos no mundo todo, do final do século XVIII até hoje**, defendendo que só a partir da

em particular, não é igual a eles, nunca será. Somos do sul global, somos latinos e considerados não ocidentais pelos países imperialistas e por seus aliados e submissos. Segundo Jessé Souza “o Ocidente, não apenas para os neoliberais conservadores, mas também para alguns dos pensadores mais críticos e inteligentes do mundo, seria apenas uma versão menor da OTAN, abrangendo Estados Unidos, Canadá e a Europa Ocidental” (SOUZA, 2020, p. 20).

O imaginário idealizado estadunidense foi construído cuidadosamente durante todo o século XX e XXI como um programa de Estado com apoio irrestrito da mídia hegemônica (*fabricação do consenso*¹⁴⁷) e da indústria do entretenimento de massa - *Hollywood, Amazon Prime, Netflix, Disney Plus, Marvel, DC Comics* e diversas empresas de vídeo games - para inculcar em seus próprios cidadãos (e no restante do mundo) a mentalidade militarista, tão necessária para manter os lucros astronômicos de suas empresas de armamentos (Complexo Industrial-Militar Estadunidense), da indústria dos combustíveis fósseis, da indústria da exploração animal.

Esse “vizinho” do norte nos espiona¹⁴⁸, nos sabota e também ao mundo¹⁴⁹, nos impede de crescer e de sermos realmente independentes¹⁵⁰.

compreensão da geopolítica que governa os destinos desse planeta é possível analisarmos o momento complexo em que vivemos hoje.” Grifos meus.

O militarismo dos EUA e a doutrina do Destino Manifesto - #CaféBolchevique, com Mauro Iasi. TV Boitempo, 18:03, 5 de março de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xlx2_UhObaw Acesso em 5 de março de 2022.

¹⁴⁷ “No caso de um Estado totalitário ou militarista, como se diz hoje em dia, é fácil. Você apenas segura um cassete sobre suas cabeças e, ao saírem da linha, você arrebenta seus crânios. Mas, na medida em que a sociedade se torna mais livre e democrática, você perde esta capacidade. Portanto você tem que recorrer às técnicas da propaganda. A lógica é clara: a propaganda está para a democracia assim como o cassete está para o Estado totalitário.” CHOMSKY, Noam. *Controle da Mídia: Os espetadores feitos da propaganda*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003. (p. 19). In: *Imperialismo Americano e a propaganda de guerra*. Canal do Youtube Leitura Obriga HISTÓRIA. Publicado em 11 de abril de 2019, 29 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AwRpoiEKU8> Acessado em 06 de junho de 2022.

¹⁴⁸ “Novos documentos da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) vazados pelo ex-analista da agência Edward Snowden indicam que a Petrobras também teria sido espionada pelos americanos. A informação vem uma semana após notícias de que a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, teria sido espionada pela agência. (...) a tecnologia envolvendo a exploração em alta profundidade na camada pré-sal poderia ter sido o alvo da espionagem. Consultada, a Petrobras disse que não fará comentários. O nome da Petrobras aparece em um documento usado em um treinamento de agentes da NSA (...) O documento treina os agentes a como acessar a rede privadas de instituições variadas como Petrobras, o ministério das Relações Exteriores da França, o Google e a rede Swift, que reúne vários bancos. (...) A reportagem revela ainda que os Estados Unidos agem com a colaboração da inteligência do Reino Unido, do Canadá, da Austrália e da Nova Zelândia. O treinamento explica como desviar dados de redes privadas durante a transmissão das informações. O interesse dos americanos seria a tecnologia envolvendo a exploração em águas profundas da camada pré-sal. (...) a presidente Dilma Rousseff e seus principais assessores também foram monitorados pela agência. A revelação teve reação imediata em Brasília. O presidente do México, Enrique Peña Nieto, também foi alvo de espionagem, segundo os documentos. (...) A espionagem envolvendo a Petrobras é o mais novo capítulo do caso que envolve os documentos secretos vazados em maio deste ano pelo antigo analista da NSA, Edward Snowden. Os documentos mostram que a inteligência americana monitora mensagens de e-mail, skype e todo tipo de informação trocada em redes sociais e na internet, invadindo a privacidade e ferindo liberdades individuais de cidadãos em todo o mundo.” EUA espionaram Petrobras, dizem papeis vazados por Snowden. BBC News Brasil. 8 de setembro de 2013. Disponível em:

Byung-Chul Han nos chama a atenção para esse poder mediado, talvez nós pudéssemos pensar em termos de um poder midiaticado, um poder onde não há uma *violência nua*¹⁵¹ exposta (pois ela é sempre que possível encobrida ou “justificada” propagandisticamente), mas uma violência simbólica com os filmes, jogos eletrônicos e séries de guerras e heróis americanos onde esses sempre “salvam” o mundo em nome de sua família e de sua pátria - no golpe de 2016 no Brasil, há de ser lembrado o pastiche cínico e patético dos canalhas (fig. 37 e 38) que usurparam a cadeira da presidenta Dilma Rousseff, supostamente em nome da pátria, de deus e de suas famílias.



Fig. 37 Waldemar Cordeiro
Viva Maria
1966
feltro sobre tecido, 68 x 98 cm



Fig. 38 Livia Aquino
Viva Maria
2017, trabalho em processo
tecido e feltro 68 x 100 cm

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130908_eua_snowden_petrobras_dilma_mm Acesso em 21 de março de 2022.

¹⁴⁹ DONCEL, Luis. A Alemanha fica indignada pela espionagem dos EUA, mas não reage - A chanceler Angela Merkel adia qualquer represália até o anúncio dos resultados da investigação. El País, Berlim – 07 de julho de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/07/internacional/1404718016_005414.html Acesso em 21 de março de 2022. “Investigação da imprensa europeia revela que serviço secreto dinamarquês ajudou a Agência de Segurança Nacional dos EUA a espionar Merkel e outros aliados, além do próprio governo da Dinamarca. Novas revelações, feitas neste domingo (30/05), sobre o escândalo de espionagem de líderes europeus comprometem a Dinamarca, cujo serviço secreto Forsvarets Efterretningstjeneste (FE) teria contribuído para a espionagem de países aliados. Segundo o jornal alemão Süddeutsche Zeitung e as emissoras públicas NDR e WDR, o serviço secreto dinamarquês ajudou a Agência de Segurança Nacional (NSA) dos Estados Unidos a realizar escutas nos celulares da chanceler federal Angela Merkel e do então ministro do Exterior, Frank-Walter Steinmeier, atual presidente da Alemanha. O escândalo sobre as escutas da NSA foi divulgado em 2013, no âmbito das revelações do ex-analista da agência Edward Snowden, e afetou as relações entre a Alemanha e os Estados Unidos, dois aliados transatlânticos. Na época, Merkel fez questão de expressar o seu descontentamento ao então presidente Barack Obama, considerando inaceitável a espionagem entre aliados. De acordo com as informações agora reveladas, o governo da Dinamarca está ciente das atividades desde 2015. O Forsvarets Efterretningstjeneste cooperou com os Estados Unidos e permitiu que a NSA utilizasse uma de suas estações de escuta, afirmam os jornais e emissoras. A ajuda dinamarquesa tornou possível, para a NSA, realizar escutas não apenas no telefone de Merkel como também nos de líderes de outros países nórdicos, como a Suécia e a Noruega. Além da espionagem de aliados, o serviço secreto dinamarquês teria ajudado os americanos a espionarem o próprio governo dinamarquês, incluindo o Ministério do Exterior e o das Finanças. A reportagem na imprensa europeia, feita em parceria com a emissora dinamarquesa DR, tem como fonte principal o Relatório secreto Dunhammer, produzido em 2015 pelo governo da Dinamarca para avaliar a cooperação entre o seu serviço secreto e a NSA entre os anos de 2012 e 2014.

Dinamarca ajudou NSA a espionar Alemanha e aliados. Deutsche Welle – DW Brasil, 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dinamarca-ajudou-nsa-a-espionar-alemanha-e-aliados/a-57725423> Acesso em 21 de março de 2022.

¹⁵⁰ C. f. PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, Golpes e Assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

¹⁵¹ “A violência, (...) é posta a *nu*, tão logo desnude seu contexto comunicativo. Seu caráter inquietante ou sórdido consiste dessa nudeza. Torturas arbitrárias ou assassinato sem sentido do outro, sem qualquer intencionalidade comunicativa, remetem a essa violência nua, sem *sentido*, pornográfica (...) Ela não visa comunicar-se (...) procura-se *exterminar completamente* o fazer do outro, sua vontade, a liberdade e a dignidade do outro. A violência nua visa a liquidação completa da alteridade. (...) Como se sabe, é no terror do campo de concentração que jaz essa violência nua.” (HAN, 2019, p. 43-44)

Han nos diz sobre uma “liberdade ofertada” por um poder maior (sem indicar nomes), mas eu penso em uma relação direta com a propaganda estadunidense do seu liberalismo e promessa de liberdade¹⁵²:

Quem quiser alcançar um poder absoluto deverá fazer *uso* não da violência, mas da liberdade do outro. O que será alcançado no momento em que coincidirem por completo liberdade e sujeição. O poder que atua pelo comando e o poder que repousa na liberdade e na autoevidência não são, contudo, dois modelos opostos. São apenas diferentes em *aparência*. Se elevados a um plano abstrato, manifestam sua estrutura comum. (...) Se a mediação for reduzida a zero, o poder vira violência. (...) Maior mediação gera (...) mais sensação de liberdade. (HAN, 2019, p. 16-18)

Os Estados Unidos certamente não usam exclusivamente a força bruta (nos países mais miseráveis) e as ameaças nucleares (segundo eles em nome da paz e da democracia - e dos *interesses da nação*), mas essa força bélica (a maior do mundo) anda de mãos dadas com o “poder suave” da propaganda ideológica maciça e ininterrupta que é disseminada como uma espécie de verdade natural aos inadvertidos (e aqui infelizmente nem Paulo Leminski com sua poesia inspiradora poderia ajudar, pois *distraídos não venceremos*), os esgotados (pela exploração psíquica e física) e também alimenta os cínicos aproveitadores.

A estratégia estadunidense de *dominância de espectro total* busca controlar todas as áreas de ação: midiática, militar, “diplomática” e econômica com seus famigerados embargos financeiros a países não alinhados (não submissos) aos interesses estadunidenses. Abaixo segue um pequeno exemplo prático da doutrina de *Dominação de Pleno Espectro* sob a ótica ácida e irônica do jornalista brasileiro, com atuação como correspondente internacional sobre geopolítica, Pepe Escobar:

Te encontro no lado escuro. Junho de 2013.

(...) *Tem alguém na minha cabeça, mas não sou eu.* Pink Floyd, “Brain damage”.

Vamos falar sobre o programa de vigilância PRISM. E vejamos algumas implicações para a Ciberdominação Total da apresentação em Power Point da Agência de Segurança Nacional estadunidense (NSA), vazada por Edward Snowden. O que há num nome? Um prisma decompõe a luz num espectro de cor. O PRISM, conforme mostra seu logotipo ao estilo *Dark Side of the Moon*¹⁵³, é tão somente a expressão descritiva do sonho erótico máximo Pentágono/neoconservador, a Doutrina de Pleno Espectro. A NSA – também conhecida como No Such Agency [Essa Agência Não Existe] – faz parte do Pentágono. A Dominação de Pleno Espectro foi conceitualizada no documento *Joint Vision 2020*, de 2002. São letras minúsculas do contrato do Pentágono/NSA para o futuro previsível; em pentagonês de marca registrada, ela

¹⁵² “Estados Unidos: o país onde a liberdade é uma estátua”. Nicanor Parra, *Artefactos*, 1972. In: PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, Golpes e Assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. (p. 17)

¹⁵³ Título do disco de 1973 da banca londrina de rock progressivo Pink Floyd.

identifica “quatro competências – manobra dominante, engajamento de precisão, foco logístico e proteção de dimensão total”. Em resumo: Conhecimento Total da Informação (TIA). (...) O novo Centro de Processamento de Dados de Utah, da NSA, de dois bilhões de dólares, foi descoberto pela Wired (...) em março de 2012. Podemos chamá-lo de Matrix, melhor, de entroncamento chave do Matrix. Estará pronto e funcionando em setembro. O entroncamento Matrix Utah é o sonho do Conhecimento Total da Informação tornado realidade. O projeto TIA, se é que alguém lembra, foi uma invenção Bush 1.0, preparada pela Agência de Pesquisa Avançada em Defesa (DARPA), cancelada pelo Congresso dos Estados Unidos em 2003, supostamente porque acabaria com a privacidade dos cidadãos estadunidenses. Pois bem, *ela voou* – como entroncamento Utah Matrix. E totalmente privatizado – operando pelas legiões usuais de prestadores das empreiteiras militares, com acesso de alto nível a documentos classificados.¹⁵⁴

Pepe nos aponta somente a ínfima ponta do iceberg, que já me provoca um estado de tensão e sensação de impotência. O poder é a “possibilidade” de “aumentar a probabilidade de realização de associações improváveis de decisão”. Improvável como fazer com que as pessoas queiram vender as suas estatais que são os motores que impulsionam a pesquisa científica e estratégica para a independência energética de um país. Mas como (o Brasil pode) avançar no sentido de uma almejada situação de diminuição das desigualdades sociais se nós estamos constantemente sendo sabotados por um poder externo (apoiado incondicionalmente pelos poderosos subalternos locais) que se pretende, segundo seus próprios termos oficiais, como um poder pleno, e eu arriscaria dizer aqui um poder total, totalitário – só que disfarçado e protegido por camadas e mais camadas de propaganda e segredos de Estado?

Um exemplo dessa intervenção externa com vistas a se apossar das grandes reservas de petróleo do pré-sal foi o roubo da cadeira da presidenta Dilma (o golpe de 2015-16) e a perseguição e prisão sem provas do ex-presidente Lula, que estava em primeiro lugar nas pesquisas eleitorais de 2018. Nas palavras do ex-presidente Evo Morales:

O que aconteceu no Brasil, no golpe parlamentar que terminou com a destituição da presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, é um exemplo completo da prática perversa do *lawfare*, isto é, “o uso da lei como arma de guerra”. O mesmo instrumento foi utilizado contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que sofreu 580 dias de prisão como resultado de um julgamento em que a promotoria não apresentou provas concretas, mas apenas “convicções”.¹⁵⁵

¹⁵⁴ ESCOBAR, Pepe. *Império do Caos*. Rio de Janeiro: Revan, 2016. (p. 330-331)

¹⁵⁵ MORALES, Evo. In: PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. Prefácio, p. 10.

Além da convivência do poder Judiciário com o golpe de 2016-18, também os meios de comunicação foram fundamentais para martelar a narrativa na cabeça da população brasileira que a força tarefa (a serviço dos Estados Unidos), chamada de Lava Jato estaria combatendo a corrupção (exclusivamente do PT – que corresponde ao inimigo vermelho do comunismo – bode expiatório usado pelos EUA depois do final da Segunda Grande Guerra Mundial), esse era o mantra entoado dia e noite nas rádios, jornais e tvs. Segundo o Prof. Dr. em Ciências Sociais Luis Felipe Miguel:

Para compreender a crise da ordem política democrática no Brasil é necessário analisar a posição dos meios de comunicação de massa. Não se trata apenas de estudar seu comportamento, claramente enviesado, ao longo do processo que culminou na destituição da presidente Dilma Rousseff e, depois, na vitória eleitoral de Jair Bolsonaro. Trata-se também de entender o lugar que a mídia ocupa no sistema político brasileiro – e como, deste lugar, ela desempenha o papel de obstáculo permanente ao aprofundamento das práticas democráticas. (MIGUEL, 2019, p. 119)

Os meios de comunicação de massa no Brasil não permitem a presença igualitária de *relatos contraditórios* (MIGUEL, 2019, p. 119), o fluxo de informação com vistas à manipulação da opinião pública só flui em um sentido, como nos aponta Byung-Chul Han sobre poder e comunicação:

É uma crença equivocada que o poder atue apenas pela repressão ou pela destruição. Mesmo **como meio de comunicação, o poder zela para que a comunicação flua de maneira veloz em uma determinada direção. Os que estão submetidos ao poder são usados** (embora não necessariamente coagidos) **para adotarem a decisão do poderoso**, ou seja, aquilo que ele escolher fazer. O poder é a “possibilidade” de “aumentar a probabilidade de realização de associações improváveis de decisão”. Ele controla ou direciona a comunicação em uma determinada direção na medida em que faz superar a discrepância possível entre o poderoso e os súditos quanto ao que escolhem fazer. Ele cumpre, assim, a “transmissão das escolhas do que será feito de um ponto de decisão a outro”. (HAN, 2019, p. 19)

Da passagem acima só tenho uma ressalva quanto à ideia de que o poder não reprime. Acredito que o autor esteja se referindo a uma repressão física, uma violência, mas o poder da grande mídia no Brasil reprime sim a voz dos que não estão de acordo com a cartilha neoliberal, cala os que querem denunciar as opressões, os *antiutilitaristas*, *antiprodutivistas*, *anticonformistas*, assim como vilaniza e ou faz sumir os *transgressivos*, *anticapitalistas* (TRAVERSO, 2018, p. 260-2), os anti-especistas, os comunistas, os marxistas e os anti-imperialistas. “A falsificação escancarada e a omissão deliberada não resumem o repertório de formas de intervenção política da mídia. Ainda mais cruciais são o poder de determinar a agenda, isto é, o conjunto de questões que receberão atenção pública, e, de dentro

desta agenda, quais são os agentes e as posições relevantes” (MIGUEL, 2019, p. 121-2). No caso específico da rede Globo a fixação na centralidade dos temas propagandeados pelo neoliberalismo comentado (enaltecido) exclusivamente por “analistas” também alinhados com a cartilha neoliberal do mercado financeiro; e com isso “a reduzida pluralidade do noticiário é perceptível facilmente, desde que se consiga ganhar alguma distância e desnaturalizar seu conteúdo (...). Especulações sobre a queda de um ministro ganham mais espaço do que o assassinato de um líder camponês. (...) Oscilações na bolsa de valores geram mais manchetes do que o poder de compra dos salários” (MIGUEL, 2019, p. 122).

Byung-Chul Han no capítulo *Lógica do Poder* apresenta alguns autores alemães para em seguida contrapor alguns de seus pressupostos, como no trecho acima que é um contraponto ao historiador conservador Ernst Hartwig Kantorowicz (1895, Posen, Império Alemão - 1963, Princeton, Nova Jersey, EUA) e sua pesquisa sobre a política na Idade Média e o sociólogo Niklas Luhmann¹⁵⁶. Tomo o ajuste proposto por Han para pensar algumas relações com o poder local da grande mídia, em especial a Rede Globo e suas concessionárias espalhadas pelo Brasil – lembrando que a Rede Globo é fruto de uma ilegalidade inicial, pois foi bancada em sua fundação pelo grupo de mídia estadunidense Time-Life:

Foi a partir do lançamento da TV Globo, em 1965, que o império de Roberto Marinho progrediu. Existiam, na época, três outras emissoras em São Paulo: a TV Tupi, de Assis Chateaubriand, a TV Record, de Paulo Machado de Carvalho, e a TV Excelsior, do milionário Mário Wallace Simonsen, dono da empresa de aviação Panair do Brasil e magnata do café. Havia, em todo o país, cerca de 600 mil aparelhos receptores. Nos primeiros tempos, a Globo era uma emissora inexpressiva e de alcance reduzido. No entanto, Marinho tinha ousados planos de crescimento. **Havia firmado, três anos antes, um acordo com o grupo norte-americano Time-Life (hoje Time-Warner), embora a Constituição brasileira, em seu artigo 160, vetasse a participação de estrangeiros em empresas de comunicação. Até 1966 a Globo recebeu US\$ 6 milhões para a compra de equipamentos e construção de estúdios, o que lhe permitiu desequilibrar em pouco tempo a concorrência. Em troca, o grupo estrangeiro ficou com 49% do negócio. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) recomendou a cassação da concessão, em 1966.** A essa altura, a Globo já tinha uma presença expressiva no mercado televisivo e caminhava para a liderança de audiência. Assim, a CPI não teve maiores efeitos. Pouco depois, Roberto Marinho desfez a sociedade e quitou seus débitos com a empresa norte-americana. A partir desse ano, a Globo começou a mudar a veiculação de publicidade usual em outras emissoras, na qual as empresas patrocinavam programas inteiros. A emissora criou uma grade modulada, estabeleceu horários rígidos para a programação, continuidade e padronização nas novelas, iniciando o chamado “padrão Globo de qualidade”. **Nos anos 1970, na fase mais repressiva da ditadura militar (1964-1985), a Globo consolidou sua liderança. Estreitando seus vínculos com a ditadura, a emissora buscou ignorar ou desqualificar quaisquer manifestações de descontentamento com o regime. Assim, em 1975, veiculou a versão oficial, de suicídio,**

¹⁵⁶ Niklas Luhmann. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikipédia], 2016. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Niklas_Luhmann Acesso em 7 de março de 2022.

acerca da morte do jornalista Vladimir Herzog nas celas da polícia política em São Paulo. Em 1982, a emissora envolveu-se no escândalo das fraudes na apuração da eleição para governador no Rio de Janeiro, na qual saiu vencedor seu principal desafeto, Leonel Brizola. A empresa responsável pela contagem dos votos apontava como favorito o candidato apoiado pela Globo, que, por sua vez, veiculava a notícia nacionalmente. Brizola desmascarou a fraude e tornou-se, até sua morte, *persona non grata* na programação global. Em 1984, a rede tentou apresentar o maciço movimento das Diretas-Já, que galvanizou o país, como sendo apenas uma festa alusiva ao aniversário da cidade de São Paulo. E, em 1989, na primeira campanha eleitoral direta para a presidência da República após a ditadura, a empresa de Roberto Marinho editou de maneira truncada o último debate entre os candidatos Fernando Collor de Mello, por ela apoiado, e Luiz Inácio Lula da Silva, mostrando os melhores momentos de Collor e os piores do candidato petista. A grande simbiose política da emissora se deu com o governo de Fernando Henrique Cardoso. A Globo apoiou decididamente a campanha pela privatização das estatais e colocou-se na linha de frente na defesa do ajuste neoliberal materializado pelo Plano Real. No âmbito empresarial, a emissora, aproveitando-se das diferenças entre as taxas de juros locais e internacionais, endividou-se em dólares, além de receber vultoso financiamento estatal. O objetivo era construir, no bairro carioca de Jacarepaguá, o maior centro de produção televisivo da América Latina. Com um total de 1,3 milhão de metros quadrados e custo de US\$ 200 milhões, o chamado Projac foi projetado para abrigar grandes estúdios, módulos de produção e galpões de acervo. Além disso, foram realizados investimentos em internet e em TV a cabo. Com a crise cambial e a queda da moeda brasileira, em janeiro de 1999, a dívida cresceu exponencialmente. Três anos depois, o balanço das Organizações Globo acusava uma dívida de US\$ 2,6 bilhões. Em fins de 2004, a Globopar, *holding* do grupo, devia US\$ 1,9 bilhão, o que equivalia a 60% da dívida de todas as empresas de comunicação do Brasil. Em contrapartida, apenas a TV Globo registrava nos anos 2000 um faturamento médio anual de US\$ 1,5 bilhão e recebia cerca de 60% da publicidade televisiva do governo federal.¹⁵⁷

Como “nenhuma relação econômica de dominação se constitui sem a elaboração de uma trama simbólica de ideias e valores que a legitimam e justificam”¹⁵⁸ a mídia hegemônica elitista brasileira faz esse papel local de disseminar a ideologia neoliberal estadunidense como algo inquestionável, positivo, *neutro*¹⁵⁹, natural e a atitude “direita” (certa/correta) a ser tomada pelos cidadãos de bem. E esse não é apenas um mal local, visto que é uma “condução pela elite (norte) americana de um processo

¹⁵⁷ MARINGINI, Gilberto. Globo, Rede. In: Enciclopédia Latino-Americana. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/g/globo-rede> Acesso em: 7 de março de 2022.

¹⁵⁸ SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020. (p. 11)

¹⁵⁹ “O autodiscurso dos próprios meios de comunicação também costuma apresentá-los como externos ao campo político. De maneira geral, o jornalismo - que não é a única, mas a faceta mais visível da influência da mídia na vida política cotidiana - se coloca como mero reflexo do mundo, um canal neutro pelo qual passam os ‘fatos’ para que o público possa tomar conhecimento deles.” (MIGUEL, 2019, p. 120). “Essa narrativa é mítica. A imparcialidade é inacessível, mesmo que seja buscada com sinceridade, uma vez que todos nós vemos o mundo a partir de uma determinada perspectiva - vinculada à nossa posição social, à nossa trajetória e aos interesses aos quais estamos ligados. No momento em que define quais são os fatos que serão noticiados e qual o destaque que cada um receberá, o jornalismo aplica critérios de seleção e de hierarquização que estão longe de ser objetivos (...). Mas esses critérios passam a transitar socialmente como universais exatamente porque ganham a visibilidade concedida pela mídia. (...) As escolhas do jornalismo, portanto, incidem sobre o mundo social e ajudam a moldá-lo.” (MIGUEL, 2019, p. 121)

imperialista de dominação mundial, inclusive sobre o próprio povo” (SOUZA, 2020, p. 11). Ainda segundo Souza:

A elite (norte) americana irá testar no próprio país, contra suas próprias classes populares e trabalhadoras, todas as ideias e estratégias de domínio cultural e político que utiliza para garantir a longevidade de seu domínio econômico. Nesse sentido, conhecer a história da produção de consentimento social nos Estados Unidos é compreender também as várias etapas do processo global de dominação. Isso é especialmente verdade para o caso brasileiro: um país cuja “identidade nacional” foi construída em referência direta aos vizinhos norte-americanos e cuja dinâmica econômica, política e social irá se construir sob a influência americana.” (SOUZA, 2020, p. 12)

Os EUA não tem apenas interesse no controle e exploração continuada do maior país (e maior economia) da América do Sul – o Brasil - mas de toda a América Latina, no texto do ex-presidente boliviano Evo Morales¹⁶⁰ de 2020 (que está no prefácio do livro *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*¹⁶¹ do historiador indiano Vijay Prashad¹⁶¹) temos um resumo sobre a influência planejada dos EUA especificamente sobre o “seu quintal”:

As chamadas doutrinas Monroe e de “Segurança Nacional” tentam converter a América Latina em seu quintal e tentam criminalizar qualquer organização que se oponha a seus interesses e tente construir um modelo alternativo político, econômico e social. Ao longo de décadas, inventaram uma série de pretextos e construíram uma narrativa para tentar justificar suas criminosas intervenções políticas e militares. Primeiro era a desculpa da luta contra o comunismo, depois a luta contra o narcotráfico e, agora se soma a desculpa da luta contra o terrorismo. Este livro traz à memória uma infinidade de

¹⁶⁰ Evo Morales foi o *primeiro presidente eleito de origem indígena*. “Juan Evo Morales Ayma (Orinoca, 26 de outubro de 1959), é um político boliviano. Foi presidente da Bolívia por três mandatos consecutivos, de 2006 a 2019. Líder sindical dos cocaleros - agricultores que cultivam a planta da Coca, cuja folha é utilizada em chás, mascada, segundo a tradição indígena do partido Movimento para o Socialismo-Instrumento Político pela Soberania dos Povos (MAS-IPSP). Evo Morales destacou-se ao resistir os esforços do governo dos Estados Unidos para substituição do cultivo da planta da Coca, na província de Chapare, por bananas, originárias do Brasil. De orientação socialista, o foco do seu governo foi a implementação da reforma agrária e a nacionalização de setores-chaves da economia, contrapondo-se à influência dos Estados Unidos e das grandes corporações nas questões políticas internas da Bolívia. [Em 2019 Evo sofre um golpe através de um processo de *lawfare* promovido pelo Departamento de Estado estadunidense]. No dia 10 de novembro de 2019, após treze anos no poder e três mandatos, Morales renunciou ao mandato depois de denúncias de fraudes nas eleições gerais daquele ano, que foram apontadas em um relatório preliminar de uma auditoria realizada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Mais cedo, no mesmo dia, Evo Morales havia dito que convocaria novas eleições após a OEA divulgar os indícios de que as eleições de 20 de outubro haviam sido fraudadas. Morales justificou sua decisão como uma forma de evitar a continuidade da violência no país após três semanas de confrontos entre seus apoiadores e críticos. Em 11 de novembro, o governo do México ofereceu asilo político a Morales, que prontamente aceitou a ajuda. Segundo o chanceler mexicano Marcelo Ebrard, tal medida foi necessária para garantir a vida e a liberdade do ex-presidente.”
Evo Morales In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], junho de 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Evo_Morales Acesso em: 20 de março de 2022.

¹⁶¹ Vijay Prashad historiador, jornalista, comentarista e intelectual marxista indiano. Diretor do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, editor chefe da LeftWord Books Índia e membro sênior não-residente do Chongyang Institute for Financial Studies, Renmin University of China.

ocasiões em que as balas de Washington destroçaram esperanças. O colonialismo utilizou sempre a ideia de progresso de acordo com seus próprios parâmetros e sua realidade. **Esse mesmo colonialismo que hoje coloca em crise nosso planeta, que devora os recursos naturais e que concentra riqueza surgida da devastação** diz que nossas leis do Bem Viver são utopias. Mas se nossos sonhos de equilíbrio com a *Pachamama*¹⁶², de liberdade e de justiça social ainda não são realidade ou se viram bloqueadas, isso ocorre principalmente pela intervenção do imperialismo para bloquear nossas revoluções políticas, culturais e econômicas que hasteiam a soberania, a dignidade, a paz e a fraternidade com todos os povos. Se a salvação está longe é porque Washington persiste em utilizar suas balas contra os povos. (...) Cada dia se impõe o dever de continuar nossa luta contra o imperialismo, contra o capitalismo e contra o colonialismo.¹⁶³

Dos muitos pontos relevantes colocados na passagem acima por Evo Morales, parto da questão referente ao avanço imperialista através da imposição de seus modos de cultivo da terra e suas empresas produtoras de venenos e sementes modificadas geneticamente que colocam *em crise nosso planeta* e *devoram os nossos recursos naturais* (a terra fértil e os mananciais de água doce e limpa) e *que concentra riqueza surgida da devastação* dos biomas naturais (Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal) para a plantação de monoculturas de *commodities* (*produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo. Seus preços são determinados pela oferta e procura internacional da mercadoria*): soja, cana de açúcar, milho, ouro, ferro e petróleo. Mas em função de um pequeno conjunto de desenhos desenvolvidos em torno de 2013 tomarei a questão da soja transgênica como ponto de referência.

Trago o exemplo da soja a partir de minha experiência como vegano. É recorrente a argumentação conservadora e equivocada de pessoas especista (ou seja, pró-manutenção de seus privilégios de escravidão e assassinato em massa de animais não humanos) de que quando os corpos dos animais mortos forem retirados da alimentação humana, e a soja for colocada em substituição – pois há a crença errônea de que os corpos mortos dos animais devem ser substituídos por outro tipo de “carne”, no caso a chamada “carne” de soja, ou seja, a p.t.s. (proteína texturizada de soja) - a soja ainda seria um mal, pois é transgênica e recebe agrotóxicos no seu plantio. Essa argumentação é errada por diversos motivos: primeiro porque não há um substituto único para os corpos dos animais

¹⁶² “Pacha Mama ou Pachamama (do quíchua Pacha, ‘universo’, ‘mundo’, ‘tempo’, ‘lugar’, e Mama, ‘mãe’, ‘Mãe Terra’) é a deidade máxima dos povos indígenas dos Andes centrais. Vários autores consideram Pachamama como uma divindade relacionada com a terra, a fertilidade, a uma mãe, o feminino.” Pachamama In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], agosto de 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pacha_Mama Acesso em: 20 de março de 2022.

¹⁶³ MORALES, Evo. In: PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. Prefácio, p. 10-11.

mortos, o que se deve fazer é buscar um conjunto diversificado de alimentos de fontes vegetais, tais como feijão, arroz, aipim (mandioca, macaxeira), lentilha, batata, cebola, tomate, cenoura, couve, amendoim, banana, trigo, etc – existem literalmente milhares de opções vegetais viáveis. Quanto maior for a variação de nutrientes, melhor será para a saúde do ser humano. Segundo que a p.t.s. é feita do resíduo da produção da soja, com isso ela tem baixo valor alimentar e deve ser ingerida apenas eventualmente. Terceiro que a soja não é plantada para alimentar pessoas vegetarianas, mas é um *commodity* que serve à indústria de exploração animal, pois a maioria massiva da produção de soja é transformada em ração para animais não humanos – e para o seu cultivo se usa uma quantidade enorme de terra e água para produzir não alimento, mas ração que será ingerida por seres que também demandam de mais terras e água potável para a sua existência tornada miserável pelos seres humanos – ou seja, a soja entra em um ciclo de desperdícios de recursos vitais que não é justificável (nem financeira e muito menos moralmente), a não ser pela manutenção da industrial de escravidão animal em nome do lucro e de um hábito alimentar arcaico e condenável – visto que tira milhares de vidas de crianças sensientes¹⁶⁴ de outras espécies. Quarto ponto, além da monocultura da soja drenar

¹⁶⁴ *Animais sencientes, você sabe o que isso significa?* Agência de Notícias de Direitos Animais – ANDA, 2015. Disponível em: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/251287543/animais-sencientes-voce-sabe-o-que-isso-significa> Acesso em 9 de junho de 2022. “Dizer que um ser é senciente é reconhecer que ele é capaz de sentir, de vivenciar sentimentos como dor, angústia, solidão, amor, alegria, raiva, etc. Ninguém discorda que tal característica não é privilégio do ser humano, mas de todos os animais. Contudo, ainda assim, juridicamente no Brasil os animais possuem status de coisa. Este ano a Nova Zelândia e a França modificaram suas legislações conferindo aos animais o status de seres sencientes, ou seja, retirando-os definitivamente da condição de coisa. Alguns países como a Alemanha, Suíça e Áustria fazem constar em seus textos legais que animais não são objetos. No Brasil tramita o Projeto de Lei do Senado Federal de nº 351/2015 que visa incluir no Código Civil em seu art. 82, um parágrafo único, contendo a seguinte norma: “animais não serão considerados coisas”. Já em 2014 há registro de uma proposta apresentada na Câmara Federal de um projeto visando incluir no art. 2º do Código Civil os termos: “Art. 2 – A. Os animais gozam de personalidade jurídica sui generis que os tornam sujeitos de direitos fundamentais e reconhecimento a sua condição de seres sencientes. Parágrafo único: São considerados direitos fundamentais a alimentação, a integridade física, a liberdade, dentre outros necessários a sobrevivência digna do animal.” Não há o que duvidar da lógica existente na afirmação de que os animais são capazes de sentir e expressar sentimentos. Então o que justificaria essa morosidade secular para juridicamente atribuir-lhes essa condição de sencientes? A resposta para essa questão é a mesma que embasou por séculos a escravidão: ignorância e ganância. A escravidão existiu desde a idade antiga, mas para trazer um exemplo próximo, da história escravocrata mais recente, ela nasce claramente da ignorância do homem branco em não reconhecer no homem negro um ser igual a ele, por conta de sua diferença de cor, de linguagem, de hábitos culturais. Preferindo simplesmente considera-lo um ser inferior por não compreender seus costumes. O ser humano em geral tende a desqualificar o que desconhece, porque há uma letargia mental em buscar compreender aquilo que é novo e diferente de nós. A ignorância ensejou um primeiro passo para fomentar a escravidão, mas foi a ganância que a manteve. O aproveitamento econômico dos senhores de escravos superava o desejo de denotar as evidências de que aquele processo era algo errado, ruim e absolutamente reprovável. Se há 200 anos alguém afirmasse que homens brancos e negros eram seres humanos iguais, com os mesmos direitos fundamentais, essa pessoa seria presa, açoitada, despida de seus bens e quiçá levada à força. O escárnio ante tal afirmação para a sociedade da época seria total. De igual forma hoje, muitos são os que se revoltam quando hasteasse a bandeira pela luta por reconhecimento dos animais como seres sencientes, pois esse status implica em reconhecer que estes seres têm direitos fundamentais, essenciais, como vida, liberdade, dignidade. Equiparar aos animais os mesmos direitos que hoje são apenas dos humanos para muitos,

água doce, empobrecer o solo, pois é uma monocultura e ser transgênica ainda por cima causa o envenenamento de solos, lençóis freáticos, lagos e rios.

Em meados de 2013 iniciei uma caderneta de desenhos (as dimensões das folhas eram de 20,7 x 12,6 cm), os primeiros desenhos foram baseados na imagem de uma mesma caveira (uma foto pesquisada na internet) - eu já vinha a algum tempo retomando as imagens de crânios como metáforas da brevidade da vida, símbolos presentes em *vanitas* (fig. 39) da história da arte¹⁶⁵. A imagem de referência que utilizei era de um crânio visto de frente e sobre ele inclui palavras, frases curtas e ou mapas. A primeira caveira da caderneta, desenhada com lápis grafite, estava com a mandíbula levemente aberta, dando para mim a impressão de um sorriso ou possível fala e sobre a altura da testa escrevi com letras maiúsculas a palavra CASA, como se a palavra estivesse flutuando, ou escrita em um plano transparente logo à frente do crânio. A palavra casa nesse desenho me fazia pensar no crânio como a estrutura física que abriga a nossa consciência, o nosso cérebro – e com isso eu estava ainda lidando com questões mais genéricas, evocando a noção de existência, pensamento, consciência, da casa como proteção e também da ideia de finitude. O padrão de escrita foi tomado livremente da capa de uma revista de circulação nacional destinada ao público de alto poder aquisitivo, focada em arquitetura de interiores, design e eventualmente arte – com foco mais na vida dos colecionadores, na divulgação de produtos e serviços do que nas obras em si. Essa escolha desta grafia específica reforça, eu acredito a concepção dos *vanitas*.

parece algo desnecessário e incompreensível. Essa avaliação começa equivocada dado a ignorância (o desconhecimento) de que os animais possuem a sua própria forma de inteligência, de vida, seu modo autêntico de comunicação e organização social. Não são e nunca foram seres desprovidos de inteligência, que precisariam ou deveriam ser controlados pelos humanos.”

¹⁶⁵ Ver – SCHNEIDER, Norbert. *Naturezas-Mortas: A pintura de naturezas morta nos primórdios da idade moderna*. Köln: Taschen, 2009. Em especial o capítulo 6 – Naturezas-Mortas – Vanitas (p.76-87). “Os primeiros quadros de flores foram pintados no reverso de retratos (por exemplo natureza-morta de Hans Memling em 1490). O mesmo aconteceu também de início, com as representações das caveiras, motivo que aparecerá mais tarde numa grande variedade de quadros. Ali é antecipado, como símbolo da *mors absconditus* – o estado de decomposição que aguarda todo o mortal – o aspecto que um dia terá a pessoa retratada no anverso.” (p. 76) “Em quase todas as naturezas-mortas é visível – com maior ou menor intensidade – o tema da vaidade (*Vanitas*), o lamento acerca da transitoriedade de todas as coisas, simbolizado com frequência por uma caveira ou um relógio...” (p. 86). O relógio referido no trecho geralmente era representado por uma ampulheta de areia, e esse objeto poderia estar sobre uma mesa ou na mão de um anjo, da figura da morte como um esqueleto que também segura uma foice e do deus Cronos (Saturno). “O tema da *vanitas* é abordado com mais frequência entre 1650 e 1660, a fase imediatamente a seguir à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Uma época em que a maior parte dos países (da Europa) ficou completamente arruinada pelas enormes despesas da guerra, tendo-se tornado óbvias tanto a fragilidade dos orçamentos nacionais como das pequenas fortunas acumuladas pelos indivíduos. Também o prestígio das autoridades tinha sido posto em causa: nunca em épocas anteriores a população fora tão dolorosamente consciente da discrepância entre ideologia (justificação para a guerra religiosa) e a realidade (a ambição da conquista e do saque).” (p. 79)



Fig. 39 Pieter Claesz
Natureza-Morta sobre o tema da Vaidade (Vanitas)
 1630
 40 x 56 cm
 Museu Mauritshuis, Haia

Farei uma breve digressão para logo voltar aos desenhos da caderneta preta iniciada em junho de 2013. Em 1997, durante a graduação no IA-UFRGS, eu modeliei alguns crânios em argila vermelha (fig. 41) que depois foram cobertos com porcelana líquida, engoles e pigmentos e então queimados (fig. 42). Essas modelagens foram feitas inicialmente não com a ideia de produzir esculturas, mas foram feitas para servir de modelos de estudo para desenhos, que naquele momento era o meu principal meio de trabalho e interesse. Os desenhos maiores que fiz na época foram feitos na sala de desenho do IA-UFRGS sobre papel kraft (pardo) e foram utilizados os seguintes materiais: carvão vegetal, tinta de parede branca (tinta látex pva - acetato de polivinila), tinta guache e tinta acrílica (fig. 43, 44 e 45).



Fig. 40 Registro fotográfico do processo de modelagem em argila a partir da referência em primeiro plano. Sala de cerâmica do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.



Fig. 41 *Três Estudos da Natureza Humana*
 1997
 escultura cerâmica

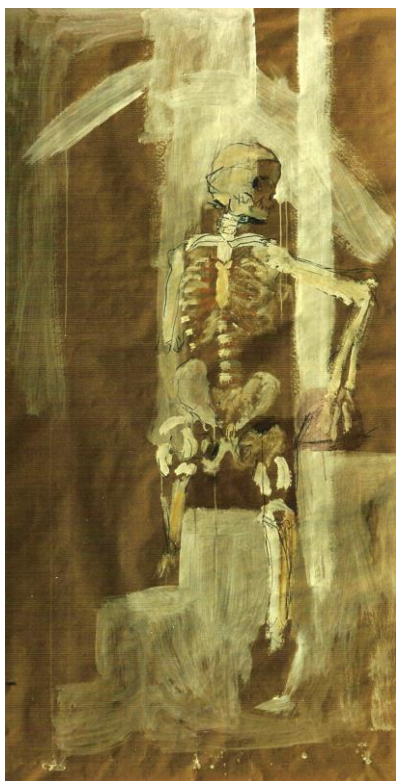


Fig. 42 *Esqueleto Sintético*
1998
carvão e tinta á base de água
sobre papel kraft
240 x 115 cm

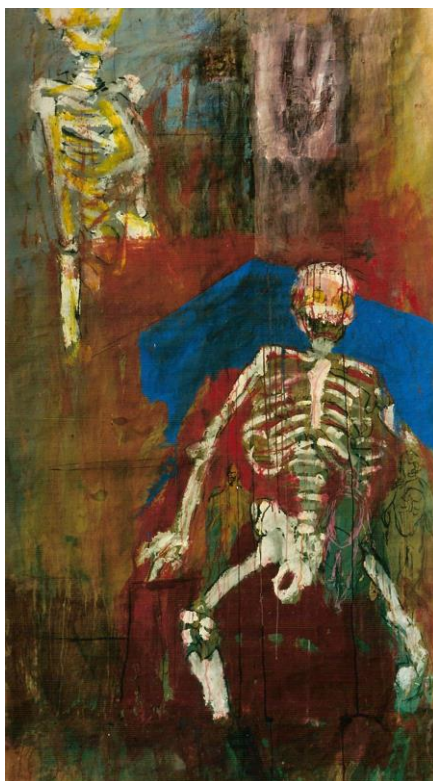


Fig. 43 *Esqueletos e Espaço*
1988
carvão e tinta á base de água
sobre papel kraft
245 x 120 cm



Fig. 44 *Estudo com esqueleto e boneca*
1998
carvão e tinta á base de água sobre
papel kraft
205 x 120 cm

Em 2005 eu recuperei um dos crânios modelados em 1997 e incluí na instalação que denominei de *Alvor de Equívocos*. Foi um trabalho pensado para o espaço do Cais do Porto da cidade de Porto Alegre e fez parte da mostra coletiva Mapeamento das Artes Visuais no Rio Grande do Sul – Módulo I, organizado pelo MACRS. A instalação foi composta por dois desenhos de tamanho A4, que ficavam fixados na parede próxima à mesa, os desenhos foram feitos com linhas de lápis grafite e remetiam a sólidos geométricos simplificados que lembravam uma espécie de esquife ou monólito na horizontal. Sobre a mesa estava a escultura de cerâmica (crânio) e dentro da gaveta havia um bolsa térmica de borracha laranja (usada originalmente sobre áreas do corpo que estão doloridas) que era iluminada por duas lâmpadas incandescentes. Os cabos elétricos que traziam a energia para alimentar os filamentos das lâmpadas eram propositalmente grossos e pretos e a ideia é que fizessem visualmente parte da instalação. *Alvor de Equívocos* foi um trabalho de luto, como outros que eu já havia feito anteriormente, trabalhos necessários de elaborações de perdas.

A configuração de *Alvor de Equívocos* continha referências tanto de Christian Boltanski (1944 - 2021, Paris) com seus trabalhos auto iluminados com luzes quentes (amareladas) e que muitas vezes evocam a questão do luto, da perda e da ausência; quanto do artista português Pedro Cabrita Reis com suas instalações e esculturas dos anos noventa, também com a presença de cabos de energia em evidência além dos objetos de mobiliário, entre eles, mesas, que também usei nesta instalação. Boltanski e especialmente Cabrita Reis foram dois artistas que eu estudava com muita atenção naquele período, por isso acredito que *Alvor de Equívocos* deve muito às obras extraordinárias desses dois colegas ilustres.



Fig. 45 *Alvor de Equívocos*, 2005, grafite sobre papel, escultura cerâmica, mesa de madeira, bolsa térmica de borracha, cabos elétricos e lâmpadas incandescentes, dimensões variáveis. *Mapeamento das Artes Visuais no Rio Grande do Sul – Módulo I*, MACRS, Galpões do Cais de Porto Alegre

Dentro desse breve salto ao passado avanço um pouco até os pequenos desenhos de 2013 (fig. 48, 49, 50, 51, 52 e 53) penso que o primeiro desenho do caderno, comentado logo acima, ficou preso em fundamentos de representação tais como a busca por proporções corretas, por estrutura, por valores tonais convincentes e por uma relação entre figura e fundo - sendo o fundo desfocado, numa tentativa de estabelecer uma ambiência para a figura.

A partir desse primeiro desenho da caderneta e pensando na escolha de Andy Warhol¹⁶⁶, do início de sua carreira, entre um desenho feito através da observação e um desenho baseado no

¹⁶⁶ Penso que seja relevante pontuar que Warhol nunca foi um artista que eu tenha pesquisado ou que sinta que tenho alguma relação, mas o trago aqui a partir de uma leitura proposta por Carlos Fajardo em seus "Seminários sobre as transformações na Arte Contemporânea (a partir dos anos 60)", que participei por um breve período no *Studio 17*, seu ateliê em São Paulo.

decalque, que acabou sendo o caminho escolhido por Warhol em detrimento de uma ligação mais gestual com o expressionismo abstrato estadunidense – com essa escolha ele estabelece um corte com o mítico gesto do artista.

Optei por trabalhar com um processo de transferência bastante simples. Imprimi alguns crânios em folhas de tamanho A4, depois passei grafite e ou lápis *crayon Conté* sépia (composto por pigmento e argila prensados) no verso da imagem, então posicionava a folha de papel com a imagem impressa sobre a folha do pequeno caderno de desenhos e traçava seguindo as linhas impressas e também fazendo hachuras sobre as áreas de sombras, gerando uma imagem mais gráfica e menos pictórica do que a primeira imagem da caderneta. Também optei por não trabalhar a totalização dos fundos, mas eventualmente as hachuras e rabiscos avançavam para além do limite da figura. Essa escolha pela transferência me libertou do tempo dedicado à busca da verossimilhança com a imagem de referência e me permitiu um fluxo mais ágil para relacionar imagens, pensamentos e palavras. Essa alternativa me possibilitou uma maneira mais fluída de construir os desenhos. Ou seja, nesse processo de transferências de imagens pude dar maior vazão à predominância de encadeamentos de explorações de sentidos entre informações escritas e a imagem simbólica da morte, através da caveira.



Fig. 46 Andre Dhamer

Imagem publicada em 16 de junho de 2022 no *Instagram* do artista e na Folha de São Paulo. Imagem feita por ocasião do assassinato do indigenista brasileiro Bruno Araújo e pelo jornalista inglês Dom Phillips. “A terra indígena Vale do Javari é a segunda maior demarcada do país e tem uma população de cerca 6,3 mil indígenas dos povos Marubo, Matís, Mayoruna, Kulina Pano, Kanamari, Tson wük Dyapah e um pequeno grupo de Korubo. Bruno e Dom foram assassinados (esquartejados e incinerados) enquanto lutavam para defender esses povos, quando trabalhavam para denunciar os crimes bárbaros aos quais os indígenas dessa região são vítimas.” Mídia Ninja, https://www.instagram.com/p/Ce3iJP_uufe/

Essa velocidade maior entre pensamento e execução das imagens levou a produção de uma série de imagens em sequência, aonde uma imagem ia sugerindo e alimentando ideias para as demais imagens que viriam a seguir, gerando com isso séries de trabalhos, onde um sugere as possibilidades para os próximos. Abaixo apresento algumas dessas séries, tais como: *Non Santo sobre o Mundo* (fig. 40 e 41), *Desenhos Mínimos* (fig. 42 e 45), *Meu Brasil Brasileiro* (fig. 43) e *Subversões da imposta norma* (fig. 44).

O nome da série *Non Santo sobre o Mundo* é uma variação do nome da marca multinacional Monsanto Company, produtora de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados (OGM/GMO/GM) até armas químicas (Monsanto do latim *mons sanctus*, 'monte santo'), mas de santos eles não tem nada¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Os 12 produtos mais perigosos criados pela Monsanto - Veja a lista dos mais variados produtos que a empresa inventou; entre eles, estão fertilizantes e armas nucleares. Brasil de Fato. Redação - Resumen Latino americano, 13 de Junho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/06/13/os-12-produtos-mais-perigosos-criados-pela-monsanto/> Acesso em 9 de junho de 2022. “1. Sacarina. John Francisco Queeny fundou a “Monsanto Chemical Works”, com o objetivo de produzir sacarina para Coca-Cola. Estudos realizados durante a década de 1970 mostraram que este químico produz câncer em ratos e em outros mamíferos de testes. Porém, depois que se descobriu que ele causa o mesmo efeito em humanos, Monsanto subornou médicos e instituições para seguir comercializando-a. 2. PCBs. Durante a década de 1920, a Monsanto começou a expandir sua produção química mediante bifenilos policlorados (PCB) para produzir fluidos refrigeradores de transformadores elétricos e motores. Cinquenta anos depois, a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA) publicou um informe citando os PCBs como causa do câncer em animais e, com provas adicionais, indicou que eles produzem câncer em seres humanos. Quase 30 anos depois dos PCBs serem proibidos nos EUA, este químico segue aparecendo no sangue das mulheres grávidas, como informou um estudo de 2011. Em muitas áreas da Argentina ainda utilizam os PCBs. 3. Poliestireno. Em 1941, a Monsanto começou a focar em plásticos e poliestireno sintético, que ainda são amplamente utilizados para embalar alimentos. (...) Dentro de 1000 anos, a bandeja de carne que você comprou no Carrefour ou Wall-Mart seguirá existindo em alguma parte do planeta. É fatal para a vida marinha: flutua na superfície do oceano, se decompõe em pequenas esferas que os animais comem. As tartarugas marinhas, por exemplo, perdem sua capacidade de mergulhar e morrem de fome. 4. Bomba Atômica e armas nucleares. Pouco depois de ser adquirida por Thomas e Hochwalt Laboratories, a Monsanto se tornou uma divisão do Departamento de Investigação Central. Entre 1943 e 1945, este departamento coordenou esforços importantes de produção para o Projeto Manhattan. 5. DDT. Em 1944, a Monsanto começou a fabricar o inseticida DDT, com a desculpa de combater os mosquitos “transmissores da malária”. Em 1972, o DDT foi proibido nos EUA. Seus efeitos adversos para a saúde humana incluem infertilidade, problemas no desenvolvimento, destruição do sistema imunológico, morte. O DDT impede que o hormônio una com seu receptor, bloqueando, por sua vez, o hormônio para obter um desenvolvimento sexual normal, dando lugar a anormalidades.

Durante um experimento levado a cabo no Mar Caspio (Mediterrâneo), o DDT em uma concentração de 1 ppb reduziu a população de peixes até 50%. O transporte atmosférico desta substância atualmente afeta a todos os seres vivos do planeta. Foi detectado no ar do Ártico, terra, gelo e neve, praticamente todos os níveis da cadeia alimentar global. Os sedimentos do fundo de lagos e os leitos dos rios atuam como reservas para o DDT e seus metabolitos. Todos os bebês humanos nascem com DDT no sangue. 6. Dioxinas. Em 1945, a Monsanto começou a promover o uso de pesticidas químicos na agricultura com a fabricação do herbicida 2,4,5-T (um dos precursores do agente laranja), que contém dioxina. As dioxinas são um grupo de compostos quimicamente relacionados que se conhece como “Os doze condenados” – são contaminadores ambientais persistentes que se acumulam na cadeia alimentar, principalmente no tecido adiposo dos animais. Durante décadas, desde que foi desenvolvido pela primeira vez, a Monsanto foi acusada de encobrir ou não informar sobre a contaminação por dioxinas em uma ampla gama de seus produtos. 7. Agente Laranja. Durante a década de 1960, a Monsanto foi a principal fabricante do Agente Laranja, um herbicida/desfolhante utilizado como arma química na guerra do Vietnã. A fórmula da Monsanto tinha níveis de dioxinas muito maiores que o Agente Laranja produzido pela Dow Chemicals, outro fabricante (porque a Monsanto foi a denunciada-chave na demanda apresentada por veteranos de guerra nos Estados Unidos). Como resultado da utilização do Agente Laranja, o Vietnã estima que mais de 400 mil pessoas foram assassinadas ou mutiladas, 500 mil crianças nasceram com defeitos de nascimento e, no máximo, um 1 milhão de pessoas ficaram deficientes ou sofreram problemas de saúde, sem falar dos efeitos a longo prazo que lesionou mais de 3 milhões de soldados americanos e seus descendentes. Memorandos internos da Monsanto mostram que a corporação conhecia perfeitamente os problemas de contaminação por dioxinas do Agente Laranja quando vendeu o produto ao governo dos EUA (para seu uso no Vietnã). Porém, a “Justiça” norte-americana permitiu a Monsanto e a Dow Chemicals apelar e receber proteção financeira por parte do governo, ignorando os veteranos que buscam uma compensação por terem sido expostos ao Agente Laranja. Só no ano de 2012, 50 anos mais tarde, começaram alguns esforços para limpá-lo. Entretanto, o legado da Monsanto para as gerações futuras se traduz em nascimentos de crianças disformes, que continuarão durante as

próximas décadas. Você acha que não pode acontecer aqui? Vários cultivos argentinos são geneticamente modificados para resistir a um herbicida feito com o principal componente do Agente Laranja (2,4-D), com o objetivo de lutar contra as “super ervas maléficas” desenvolvidas pelo RoundUp. Estes químicos persistem nos alimentos até chegar às prateleiras do supermercado e, mais tarde, a seu estômago. 8. Fertilizante a base de petróleo. Em 1955, a Monsanto começou com a fabricação de “fertilizantes” a base de petróleo, depois de comprar uma refinaria de petróleo. Os “fertilizantes” a base de petróleo matam micro-organismos benéficos do solo esterilizando terra e criando dependência, é como uma adição de substitutos artificiais. Dado o crescente preço do petróleo não parece uma opção muito econômica, nem próspera... 9. RoundUp. Durante la década de 1970 a Monsanto fundou sua divisão de Produtos Químicos Agrícolas, para produzir herbicidas, e um em particular: RoundUp (glifosato). A propaganda da Monsanto é que pode erradicar “as ervas daninhas” de um dia para o outro. Claro, que os agricultores adotaram de imediato. A utilização deste químico aumentou quando a Monsanto introduziu as sementes “RoundUp Ready” (resistentes ao glifosato), o que permite aos agricultores encher o campo com herbicidas sem matar estes cultivos (transgênicos). A Monsanto é uma corporação muito poderosa, como demonstrou recentemente fazendo Obama assinar uma Ata de Proteção para seus crimes. E ainda que o glifosato inicialmente tenha sido aprovado por organismos reguladores de todo o mundo e seja amplamente utilizado na Argentina e nos Estados Unidos, mais tarde foi praticamente erradicado da Europa. O RoundUp foi achado em mostras de águas subterrâneas, assim como no solo e no mar, incluindo nas correntes de ar e nas chuvas, mas sobretudo nos alimentos. É a causa do desaparecimento das abelhas, produz mal formações, infertilidade, câncer e destruição do sistema imunológico. Os estudos independentes demonstraram efeitos sobre a saúde consistentemente negativos que vão desde tumores e função orgânica alterada até a morte por intoxicação. O RoundUp é o Agente Laranja com nome diferente. 10. O aspartame (NutraSweet/Equal). Foi descoberto acidentalmente em uma investigação sobre hormônios gastrointestinais. Se trata de um produto químico doce que, em primeira instância, matou um macaco bebê e deixou outros cinco gravemente feridos (em um total de 7 macacos), em um ensaio clínico realizado para que a FDA aprovasse o Aspartame. E a FDA o aprovou (1974). Em 1985, a Monsanto adquiriu a empresa que fabricava aspartame (GD Searle) e começou a comercializar o produto rebatizado de NutraSweet. Vinte anos mais tarde, o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA publicou um informe que enumera 94 problemas de saúde causados pelo aspartame. 11. Hormônio de Crescimento Bovino (rBGH). Este hormônio geneticamente modificado foi desenvolvido pela Monsanto para ser injetado nas vacas leiteiras e aumentar a produção de leite quando não há escassez de leite. As vacas submetidas a rBGH sofrem uma dor insuportável devido à inflamação de suas tetas e à mastite. O pus da infecção resultante entra no fornecimento de leite que requer o uso de antibióticos adicionais. O leite rBGH produz câncer de mama, câncer de cólon e câncer de próstata nos seres humanos. 12. Cultivos Geneticamente Modificados (OGM/GMO/GM). No início da década de 1990, a Monsanto começou a “junção” de genes de milho, algodão, soja e canola. Utilizou ADN de fontes estranhas para lograr das características principalmente: um pesticida gerado internamente e resistente ao herbicida RoundUp da Monsanto. Em outras palavras, as plantas envenenam e matam aos insetos e mamíferos que as devoram e resistem ao agroquímico (parente do Agente Laranja) RoundUp que persiste nelas inclusive depois do seu processamento até chegar ao consumidor. Claro que a transgênese tem se expandido. Batatas, frutas, maçãs, tomates, alface, tabaco, peras, melancia. Tudo tem sua versão OGM. Apesar das décadas de propaganda dizendo que os cultivos geneticamente modificados poderiam alimentar o mundo, que teriam mais nutrientes, resistência à seca, maior rendimento, nenhuma dessas promessas se cumpriu. Os cultivos GM não alimentam o mundo, causam câncer. Não têm mais nutrientes; na verdade, não alcançam nem 10% do que têm os cultivos orgânicos. Não resistem à seca. Não fornecem maior rendimento e sim menor, enquanto encarecem a produção. A maioria dos ganhos da Monsanto provém das sementes desenhadas para tolerar o RoundUp. Este desenho transforma aos “alimentos” em armas mortais para a humanidade. As receitas da Monsanto aumentam constantemente desde que os agricultores se veem obrigados a usar mais e mais químicos devido à proliferação de ervas daninhas que evoluem desenvolvendo resistência ao RoundUp. A Monsanto e os meios de comunicação de massa ocultam que o Amarantho orgânico era o verdadeiro alimento projetado para a humanidade do futuro. Cura o câncer e o previne, é o cereal mais nutritivo do planeta e foi a primeira planta a germinar no espaço. Tanto é que os astronautas da NASA utilizam amarantho para se manterem saudável, e não a soja.

Bayer compra Monsanto e tenta apagar história manchada da empresa - Multinacional do agronegócio deixa de existir formalmente, mas práticas criminosas continuam. Rute Pina, Brasil de Fato, São Paulo (SP), 06 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/06/bayer-compra-monsanto-e-tenta-apagar-historia-manchada-da-empresa> Acesso em 9 de junho de 2022.

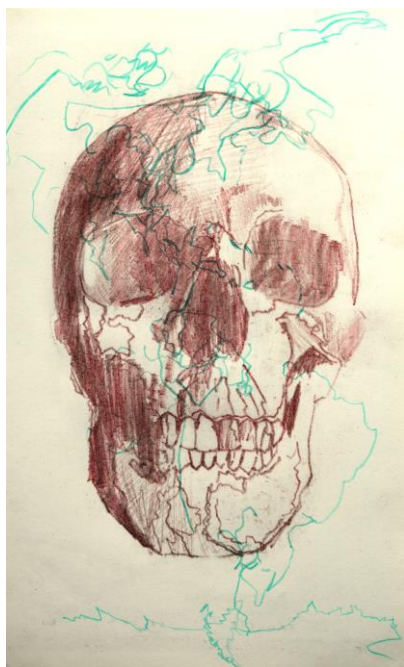


Fig. 47 *Mapa Américas - Non Santo sobre o mundo*, 2013, lápis contê sépia aquarelável sobre papel, 20,7 x 12,6 cm
Exposto na individual *Confronto*, Subsolo Laboratório de Arte, Campinas, SP, 2018



Fig. 48 *Non Santo - OGM* série *Non Santo sobre o Mundo* 2013, lápis aquarelável e lápis dermatográfico sobre papel, 20,7 x 12,6 cm
Exposto na individual *Confronto*

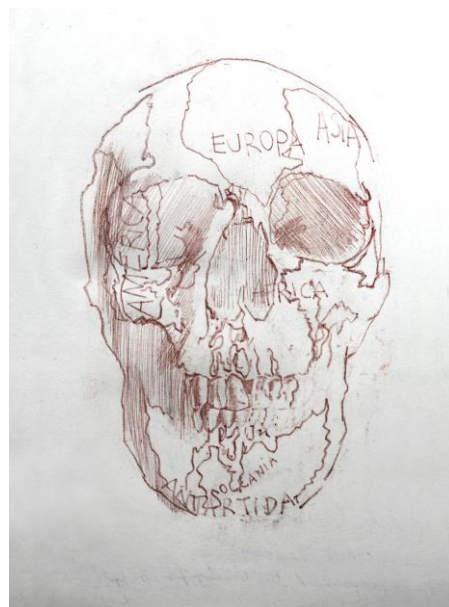


Fig. 49 *Crânio Eurocêntrico* série *Desenhos Mínimos*, 2013, lápis sépia sobre papel, 20 x 12 cm
Exposto na individual *Confronto*, Subsolo Laboratório de Arte, Campinas, SP, 2018

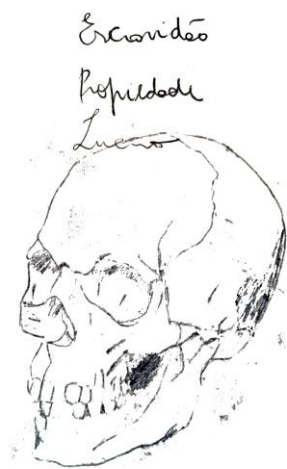


Fig. 50 *Escravidão Propriedade Lucro* série *Meu Brasil Brasileiro*, 2013, grafite sobre papel, 20,7 x 12,6 cm
Exposto na individual *Confronto*, Subsolo Laboratório de Arte, Campinas, SP, 2018



Fig. 51 *Sud – ou Sulado*, série *Subversões da imposta norma*, 2014, lápis aquarelável e grafite sobre papel, 20,7 x 12,5 cm
Exposto na individual *Confronto*, Subsolo Laboratório de Arte, Campinas, SP, 2018



Fig. 52 *Ouro Estúpido*, série *desenhos mínimos*, 2013, lápis contê e lápis aquarelável sobre papel, 20 x 12 cm
Exposto na individual *Confronto*, Subsolo Laboratório de Arte, Campinas, SP, 2018

Para saber mais dessa multinacional é importante que se assista o documentário *O mundo segundo Monsanto*¹⁶⁸ (2008) dirigido pela jornalista e documentarista francesa Marie-Monique Robin (1960, Gourgé). O filme é baseado na investigação de três anos de Marie-Monique Robin sobre as práticas corporativas em todo o mundo da multinacional americana Monsanto:

O documentário *O mundo segundo a Monsanto (Le monde selon Monsanto)*, realizado pela jornalista francesa Marie-Monique Robin, enumera de maneira sistemática o elenco de atrocidades cometidas mundo afora pela centenária Monsanto, grande corporação americana, criada nos idos de 1901, uma das maiores empresas químicas do século XX tendo produzido, ainda nesta fase química, produtos e escândalos ligados, dentre outros, ao PCB, ao desfolhante químico chamado de agente laranja, ao adoçante artificial aspartame e ao herbicida Roundup. Posteriormente, na condição de maior empresa de biotecnologia (ou *Life Sciences Companies*) do planeta - vez que responde por 90% dos produtos transgênicos comercializados no mercado mundial - a Monsanto se apresenta como uma companhia agrícola cujo objetivo é “ajudar os camponeses a produzir alimentos saudáveis, reduzindo o impacto da agricultura sobre o meio ambiente”. Convenhamos que tal propósito é no mínimo contraditório em se tratando de uma empresa detentora de um passivo sócio, político e ambiental acumulado ao longo de sua existência, conforme o documentário evidenciará.¹⁶⁹

A partir da experiência de ter assistido o documentário de Marie-Monique Robin, que circulava entre grupos de ativistas veganos, eu fiz a série *Non Santo sobre o Mundo* em 2013 (fig. 47 e 48). Em 2018¹⁷⁰ a Monsanto foi comprada pela empresa Bayer da Alemanha. Os proprietários mudaram, mas não mudam as práticas, aliás, eles possuem muitos pontos em comum:

Com a aquisição de agroquímicos de origem norte-americana, a Bayer herdou a má imagem da Monsanto e suas dezenas de milhares de ações judiciais por danos. Mas se a Bayer desfrutou de uma boa imagem antes, isso se deve ao seu poderoso departamento de relações públicas e não ao respeito pelo consumidor, pelo ecossistema ou por qualquer outra coisa que não seja o bolso de seus acionistas. Como veremos, desde a sua criação, a Monsanto e a Bayer mantiveram um relacionamento bastante próximo. (...) para entender a natureza das operações de multinacionais como Monsanto ou Bayer, é melhor olhar para a periferia. É em países precários e corruptos do terceiro mundo que essas multinacionais europeias e norte-

¹⁶⁸ *O Mundo Segundo a Monsanto*, 2008, 1:49:10, diretora, produtora e roteirista: Marie-Monique Robin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWxTrKICMnk> Acesso em 12 de março de 2022.

¹⁶⁹ BRITO, Francisco Emanuel Matos. *O admirável mundo sombrio anunciado pela Monsanto*. O Olho da História, Salvador (BA), julho de 2009. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/francisco.pdf> Acesso em 12 de março de 2022. Francisco Emanuel Matos Brito é Doutor em Ciências Sociais (UFBA), Pesquisador do Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais (NUCLEAR) da FFCH/UFBA.

¹⁷⁰ Fusão entre Monsanto e Bayer aumenta monopólio do veneno e da transgenia no mundo. Naiara Bittencourt. Brasil de Fato, Paraná, 02 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2018/04/02/fusao-entre-monsanto-e-bayer-aumenta-monopolio-do-veneno-e-da-transgenia-no-mundo> Acesso em 16 de junho de 2022.

Bayer compra Monsanto e tenta apagar história manchada da empresa - Multinacional do agronegócio deixa de existir formalmente, mas práticas criminosas continuam. Rute Pina. Brasil de Fato, São Paulo, SP, 06 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/06/bayer-compra-monsanto-e-tenta-apagar-historia-manchada-da-empresa> Acesso em 16 de junho de 2022.

americanas geralmente praticam crimes lucrativos que suas sociedades, melhor preparadas culturalmente para o ataque neoliberal, nunca tolerariam. Entre a anomia, a ignorância selvagem e a precariedade, seus executivos compram políticos às dezenas e juntos abusam de cidadãos distraídos, enganados por uma fachada democrática que os convida a confiar no que seu sistema político faz, principalmente quando se trata de importar o suposto ‘progresso tecnológico’ do primeiro mundo. (...) O poder da Bayer-Monsanto está no lobby multimilionário, na compra de políticos, mídia e “cientistas”. Como explica, em detalhes, o documentário “O mundo segundo a Monsanto”, a decisão de permitir os primeiros usos de transgênicos nos EUA dos anos 90, era puramente político, não econômico ou técnico. Foi também o que descobriu o advogado americano Steven Druker, que obteve por ordem judicial documentos secretos da FDA detalhando o favorecimento sistemático de estudos ad-hoc conduzidos pelo mesmo setor, enquanto os de seus detratores eram ignorados, mesmo aqueles realizados nas mesmas entidades governamentais. Além disso, ele denunciou a já tradicional porta giratória entre a indústria agroquímica, a Food and Drug Administration (FDA) e outras entidades reguladoras estatais. Em 1992, a FDA, que garante a segurança alimentar nos EUA, revisou seus próprios regulamentos para “promover a biotecnologia”, então um importante objetivo político da Casa Branca na gestão George Bush “Pai”, embarcou em uma “cruzada anti-regulatória” em favor da referida indústria. As grandes empresas americanas tradicionais sempre tiveram um papel geopolítico muito importante na política externa desse país. Nesse caso, o governo dos EUA disseminou globalmente as culturas geneticamente modificadas por meio de acordos de livre comércio, sempre com o aval de ter sido aprovado pelo governo mais poderoso do mundo. O sucesso da Monsanto e de empresas como a Bayer não reside na qualidade de seus produtos ou nos benefícios de seu uso, mas na captura de entidades reguladoras estatais e no discurso público, para o qual utiliza meios de comunicação corporativos, acostumados a se venderem pelo maior lance.¹⁷¹

Além das promessas não cumpridas de “segurança alimentar” que seriam alcançadas com a promoção das “pesquisas em biotecnologia” essas empresas foram cúmplices de crimes de guerra:

Monsanto e Bayer têm uma história comum longa e íntima. Uma história de guerra, como explica a ativista e física indiano Vandana Shiva, ambas as empresas “fabricaram explosivos e gases letais usando tecnologia compartilhada e venderam seus produtos para ambos os lados, nas duas guerras mundiais”. A Bayer, juntamente com a BASF e AGFA alemã, formaram um dos primeiros cartéis químicos. Durante a Primeira Guerra Mundial, o referido cartel foi integrado ao conglomerado I.G. Farben, que forneceu aos nazistas o veneno chamado Zyklon B, utilizado para assassinar humanos em campos de concentração. A Farben também se beneficiou do trabalho escravo dos perseguidos pelo nazismo. Bayer e Monsanto associaram oficialmente, incluindo a formação de “Monsanto”, que durante a Guerra do Vietnã produziu o “Agente Laranja”, usado para desfolhar as selvas onde os vietnamitas estavam escondidos, matando centenas de milhares. Hoje, o veneno continua causando terríveis deformações congênitas e diferentes tipos de câncer. Por causa da exposição ao “Agente Laranja”, milhares de veteranos do Exército dos EUA receberam compensações em 1984 que somam 180 milhões de dólares. A concentração de riqueza de nosso sistema político-econômico permite a esses monstros sobreviver a seus crimes pagando bilhões de dólares em compensação e cooptando governos.¹⁷²

¹⁷¹ *O desastre global chamado Bayer-Monsanto*. Revista IHU On-Line, Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS, 28 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596652-o-desastre-global-chamado-bayer-monsanto> Acesso em 16 de junho de 2022.

¹⁷² Idem.

Logo na sequência dos desenhos críticos à Monsanto, fiz uma pequena série de outros desenhos que faziam alusões a questões mais abertas naquele momento, mas que de alguma forma estavam apontando para questões de dominação (cultural e econômica) que agora eu tenho um pouco mais de subsídios para entender, tais como a ideia de uma herança de dominação cultural europeia em *Crânio Eurocêntrico* (fig. 49) onde a palavra Europa está escrita sobre a testa da representação gráfica do crânio humano, que hoje eu tenho o discernimento de percebê-lo como um crânio muito provavelmente caucasiano¹⁷³, o que me faz pensar que se o trabalho fosse feito, ou se a série for retomada, eu teria o cuidado de pesquisar com mais atenção a fonte de referência – como aconteceu posteriormente com a pintura *Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)* da série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* de 2019 (fig. 144), onde as imagens de referência foram tomadas da documentação do Museu Nacional do Rio de Janeiro – no capítulo 3 apresentarei a pintura Luzia em contexto com o sucateamento das instituições públicas e com o incêndio que destruiu o Museu Nacional. Considero as palavras sobre o *Crânio Eurocêntrico* (fig. 49) como uma espécie de inscrição simbólica subcutânea incrustada na estrutura do corpo, estrutura essa que fisicamente em parte é composta pelos ossos. Pensava simbolicamente nessa herança e marca colonial que os países europeus - que invadiram e saquearam o Brasil e as Américas (além de Ásia, Oriente Médio, Oceania e o continente Africano)¹⁷⁴ –

¹⁷³ ZARINS, Uldis. *Form of the Head and Neck: Anatomy for professional artists*. Nova York: Anatomy Next, Inc., 2021. P. 78 e 79. ZARINS, Uldis. *Anatomy of Facial Expressions*. Exonix Inc., 2017. P. 32

¹⁷⁴ “O trabalho de Lenin, *Imperialismo, estágio superior do capitalismo* (1916-17), marcou sem dúvidas um antes e um depois na discussão sobre imperialismo. Esse conceito não apenas explica a concentração de poder e renda nos países do Norte, mas também o mecanismo de concentração e monopolização do capital, baseado na exportação de capital dos países imperialistas para as periferias do mundo, favorecida pelo desenvolvimento do capital financeiro e, ao mesmo tempo, se apropriando dos recursos provenientes do sul para garantir as condições de produção do Norte. Em grande medida, podemos ver esses anos de expansão global do capital global do Norte, em particular do inglês, como um emaranhado de capitalismo e colonialismo. De fato, boa parte da operação deste suposto processo civilizatório do Norte se baseou na liberalização econômica e na dependência política de um quarto do mundo. A Ásia, a África e o Oriente Médio foram divididos como propriedade de diferentes países imperialistas da Europa. Assim, um quarto do mundo foi distribuído em colônias às quais as corporações capitalistas transnacionais impuseram o novo dever ser. No caso da América Latina, o imperialismo tomou a forma de dependência econômica em um contexto de suposta independência política nacional. Como o apresentava Manuel Scorza* em sua magnífica e angustiante história, o capital estrangeiro se instalou em nossas terras se apropriando da água, das montanhas e até mesmo da própria vida.” LÓPEZ, Emiliano. Introdução: Uma caixa de ferramentas para fechar as nossas veias. In: LÓPEZ, Emiliano (org). *As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. P. 9-10

* “Manuel Scorza (Lima, 9 de setembro de 1928 - Madrid, 27 de novembro de 1983) foi um romancista e poeta Peruano da geração dos anos 50, pertencente ao Indigenismo ou Neoindigenismo peruano em conjunto com seus companheiros Ciro Alegría e José María Arguedas.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Scorza Acesso em 2 de julho de 2022.

deixaram em muitas cabeças. E naquele momento eu também pensava na centralidade da Europa em atribuir à sua produção cultural local o valor distintivo de arte maior, ou a melhor, a Arte – pelo menos até meados da primeira parte do século XX – quando os EUA assumem a frente do bloco imperialista via poder financeiro e militar sobre o mundo. Considerava o quanto as questões locais, do Brasil em especial, são determinadas por uma literatura da história da arte construída fora daqui, e como as questões de hegemonia cultural estão a reboque do poder financeiro global do bloco imperialista, EUA e a subserviente Europa ocidental.

Segundo o filósofo sul coreano Byung-Chul Han “A ferocidade da globalização se deve ao fato de ela não ser suficientemente global, de não ser mundi-mediada, de ela produzir estruturas fortemente assimétricas, partilhas injustas de oportunidades e recursos, de ela não ser envolvida por uma instância de mediação e de poder abrangente.”¹⁷⁵ Já Vijay Prashad apresenta um contexto mais elaborado sobre o termo globalização no subcapítulo “Bancos, não tanques”:

Nos anos 1980, a crise da dívida no Terceiro Mundo corroeu a soberania de grande parte do mundo e – por razões complexas – o sistema estatal comunista começou a desmoronar. Quando colapsaram no início dos anos 1990, os Estados Unidos se afirmaram como o principal polo, liderando o bloco imperialista, em várias áreas, desde a gaiola de ferro do poder militar até a luva de veludo do desejo cultural. Este foi o período que os EUA e seus aliados chamaram de “globalização”.¹⁷⁶

Ainda alusivos a cartografias globais destaco os desenhos *Mapa Américas* (fig. 47) e *Sud – ou Sulado* (fig. 51) tendo esse último a filiação direta com o mapa invertido da América de Joaquim Torres García (fig. 36). E os desenhos *Escravidão Propriedade Lucro* da série *Meu Brasil Brasileiro* (fig. 50) e *Ouro Estúpido* (fig. 52) que na época partiram de noções mais genéricas e penso que se apresentaram como discursos gráficos, mas de alguma forma, já convergentes para questões de exploração da terra no Brasil durante toda a sua história de colonização, do passado aos dias atuais (meados de 2022). Sendo a exploração atual promovida pelo governo genocida formado por militares, apoiado pelo grande capital nacional, por ruralistas, pelo mercado de armas e munições e pelos charlatões chefes de igrejas evangélicas que endossam a proliferação de garimpos criminosos em terras indígenas que causam a perseguição, exploração sexual¹⁷⁷ e assassinatos dos povos originários, de ativistas,

¹⁷⁵ HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (p. 42)

¹⁷⁶ PRASHAD, VIJAY. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. (p. 132-3)

¹⁷⁷ *Garimpo ilegal traz fome, doença e exploração sexual para território Yanomami, diz estudo* - Relatório inédito produzido por indígenas responsabiliza governo Bolsonaro e descreve abusos sexuais em troca de comida. Murilo Pajolla, Brasil de

ecologistas, funcionários públicos e indigenistas além da nefasta contaminação dos moradores locais com mercúrio dos garimpos de ouro¹⁷⁸.

Então considero que estes desenhos indicam um percurso em andamento de questões mais abertas para contextos mais específicos que aos poucos fui descobrindo.

Atualmente ao olhar para o desenho *Ouro estúpido*, penso nas palavras de Michael Löwy de seu livro *Revolta e Melancolia*: “(...) seu adversário é ‘o velho inimigo’ da humanidade, o egoísmo milenar que, ‘como capitalismo, venceu como nunca antes’”, transformando todas as coisas e todos os seres humanos em mercadorias” (LÖWY, 2015, p. 248-249). Em uma passagem mais extensa Löwy pondera sobre a exploração capitalista da natureza a partir de Ernest Bloch e sua obra *O Princípio Esperança*:

A crítica à técnica moderna (capitalista) de Bloch é movida antes de tudo pela exigência romântica de uma relação mais harmoniosa com a natureza. A técnica burguesa mantém com natureza apenas uma relação mercantil e hostil: ela “se posiciona na natureza como um exército de ocupação em território inimigo”. Como os representantes da Escola de Frankfurt, o autor de *O Princípio Esperança* considera que “todo conceito capitalista de técnica” reflete “uma vontade de dominação, de relação de feitor e escravos” com a natureza. Não se trata de negar a técnica como tal, mas de contrapor a técnica que existe nas sociedades modernas a utopia de uma “técnica de aliança” [...], uma mediada com a coprodutividade da natureza”, uma técnica entendida “como liberação e mediação das criações adormecidas no seu seio” (fórmula emprestada – sem indicação da fonte, como é frequente – de Walter Benjamin).

Fato, Lábrea (AM), 11 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/11/garimpo-ilegal-traz-fome-doenca-e-exploracao-sexual-para-territorio-yanomami-diz-estudo> Acesso em 18 de junho de 2022.

¹⁷⁸ *Estudo analisa a contaminação por mercúrio entre o povo indígena mundurucu*. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 26/11/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-contaminacao-por-mercuro-entre-o-povo-indigena-munduruku> Acesso em 18 de junho de 2022.

‘As mulheres Munduruku estão envenenadas por mercúrio e temos provas’, denuncia líder indígena - Mercúrio usado em garimpo ilegal de ouro contamina 99% de aldeias da etnia no Alto Tapajós, revela pesquisa coordenada por neurologista. Elpida Nikou e Joana Moncau com colaboração de Felipe Garcia, Repórter Brasil, 19 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/02/as-mulheres-munduruku-estao-envenenadas-por-mercuro-e-temos-provas-denuncia-lider-indigena/> Acesso em 18 de junho de 2022.

Mercúrio contamina populações indígenas no Pará, mostra estudo - Em conversa com Rádio Bdf, pesquisador da Fiocruz, Paulo Basta, faz alerta: “Garimpo não traz benefício nenhum”. Cristiane Sampaio, Brasil de Fato, Brasília (DF), 19 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/19/mercuro-contamina-populacoes-indigenas-no-para-mostra-estudo> Acesso em 18 de junho de 2022.

Rios na Terra Yanomami têm 8600% de contaminação por mercúrio, revela laudo da PF - Perícia analisou amostras de água corrente dos rios Couto de Magalhães, Catrimani, Paríma e Uraricoera. Danos da poluição podem afetar saúde dos indígenas que vivem próximo a garimpos ilegais. Yara Ramalho, Valéria Oliveira, Marcelo Marques e Luciano Abreu, g1 RR e Rede Amazônica — Boa Vista, 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/oraima/noticia/2022/06/06/rios-na-terra-yanomami-tem-8600percent-de-contaminacao-por-mercuro-revela-laudo-da-pf.ghtml> Acesso em 18 de junho de 2022.

Bolsonaro estimulou avanço de garimpeiros sobre os Yanomami - Presidente já descumpriu decisões do STF, defendeu garimpo em visita à TI e inaugurou ponte que beneficia garimpeiros. Murilo Pajolla, Brasil de Fato, Lábrea (AM), 06 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/06/bolsonaro-estimulou-avanco-de-garimpeiros-sobre-os-yanomami-relembre-casos-e-declaracoes> Acesso em 18 de junho de 2022.

Essa sensibilidade “pré-ecológica” é diretamente inspirada pela filosofia romântica da natureza e por sua concepção qualitativa do mundo natural. Segundo Bloch, com a ascensão do capitalismo, do valor de troca e do cálculo mercantil, assiste-se à “perda da organicidade” e à “perda do sentido de “qualidade da natureza”¹⁷⁹

Essa relação mercantil e hostil: ela “se posiciona na natureza como um exército de ocupação em território inimigo” é basal e literal dentro do governo de J. M. B. com relação à sua perseguição aos povos originários e ao sabotar os funcionários públicos da FUNAI em especial, onde os indigenistas que foram retirados dos cargos de chefia e no lugar destes especialistas foram colocados militares, policiais militares e até mesmo pastores evangélicos¹⁸⁰. Bolsonaro e seus associados, apoiadores e endossadores propagam a destruição da *organicidade* da natureza, promovem a *perda do sentido de qualidade da natureza* em nome de um ultraliberalismo predatório e assassino. Os metais preciosos provenientes de garimpos ilegais, também saem ilegalmente do país, assim como saíram em 25 de junho de 2019 os trinta e nove quilos de cocaína dentro do avião presidencial pelas últimas mãos que foram incriminadas do sargento da Força Aérea Brasileira (FAB), então integrante da comitiva presidencial¹⁸¹ - além dele nenhum outro militar foi investigado ou preso pelo governo brasileiro. Esses encobrimentos e em muitos casos (como no apoio aos garimpeiros ilegais) de ações criminosas realizadas com a conivência classista (militares) do governo de J. M. B. se deve ao seu atual poder de compra do chamado Centrão¹⁸² e dos próprios militares que foram aliciados com centenas de cargos públicos, regalias e altos salários¹⁸³. Segundo Byung Chul Han:

O poder também não consiste na “neutralização da vontade”. Isso significa que, no que se refere ao desequilíbrio de poder existente do lado do subordinado, não se trata da formação da

¹⁷⁹ LÖWY, Michael. *Revolta e Melancolia: O romantismo na corrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015. (p. 247)

¹⁸⁰ Bom Dia 247, com Attuch e Joaquim de Carvalho (18.06.2022), Brasil 247, 1:29:37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeZRIhRmWc0> Acesso em 18 de junho de 2022. Assistir em especial a parte de 9:00 até 14:00 – “Bolsonarismo usa o nome de Deus para abrir caminho para a exploração predatória”.

¹⁸¹ 39 quilos de cocaína constroem o Governo Bolsonaro - Prisão de sargento flagrado com droga na Espanha vira notícia internacional e meme e pressiona Aeronáutica e Planalto por falha em segurança de comitiva presidencial. MARINA ROSSI São Paulo, 26 de junho 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/politica/1561577623_739675.html Acesso em 18 de junho de 2022.

¹⁸² Orçamento secreto de Bolsonaro e do centrão é via para corrupção - Aliado ao Centrão, bloco de partidos apoiadores, Bolsonaro se vê mergulhado em escândalos de corrupção viabilizados pelo Orçamento Secreto. André Accarini, CUT Brasil, 14 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/orcamento-secreto-de-bolsonaro-e-do-centrao-e-via-para-e-corrupcao-entenda-por-q-4591> Acesso em 18 de junho de 2022.

¹⁸³ No atual governo, militares acumulam privilégios e altos salários - Favorecidos pela Reforma da Previdência e poupados pela PEC da Reforma Administrativa, mais de 6 mil fardados ocupam cargos civis na estrutura federal. Redação, Partido dos Trabalhadores, 19 de maio de 2021. Disponível em: <https://pt.org.br/no-atual-governo-militares-acumulam-privilegios-e-altos-salarios/> Acesso em 18 de junho de 2022.

própria vontade, pois ela já deve estar inscrita na vontade do poderoso. É desse modo que ela é dirigida pelo poderoso na escolha das possibilidades de ações.¹⁸⁴

O poder do governo J. M. B. embasado no ultradireitismo e ultraliberalismo¹⁸⁵ com seu ministro da economia é temporário (*Temporär*, 2014-15 - fig. 53), mas foi e ainda é (em 2022) devastador, atroz. Segundo considerações de 2019 de Tarso Genro que foi governador do Estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, ministro da Justiça, ministro da Educação e ministro das Relações Institucionais do Brasil:

Este “ultraliberalismo” que ora extingue o primado da política democrática na gestão do Estado, pode ser derrotado pela concepção neoliberal, já “civilizada” pela socialdemocracia? Tudo indica que não, como se vê dos próprios efeitos das reformas ultraliberais, que criam a sua própria base social e amortecem qualquer resistência de massas aos seus planos reformistas. As reformas obrigam uma massa enorme de trabalhadores a viver apenas no presente, sem perspectivas de proteção social. São grupos humanos que pensam que são “donos de seu nariz” e cujo futuro inseguro só se apresentará de forma concreta a médio ou longo prazo. (...) o jogo político não é mais o mesmo do neoliberalismo clássico tatcherista, por exemplo. Este falava através dos partidos tradicionais e apresentava abertamente os seus projetos, mas atualmente o “ultraliberalismo” dispensa qualquer mediação democrática que é substituída, portanto - de forma plena - pela “instituição” fantasmática “mercado”. O mercado “subsume” a política e edifica novos valores de convívio, alheios às necessidades cotidianas de uma comunidade regrada democraticamente: no mercado não tem democracia, pois só tem “voto” quem tem poder aquisitivo. A pergunta que segue é mais dramática e a sua resposta poderá ensejar uma estratégia inovadora: o que estamos vendo é um detalhe da crise da democracia liberal-representativa ou é a ante-sala de um novo tipo de fascismo - ao mesmo tempo “social” e para-estatal - onde o novo “Führer” político é a voz do mercado na mídia oligopólica? Parece-me que esta questão é decisiva para entendermos o que ocorre no Brasil, como experiência original - nova e radical - sobre a qual os partidos de esquerda não tem feito reflexões mais acuradas, seja em Congressos, seja pela manifestação educativa dos seus núcleos dirigentes. Quando o Presidente se recusa a falar sobre economia - “porque isso é com o Guedes” - e diz que nada “entende” dela, na verdade ele diz muito mais do que isso. Diz que as decisões da economia não passam pela política, logo, não passam por eleições, partidos, programas e pluralidade de “vistas” sobre o tema: a política só existe isolada na dimensão simbólica do fascismo - no gestual e na fala presidencial - e a economia, que orienta a sobrevivência cotidiana das pessoas, se expressa nas reformas ajustadas pela técnica ultraliberal. Estas, ao mesmo tempo que sufocam a política, diluem a sociedade de classes tradicional. O Brasil vive sob um pacto firmado entre classes e grupos dominantes para cancelar a separação radical entre economia e política. Guedes, entretanto - o responsável pela economia - não é um “neoliberal” no sentido clássico e “tatcheriano” da palavra, mas é um “ultraliberal”. Como tal, ele busca extinguir qualquer instituição regulatória do mercado, assim esvaziando a possibilidade de que a política possa ter um papel ativo na construção de uma nação soberana. Bolsonaro é um intérprete da

¹⁸⁴ Luhmann, N. *Macht*. Stuttgart, 1975. (p. 11) in HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (p. 10)

¹⁸⁵ “O chamado ultraliberalismo se trata de transformações qualitativas em relação ao liberalismo, entretanto, não no sentido de constituição de uma nova razão do mundo, mas sim para perpetuar a velha ordem e razão burguesa, solidificando-a em patamares ainda mais regressivos de expropriação e exploração da classe trabalhadora.”

O ultraliberalismo enquanto categoria conceitual. João Elter Borges Miranda. LavraPalavra, 02 de dezembro de 2020.

Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2020/12/02/o-ultraliberalismo-enquanto-categoria-conceitual/> Acesso em 18 de junho de 2022.

sociopatia do fascismo e a sua escolha - pelas classes dominantes locais - como implementador ultraliberal sem consciência, é um complemento simétrico de Guedes, este com consciência para fazer o que sabe. Ambos repartem aquilo que no Chile foi sintetizado num só homem: Pinochet, o assassino (...).¹⁸⁶



Fig. 53 *Temporär*, 2014-15, carvão e pastel seco sobre papel, 50 x 195 cm

Exposto na coletiva *detalhe, desenho* - Galeria ESPM-Sul, Porto Alegre, 13 de maio a 5 de agosto de 2017, curadoria Eduardo Veras

Evidentemente o desenho *Temporär* de 2014-2015 não dizia respeito em sua gênese à situação presente do governo de J. M. B. (2018-2022), mas apontava para a tradição melancólica do *memento mori*¹⁸⁷ (traduzido literalmente do latim poderia ser algo como: lembra-te que irás morrer), nesse desenho eu estava mais uma vez retomando questões ligadas a noções mais amplas de melancolia e à percepção da finitude. A presença e representação dos crânios são cíclicas na minha produção, com relação a eles, eu penso que talvez esteja preso a esse tema como em uma espécie de órbita que hora me distancio, mas que também sou novamente aproximado quando menos espero.

Temporär foi feito junto de outro desenho de fatura e tema semelhante que chamei de *Trauerspiel* (tragédia em alemão), palavra que colhi diretamente da lembrança do título do livro de Walter Benjamin *A Origem do Drama Trágico Alemão – Ursprung des deutschen Trauerspiels* (1924-5), ou como talvez seja mais conhecida do leitor brasileiro por ter sido a primeira tradução do texto de Benjamin: *A Origem do Drama Barroco Alemão*. Ao pensar em escrever *Trauerspiel* na altura da testa

¹⁸⁶ *Ultraliberalismo é a revolução da barbárie – de Hayek, o “moderado”, a Guedes, o radical*. Tarso Genro. Sul 21, Porto Alegre, RS, 30 de novembro de 2019. Disponível em: <https://sul21.com.br/colunastarso-genro/2019/11/ultraliberalismo-e-a-revolucao-da-barbarie-de-hayek-o-moderado-a-guedes-o-radical/> Acesso em 18 de junho de 2022.

¹⁸⁷ “O *memento mori* da caveira é um lembrete de que não há poder nem conhecimento que permita a qualquer mortal transcender a morte.”

FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa?* São Paulo: Ubu Editora, 2021. P. 107.

da caveira, ao invés de escrever diretamente a palavra alemã, optei por escrever os símbolos fonéticos que permitem a leitura da palavra na língua traduzida - ['trauər'pi:l].



Fig. 54 *Temporär*, 2014-15, carvão e pastel seco sobre papel, 50 x 195 cm. Detalhe da folha central.

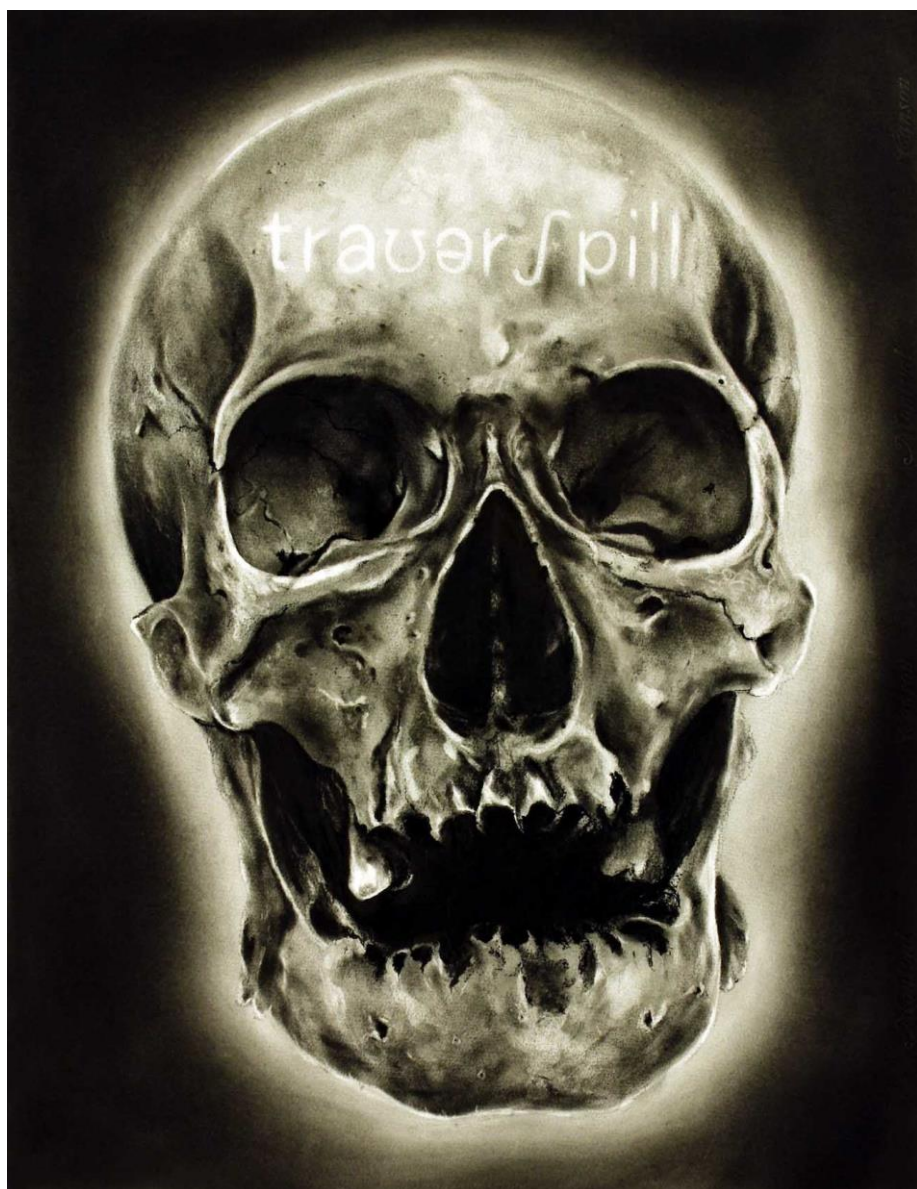


Fig. 55 *Trauerspiel*
2015
carvão e pastel seco sobre
papel Montval (Canson)
50 x 65 cm

Tarso Genro ao se referir ao governo de J. M. B. faz referências ao nazismo e Walter Benjamin (1892-1940) foi uma das tantas pessoas que sucumbiram sob a pressão e perseguição fascista do nazismo e franquismo. Aqui penso em uma infeliz conexão:

Mal espalhada a pólvora da Segunda Guerra Mundial, Benjamin se encontrava, na noite de 25 de setembro de 1940, na pequena cidade espanhola de Portbou, na fronteira ao sul da França. Por essa província de Girona, na Catalunha, após via crucis ilegal pela cordilheira dos Pirineus junto com alguns companheiros, também refugiados, protegia-se, na longa fuga, dos asseclas armados do “fascismo alemão” (como preferia designar a escalada da extrema direita no país nativo). O III Reich havia acabado de invadir o território francês e se precipitava sobre a capital.

Essa peregrinação acuada e tardia na Europa, a partir de Paris – onde o autor de *O narrador* havia se exilado desde março de 1933, ano do sinistro incêndio do Reichstag [parlamento alemão], álibi do Führer para seu golpe de Estado –, tinha motivos políticos e intelectuais. Benjamin postergou voluntariamente suas chances de imigração para os Estados Unidos. Cartas de Theodor Adorno, amigo íntimo, de ascendência judaica como ele e já integrado, com Max Horkheimer, à Universidade de Columbia, em Nova York, lhe haviam acenado, a partir de 1938, a possibilidade da transferência. A química Margarete [Gretel] Adorno, esposa de Theodor, a qual Benjamin conhecia desde antes do matrimônio de ambos, enfatiza esse desejo. Benjamin, no entanto, preferiu permanecer em solo alemão para contribuir, de perto, para a luta antifascista. Quando, enfim, conseguiu um visto de imigração para terras americanas, a não autorização para deixar a França o obrigou à clandestinidade pelos Pirineus, por quase dez quilômetros, além do necessário até a zona costeira catalã. A máquina estatal então aparelhada pelo franquismo, guilhotina na alfândega espanhola, recusou ao então pouco famoso fugitivo o ingresso via Estação Ferroviária Internacional da cidade, interrompendo sua rota para Lisboa, de onde zarparia em direção a Nova York. Sua documentação, alegou a ditadura, estava incompleta. Quatro botas o escoltaram a uma pousada próxima. [A empresa, Hotel de Francia (pensió França, em catalão), encerrou atividades por razões pouco definidas.] Benjamin estava bastante alquebrado, certamente pela íngreme viagem e por suas dificuldades cardíacas. Na manhã seguinte, 26 de setembro, ele seria deportado de volta à França e entregue a autoridades alinhadas ao nazismo, em Vichy. A razão estratégica e a ética politicamente austeras de Benjamin interceptaram, porém, o desejo autoritário do mundo. Como qualquer intelectual engajado, Benjamin sorvia prana direto da liberdade opinativa. (Apreciava concepções herméticas e cabalísticas.) Amargando o xequi-mate militar que o impediria de respirar a partir daquela noite de quarta-feira – entre retorno malquisto para a Alemanha, sequência barrada para Portugal e sonho de escape ceifado para os Estados Unidos –, concluiu, aos 48 anos, que a sua vida havia chegado ao fim. Além da pesada bagagem – com a versão final de *Passagens* ou de nova obra, em torno das Teses sobre filosofia da história, numa grande maleta [briefcase] preta, atestam relatos –, carregava uma overdose de morfina em tabletes, com triste eficiência para evitar, após dramático e duradouro ofego, a reabilitação dos sentidos.¹⁸⁸

Em 1941 Bertolt Brecht escreve o poema “Ao suicídio do fugitivo W. B.”¹⁸⁹

Ouço que levantaste a mão contra ti mesmo

Te antecipando ao carnicheiro.

Oito anos desterrado, observando a ascensão do inimigo

Por fim, coagido a uma fronteira intransponível

Uma transponível, diz-se, ultrapassaste.

¹⁸⁸ *A morte de Walter Benjamin*. Eugênio Trivinho, A Terra é Redonda, 27 de setembro de 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-morte-de-walter-benjamin/> Acesso em 18 de junho de 2022. Eugênio Trivinho professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). No site está disponível a versão completa do artigo publicado no Caderno de Sábado, do Correio do Povo, em 26/09/2020.

¹⁸⁹ BRECHT, Bertolt. *Poesia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

Reinos desabam. Os chefes de quadrilha
Avançam como homens de Estado. Não
Se vê mais os povos sob os armamentos.

Assim o futuro jaz na escuridão, e as forças do bem
Estão fracas. Tudo isso tu vias
Ao destruíres o torturável corpo.

Atribuo à *Temporär* e *Trauerspiel* o interesse pessoal pelo barroco e pelo tenebrismo, mas também penso de maneira indireta em alguns desenhos de carvão sobre papel em grande escala do artista estadunidense Robert Longo (1953, Nova Iorque). Tomei contato com a produção de Longo na graduação a partir do livro da editora Taschen *Arte Contemporânea* (1992) uma seleção que abordava a produção internacional (das metrópoles imperialistas) dos anos 80, no livro do crítico de arte, curador e historiador de arte alemão Klaus Honnef (1939, Tilsit - Prússia Oriental, agora Sovetsk, Rússia) o destaque no livro foi para a série de 1980, chamada de *Homens nas Cidades*¹⁹⁰ (fig. 56) que representavam homens e mulheres em posições que poderiam sugerir uma fotografia (que foi a origem de fato dos trabalhos) de uma posição congelada representando um momento de uma dança espasmódica, por exemplo, ao estilo do artista inglês Ian Curtis (1956, Manchester-1980, Macclesfield) - cantor, compositor e poeta britânico, vocalista da banda pós-punk Joy Division¹⁹¹, Ian também um melancólico e suicida como Walter Benjamin.

¹⁹⁰ <https://www.robertlongo.com/series/meninthecity/>

¹⁹¹ *Joy division* (documentário). Direção Grant Gee, roteiro Jon Savage, UK, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2PzSEijg0c> Acesso em 03 de julho de 2022.



Fig. 56 Robert Longo
sem título (Eric)
da série *Men in the Cities*
1979–83
carvão e grafite sobre papel, 243 x 152 cm



Fig. 57 Mário Röhnelt
sem título (mergulhador)
1981, grafite sobre papel cinza
66 x 66 cm¹⁹²

Nos desenhos da série *Homens nas Cidades* se pode observar uma mistura de corpos se retorcendo de maneira convulsiva e/ou em êxtase alucinado – as figuras desenhadas foram tomadas como representações de jovens de Nova York que ficaram ricos com especulação nas bolsas de valores durante os governos neoliberais de 1981 a 1989 de Ronald Reagan (1911, Tampico, Illinois – 2004, Los Angeles). Mas na verdade, segundo o próprio Longo as pessoas retratadas eram seus amigos com roupas que segundo ele remetiam a bandas punks da época (mas penso que estariam mais dentro da estética de boutique de luxo do movimento *new wave*). Os desenhos das pessoas com seus terninhos foram feitos em um estilo foto(*pop*)realista de alto contraste entre pretos e brancos (tons claro e tons escuros), onde os corpos de seus amigos artistas em movimento foram enquadrados em primeiro plano sobre fundos claros, o próprio branco do papel – como diz o artista “Todo o branco nos meus desenhos é o papel, e então eles são realmente o oposto das pinturas tradicionais, onde você trabalha do escuro para o claro” - ; em trabalhos posteriores irão predominar os fundos totalmente escuros, onde as figuras estão imersas em escuridão, estética que retoma o tenebrismo do pintor barroco

¹⁹² ARRUDA, Paula Trusz. *Pregnâncias da Autorreferencialidade: A produção de Mário Röhnelt nos anos 1980*. 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. P. 117. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114686/000953102.pdf?sequence=1> Acesso em 03 de julho de 2022.

Michelangelo Merisi da Caravaggio que também optava, muitas vezes, por pintar as suas figuras em primeiríssimo plano e com fundo sem maiores informações, muitas vezes escuros, além das composições estruturadas sobre fortes diagonais para enfatizar a sensação de movimento visual, uma marca do Barroco Europeu e em especial do Italiano – em 1972, Longo recebeu uma bolsa de estudos para a Accademia di Belle Arti in Florence, na Itália e certamente teve contato com esse movimento. Dois exemplos de pinturas de Caravaggio poderiam ser *A Inspiração de São Mateus* de 1602 (fig. 58) e seu duplo autorretrato, como jovem David e seu retrato na maturidade como Golias em *David com a cabeça de Golias* de cerca de 1610 (fig. 59).



Fig. 58 Caravaggio, *A Inspiração de São Mateus*, 1602
óleo sobre tela, 292 × 186 cm
San Luigi dei Francesi, Roma

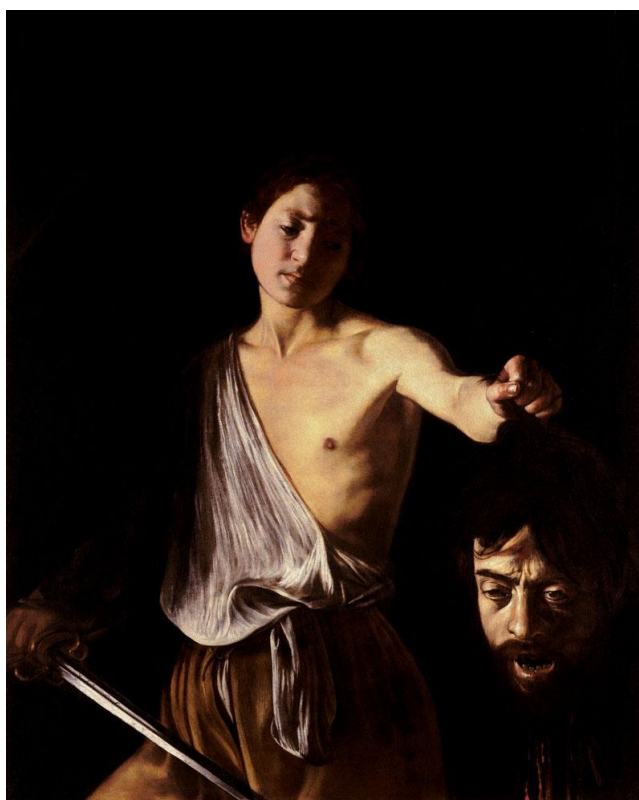


Fig. 59 Caravaggio, *David com a cabeça de Golias*, c.1610
óleo sobre tela, 125 × 101 cm
Galleria Borghese, Roma.

Segundo o texto do site *The Art Story* Longo fez a direção de um ensaio fotográfico no topo de um prédio, e a partir dessas fotos que também foram apresentadas como trabalhos, ele produziu os desenhos da série *Homens nas Cidades*:

Com seus desenhos icônicos de figuras tortuosas em ternos e vestidos capturados como se estivessem no meio do outono, Robert Longo ganhou fama no mundo da arte de Nova York dos anos 1980 - suas imagens ressoando na interseção da cultura punk underground e a adrenalina de Wall Street. Longo foi um membro proeminente da Pictures Generation, um grupo de artistas que voltou a atenção para as imagens midiáticas e suas marcas na psique cultural coletiva. Ele trabalhou com vários meios, incluindo formas populares como videocliques e, mais tarde em sua carreira, produziu desenhos detalhados e em grande escala de imagens de notícias, como aquelas que documentam conflitos raciais nos EUA, bem como a crise migratória na Europa. Em todo o tempo, ele manteve um grande interesse na representação da realidade da mídia e no papel do artista em descompactar imagens populares para o público contemporâneo. A icônica série *Men in the Cities* (1981) de Longo foi apresentada em sua primeira exposição individual na Metro Pictures Gallery. As figuras contorcidas de Longo, aparentemente capturadas no meio da dança ou da queda livre, entre o êxtase e a agonia, representam os ambiciosos "Yuppies" da Nova York dos anos 1980. A música punk, o *Power Suit* e a exuberância juvenil colidem com a lendária ganância e ambição que também se tornaram marcas da época. (O filme *Psicopata Americano* incluiu obras dessa série emblemática em sua cenografia.) "Claro, os caras de *Men in the Cities* eram meus amigos - eles eram basicamente caras do punk rock, eles sempre usavam gravatas finas", disse Longo. Artistas colegas como Gretchen Bender, Cindy Sherman e Richard Prince serviram como seus modelos. Ele os encenou em seu telhado, manipulou seus movimentos atirando objetos e amarrando cordas neles, e os fotografou, obtendo a imagem da figura presa no espaço inspirada na música punk. Os resultados assumiram um aspecto coreográfico. Sherman lembra: "Criar essas poses se tornou uma espécie de dança (...)". Longo então projetou as fotografias e as traçou em grafite, antes de trabalhar (...) nos detalhes para exagerar as contorções (...). Com o tempo, a série tornou-se associada à América corporativa e ao cenário visual de Nova York. As figuras torcidas de Longo foram apropriadas pela cultura pop, do "homem em queda" a sequência de introdução de imagens que fazem referência ao 11 de setembro.¹⁹³

Tive contato com a produção de Longo apenas por livros e revistas do acervo da biblioteca do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Art Press, Artforum, Art in America, Flash Art e Art International), ou seja, à distância em termos de contato presencial com as obras, mas tive a experiência direta com trabalhos que diria que tem relação com o espírito da época dos anos 1970 e 80 através dos acervos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) além da Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB). Pelo que lembro em especial no MARGS durante a segunda metade dos anos noventa pude ver uma série de exposições com obras de Milton Kurtz¹⁹⁴ (1951, Santa Maria – 1996, Porto Alegre), Mário Röhnelt (1950, Pelotas – 2018, Porto Alegre), (fig. 57) que tive o privilégio de conhecer pessoalmente e expor com ele no MACPR durante o 62º Salão Paranaense em 2007 (onde evidentemente Mário era um dos

¹⁹³ Roberto Longo – fotógrafo, escultor, cineasta e músico americano, nascimento: 7 de janeiro de 1953 - Brooklyn, Nova York, movimentos e estilos: A geração de imagens, Pós-modernismo. The Art Story. Disponível em: <https://www.theartstory.org/artist/longo-robert/> Acesso em 03 de julho de 2022.

¹⁹⁴ ALVES, Marcelo Guimarães. *Milton Kurtz: aproximações ao espírito pop*. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. P. 117. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17140> Acesso em 03 de julho de 2022.

artistas especialmente convidados) e Alfredo Nicolaiewsky (1952, Porto Alegre) que foi meu professor de desenho de modelo vivo no Instituto de Artes da UFRGS. Três artistas gaúchos que tinham o desenho de figura humana como uma referência em suas produções dos anos 1970 e 1980, mas que depois acabaram experimentando outras técnicas e suportes – assim com eu que entrei no curso de artes pensando em seguir exclusivamente com o desenho, mas acabei passando pela pintura, escultura e instalações durante a graduação.



Fig. 60 Robert Longo, sem título (Saturno), série *Sinais Externos e Visíveis*, 2006, carvão sobre papel, 183 x 310 cm

Ao retomar Robert Longo para a tese, em função dos meus desenhos *Temporär*, 2014-2015 (fig. 53 e 54), *Trauerspiel*, 2015 (fig. 55) e *Escória da História*, 2017 (fig. 64); eu estava pensando na questão do suporte e materiais e também em desenhos mais recentes de Longo em termos de enquadramento, de figura em primeiro plano e fundo escuro, e também em questões temáticas como seu desenho de Saturno de 2006 da série *Sinais Externos e Visíveis*, lembrando que a literatura associa Saturno, planeta distante, lento e pesado à melancolia (fig. 60) e ainda sobre ela, mas pelo viés da morte e da finitude a sua série de desenhos de imagens de testes de bombas atômicas chamada de *Doença da Razão* (fig. 61).



Fig. 61 Robert Longo, *Hércules*, série *Doença da Razão*, 2008, carvão sobre papel montado, 243,84 x 177,8 cm
<https://www.robertlongo.com/series/sicknessofreason>

No entanto, entro em contato com outros aspectos de suas produções que julgava recentes e descubro o quanto o diretor do filme cyberpunk de 1995 *Johnny Mnemonic* produziu trabalhos, já nos anos 1980, de alguma maneira próximos do que estou tentando fazer, como por exemplo, *Now everybody - for R.W. Fassbinder*, 1982-1983 (fig. 62) do acervo do Ludwig Museum – Museu de Arte Contemporânea de Budapeste na Hungria.



Fig. 62 Robert Longo, *Now everybody - for R.W. Fassbinder*, 1982-1983, resina sintética pintada, carvão, grafite, tinta sobre papel
<https://www.ludwigmuseum.hu/en/work/now-everybody-r-w-fassbinder>

As figuras torcidas de sua série *Men in the Cities* reaparecem em *Now Everybody (To R. W. Fassbinder)*. Esta obra de arte "combine"* apresenta uma escultura dramática de um homem precariamente preso no momento entre o impacto de um tiro e a queda para a morte - uma vítima da guerra e do complexo industrial militar. (A ambiguidade do posicionamento da figura também pode aludir ao filme *O Soldado Americano*, 1970, do diretor de cinema alemão Rainer Werner Fassbinder). Na parte de trás, um desenho de carvão, grafite e tinta de quatro painéis retrata os edifícios bombardeados de Beirute (Líbano), que foi devastado durante esse período. Longo trabalhou no preto, cinza e branco do papel de jornal: "Quero dizer, veja a Time e a Newsweek, cara. A mídia. Pela primeira vez, os americanos estão sendo confrontados com essa realidade que nunca viram antes. Tipo, você olha para uma foto de Beirute [...] Essa cidade especialmente mostrou à América como poderia ser aqui." Mesmo que os horrores da guerra sejam um motivo chave, Longo também colocou Beirute (e o espectador) A uma longa distância. Funcionando como uma espécie de repórter, Longo compartimentalizou Beirute como um local para reportagens de guerra - um tropo ocidental que pinta uma ampla generalização do Oriente Médio como um local de trauma incessante. Mais perto de casa, o trabalho também pode ser lido como uma representação da alienação associada à corporatização da vida urbana, tendo o complexo militar-industrial como pano de fundo político.¹⁹⁵

¹⁹⁵ Roberto Longo – fotógrafo, escultor, cineasta e músico americano, nascimento: 7 de janeiro de 1953 - Brooklyn, Nova York, movimentos e estilos: A geração de imagens, Pós-modernismo. The Art Story. Disponível em: <https://www.theartstory.org/artist/longo-robert/> Acesso em 03 de julho de 2022.

Parece-me que eu não havia retido a informação sobre seus trabalhos relativos à conflitos ou eu simplesmente não estava olhando para esses trabalhos naquela época (meados dos anos 1990). Em uma de suas falas Longo diz que “a arte é uma tentativa de buscar entender nossa própria situação contemporânea através da criação de imagens que são completamente pessoais, ao mesmo tempo em que abordam nosso contexto social”, “o que estou tentando fazer é encontrar esse equilíbrio entre algo altamente pessoal e também socialmente relevante”, ou ainda “acho que fazer arte é um gesto político”. Mas... Ao pesquisar um pouco mais em entrevistas do artista, me veio a questão: de qual lado da política Longo está? Robert apresenta algumas críticas à cultura estadunidense em um sentido mais amplo e genérico, sobre a questão do armamentismo da população com sua instalação *Estrela da Morte 2018*, de 2018, feita com 40.000 cartuchos de balas de fuzis de assalto que ele comprou sem qualquer pergunta conforme ele comenta. Mas o artista não se posiciona firmemente contra as armas, contra o armamento da população, visto que destina 20% do valor da venda de *Estrela da Morte 2018* para uma instituição que não quer acabar ou diminuir a quantidade de armas nos EUA, mas tomar medidas visando o controle de armas, para “tornar a posse de armas segura em todas as cidades”. Segundo o artista diz “Quero acreditar que a arte tem a capacidade de ajudar as pessoas a entender as coisas, ou pelo menos ver as coisas de forma um pouco diferente”¹⁹⁶ – penso que o problema

“Em 1984, Longo estreou seu ‘Combines’ baseado na parede na Metro Pictures, o título uma referência ao trabalho de Robert Rauschenberg. Um amálgama de pintura, relevo e escultura, Longo, em uma entrevista de 2014, afirmou que essas obras ‘savam a teoria da montagem de Sergei Eisenstein para justapor imagens e formas conflitantes explorando o funcionamento da razão, intuição, fantasia e poder; conceitos que continuam ser importante [para sua prática artística]’.”

* *Combines* faz referência aos trabalhos *combine paintings* (pinturas combinadas – pintura sobre e/ou com esculturas ou objetos tridimensionais) propostas pelo artista estadunidense (neodadá/pop) Robert Rauschenberg (1925, Port Arthur, Texas - 2008, Flórida) nos anos 1960. Ver: <https://www.rauschenbergfoundation.org/art/galleries/series/combine-1954-64>

¹⁹⁶ “Cerca de 40.000 deles, para ser mais preciso – aproximadamente uma bala para cada morte por arma de fogo nos EUA no ano passado. Co-apresentado pela Metro Pictures e Galerie Thaddaeus Ropac, *Death Star 2018* é o resultado de Longo se fazendo uma pergunta muito específica sobre a violência infligida por armas de fogo nos Estados Unidos: ‘Como você dá essa abstração estatística insana que é tão brutal quanto uma forma material?’”

“Assim como as pessoas querem ouvir narrativas em uma história, quando ouvimos fatos, as pessoas também querem ver padrões”, explica Longo. Então, quando os meios de comunicação, políticos e cidadãos americanos tentam processar a violência armada, eles tendem a ‘tentar dividi-la em categorias como tiroteio em massa, tiroteio de gangues, assassinato, ferimentos autoinfligidos por arma de fogo, suicídios. Mas não há um padrão para a violência armada nos Estados Unidos, exceto que há muitas armas de fogo!’”.

Motivado por ‘raiva e desesperança’, Robert Longo mira a violência armada americana em um trabalho épico para a Art Basel - A escultura monumental da seção *Unlimited da feira é feita de 40.000 cápsulas*. Tim Schneider, Artnet, 11 de junho de 2018. Disponível em: <https://news.artnet.com/art-world/robert-longo-gun-violence-art-basel-1300301> Acesso em 04 de julho de 2022.

seja esse *um pouco diferente* que acaba por manter os problemas estruturais intactos, mas mascarados com um véu de “controle”.

Quando ele traz as imagens de cogumelos atômicos (fig. 61) não encontro a menção ao fato que são os EUA o país que mais fez testes nucleares na história e tem inundado a atmosfera da terra com resíduos radioativos de seus testes desde 1945. São que trabalhos que “alertam” sobre “a questão nuclear”, mas não apontam para a responsabilidade estadunidense por eles.

Outra atitude do artista que entendo ser limitada foi contra Trump, e isso foi feito em sua série *The Destroyer Cycle*. Mas não encontrei nada contra o imperialismo estadunidense sobre o mundo. Pelo que li, não achei nenhuma palavra sobre esse “posicionamento político”. Mas ao dizer em uma entrevista que Obama foi o melhor presidente dos Estados Unidos, aí já percebo que o entendimento dele de política, talvez só valha para ele como artista branco estadunidense e bem posicionado dentro da corrente dominante de poder. Assim como percebo em Ai Wei Wei, um alinhamento com o ocidente “OTANista”, Ai faz críticas unilaterais à China, mas nenhuma crítica frontal a máquina de guerra do império estadunidense – outra questão comum aos dois artistas são as escala agigantadas que chamam a atenção para as enormes dimensões e parecem seguir a lógica do quanto maior melhor – o impacto visual – questão que Longo afirma em suas falas e diz ser algo bem “americano”. Em entrevista à Revista *Paper*, em outubro de 2019, ele diz:

Todo esse trabalho que tenho feito nos últimos três anos é um corpo de trabalho que chamo de *The Destroyer Cycle* porque até que ele (Trump) esteja fora do cargo, é tudo o que posso chamar. (...) Ele vai cair como o pior presidente da história. A ironia é que ele seguiu o melhor presidente da história. O que é mais assustador em Trump é que ele odeia tanto Obama. Se pudesse, apagaria o nome de Obama da história. Meu trabalho sempre teve um lado político. Eu cresci como artista na era de Reagan, onde ele nem se permitia dizer a palavra AIDS. Mas para mim hoje, o senso de urgência é muito mais amplificado. Daí este corpo de trabalho referenciado como *The Destroyer Cycle*.

Concordo com a questão do senso de urgência, o mesmo vale agora no Brasil em ano de eleição presidencial, e é urgente que se elimine J. M. B. do poder, mas me parece um equívoco ao apontar Obama, que certamente é mais palatável para a opinião pública, inclusive ganhou um prêmio Nobel da Paz, seguindo uma tradição do Nobel de premiar presidentes estadunidenses - Theodore Roosevelt, Woodrow Wilson e Jimmy Carter. Os EUA são os maiores vencedores do Nobel, incluindo em outras categorias, com mais de 370 premiados. Não parece ser um mistério que a fundação sueca também

tenha uma predileção especial por economistas liberais. O problema de associar Obama à paz é que *Obama, o Nobel da Paz que se tornou o 1º presidente dos EUA a estar em guerra durante todos os dias de seu governo*, durante os dois mandatos *não houve nenhum dia de paz*¹⁹⁷, só em 2016 foram 26.171 bombardeios em setes países - *12.191 bombas foram lançadas na Síria, 12.095 no Iraque, 1.337 no Afeganistão, 496 na Líbia, 34 no Iêmen, 12 na Somália e três no Paquistão*¹⁹⁸. O então presidente Barack Obama:

(...) aumentou os gastos militares dos EUA acima de quaisquer outros após a Segunda Guerra Mundial, ultrapassando o recorde estabelecido pelo presidente George W. Bush. Com o orçamento militar assinado por Obama para 2017, foi estabelecido um gasto médio de 653,6 mil milhões de dólares por ano, mais 18,7 mil milhões que a média de Bush (valores em dólares de 2016). Em termos históricos, após o ajuste da inflação, os gastos militares de Obama foram 56% maiores do que os de Clinton, 16% maiores que os de Reagan e 42% maiores que a média dos EUA durante a Guerra fria, quando tal era justificado por uma competição militar com um concorrente do mesmo nível, a União Soviética. Por outro lado, a Rússia gasta agora um décimo do que estão a gastar as forças militares dos EUA em produção de armas e guerras.

O que todo esse dinheiro pagou foi o oposto do que a maioria dos apoiantes de Obama pensava estar a votar em 2008. Por detrás da imagem icónica de uma celebridade-em-chefe refinada e com fortes raízes na cultura urbana moderna, reside um contraste calculado entre a imagem e a realidade que tem violentado o país com experimentos neoliberais e “democracia manipulada” levados mais longe do que nunca e preparando-nos para uma antes impensável Presidência “pós-verdade” de Donald Trump. O modelo Obama. A doutrina de Obama de guerras por procuração e encobertas foi modelada sobre o Programa Phoenix no Vietname na década de 1960 e 1970 e guerras por procuração de Reagan na América Central na década de 1980. Isso envolveu uma enorme expansão das forças de operações especiais dos EUA, agora implantadas em 138 países, em comparação com “apenas” 60 quando Obama tomou posse. Como disseram altas patentes militares ao Washington Post em Junho de 2010, foi permitido à administração Obama, “coisas que o governo anterior não fez”, “eles falam publicamente muito menos, mas estão a agir mais. Estão dispostos a ficar agressivos muito mais rapidamente”. Sempre que possível, as forças dos EUA têm recrutado e treinado forças alheias para combaterem e morrerem nas suas guerras por procuração, fossem esquadrões da morte xiítas do governo iraquiano, dissidentes da Al Qaeda na Líbia e a Síria (apoando os projectos de “mudança de regime” nesses países) ou mercenários servindo as monarquias árabes e a aparentemente interminável carne para canhão da guerra no Afeganistão. Obama aumentou dez vezes os ataques com drones reduzindo ainda mais as baixas dos EUA em relação ao número de estrangeiros mortos. Isso fomentou uma ilusão de paz e normalidade para os americanos ainda que o número de mortos causado pelas guerras dos EUA pós-9/11 certamente tenha ultrapassado os dois milhões. Os alvos dessas guerras secretas e por procuração dos EUA não são só contra guerrilheiros ou “terroristas”, mas também sobre “meios de apoio civil” à

¹⁹⁷ Obama, o Nobel da Paz que se tornou o 1º presidente dos EUA a estar em guerra durante todos os dias de seu governo. REVISTA IHU ON-LINE, Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 20 de janeiro 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564173-obama-o-nobel-da-paz-que-se-tornou-o-1-presidente-dos-eua-a-estar-em-guerra-durante-todos-os-dias-de-seu-governo> Acesso em 04 de julho de 2022.

¹⁹⁸ No último ano de presidência de Obama, EUA lançam mais de 26 mil bombas em 7 países - Em 2016, os Estados Unidos lançaram 26.171 bombas em sete países, diz o especialista norte-americano em política externa e segurança nacional, Micah Zenko, no site oficial do Conselho de Relações Exteriores. Sputnik Brasil, 07 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/20170107/bombas-obama-siria-afeganistao-2016-ataques-aereos-7368019.html> Acesso em 04 de julho de 2022.

guerrilha com comida e fornecimentos, infraestruturas e toda a organização governamental e da sociedade civil em áreas que resistam ao seu domínio. (...)

As sanguinárias guerras por procuração de Obama no Iraque e na Síria têm ficado cada vez mais fora de controlo, as forças de operações especiais dos EUA no terreno e esquadrões da morte treinados pelos EUA têm sido cada vez mais apoiados pelas forças aéreas dos EUA e aliados. Há quatro anos, quando Obama inaugurou o seu segundo mandato, escrevi que os EUA e seus aliados haviam lançado 20 mil bombas e mísseis no seu primeiro mandato. No seu segundo mandato, foi lançado quatro vezes esse número, elevando o total durante a Presidência de Obama para mais de 100 mil bombas e mísseis, atingindo sete países, superando os 70 mil lançados em cinco países por George W. Bush. (...) Mas a nova campanha de bombardeamentos norte-americanos no Iraque e na Síria, desde 2014 é muito mais pesada, com 65 730 ataques de bombas e mísseis em dois anos e meio. O Iraque foi agora golpeado com 74 mil bombas e mísseis, até mais que o Afeganistão: 29 200 no assalto “Choque e pavor” (“*Shock & Awe*”) de 2003 ; mais 3 900 antes da invasão e a ocupação dos EUA; e outros 41 mil no “Choque e pavor II” desde 2014, incluindo o actual cerco e bombardeio de Mossul. O total de Obama de 100 mil ataques aéreos inclui 24 700 bombas e mísseis lançados na Síria, 7 700 pela NATO e seus aliados das monarquias árabes, bombardeamentos na Líbia em 2011, mais 496 ataques na Líbia em 2016 e pelo menos 547 ataques de drones no Paquistão, Iémen e Somália. (...)

Em 2012, pesquisei e escrevi sobre como o CEO da General Dynamics, Lester Crown , e sua família de Chicago apoiou e financiou a carreira política de Barack Obama. Como fabricantes de submarinos da classe Virginia, destróieres Arleigh Burke e Zumwalt e navios de combate costeiro (todos estes programas aproveitados, revistos ou expandidos por Obama), bem como outros tipos de munições , o patrocínio da família Crown a Barack Obama provou ser um investimento lucrativo, desde a violência e caos no mundo muçulmano à nova guerra fria com a Rússia e ao “caso” do mar da China Meridional.”¹⁹⁹

A matéria acima é um pouco sobre o “melhor presidente da história” segundo o artista “político” estadunidense Robert Longo. O que me faz pensar: Será que ele realmente acredita nos noticiários estadunidenses? Será que ele não sabe que os EUA são um estado terrorista há décadas? Ele sabe e é conivente com isso? Ou será que é o mais longe que ele pode ir para se manter legitimado pelo sistema da arte estadunidense e global?

Penso que as questões acima também cabem a mim como artista e a outros colegas que lidam com o sistema da arte local. Até onde podemos ir? Até onde nos deixariam ir sem nos tornarmos alvos, assim como são os verdadeiros ativistas na linha de frente da resistência, tais como os povos originários, funcionários da Funai, indigenistas, repórteres, líderes sindicais, membros de movimentos por terra e moradia?

¹⁹⁹ *O legado de bombardeamentos deixado por Obama*. Nicolas J. S. Davies*, Jornal GGN, Redação, 31 de janeiro de 2017. Publicado originalmente em www.informationclearinghouse.info/46261.htm Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/internacional/o-legado-de-bombardeamentos-deixado-por-obama/> Acesso em 04 de julho de 2022.

* Nicolas J. S. Davies autor de *Blood On Our Hands: the American Invasion and Destruction of Iraq*. É também autor de capítulos sobre “Obama em guerra” in *Grading the 44th President: a Report Card on Barack Obama’s First Term as a Progressive Leader*.

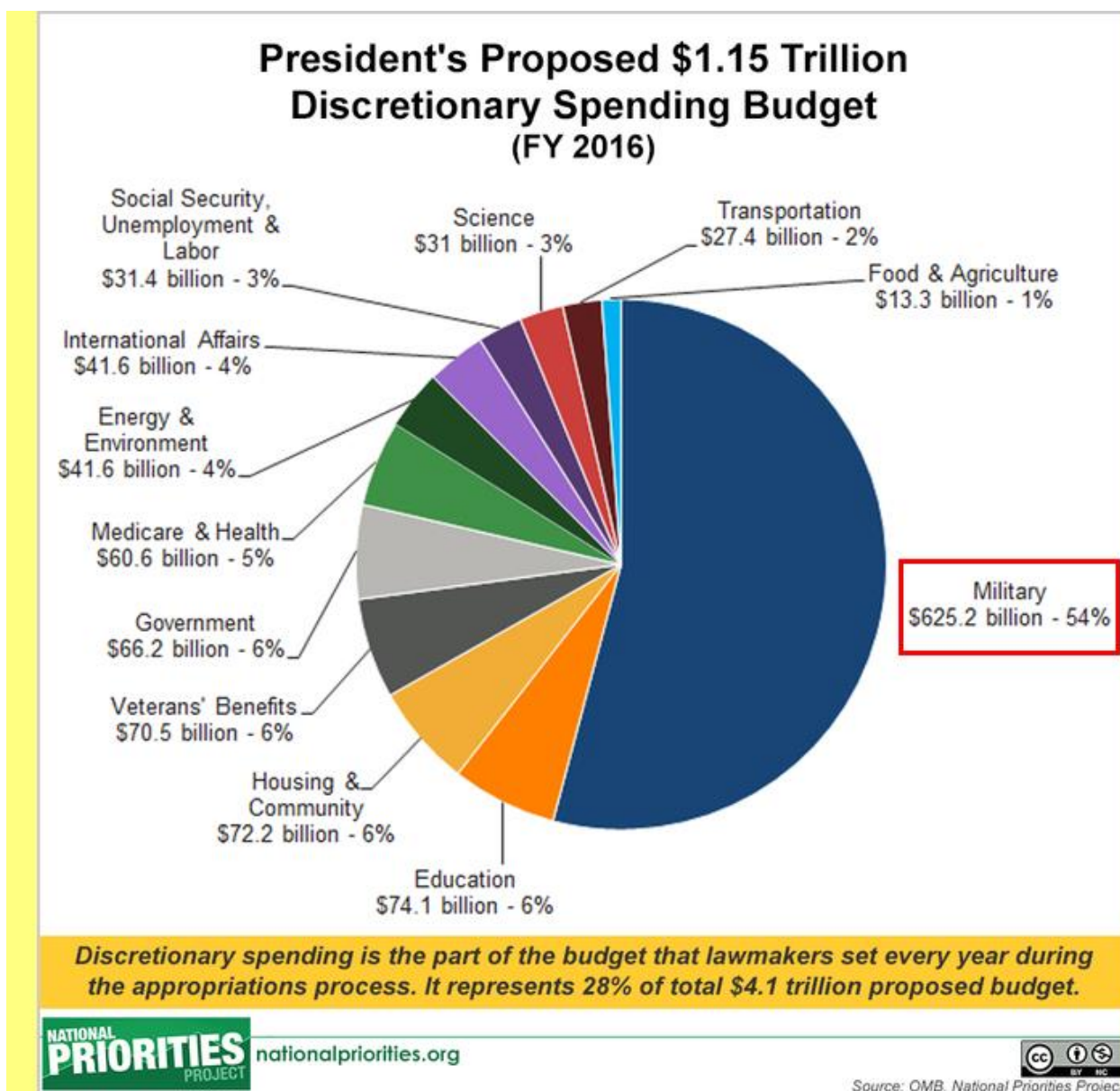


Fig. 63 *National Priorities Project*
gráfico apresentado junto ao artigo
O legado de bombardeamentos
deixado por Obama
Nicolas J. S. Davies
www.informationclearinghouse.info/46261.htm

Penso que a arte (contemporânea e institucional) é tão insignificante e invisível dentro da sociedade brasileira e por isso ainda os artistas visuais mais radicais não são alvos de emboscadas, espancamentos, não têm seus ateliês queimados ou são assassinados – apesar de alguns terem sido ameaçados de morte durante o regime Bolsonaro.

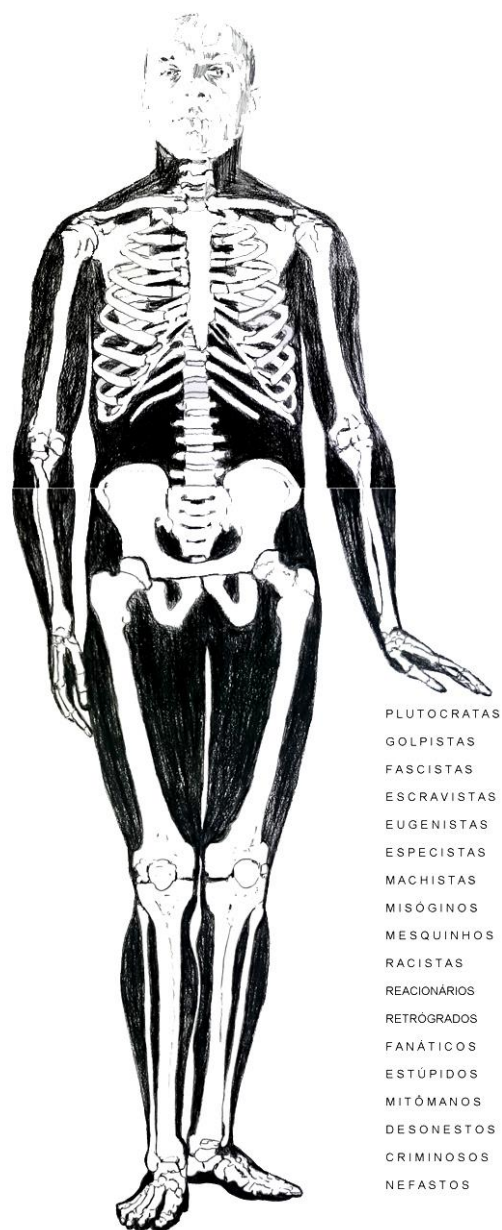


Fig. 64 *Escória da História*, 2017, grafite sobre papel, 130 x 50 cm

Exposto na coletiva *detalhe, desenho* - Galeria da ESPM-Sul, Porto Alegre, 13 de maio a 05 de agosto de 2017, curadoria Eduardo Veras

Em 2017 busquei um pouco de coragem dentro da invisibilidade da arte contemporânea e da insignificância do meu lugar na arte local e fiz o desenho *Escória da História*. Nesse trabalho, não foi nominado o imperialismo estadunidense, pois em 2017, eu ainda estava buscando entender quem eram os protagonistas locais do golpe de 2016, mas ainda sim, mesmo que em uma lista ampla como essa, esses termos podem ser denotativos desse poder que se quer manter sobre o mundo. Segundo o analista político brasileiro Breno Altman:

Há apenas um sistema imperialista, desde 1945. Os diversos Estados imperialistas, frente ao avanço da revolução mundial e do campo socialista, se unificaram sob o mesmo comando político, militar e econômico dos EUA. Esse sistema venceu a Guerra Fria. Esse sistema precisa ser derrotado.²⁰⁰

Esse sistema capitalista imperialista baseado na desigualdade precisa ser derrotado, mas na cena local (e em muitos países do sul global), derrotados foram os socialistas e progressistas com o ataque coordenado da extrema-direita e do golpe de 2016, que teve o viés cínico, farsesco, entreguista, conservador (do poder dominante e de muitos oportunistas grotescos) e ultraliberal.

Em 2017 eu estava indignado, inconformado e também buscando entender o que estava acontecendo no país. Então fiz esse autorretrato como talvez uma espécie de alegoria de morte (ou eu como morto vivo) com esse gesto de desprezo pelos atributos que considerei que descreviam as características dos responsáveis locais pelo golpe de Estado de 2016: plutocratas, golpistas, fascistas, escravistas, eugenistas, especistas, machistas, misóginos, mesquinhos, racistas, reacionários, retrógrados, fanáticos, estúpidos, mitômanos, desonestos, criminosos, nefastos. E pela série infindável de fatos e escândalos que ocorreram no país depois da fatura deste trabalho, vi que eu não estava enganado quando à escolha das palavras, talvez tenha sido econômico demais nos termos, pois muitos outros atributos poderiam ser listados, e talvez eu faça isso em outros trabalhos futuros.

Ainda ligado a esse autorretrato – especificamente relacionado ao especismo, na mesma exposição coletiva chamada *detalhe, desenho*, tive a oportunidade de mostrar um conjunto de pequenos desenhos (13,8 x 21,5 cm) que denominei como a série *crueldades humanas*, esses desenhos partiram de denúncias de maltratos e assassinatos de animais – não são crueldades realizadas em escala industrial, mas no domínio de uma proximidade. Parti de fotografias que documentavam as

²⁰⁰ ALTMAN, Breno. *Há apenas um sistema imperialista, desde 1945* [...]. São Paulo, 07 mar. 2022. Twitter: @brealt. Disponível em: <https://twitter.com/brealt/status/1500582930325852168?t=6megFDmYO9cFluOmwx0PA&s=19> Acesso em 7 de março de 2022.

violências promovidas por seres humanos contra animais indefesos, e junto das imagens desenhadas - que amenizavam muito a realidade das fotografias - escrevi algumas frases citadas nas matérias de jornais e postagens da internet e também frases que surgiram do meu espanto e repulsa a tais atos.

Em *explosivo amarrado na boca do inocente* (fig. 65) está escrito sobre a imagem do cão que perdeu parte de sua boca com a explosão – as pessoas são tão cruéis, e mesmo isso é um eufemismo; no desenho *em nome do progresso* (fig. 66) que retrata um coelho explorado e torturado com a justificativa da pesquisa científica (e que também ocorre na indústria de cosméticos) está escrito – coelhos são mutilados e macacos enlouquecem em laboratórios; em *passatempo com as mortes dos outros* (fig. 67) um touro preso em uma arena foi ferido com lanças e tem uma espada fincada em seu corpo em uma tourada, escrevi – crueldade com animais; em *melhor amigo* (fig. 68) coloquei – melhor amigo, abandonado e mutilado e em *começando cedo* (fig. 69) foi escrito – crianças matam flamingo a pedradas e chutes. Esses cinco desenhos são uma referência ínfima à brutalidade, insensibilidade e naturalização da violência contra os animais. Violência realizada em nome da maldade, da ciência, do entretenimento de massas com a justificativa de conservar a “cultura” e a “tradição”, em nome da justificativa da superioridade do “dono” (na verdade o tutor do animal) e sua traição ao seu “melhor amigo”, em nome da “brincadeira” macabra de uma infância baseada na crueldade humana.

Esta série não foi continuada, pois me pareceu que os desenhos de fatura rápida e imediata, frutos de uma urgência em lidar com tais atrocidades, acabavam por diluir, por enfraquecer o teor de verdade, de fato que a imagem fotográfica é capaz de capturar e comunicar. Eu pensava que essa série em algum grau partia de uma referência a coletânea de oitenta gravuras “Os desastres da guerra”²⁰¹ (c. 1820) de Goya. Segundo o pesquisador búlgaro Tzvetan Todorov, que em suas palavras diz que “o objetivo de minha análise será o pensamento de Goya” (TODOROV, 2014, p. 16), e que o artista espanhol “(...) deu títulos ou legendas a muitos de seus desenhos, assim como às suas outras gravuras, o que permite orientar a interpretação desses trabalhos” (TODOROV, 2014, p. 15). Em 1799 Goya publica seu primeiro volume de gravuras, *Os Caprichos* (oitenta gravuras) e “pela primeira vez (...) aparecem, ao lado das figuras desenhadas, legendas e títulos genéricos, tais como *Bruxas, Máscaras, Caricaturas*, como se o pintor sentisse a necessidade de orientar a interpretação da imagem mediante uma palavra” (TODOROV, 2014, p. 60)

²⁰¹ “No início do volume, Goya coloca o seguinte título: ‘Fatais consequências da guerra sangrenta na Espanha contra Bonaparte e outros caprichos impressionantes [enfáticos]’ (o título *Desastres da Guerra* será escolhido pelos editores).” TODOROV, Tzvetan. *Á Sombra das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (p. 127)



Fig. 65 explosivo amarrado na boca do inocente
série crueldades humanas
2017
grafite e lápis aquarelável sobre papel
13,8 x 21,5 cm



Fig. 66 em nome do progresso
série crueldades humanas
2017
grafite e lápis aquarelável sobre papel
13,8 x 21,5 cm



Fig. 67 passatempo com as mortes dos outros
série crueldades humanas
2017
grafite e lápis aquarelável sobre papel
13,8 x 21,5 cm



Fig. 68 melhor amigo
série crueldades humanas
2017
grafite e lápis aquarelável sobre papel
13,8 x 21,5 cm



Fig. 69 começando cedo
série crueldades humanas
2017
grafite e lápis aquarelável sobre papel
13,8 x 21,5 cm

Quando optei por dar títulos e também colocar escritos junto das imagens eu também sentia, e ainda sinto a *necessidade de orientar a interpretação da imagem mediante*, não por uma, mas por um conjunto ordenado de palavras. Minha vontade, e entendo que também dever, é de comunicar às pessoas sobre a necessidade urgente de conscientização sobre o especismo estrutural e sobre a necessidade de educar as pessoas e se buscar a libertação animal através da desconstrução das falácias carnistas sustentadas por interesses meramente comerciais da indústria da exploração de animais humanos e não humanos.

Goya em uma de suas cartas relata para seu amigo Zapatier, datada de fevereiro de 1784: “Eu já não temo as bruxas, nem os duendes, nem os fantasmas, nem os gigantes fanfarrões, nem os poltrões, nem os laráprios, nem qualquer tipo de ser, não temo nada nem ninguém, exceto os humanos” (TODOROV, 2014, p. 63). E esse temor certamente estava embasado em fatos observados por Goya (desde sua origem popular até seu trabalho na corte onde prestava serviços de pintura aos reis Carlos III, Carlos IV e Fernando VII), “os atos de violência ocupam sempre grande espaço em sua obra: ele não se cansa de nos mostrar as manifestações dessa tendência humana, obrigando-nos a nos interrogarmos sobre as raízes dela, como ele mesmo devia fazer” (TODOROV, 2014, p. 106). As gravuras da coletânea “Os desastres da guerra” “(...) dão continuidade ao mundo dos bruxos, que ele tinha começado a representar dez anos antes. É por isso que, nessa época, não precisava mais pintar demônios: já que o real ultrapassou sua imaginação (...) convocar o diabo para que, se os homens se comportam de maneira diabólica?” (TODOROV, 2014, p. 127). Assim como os seres humanos representariam o mal absoluto para a grande maioria dos animais caso eles tivessem alguma crença religiosa próxima à mitologia cristã. Os animais não humanos são as vítimas da ganância, da crueldade, do ódio e da estupidez humana.

Na singela série de desenhos *crueldades humana* os animais não humanos são os seres coisificados, escravizados, explorados, perseguidos e assassinados. Sobre a questão da coisificação há uma relevante contribuição do pesquisador, jurista e psicanalista Rubens R. R. Casara em seu livro de 2021, chamado *Contra a Miséria Neoliberal: Racionalidade, normatividade e imaginário*, onde Casara diz que para o imaginário neoliberal “tudo é impossível de mudar”²⁰², ou seja, todo pensamento contra

²⁰² CASARA, Rubens R. R. *Contra a Miséria Neoliberal: Racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. Capítulo: 3.5. Tudo é impossível de mudar (p. 318-322)

hegemônico de libertação humana e libertação animal é um *delírio comunista*²⁰³ e de partida, inviável e utópico. Porque dentro da normatividade neoliberal *tudo e todos devem ser tratados como coisas* (CASARA, 2021, p. 243-256):

O mandamento neoliberal de tratar tudo e todos como coisas é a dimensão normativa do fenômeno da reificação. Reificar (*Verdinglichung*) significa converter, tratar ou fazer de algo uma coisa (do latim *res*). Literalmente, busca-se, no neoliberalismo, a coisificação total. (...) As relações sociais neoliberais são sempre percebidas como relações comerciais, de consumo ou financeiras. (...) A ideia de reificação e coisificação como inerente ao capitalismo está relacionada com os estudos de Karl Marx sobre *alienação e fetichismo das mercadorias*. (...) No capitalismo, a mercadoria passa a ser identificada como “todo aquilo que se quer”. (...) György Lukács, ao aprofundar o estudo sobre a reificação, aponta que a *coisificação* é uma determinação central tanto da troca mercantil quanto de todas as demais formas de objetividade e subjetividade presentes na sociedade burguesa. (...) No neoliberalismo, o ato de transformar as características, as relações e as ações humanas em objetos (portanto, em coisas negociáveis, que seriam – ou são imaginados como – independentes das pessoas e sem relação com a dimensão humana) funciona como uma verdadeira condição de possibilidade de um mundo tendencialmente sem limites ao lucro e à obtenção de vantagens. O processo de reificação revele-se fundamental para levar ao esquecimento construções históricas como a “vedação ética à instrumentalização das pessoas” e a consciência de que algumas coisas deveriam permanecer “fora do comércio”. Em outras palavras, o Estado, a sociedade e os indivíduos precisam ser coisificados, em atenção à racionalidade neoliberal, para que os objetivos do mercado sejam alcançados com maior facilidade. (...) Mesmo os entes vivos passam a ser tratados como objetos inertes em uma abstração necessária à sociedade concorrencial. (...) Tudo é reduzido e deve ser tratado como uma *coisa*, um objeto que pode ser negociado ou descartado. Na reificação aquilo que deveria ser percebido como móvel e dinâmico passa a ser tratado como algo estático e sem vida. E essa *coisificação* passa a ser vista com um acontecimento natural, necessário e imutável. Da transformação do *trabalho* em mercadoria em mercadoria no século XIX à coisificação do corpo, que permite o crescimento do “mercado da carne”²⁰⁴ (no qual o sexo, os órgãos e até a potencialidade reprodutiva tornam-se objetos a serem explorados), tudo é exemplo de reificação e, portanto, de fenômenos adequados à racionalidade neoliberal. (CASARA, 2021, p. 244-246)

Casara em sua claríssima exposição infelizmente, ainda não contempla a questão do animal não humano, mas podemos contribuir com o autor e colocar uma vírgula depois que ele se refere à dimensão humana e escrever, por exemplo, a dimensão da pessoa não humana, ou seja, dos animais

²⁰³ Parte da declaração de uma atriz da Rede Globo sobre a sua suposta neutralidade que virou meme nas redes sociais. “Em 2 de junho de 2021, a atriz postou um vídeo no Instagram direcionado a uma colega de profissão (cujo nome não foi mencionado), em que defende não querer se posicionar publicamente em nenhum dos lados políticos delineados no atual cenário brasileiro. A atriz afirmou que, no Brasil, ‘qualquer assunto é politizado’ e que não é bolsonarista, mas que também não se sente representada pela oposição formada pela esquerda. ‘Eu não apoio os ideais arrogantes de extrema-direita, não apoio delírios comunistas da extrema-esquerda’”

Laboratório de Análise de Acontecimentos (GrisLab) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH – Departamento de Comunicação Social, 28 de outubro de 2021. Disponível em: <https://grislab.com.br/celebridades/juliana-paes/> Acesso em 11 de julho de 2022.

²⁰⁴ Sobre esta questão ver o livro fundamental ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: Uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

como pessoas de direito. Para o australiano Peter Singer (1946-) - filósofo e professor de bioética na Universidade de Princeton nos Estados Unidos, com seu livro *Libertação animal* de 1975 que aborda a questão da *sensibilidade e consciência*²⁰⁵ nos animais não humanos, “uma ‘pessoa’ é um ser racional e autoconsciente (...) a autoconsciência não é somente a capacidade de estar consciente de si mesmo, mas igualmente é a habilidade de se perceber enquanto entidade distinta de outras, bem como possuir um senso de passado e futuro”²⁰⁶. Outro expoente dos estudos sobre direitos animais é o estadunidense Gary L. Francione (1954-), professor de direito e filosofia na Rutgers School of Law, Francione complementa Singer - em seu livro de 2013 *Eat Like You Care: An Examination of the Morality of Eating* – que nos EUA se tentou estabelecer a figura jurídica da “quase-pessoa”, mas isso não se referia aos animais não humanos, mas aos humanos escravizados, “No tocante ao caso da escravidão norte-americana, houve a tentativa do estabelecimento de um sistema de três níveis: coisas, ou propriedades inanimadas; pessoas, que eram livres; e “quase-pessoas” ou “coisas superiores” (*things plus*), os escravos. Esse sistema no entanto fracassou” (TRINDADE, 2014, p. 2017). Fracassou no papel da lei, mas infelizmente para as *vítimas, para aqueles que suportavam*, ou seja, para os não homens brancos estadunidenses/ocidentais proprietários, essa provavelmente era a nefasta realidade.

Da coletânea “Os desastres da guerra”, Todorov nos informa que “somente as seis primeiras gravuras (*Desastres 2 a 7*) mostram combates; na sequência da coletânea, Goya se empenha em representar as vítimas – aqueles que suportam (...) vítimas dos estupros ou da fome (*Desastres 48 a 64*), de torturas ou de execuções (...)” (TODOROV, 2014, p. 134); conforme a legenda que acompanha a gravura *Desastres 26* (...) “‘não se consegue olhar’; no entanto, é precisamente o que Goya nos obriga a fazer” (TODOROV, 2014, p. 137). “Por que Goya produziu os *Desastres da guerra*? Tem-se a impressão de que a resposta a essa pergunta é simples: porque não podia agir de outro modo. O fato de ter vivido e observado essa experiência fez dele uma testemunha (...)” (TODOROV, 2014, p. 142). E assim como há sempre uma desculpa ou “razão” para a manutenção do especismo (mas poderíamos também pensar no machismo, na misoginia, na xenofobia ou no racismo) Todorov infere que “Goya não esquece que as piores maldades são realizadas em nome de valores elevados: a defesa das ideias

²⁰⁵ DENIS, Leon; TESSUTO, Priscila; LEMES, Silvia; FELIPE, Sônia T. Leon Denis (org.). *Educação Vegana: A urgência de novos olhares*. São Paulo: FiloCzar, 2021. P. 93.

²⁰⁶ TRINDADE, Gabriel Garmendia da. *Animais como Pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.P.212

liberais ou da pátria e da identidade tradicional, ou da Santa Madre Igreja e de Deus. Os belos discursos, os magníficos programas jamais constituem uma garantia contra a violência e a destruição (...)” (TODOROV, 2014, p. 151).

Da passagem acima destaco dois pontos que considero relevantes, primeiro a questão do que o artista coloca à vista do público e também a ideia do artista como um observador que expõe o seu testemunho. Sobre a questão do que o artista torna público busco subsídios para reflexão em Jacques Rancière em seu livro *O Espectador Emancipado* onde no capítulo: *Paradoxos da arte política* ele nos diz: “... as estratégias dos artistas que se propõem mudar os referenciais do que é visível e enunciável, mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos” (RANCIÈRE, 2017, p. 64). Quando Rancière fala em *mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos*, penso imediatamente no trabalho de ativistas, fotógrafo e documentaristas veganos que se infiltram em instalações que são como campos de extermínio de animais não humanos, onde esses animais são também vítimas dos estupros ou da fome (...), de torturas (e) de execuções²⁰⁷, onde as piores maldades são realizadas em nome de valores elevados: a defesa das ideias liberais ou da pátria e da identidade tradicional, ou da Santa Madre Igreja e de Deus.

No caso da exploração dos animais não humanos os “valores elevados” seriam a *defesa das ideias liberais* (no caso do Brasil colônia periférica contemporânea, seriam as ideias ultraliberais impostas por órgãos internacionais como Banco Mundial e FMI – sob o comando central do império estadunidense - entre elas: promover a financeirização do capital e a desindustrialização, acabar com sindicatos, precarizar as condições de trabalho e renda dos trabalhadores das cidades e dos pequenos produtores de alimento do campo para com isso pagar salários cada vez mais baixos e diminuir o poder de compra nas colônias – para a manutenção do valor do dinheiro estrangeiro (o dólar); sucatear saúde e educação pública para que o setor privado ganhe com a exploração desses setores vitais prestando serviços de baixa qualidade para justamente produzir uma massa de pessoas mal informadas, e com a saúde no limite da funcionalidade laboral – e os animais não humanos estão ainda muitos mais abaixo

²⁰⁷ “Toda e qualquer morte é violenta. Não existe essa coisa de morte ‘natural’ nem sequer de ‘violência da natureza’.” HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. P. 32.

dos trabalhadores explorados pertencentes ao “exército de reserva”²⁰⁸) e da pátria (com a justificativa de uma contribuição expressiva para o Produto Interno Bruto do país, que de longe é um marcador de desenvolvimento social justo e sustentável, visto que as exportações de produtos oriundo da escravidão animal e as monoculturas associadas, tais com a soja, só dão retorno para um diminuto grupo de grandes corporações transnacionais e latifundiários locais – ou seja, ocorre a manutenção injusta da concentração de renda pela *burguesia local que agora está integrada à metrópole*²⁰⁹ imperialista, enquanto a grande maioria da população não se beneficia com isto, pelo contrário, passa fome²¹⁰). Da *identidade tradicional* (aqui entra o conservadorismo cínico de que “sempre comemos

²⁰⁸ Segundo os pesquisadores Utsa Patnaik e Prabhat Patnaik “No período atual, em que o peso das finanças aumentou, a urgência em preservar o valor d dinheiro tornou-se ainda maior. Portanto a Necessidade de impor a deflação de renda em geral, e principalmente sobre trabalhadores da periferia, tornou-se ainda mais urgente. O imperialismo, longe de desaparecer, tornou-se ainda mais significativo.” (p. 21) “A própria existência de um conjunto de força de trabalho desempregada e subempregada atua como uma medida da deflação de renda; mas também impede qualquer possibilidade de aumento salarial em dinheiro, um obstáculo que é vital para a preservação do valor do dinheiro”. (p. 27) “O exército de reserva (...) desempenha o papel de estabilizar o sistema monetário, mantendo o nível dos salários em dinheiro baixo. Não apenas preserva o processo de apropriação da mais-valia; também mantém o sistema monetário em funcionamento, para tanto, é claro, o tamanho do exército de reserva deve ser grande o suficiente. Na era da globalização, quando a mobilidade internacional do capital vincula os salários dos trabalhadores da metrópole aos dos trabalhadores da periferia, o próprio exército de reserva desempenha um papel global. Mesmo que não esteja localizado na própria metrópole, ele desempenha um papel global de manter baixo o vetor dos salários em dinheiro em todos os países, inclusive na metrópole, transmitindo estabilidade ao sistema monetário metropolitano. A manutenção de um exército reserva global complementa o processo de deflação de renda e é parte integral da operação do imperialismo.” (p. 28) PATNAIK, Utsa; PATNAIK, Prabhat. *Imperialismo na Era da Globalização*. In: LÓPEZ, Emiliano. *As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

²⁰⁹ Idem. P. 29.

²¹⁰ A emergência da fome: Brasil vive pior cenário já registrado no século 21 - O Brasil contou com diversas estratégias de combate à fome nos governos Lula e Dilma. Todas essas estratégias foram desmanteladas pelo governo Bolsonaro. Alexandre Padilha. Rede Brasil Atual, 10 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2022/06/a-emergencia-da-fome-brasil-vive-pior-cenario-ja-registrado-no-seculo-21/> Acesso em 7 de julho de 2022.

“Estamos diante de uma nova emergência nacional: em 2022, 33,1 milhões de pessoas estão passando fome no Brasil; mais da metade da população brasileira (58,7%) está em insegurança alimentar em algum nível; e de 10 famílias apenas 4 possuem acesso total à alimentação. Esses e outros dados chocantes e gravíssimos estão no “2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil” realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Mais 14 milhões de brasileiros passam fome em comparação com a última pesquisa, realizada em 2020. Esse é o pior cenário já registrado no século 21 no Brasil. Segundo a ONU, somos o único país do mundo que saiu do mapa da fome graças a aplicação de políticas públicas de combate à fome bem consolidadas e retornou a ele sem passar por uma guerra. Retornamos ao mapa da fome pela irresponsabilidade de um governo que desmontou políticas públicas consistentes, que é imprudente na condução da pandemia da covid-19, que é desapropriado para gerir a economia brasileira e incentiva as desigualdades sociais. O Brasil contou com diversas estratégias de combate à fome. Nos governos Lula e Dilma o combate à fome era prioridade, como no aumento da renda dos mais pobres, incentivo a programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), fortalecimento da agricultura familiar e do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea). Todas essas estratégias foram desmanteladas pelo governo Bolsonaro.” Alexandre Padilha é médico, professor universitário e deputado federal (PT-SP). Foi ministro da Coordenação Política de Lula e da Saúde de Dilma, e secretário de Saúde na gestão Fernando Haddad na cidade de São Paulo.

carne”, de que “carne, leite e ovos e seus derivados são necessários e saudáveis” ou pelo viés machista de que a “carne”, ou o uso maquiado e eufemístico de “proteína animal” torna o homem mais forte e viril (na verdade ocorre o contrário²¹¹) baseados em mitos falsos de que os homens das cavernas eram grandes caçadores, imagem inclusive muito explorada pela máquina de guerra cultural estadunidense – Hollywood, Disney, Amazon Prime, etc - em seus filmes e séries), *ou da Santa Madre Igreja e de Deus* (que dizem que o homem deve exercer o seu “domínio”²¹² sobre todos os demais seres da terra, visto que “deus” disse isso e está na bíblia).

Retomando a passagem de Rancière, ao dizer que o artista faz o trabalho de *mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos*, penso que este breve fragmento de seu pensamento diz muito da minha vontade em realizar esse trabalho *de produzir rupturas no tecido sensível das percepções*, o que não é nada fácil, mas julgo necessário. E uma das questões é como poderá ser feita essa construção artística à partir de fatos do mundo que julgo urgentes de serem tratados e qual estratégia poderá ser empregada para torná-los acessíveis ao público e que ao mesmo tempo possa gerar algum campo de sensibilização, empatia e trocas críticas? Penso que a série *crueldade humana* foi um pequeno passo na busca por experimentar caminhos de comunicação. E o passo seguinte foi mais elaborado e complexo, ao menos para mim, com o trabalho “Diana Vegana” de 2016.

“Diana Vegana” foi desenvolvida entre 2015 e 2016. Apresento a seguir de maneira concisa algumas observações sobre os modos de pesquisa e produção da proposição artística “Diana Vegana”, com o intuito de tentar pensá-la como uma baliza de virada mais afirmativa e ou de ramificação conceitual ampliada em relação aos trabalhos anteriores a 2015. Nesta proposição a escala do corpo humano não foi apenas sugerida através de móveis, mas teve um corpo representado em sua escala natural e em relação à arquitetura do local e dos visitantes da exposição.

Esse corpo construído não apenas representa um ser humano genérico do gênero feminino, mas uma cópia feita a partir de diversas moldagens (com formas de alginato e/ou silicone e gesso) do corpo

²¹¹ Ver o documentário *The Game Changers* (A dieta dos Gladiadores). Direção Louie Psihoyos, EUA, 2018, 1h 52m.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qhp_3ffoVjI

GREGGER, Michael; STONE, Gene. *Comer Para Não Morrer: Conheça o poder dos alimentos capazes de prevenir e até reverter doenças*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

Ver também - <https://nutritionfacts.org/>

²¹² SCULLY, Mathew. *Domínio: O Poder do ser humano, o sofrimento dos animais e um pedido de misericórdia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

de uma ativista vegana²¹³. Não busquei fazer o retrato da ativista, mas trabalhei com a ideia de alegoria, a figura da ativista como a figura contemporânea de Diana protetora dos animais. Penso que aqui, de certa forma tomo emprestada a estratégia do período Barroco das conversões, claro que aqui não é um despertar espiritual e fantasioso usado como propaganda do poder da igreja católica contra o protestantismo de Lutero, mas do despertar contemporâneo para a questão dos direitos animais, uma mudança crítica de sensibilidade e percepção, uma transformação pessoal que impacta diretamente no campo social, cultural e ambiental. A Diana caçadora se transforma em Diana Vegana.

Com a produção desse trabalho pretendi indicar algumas aberturas propositivas que o veganismo abolicionista traz em termos de ações práticas efetivas para mudanças de hábitos e tradições cruéis e violentas, contra a perpetuação do especismo²¹⁴, pelo abolicionismo animal e pela não violência.

*Diana Vegana*²¹⁵ foi uma instalação feita a partir do contexto da (casa-museu) Fundação Ema Klabin. Esse trabalho foi composto por esculturas que estiveram em relação com o espaço e história em que foram inseridos. Essas esculturas representam a minha interpretação da figura mitológica de Diana em um momento contemporâneo, uma *Diana Vegana* que se livra de suas armas e não é mais uma “Diana caçadora” como no antigo império romano. O trabalho trata de questões relativas aos direitos dos animais (não humanos), mas também aponta para as ações necessárias dos humanos com vistas à abolição animal. A figura central da instalação está acompanhada de um arco destruído e de flechas partidas espalhadas na frente da figura (em uma renúncia simbólica à violência e à perseguição dos animais não humanos).

²¹³ Ativista que fora ligada à organização não governamental VEDDAS (*Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade*) que *trabalha para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes. Um estilo de vida que contemple essa atitude de respeito a outros seres afeta diretamente a sociedade humana, uma vez que o respeito pelos direitos dos animais não-humanos está intimamente relacionado ao respeito pelos direitos dos animais humanos. O VEDDAS existe graças ao empenho de muitos ativistas e o apoio de indivíduos, organizações e empresas. Nossa atuação abrange desde a produção de materiais informativos até a promoção de campanhas, protestos, eventos e outras ações educativas. O VEDDAS entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade.* <https://veddas.org.br> - <https://www.facebook.com/ONGVEDDAS/>

²¹⁴ “No decorrer dos últimos quarenta anos, o conceito de especismo foi vastamente problematizado e reformulado (...)”. (TRINDADE, 2014, p. 44). “(...) considera a mais influente no que tange ao atual debate do *status* moral e jurídico dos animais não-humanos, isto é, a noção de especismo desenvolvida por Singer nas páginas de sua obra mais famosa, *Libertação Animal*. Em seu livro, Singer argumenta que especismo é ‘o preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras’ (SINGER, 2010, p. 11)”. (TRINDADE, 2014, p. 45).

²¹⁵ Vídeo curto que mostra o trabalho em contexto com os objetos e espaços da Fundação Ema Klabin - a pintura de Diana, as pinturas de naturezas-mortas (com vegetais), a pintura com cena de caça, e a sala de jantar posta e os demais objetos relacionados à alimentação. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BLvqQQBg_Us/?hl=pt-br&taken-by=lucianozanette>

Esta figura e estes elementos (arco e flechas partidas) estão no espaço externo (um pequeno 'jardim', com paredes cobertas de vegetação) em frente à sala de jantar (com objetos do barroco brasileiro assim como pinturas de naturezas mortas, sendo uma delas com uma cena de caça) e mais à frente (no corredor que dá acesso à sala de jantar) está a pintura que representa outra Diana, pintada no período Rococó, sendo esta uma das interpretações históricas do mito de Diana, que partiu da deusa Artemis da mitologia grega. Logo abaixo apresentarei de modo mais amplo o contexto do trabalho e as questões conceituais implicadas nas minhas escolhas.



DIANA VEGANA



Fig. 70 Convite da exposição *Diana Vegana*, 2016
Convite feito a partir da reprodução da pintura de Pompeo Batoni.



Fig. 71 *Retrato de Dama como Diana Caçadora*, Pompeo Batoni (1708-1787)
década de 1760, óleo sobre tela, 101 x 77,5 cm
Coleção da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin
São Paulo

O trabalho surgiu do convite de Renê Foch da Fundação Ema Klabin, responsável pelo projeto Intervalo Contemporâneo, para ocupar o jardim de inverno contíguo à sala de jantar da Fundação.

"Diana Vegana"²¹⁶ foi concebida a partir de visitas, conversas, leituras e pesquisas na casa-museu Fundação Ema Klabin durante o ano de 2016.

Esse trabalho consistiu de uma escultura feita com materiais sintéticos diversos (resina epóxi, resina poliéster, corante para resina sintética, tecido de fibra de vidro, espuma de poliuretano, poliuretano para roto moldagem, tinta acrílica, pigmentos minerais, roupas, tênis, aço, alumínio, arame, madeira, verniz e fita prata) de uma figura feminina (a representação de Diana Vegana), um arco e trinta e sete flechas quebradas de madeira (arco, flechas, assim como a lua crescente – no colar de Diana Vegana – são adereços recorrentes nas representações pictóricas e escultóricas na história da arte da figura mitológica de Diana Caçadora e defensora dos animais).

No projeto inicial estava contemplada a ideia de incluir um cão, animal recorrente nas representações de Diana através da história da arte. Construí a estrutura ("esqueleto") de madeira e esculpi o volume do corpo do cachorro com espuma de poliuretano expansível, mas que acabei tendo que abandonar a sua continuidade, pois a data da abertura da exposição estava se aproximando e o trabalho de construção e acabamento de Diana estava tomando muito tempo e estava cercado de desafios práticos, pois pela primeira vez eu estava fazendo um trabalho que demandava essa variedade de soluções técnicas ao mesmo tempo, muitas delas eu pesquisei e realizei, mas outras foram sendo resolvidas por tentativas e erros, por experimentações, como por exemplo, o trabalho de pintura da figura para chegar a uma cor e grau de opacidade de pele que me parecesse convincente, isso demandou um bom número de tentativas de pinturas diferentes sobre toda a escultura.

Em função desses desafios técnicos, além da questão conceitual que me é muito importante, esse foi um dos trabalhos mais gratificantes que tive a oportunidade de realizar, e só foi possível com a ajuda irrestrita da ativista vegana Carolina Tie Yagihara e o aporte financeiro oferecido pela Fundação.

²¹⁶ Neste vídeo (1'42'') é possível ter uma noção aproximada do eixo de ligação entre os três espaços e os elementos que compuseram o trabalho (corredor com a pintura de Batoni – sala de jantar com pinturas de caça – jardim de inverno onde foram colocadas Diana Vegana, o arco e 37 flechas quebradas) – Disponível em: <https://www.facebook.com/luciano.zanette.73/posts/10207070693196575>

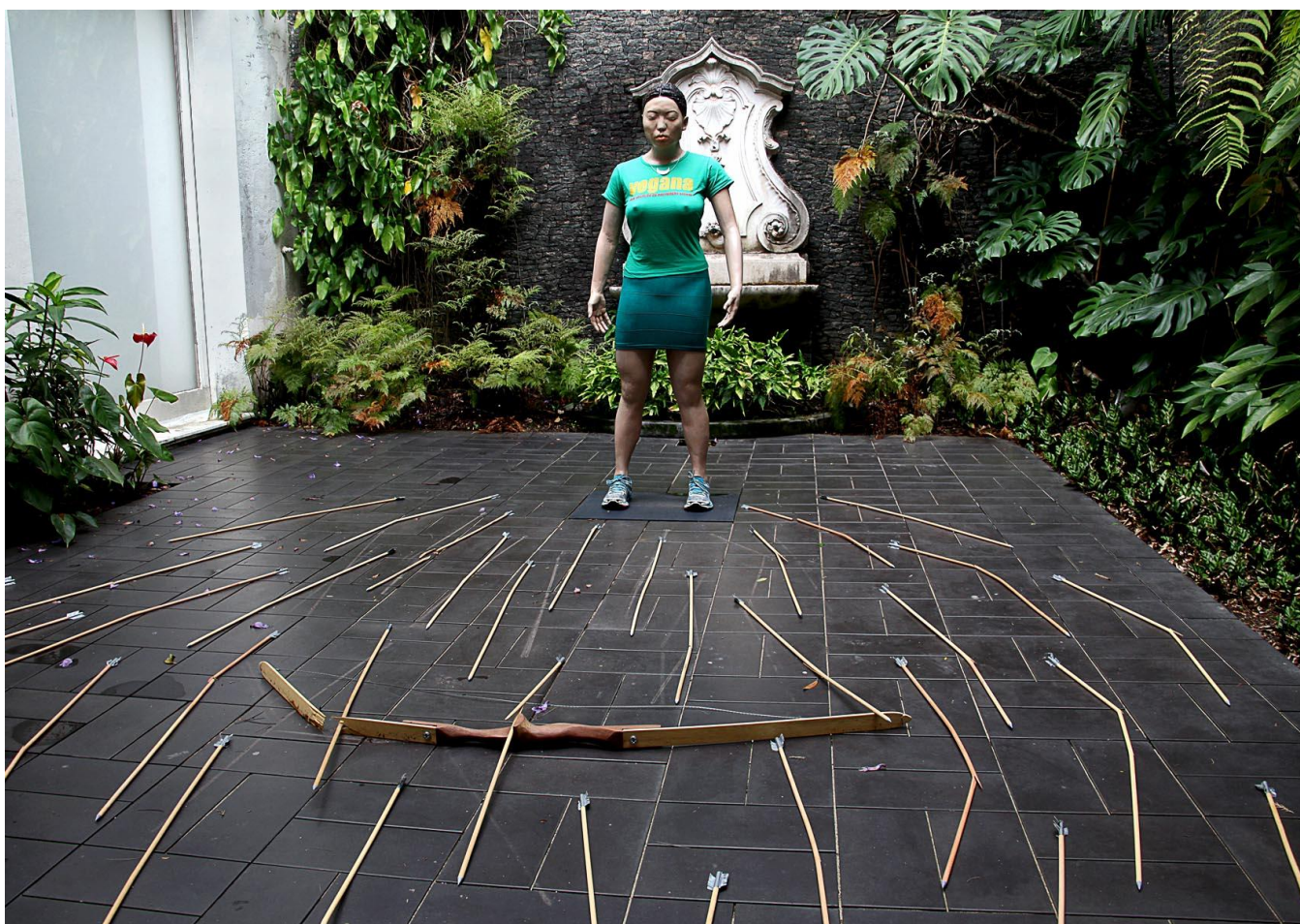


Fig. 72 *Diana Vegana*, 2016, materiais diversos, dimensões variáveis

Instalação feita a partir do contexto da Fundação Ema Klabin. 2016. Vista frontal da instalação. Fotografia: Jerri Rossato Lima.

Vista da sala de jantar para o jardim de inverno onde está instalado o trabalho. Fotografia: Jerri Rossato Lima.



Fig. 73 Vista da sala de jantar em direção ao corredor

Vista da sala de jantar em direção ao corredor. Pequena pintura de caça na parede da esquerda e natureza morta à direita.

Fotografia: Jerri Rossato Lima. 2016. Pintura de Pompeo Batoni, *Retrato de Dama como Diana Caçadora* no corredor.



Fig. 74 Vista a partir das costas da escultura de *Diana Vegana*, 2016

Com sala de jantar e a pintura *Retrato de Dama como Diana Caçadora* no fundo. Fotografia: Jerri Rossato Lima



Fig. 75 Vista lateral da instalação *Diana Vegana* localizada dentro do jardim de inverno
 Vista da Porta de acesso à sala de jantar na direita da imagem.
 Fotografia: Jerri Rossato Lima. 2016.

A escultura de Diana Vegana, o arco quebrado e as trinta e sete flechas partidas apesar de isolados fisicamente no jardim estavam em relação visual e simbólica de contiguidade com os espaços da casa-museu – através do eixo de percurso composto pela área aberta onde está instalada Diana (fig. 72, 74 e 75), a sala de refeições ao lado e o corredor que dá acesso a estes espaços (fig. 73 e 74) - e em relação com a história, através da pintura do artista italiano Pompeo Girolamo Batoni (1708, Lucca – 1787, Roma) o qual transitou estilisticamente entre o Barroco tardio, o Rococó e o Neoclassicismo; *Retrato de Dama como Diana Caçadora*, que está posiciona no corredor em frente da sala de jantar (Fig. 71, 73 e 74). Neste eixo arquitetônico e visual que liga os três espaços (Fig. 74), iniciamos com uma Diana Caçadora (mesmo que idealizada dentro do estilo Rococó), uma sala de jantar com pinturas de cenas de caça e no final as esculturas que representam a figura mitológica de Diana em um momento contemporâneo, uma Diana Vegana que se livra de suas armas (jogadas no chão e quebradas) e não é mais uma Diana Caçadora como nas representações do antigo período romano (fig. 72 e 75).

A realização deste trabalho demandou em torno de seis meses de trabalho ininterrupto. Pelo menos dois meses de pesquisas de técnicas de moldagem, pintura e da história da arte (que se estendeu junto à produção prática do trabalho), desde as esculturas gregas de Artemis deusa da lua e romanas de Diana como deusa da caça (Fig. 70 e 71), até as pinturas e esculturas de Diana que foram feitas em períodos subsequentes da história da arte. A pesquisa seguiu para questões de viabilidade técnica bastante complexas, como por exemplo, moldagem da figura humana em escala 1:1, modos de construção de arcos e flechas, materiais, acabamentos e pinturas sobre diferentes materiais e suportes.



Fig. 76 *Artemis*
escultura também chamada de *Diana com Cervo*, *Diana Caçadora* ou ainda *Diana de Versalhes*, mármore, 2 m de altura, cópia romana do 1º ou 2º século depois de cristo de uma escultura perdida de bronze grega atribuída à Leocares de cerca de 325 antes de cristo, Museu do Louvre - Paris



Fig. 77 *Artemis*
mármore e bronze
2º século depois de cristo
cópia romana de um original grego de meados do século IV antes de Cristo
Museu Chiaramonti
Vaticano - Roma

Por este tipo de trabalho demandar diferentes conhecimentos técnicos que eu não dominava ou não havia experimentado antes, foram pesquisados e testados diversos materiais e processos de

escultura: moldes com uso de gessos de diferentes tipos; gaze gessada e tecidos para estruturar os moldes de gesso (Fig. 78, 79 e 80); vaselina para desmoldagem; alginato e silicone para captação de detalhes e reentrâncias, entalhes, desbastes, preenchimentos, encaixes, etc. Na parte de pintura, além do uso de vernizes, foi utilizada a pintura indireta – em camadas, foram feitos estudos de cores, pigmentos e meios (óleo, acrílico, poliéster e epóxi). A madeira (material costumeiramente usado em trabalhos anteriores) presente no arco e flechas também foi empregada na estrutura interna de Diana (Fig. 80), foram empregadas resinas (epóxi e poliéster) e espuma expansiva de poliuretano para preenchimento (Fig. 81-83) e de roto-moldagem para peças ocas - assim como diferentes massas para os acabamentos e correções de superfícies (gesso, massa acrílica, massa para madeira, massa para isopor e massa plástica à base de poliéster).



Fig. 78 Primeira etapa de moldagem das pernas - moldagem frontal das pernas (com a modelo deitada).

Molde de gesso, tecido e reforços de madeira. Foi usado plástico filme e vaselina para auxiliar na desmoldagem. 2016.



Fig. 79 Segunda etapa de moldagem das pernas - moldagem da parte posterior das pernas (com a modelo em pé).

Já tendo enrijecida a parte frontal das pernas do molde. Molde de gesso, tecido e reforços de madeira. Foi usado plástico filme e vaselina para auxiliar na desmoldagem do corpo da modelo e também na desmoldagem entre as partes frontal e posterior da forma das pernas. 2016.



Fig. 80 Moldes de gesso das pernas.

Com estrutura interna que irá reforçar e funcionar como um contrapeso para ajudar no equilíbrio da escultura, para fazer com que ela fique em pé pela própria distribuição dos pesos na escultura final.



Fig. 81 Molde das pernas fechado e preenchido com espuma de poliuretano expansível.

Na parte inferior observa-se que o material escapou do molde por falta de vedação apropriada. 2016.

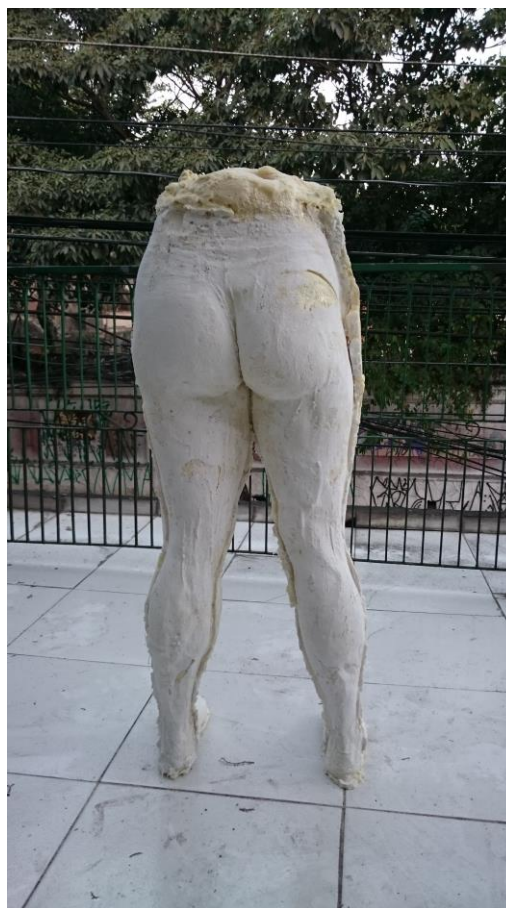


Fig. 82 Peça retirada do molde.

Ainda sem os acabamentos e sem os ajustes de volume e forma. No lado esquerdo observa-se o quanto houve de diferença entre a parte posterior e a parte frontal das pernas. A superfície também ficou bastante irregular, pois por falta do desmoldante o gesso acabou aderindo muito à superfície da peça. 2016.



Fig. 83 Problemas na retirada do molde.

Além da espuma de poliuretano ter escorrido para fora do molde, a pressão da expansão da espuma fez com que o molde acabasse inchando, e com isso deformando, aumentando muito a espessura das pernas, o que demandou um grande trabalho de correção da forma com a utilização de grosas e lixas. E ainda, por falta de prática, foi esquecida a aplicação de vaselina para desmoldagem, com isso os moldes tiveram de ser destruídos para a peça ser retirada.

Foram mais de cinco meses de uma produção muito intensa, muitas horas de pesquisa e trabalho em ateliê com experimentações, acertos e erros (Fig. 81-83), muitos deles em conjunto com a modelo – ativista vegana - que colaborou diretamente em algumas etapas do trabalho (Fig. 78, 78, 80, 84 e 85) – e sem a qual o trabalho não teria sido possível. Diana Vegana é resultado de uma pesquisa viva de materiais, técnicas e de um olhar sobre a histórica da escultura, antiga e recente. As figuras de número 78 a 87 ilustram apenas uma pequena parte deste processo de trabalho, que não apenas esteve ligado às questões técnicas de execução, mas foi permeado por impasses, reflexões e escolhas de caminhos que impactavam em questões de sentidos estéticos e conceituais para a instalação.



Fig. 84 Etapa de ajustes
Desbastes das peças de poliuretano com a grosa.
Além de ser a modelo de referência para a escultura de *Diana Vegana*, a ativista/modelo também participou de etapas de decisões estéticas e da produção, como na imagem acima em um momento de definição de medidas e proporções da figura de Diana. 2016.



Fig. 85 Molde da cabeça

Talvez mais do que ajudar na doação das roupas usadas na escultura, nas opiniões estéticas e conceituais, na remodelagem de partes do trabalho, uma das etapas mais difíceis a qual a modelo contribuiu foi ser enclausurada pelas formas/moldes de gesso. Neste caso primeiro foi aplicado sobre a pele o alginato que copia os detalhes

do rosto e depois veio uma segunda capa/"jaqueta" de gesso e tecido que segurou o alginato. 2016.

Mas a questão central não foi a técnica ou mesmo a história da arte em particular. A questão central do trabalho trata de valores e de costumes, de hábitos impensados, sobre o paradoxo do modo especista (ponto de vista de que a espécie humana tem o direito de explorar, escravizar e matar as demais espécies por julgá-las inferiores) como consideramos e tratamos os animais não humanos.

Por isto a escolha desta figura da mitologia romana - Diana Caçadora - que contraditoriamente era tida como protetora dos animais selvagens, mas assim mesmo os matava através da caça. O que na verdade foi uma dupla escolha, pois ela só surgiu a partir da mulher que dá nome a Fundação, Ema Klabin. Segundo relatos dos funcionários da Fundação, Ema admirava e se identificava com a imagem

de força e autonomia de Diana, sendo ela considerada uma mulher moderna e independente. Em 1949 Ema encomendou uma pintura, um retrato dela inspirada de um modo muito sutil nas pinturas históricas de Diana. O pintor escolhido foi o artista alemão de vanguarda Arthur Kaufmann (1888, Mülheim, Alemanha - 1971, Nova Friburgo, Rio de Janeiro), então residente no Brasil, Kaufmann esteve ligado aos movimentos de arte pós-expressionista e à nova objetividade. Nesta pintura está representado um cão junto com Ema (fig. 86), assim como nas representações de Diana que hora possuem um cão de caça ou um animal selvagem, geralmente um cervo.



Fig. 86 Arthur Kaufmann (1888- 1971), *Retrato de Ema Klabin*
1949, óleo sobre tela, 100 x 73 cm
Coleção da Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, São Paulo

Mas retomando a questão da contradição em Diana Caçadora e protetora dos animais, entendo que ela permanece atual, pois da mesma forma, hoje tratamos os animais domésticos com carinho e cuidado, pois desenvolvemos o entendimento (pela convivência afetiva com eles) de que eles merecem ser protegidos, pois temos a percepção sensível de que eles ‘pertencem à família’, sentem dor, frio, fome, saudades, possuem memória, reconhecem as pessoas, sentem e demonstram carinho, amor, vontades, ou seja, eles são seres sensientes²¹⁷. Mas ao mesmo tempo não exercitamos a

²¹⁷ “Nas últimas décadas, as pesquisas científicas confirmaram que muitos animais não-humanos possuem complexa vida mental e emocional e são dotados de atributos antes imaginados como exclusivos da espécie humana, como racionalidade,

percepção de que escravizamos e assassinamos uma quantidade imensa de animais não domésticos todos os dias – “segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os seres humanos abatem anualmente mais de 53 bilhões de animais para consumo (número que não inclui peixes e outros não humanos marinhos)”²¹⁸. Essa atitude impensada, e habilmente conduzida e mantida pelas indústrias da carne (carne, leite, ovos, couro) e suas estratégias massivas de convencimento pela mídia e em especial por políticas de estado que subsidiam estes tipos de práticas bárbaras (lobistas e políticos, em especial os pecuaristas e afins ligados a então chamada Bancada do Boi – e também da Bancada da Bala que durante o governo de J.M.B. lucrou milhões com a venda descontrolada de armas para “clubes de tiro” e com ações que querem liberar a caça “esportiva” e também colocar práticas abjetas de submissão de animais como rodeios e afins como “patrimônio cultural”) que causam danos irreparáveis para as vidas destes seres sencientes, que sentem, que possuem a "capacidade de sofrer, sentir prazer ou felicidade". Além deste cenário terrível, o

consciência, linguagem, inteligência, sociabilidade, uso de ferramentas, memória, capacidade de sentir dor e de sofrer, dentre outros. (...) A palavra *senciência* é um substantivo que ainda não consta no dicionário brasileiro (SAMPAIO, 2016), nem o termo *senciente*, um adjetivo originado do latim *sentiente*, que indica aquele que sente ou tem sensações (REIS, 2018, p. 26). Grosseiramente definida como a capacidade de emoção, prazer e dor, a *senciência* está relacionada a outras habilidades cerebrais, como inteligência e consciência (BOYLE, 2009, p. 1). Pode-se dizer que ela representa a capacidade de ter consciência de sensações, ou seja, possuir sentimentos subjetivos (PEDRAZZANI et al., 2007b, p. 24). Segundo Varner, a *senciência* engloba também outras formas de sentir, tais como ver, ouvir, cheirar, tocar, mover, querer, pensar e planejar (RIBEIRO, 2018, p. 16). Um ser *senciente* tem a capacidade de sentir, importa-se com o que sente e experimenta satisfação e frustração. Seres *sencientes* estão conscientes de como se sentem, onde e com quem estão e como são tratados. Possuem sensações, como dor, fome e frio, além de emoções, como medo, estresse e frustração. Percebem o que está acontecendo com eles, aprendem com a experiência, reconhecem seu ambiente, têm consciência de suas relações, são capazes de distinguir e escolher entre objetos, animais e situações diferentes, assim como avaliam aquilo que é visto e sentido e elaboram estratégias concretas para lidar com isso (ANDRADE; ZAMBAM, 2016, p. 150). Sendo assim, um ser *senciente* é capaz de avaliar as ações de outros em relação a si e a terceiros, de lembrar algumas de suas próprias ações e suas consequências, de avaliar riscos e de ter sentimentos e consciência (BROOM, 2007, 2013). A emoção e suas contrapartes são úteis e necessárias para um animal não-humano sobreviver e se reproduzir, pois fazem com que ele busque situações agradáveis e evite situações dolorosas. Ademais Consciência e *senciência* como fundamentos do Direito Animal motivam os indivíduos e os direcionam para uma ação eficaz (BOYLE, 2009, p. 6). A aprendizagem e a memória, partes importantes da cognição, são encontradas em diferentes graus na maioria dos animais não-humanos. A cognição, conforme definida no dicionário, relaciona-se à *senciência* e à consciência (SOMME, 2005, p. 29). *Senciência* não é o mesmo que sensibilidade. Organismos unicelulares, vegetais, etc. apresentam sensibilidade, mas não *senciência* (ANDRADE; ZAMBAM, 2016, p. 150)."

SILVA, Débora Bueno; JÚNIOR, Vicente de Paula Ataíde. Consciência e *senciência* como fundamentos do direito animal. Revista Brasileira de Direito e Justiça. V. 4, Jan./Dez. 2020. Disponível em: file:///E:/l/0001_DOC%20%20UNESP_2018-2022/0_Doc%202022/artigos%20de%20refer%C3%Aancia/direitoejustica,+4.pdf Acesso em 08 de julho de 2022.

Débora Bueno Silva - Pós-Graduada em Medicina Veterinária Legal. Médica Veterinária. Vicente de Paula Ataíde Júnior - Professor Adjunto do Departamento de Direito Civil e Processual Civil da Universidade Federal do Paraná. Professor do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da Universidade Federal do Paraná. Doutor e Mestre em Direito Processual Civil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-doutor em Direito Animal pela Universidade Federal da Bahia.

²¹⁸ TRINDADE, Gabriel Garmendia da. *Animais como Pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. (p. 72).

“carnismo” promove uma série de prejuízos ao meio ambiente e à saúde dos que acriticamente consomem produtos oriundos da exploração animal. Existe uma infinidade de pesquisas científicas (não patrocinadas pela indústria da carne, e que portanto não são manipulados à seu favor) que apontam para estas questões. Pesquisas nas áreas de biologia, psicologia, direito, medicina, nutrição, filosofia, etc.

Assim como Diana Caçadora, que foi reelaborada pelos romanos a partir da deusa grega da lua Artemis, simbolicamente busquei propor a figura de Diana, não mais como uma caçadora arcaica, mas como Vegana. A proposta artística Diana Vegana é um convite para estas e outras reflexões urgentes. Um convite para ampliarmos nosso entendimento sobre o tema e principalmente nossa empatia.

Diana Vegana foi um passo mais consistente, penso eu neste sentido, que ainda não sei se poderia chamar de um tipo de ativismo, pois não me coloco na altura de um ativista. Inclusive estas serão algumas possíveis questões a serem desenvolvidas em um futuro da minha produção. Até que ponto o trabalho se aproxima do ativismo? O que é o ativismo? Terei meios e capacidade para que o trabalho tome tal amplitude? Esse seria o caminho? Como poderei estabelecer relações entre o veganismo abolicionista e os demais temas que me preocupam e que tenho tentado pesquisar e elaborar? Considero que não são perguntas a serem respondidas de imediato, mas acredito que poderão ser discutidas em trabalhos que virão.

Minha produção de arte em andamento está contaminada pela necessidade de tentar entender acerca das situações políticas contemporâneas, das quais destaco: o avanço de forças retrógradas - BBB: Banca Ruralista, os neopentecostais também chamados de Bancada da Bíblia e para fechar a tríade, a Bancada da Bala – todas estas forças que são apoiadoras do atual governo de J. M. B. (2018-2022), perdas de direitos sociais, aumento da intolerância, censuras e violências.

Talvez um forte ponto em comum seja a urgência que sinto em tratar desses assuntos que impactam a atualidade, para buscar um entendimento das estruturas de poder e controle por trás dos fatos que nos afetam cotidianamente. Para com isso se ter mais clareza a respeito dos temas e dos modos possíveis de expô-los ao público.

Penso que a oportunidade de conduzir esta pesquisa é um impulso vital para instaurar outras propostas de trabalho que possam trazer estas questões (que entendo) urgentes. Pretendo com isto, evidenciar visualmente estas questões nas configurações finais dos trabalhos e não apenas tê-las como

deflagradoras primeiras, que motivaram o início de um trabalho. Mas como fazer isso? Penso por enquanto que por tentativas e erros.

E como conectar estes elementos? Acredito que o trabalho irá apontar as possibilidades.



Fig. 87 As três partes que posteriormente foram conectadas para formar o corpo de *Diana Vegana*

Cabeça ainda em gesso, tronco e braços, quadril, pernas e pés em espuma de poliuretano. Ateliê da Rua Luis Murat, 390, São Paulo. 2016.

2.1.2 Pós-golpe de 2016 - mais informações, mais especificidades

Dentro deste próximo segmento do texto irei tratar em especial dos seguintes trabalhos que desenvolvi entre 2017 e principalmente 2018: o desenho *Mascote do Mercado*, 2017 e as esculturas de 2018: *Minha Causa Minha Vida*, *O sono da justiça produz monstros fascistas*, *Existimos Resistimos*, *A Justiça Necessária*, *Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas*, *Em pé pela Democracia. Mas qual Democracia?* e *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*. Coloco-os separados dos trabalhos anteriores, pois acredito que nestas próximas proposições artísticas começa a se manifesta uma busca um pouco mais consciente sobre as questões políticas do período, mas ainda não tão unitária como nos trabalhos da exposição *Necrocolônia 2016-2019* que será abordada no capítulo III.

Penso que entre 2017 e principalmente em 2018 avancei um pouco em termos de percepção do contexto histórico e político referente ao golpe 2016 e isso apareceu nos títulos, formas e palavras incluídas nos trabalhos. Questões vindas, entre outros fatos, da implicação do poder econômico de viés ultraliberal que guia o período Temer e segue com o posterior ocupante da cadeira presidencial; da prisão ilegal (pois sem provas) de Luiz Inácio Lula da Silva em 07 de abril de 2018 que abriu caminho para a eleição fraudulenta de J. M. B. (visto que Lula liderava as pesquisas eleitorais e justamente por isso foi preso, ou seja, retirado ilegalmente da disputa eleitoral a qual ele era o favorito); da conivência do poder judicial com os golpes e demais ilegalidades correlatas, sendo alguns de seus membros acobertados, associados e sistematicamente promovidos pela grande mídia brasileira²¹⁹, a qual

²¹⁹ “Os advogados do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fizeram uma conferência, nesta quarta-feira (16), ao Clube Suíço de Imprensa, em Genebra. Para o australiano Geoffrey Robertson, um dos maiores especialistas mundiais em Direitos Humanos e representante de Lula na Comissão de Direitos Humanos da ONU, não há qualquer evidência de que o ex-presidente tenha recebido dinheiro ou favores durante o período em que esteve na Presidência ou depois que deixou o cargo. O advogado ainda criticou a conduta do juiz Sérgio Moro, responsável pela Operação Lava Jato. Ele afirmou que ‘nenhum juiz em um país civilizado se comporta como Sérgio Moro, dessa maneira persecutória’. ‘A Lava Jato se tornou perseguidora com a cumplicidade da mídia’, analisou. (...) Na avaliação do advogado Cristiano Zanin Martins, ‘há uma clara perseguição política a Lula e ao projeto que ele representa’. ‘O objetivo é impedir que ele possa participar, eventualmente, das eleições de 2018, mesmo sem evidências que ele tenha cometido um crime’. De acordo com ele, a perseguição viola pactos internacionais assinados pelo Brasil. Ele lembrou que o ex-presidente teve seu telefone e o de seus advogados interceptados, e as gravações divulgadas pela imprensa. ‘Lula é atacado diariamente pela imprensa com base em informações e documentos fornecidos pela Lava Jato’. ‘A Lava Jato acusou Lula de obstrução de justiça durante vários meses. As próprias testemunhas de acusação desmentiram’, afirmou. Perseguição da Globo - A defesa do ex-presidente Lula entregou ao juiz Sérgio Moro um estudo científico sobre a cobertura da imprensa brasileira, que comprova tecnicamente – e com números impressionantes – o massacre midiático contra o ex-presidente. O estudo, apresentado durante a conferência nesta quarta, foi preparado pelo cientista político, sociólogo e mestre em Filosofia João Feres Júnior,

alimentou a desinformação, a ignorância e o ódio contra a esquerda (ou centro esquerda progressista ou social democrata) e incensou o então juiz criminoso Sergio Moro como herói nacional, assim como os seus acólitos (o procurador da república Delltan Dalagnol, a Juíza Gabriela Hardt e os promotores do sul, sediados em Porto Alegre, o gaúcho Leandro Paulsen, o catarinense Victor Luiz dos Santos Laus e o paranaense João Pedro Gebran Neto magistrados do Tribunal Regional Federal da 4ª Região - TRF4, para citar apenas alguns – a lista de cúmplices é muito maior.²²⁰

Tendo esses trabalhos como balizas de referência procurarei indicar algumas motivações iniciais eventualmente oriundas de reações resultantes de provocações e incômodos do meio político brasileiro referente às informações e percepções de que eu dispunha na época, sendo talvez esses trabalhos como uma forma de reação e resistência. Também intermearei esses dados prévios com algumas observações que partem de leituras e dados posteriores à produção e mostra dos trabalhos.

Em *Pós-golpe de 2016 - mais informações, mais especificidades* dentro da pesquisa *Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016* apresento e procuro comentar alguns movimentos transicionais que considero como avanços no sentido de serem um pouco mais específicos, sendo relacionados a um extrato de minha produção que fiz nos dois anos seguintes ao golpe de 2016 e, o quanto essa ruptura institucional impactou em decisões formais e conceituais nos trabalhos realizados, sendo essa guinada à extrema direita e ao ultraliberalismo o

vice-diretor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenador do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP) – que produz o Manchetômetro, indicador das tendências políticas da mídia brasileira. Os dados referentes ao Jornal Nacional da Rede Globo mostram que, entre o final de dezembro de 2015 e agosto de 2016, foram ao ar praticamente 13 horas de notícias negativas sobre o ex-presidente, apenas 4 horas de noticiário considerado neutro e nem 1 segundo de notícias com viés positivo. A parcialidade do JN em relação a Lula fica evidente pelo fato de que metade de suas reportagens não contemplou o contraditório do ex-presidente, de sua assessoria ou de seus advogados.”

Robertson: Lava Jato se tornou perseguidora e mídia é cúmplice - Advogados fizeram conferência na Suíça sobre a perseguição a Lula e apresentaram pesquisa sobre a parcialidade da Globo – comprovada cientificamente – contra o ex-presidente. Partido dos Trabalhadores, 16 de novembro de 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/robertson-lava-jato-se-tornou-perseguidora-e-midia-e-cumplice/> Acesso em 10 de julho de 2022.

²²⁰ Ver ZANIN MATRINS, Cristiano; ZANIN MARTINS, Valeska Teixeira; VALIM, Rafael. *Lawfare: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

FERNANDES, Augusto Fernando. *Geopolítica da Intervenção: A verdadeira História da Lava Jato*. São Paulo: Geração, 2020.

SOUZA JESSÉ. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020. *A guerra híbrida: ideias envenenadas e juízes corruptos no lugar de bombas e balas* (p. 81-104).

CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Civilização Brasileira, 2018.

Em especial o capítulo 16. Estado Pós-Democrático no Brasil: gestão dos indesejáveis - a criminalização da pobreza e os casos do Mensalão, da Lava Jato e do impeachment da presidente Dilma (p. 179-210)

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: Das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ponto da transição referenciado no título da pesquisa – ou seja, não apenas as minhas transições de percepção e conhecimento, mas também as transições políticas do país.

Nessa pesquisa tenho comentado meus trabalhos ligados a uma parte do contexto brasileiro contemporâneo, onde tento apresentar alguns aspectos pontuais dessas situações locais recentes. A busca por entendimento foi fundamentada, em boa parte, por leituras da sociologia, ciência política, estudos da comunicação, história, economia e direito. Mas também por autores da filosofia, psicanálise, crítica e história da arte. Apoio-me nesse repertório conceitual com o intuito de tentar qualificar os comentários sobre meus trabalhos de arte que partem de questões vindas da realidade local.

O apoio conceitual é também constituinte dos trabalhos (quando disponível *a priori* e *a posteriori* dentro do trabalho da tese) para que eu possa tentar entender minimamente as noções e conceitos chaves que acredito estarem imbricados nos trabalhos, tais como: golpe de estado, estado de exceção, direita, extrema-direita, esquerda, centro, estado de bem-estar social, educação pública não militarizada, democracia(s), fascismo(s), violência de estado, *lawfare* (guerra jurídica), guerras híbridas, capitalismo, mercado (financeiro), liberalismo, neoliberalismo, ultra-liberalismo, imperialismo, caos, ódio, poder, política, biopolítica, psicopolítica, necropolítica, racismo, especismo, melancolia, trabalho e educação. Evidentemente, por serem temas extremamente complexos e com múltiplas camadas de leituras e nuances conceituais (além das disputas de narrativas pelos diferentes poderes em tensão), irei trata-los de forma sucinta.

É importante lembrar que, sendo esta uma experiência de primeira travessia por esses lugares áridos e autores destacados das ciências sociais, entendo que não tenho condições de fazer um trabalho dentro do rigor metodológico de um trabalho específico da área de ciências sociais (pois me faltam os instrumentos metodológicos para tal). Novamente, afirmo que a minha esfera primordial de competência é a da arte (e em especial da arte contemporânea a qual tenho sido exposto e acredito sou um agente, mesmo que em um grau muito ínfimo) e que eu não sou um teórico/crítico de arte e muito menos um teórico com competência nas ciências sociais, mas sim um artista. Um artista que, pelos fatos ocorridos no país, se sentiu impelido a tentar entender minimamente o que aconteceu e acontece, quem são os responsáveis, que eventos dessa natureza já aconteceram antes, se aconteceram, quais as diferenças e como trabalhar para evitar que esses desastres se repitam, se é que seria possível evitar tais acontecimentos – mas ao menos trabalhar no sentido de tentar evitar.

Penso essa pesquisa de doutorado como uma necessidade vital de buscar apreender minimamente a diminuta parte do mundo em que vivo e o pouco que sou capaz de perceber dele: a partir do lugar dentro da sociedade onde estou inserido, os eventos que afetam a massa (proletária) da qual faço parte (visto que venho de uma família de pequenos agricultores, onde alguns foram para pequenas cidades e trabalharam no setor técnico da indústria e da educação básica), os fenômenos sociais, as movimentações que aconteceram no campo do real na presente década, para que de posse dessas noções de orientação eu possa compartilhar publicamente essas informações com meus pares, alunos e demais interessados, ou antes, demais afetados por este estado de coisas.



Fig. 88 Aimé-Jules Dalou. Esboços de terracota para o projeto *Monumento ao Trabalho*. Fotografado em seu estúdio, impasse du Maine em Paris, entre 1902 e 1904. As esculturas estão agora no Museu Petit Palais em Paris (1864-1943, França)
Fotografia por Adolphe Giraudon (1849-1929) – Impressão vintage do Catálogo de l'oeuvre de Jules Dalou por Adolphe Giraudon (1904)

Assim como a questão do olhar para a natureza foi um vetor fundamental na arte do Renascimento a partir dos anos 1400, em momentos posteriores foram as questões do real, do trabalhismo e do social os pontos centrais que impactaram as experiências e o imaginário de artistas e impulsionaram suas ações. Em movimentos tais como o Realismo da segunda metade do século XIX com artistas e artesões que participaram da insurreição popular da Comuna de Paris (18 de março de 1871 – 28 de maio de 1871)²²¹, como o pintor Gustave Courbet (1819, Ornans, França-1877, La Tour-

²²¹ Ver MICHEL, Louise. *Tomada de Posse*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

de-Peilz, Suíça) ou o escultor (fig. 88) Aimé-Jules Dalou (1838-1902, Paris, França); o Construtivismo Russo; o Realismo Socialista na União Soviética (a partir da Revolução de 1917); o expressionismo alemão de Käthe Kollwitz (1867, Königsberg - 1945, Moritzburg, Alemanha) com questões referentes a classe operária, a crítica social²²², a pobreza, a política, a guerra²²³ e a morte²²⁴; as fotomontagens (fig.

ROSS, kristin. *Luxo comunal: o imaginário político da Comuna de Paris*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

²²² “[...] quando eu, especialmente através de meu marido, conheci a gravidade e a tragédia da profundidade da vida proletária [...], o destino do proletariado me agarrou com todas as minhas forças [...]. Problemas não resolvidos, como a prostituição, o desemprego, atormentavam-me e preocupavam-me e contribuíam para que eu ficasse preso à representação das classes mais baixas, e a sua representação repetida abriu uma válvula ou um caminho para eu suportar a vida.” Käthe Kollwitz, diários, retrospect, 1941. Käthe Kollwitz Museum Köln. Disponível em: <https://www.kollwitz.de/sozialkritik-uebersicht> Acesso em 16 de julho de 2022.

²²³ “[...] em 1914, acontecera uma coisa terrível: a Primeira Guerra Mundial. A posição de Käthe Kollwitz sempre foi pacifista, ao lado dos socialistas, contra a guerra. Mas os dois filhos, Hans e Peter, se alistaram como voluntários. E no dia 22 de outubro de 1914, o segundo filho Peter, que acabara de fazer 18 anos, morreu na guerra. Desta morte, Käthe Kollwitz jamais conseguiu se refazer. Em 1915, no ano seguinte à morte do filho, ela começou a trabalhar num memorial, uma escultura. Este memorial teve uma série de modificações, e levou quase 20 anos para ser concluído. De fato, somente em 1932, ou seja, um ano antes do nazismo vencer na Alemanha, é que ela conseguiu completar a escultura. Obtendo então a permissão do governo da República alemã, do Governo belga, das Estradas de ferro da Alemanha e da direção do cemitério de Rodevelde, cidade belga, onde se encontra o cemitério dos soldados alemães, ela conseguiu finalmente, ela mesma, levar a escultura e colocar no túmulo do filho. Ainda durante a Primeira Guerra, ela começou uma série de gravuras chamada “Guerra”, mostrando a monstruosidade e a brutalidade da guerra. Não vou comparar Käthe Kollwitz a Goya. Existem diferenças. Ela não é Goya. Mas, poder tratar de um tema destes, com toda convicção, e numa obra que continua atual para nós, hoje, demonstra sua estatura de artista. Ainda, poder superar, além da dor pessoal, também o momento histórico, poder transformar a expressão pessoal em obra para a humanidade, é prova de criação artística. Em 1918, depois da guerra perdida, a Alemanha se tornou república. É a República de Weimar, com um regime bem mais democrático, mas, ao mesmo tempo, com contradições terríveis. Em 1919, Rosa Luxemburg e outro líder socialista, Karl Liebknecht, foram assassinados. Alguns membros da família de Liebknecht se dirigiram a Käthe Kollwitz, pedindo que ela fizesse uma gravura em sua memória. É, na realidade, a primeira xilogravura que ela vai fazer.”

OSTROWER, Fayga. *Käthe Kollwitz: uma vida e obra*. Transcrição da palestra de Fayga Ostrower na exposição 'Käthe Kollwitz: uma vida e obra', Paço Imperial, Rio de Janeiro, outubro de 1988. Disponível em: <https://faygaostrower.org.br/images/files/kathe-kollwitz-uma-vida-e-obra.pdf> Acesso em 16 de julho de 2022.

²²⁴ “Desde o início, existia o tema da “Morte” em seu trabalho. Ela o tratou de uma maneira diferente em várias épocas de sua vida. Já em 1910, o tema apareceu na gravura “Morte, Mulher e Criança”, com uma violência extraordinária. Nessa imagem, Käthe Kollwitz mostra a morte, no sentido de um ataque contra os indefesos, as crianças, e as mães procurando proteger os filhos e não o conseguindo. A morte arranca a vida das crianças. Como tema a morte já surgira no Romantismo do século XIX e, por conseguinte, também no Expressionismo. Há na própria exaltação do sofrimento da morte, uma certa romantização. Mas, por exemplo, o tema seria tratado de modo totalmente diferente por um artista como Munch, em cuja obra “morte” e a “doença” são sublinhadas, mostradas quase como um caminho para a libertação. Em Käthe Kollwitz há uma recusa. Ela não aceita a morte. A morte é um invasor; a morte não pertence à vida; não é a sublimação de um viver. Isto fica muito claro em sua obra. Só nos últimos anos, a atitude muda, e o que encontramos em suas obras será uma atitude de resignação, de aceitação da morte. (...) Em 1928 Käthe Kollwitz foi promovida à posição de catedrática da Academia de Belas Artes da Prússia, a primeira mulher que ocupou este cargo. Não durou muito tempo, porque em 1933 os nazistas a obrigaram, assim como também ao escritor Klaus Mann, irmão de Thomas Mann, a se demitir da Academia. Eles haviam assinado um manifesto de intelectuais, conclamando todos os partidos de esquerda a se unificarem contra os nazistas. Quando, portanto, os nazistas chegaram ao poder, Não puderam permitir que esta mulher ocupasse um alto cargo. Também a partir de 1934, ela não pode mais lecionar. Em 1933, os nazistas haviam fechado os museus, ou excluíram aquelas obras que consideravam “arte decadente” (a partir de 1933 as obras de Käthe Kollwitz não foram mais vistas na Alemanha, até depois da guerra). Ela então começou uma nova série, que são litografias da “morte”. E nessa série, em que trabalhou uns dez anos, já a visão da morte se modificou. Tornou-se uma visão mais resignada; a morte passa a ser um amigo. Há nestas últimas obras como que uma entrega ao destino. Também em 1939, o marido, Karl Kollwitz, não pode

89 - 90) do dadaísta John Heartfield²²⁵ (Helmut Herzfeld - 1891, Berlim-1968, Berlim Leste); o Muralismo Mexicano (a partir da década de 1920); e mais recentemente segmentos da arte contemporânea, referentes as lutas de classes, conflitos bélicos imperialistas, fluxos de imigrantes, direitos civis, racismo, xenofobia, capitalismo, militarismo, etc. – cito a artista conceitual Martha Rosler (1943, Nova Iorque), (fig. 91).

No Brasil contemporâneo questões históricas sobre a ditadura empresarial-militar e suas continuidades através de repressões, desocupações, perseguições, torturas, assassinatos e massacres em periferias, favelas, palafitas, e reservas indígenas pelo *estado de direita* (e não estado de direito) e seus associados e patrocinadores estão presentes na produção de muitos artistas, dos quais destaco: José Rufino (1965, João Pessoa, PB), Thiago Martins de Melo (1981, São Luís, MA), Diego Castro (1983, São Paulo), Beto Shwafaty (1977, São Paulo), Vitor Cesar (Fortaleza, 1978), Dora Longo Bahia (1961, São Paulo) para citar apenas alguns colegas que tive contato através de exposições ou pessoalmente.

mais clinicar. E em 1940, ele morreu. Em 1942, ocorreu outra tragédia. No dia 14 de outubro de 1942, ela recebeu a notícia que o neto Peter (filho de Hans Kollwitz), que tinha sido convocado, também morreu na Segunda Guerra Mundial. Que coisa terrível, perder o filho e perder o neto nas duas guerras! Como veem, é um destino realmente trágico.” OSTROWER, Fayga. *Käthe Kollwitz: uma vida e obra*. Transcrição da palestra de Fayga Ostrower na exposição 'Käthe Kollwitz: uma vida e obra', Paço Imperial, Rio de Janeiro, outubro de 1988. Disponível em: <https://faygaostrower.org.br/images/files/kathe-kollwitz-uma-vida-e-obra.pdf> Acesso em 16 de julho de 2022.

²²⁵ A obra e o nome de John Heartfield foram a referência da saudosa e corajosa colega Claudia Paim, para a proposição coletiva *Campo de Escuta (hear field)*, que realizamos como coletivo P.O.I.S. (Palavras, Objetos e Imagens Instaladas – Claudia Paim, Marcelo Gobatto e Luciano Zanette) em 12 agosto de 2004 na ocupação do MAC-RS nos galpões do Porto da cidade de Porto Alegre e no mesmo ano, em 10 de novembro na exposição *Articulações A-paralelas* na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Campo de Escuta* era composta por um espaço circular formado por cadeiras voltadas para o centro, um microfone e uma caixa de som amplificada. E o trabalho era ativado pela participação do público e nossa, instaurando uma roda de debates. Um desdobramento deste trabalho foi *Território Sonoro* (2005) 60 minutos. Programa radiofônico experimental criado por coletivo POIS (Claudia Paim, Luciano Zanette e Marcelo Gobatto) e James Corrêa, como convidado especial, para ser transmitido pela rádio do acampamento durante o Fórum Social Mundial, de 2005, em Porto Alegre-RS. Posteriormente foi apresentado como proposta de escuta na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes da UFRGS. <https://www.claudiapaim.site/programas-radiofonicos>

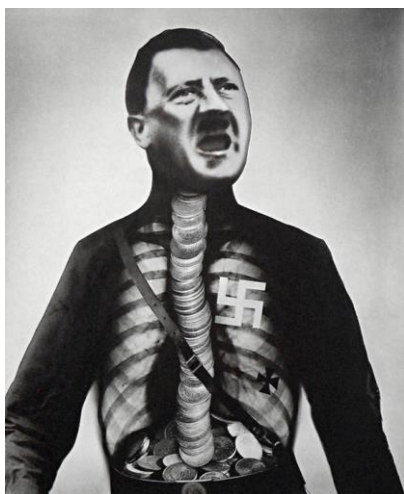


Fig. 89 John Heartfield
Adolf, o super-homem, engole ouro e vomita lixo
AIZ Magazine, 17 de julho de 1932



Fig. 90 John Heartfield
O significado por trás da saudação de Hitler: O pequeno homem pede grandes doações.
Lema: *Milhões estão atrás de mim!* AIZ Magazine, 16 de outubro de 1932



Fig. 91 Martha Rosler
Balões
série *Casa Bonita: Trazendo a guerra para o lar*
1967-72

Sobre fotomontagem *Balões* da série *Casa Bonita: Trazendo a guerra para o lar*, 1967-72 (fig. 91) de Martha Rosler - que retoma práticas dadaístas de colagens e fotomontagens realizadas entre a Primeira Grande Guerra Mundial e a segunda, sendo um exemplo destas práticas o artista berlinense John Heartfield com trabalhos reativos à guerra e ao nazismo (fig. 89 e 90) - Jacques Rancière no livro *O Espectador Emancipado* (2012) propõe que os anos 1970:

(...) foi também o das fotomontagens realizadas por uma artista americana engajada, Marta Rosler, em sua série intitulada *Bringing the War Home*, que sobre imagens de felizes lares americanos colava imagens da guerra do Vietnã. Assim, uma montagem intitulada *Ballons* mostrava, sobre o fundo uma ampla casa de campo, com balões infláveis a um canto, um vietnamita que tinha nos braços uma criança morta pelas balas do exército americano. A conexão das duas imagens devia produzir dois efeitos: a consciência do sistema de dominação que ligava a felicidade doméstica americana à violência da guerra imperialista, mas também um sentimento de cumplicidade culpada com aquele sistema. Por um lado, a imagem dizia: eis a realidade oculta que vocês não sabem ver, vocês precisam tomar conhecimento dela e agir de acordo com esse conhecimento. Mas não há evidências de que o conhecimento de uma situação provoque o desejo de mudá-la. É por isso que a imagem dizia outra coisa. Ela dizia: eis a realidade óbvia que vocês não querem ver, porque vocês sabem que são responsáveis por ela. O dispositivo crítico visava assim a um efeito duplo: a tomada de consciência da realidade oculta e o sentimento de culpa em relação à realidade negada. (...) As fotomontagens de Martha Rosler acentuavam a heterogeneidade dos elementos: a imagem da criança morta não podia integrar-se no belo interior doméstico sem causar explosão. (RANCIÈRE, 2012, P. 29-30)

Complementaria que não apenas “felizes lares”, mas lares ricos, bem iluminados, amplos e arejados, não é um lar pobre, “humilde” e feliz, mas uma casa de “alto padrão”, com “pé direito duplo” para usar os jargões da indústria de exploração imobiliária brasileira, que simula ou que é um produto de luxo do ideário capitalista. As guerras (grandes e pequenas) que os EUA criam (sempre longe de seu território) ou se envolvem são sempre em seu benefício. Os objetivos são de conseguir altos lucros com “apoio” financeiro (que se reverterá em altas dívidas), venda de material bélico e serviços de reconstrução civil. A expansão de seu poderio militar intervencionista, golpista e imperialista, não gera melhores condições de vida, mais saúde, educação pública, direitos trabalhistas ou moradia para a grande massa de sua população, mas para poucos privilegiados das camadas mais altas da sociedade estadunidense. Nos EUA e nos países (colônias, protetorados e associados) que recebem e retransmitem seus produtos “culturais de massa” grande parte da população é doutrinação pelos meios de comunicação de massa e sua indústria cultural (indústria da propaganda belicista de Hollywood e de vídeo games, de “notícias”) para aceitar a guerra como uma condição para a “liberdade” e a “democracia” estadunidense. E com isso são os filhos e filhas (a prole) das classes baixas que vão morrer nas guerras por hegemonia global, por petróleo e demais apropriações de recursos naturais e áreas de “interesse dos EUA” para a implantação de suas bases militares, mísseis nucleares, tropas (e mercenários), armas químicas e biológicas, como por exemplo, nos laboratórios estadunidenses secretos na atual Ucrânia²²⁶.

Nos últimos anos aumentei o interesse por abordagens que entendo mais frontais, de artistas como Marta Rosler, Heartfield, León Ferrari, Hans Haacke, Thiago Martins de Melo e Dora Longo Bahia; mesmo sabendo que estou distante da força destes artistas. Considero que são referências em termos

²²⁶ “As denúncias de que a Ucrânia mantém atualmente laboratórios de armas biológicas perigosas vieram da Rússia e da China. O Ministério das Relações Exteriores da China publicou este mês: ‘Os EUA têm 336 laboratórios em 30 países sob seu controle, incluindo 26 somente na Ucrânia’. Já o Ministério das Relações Exteriores russo afirmou que ‘a Rússia obteve documentos provando que laboratórios biológicos ucranianos localizados perto das fronteiras russas trabalhavam no desenvolvimento de componentes de armas biológicas’. (...) A bizarra admissão de Nuland de que ‘a Ucrânia tem instalações de pesquisa biológica’ suficientemente perigosas para justificar a preocupação de que poderiam cair em mãos russas constituiu, ironicamente, uma evidência mais forte da existência de tais programas na Ucrânia, do que o que foi oferecido em 2002 e 2003 para corroborar as alegações dos EUA sobre os programas químicos e biológicos de Saddam no Iraque. Uma confissão real de um alto funcionário americano sob juramento é claramente mais significativa do que tudo o que Colin Powell falou no Conselho de Segurança da ONU segurando um tubo de ensaio com uma substância desconhecida no interior e apontando para imagens granuladas de satélite que ninguém conseguia decifrar.”

Subsecretária de Estado dos EUA admite que Ucrânia tem laboratórios que podem fazer armas biológicas
Confissão da neoconservadora Victoria Nuland lança luz sobre o papel dos EUA na Ucrânia e levanta questões vitais sobre instalações que poderiam produzir as armas de destruição em massa que os EUA mentiram existir no Iraque. Glenn Greenwald. Jornalistas Livres, 10 de março de 2022. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/victoria-nuland-ucrania-tem-instalacoes-de-pesquisa-biologica-e-teme-que-sejam-confiscadas-pela-russia/> Acesso em 17 de julho de 2022.

de aspectos e estratégias a experimentar com a finalidade de lidar com questões urgentes e também estruturais. Estes artistas trabalham a partir de contextos estruturais terríveis, respectivamente: imperialismo, fascismo/nazismo, belicismo e religião, capitalismo, colonialismo/racismo/genocídio indígena e a violência policial como arma de controle das classes pobres via terror de estado (da polícia como braço armado da burguesia). Sobre essas relações de poder de estado burguês Rancière nos informa no início de seu livro *O Ódio à Democracia*, publicado pela primeira vez em 2005, e no Brasil em 2014:

A redação da Constituição dos Estados Unidos é um exemplo clássico desse trabalho de composição de forças e equilíbrio dos mecanismos institucionais destinados a tirar do fato democrático o melhor que se podia tirar dele, mas ao mesmo tempo contê-lo estritamente para preservar dois bens considerados sinônimos: o governo dos melhores e a defesa da ordem proprietária. (...) O jovem Marx não teve nenhuma dificuldade para desvendar o reino da propriedade no fundamento da constituição republicana. Os legisladores republicanos não fizeram nenhum mistério disso. Mas ele soube estabelecer um padrão de pensamento que ainda não se esgotou: as leis e as instituições da democracia formal são as aparências por trás das quais e os instrumentos com os quais se exerce o poder da classe burguesa. (RANCIÈRE, 2014, p. 9)

E o autor segue dizendo sobre a “má democracia” estadunidense: “América trata de espalhar sua democracia pelo mundo através da força das armas (...) O governo, diz, é mau quando se deixa pela sociedade democrática que quer que todos sejam iguais e que todas as diferenças sejam respeitadas” (RANCIÈRE, 2014, p. 10). E sobre o que seria segundo os interesses dos EUA a “boa democracia”: “(...) é bom quando mobiliza os indivíduos apáticos da sociedade democrática para a energia da guerra em defesa dos valores da civilização (...)” (RANCIÈRE, 2014, p. 10), claro que o modelo de civilização em questão é o desenhado pelos valores particulares do ocidente.

As notícias e descobertas aterradoras diárias muitas vezes paralisam a potência de reação. A avalanche deliberada de caos neoliberal imperialista quer populações esgotadas, pauperizadas, confusas, bombardeadas por *fake news* e entretenimento alienante, com medo e/ou ódio – pois estando fragilizadas serão massas mais fáceis de serem manobradas. Construindo assim as condições para a inação (mesmo dentro de setores que buscam minimamente o esclarecimento) a qual alerta Rancière, considerando um dos aspectos da melancolia de esquerda, pois segundo o entendimento do autor “a melancolia alimenta-se de sua própria impotência” (RANCIÈRE, 2012, p. 38) e “diante dessa melancolia de esquerda, assistimos ao desenvolvimento de um novo furor de direita, que reformula a denúncia do mercado, da mídia e do espetáculo como denúncia das devastações do indivíduo

democrático” (RANCIÈRE, 2012, p. 39), sendo esta democracia, uma democracia de mercado, de consumo. Na contemporaneidade esses “indivíduos democráticos querem a igualdade. Mas a igualdade que querem é a que reina entre o vendedor e o comprador de uma mercadoria. O que eles querem, portanto, é o triunfo do mercado em todas as relações humanas” (RANCIÈRE, 2012, p. 39).

O pesquisador brasileiro Jorge Luiz Rocha de Vasconcellos, doutor em filosofia e professor na Universidade Federal Fluminense/UFF nos diz sobre o contemporâneo, arte e política:

Pensar as relações entre arte e política, assim queremos crer, é uma das tônicas do que chamamos de Contemporâneo, em especial no que tange ao campo das artes, de suas práticas e linguagens. Esse debate sobre a política das artes em nossa atualidade é ponto de partida para a produção de um sentido crítico para o fazer artístico entre nós. Essas práticas, contudo, devem ser pensadas de modo transversal, heterodoxo e transdisciplinar. Isso porque não é mais possível produzir um pensamento da arte no Contemporâneo no qual o cinema/o audiovisual, o teatro/a performance/a dança e as artes visuais não estejam em certa zona de contágio e frequência entre si, borrando limites, produzindo campos ampliados em suas práticas.²²⁷

Parafraseando o trecho acima de Vasconcellos – penso dentro de minha produção (e não “da arte”, pois existem muitas manifestações de arte, manifestações que se parecem com arte, que querem de se parecer com arte, que são arte mas não se parecem com o que o senso comum entende como arte) que *não é mais possível produzir um pensamento da arte no Contemporâneo no qual as questões urgentes da sociedade/a política, o real/a sociologia/assim como os demais campos de produção de pensamento crítico, dentre eles as artes visuais não estejam em certa zona de contágio e frequência entre si, borrando limites, produzindo campos ampliados em suas práticas*. No capítulo *Paradoxos entre Arte e Política*, do livro *O Espectador Emancipado* (RANCIÈRE, 2012) o autor coloca que “a vontade de repolitizar a arte manifesta-se assim em estratégias e práticas muito diversas” (p. 52), variadas não apenas em termos de meios para atingir um determinado objetivo, “reflete uma incerteza mais fundamental sobre o fim em vista e sobre a própria configuração do terreno, sobre o que é política e sobre o que é arte” (p. 52).

Nessa pesquisa repleta de incertezas (e o que pode ser pior, certezas impensadas) tento lançar luzes para momentos de crises – pessoais, sociais e institucionais (em termos de governos e das artes)

²²⁷ Arte e Política no Contemporâneo: o Comum e o Coletivo... Jorge Vasconcellos. Poiésis. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense – n.1 (2000). – Niterói: PPGCA, 2012. 21 cm; II; OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; VASCONCELLOS, Jorge (Editores). Poiésis n. 20, v1, Niterói Universidade Federal Fluminense; Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes; Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação; Instituto de Arte e Comunicação Social. Dezembro de 2012, 172p. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/25579> Acesso em 23 de agosto de 2022.

– evidentemente não acredito que apresentarei soluções ou comentários definitivos, mas antes buscarei apontar situações, encadear eventos, apresentar figuras e efetivamente tentar representar nos meus trabalhos de arte alguns desses acontecimentos e condições que marcaram esse momento transicional específico, tendo o período pós-golpe de 2016 como irradiador de questões entre arte e política.

Ao apresentar a crise (no sentido de colocar em questão – definição ligada a raiz da crítica) de um tipo de arte que é afetada pelo real com suas crises institucionais, sociais, culturais e éticas, me vejo também afetado, por estar no lugar do artista que tem de lidar com os sentimentos de impotências, de fazeres em vão, de ações invisibilizadas, destinadas à desapareição em um todo estrutural colossal e opressor. Talvez eu esteja preso ao paradigma que Rancière denomina de *modelo de eficácia*, onde ele sustenta que:

(...) essas práticas divergentes têm em um ponto em comum: geralmente consideram ponto pacífico certo modelo de eficácia: a arte é considerada política porque mostra estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes (...) Ao cabo de um bom século [o século XX] de suposta crítica à tradição mimética, é forçoso constatar que essa tradição continua dominante até nas formas que se querem artísticas e politicamente subversivas. Supõe-se que a arte nos torna revoltados quando nos mostra coisas revoltantes, (...) que nos transforma em oponentes do sistema dominante ao se negar como elemento desse sistema. (RANCIÈRE, 2012, p. 52)

Um dos aspectos do *modelo de eficácia*, elencado por Rancière, seria um tipo de arte que supostamente é *considerada política*, pois busca ridicularizar os ícones reinantes, por exemplo, na fotomontagem de John Heartfield, “O significado por trás da saudação de Hitler: O pequeno homem pede grandes doações. Lema: Milhões estão atrás de mim!” onde a imagem fotográfica de um apequenado Hitler recebe dinheiro que hoje se sabe oriundo de setores da burguesia industrial e bancária da Alemanha. A imagem de pequenez também aparece na obra *Ele* (fig. 92 e 93) do artista contemporâneo Maurizio Cattelan²²⁸ (1960, Pádua, Itália). Eu também recorri a essa solução, assim como muitos chargistas políticos no Brasil ao se referirem a personagens que apesar de serem capazes de causar grandes males à nação - entre eles Michel Temer - *Mascote do Mercado* (fig. 94), Sergio Moro - *sMallmoro* (fig. 182) e o ocupante do Palácio do Planalto J. M. B. - são entendidos como pessoas diminutas em termos éticos e morais.

²²⁸ Trago a referência de Cattelan, mas desaprovo terminantemente o caráter especista de muitas de suas peças que usam corpos de animais não humanos, assim como fazem outros famosos artistas do *mainstream* global, tais como Damien Hirst (1965, Bristol, Reino Unido) e Wim Delvoye (1965, Wervik, Bélgica).



Fig. 92 Maurizio Cattelan
Him (Ele)
 cera, cabelo humano, terno, resina de poliéster
 101 x 41 x 53 cm
 edição de 3
 escultura sendo identificada por visitante da exposição



Fig. 93 Maurizio Cattelan
Him (Ele)
 cera, cabelo humano, terno, resina de poliéster
 101 x 41 x 53 cm
 edição de 3

Ainda da passagem de Rancière acima, não acredito que eu tenha a condição de ser considerado um *oponente do sistema dominante*, *oponente* me parece uma atribuição muito relevante, aponto Hans Haacke ou Minerva Cuevas (1975, Cidade do México) como oponentes à altura. Mas em um grau diametralmente menor, sim, coloco idealmente alguns de meus trabalhos como críticos ao *sistema dominante*, que adjetivo, com o risco de ser redundante e impreciso de ultraliberalismo colonialista imperial. Pois esta pesquisa me permitiu um despertar (tardio e ainda precário) de consciência sobre o sistema capitalista. Por enquanto e com o reduzido domínio conceitual – dentro da noção de que quanto mais sei, mais sei que nada sei -, tenho a impressão de que estou restrito ao *sistema capitalista dominante*, e com isso estou subordinado à esse sistema, não estou fora dele.

A partir do que nos adverte Rancière sobre a persistência do mimetismo na contemporaneidade, sei que minhas práticas têm sua base no conhecimento mimético, e por falta de outro horizonte ou não, ainda sou desafiado pelo estudo e busca mais elaborada de questões ligadas ao mimetismo, assim como também constato *que essa tradição continua dominante até nas formas que se querem artísticas e politicamente subversivos*. Atualmente não considero a possibilidade ou tenho o desejo de escapar, ou superar o mimetismo – se é que entendi o ponto de Rancière.

Mas voltado para o aspecto da realidade política tomada pelo ideário neoliberal, talvez alguma arte (mimética ou não) seja uma forma não de suplantar esse ideário imperialista e colonialista, mas de procurar meios para continuar vivendo apesar disso e seguir buscando um mundo melhor apesar da suposta impossibilidade de mudança deste sistema. Mas é bom lembrar que o feudalismo teve seu fim, ou melhor, sua transformação. Então, não sei. O que acredito saber é que estou vivendo entre crises cruzadas, a pessoal e a social. Fico atento criticamente à minhas práticas e escolhas e, atualmente não vejo caminhos ou saídas a não serem as saídas do estudo e do fazer artístico. Do trabalho e do estudo continuado. Sendo o trabalho talvez um pé fincado no terreno “seguro” do autoconforto (terapêutico) do fazer manual, da satisfação com buscar a representação bem construída. E o estudo como o aprimoramento e busca por estímulos/impulsos com vistas à qualificação e continuidade que possibilite diferenças no trabalho. Provavelmente essa continuidade do trabalho venha de minha origem e formação como um sujeito oriundo da classe trabalhadora (e não da intelectualidade ou burguesia). Mas que tem no trabalho um valor, segundo o jargão popular distintivo da “pessoa trabalhadora”. Isso é bom? Isso é o que é? Isso seria ruim? Seria a programação capitalista em curso que aprisiona o trabalhador à sua casta, pois para os capitalistas é central que se tenha à disposição uma massa de trabalhadores a ser explorada, sejam eles escravos, precarizados, “empreendedores” ou igualmente sujeitos sem direitos trabalhistas, mas denominados de “profissionais liberais” (sujeitos com algum grau de instrução e um punhado de poses feitas em série que simulam o luxo dos milionários e por isso se imaginam capitalistas)? O que acredito é que aí existem problemas, contradições, questões a pensar, observar, estudar e elaborar.

Sobre a palavra crise Rubens R. R. Casara, professor, juiz de direito do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e doutor em Direito, nos oferece um contribuição a partir de seu campo de estudos e atuação:

Em sua origem, a palavra “crise” (do grego *Krísis*) era um termo médico que retravava o momento decisivo em que o doente, em razão da evolução da enfermidade, melhorava ou morria. Há na crise tanto eros como tânatos, pulsão de vida e pulsão de morte (...). A crise se apresenta como uma situação difícil que pode modificar, extinguir ou mesmo regenerar um processo histórico, físico, espiritual ou político. Ou seja, é uma excepcionalidade que repercute no desenvolvimento ou na continuidade de algo. Trata-se de uma situação que irrompe como resultado da condensação de contradições que podem, ou não, ser superadas. Ao se falar em crise, portanto, admite-se a possibilidade da sobrevivência do fenômeno ou da continuidade de um processo. (...) A crise não se refere a um mero instante disfuncional de um sistema coerente e harmônico, isso porque no mundo-da-vida não se pode ignorar o constante movimento e as rupturas inerentes às contradições ou mesmo à luta de classes, ainda que disfarçada, em razão

das estratégias de homogeneização típicas da razão neoliberal, que levam à ideologia do fim da história e das classes. (...) A crise, portanto, é algo mais grave, com potencial de destruição dos processos e do sistema de reprodução social.²²⁹

Associo a pulsão de morte referida por Casara ao grupo heterogêneo de forças retrogradadas que se impõe sobre o país (desde o início de sua exploração em 1500, mas em especial como objeto deste estudo os agentes envolvidos no golpe de 2016), aos que lucram com as injustiças, aos promotores e beneficiados pelas crises sociais, aos responsáveis pelo atual regime tanatocrático²³⁰. E a que modelo de sistema esse grupo está ligado? Casara nos informa:

²²⁹ CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Civilização Brasileira, 2018. P. 9-11.

²³⁰ “Início falando de grupos crescentes de agentes públicos que, desde a ditadura empresarial-militar de 1964, há 57 anos, a partir do laboratório social dos grupos de extermínio, formaram núcleos de poder, com interações multifacetárias e multivetoriais, nos campos culturais, sociais, econômicos e políticos. Servidores públicos, treinados diariamente, pagos pelos nossos impostos, especialistas em provocar danos à vida alheia, com domínio territorial, financiados pelos donos do capital, inscritos em trajetórias eleitorais vitoriosas. Em cada unidade da federação, montaram seus projetos: jagunços matando indígenas, quilombolas, posseiros, ribeirinhos que se interpunham entre coronéis, latifundiários, donos do agronegócio, mineradoras, hidrelétricas, grandes projetos estatais, empresas legais/ilegais de desmatamento e os seus ganhos obtidos na extração direta de produtos no seio da natureza. Grupos de extermínio que nas favelas, periferias, grotões, áreas onde não se deve ir, palafitas, mangues, cortiços, cabeças de porco dividem os negócios lícitos/ilícitos da venda de droga, de armas, roubo de carga, roubo de carros, roubo em geral, sequestro, golpes, estelionatos e uma lista crescente de velhos e novos ilegalismos com populações nuas, entregues à própria sorte, mortas diariamente e fornecedoras de imagens e narrativas do bandido bom é bandido morto, que retroalimentam num looping infinito, em rádios, jornais, televisões e redes sociais o totalitarismo que faz da vítima o réu, na profecia autocumprida do morto porque devia, do herói que limpa a sociedade, do justiceiro paladino que nos defende, do algoz transmutado em personalidade política. Com a eleição de Bolsonaro em 2018 e a pandemia do novo coronavírus, em 2020, no entanto, fomos projetados, num quadro mais amplo e profundo, da tanatocracia, isto é, governo da morte. Michel Foucault consagrou-se nos conceitos de genealogia, tecnologia, disciplina, dispositivo e governamentalidade elaborando uma teoria do poder que controla corpos vivos, numa biopolítica esmiuçada em sua obra. Achile Mbembe avança no outro lado dessa biopolítica, analisando a face oculta da necropolítica, ou seja, o deixar viver e o matar como gerenciamento de mortes, notadamente, com relação aos corpos negros. O bolsonarismo, na sua configuração política, com o aval da juristocracia, sustentação militar e condução cultural vitoriosa pelo hackeamento das redes sociais via fake news transformou o Brasil no maior e mais profundo laboratório não do controle de corpos vivos, ou de gerenciamento das mortes, mas de administração da morte em si mesma como objetivo. A morte ganha, assim, a potencialidade necessária no estabelecimento do poder. Vivemos a ultrapassagem decisiva da vida, na direção da morte, sustentada pela vida mesmo, como leitmotiv. A morte em si como finalidade, como algo almejado, desejado, justificado, planejado, aceito, reconhecido, inimputável, irresponsabilizado, deusificada, suportada, cultuada, ovacionada, orada. Não podemos atribuir ao bolsonarismo a exclusiva autoria quanto à tanatocracia vigente. Ela é fruto de um acúmulo histórico introduzido pelas mãos do colonizador e preservada pelos seus sucessores autóctones, em passagens recorrentes de massacres, extermínios indígenas e negros, dizimação de revoltosos, golpes ditatoriais e sustentação militar de tiranias que povoam o tempo decorrido da nação. Mas a lide bolsonarista permitiu uma superação determinante, na emersão de uma nova escala, que afeta todo o futuro, não só do país como do mundo. A combinação dos interesses em jogo, no projeto bolsonarista, com militares, judiciário, policiais, milicianos, extrema direita, parlamentares fisiológicos, empresariado, capital financeiro, economia neoliberal, movimentos fundamentalistas conservadores católicos e evangélicos, hegemonia cultural em rede sociais e conquista por fake news permitiram alcançar um patamar revolucionário no emprego da morte como plataforma de ação, criando este paredão existencial inelutável, definitivo.

Uma crise permanente, que se apresenta como funcional, útil para a geração de lucros a partir da produção de novos serviços e mercadorias, bem como à repressão necessária à manutenção do projeto político e econômico imposto em determinado Estado, não é mais uma negatividade, um desvio, e sim uma positividade cara ao modelo neoliberal. Pode-se, então, pensar a utilização do termo “crise” como um recurso retórico, como um elemento discursivo capaz de esconder as características estruturantes do atual modelo de Estado. (CASARA, 2008, p. 12)

Ou seja, a crise permanente é uma condição estrutural para a manutenção do sistema capitalista no modelo neoliberal, onde a maioria da população é submetida à crise continuada, para que se mantenha a tranquilidade e o ganho de poucos. “A crise (...) é uma constante do sistema do capitalismo, que necessita transformar as condições de sua existência em meio ao desequilíbrio estrutural que lhe é inerente” (CASARA, 2018, p. 15).

Esse escrito trata de um artista em crise, de um país em crise, de um mundo constantemente imerso em crises, muitas delas se não a maioria, fabricadas, planejadas por forças que se travestem de heróis salvadores do bem, eleitos por desígnios divinos, escolhidos para dominar a terra, e tudo será feito para esse fim, até mesmo por fim à humanidade em uma hecatombe nuclear, ou biológica, pois se a terra não será controlada pelos (autodesignados) “escolhidos do bem” não poderá ser deixada, mas mãos dos “inimigos do mal”. Essa questão macabra é replicada em uma escada doméstica nos crimes hediondos onde, no Brasil, “homens de bem”, “de família”, que tem “armas para proteção da família”, “religiosos” e “pela ordem”, assassinam²³¹ suas filhas, filhos, esposas, ex-esposas, namoradas e amantes (e quem mais estiver relacionado ou no caminho)²³² “por amor”, e por que não poderiam “viver sem elas”.

Tanatocracia bolsonarista: a produção da morte como projeto de poder. José Cláudio Souza Alves. Contrapoder, 14 de abril de 2021. Disponível em: <https://contrapoder.net/colunas/tanatocracia-bolsonarista-a-producao-da-morte-como-projeto-de-poder/> Acesso em 13 de julho de 2022. José Cláudio Souza Alves professor e doutro em sociologia.

A tanatocracia de Bolsonaro cumpre suas promessas. Cláudio Couto. Fora da política não há salvação, Carta Capital, 15 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/fora-da-politica/a-tanatocracia-de-bolsonaro-cumpre-suas-promessas/> Acesso em 13 de julho de 2022. Cláudio Couto cientista político.

²³¹ *Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio - Anuário Brasileiro de Segurança Pública foi publicado hoje (28).* Beatriz Albuquerque - Repórter da Rádio Nacional – Brasília, 28 de junho de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio> Acesso em 20 de julho de 2022.

²³² *Chacina: Policial bolsonarista mata mãe, irmão, esposa e três filhos a tiros no Paraná - Apoiador de Jair Bolsonaro nas redes, PM iniciou a chacina após deixar o batalhão de Toledo, no interior do Paraná. Além dos parentes, Fabiano Garcia matou outras duas pessoas a tiros na rua da cidade.* Plínio Teodoro. Fórum, 15 de julho de 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/7/15/chacina-policial-bolsonarista-mata-me-irmo-esposa-trs-filhos-tiros-no-parana-120241.html> Acesso em 20 de julho de 2022.

Ainda com a ajuda de CASARA, ele infere o caráter fantasmático da palavra crise, penso em monstruoso ou talvez zumbi, visto que ligado à uma existência *post mortem*:

“Crise” tornou-se uma palavra-fantasma, que evoca o que está morto e paralisa os que vivem. De fato, “crise” deixou de retratar um momento de indefinição, provisório, emergencial ou extraordinário. Trata-se de um termo que passou a ser usado para ocultar uma opção política por manobras e ações justificadas pela falsa urgência ou pelo falso caráter extraordinário do momento. (CASARA, 2018, p. 13)

Impossível não pensar na frase de Darcy Ribeiro - *A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto*. Onde penso que se pode ainda inferir que *A crise no Brasil é projeto (em curso)*. E projeto de quem? Projeto dos donos do capital (donos da moeda e do crédito), pois o Estado brasileiro é controlado pelos capitalistas, desde pelo menos o fim da escravatura, na época os *donos do capital latifundiário, os grandes fazendeiros, tomaram para si o Estado como indenização – que o império não aceitou pagar os escravagistas pelo fim da escravidão* - essa tomada direta perpassa a história do Brasil. O professor de economia da UNICAMP Guilherme Mello expõe:

Toda a vez que um governo popular tenta – eu não digo retirar o controle da burguesia, mas – compartilhar o controle dos aparatos do Estado com a classe trabalhadora a reação burguesa é bastante dura, usualmente acabando em golpe, em homicídios, em suicídios e em formas de controle do aparato de Estado, muitas vezes por dentro do aparato de Estado, que a gente tem que lembrar que boa parte do aparato do Estado brasileiro é composto por pessoas das classes médias altas, das classes mais ricas brasileiras que compartilham a visão da burguesia (...) brasileira (...) então o Estado brasileiro é pouco – vamos usar um termo até um pouco ingênuo – republicano, ele é um estado dominado por interesses de classe, por interesses de setores, frações da burguesia que tomam o Estado e, ele tem poucas anteparas à influência desses grupos econômicos e esses grupos políticos que usam o Estado em seu benefício.²³³

Crises fabricadas por grupos de poder econômico que possuem suas figuras públicas que buscarão realizar na máxima potência o maior número possível de projetos de drenagem de bens e recursos públicos para fins privados. Em algumas situações, e o golpe de 2016 é uma delas, havia pouco tempo - já que Aécio Neves não conseguiu ganhar as eleições apesar de todo conglomerado de propaganda da mídia burguesa - para se realizar muitas ações com vistas à maior concentração de

²³³ Guilherme Mello: *Lula Romperá com Neoliberalismo?* Opera Mundi, Programa 20 Minutos Entrevista, 21 de julho de 2022, (1:26:56). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d72ZVXd_xpg&t=1608s Acesso em 21 de julho de 2022. “Professor de economia da UNICAMP Guilherme Mello convidado de Breno Altman para o 20 Minutos Entrevista desta quinta-feira (21/07), no qual debaterá as possibilidades de Lula romper com o neoliberalismo em uma possível volta à Presidência em 2023.” (22:30 – 25:00)

renda e precarização do projeto de bem-estar social e redistribuição de renda implementados pelos governos do Partido dos Trabalhadores. Com esse processo acelerado de desmonte algumas figuras subservientes às elites locais (colônia) e imperialistas (metrópoles ocidentais) acabam por condensar ações terríveis contra a população e com isso são associadas a monstros (geralmente pelas mãos de perspicazes artistas gráficos, e o Brasil é fecundo em excelentes e corajosos chargistas) como foi o caso de Michel Temer e José Serra²³⁴ associados à figura mítica do vampiro, ou seja, a figura do homem branco, do senhor que detém o poder financeiro local e que vive próximo, mas apartado da sociedade, no alto de seu castelo. Esse monstro aterroriza e tira o sangue das pessoas no entorno do castelo, se alimenta do fluído vital da população local. Essas figuras políticas são então associadas, e acredito com um grau simbólico plausível, a figuras perversas, cínicas e inescrupulosas que não terão pudores ou restrições em simbólica e literalmente tirar o sangue (roubar, exaurir) dos setores mais desamparados da sociedade em proveito dos mais abastados – apesar de não citar a figura do vampiro e associar mais aos veios dos metais preciosos, Galeano titula - talvez a sua obra mais relevante - de *As Veias Abertas da América Latina*.

Esse ataque predatório aos bens do Estado (o pré-sal em especial, mas não apenas) partiu de um *falso caráter extraordinário* de impeachment que seguiu, segundo eles, os ritos institucionais, então por isso “válido”, mas sem considerar o principal que foi o absurdo motivo. Com o objetivo de *ocultar uma opção política* (golpe de 2015-16 da direita para retirar o governo de esquerda eleito pelo voto popular) levada a cabo por uma série de *manobras e ações* (com a grande mídia hegemônica comercial, com os governos dos EUA, coma C.I.A., “com o Supremo, com tudo”) *justificadas pela falsa urgência ou pelo do momento* – “falta de apoio popular” induzido pela grande mídia de direita através de anos a fio de incitação ao ódio ao PT, ao Lula, ao “perigo” comunista, à “Dilma ex-guerrilheira”, etc.

O pequeno desenho que fiz em 2017, *Mascote do Mercado* (fig. 94), representa o golpista e traidor Michel Temer (filiado ao antigo PMDB desde 1981, atual MDB -Movimento Democrático

²³⁴ Em 2011, WikiLeaks já revelava os planos de Serra de entregar o Pré-sal. Fórum. 25 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2016/2/25/em-2011-wikileaks-ja-revelava-os-planos-de-serra-de-entregar-pre-sal-15134.html> Acesso em 21 de julho de 2022.

“Relembre o texto da rede de Julian Assange que revela telegramas do consulado norte-americano no Brasil falando sobre como petroleiras estrangeiras estavam preocupadas com a lei de partilha do pré-sal, que dava à Petrobras a condição de operadora única da reserva, e como contavam com políticos e grupos empresariais brasileiros para reverter a situação, como José Serra (PSDB) e a Fiesp”.

Nos bastidores, o lobby pelo pré-sal. WikiLeaks. 13 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://wikileaks.org/Nos-bastidores-o-lobby-pelo-pre.html> Acesso em 21 de julho de 2022.

Brasileiro) como um vampiro solitário em vôo. Surgiu de um desenho rápido, feito a partir da charge política de Thomas Nast de 1885 (fig. 95), mas a associação à figura de Temer ao vampiro não veio de fora, foi popularizada nacionalmente por uma série de memes e charges, culminando em 2018 no Carnaval do Rio de Janeiro com o destaque do carro alegórico do enredo *Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?* da escola de samba Paraíso do Tuiuti, como o “vampiro neoliberalista”, referência direta à Michel Temer.

Para o Brasil, infelizmente, Michel Temer não seguiu a carreira de pianista, assim como Hitler não seguiu a de pintor e os brasileiros tiveram que aturar esse sujeito e seus muitos associados com sua nefasta *ponte* para o abismo ultraliberal entre 31 de agosto de 2016 e 1º de janeiro de 2019. Em 12 de maio de 2016, Temer foi empossado interinamente na presidência da República e “no mesmo dia, empossou seu ministério, que era composto por membros do PMDB, PP, PSDB, PSD, DEM, PRB, PPS, PV, PSB, PTB e PR”²³⁵.

²³⁵ Michel Temer. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_Temer Acesso em 20 de julho de 2022.

197



Fig. 95 Thomas Nast, *O Vampiro Político*, 1885

“Legenda: O vampiro político, Fonte / Data: Harper's Weekly, 4 de abril de 1885, Criador: Thomas Nast, Observações: Um passe livre significava que você estava ‘sem saída’. Daí a associação com a morte. Os vampiros políticos com passes livres provavelmente faziam o negócio das ferrovias, sugando o sangue do público.”

Foi um período de enormes transferências de recursos públicos para setores privados com retrocessos terríveis de direitos sociais e trabalhistas. Um governo roubado para a entrega das encomendas do poder econômico local e principalmente do império colonialista dos EUA que Temer já tinha contato desde pelo menos 2006 conforme documentos do WikiLeaks²³⁸, onde Temer atuava como traidor da pátria *como informante da embaixada dos Estados Unidos, quando era deputado*

²³⁸ Idem.

“Em 13 de maio de 2016, o site WikiLeaks, que revela documentos e informações confidenciais de governos e empresas, publicou em seu twitter que Michel Temer, então presidente interino do Brasil, havia atuado em 2006 como informante da embaixada dos Estados Unidos, quando era deputado federal. A revelação foi feita um dia depois de Temer ter assumido interinamente a presidência, depois da abertura do processo de impeachment contra Dilma Rousseff. Antes de assumir a presidência, Temer havia descartado a realização de novas eleições, como queriam 70% dos brasileiros, segundo as pesquisas, e buscou apoio para formar um governo de centro-direita. O WikiLeaks publicou telegramas de Christopher McMullen, então cônsul-geral dos Estados Unidos no Brasil, relatando ao governo norte-americano conversas que havia travado com o deputado Temer.”

federal, mas isso lhe cobrou um preço simbólico – logo quando ocupa a cadeira presidencial “O número de ministérios caiu de 32 para 23, nos quais não havia nenhuma mulher e nenhum afro-brasileiro; era a primeira vez desde o governo Ernesto Geisel que um ministério não contava com participação feminina.”²³⁹ Com isso Temer foi um presidente (não eleito e nunca o seria, por isso a necessidade do golpe) não apenas rejeitado no Brasil, mas no mundo:

Temer bateu recorde histórico de rejeição em 2017, e, já em 2018, no ano final do seu governo, uma pesquisa Datafolha mostrou a mais alta taxa de reprovação da história do instituto, que faz apurações desde a redemocratização do país, em 1985: 82% de rejeição, tornando Temer o presidente mais rejeitado da história do Brasil. Outro levantamento, desta vez internacional, mostrou, em agosto de 2017, que, com cerca de 3% de aprovação, Temer era o presidente mais rejeitado do mundo.²⁴⁰

Além do desprezo de grande parte da população Temer também teve de enfrentar acusações de diversas naturezas e foi alvo de membros da ainda atuante Operação Lava Jato, com isso experimentou um pouco do veneno golpista, mas como o golpe foi “com o supremo, com tudo” e como fiel laçao do poder imperial e da colônia ele acabou saindo livre, e ainda participou em alguns momentos do golpista posterior J. M. B.:

Temer deixou o governo com três denúncias criminais. Foi denunciado duas vezes pela Procuradoria-Geral da República, sob Rodrigo Janot, ambas interrompidas pela Câmara dos Deputados, em 2017. O caso mais conhecido se refere à delação premiada de Joesley Batista, executivo do frigorífico JBS, tendo como consequência as denúncias da PGR. Segundo as investigações, Temer teria cometido pelo menos dois crimes: recebimento de propina, por meio de Rocha Loures, sendo denunciado por corrupção passiva, e a pretensão de barrar as investigações da Operação Lava Jato por meio de uma suposta compra de silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha, sendo denunciado por obstrução de justiça. O partido do presidente também tomou parte nas denúncias de Rodrigo Janot, sob a alegação da incorrência de seus dirigentes, no Senado e na Câmara dos Deputados, em vários crimes de corrupção a partir de 2006, envolvendo diversos órgãos e empresas públicas. Segundo Janot, um grupo conhecido como “quadrilhão do PMDB”, integrado por membros proeminentes do partido, teria recebido pelo menos 587 milhões de reais em propinas. As acusações contra Temer nesse caso foram de organização criminosa.

Outra acusação foi sobre um suposto envolvimento de Temer com irregularidades no Porto de Santos, que resultou na abertura da Operação Skala, já sob a nova procuradora-geral da República, Raquel Dodge, e na quebra do sigilo bancário do Presidente. Nos termos do processo, o Presidente teria recebido propinas de empresas do setor portuário, compensando-as com um decreto que autorizou a renovação das suas concessões por até setenta anos, e utilizado uma reforma de imóvel como modo de lavagem de dinheiro. A Polícia Federal concluiu, em 16 de outubro de 2018, as investigações do inquérito dos portos e pediu indiciamento e o bloqueio de bens do presidente. Além de Temer, sua filha Maristela Temer e o ex-assessor presidencial Rocha Loures também foram indiciados.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

Os inquéritos e investigações foram retomados após a saída de Michel Temer da Presidência da República, e as sentenças foram pela absolvição das três denúncias apresentadas pela PGR.

Além dessas pendências jurídicas, o ministro Edson Fachin, relator da Operação Lava Jato no STF, incluiu Temer na investigação de um esquema de obtenção de propinas para o financiamento das campanhas eleitorais do PMDB em 2014, no valor de catorze milhões de reais. Essa vertente consta da Lava Jato e se refere à empreiteira Odebrecht, que teria pagado propinas aos ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco em troca de favores políticos. Em 5 de setembro de 2018, a Polícia Federal concluiu esse inquérito com o indiciamento de Michel Temer nos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Em 21 de março de 2019, já após sair da Presidência, Temer foi preso em cumprimento de mandado expedido pelo juiz Marcelo Bretas, da 7.^a Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro, responsável pela Operação Lava Jato no estado, tornando-se, assim, o segundo ex-presidente da República a ser preso pela suposta prática de crime comum. Alvo de críticas por juristas, a prisão foi revogada em 25 de março pelo Tribunal Regional Federal da 2.^a Região pois, de acordo com o desembargador responsável pela decisão, o motivo principal alegado por Bretas para prender o ex-presidente "simplesmente não existe." A Primeira Turma do TRF-2 deu nova ordem de prisão a Temer em 9 de maio, sendo solto 6 dias depois pela Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça.²⁴¹

Considero um dos resumos desse período a fala do jornalista Leonardo Attuch, por isso transcrevo abaixo um extrato do programa Bom dia 247 veiculado em 21 de janeiro de 2022 no canal do Youtube da TV247. As análises, programas e entrevistas da TV247, entre outros canais de jornalismo independentes e progressistas foram e têm sido basilares (juntamente com as leituras de livros e artigos) para a orientação do presente escrito, assim como contribuem para a reflexão crítica de muitos brasileiros que buscam se informar foram da bolha hegemônica de propaganda narrativa da direita (televisão, rádio, jornais, revistas, sites, blogs, podcasts, etc). Leonardo Attuch fala da diferença entre os golpes de 1964 e 2016, ao comentar sobre a série de entrevistas que foram feitas pela TV 247 com a Ex-Presidenta Dilma Rousseff:

Leonardo Attuch – "(...) eu acho que o golpe de 2016, de certa maneira, foi pior do que o de 64. E vou dizer o porquê, isso pode ser uma coisa polêmica, mas o golpe de 64, ele tinha um projeto de desenvolvimento econômico, era um desenvolvimento concentrador de renda, era um desenvolvimento excludente.

Então você tinha um projeto de desenvolvimento com inclusão social no Brasil que vinha do Getulismo, do Juscelino, do João Goulart, das reformas de base, etc. Para conter o projeto de desenvolvimento com inclusão social os militares promoveram um golpe de Estado com apoio internacional, todo mundo sabe, com participação dos Estados Unidos, participação do Reino Unido, mas o que se implantou aqui foi um projeto de desenvolvimento com exclusão social, com arrocho salarial, com tudo aquilo.

O problema do golpe de 2016, é que o golpe de 2016 é um projeto de subdesenvolvimento, é um projeto para cortar todos os instrumentos que o Brasil tinha para o seu desenvolvimento e reconverter o Brasil numa economia agrária exportadora, então o que Michel Temer, Bolsonaro

²⁴¹ Idem.

e todos os golpistas, Fernando Henrique (Cardoso) fizeram foi jogar o Brasil para uma etapa anterior a da industrialização, o Brasil está voltando a ser uma economia agrícola, e sem desmerecer o agronegócio é muito pouco para um país como o Brasil. Então, nesse aspecto o golpe de 2016 ele foi mais “suave”, evidente que ele não tem as mortes, as prisões políticas, embora o Lula tenha sido um preso, ele (o golpe) não tem as torturas embora você tenha muitas pessoas morrendo de fome e não tendo como se alimentar, ele é um projeto de destruição econômica; o golpe de 64 teve um aspecto de construção econômica com concentração de renda.

E o Brasil não vai retomar o seu desenvolvimento se ele não for capaz de..., acho que reparar as injustiças contra a Dilma é muito difícil, mas pelo menos reconhecer a verdade, porque a imprensa brasileira ela é muito negacionista, a imprensa, a Folha, o Estado, o Globo, todos esses veículos que apoiaram o golpe de Estado, eles negam o golpe e negam a destruição econômica do projeto golpista, então são os grandes propagadores de *fake news* e os grandes negacionistas (...). ”

Leonardo Attuch – “Ele (o golpe de 2016) é isso e um pouco mais, você pega o gasoduto da Petrobrás aí você transfere para um grupo privado, aí você pega uma refinaria, você transfere, você pega a saúde dos brasileiros e transfere para meia dúzia de famílias, você pega a previdência e transfere para o sistema financeiro, de fato é uma transferência patrimonial. Mas ele é um projeto de subdesenvolvimento porque como ele tem o foco na questão da Petrobrás, que é mudar a política de preços da Petrobrás, onerar a sociedade brasileira, favorecer o capital internacional; a Petrobrás sendo destruída deixa de ser um motor da industrialização no Brasil. Então, a *ponte para o futuro* (programa de transferência do patrimônio público de precarização da saúde e das leis trabalhistas, promovida no período Michel Temer) ela é uma ponte, na verdade, para a República Velha (1889-1930), para 1920, 1930, o Brasil do café, o Brasil das *commodities*. Então, eles têm um projeto, o projeto de transformar o Brasil em um país irrelevante, e um projeto bem sucedido, por que bem sucedido, porque o Brasil era (nos governos Lula, 2003 - 2011 e Dilma, 1º de janeiro de 2011 - 31 de agosto de 2016) a sexta maior economia do mundo, o Brasil caminhava para ser a quarta economia do mundo, o Brasil hoje (2022) é a décima terceira economia do mundo. Então o que Fernando Henrique Cardoso, Michel Temer e Jair Bolsonaro fizeram, foi um projeto desenhado que tinha meta, objetivo, que era destruir a economia brasileira e conseguiram, o Brasil hoje tem uma economia menor do que a Austrália, as pessoas não tem noção do que isso representa, a Austrália é (um país pequeno), tem território, tem população grande, mas tem um território aproveitável muito pequeno”.²⁴²

E com tudo isso exposto, porque a população não se insurgiu? Não se revoltou, pois essas informações não estavam sendo colocadas para o grande público nos telejornais nacionais ou em manchetes de jornais, revistas ou portais da internet. A narrativa propagandeada pela grande mídia corporativa era e é outra. Os jornalistas Leonardo Attuch e Joaquim de Carvalho²⁴³ resumem o ataque direto sobre a mídia digital independente:

Joaquim de Carvalho- “Em 2016, uma das primeiras medidas do governo Temer foi cancelar os contratos legítimos de publicidade com os veículos da mídia independente, e também destruiu

²⁴² Bom dia 247, Elza Soares, *Lula e a luta contra a opressão*. Com Leonardo Attuch e Mauro Lopes (21.01.22), TV247.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SPUVy59A3lg> Acesso em 21 de janeiro de 2022. (min. 11:40-

²⁴³ Joaquim de Carvalho (1964) Colunista do 247, foi subeditor de Veja e repórter do Jornal Nacional, entre outros veículos. Ganhou os prêmios Esso (equipe, 1992), Vladimir Herzog e Jornalismo Social (revista Imprensa).

a tv pública que tinha sido criada pela Tereza Cruvinel²⁴⁴, com todo aquele princípio da independência de uma tv pública e não de uma tv governista. E o que acontece? Eles esperavam, (...) eles esperavam o seguinte, fecha a mídia independente, prende o Lula, silencia o Lula, porque o Lula não foi só preso ele foi silenciado, essa imprensa ideológica escondeu o Lula, ‘matou’ o Lula naquele período, e o Lula continuou forte e crescendo.”

Leonardo Attuch – “Olha que interessante Joaquim, isso foi um dia depois do golpe, o golpe de Estado foi em 12 de maio de 2016, a saída temporária da Dilma, né? O Temer assumiu dia 13 e no dia 14 ele já estava anunciando que faria isso. E eu recebi um monte de cartas, (dizendo) ‘agora vocês vão fechar’, e curiosamente (...) não são *blogs pró-PT*²⁴⁵ e não são nem blogs, na verdade são veículos de comunicação, que quando as pessoas falam blog, as pessoas acham que é o cara fazendo, tipo assim, está ali na varanda da casa escrevendo um blog de casa, não, é uma equipe, são mais de quarenta pessoas que trabalham aqui (se referindo ao 247), e são os melhores jornalistas do Brasil, e não é pró-PT, é pró-Brasil, e o Temer na verdade é um traidor do Brasil, não é (somente) um traidor da Dilma, ele traiu a Dilma para servir a ‘ponte para o futuro’ que é um projeto de recolonização do Brasil, então como ele trabalhou contra o Brasil, ele atacou os veículos de comunicação que defendem os interesses nacionais e passou a servir ao mercado (financeiro) que está ali associado ao capital financeiro internacional etc e tal, a Folha (de São Paulo) comemorava esse tipo de decisão, a Folha fez campanha pelo nosso aniquilamento (...). O Temer quis o nosso fim, o Temer é o mais impopular dos políticos brasileiros.”²⁴⁶

Só sinto necessidade de complementar o ponto sobre a questão das torturas referida na fala de Attuch, pois elas acontecem cotidianamente nas periferias e rincões do país, sejam torturas físicas,

²⁴⁴ Tereza Cruvinel (1956, Minas Gerais) Colunista/comentarista do Brasil247, fundadora e ex-presidente da EBC/TV Brasil, ex-colunista de O Globo, JB, Correio Braziliense, RedeTV e outros veículos.

²⁴⁵ Título da matéria publica na Folha (empresa jornalística paulista alinhada com o golpe de 2016) em 29 de setembro de 2016. Na matéria foram citados os seguintes veículos de imprensa independente: “Os 13 sites pesquisados pela Folha são: Brasil 247, Carta Maior, Conversa Afiada, Diário do Centro do Mundo (DCM), Site Jornal GGN (Blog do Luís Nassif), Portal Fórum, Opera Mundi, Brasil Econômico, O Cafezinho, Portal Fórum, Sydney Rezende, Viomundo e Brasil de Fato.” Como os demais veículos da chamada “grande imprensa”, podemos observar no próprio texto – além do título - a escolha tendenciosa e simbólica, para reforçar a sua narrativa ao destacar treze sites, sendo que treze é o número do Partido dos Trabalhadores. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1817885-governo-temer-suspende-repasse-a-blogs-pro-pt.shtml>

Simbolismo que é repetido em outras instâncias de perseguição à Lula e ao Partido dos trabalhadores, por exemplo: “No dia 5 de abril de 2018, após rejeição do habeas corpus preventivo pelo Supremo Tribunal Federal, o juiz federal Sergio Moro decretou a prisão de Lula, condenado pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) a 12 anos e um mês de reclusão.” Doze mais um igual à treze, ou ainda entre muitos outros episódios, no título da matéria do Valor Econômico: Lula é condenado à quase 13 anos de prisão em caso de sítio de Atibaia” -

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/02/06/lula-e-condenado-a-quase-13-anos-de-prisao-em-caso-de-sitio-em-atibaia.ghml>

E nos caso citados o número treze não é escrito mas colocado o numeral, novamente para fixar no público a relação do 13, com o PT e com a narrativa de que o partido deve ser cassado, que também foi tentado na época do golpe. Conforme publicado pela Veja – “PT pode ser cassado pela Lava Jato. Isto, sim, é pacote anticorrupção. A melhor notícia do dia está no Globo: o PT pode ser cassado pela Operação Lava Jato. Mas é claro que não veio com esse título. O procurador (na época – e hoje – dezembro de 2021 - investigado por enriquecimento ilícito, e pela tentativa de receber dinheiro ilegalmente do governos dos EUA para a “Fundação Lava Jato”) Deltan Dallagnol afirmou nessa sexta-feira que deverá pedir a punição de partidos envolvidos com a corrupção em contratos de empreiteiras com a Petrobras.” <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/pt-pode-ser-cassado-pela-lava-jato-isto-sim-e-pacote-anticorrupcao/>

²⁴⁶ Bom dia 247, com Attuch e Joaquim de Carvalho (18.12.21), TV247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1gFHLISUCh8> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

sejam torturas psicológicas, seguidas de assassinatos e chacinas racializadas e classistas²⁴⁷. Além dos terríveis casos de tortura seguida de assassinatos que ocorreram após a comunicação de Attuch do início de 2022, como o caso dos assassinatos hediondos em junho de 2022 que tomaram proporções internacionais²⁴⁸ do indigenista Bruno Pereira e do repórter Dom Phillips, mas atrás desse caso brutal que teve muita visibilidade existe uma infinidade de casos que foram deixados para serem esquecidos como o *assassinato do indigenista Maxciel Pereira dos Santos, em setembro de 2019, que segue impune*.²⁴⁹

Então essas crises neo e ultraliberais provocadas com o objetivo de uma *recolonização* do país, são a justificativa para que medidas arbitrárias e impopulares possam ser tomadas com a aceitação da grande maioria da população (a partir, entre outros fatores, do trabalho calculado de alienação

²⁴⁷ *Operações policiais no Rio de Janeiro causam centenas de mortes, aponta pesquisa*. 16 de novembro de 2021.

Polícia promove chacina no Rio de Janeiro. 06 de maio de 2021.

O trabalho da Polícia Militar é garantir a paz de uma classe enquanto extermina a outra. 14 de setembro de 2020

“Foram 435 pessoas mortas pela Polícia Militar em serviço neste ano contra 358 do ano passado. Também cresceu o número de vítimas de policiais militares de folga. Em 2019, foram 56 e agora são 63.”

A Verdade – Um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo. Disponível em: <https://averdade.org.br/tag/policia-militar/> Acesso em 21 de julho de 2022.

²⁴⁸ “Os assassinatos repercutiram na imprensa mundial e, com isto, esta pauta se impôs à mídia empresarial brasileira. Conforme repercutiam internacionalmente as denúncias das organizações indígenas, de direitos humanos e intelectuais em defesa dos povos originários, a política do governo Bolsonaro para a Amazônia foi sendo revelada e exposta. Bruno Pereira, um indigenista servidor de carreira da Funai, se afastou do órgão após ser demitido e, portanto, punido por combater o garimpo ilegal. Seu cargo, relacionado à defesa dos povos isolados, foi ocupado por um religioso interessado em ‘evangelizar’ os indígenas e não os defender. A claudicância da Funai, das forças policiais e das forças armadas em realizar as buscas pelos então desaparecidos, somada às declarações dúbias do presidente Jair Bolsonaro, se entrelaçaram com as denúncias das organizações indígenas sobre a presença nada discreta e industrial do crime organizado no interior da terra indígena. Enganam-se os que acham que o Estado brasileiro é ausente da Amazônia. Ao contrário, o Estado brasileiro é presente e ativo. São bilhões de reais do orçamento público investidos em pessoal e equipamento militar e policial na região. O que ocorre é que o Estado está presente para proteger o crime organizado e o esbulho das riquezas amazônicas. O intrincado mecanismo de relações entre agentes da exploração e os agentes do Estado foi exposto a partir da repercussão deste crime violento e brutal. Explicações frágeis, conclusões precipitadas, pressa em afastar as hipóteses de existência de mandantes poderosos, se somaram ao barulhento silêncio das forças armadas, estacionadas na região com meios modernos e suficientes para exercer seu papel de defesa da soberania e dos direitos fundamentais das populações amazônicas. O cínico imobilismo do Estado para exercer a lei e combater o crime organizado contrasta com a conduta ativa do comando das forças armadas no questionamento às eleições presidenciais. Um desvio de função inaceitável para, ao menos, quem defende a Constituição Federal. Assim como o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, por tortura sob custódia do Estado em 25 de outubro de 1975, repercutiu mundo afora e aprofundou o isolamento político da ditadura militar de 64, os assassinatos de Bruno e Dom expuseram a dimensão anticivilizatória e reacionária do governo Bolsonaro. E podem ter sido a pá de cal para suas possibilidades de continuidade.”

O Estado não é ausente, ele está a serviço da destruição. Jorge Branco. Brasil de Fato, Rio Grande do Sul. 21 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/06/21/o-estado-nao-e-ausente-ele-esta-a-servico-da-destruicao> Acesso em 21 de julho de 2022.

²⁴⁹ *Tragédia Esquecida: Família de ex-servidor da Funai morto em 2019 investigou caso, mas segue sem respostas da PF* *Parentes criticam investigação e esperam elucidação após caso de Bruno Pereira e Dom Phillips*. Avener Prado e Ciro Barros Agência Pública. Brasil de Fato. 22 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/22/familia-de-ex-servidor-da-funai-morto-em-2019-investigou-caso-mas-segue-sem-respostas-da-pf> Acesso em 21 de julho de 2022.

propagado pela grande mídia, com vistas à extinção do pensamento crítico e principalmente de construção de consenso²⁵⁰). É fundamental que seja feita a retirada das ferramentas que possibilitariam um entendimento mais crítico da realidade (eliminando ou reduzindo a vontade ou meios de participação em organizações de grupo e educação), para com isso impedir que a grande massa tenha condições de desvendar as manobras traidoras das elites. Manobras estas que justamente prejudicam a maioria dos desavisados. Por isso é tão importante para as organizações capitalistas e os governos parasitados por elas que a população não tenha acesso à educação pública de qualidade, é assim que também se formam os exércitos de trabalhadores de reserva, que irão se sujeitar às mais vis condições de trabalho e salários de miséria.

Ao longo da história, as crises sempre foram utilizadas, quando não fabricadas, para permitir ações excepcionais, atitudes que não seriam admitidas em situações de normalidade. Não por acaso, os defensores de medidas que restringem direitos e os entusiastas dos golpes de Estado (para não ir muito longe, é possível pensar o Brasil de João Goulart e no Chile de Salvador Allende) sempre buscam justificação a partir da afirmação da existência de um quadro de crise. Nos atos voltados a minar a democracia italiana em 1948 – em que o governo dos Estados Unidos temia um resultado eleitoral desfavorável aos interesses das empresas norte-americanas -, ou no golpe contra o governo democraticamente eleito da Guatemala em 1954, a crise foi fabricada e útil aos interesses das grandes empresas estrangeiras. Percebe-se, pois, que o uso político das crises não é novo, que o digam os gestores da Doutrina do Choque, com especial destaque para Milton Friedman e os Chicago Boys, que “produziram” a crise do Chile, o que permitiu tanto a criação de um laboratório para o neoliberalismo quanto a repressão e o terror comandados por Augusto Pinochet. O que há de inédito, na atual quadra histórica, é que a crise é apresentada explicitamente como permanente e não esconde a positividade em relação aos interesses neoliberais. (CASARA, 2018, p. 13-14)

Mas retomando o desenho *Mascote do Mercado* de 2017, fruto da experiência da crise fabricada pela direita política e pela grande mídia à serviço da elite financeira do país, entendo que o meu trabalho de arte ainda é baseado na vontade do fazer manual, no contentamento com o trabalho artesanal, com as mãos e as ferramentas que o corpo pode operar, talvez na lógica ingênua e ainda moderna do artista como operário da arte. Mas tendo em complemento um aporte conceitual, onde o fazer manual e o conhecimento (noção teórica/crítica) possam utopicamente, como nos fala Hal Foster - no prefácio de seu livro de 2020, *O que vem depois da farsa?* – viabilizar a possibilidade de que dentro do nosso ínfimo campo das artes visuais possamos *transformar a emergência disruptiva em mudança*

²⁵⁰ Ver CHOMSKY, Noan. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

“(...) ‘construir o consenso’, isto é, obter a concordância do povo a respeito de assuntos sobre os quais ele não estava de acordo por meio das novas técnicas de propaganda política” (p. 14-15)

estrutural ou, pelo menos, pressionar as brechas na ordem social em que é possível resistir ao poder²⁵¹, mesmo que momentaneamente, mesmo que de forma passageira.

Mascote do Mercado foi mostrado junto com outros trabalhos na exposição individual denominada *Confronto* que realizei em 2018 no Subsolo Laboratório de Arte, espaço independente de Campinas (SP), local de formação e mostras de arte. Coloquei nesse desenho a representação do então ilegítimo presidente (pois tomou o poder via golpe de Estado), apresentado como a figura simbólica de um vampiro. Tomei uma caricatura política do século XIX como base para o desenho, numa espécie de releitura e adequação ao caso brasileiro, substituí o crânio mais genérico (referência à morte) da charge original pelo rosto do traidor Michel Temer.

A charge *O Vampiro Político*, publicada em 1885, foi a primeira peça gráfica que tive conhecimento de Thomas Nast, mas durante a pesquisa tive acesso à outras criações de Nast, uma delas é a charge *A União como era, a causa perdida, pior que a escravidão*, de 1874 (Fig. 96). Que me fez lembrar da declaração de David Duke, líder estadunidense da seita racista Ku Klux Klan (e que “nos anos 1960, antes de se juntar à KKK, David Duke foi membro do extinto ‘Partido Nazista da América’, depois renomeado para Partido Nacional Socialista das Pessoas Brancas”) sobre o então candidato à presidência da república J. M. B., ele disse – “Bolsonaro é como nós” (Fig. 97). Ainda segundo David Duke, líder da K.K.K.:

Ele (J. M. B.) é totalmente um descendente europeu. Ele se parece com qualquer homem branco nos EUA, em Portugal, Espanha ou Alemanha e França. E ele está falando sobre o desastre demográfico que existe no Brasil e a enorme criminalidade que existe ali, como por exemplo nos bairros negros do Rio de Janeiro”, afirmou Duke, que frequentemente classifica o prêmio Nobel da Paz sul-africano Nelson Mandela como um “terrorista”(...).²⁵²

²⁵¹ FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle*. São Paulo: Ubu Editora, 2021. “É aqui que meu outro termo, ‘debacle’, entra em cena. Também deriva do francês ‘queda, colapso, desastre’, mas sua raiz é *débâcler*, ‘libertar’, do francês médio *desbacler*, cujo sentido literal é ‘quebrar o gelo em um rio’. Como numa enchente na primavera. Um debacle é, portanto, uma súbita liberação de força, em geral para o mal, mas às vezes para o bem. **‘Debacle’ poderia inclusive indicar uma dialética entre romper e fazer diferente**, em relação a convenções, instituições e leis. **Tal é a oportunidade no período presente de convulsão política: transformar a emergência disruptiva em mudança estrutural ou, pelo menos, pressionar as brechas na ordem social em que é possível resistir ao poder** e reelaborá-lo. Isso não é necessariamente um pensamento idealizado. Dizem que por muito tempo a esquerda se concentrou na identidade cultural e cedeu o controle político à direita. No entanto, **é na esfera cultural – museus, universidades e instituições afins – que muitos de nós podemos exercer nossa pequena influência.**” (p. 10-11). Grifo meu.

²⁵² ‘Ele soa como nós’: David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan, elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel. Ricardo Senra. BBC News Brasil, 16 outubro 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45874344> Acesso em 16 de dezembro de 2022.

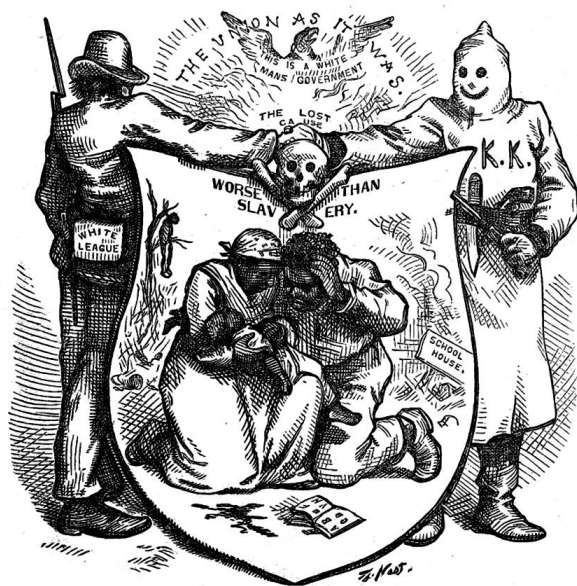


Fig. 96 Thomas Nast, *A União como era, a causa perdida, pior que a escravidão*, 1874

Biblioteca do Congresso Estadunidense.

“Em 1874, três emendas foram adicionadas à Constituição dos Estados Unidos e o Congresso aprovou inúmeras leis de reconstrução e direitos civis em benefício de ex-escravos.”

“Em seu desenho de 1874 intitulado “A União como Era”, Thomas Nast retrata um membro da Ku Klux Klan e um membro da Liga Branca apertando as mãos sobre uma caveira e ossos cruzados que repousa sobre uma mulher e um homem afro-americanos encolhidos seu filho morto enquanto uma escola queima e um afro-americano é linchado ao fundo”. Fonte:

<https://iowaculture.gov/history/education/educator-resources/primary-source-sets/reconstruction/union>



Fig. 97 “Bolsonaro recebe elogios de David Duke, líder da seita racista Ku Klux Klan”

“Nos anos 1960, antes de se juntar à KKK, David Duke foi membro do extinto “Partido Nazista da América”, depois renomeado para Partido Nacional Socialista das Pessoas Brancas.”

Mas voltado à imagem do presidente golpista e ilegítimo Michel Temer associada ao vampiro, além de chargistas profissionais – um exemplo é do artista gráfico e ativista político carioca Carlos Latuff (1968) que representa Temer caracterizado de vampiro e sugando o sangue do país (fig. 98) - retratarem Temer dessa forma também montagens anônimas sugeriram na internet com a comparação, uma delas coloca lado à lado o ator húngaro Béla Lugosi (1882, Lugoj – 1956, Los Angeles, EUA), intérprete do Drácula de 1931 e Michel Temer (fig. 99).

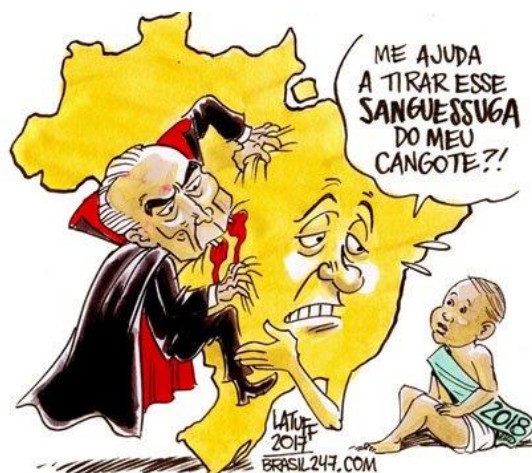


Fig. 98 Carlos Latuff, 29 de dezembro de 2017, charge publicada no site de jornalismo independente Brasil 247.

“Em sua última charge de 2017, o cartunista Latuff retrata como o Brasil foi vampirizado em 2017 pelo governo ilegítimo de Michel Temer, chamado justamente de ‘Vampirão’, e a esperança de que o País consiga se libertar, em 2018, do capítulo mais vergonhoso de sua história, que foi o golpe de um sindicato de políticos corruptos contra uma presidente honesta.” Brasil 247. Disponível em: <https://www.brasil247.com/cultura/latuff-retrata-o-brasil-vampirizado-por-temer> Acesso em 26 de julho de 2022.



Fig. 99 Montagem digital, onde a mesma mão de Temer foi posta sobre a boca do Drácula interpretado pelo ator Béla Lugosi “Béla Lugosi, intérprete do Drácula de 1931, e Michel Fora Temer, intérprete da Usurpadora br de 2016. Podemos, diante da comparação, concluir que de um lado temos um sangue-suga, do outro apenas Bela Lugosi.” Imagem encontrada na internet, sem informações sobre o autor. Fonte: <https://www.facebook.com/gentetrevosa/photos/bela-lugosi-int%C3%A9rprete-do-dr%C3%A1cula-de-1931-e-michel-fora-temer-int%C3%A9rprete-da-usur/1784943121785650/> Acesso em 27 de janeiro de 2022.

Segundo a pesquisadora Dandara Magalhaes Telles Feijó de Leiros em sua dissertação de mestrado *De Vice Decorativo à Vampiro: Representações e enquadramentos do ator político em charges e memes de Michel Temer*²⁵³, os “memes, assim como charges, se utilizam da ironia, sátira e ambivalência para brincar com a representação de um ator [político] e construir sentidos, se inserindo no imaginário popular e moldando o senso coletivo a respeito de figuras que circulam na opinião pública” (LEIROS, 2020, p. 9). Ainda sobre memes Dandara complementa:

Milner (2012) argumenta que o meme na política mistura a cultura pop aos problemas políticos e sociais, negociando debates. Por conta das conexões com a cultura pop, a mídia e a política os argumentos são multiplicados, os memes geram participação na mídia e engajamento político. Assim, como defendido por Mina (2019), é possível perceber que memes funcionam como espelhos pois refletem, amplificam e distorcem a cultura. Como todo o espelho, para refletir, os memes precisam de algo “na sua frente”, ou seja, algo vivo e com experiência para que a cultura da internet possa interferir. (...)

Charges continuam sendo, na maior parte das vezes, ilustrações assinadas, que atendem a um estilo autoral, e integram, quando circuladas por meio dos grandes jornais, uma voz editorial previamente constituída, enquanto os memes se caracterizam como conteúdos criados e circulados simultaneamente pelo que Davison (2012) chamaria de uma web irrestrita, aquela em que não se é possível identificar a autoria dos emissores, e uma web restrita, aquela em que os conteúdos publicados estão associados a uma identidade individual. Esta liberdade conferida pela ausência de uma associação a um autor estimula não apenas novas plasticidades, mas também e sobretudo uma ausência de constrangimentos na crítica social e política a que o meme dá vazão. Se memes e charges compartilham de representações comuns a respeito dos atores políticos, algumas das quais incidem sobre o que Tay (2011) denomina de lugares-comuns da política, não é possível afirmar que estas representações são empregadas da mesma forma e sob os mesmos limites e constrangimentos. (LEIROS, 2020, p. 65)

A propósito dessa relação como a cultura de massa (*Pop*) há uma serigrafia do artista Pop estadunidense Andy Warhol que também trás um fotograma de um filme de terror (fig. 100), tendo no título uma ironia, uma inversão de sentidos. O título da serigrafia é *O Beijo (Bela Lugosi)*, mas o que vemos na imagem é o ator - (*Bela Lugosi*) - que irá talvez apenas beijar o pescoço da atriz? Ou, a mais provável, dentro da trama de terror do filme, onde o vampiro Drácula que está com uma expressão facial pesada e a boca semiaberta e prestes a morder a jugular da moça entregue e sorver o sangue

²⁵³ LEIROS, Dandara Magalhaes Telles Feijó de. *De Vice Decorativo à Vampiro: Representações e enquadramentos do ator político em charges e memes de Michel Temer*. 2020. 126 p. Dissertação (Mestrado em comunicação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14956/%5BMAGALH%C3%83ES%2C%20Dandara%5D_De%20vice%20decorativo%20a%20vampiro_disserta%C3%A7%C3%A3oPPGCOMUFF_revfinal.pdf?sequence=4&isAllowed=y Acesso em 26 de julho de 2022.

dela enquanto ela se encontra narcotizada por seu jugo? Sem dúvida não é um beijo amoroso como o fizeram Rodin (1888-9) ou Gustav Klimt (1907-8).



Fig. 100 Andy Warhol, *O Beijo (Bela Lugosi)*, 1963, serigrafia sobre papel, 75,6 x 101,3 cm

Andy Warhol trabalhou a partir da imagem icônica do personagem Drácula, mas agora não me interessa tanto essa imagem específica, mas a ideia de reprodução que é central na técnica da serigrafia. E mais especificamente o recurso da reprodução no desenho através do decalque (usando uma mesa de luz ou impregnando com grafite o verso de uma folha que já possui uma imagem). O recurso da reprodução é um dos métodos de desenho que Warhol passou a adotar em uma determinada etapa de sua carreira. Warhol trabalhava com publicidade antes de ser artista e conhecia bem o desenho. Em uma fase crucial de seu trabalho inicial como artista ele ficou em uma encruzilhada, que consistia em seguir com um desenho gestual, com algo do já deglutido

expressionismo abstrato estadunidense ou outro caminho, um desenho onde não entraria em jogo, como questão central, a habilidade ou expressividade da mão do artista – pois o artista iria trabalhar com uma mesa de luz e iria “copiar” uma imagem simplesmente colocando uma folha de papel em branco sobre uma imagem preexistente, e foi essa última técnica que Warhol adotou. No livro *O Conhecimento Secreto*²⁵⁴ feito pelo artista inglês David Hockney (1937, Bradford, Reino Unido) essa questão é apontada também. Trago essa questão, pois a empreguei para o desenho *Mascote do Mercado* assim como havia feito com os desenhos da série *Non Santo sobre o Mundo* e outros pequenos desenhos de 2013 e 2014. O artista (*naïf/outsider/art brut*) Henry Darger (1892-1973, Chicago, Illinois, EUA) foi um autor que fez uso recorrente do decalque em seu trabalho monumental de 15.145 páginas intitulado *The Story of the Vivian Girls, in What is Known as the Realms of the Unreal, of the Glandeco-Angelinian War Storm, Caused by the Child Slave Rebellion*.²⁵⁵ O artista inglês Grayson Perry infere sobre a possível sensação de inabilidade de Darger para o desenho: “Eles descobriram que ele era tão motivado a criar que gastava a maior parte de seu dinheiro, sua escassa renda como zelador, em ter ilustrações de revistas fotocopiadas e ampliadas, para que ele pudesse traçá-las, porque ele não se achava muito bom em desenho.”²⁵⁶

Sobre a questão do decalque o português Fernando Poeiras, professor na Escola Superior de Artes e Design (ESAD) nos oferece contribuições que considero de grande valor de síntese e relevância para se considerar um processo que o senso comum tende a reduzir a um ardil condenável, mesmo tendo sempre sido usado por muitos artistas em períodos distintos da história da arte:

O desenho de decalque, considerado na sua generalidade, é um género de desenho governado pelo ideal de coincidência entre uma imagem (primeira) e outra imagem (decalque). O decalque seria, nesse sentido geral, o mais mecânico dos desenhos, reduzindo a percepção, a consciência e o gesto a seguir um traçado pré-existente. Seria também, nesse sentido, o mais neutro e “exterior” dos desenhos, o menos assombrado pelo corpo e interioridade do decalcador. Seria (idealmente) um decalque do desenho. No entanto, a arte do desenho, (como faz sempre a arte), toma de assalto, pelo seu livre uso do desenho, as generalidades mais fortificadas. E o livre uso é sempre desenho do decalque. (...)

Toda a representação – podemos ler em Gilles Deleuze – se faz por semelhança entre uma imagem, as suas relações internas, e uma ideia de real. Essa relação (semelhante) entre a imagem e a ideia tem vários graus até à sua coincidência. Não se entendam esses graus como os degraus de uma escada que se vai subindo até chegar à representação pura, mas antes como

²⁵⁴ Também há o documentário *David Hockney: Secret Knowledge* (2002) da BBC de Londres, 1:11:54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7W0AKH7pWZo> Acesso em 26 de julho de 2022.

²⁵⁵ Ver o documentário *Nos Reinos do Irreal (In the Realms of the Unreal)*, 2004, 1h 22m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IH049dXOrOo> Acesso em 27 de julho de 2022.

²⁵⁶ Grayson Perry acerca de Henry Darger, Reith Lectures 2013. Disponível em: <https://capc.com.pt/site/index.php/pt/joao-dos-santos/> Acesso em 27 de julho de 2022.

diferentes jogos entre a imagem (mesmo enquanto representação) e a ideia de real. (...) O desenho é linha. A unidade mínima deste desenho de decalque é a linha: a linha de contorno e a linha contínua, curta ou longa, segmentada ou não pelo atrito. Trata-se de uma linha intencional, persegue um objetivo. Assim, não é uma linha autogenerativa, criando as suas próprias coordenadas, nem é tanto uma linha-vetor em relação às coordenadas do plano; é uma linha-intencional. (...)

O desenho é tradução, mas linear. (...)

Decalcar repetidamente. Um exercício é, sobretudo, uma ação, um verbo. E a repetição imprime um ritmo necessário ao exercício. Não se trata de uma repetição mecânica do retorno do absolutamente igual, mas uma repetição na variação: variação introduzida pelo acaso controlado de novas imagens e pelo atrito móvel do riscador. O exercício físico-cognitivo destina-se a tomar consciência do que está lá (renovado) e, nesse atrito, tomar consciência e desfazer-se de algumas das projeções (ou antecipações) e programações (ou encadeamentos motores-cognitivos) que o desenhador adquiriu. E nesse exercício exerce-se um ver mais atento e um fazer do desenho.²⁵⁷

Acredito que o desenho *Mascote do Mercado* se inscreve dentro dessa *tradução linear* comentada pelo professor Fernando Poeiras, *de uma linha intencional*, que perseguiu *um objetivo*, que foi construído por uma *linha de contorno*, uma *linha contínua*, e orientada *pelo atrito* com o tema de um ator político da direita brasileira como um sugador de recursos públicos do Estado em benefício da burguesia colonial e da metrópole central, os EUA – onde o termo mercado (financeiro) está para o grande capital internacional de orientação ultraliberal imperialista. Temer como vampiro subserviente ao mercado internacional não retrata apenas o político da direita individualmente, mas o coloca, segundo penso eu, como uma alegoria da direita brasileira.

Além de Temer, José Serra também foi associado com a imagem de vampiro, o meme abaixo é um dos exemplos (fig. 101). Mas não fazendo referência ao protagonista de filmes de terror Bela Lugosi, mas ao ator Max Schreck (1879, Berlim - 1936, Munique), que interpretou o Conde Orlock em *Nosferatu*, filme de 1922 e referência do cinema expressionista alemão. *Nosferatu* foi dirigido pelo cineasta F. W. Murnau (1888, Bielefeld, Alemanha - 1931, Santa Bárbara, Califórnia, EUA) – tanto o filme Drácula com Lugosi (1931) quanto *Nosferatu* (1927) foram baseados na novela de horror gótico *Drácula* (1897) de autoria do romancista, poeta e contista irlandês Bram Stoker (1847, Dublin – 1912, Londres). Serra e seus associados da direita²⁵⁸ brasileira foram os responsáveis entre outras ações de

²⁵⁷ POEIRAS, Fernando. *Desenho de decalque, decalque do desenho e outras distinções*. Novembro de 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9449301/Desenho_de_decalque_decalque_do_desenho_e_outras_distin%C3%A7%C3%B5es Acesso em 27 de julho de 2022.

²⁵⁸ *No coração do golpe, o ataque ao pré-sal - Começou em 27/9 a entrega das enormes reservas de petróleo do país às transnacionais. Algumas, como a Exxon, apoiaram alegremente o golpe. Têm a recompensa*. Outras Palavra. Sessão Direita Assanhada. José Álvaro de Lima Cardoso, 03 de outubro de 2017 (atualizado 13/12/2018). Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/no-coracao-do-golpe-o-ataque-ao-pre-sal/> Acesso em 27 de julho de 2022.

lesa pátria²⁵⁹ pela entrega ao capital internacional do pré-sal²⁶⁰, entrega da possibilidade de autonomia energética, e de recursos para a saúde e educação²⁶¹.

“O desmonte da Petrobras e a entrega do pré-sal são extremamente funcionais à agenda de guerra que os golpistas colocaram em marcha: enfraquecem a capacidade de ação, externa e interna, do Estado brasileiro; dificultam muito a retomada da industrialização (para a qual a Petrobras é fundamental); internacionalizam ainda mais a economia brasileira, tornando o país uma plataforma de matérias primas das multinacionais, por baixo preço, visando compensar a crise mundial. Se houver correlação de forças (por exemplo, com um golpe militar), vão vender também a Petrobras, como pretendiam nos anos de 1990 (na gestão FHC), quando mudaram até o nome para Petrobrax. Neste momento estão desmontando a empresa, sem alarde, para facilitar o processo de venda do controle acionário para estrangeiros. Alguns executivos de multinacionais do petróleo, como se poderia prever, não têm poupado elogios à direção da Petrobras, justamente em relação àquilo que é essencial para o país, no que se refere à lei de Partilha: fim das normas de conteúdo local, da exclusividade na exploração do óleo e do compromisso com o desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que os atuais dirigentes da empresa são duros com os seus trabalhadores e com o povo em geral, agem com os representantes das multinacionais como verdadeiros poodles amestrados.”

²⁵⁹ *Entreguismo - Projeto de José Serra em 2010 já prometia entregar o pré-sal*. Helena Sthephanowitz, Rede Brasil Atual, 01 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/2018/07/projeto-de-jose-serra-em-2010-ja-prometia-entregar-o-pre-sal/>. Acesso em 27 de julho de 2022.

“Motivos de entreguismo de Serra aos EUA vieram à tona em meio às revelações do Wikileaks. A aprovação na Câmara do Projeto de Lei 8.939/2017 de autoria do deputado José Carlos Aleluia (DEM-BA) é apenas mais um capítulo do golpe que se iniciou pelo menos há sete anos. Na semana passada, por 217 votos a 57, deputados aprovaram proposta que permite à Petrobras vender até 70% dos seus direitos de exploração das áreas de cessão onerosa a outras empresas. Isso significa a possibilidade de a petrolífera brasileira repassar para empresas estrangeiras o direito de exploração de 5 bilhões de barris do pré-sal. No regime de cessão onerosa, a União só recebe 10% dos royalties sobre a produção de petróleo. A taxa é inferior à do regime de partilha, onde se paga 15%. (...) Não demorou muito para aparecer a verdadeira “preocupação” de Serra com a Petrobras: sua ligação com os Estados Unidos veio à tona em meio às revelações do Wikileaks. Os documentos vazados no final de 2009 reproduziam telegramas do consulado americano em São Paulo a Washington, segundo o qual Serra — então governador de São Paulo em final de mandato e candidato a presidente — se comprometia com uma executiva da petrolífera Chevron, a mudar as regras de exploração de petróleo no pré-sal, que o governo Lula havia aprovado no Congresso, caso fosse eleito. ‘Deixa esses caras do PT fazerem o que eles quiserem. As rodadas de licitações não vão acontecer, e aí nós vamos mostrar a todos que o modelo antigo — do governo Fernando Henrique Cardoso — funcionava... E nós mudaremos de volta’, disse Serra à diretora de Desenvolvimento de Negócios e Relações da petroleira norte-americana Chevron, segundo relato do telegrama divulgado na época no WikiLeaks. Em 1997, no governo do tucano Fernando Henrique Cardoso, quando acabou o monopólio da Petrobras, a exploração de campos petrolíferos obedeceu a um modelo de concessão. Nesse caso, a empresa vencedora da licitação ficava dona do petróleo a ser explorado pagando royalties ao governo. Com a descoberta dos campos gigantes na camada do pré-sal, o governo Lula mudou o modelo e o vencedor teria de partilhar o petróleo encontrado com a União, e a Petrobras tinha duas vantagens: ser a operadora exclusiva dos campos e ter, no mínimo, 30% de participação nos consórcios com as outras empresas. Na época, o vazamento da WikiLeaks, ganhou grande repercussão na mídia alternativa, enquanto a imprensa comercial comentava timidamente o caso, levando muitos brasileiros a desconfiar na veracidade das informações do jornalista Julian Assange. Wikileaks mostrou também a preocupação dos EUA com uma possível vitória de Dilma na eleição. O consulado americano avaliava que as descobertas de petróleo e o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) poderiam ‘turbinar’ a candidatura de Dilma Rousseff, então ministra da Casa Civil. O consulado citava que o Brasil se tornaria um ‘player’ importante no mercado de energia internacional. Serra foi derrotado nas urnas por Dilma. Em 2014, foi eleito senador. Valendo-se do cenário em que a oposição já havia decidido pelo impeachment em 2015, José Serra apresentou o PL 131/2015, no Senado que alterava a Lei da Partilha (exatamente como, segundo os telegramas vazados, havia prometido às petrolíferas americanas). O projeto de José Serra reduzia a participação da Petrobras e ampliava a fatia das multinacionais do setor na exploração das reservas de petróleo da camada pré-sal. Coincidentemente, na eleição de 2014 o candidato do PSDB, Aécio Neves, também defendeu o fim do modelo de partilha. As gigantescas multinacionais petrolíferas (Chevron, Shell, Texaco, Total - Francesa, e outras) já cobiçavam o Pré-Sal.”

²⁶⁰ *Sob Ataque - Em seis minutos, a história da traição ao país e à democracia - Vídeo da Aepet conta como foi a conspiração que derrubou um governo, prendeu um futuro presidente, entregou o pré-sal e destruiu a maior empresa brasileira*. Redação

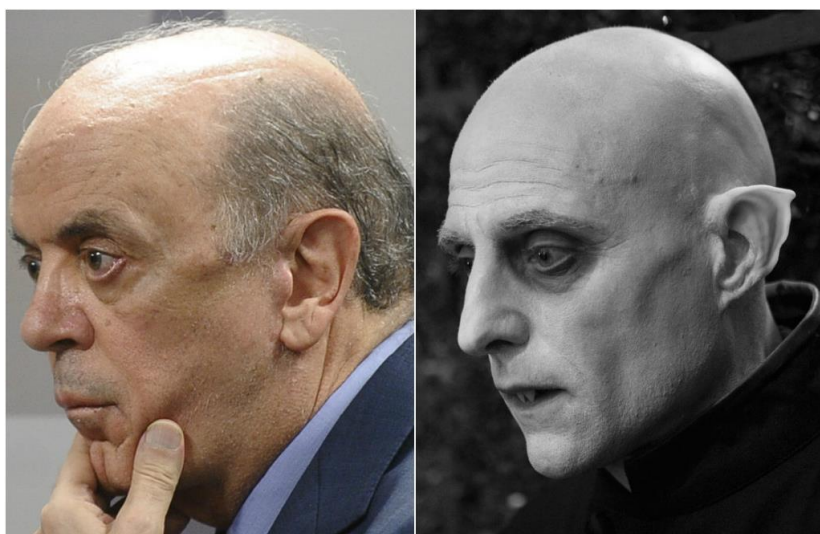


Fig. 101 Meme com José Serra e pessoa caracterizada à maneira de *Nosferatu*
Imagem encontrada na internet, sem informações sobre o autor

Ainda dentro o universo da cultura de massas, mas agora do Brasil, houve o destaque de Temer no carnaval de 2018 no Rio de Janeiro. Na publicação de Leonardo Sakamoto *Da escravidão a Temer vampiro: Tuiuti nos lembra que Carnaval é contestação*, ele escreve a respeito do desfile da Escola de

RBA, Rede Brasil Atual, 30 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/sem-categoria/2019/07/em-6-minutos-a-historia-da-traicao-ao-pais-e-a-democracia/> Acesso em 27 de julho de 2022.

²⁶¹ *Câmara trai o povo brasileiro e aprova entrega do pré-sal - Congresso aprova projeto do ministro golpista José Serra que tira da Petrobras a obrigação de participar da exploração do pré-sal. Bancada do PT foi contra.* Site do Partido dos Trabalhadores, 06 de outubro de 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/camara-trai-o-povo-brasileiro-e-aprova-entrega-do-pre-sal/> Acesso em 27 de julho de 2022.

“Hoje é um dia histórico. É o dia em que Congresso traiu povo brasileiro e entregou o pré-sal, nosso passaporte para o futuro, para os estrangeiros. Todos os países que optaram por entregar petróleo aos estrangeiros amargam pobreza, desigualdade e subdesenvolvimento’. A frase da deputada Erika Kokay resumiu a perplexidade de boa parte da sociedade civil com a votação na Câmara dos Deputados na noite de quarta-feira (05/10/2016). Os deputados aprovaram o texto-base, de autoria do chanceler golpista José Serra (PSDB), do projeto de lei que tira da Petrobras a obrigação de participar de todos os consórcios de exploração dos campos do pré-sal. Na prática, a aprovação significa a entrega do pré-sal a investidores estrangeiros em detrimento dos interesses nacionais. Atualmente, a Lei 12.351/10, que institui o regime de partilha, prevê a participação da Petrobras em todos os consórcios de exploração de blocos na área do pré-sal com um mínimo de 30%. O texto-base foi aprovado por um placar de 292 votos a favor, 101 contrários e uma abstenção. Para concluir a votação, os deputados ainda precisam analisar sete emendas com sugestões para alterar trechos da proposta. Depois, o projeto vai para sanção do presidente usurpador Michel Temer. O líder do PT, deputado Afonso Florence (PT-BA), foi enfático ao afirmar que a proposta já estava no ‘script do golpe’ que tomou o poder da presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente por mais de 54 milhões de votos. ‘Já estava previsto que uma meta do golpe parlamentar era a privatização do pré-sal, que destina 75% do Fundo Social para a educação e 25% para a saúde. A Petrobras operaria 30% do consórcio com a possibilidades de as multinacionais participarem. O que está sendo permitido agora, avalizado pelo governo ilegítimo de Michel Temer, é que só as multinacionais poderão operar o pré-sal. Com isso, acabou o dinheiro para saúde e educação’, reiterou.

Para a deputada Maria do Rosário (PT-RS), a aprovação é algo que atenta contra o futuro do País. ‘Com 292 votos favoráveis, golpistas acabam de entregar o pré-sal ao capital estrangeiro. Um retrocesso para a Petrobras. Uma lástima para o Brasil’.”

samba Paraíso do Tuiuti²⁶² que ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2018. O jornalista traz as seguintes pontuações: “Carnaval é contestação e subversão”, “(...) contestação que nunca é convidada para festas da ‘Casa Grande’. Por isso, o Carnaval não é apenas a arte da libertação. Também é a do incômodo. Papel duplo que a Paraíso do Tuiuti cumpriu maravilhosamente, neste domingo (11), no Sambódromo do Rio de Janeiro”. E segue:

Da exploração de africanos trazidos à força, passando pelo racismo brasileiro até a precarização causada pela Reforma Trabalhista do governo Michel Temer (representado como um portentoso vampiro), a escola de samba constrangeu não apenas autoridades e locutores que transmitiram o desfile, que talvez esperassem algo mais fofo, mas também um naco da sociedade que acha que dias de festa servem para esquecer o cotidiano. Pelo contrário, as datas de comemorar – palavra que significa “lembrar junto” – são momentos de trazer à tona aquilo que tentam nos fazer esquecer no dia a dia. (...) Os escravizados contemporâneos podem não ser mais escolhidos diretamente por sua cor de pele. Mas a proporção de negros entre os mais de 50 mil trabalhadores libertados da escravidão contemporânea pelo governo federal, desde 1995, é muito, muito superior à proporção deles na sociedade brasileira. Porque a pobreza no Brasil tem cor, e é negra. Fruto de uma “libertação” que não compensou séculos de cativeiro e, simplesmente, de uma hora para a outra, jogou milhões na rua para receberem salários de fome em nome do desenvolvimento econômico. Essa superexploração não é fruto da inércia, mas realimentada constante através de leis e regras criadas pelo andar de cima para manter os mais pobres sob controle. E também por narrativas tão bem engendradas que fazem com que trabalhadores se tornem cães de guarda de quem os oprime. E batam panela pedindo Justiça ao lado dos mesmos “Patos Amarelos” que são corresponsáveis pela tragédia da desigualdade social. Essa narrativas vendem a ilusão de que medidas que mantêm a mão de obra explorada, como a Reforma Trabalhista aprovada pelo governo federal, têm o objetivo inverso de libertá-la.²⁶³

²⁶² ‘Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?’ obra do carnavalesco Jack Vasconcelos (que cursou Escola de Belas Artes da UFRJ) juntamente com os compositores Moacyr Luz, Cláudio Russo, Dona Zezé, Aníbal e Jurandir e os integrantes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti do bairro de São Cristóvão na Zona Norte do Rio de Janeiro “alcança seu maior resultado até então no carnaval: vice-campeonato no Grupo Especial. O desfile foi muito elogiado pela crítica e nas redes sociais. O samba-enredo e a comissão de frente foram os destaques. A escola ficou apenas 0,1 décimo atrás da campeã, a Beija-Flor de Nilópolis.” Disponível em: <https://paraisodotuiuti.com.br/nossa-historia/> Acesso em 27 de janeiro de 2022.

²⁶³ Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e violações aos direitos humanos em todos os estados brasileiros. Professor de Jornalismo na PUC-SP, foi pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York (2015-2016), e professor de Jornalismo na ECA-USP (2000-2002). É diretor da ONG Repórter Brasil, conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão e comissário da Liechtenstein Initiative - Comissão Global do Setor Financeiro contra a Escravidão Moderna e o Tráfico de Seres Humanos. É autor de “Pequenos Contos Para Começar o Dia” (2012), “O que Aprendi Sendo Xingado na Internet” (2016), entre outros.

Da escravidão a Temer vampiro: Tuiuti nos lembra que Carnaval é contestação. Leonardo Sakamoto, 12 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/02/12/da-escravidao-a-temer-vampiro-tuiuti-nos-lembra-que-carnaval-e-contestacao/> Acesso em 18 de dezembro de 2021.



Fig. 102 Destaque do carro alegórico como o “vampiro neoliberalista”, referência à Michel Temer, 2018
Escola de samba Paraíso do Tuiuti, no Sambódromo do Rio de Janeiro, enredo "Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?"
Fotografia: Marcos Serra Lima



Fig. 103 Detalhe do “vampiro neoliberalista”, 2018
Escola de samba Paraíso do Tuiuti, no Sambódromo do Rio de Janeiro, enredo "Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?"



Fig. 104 "Manifestoche", 2018
Fantasia de uma das alas da Escola de samba Paraíso do Tuiuti que apresenta um "paneleiro" com camisa da seleção vestindo um pato amarelo da Fiesp e preso por cordas a uma mão gigante que o manipula.



Fig. 105 Marcio Baraldi
O Pato de Tróia (da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP)
abril de 2016

"Patos Amarelos" da campanha para pagar menos impostos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, que é vestido pelo *Manifestoche* (em referência aos manifestantes que se concentravam em frente do prédio da FIESP na Av. Paulista e que eram associados a fantoches do poder econômico). Pato inflável amarelo que foi copiado sem permissão da obra *Rubber Duck* (2008) - *exposta em cidades como Amsterdã, Hong Kong e também em São Paulo*²⁶⁴ - do artista holandês Florentijn Hofman e que em função disso a FIESP teve que substituir (apesar de insistir que não foi plágio), em 13 de março de 2018 por um sapo inflável de cinco metros com sua nova campanha – "Chega de engolir sapos", as duas campanhas de fundo especista, pois, por trás dos supostos ditos populares, os animais são naturalizados como seres comercializáveis e matáveis, na primeira que coloca o pato como um produto a ser comercializado e a segunda o sapo como ser comível. Na pintura de grande formato do artista maranhense Thiago Martins de Melo de 2016 *O ovo da serpente e o crepúsculo da demofobia*, também há uma referência ao pato amarelo da FIESP, ele está representado

²⁶⁴ Artista holandês acusa Fiesp de plágio do pato. Redação, Jornal GGN, 31 de março de 2016. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/crise/artista-holandes-acusa-fiesp-de-plagio-do-pato/> Acesso em 27 de julho de 2022.

apenas pela cabeça que fica no canto superior esquerdo da pintura disposto entre a cabeça de Sergio Moro e um veículo blindado semelhante aos usados pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, os temidos “caveirões” (fig. 106).



Fig. 106 Thiago Martins de Melo, *O ovo da serpente e o crepúsculo da demofobia*, 2016
óleo sobre tela, 2 monitores de tv com animação stop motion pintada com tinta à óleo, massa a base de resina de poliéster e poliuretano pintada à óleo, 280 x 540 x 85 cm
fonte: https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/_files/ugd/94b7eb_0158262918da4c759c3db068c1e4d26d.pdf

Segundo o texto crítico *Bárbara Balaclava* (título homônimo do filme de animação de Thiago de 2016) do curador recifense Moacir dos Anjos:

Suas pinturas, junto às realizadas por poucos outros no Brasil, assentam-se em bases distintas, tanto em fatura como assunto. São feitas de pinceladas rápidas e fortes que acumula, sobre o suporte usado, tinta bastante para criar, em cores vibrantes, acidentados relevos e planos, ecoando uma linguagem expressionista que, embora criticamente reconhecida, nunca se firmou hegemonicamente no país. Procedimento de construção que o artista julga adequado para lidar com a gravidade e urgência dos temas que lhe afetam e importam: as violências que os detentores do poder real historicamente impõem a quem escape às normas que estabelecem ou desafie os privilégios de classe, cor, gênero de que desfrutem. Em particular, seus trabalhos se debruçam sobre absurdos por séculos cometidos contra as populações de origem indígena e negra no Brasil. São pinturas que articulam e amalgamam forma e conteúdo para narrar

histórias dolorosas, fragmentadas e inconclusas. Histórias que não são somente, porém, de aniquilamento do *outro* subjugado pela força, mas também de resistências.²⁶⁵

Ainda sobre o Carnaval e resistência como um *lembrar junto* (comemorar) e como forma de *contestação e subversão*, Giuliano Da Empoli ao narrar a ida de Goethe para uma estadia secreta na Itália, nos diz que exatamente no dia 19 de fevereiro de 1787 Goethe chega a Roma e se instala discretamente no centro histórico, mais precisamente na Via del Corso usando o nome falso de Jean Philippe Möller, um suposto pintor. Em seguida Da Empoli nos conta da experiência do poeta alemão ao presenciar uma multidão fantasiada ir surgindo e desfilando pela via no sentido oposto do trânsito das carroças, “(...) é o começo do Carnaval, a festa que tem por hábito virar o mundo de cabeça para baixo, invertendo (...) as relações (...) entre as classes e as hierarquias (...)”²⁶⁶. Para logo em seguida nos sinalizar para a linha tênue que separa a o Carnaval da Política:

O Carnaval não é uma festa como as outras, mas a expressão de um sentimento profundo e impossível de se deter, latente sob as cinzas da cultura dos povos. Não é por acaso, como observa Goethe, que não se trata de uma celebração oferecida pelas autoridades, mas sim uma “festa que o povo oferece a si mesmo”.

Desde a Idade Média, o Carnaval é a ocasião para o povo derrubar, de forma simbólica e por um tempo limitado, todas as hierarquias instituídas entre o poder e os dominados, entre o nobre e o trivial, entre o alto e o baixo, entre o refinado e o vulgar, entre o sagrado e profano. (...) Um golpe de Estado simbólico (...).

Não se deve, portanto, estranhar a fronteira entre a dimensão lúdica e a dimensão política do Carnaval sempre tenha sido, em essência, frágil. A prova está nos vários episódios durante os quais a festa se transforma em revolta (...). Não é tampouco surpreendente que essa festa tenha sido abolida, em algum momento, em quase todos os lugares, inclusive em Roma, ao raiar da Revolução Francesa, por temor de que se produzisse um contágio. Na França, foram os jacobinos, eles mesmos, que suspenderam o Carnaval, chegando ao extremo de punir com a pena de morte aqueles que tivessem a audácia de se fantasiar.

(...) Contudo, nenhum poder jamais conseguiu se liberar completamente do Carnaval e de seu espírito subversivo. Ao longo dos séculos, esse espírito percorreu infatigavelmente as ruas para se estampar nos panfletos e nas caricaturas dos jornais populares.²⁶⁷

²⁶⁵ ANJOS, Moacir dos. Bárbara Balaclava. In: *Thiago Martins de Melo*. Samantha Moreira (org.). Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2019. P. 243.

²⁶⁶ EMPOLI, Giuliano Da. *Os Engenheiros do Caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo usados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019. (p. 10)

²⁶⁷ Idem. (p. 12-13)



Fig. 107 Thiago Martins de Melo
Invasão de demônios a Pindorama, após Jean de Léry, Joãozinho Trinta, Tuiuti e Mangueira
 óleo sobre tela, 260 x 360 cm

Na pintura *Invasão de demônios a Pindorama, após Jean de Léry, Joãozinho Trinta, Tuiuti e Mangueira*, 2019 (fig. 107) de Thiago estão presentes referências a desfiles de protesto e de *lembrar junto*, nas figuras dos “manifestoches” da Tuiuti (fig. 104); no cristo censurado do carnavalesco Joãozinho Trinta em 1989, quando a escola de samba Beija-Flor foi proibida de entrar na Sapucaí com um Cristo Redentor mendigo, então Joãozinho colocou o carro alegórico na avenida com a escultura do cristo tapada por uma lona preta - à maneira de um empacotamento de Christo (1935 Gabrovo, Bulgária-2020, Nova York) e Jeanne-Claude (1935, Casablanca, Marrocos-2009, Nova York) - com uma faixa branca na altura dos braços e peito que dizia “mesmo proibido olhai por nós!”, o título do samba enredo foi “Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia”; e a Estação Primeira de Mangueira na homenagem em 2019 à vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco. Marielle e o motorista Anderson

Gomes foram executados em 14 de março de 2018²⁶⁸ a tiros de submetralhadora por milicianos (supostamente) ligados à família de políticos de extrema direita Bolsonaro²⁶⁹. Marielle foi atingida por três tiros na cabeça e um no pescoço e Anderson levou três tiros nas costas. Por uma série de intervenções²⁷⁰ nas investigações o caso Marielle Franco ainda não foi esclarecido.

Logo após o assassinato de Marielle²⁷¹ em 14 de março de 2018 a operação Lava Jato, em 07 de abril de 2018 realiza um dos seus principais objetivos, anular as forças da esquerda brasileira, através do Partido dos Trabalhadores e da figura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Luiz Inácio Lula da Silva estava à frente das pesquisas para presidente, além de o terem tirado ilegalmente da disputa presidencial, ele também foi censurado, foi proibido de dar entrevistas ou se manifestar e novamente vem à lembrança a fatídica frase de Romero Jucá “um grande acordo nacional, com o supremo, com tudo”²⁷²:

²⁶⁸ *O caso Marielle*. The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/series/caso-marielle-franco/> Acesso em 27 de julho de 2022. Dia 27 de julho é a data de aniversário de Marielle Franco.

²⁶⁹ *Até o pescoço - Marielle, Bolsonaro e a milícia: os fatos que escancaram o submundo do presidente - Dois anos após a morte da vereadora, investigações expõem relações de Bolsonaro com criminosos*. Igor Carvalho, Brasil de Fato, São Paulo, 14 de março de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/14/marielle-bolsonaro-e-a-milicia-os-fatos-que-escancaram-o-submundo-do-presidente> Acesso em 27 de julho de 2022.

²⁷⁰ *Após prisões, delegado do caso Marielle será afastado - Motivo oficial é que o delegado, que deve fazer um intercâmbio na Itália, já cumpriu sua missão*. Carta Capital, 13 de março de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-prisoas-delegado-do-caso-marielle-sera-afastado/> Acesso em 27 de julho de 2022.

²⁷¹ “(...) Marielle, no momento em que foi assassinada era uma lutadora contra a violência dos esquadrões paramilitares das milícias, que, embora nascidos para se contrapor aos traficantes que assombravam as favelas, acabaram se tornando, e continuam sendo, tanto ou mais cruéis e perigosos que os traficantes de drogas. E Marielle significava naquele momento a antítese da filosofia bolsonariana e sua visão dos diferentes. Era negra, feminista, lésbica, casada com uma mulher, defensora dos direitos humanos, da esquerda radical e ao mesmo tempo feliz e de bem com a vida e inimiga declarada das milícias. Justamente daquelas milícias da favela do Rio das Pedras, na zona oeste do Rio, onde dominam o território. Hoje se sabe que a grande maioria dos votos dessa região serviu para eleger Flávio como senador. No ano passado ele considerou que Marielle tinha menos méritos para receber a Medalha Tiradentes dos que atribuiu anos atrás ao seu hoje provável assassino.”

Marielle assombra Flávio Bolsonaro mais morta do que viva - Não se pode voltar a matar os mortos, mas sua memória, sua força de denúncia, seu legado ainda continuam vivos. Nos julgam e nos perseguem. Juan Arias, El País, 25 de janeiro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/opinion/1548366291_877712.html Acesso em 29 de julho de 2022.

²⁷² “Em 2015, durante a crise que resultou no impeachment, Jucá foi um dos principais articuladores – na classe política e no mercado – do Plano Temer. (...) Desde o ano passado [2016], Jucá é alvo de pelo menos outras três investigações da Lava Jato, uma delas apura o suposto plano de barrar a investigação, que o levou a ser grampeado tratando de um pacto, ‘com Supremo, com tudo’, para deter a operação. O áudio provocou a sua queda do Ministério do Planejamento, dias depois de ter sido nomeado por Temer. Seria a primeira das muitas baixas na equipe presidencial. Mas o prestígio do senador não foi abalado. Pelo contrário. De volta ao Congresso, Romero Jucá reassumiu o papel de líder do governo no Senado, que, segundo a opinião de aliados e adversários, ele desempenha com maestria, e ainda exerce grande influência na equipe econômica do governo, da qual se considera um ‘membro honorário’. Presidente nacional do PMDB e um dos mais influentes parlamentares do Congresso, Jucá talvez seja o nome que melhor encarne a elite política ameaçada pela investigação que revelou uma corrupção sistêmica vigente no país há pelo menos três décadas.”

A prisão de Luiz Inácio Lula da Silva ocorreu no dia 7 de abril de 2018, após o ex-presidente se entregar à Polícia Federal (PF) no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, e durou até o dia 8 de novembro de 2019, após o Supremo Tribunal Federal (STF) ter derrubado a prisão de condenados após a segunda instância. Lula permaneceu preso por 580 dias. No dia 12 de julho de 2017, Sergio Moro, juiz federal de primeira instância, condenou Lula a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro na ação penal envolvendo um triplex no Guarujá. Na segunda instância a pena foi aumentada para 12 anos e um mês. Em seguida, no dia 5 de abril, Moro expediu o mandado de prisão. Em abril de 2019, numa decisão unânime, 5ª Turma do STJ manteve condenação de Lula e reduziu a pena por corrupção passiva e lavagem de dinheiro de 12 anos e 1 mês para 8 anos e 10 meses de prisão. O caso do triplex foi investigado no âmbito da Operação Lava Jato. Lula cumpriu pena em Curitiba, no prédio da Superintendência Regional da PF no Paraná. Em agosto o Comitê de Direitos Humanos da ONU solicitou ao Brasil que fosse garantido a Lula o direito de exercer seus direitos políticos enquanto estivesse preso, incluindo o acesso aos membros do seu partido e à mídia e a participação na eleição presidencial no Brasil em 2018. O Itamaraty questionou o Comitê e encaminhou a deliberação ao Poder Judiciário. Lula foi o primeiro ex-presidente do Brasil a ser preso por causa de uma condenação por crime comum. Antes dele, outros seis ex-presidentes do país foram presos, mas todos por motivos políticos. No dia 8 de março de 2021, o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, anulou as condenações de Lula no âmbito da Lava Jato, por considerar que o Tribunal Regional Federal da 4ª Região julgou o processo fora da área de jurisdição daquela corte, utilizando como base uma decisão anterior da segunda turma do STF no caso Transpetro, em que estavam envolvidos políticos do MDB, tendo sido determinado que o processo fosse julgado em Brasília. Com isso, Lula recuperou seus direitos políticos e os processos judiciais contra o ex-presidente foram transferidos para a Seção Judiciária do Distrito Federal, que integra o Tribunal Regional Federal da 1ª Região. Posteriormente, o caso do triplex do Guarujá, que levou a prisão de Lula, foi arquivado pela justiça.²⁷³

O golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff e o roubo dos direitos políticos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018, o “golpe continuado”, tinham o objetivo de destruir os avanços sociais (a erradicação da extrema miséria, diminuição das desigualdades, ampliação das redes de saúde e educação, investimentos em cultura), políticos (*formação de um mercado interno de consumo de massas, articulado com uma estratégia de ampliação dos investimentos públicos e privados, como fator propulsor para o desenvolvimento*)²⁷⁴, econômicos (o pagamento total da dívida

'Com o Supremo, com tudo': quem é Romero Jucá, o 'resolvedor-geral' da República - Presidente do PMDB, principal articulador de Michel Temer no Congresso e uma das estrelas da Lava Jato, Romero Jucá defende 'transição' no lugar do 'extermínio da classe política' encurralada pelo maior escândalo de corrupção da história. Lucas Ferraz (Agência Pública), Opera Mundi, 12 de julho de 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/47554/com-o-supremo-com-tudo-quem-e-romero-juca-o-resolvedor-geral-da-republica> Acesso em 29 de julho de 2022.

²⁷³ Prisão de Luiz Inácio Lula da Silva. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2018. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pris%C3%A3o_de_Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva#:~:text=A%20pris%C3%A3o%20de%20Luiz%20In%C3%A1cio,ter%20derrubado%20a%20pris%C3%A3o%20de Acesso em: 29 de julho de 2022.

²⁷⁴ *Livro analisa avanços sociais durante governos Lula e Dilma*. Redação, Fundação Perseu Abramo. 19 de março de 2018 - da <https://fpabramo.org.br/2018/03/19/livro-analisa-avancos-sociais-durante-governos-lula-e-dilma/> Acesso em 29 de julho de 2022.

externa e o acúmulo de reservas no valor de US\$ 350 bilhões de dólares) e de soberania (autossuficiência na produção de energia hidroelétricas, petróleo, eólica; diplomacia ativa e respeitada globalmente) promovidos nos treze anos dos governos Lula e Dilma. E ainda destruir a indústria naval e aeronáutica, roubar o petróleo das reservas do pré-sal, acabar com a influência financeira e social do Brasil juntos aos países da América Latina e dos BRICS, impor a volta a um estado rural e produtor de commodities que atenderia aos interesses retrógrados do agronegócio (em conluio com grandes corporações transnacionais – dentro do sistema imperialista – onde as transnacionais sugam os recursos naturais e enviam os dividendos para as metrópoles do norte, enquanto as colônias do sul ficam com os ambientes desmatados, degradados e os trabalhadores explorados, envenenados e assassinados)²⁷⁵. Interesses que atendem parcelas das forças armadas, de líderes religiosos, dos EUA e de grupos que controlam o capital nacional (*bancos privados*):

Ainda que Brasil esteja com a economia destrozada, especialistas ouvidos pelo Brasil de Fato preveem que governo Bolsonaro deve ter como principais beneficiados as instituições financeiras, as multinacionais e o agronegócio. De acordo com a análise de João Sicsú, professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), durante o novo governo a economia brasileira será comandada, de forma ainda mais direta, “por interesses ligados ao mercado financeiro e as empresas estrangeiras, sobretudo ligadas ao setor do petróleo”. Ele explica que isso não se dará mais por meio de “pressão e lobby, mas como organização de poder, como governo”. Para Sicsú, o cenário estipulado por Paulo Guedes à frente da economia deve ser no sentido de se “estrangular o orçamento e reduzir a carga tributária. Reduzirão de forma drástica os serviços que o Estado presta à sociedade”. De todo modo, ressalta ele, “garantirão no orçamento a fatia destinada ao setor financeiro”. Conforme a música que já toca no Brasil há algum tempo, portanto, o setor financeiro será prioridade – e não corre riscos de ver seus interesses prejudicados no novo governo. Pelo contrário. Com Joaquim Levy (que implementou uma agenda amarga à economia como ministro de Dilma) à

“O livro *Governos do PT: um legado para o futuro*, organizado pelo ex-ministro Aloizio Mercadante e o sociólogo Marcelo Zero (...) Um retrato detalhado dos avanços sociais e da construção de um Estado de Bem-Estar Social no Brasil, conquistados a partir de políticas inovadoras, nos mais diversos campos, durante os governos Lula e Dilma, entre 2003 e 2015, é traçado no livro.”

²⁷⁵ *Como os ruralistas capturaram o Congresso - Após a ditadura, o agrarismo tornou-se a maior bancada legislativa do país. Duas estratégias foram chaves: marketing pesado para camuflar seu atraso e o Instituto Pensar Agro, que articula lobistas, executivos e corporações transnacionais.* Marcio Pochmann, sessão Crise Brasileira, Outras Palavras, 25 de julho de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/pochmann-como-os-ruralistas-capturaram-o-congresso/> Acesso em 29 de julho de 2022.

“Nas eleições gerais de 2018, a representação política dos negócios econômicos vinculados ao complexo agropecuário no parlamento brasileiro cresceu 7,1% em relação ao resultado de 2014. Ademais do sucesso obtido na expansão eleitoral, o lobby das empresas e associações do agronegócio identificado por Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) apresentou importante capacidade de renovação, uma vez que somente 45% dos eleitos em 2014 conseguiram se reeleger em 2018. Com 257 deputados federais, somente a FPA conseguiu responder pela metade do total dos parlamentares pertencentes à Câmara dos Deputados Federais. A força quantitativa da bancada parlamentar ruralista resultou não apenas da ocupação de parte dos postos de comando no Legislativo (Câmara e Senado), bem como na composição tanto nos ministérios do Poder Executivo como nas indicações do Poder Judiciário.”

frente do BNDES, Roberto Campos Neto (neto do histórico liberal Roberto Campos) no comando do Banco Central e Guedes no Ministério da Fazenda, “todos os setores ligados direta ou indiretamente ao sistema financeiro devem ser beneficiados”, afirma Kliass. “O país está quebrando”, com desemprego e falências, “e os bancos e instituições financeiras apresentando lucros bilionários”, destaca o especialista.²⁷⁶

Em 2017 o jurista Rafael Valim apontou as relações entre golpes de estado e interesses imperialistas e subimperialistas do grande capital em seu livro *Estado e Exceção: A forma jurídica do neoliberalismo*. O prefácio do livro é de Jessé Souza que adianta:

Um golpe levado à cabo precisamente por uma “casta jurídica”, apartada do país real que reina absoluta no poder judiciário brasileiro. Um poder judiciário que, juntamente com a grande mídia, são os operadores reais do “golpe institucional”, que se implantou no Brasil em maio de 2016. Mas seria ingênuo imaginar que o poder judiciário comanda o processo golpista. Ele, na realidade, é o operador menor que “suja as mãos”, juntamente com a grande mídia que perde credibilidade de forma crescente, em nome da “elite do dinheiro”, ou seja, a elite do capital financeiro, a fração hoje dominante da classe dos proprietários. Foi um golpe articulado para que os interesses dos proprietários possam agora ser impostos a toque de caixa por um parlamento venal, medíocre e subserviente. Os interesses econômicos do 1% mais rico que se impõem agora sem peias sobre os interesses vitais dos 99% restantes e indefesos. A economia “compra” a política e ameaça desmontar por meio de suas próprias instituições o Estado de direito democrático. (...) O “mercado” em abstrato passa a determinar, em grande medida, a política econômica antes privilégio do Estado soberano. A demanda pela “independência” do Banco Central nada mais é que a demanda por sua dependência ao capital financeiro internacional. Entre nós, no entanto, esse controle do mercado é ainda maior. Ele não se apropria apenas do orçamento público, mas também compromete o acesso a riquezas nacionais que passam a ser geridas como espólio para a rapina internacional. (VALIM, 2017, p. 9-11)

E o próprio Valim nos diz da dificuldade em se chegar a uma única definição de estado de exceção, visto que sofre variações de acordo com os autores, períodos, disciplinas e vieses tais como a *teoria geral do direito* (p. 19), o *plano dogmático-jurídico* (p. 20), *sob o ângulo sociológico* (p. 20), *sob a teoria política* (p.21) e *sob o prisma filosófico* (p. 21). Em função dessa *riqueza semântica da expressão “estado de exceção”*, Valim fazendo referência à Marie-Laure Basilien-Gainche – *État de droit et états d’exception: une conception de L’État*. Paris: PUF, 2013, p. 37 – escreve: “(...) em rigor não existe um estado de exceção, mas sim *estados* de exceção, ou seja, *parcelas* de poder que lícita ou ilicitamente, escapam aos limites estabelecidos pelo Estado de Direito” (VALIM, 2017, p. 22). E complementa:

²⁷⁶ Bancos e grandes empresas são os que mais se beneficiarão no governo Bolsonaro - Enquanto o país "quebra", setores com maior poder econômico são capazes de manter lucros bilionários. Antonio Biondi e Napoleão de Almeida, Brasil de Fato, São Paulo, 23 de novembro de 2018, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/23/bancos-e-grandes-empresas-sao-quem-mais-se-beneficiara-no-governo-bolsonaro> Acesso em 20 de julho de 2022.

(...) a exceção, ao negar a lei, principal produto da soberania popular, toma de assalto a democracia. A pretensão de um governo *impessoal* das leis cede lugar ao governo pessoal dos homens. O povo é destronado em favor do soberano, o que explica a afirmação de Giorgio Agambem de que a *exceção é o absolutismo da contemporaneidade*. Nesta ordem de ideias, o estado de exceção potencializa o processo de despolitização de que é vítima a sociedade atual (...). O diálogo democrático é substituído pela monologia autoritária. Não por acaso, *a economia, que sempre postula um completo afastamento da política, tem um especial apreço pela exceção*. (VALIM, 2017, p. 27-28)

E sobre a sujeição da política ao capital financeiro Valim traz o também jurista e professor italiano Luigi Ferrajoli (um dos principais teóricos do Garantismo):

Luigi Ferrajoli assinala, corretamente, que nas últimas décadas se produziu uma silenciosa revolução institucional. Em suas palavras, “não temos mais o governo público e político da economia, mas o governo privado e econômico da política”²⁷⁷. Não são mais os governos democraticamente eleitos que gerem a vida econômica e social, em vista de interesses públicos, senão que as potências ocultas e politicamente irresponsáveis do capital financeiro. (...) Na síntese primorosa de Ferrajoli, “somos governados, de fato, por sujeitos que não nos representam, enquanto os sujeitos que nos representam são àqueles subalternos e impotentes diante deles”²⁷⁸. (VALIM, 2017, p. 29-30)

A passagem acima lembra sobre a importância das mudanças serem silenciosas, ocultas e alimentadas para uma continuidade – “o poder garante a reprodução de um tipo. Com isso, produz uma continuidade” (HAN, p. 192) - dentro da lógica exposta por Byung-Chul Han de quanto maior o poder, mas invisível ele é e mais contínuo. Em consonância com a colocação de Han do poder invisível Rubens Casara infere que “o poder se exerce de várias formas. O exercício do poder mais efetivo não se dá de forma explícita ou mesmo coercitiva. Ao contrário, as pessoas, em regra, seguem normas e se submetem ao poder sem saber” e com isso Casara assim como Han entende que “o poder é mais efetivo quanto menos ele é percebido como um direcionamento externo ao indivíduo” e explica que “isso se dá porque os detentores do poder mobilizam as normas mais comuns imanentes aos processos direcionados tanto à realização dos desejos quanto às práticas cotidianas. Se a existência tem uma dimensão normativa, manipular as normas significa manipular a existência” (CASARA, 20231, p. 175).

O poder continuado do neoliberalismo impede por diversos artifícios de interferência na normatividade cotidiana que outros tipos de organizações (em especial as coletivas, os movimentos, os

²⁷⁷ FERRAJOLI, Luigi. A democracia através dos direitos: o constitucionalismo garantista como modelo teórico e como projeto político. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015. P. 149.

²⁷⁸ Idem.

sindicatos) possam gerar outras forças em potencial – por isso é importante para o poder neoliberal manter as pessoas em estado de crise, fragmentadas, onde se sintam impelidas à competição pela sobrevivência. Esses impedimentos garantem a manutenção prologada do poder e são implementados através da chamada *racionalidade neoliberal* determinada pelas potências imperialistas do norte global.

Rubens Casara aponta que o “o sistema neoliberal é composto dos poderes que o sustentam tanto no plano interno quanto no plano internacional”, e que de maneira bastante simplificada “pode-se afirmar que são os detentores do poder econômico e, não raro, os detentores do poder político que sustentam o projeto neoliberal” e os que buscam “com finalidade última gerar capital a partir do próprio capital” são os beneficiários “das medidas neoliberais e, portanto” formam “o pequeno grupo em que figuram aqueles a quem atende a racionalidade neoliberal” (CASARA, 2021, p. 169). Casara segue dizendo que “corporações, sociedades empresárias multinacionais, atores financeiros, organismo econômicos internacionais e oligarquias políticas, midiáticas e jurídicas locais formam uma espécie de coalizão de poderes em nome da manutenção e do fortalecimento tanto desse projeto quanto da racionalidade neoliberal” e com isso *o desejo de lucro* (a economia) “passa a colonizar o pensamento, o Estado, a sociedade e as condutas individuais”. E com isso pretende-se que o Estado torne-se “um instrumento para o mercado na busca por acumulação e lucro ilimitados”. Casara diz que “o poder exercido a partir da racionalidade neoliberal” tem como alicerce “a mesma lógica normativa” e com isso “passa a reger todas as relações, as maneiras de governar em todos os níveis e domínios e o comportamento das empresas e também das pessoas”. E finaliza escrevendo que:

(...) mais do que uma teoria, uma política econômica ou uma ideologia, o neoliberalismo é um sistema construído a partir de uma racionalidade com pretensão à totalidade e que, por essa razão, busca estruturar e organizar a ação dos governantes e dos governados, das empresas e indivíduos, das instituições públicas e das corporações privadas. E isso se faz com a generalização da concorrência como norma (mandamento de conduta) e da empresa como modelo de subjetivação, através de um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que levam à introjeção das regras do jogo neoliberal. Instaura-se o tempo do Estado-Empresa e do indivíduo empresário-de-si. Cada um é lançado na disputa concorrencial e deve passar a atuar como uma empresa na busca por lucros. (CASARA, 2021, p. 170)

O sistema neoliberal com a sua necessidade de subsistência precisa eliminar quaisquer sistemas concorrentes para manter a ideia dele ser naturalmente a única opção, por isso a demonização do

socialismo e do comunismo (com embargos econômicos, com retenção de recursos financeiros²⁷⁹, golpes, propaganda da indústria do entretenimento e da mídia). Sendo o neoliberalismo um sistema totalitário, ele ataca os demais sistemas alternativos acusando-os de totalitários; sendo ele um sistema antidemocrático (visto que não é um sistema para o povo, mas para atender os interesses de poucos), ataca os demais sistemas como antidemocráticos.

Rafael Valim complementa Casara escrevendo que:

Este quadro está inserido no que podemos chamar de *racionalidade neoliberal*²⁸⁰, que alguns querem apresentar como uma consequência inelutável da globalização [o plano é sempre naturalizar de maneira a não entendê-lo como um projeto muito bem determinado de antemão], mas que, em rigor, valendo-se da terminologia foucaultiana, traduz um *dispositivo* de natureza estratégica que propugna uma sociedade individualista, altamente competitiva, cujas pulsões são falsamente satisfeitas através do consumo e cujos juízos são construídos em um ambiente marcado pela espetacularização. Trata-se de um *eterno presente* que sacraliza o êxito individual e condena o fracasso, tendo como plano de fundo o embuste da “meritocracia” em sociedades profundamente desiguais. (VALIM, 2017, p. 32)

E conclui esse ponto dizendo que “a essa altura já é possível entrever que é o *verdadeiro* soberano. Quem decide sobre a exceção atualmente é o chamado ‘mercado’, em nome de uma elite invisível e ilocalizável; é dizer, *o soberano na contemporaneidade é o mercado*” (VALIM, 2017, p. 33).

Essa *coalizão de poderes em nome da manutenção e do fortalecimento tanto desse projeto quanto da racionalidade neoliberal colocada* por Casara e que no áudio vazado de Romero Jucá pode

²⁷⁹ Quase R\$ 11 bilhões - Suprema Corte britânica anula decisão e mantém bloqueio de ouro venezuelano - Desde 2020, Banco Central da Venezuela tenta recuperar 31 toneladas de ouro público depositados no Banco da Inglaterra. Michele de Mello, Brasil de Fato, São Paulo, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/20/suprema-corte-britanica-anula-decisao-e-mantem-bloqueio-de-ouro-venezuelano> Acesso em 30 de julho de 2022.

“A Suprema Corte do Reino Unido decidiu, nesta segunda-feira (20), manter o bloqueio de 31 toneladas de ouro venezuelano, equivalente a US\$ 2 bilhões (cerca de R\$ 11 bilhões), depositados no Banco da Inglaterra. Com a sentença, os magistrados anularam parte da decisão do Tribunal de Apelação que era favorável ao pedido do governo de Nicolás Maduro sobre as reservas internacionais do país. O caso entrou na justiça porque o Banco se nega a liberar as reservas em ouro ao governo bolivariano, por reconhecer o opositor Juan Guaidó como autoridade legítima. Em outubro de 2020, o Banco Central da Venezuela (BCV) ganhou um recurso no Tribunal de Apelação britânico, que considerava a possibilidade de que o Estado britânico reconhecesse um presidente ‘de direito’, que nesse caso seria Guaidó, e outro ‘de facto’, que seria Maduro. (...) ‘o governo britânico recorre a uma montagem política fraudulenta, em cumplicidade com extremistas da política venezuelana, encabeçados pelo impostor Juan Guaidó, com o objetivo de roubar o ouro dos venezuelanos’”.

²⁸⁰ Ver – DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

CASARA, Rubens. *Contra a Miséria Neoliberal: Racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

ser resumido como o “grande acordo nacional, com o supremo, com tudo” é a responsável pelo golpe de 2016, e pela prisão ilegal do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2018.

Valim ao apontar o papel da mídia em construir inimigos – os “corruptos” seletivos, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, o PT, o MST, o comunismo, os professores, as periferias, os indígenas, etc - a serem perseguidos e odiados. Valim diz que “em todo o mundo, grandes veículos de comunicação, mediante sofisticadas técnicas de manipulação de informação, convertem-se, na expressão de Thomas Piketty, em ‘aparatos de justificação’ da cosmovisão neoliberal” (VALIM, 2017, p. 34). E que “tudo isso explica o fato de que a política, agora dominada pela exceção, tenha se transformado em binômio amigo/inimigo (...)”. E que para se manter a continuidade do poder neoliberal, ou seja, “a fim de preservar o estado de coisas vigente” - o poder na mão de poucos – “o Estado empreende uma guerra incessante contra um inimigo virtual, constantemente redefinido, do qual se retira, em alguns casos, a própria condição de pessoa, reduzindo-os a um outro genérico, total, irreal” e com isso, “em síntese, o mercado define os inimigos e o Estado os combate” (VALIM, 2017, p. 35-36). E foi exatamente o que aconteceu com a esquerda brasileira e em especial com o PT e seus políticos e filiados. Sendo “que, neste contexto, o Direito Penal e o Direito Processual Penal sofreram um completo desvirtuamento, perdendo sua vocação garantista em prol da mera legitimação das pretensões autoritárias do Estado”, onde “a persecução penal se torna um jogo de cartas marcadas, com um absoluto desprezo ao direito de defesa” (VALIM, 2017, p. 36) que foi o que aconteceu com ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. E “não imagine, contudo, que o atual estado de exceção no Brasil se circunscreva a juízes provincianos”, o então juiz de primeira instância Sergio Moro (depois ministro de J. M. B.) ou a juíza substituta Gabriela Hardt²⁸¹. “Até a mais alta corte do país, o Supremo Tribunal

²⁸¹ STF anula decisões de Gabriela Hardt, a juíza do copia e cola substituta de Moro. Grupo Prerrogativas, 29 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/stf-anula-decisoes-de-gabriela-hardt-a-juiza-do-copia-e-cola-substituta-de-moro/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Justiça - Após ONU reconhecer parcialidade de Moro, STF anula decisões de Gabriela Hardt - Ricardo Lewandowski entendeu haver ilegalidade nas decisões proferidas pela substituta do ex-juiz Sergio Moro. Carta Capital, 29 de abril de 2022.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/apos-onu-reconhecer-parcialidade-de-moro-stf-anula-decisoes-de-gabriel-hardt/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Lava Jato - Filha da elite política catarinense, Gabriela Hardt segue perfil autoritário de Moro - Genealogia da juíza que substituiu Sergio Moro na Lava Jato mostra raízes conservadoras e oligárquicas. Lia Bianchini, Brasil de Fato, Curitiba, 24 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/24/filha-da-elite-politica-catarinense-gabriela-hardt-segue-perfil-autoritario-de-moro/> Acesso em 31 de julho de 2022.

“Desde que Moro pediu exoneração do cargo de juiz federal para assumir o posto de Ministro da Justiça do governo Bolsonaro, é ela quem assume os processos da Lava Jato. (...) a relação de Hardt e Moro vai além de uma simples substituição de cargo. Os perfis dos juízes fazem parte de uma estrutura conservadora e oligárquica que caracteriza o poder judiciário brasileiro. Nas palavras de Ricardo Costa de Oliveira, Professor do Departamento de Ciência Política e Sociologia

Federal, por ação ou omissão, curvou-se à exceção (...) a Constituição foi sequestrada pelo Supremo Tribunal Federal” (VALIM, 2017, p. 45). E o também jurista, filósofo e professor Alysson Mascaro afirma categoricamente “o direito é forma do capital”, e complementa:

O direito não é forma neutra, nem independente, o direito não serve á ricos e pobres, o direito serve ao capital, dado que a forma jurídica é a forma do ter por direito. Então o banqueiro, não é porque ele tem a bala de um revolver na mão que o banco é dele e ninguém toma, é porque o direito estrutura a garantia da propriedade privada para o proprietário, pois bem, o direito não é neutro, o Estado não é neutro. Isto é inclusive toda a reflexão dos meus livros (...). O direito não pode ser outra coisa que não a garantia do capital, o que o direito pode não ser é está espécie de, eu diria, ostentação de parcialidade que faça com que alguém sendo um político de direita, seu crime jamais seja investigado; sendo de esquerda até um não crime será criminalizado como pedalada fiscal. Então isso que se verifica no Brasil nos dias de hoje, o *lawfare* e outros mais, não é uma dimensão na qual o direito é uma sagração da imparcialidade, e hoje nós perdemos essa imparcialidade. O direito historicamente pela sua forma, não é pela sua má utilização, não é pela sua manipulação, pela forma estrutural que é, o direito é um domínio do capital, o direito não é a libertação, não é a terra para todos, o direito é a terra para o proprietário (...). Essa dimensão de garantir o latifúndio do latifundiário, essa dimensão de garantir o banco para o banqueiro e ao pobre eventualmente dar salário mínimo isso é o direito na tua toada de duzentos anos.²⁸²

da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a maioria dos magistrados brasileiros nascem da mesma bolha de privilégios, representam uma tradição autoritária da elite estatal, estão sempre dentro do Estado, se beneficiando dos melhores salários, das melhores pensões, dos melhores recursos e do privilégio estatal’. Oliveira já debruçou sobre as origens familiares de membros da Operação Lava Jato, na pesquisa intitulada ‘Prosopografia familiar da Operação Lava Jato e do ministério Temer’. No artigo, o professor afirma que não se pode compreender os agentes da Operação como ‘indivíduos abstratos, que agem de ‘acordo com o que ‘diz a lei’’. É preciso, antes de tudo, ‘compreender a rede de relações sociais, profissionais, políticas e ideológicas que constituem estes agentes’. Oligarquia catarinense. A ‘bolha de privilégios’ na qual Gabriela Hardt nasceu foi formada em Indaial, um município do Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina, com aproximadamente 66 mil habitantes. O sobrenome Hardt, ali, está em uma das ruas principais, em avenida, no parque municipal, na escola de educação básica municipal e nas fachadas de uma rede de lojas de departamento e confecções. ‘Essas oligarquias políticas familiares são extremamente conservadoras, com pensamento político sempre de direita, autoritário, o que contribui a explicar o comportamento político da juíza em relação ao processo do Lula’, explicou o professor Oliveira. (...) Segundo o professor Ricardo Oliveira, a família, a formação e os círculos sociais de Gabriela Hardt explicitam o ‘ethos do poder judiciário brasileiro’. Ou seja, um conjunto de hábitos e valores sociais, com raízes conservadoras, que tendem a preservar ‘interesses particulares da classe dominante’. Os impactos dessa elitização do poder judiciário para a sociedade brasileira, na avaliação de Oliveira, são ‘autoritarismo, exclusão social, aumento da corrupção e da impunidade’.”

²⁸² Alysson Mascaro: “O que a esquerda fizer para o pobre, a elite vai tomar”. TV 247, 1:06:03, 18 de julho de 2022, 36:14 – 38:09. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=336vADBLxOE&t=2469s> Acesso em 31 de julho de 2022.

“Entrevista do jurista e filósofo do direito marxista Alysson Mascaro ao programa Giro das Onze de sexta-feira (15 de julho de 2022). É professor na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco - USP) e autor, entre outros livros, de “Crise e Golpe”, sobre a crise político-econômica no Brasil de 2014, e “Estado e Forma Política”, ambos da Editora Boitempo.”

Em função da prisão ilegal do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e do bloqueio de seus bens²⁸³, foi organizado um leilão de arte chamado de *Ação Pela Democracia*²⁸⁴. O leilão teve o objetivo de arrecadar fundos para doação ao Instituto Luís Inácio Lula da Silva. Para esse leilão eu construí a escultura *Minha Causa Minha Vida*, 2018 (fig. 110) - feita especialmente para essa *Ação*. Com *Minha Causa Minha Vida* eu prossigo com tipologias já trabalhadas por mim em outras peças, tais como o desenho sem título de 2006 (fig. 108); a escultura *Casa-trabalho* de 2008 (fig.112) e a escultura em aço *Inscrição*, 2015 (Fig. 109).

No título de *Minha Causa Minha Vida*, também uso um modo de nomear as peças que emprego desde pelo menos o final dos anos noventa, o jogo de palavras foneticamente próximas e ou similares no modo de escrita, influencia de leituras dos anos noventa e início de dois mil sobre o dadaísmo e o surrealismo principalmente, nas figuras do francês Marcel Duchamp (1887-1968) e do belga René Magritte (1898-1967), dois artistas, entre muitos outros, que foram importantes naquele período. Então no título substituo uma palavra, ou nem isso, apenas acrescento a letra “u” entre as sílabas de casa, ca-u-sa. Com essa operação tenho em mente a vontade de usar o título como elemento constituinte do trabalho, tanto quando a madeira ou os parafusos. E assim através do título tento imprimir uma referência a um contexto social, temporal e político específico, qual seja, a referência ao programa de política pública habitacional brasileira, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) criado em 2009²⁸⁵, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para promover a redução da desigualdade social e cumprir o direito à casa própria que está na constituição de 1988. A ideia era de referenciar esse programa social e de relacionar as palavras casa e causa, pois no Brasil a casa própria é a causa na vida de muitos brasileiros, em particular dos cidadãos com baixa renda e o PMCMV foi uma oportunidade para muitas famílias poderem ter a segurança de serem donas de suas casas.

A escultura é composta pela junção de duas tipologias simplificadas (formas estruturais vazadas) de construções humanas feitas para receber o corpo humano, a cadeira (onde o corpo se posiciona sobre ela) e a casa (onde o corpo entra dentro ela). A cadeira como lugar de descanso, estudo,

²⁸³ Nota oficial do PT sobre bloqueio dos bens de Lula - PT repudia mais esta arbitrariedade e vai reagir, por todos os meios, para impedir que se consume essa violência inominável. Partido dos Trabalhadores, 19 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.pt.org.br/nota-oficial-do-pt-sobre-bloqueio-dos-bens-de-lula/> Acesso em 31 de julho de 2022.

²⁸⁴ https://m.facebook.com/Boitempo/posts/1880440032004091/?_rdr
<https://institutolula.org/comeca-o-leilao-de-artes-em-prol-da-democracia>
<https://artebrasileiros.com.br/agenda-arte/leilao-acao-pela-democracia/>

²⁸⁵ Em janeiro de 2021 o programa é extinto por J.M.B.

trabalho, etc., e a casa como o lugar primordial da proteção, onde é possível descansar à noite, se alimentar, envelhecer dentro dela, etc.

Nesse trabalho a estrutura que se refere à cadeira está na escala de uma cadeira real, e a estrutura que remete a casa está em uma dimensão muito reduzida e posicionada sobre o lado esquerdo do que seria o assento da cadeira. Tenho usado muito cores escuras (marrons e pretos) para tingir ou pintar as estruturas das minhas esculturas (fig. 109 e 112) e desenhos (fig. 108, 115 e 116), mas em *Minha Causa Minha Vida* me pareceu importante usar tinta branca, como uma forma simbólica de associar uma folha em branco à ideia de uma casa nova, onde os moradores terão a liberdade de desenhar/viver um futuro definido por eles. Evidentemente que estes são alguns pensamentos sobre o trabalho, de forma alguma é uma definição fechada da peça, apenas são algumas ideias que a própria peça me sugeriu, e que com o tempo eventualmente podem mudar.

Ao lado da imagem de *Minha Causa Minha Vida* (fig. 110) está um trabalho de 2015, chamado *Inscrição* (fig. 109) que também é baseado nas tipologias da casa e da cadeira, mas que para mim tem um sentido bastante distinto e aponta, acredito eu, para outras questões, para uma espécie de espaço mínimo onde a cadeira é mesclada à estrutura de uma casa simbólica, algum resquício de relação com trabalhos de Andrea Zittel²⁸⁶, Lucy Orta²⁸⁷ ou ainda Absalon²⁸⁸ que produzem espaços e habitação planejadas para a escala do corpo humano, habitações ou representações de habitações e mobiliários destinados ao isolamento (espécies de casamatas militares minimalistas que Absalon chamava de células) e/ou sobrevivência em ambientes hostis como desertos (Zittel) ou climas frios (Orta). Muitos trabalhos de Orta privilegiam o coletivo, peças para serem habitadas/vestidas por várias pessoas ao mesmo tempo, mas ela também fez sacos de dormir para um só corpo de cada vez; ao passo que tanto a estadunidense Zittel quando o ex-soldado israelense Absalon parecem construir lugares para o isolamento, para a acedia, o que eu chamaria de refúgios melancólicos. O curador venezuelano Luis Pérez-Oramas da 30ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo ("A Iminência das Poéticas" - 2012) que trouxe obras de Absalon disse "É como se esses recintos brancos fossem também espaços de luto"²⁸⁹. E a partir desse binômio luto e melancolia, passo para os próximos trabalhos.

²⁸⁶ <https://www.zittel.org>

²⁸⁷ <https://www.studio-orta.com>

²⁸⁸ <https://www.boijmans.nl/en/exhibitions/absalon>

²⁸⁹ Bienal terá brancura íntima de Absalon, por Silas Martí, Ilustrada, Folha de São Paulo, 05 de agosto de 2012. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1131190-bienal-tera-brancura-intima-de-absalon.shtml>> Acesso em 25 de janeiro de 2022.

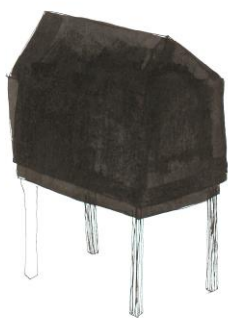


Fig. 108 sem título, 2006, nanquim sobre Papel, 29,7 x 21 cm
Exposição *Mobiliário Melancólico*



Fig. 109 *Inscrição*, 2015, aço e pintura eletrostática, 170 x 50 x 120 cm
Exposição individual *Objetos/Obliquos*
Sesc Osasco, 2015



Fig. 110 *Minha Causa Minha Vida*, 2018
escultura em madeira, 87 x 42 x 42 cm
Ação Pela Democracia
Coleção particular

No desenho feito com nanquim em 2006 (fig. 108) que integrou a exposição individual *Mobiliário Melancólico* (2006) eu já vinha pensando em quais materiais de revestimento eu poderia usar para representar o fluido corporal chamado bile negra (melânos, negro + cholé, bile = melancolia) em peças escultóricas tridimensionais. Também nos desenhos de 2007 pode-se ver essas espécies de emanções interligadas à estruturas de gabinetes, casas e abrigos (fig. 114, 115 e 116).

Depois de dois anos do desenho sem título de 2006 (fig. 108), na escultura *Casa-Trabalho* (fig. 112), fiz a experiência de usar um composto petroquímico utilizado para impermeabilização de telhados chamado hidro asfalto que dispensava o uso de fogo - que é necessário para derreter o piche para depois aplicá-lo à quente sobre uma laje de concreto ou no formato de mantas asfálticas sobre telhas. Era um material frio, pesado, escuro e proveniente das profundezas da terra, um material ligado, segundo a minha interpretação, aos atributos do humor melancólico²⁹⁰. Os médicos da antiguidade grega Hipócrates de Cós (460-370 a. c.) e Galeno de Pérgamo (129-200 a. c.) distinguiram quatro tipos de temperamentos, considerados como emanções da alma pela inter-relação dos diferentes humores do corpo: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico:

A melancolia estaria sob o signo de Saturno, planeta distante, de lenta revolução. Como também tinha correspondência no chumbo, aqueles que nasciam sob seu signo eram lentos, pesados. Ou seja: um astro pouco auspicioso. No corpo humano Saturno governa o baço, sede da bile negra. A associação entre Saturno e melancolia era inevitável. Até hoje o qualificativo 'soturno', corruptela de Saturno, é sinônimo de melancólico.²⁹¹

Era considerado o temperamento característico dos artistas, inventores e filósofos. Sendo algumas das características "positivas" atribuídas os sujeitos sob o signo de Saturno: habilidoso, minucioso, teórico, crítico, sensível, perfeccionista, esteta, idealista, pensativo, leal e dedicado. E as características negativas seriam: egoísta, amuado, confuso, antissocial, vingativo, inflexível, angustiado, ansioso, sério, lamentoso e desconfiado.

Na escultura *Casa-Trabalho* esse composto escuro cobria os dois elementos de madeira da escultura, uma pequena escrivaninha antiga e um volume geométrico fechado que representa a tipologia simplificada de uma casa, sendo esse último construído por mim. Essa cobertura preta me fez lembrar de uma passagem do livro *A Tinta da Melancolia*, onde o autor, ao falar das vestimentas dos atores de teatro, nos conta que "nos séculos XVI e XVII, a roupa protetora da poesia satírica foi, para agradar, o traje colorido do louco do carnaval, ou a do bobo da corte (o clown shakespeariano), ou, enfim, o manto negro do melancólico" (STAROBINSKI, 2016, p.153)

²⁹⁰ Para mais detalhes ver: KRISTEVA, Julia. *Sol Negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da Melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre, L&PM, 1986.

²⁹¹ SCLIAR, Moacir. *Saturno nos Trópicos: A melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P. 73-74.

Fig. 111 detalhe da aplicação da massa asfáltica
Casa-Trabalho, 2008
ateliê da cidade de Esteio, RS



Fig. 112 *Casa-Trabalho*
2006
massa asfáltica sobre madeira
exposição coletiva *Subterrânea Atelier*
Espaço Cultural ESPM
Porto Alegre, 2008



Fig. 113 sem título, 2006, nanquim sobre papel, 20 x 30 cm
Exposto em 2006 na individual *Mobiliário Melancólico* na Galeria Sotero Cosme, espaço expositivo pertencente ao MAC-RS, dentro da Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre, RS.



Fig. 114 sem título, série *Desenhos de Gabinetes* 2007, nanquim sobre papel, 60 x 40 cm
Exposto na individual *Desenhos de Gabinetes*, Muna – Museu Universitário de Arte da UFU, Uberlândia, MG



Fig. 115 sem título, 2007
nanquim e lápis aquarelável sobre papel
20,5 x 29,7 cm



Fig. 116 sem título, 2007, nanquim, sobre papel, 42 x 59,4 cm

Depois de apresentar brevemente os trabalhos acima – que, excetuando *Minha Causa Minha Vida*, ainda apresentavam vínculos com as noções de melancolia - passarei para um conjunto de peças que entendo já começaram a apontar para questões que refletiam contextos do pós-golpe de 2016. Em 2018 participei da exposição coletiva *Corpo Articulado*. Os trabalhos produzidos para a exposição partiram de anotações que eu já havia feito em cadernos de projetos assim como da experiência de produção da instalação *Diana Vegana* - com o trabalho com moldes e cópias em resinas e espuma de poliuretano expansível.

A exposição *Corpo Articulado* aconteceu em novembro 2018 com curadoria de Marcus de Lontra Costa, incluindo meus trabalhos além das obras de Farnese de Andrade, Nazareth Pacheco e Nelly Gutmacher, na Galeria Verve, em São Paulo. Apresentei seis peças, em ordem conforme a montagem na galeria: *Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas* (fig. 117), *O sono da justiça produz monstros fascistas* (fig. 119 e 120); *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico* (fig. 125-127); *Existimos Resistimos* (fig. 134); *Em pé pela Democracia. Mas qual Democracia?* (fig. 135-139) e *A Justiça Necessária* (fig. 140 e 141).

O grande número das minhas esculturas se deveu ao fato de inicialmente o projeto ter sido proposto pela galeria como uma exposição com as minhas peças em conversa com esculturas de Farnese de Andrade. Mas, em função de tempo e de outros fatores, o número de artistas foi ampliado.

A primeira peça vista na galeria era *Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas*. Por ter pesquisado sobre a produção artesanal de arcos e flechas para a instalação *Diana Vegana*, *Caça Não* repete tecnicamente o arco de Diana, mas ao invés do arco e das flechas serem quebradas como naquele trabalho, em *Caça Não* a estratégia de anulação da arma foi representada com o arco perfurado pelas flechas, sem a corda e com isso impedindo o seu potencial uso. Há um salto temporal simbólico de uma Diana caçadora para um arco contemporâneo de caça. O trabalho alude ao veganismo abolicionista de um modo mais amplo, mas aponta mais especificamente para o problema da eleição de 2018 que foi fraudada com a prisão e silenciamento do candidato que estava em primeiro lugar nas pesquisas Luiz Inácio Lula da Silva. Com uma campanha sórdida, misógina, desonesta, marcada pela ilegalidade²⁹² de disparos em massa via o aplicativo WhatsApp de fakenews

²⁹² *Jair Bolsonaro - Empresários financiaram disparos em massa pró-Bolsonaro no Whatsapp, diz jornal - A prática é considerada ilegal pelo Tribunal Superior Eleitoral. Empresa espanhola foi contratada por brasileiros, afirma 'Folha de S.Paulo'*. Gil Alessi e Manuel Viejo, São Paulo / Madri - 18 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/18/politica/1560864965_530788.html Acesso em 01 de agosto de 2022.

grotescas e covardes, um dos piores e mais desqualificados políticos dos últimos tempos foi eleito, o candidato de extrema direita J. M. B.. Em 07 de outubro de 2018 este sujeito que planejou um atentado à bomba dentro do exército²⁹³ venceu com 55,13% dos votos válidos em segundo turno, superando o ex-ministro da educação e professor Fernando Haddad, que fez 44,87% dos votos válidos. E já durante o período pré-eleitoral J. M. B. já vinha avisando que iria fazer de tudo para liberar a compra de armas de fogo para “caçadores”, “colecionadores” e “atiradores esportivos” (entre outras tantas categorias), e de fato fez isso.²⁹⁴ J.M.B. sabujo que é, quer trazer a tragédia estadunidense das armas liberadas e a crueldade e covardia da caça para o Brasil.

“A relação de empresários com mensagens pró-Bolsonaro também já haviam sido apontadas pelo EL PAÍS Brasil em agosto de 2018. Hang, o dono da Havan que meses depois cometeria irregularidades financiando disparos em massa no Whatsapp, pagou para impulsionar mensagens favoráveis ao militar da reserva no Facebook. A prática é ilegal, uma vez que apenas representantes oficiais das campanhas podem contratar impulsionamento de conteúdo eleitoral nas redes. De acordo com o TSE isso seria “terceirização da propaganda”, algo vedado pela nova legislação eleitoral. Após a reportagem, o Tribunal ordenou que Hang removesse o conteúdo de suas páginas, depois que o vídeo postado pelo empresário já tinha alcançado mais de um milhão de pessoas.”

WhatsApp admite envio ilegal de mensagens em massa nas Eleições 2018 - Em palestra, executivo admitiu que empresas violaram os termos de uso do mensageiro, contratando ilegalmente disparos de mensagens no período eleitoral. Ana Leticia Loubak (colaboração) e Rubens Achilles (redação), 08 de outubro de 2019. Disponível em:

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/whatsapp-admite-envio-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-2018.ghml> Acesso em 01 de agosto de 2022.

²⁹³ Espírito de corpo militar - STM fez vista grossa a planos terroristas de Bolsonaro nos anos 1980. Conjur, 10 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-ago-10/stm-fez-vista-grossa-planos-terroristas-bolsonaro-anos-1980> Acesso em 01 de agosto de 2022.

²⁹⁴ *Liberção de armas de fogo no Brasil - “Absoluto desastre”: Bolsonaro libera porte de armas para mais de 19 milhões de pessoas - Especialistas afirmam que decisão fere de morte o Estatuto do Desarmamento. Oposição irá recorrer ao STF.* Gil Alessi, São Paulo, 10 de maio de 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557344559_959983.html Acesso em 01 de agosto de 2022.

“Além de ampliar o porte para diversas categorias, o presidente flexibilizou as regras de posse, porte e venda de armas e munições para atiradores esportivos, caçadores esportivos e colecionadores (conhecidos como CACs). Na prática estas categorias também ganharam o porte, uma vez que poderão se locomover até seus locais de treino com as armas carregadas (antes era preciso guardar a munição separada da arma). Os CACs poderão adquirir até 5.000 munições para cada arma por ano. Os proprietários rurais, que após o decreto de Bolsonaro do início do ano tinham conseguido o direito à posse (possibilidade de ter arma em casa), poderão andar armados por toda a extensão da propriedade. Especialistas afirmam que essa medida pode acirrar ainda mais os conflitos no campo. Além disso, o capitão sacramentou o fim do enfraquecido monopólio das Forjas Taurus ao liberar importações de armamentos, algo até então vedado. Apesar do revés potencial a longo prazo, a medida rendeu lucro imediato para a empresa, com alta de mais de 20% nas ações da companhia na Bolsa.”

Importação, porte e registro de armas disparam sob Bolsonaro Ações da Taurus, fabricante de arma brasileira, também valorizaram durante o governo. Malu Mões, Poder 360, 23 de janeiro de 2022. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/importacao-porte-e-registro-de-armas-disparam-sob-bolsonaro> Acesso em 01 de agosto de 2022.

Bolsonaro volta a defender liberação de armas: ‘É a garantia da vida dos cidadãos de bem’ - O ex-capitão também proferiu diversos ataques a Lula durante seu discurso em evento de regularização fundiária em Goiás. Getulio Xavier, Carta Capital, 20 de abril de 2022. Disponível em: www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-volta-a-defender-liberacao-de-armas-e-a-garantia-da-vida-dos-cidadaos-de-bem/ Acesso em 01 de agosto de 2022.

Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas (fig. 117) foi uma tentativa de abordar a questão da caça que em 2018, o terrível ano da continuidade do golpe, que passou das mãos da direita para a extrema direita militarizada²⁹⁵ e milicianizada²⁹⁶.

Não tenho os dados da caça no Brasil, mas trarei os dados dos países que são os modelos de referência para a gente inescrupulosa que quer aplicar essa prática nefasta no Brasil. A caça no mundo é cruel, é exploração e assassinado animal, não por acaso dois países imperialistas, e ligados por essas práticas abjetas disfarçadas de tradição familiar e real ou de liberdade e mesma a absurda e grotesca desculpa de ser em nome da preservação dos animais: Inglaterra e EUA.

Abaixo segue uma pequena parte do capítulo 1 - *O diagnóstico: Nossa esquizofrenia moral acerca dos animais*, em especial a parte *Caça: dor e sofrimento por esporte* do livro *Introdução os Direitos Animais* de Gary Francione:

“O Brasil é um país cristão. Nós somos contra o aborto, contra ideologia de gênero, defendemos a família, a propriedade privada e queremos armas de fogo para o cidadão de bem”, iniciou Bolsonaro, elencando suas principais bandeiras conservadoras. Em seguida, focou em tratar da defesa do armamento: ‘Todos vocês, cidadãos de bem, sabem que a arma, em especial no local mais distante, é a garantia da vida de vocês. Não se esqueçam: povo armado jamais será escravizado’, vociferou.”

²⁹⁵ *Da Nova República à república das milícias*. Bruno Paes Manso – Ilustríssima – FSP - 25/10/2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CGxT1HKHJI_/ Acesso em 01 de agosto de 2022.

“Duas das principais referências morais e profissionais na formação do presidente Jair Bolsonaro foram o general do Exército Newton Cruz e o coronel Carlos Brilhante Ustra. Em comum, ambos eram contrários ao processo de abertura que levaria à Nova República e assumiam a necessidade de sujar as mãos na disputa política que viam como uma guerra. Chefe da agência central do SNI (Serviço Nacional de Informações), cargo que exerceu até 1983, quando foi para Brasília assumir o Comando Militar do Planalto, Cruz foi um dos representantes da linha dura na Presidência de João Baptista Figueiredo, organizando a resistência contra a redemocratização em um período em que pelo menos 40 bombas explodiram no Brasil. A série de tentados, cujo objetivo era provocar medo para justificar novas medidas de endurecimento, culminou com a bomba no Riocentro, em 1981, que devia explodir durante um show de MPB com cerca de 20 mil pessoas. O artefato, contudo, estourou antes, dentro de um carro com dois militares. Cruz assumiu, anos depois, que havia sido informado dos planos e nada fez por falta de tempo. Ustra, por sua vez, foi chefe do DOI-Codi (Destacamento de Operações de informações) do 2º Exército em São Paulo entre 1970 e 1974. O então major era valorizado pelos militares da linha dura como o símbolo dos oficiais que sujaram a mão na guerra, em contraponto aos burocratas fardados que se articulavam na transição para entregar o poder aos inimigos civis. Nos porões paulistas, liderados por Ustra, a tortura era prática comum. Dos 876 casos catalogados no livro “Brasil: Nunca Mais”, cerca de 400 ocorreriam no centro comandado por ele. Ustra escreveria sua visão da história no livro “A Verdade Sufocada”, uma das bíblias bolsonaristas (...).”

²⁹⁶ Ver – MANSO, Bruno Paes. *A República das Milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. Editora Todavia, 2020.

“O que fazia o policial Fabrício Queiroz antes de se tornar conhecido em todo o país como aliado de primeira hora da família Bolsonaro? E o líder miliciano Adriano da Nóbrega, matador profissional condecorado por Flávio Bolsonaro e morto pela polícia em 2019? E o ex-sargento Ronnie Lessa, apontado como autor dos disparos que mataram a vereadora Marielle Franco e morador do mesmo condomínio do presidente da República na Barra da Tijuca? Os três foram protagonistas de uma forma violenta de gestão de território que tomou corpo nos últimos vinte anos e ganha neste livro um retrato por inteiro: as milícias. Eles são apresentados ao lado de policiais, traficantes, bicheiros, matadores, justiceiros, torturadores, deputados, vereadores, ativistas, militares, líderes comunitários, jornalistas e sobretudo vítimas de uma cena criminal tão revoltante quanto complexa. O livro se constrói a partir de depoimentos de protagonistas dessa batalha. São entrevistas que chocam pela franqueza e riqueza de detalhes, em que assassinatos se sucedem e as ligações entre policiais, o tráfico, o jogo do bicho e o poder público se mostram de forma inequívoca.”

O segundo maior uso de animais nos Estados Unidos é a caça esportiva, que envolve a nossa matança de, **pelo menos, 200 milhões de animais por ano, sem contar com as dezenas de milhões de animais que são feridos e não são apanhados, e os que são mortos em fazendas de caça ou em contextos semelhantes.** Deixe-me desmentir o mito de quem caça faz isso principalmente por razões econômicas. **A caça é uma atividade da classe média.** Segundo um defensor da caça, “(...) o caçador médio nos Estados Unidos, hoje, é branco, do sexo masculino, de 42 anos (...) é um profissional formado/gerente, ou trabalha numa fábrica ou no setor de serviços, e ganha US\$ 43.120 por ano [no Brasil hoje, 01 de agosto, seriam R\$ 223.792,8, ou um salário mensal de R\$ 18.649,4] (...) (e) gasta cerca de mil dólares por ano em licenças para caçar, equipamento, viagem, refeição, acomodação e assim por diante”. Os caçadores usam rifles, pistolas, arcos e flechas, armas de fogo (...), armas automáticas e semiautomáticas de alta potência. Eles caçam animais selvagens cujos *habitats* foram mantidos para a finalidade da caça, animais que foram criados e soltos para ser caçados, e até animais exóticos cativos que são vendidos às reservas de caça por circos e zoológicos. Os caçadores atacam os animais em emboscada, comumente ficando de tocaia em estandes instalados em árvores a atirando neles com suas armas, ou atraindo-os com sal e outras comidas que eles apreciam para atingi-los de perto; atraem animais com instrumentos mecânicos que imitam os sons de outros animais, incluindo vozes em apuros e vozes no cio; usam cães com ou sem coleiras de rádio; e imobilizam animais à noite acendendo fachos de luz contra seus olhos, e em seguida atiram neles. Os caçadores e suas organizações públicas, como a *Wildlife Conservation Fund of America*, tentam convencer o público de que os caçadores prestam uma espécie de ‘serviço’ aos animais, ao matarem aqueles que estariam fadados a morrer lentamente de fome por causa da superpopulação animal. Vamos supor para fins de argumentação, que, de fato, a superpopulação de alguns animais às vezes ocorra “naturalmente”, isto é, sem a intervenção humana. Questão continua sendo se a caça é o corretivo necessário ou apropriado, um tema que vou abordar mais tarde. A verdade é que é realizado um manejo da maioria dos animais de caça através da manipulação artificial de seu *habitat*, com o objetivo de aumentar seu índice reprodutivo e sua população, precisamente para que os caçadores venham a ter animais para matar. Seja em área pública ou privada, a esmagadora maioria dos animais que os caçadores perseguem são propositadamente nutridos, abrigados e “re-estocados”, a fim de assegurar que suas populações permaneçam suficientemente altas para atender à demanda dos caçadores. Como os caçadores gastam muito dinheiro comprando licenças e equipamentos, e como nos **Estados Unidos** o governo federal distribui fundos à agências estaduais de preservação da vida selvagem baseado no número de licenças que elas vendem, **as agências estaduais e locais de preservação da vida selvagem encaram os animais de caça como recursos econômicos** a serem preservados para uma “colheita máxima”. Como escreveu um biólogo da vida selvagem, “(...) a **maioria das agências estaduais de preservação da vida selvagem se desenvolveu conforme um modelo empresarial**, com os caçadores e os pescadores sendo seus principais ‘clientes’, (...) **as agências de preservação da vida selvagem fornecem um produto pelo qual os caçadores pagam.**”

Para induzir ao aumento do índice reprodutivo e da densidade populacional dos animais de caça, as agências federais e estaduais de preservação da vida selvagem manipulam as populações e os ecossistemas através de uma variedade de técnicas que incluem: limpar e queimar áreas com árvores a fim de proporcionar pastagem para veados e outros animais de caça; destruir as populações predadoras; escavar e desviar vias fluviais, e barrar rios e riachos para formar lagos e pântanos para patos; plantar arbustos e árvores frutíferas para atrair veados e ursos; proporcionar alimento aos animais durante o inverno; atrair espécies muito procuradas, disponibilizando estruturas para que elas possam se empoleirar e áreas de chão para que possam fazer ninho; reabastecer o estoque de animais nas áreas onde as populações ficam baixas; e cercar extensões de terra para aumentar a densidade populacional. (...)

Nos últimos anos, têm proliferado as reservas privadas de caça onde os caçadores atiram em animais confinados. Com frequência, os animais são exóticos, que o dono da propriedade

comprou de um circo ou um zoológico, ou criou especialmente para essas “**caças enlatadas**”, e são **animais** bem **mansos**. Muitas dessas reservas estocam, em seus ranchos, animais de grande porte apreciados por colecionadores de troféus, e **anunciam “mortes garantidas”, portões trancados, tiro a curta distância** e a capacidade para atendimento personalizado, encomendando animais de espécies que ainda não estejam em estoque.²⁹⁷

Os exemplos e os dados seguem no livro que demanda muitas paradas para que se possa respirar fundo, pois a transformação dos animais não humanos em coisas que dão dinheiro, em *recursos econômicos* é nauseante, assim como o cinismo calhorda dessas organizações de “conservação” da vida selvagem que promovem a “colheita” (ou seja, a matança de pessoas não humanas, indefesas e cercadas) – e é nesses momentos que eu penso como a arte pode fazer algo frente a uma atrocidade institucionalizada dessa magnitude? E imaginar o que aconteceria se tais práticas institucionais de governo fossem aplicadas no Brasil – para além do genocídio diário dos animais ditos de “corte” e de “leite” para ficarmos apenas com o contingente terrestre. As armas para a caça (além de municar “cidadãos de bem”, milicianos e o crime organizado) foram apenas um primeiro passo sangrento nesse sentido de dessensibilizar ainda mais um contingente da população brasileira já tão exposta à violência, seja ela real do seu cotidiano seja ela vinda enlatada em videogames, séries e filmes estadunidenses. E apenas para concluir essa parte específica sobre a caça, Francione completa:

Como no caso da criação animal, a caça envolve a inflicção de uma enormidade de dor e sofrimento aos animais, e, em sua esmagadora maioria, essa dor e esse sofrimento simplesmente não pode ser caracterizado como necessário. A caça é um esporte. Seus defensores frequentemente argumentam que, mesmo se desnecessária, a caça se justifica como uma “tradição” humana.

Por isso, mesmo que infelizmente de forma ineficaz, eu precisei fazer a escultura que se chama: *Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas*.

A segunda escultura da mostra também trata de injustiças e de violências, e penso que o ponto central é que devemos ficar atentos, pois em um piscar de olhos, ou em um golpe de direita e acabamos presos em um caminho terrível. A escultura se chama *O sono da justiça produz monstros fascistas* (fig. 118 e 119).

²⁹⁷ FRANCIONE, Gary L. *Introdução os Direitos Animais*. Campinas: Editora Unicamp, 2013. P. 68-71.

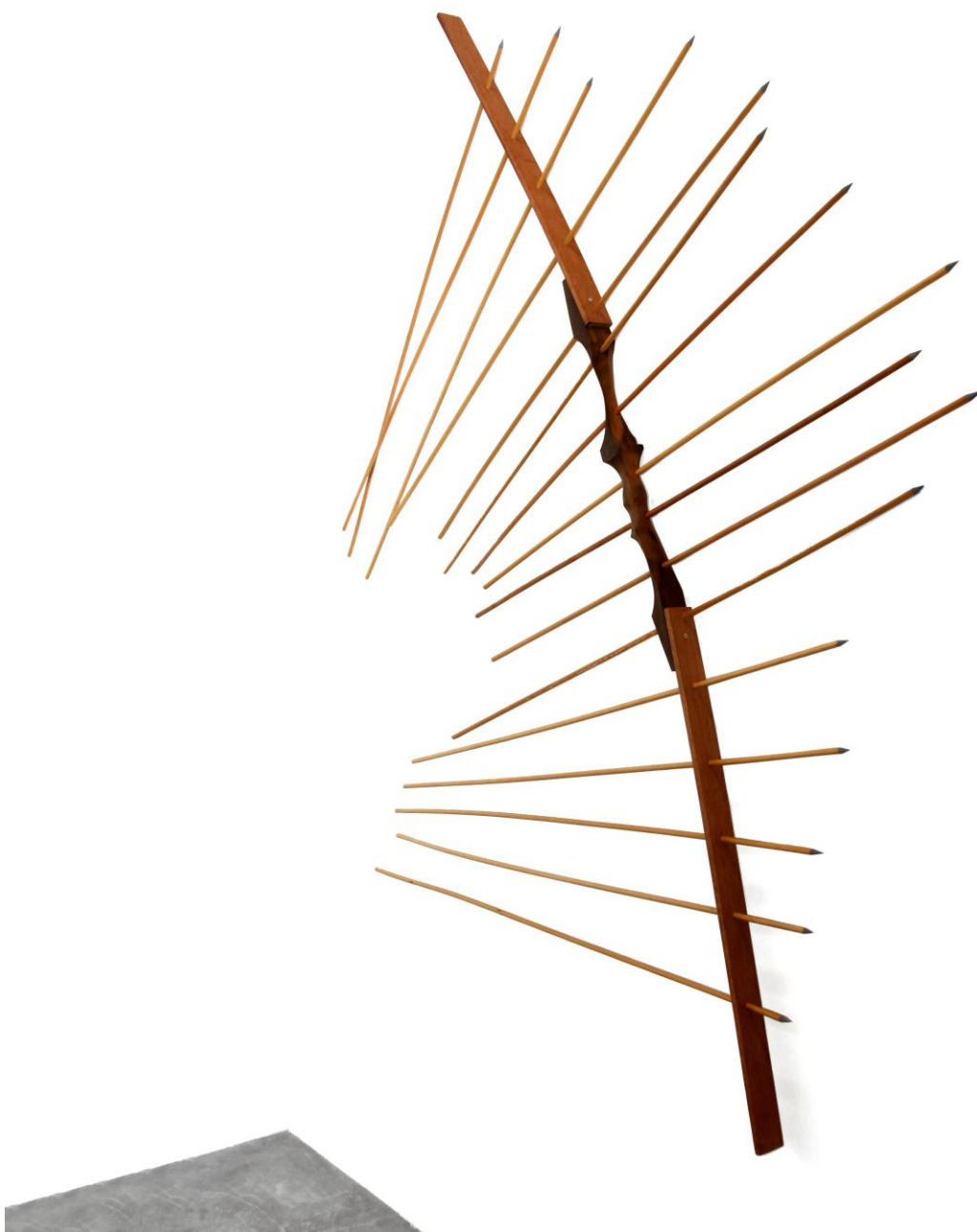


Fig. 117 *Caça Não: As tradições violentas precisam ser repensadas*, 2018, madeira e aço, 184 x 150 x 4,4 cm, coleção particular

Evidentemente os monstros fascistas referidos no título dessa escultura de 2018 são em termos de Brasil J. M. B. e os seus associados – “as manifestações neofascistas no Brasil hoje tornaram-se cada vez mais regulares, evidentes e normalizadas (...)”(BRAY, 2019, p.17). Como escreveram Acácio Augusto²⁹⁸ e Matheus Marestoni²⁹⁹ na introdução do livro *Antifa: O manual antifascista* (publicado pela primeira vez em 2017) do historiador anarquista Mark Bray (1982) – “não espere uma linha de neutralidade. Não há neutralidade possível quando o assunto é lutar contra o fascismo” (BRAY, 2019, p.11). Augusto e Marestoni seguem dizendo do livro de Bray - “(...) um livro que nasceu de uma urgência: o crescimento da *alt-right*³⁰⁰ no planeta e a eleição de Donald Trump nos EUA” (BRAY, 2019, p.14), Trump (Partido Republicano) foi presidente entre 20 de janeiro de 2017 e 20 de janeiro de 2021. E apontam que: “Mark Bray rejeita a conceitualização histórica que visa limitar o fascismo a um período e a um regime político que se esgotou ao final da Segunda Guerra Mundial.” E indicam que para o autor “(...) o fascismo é entendido como um movimento trans-histórico de práticas de extrema direita que combinam o nacionalismo, a supremacia branca e a misoginia” (BRAY, 2019, p.15).

O próprio Bray indica o quanto é difícil de definir o fascismo e traz uma em especial que lhe parece *suficiente*, a definição proposta pelo historiador Robert Paxton de seu livro de 2004 *The Anatomy of Fascism*:

(...) uma forma de comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com o declínio, humilhação ou vitimização da comunidade e por cultos compensatórios à unidade, energia e pureza, nos quais um grupo de militantes nacionalistas comprometidos, trabalham em colaboração incômoda, mas eficaz com as elites tradicionais, abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora, sem restrições éticas ou legais, suas metas de limpeza interna e expansão externa.³⁰¹

Os *cultos compensatórios* que J.M.B. participa podem ser nos templos ou eventos pentecostais como Silas Malafaia³⁰², nas “motociatas”, nas marchas para Jesus com revolver gigante³⁰³ ou nos

²⁹⁸ Professor no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (EPPEM –NUNIFESP) e coordenador do LASIn Tecc-UNIFESP (Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de monitoramento www.lasintec.org).

²⁹⁹ Mestre em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP e pesquisador no LASIn Tecc-UNIFESP (Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de monitoramento www.lasintec.org).

³⁰⁰ “Extrema direita (autodenominada *alt-right* e/ou etnonacionalismo)” (BRAY, 2019, p.16).

³⁰¹ PAXTON, Robert . *The Anatomy of Fascism*. New York: Vintage, 2004. P. 2018. In: BRAY, Mark. *Antifa: O manual antifascista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. P. 31-32.

³⁰² Eleições - Bolsonaro acena a evangélicos, fala em “não votar com o coração” e condena aborto - Ao lado do pastor Silas Malafaia, Bolsonaro apostou em pautas ideológicas caras ao público evangélico como o aborto e drogas: “O que o outro lado quer, nós não queremos”. E pediu que o povo vote com a “razão” e não com o “coração”. Ingrid Soares, Correio

“clubes de tiro”. As *colaborações incômodas* entre religiosos, neonazistas, K.K.K., C.I.A.³⁰⁴, Trump, nazistas (fig. 123 – ver Anexo 2), milicianos, torturadores, assassinos³⁰⁵, garimpeiros, grileiros,

Brasiliense, 02 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/07/5019609-bolsonaro-acena-a-evangelicos-fala-em-nao-votar-com-o-coracao-e-condena-aborto.html> Acesso em 02 de agosto de 2022.

³⁰³ *Marcha para Jesus no ES tem Bolsonaro, arma gigante e caixão do PT - Bolsonaristas juntam os símbolos da morte e do ódio em um evento associado a um símbolo da vida e do amor. Redação, Jornal GGN, 24 de julho de 2022.* Disponível em: <https://jornalggm.com.br/politica/marcha-para-jesus-no-es-tem-bolsonaro-arma-gigante-e-caixao-do-pt/> Acesso em 02 de agosto de 2022.

³⁰⁴ *Visita à CIA expõe submissão de Bolsonaro aos interesses dos Estados Unidos - Fora dos compromissos oficiais, presidente Jair Bolsonaro visitou agência de informação, acusada de espionagem - inclusive pelo Brasil –, em visita diplomática ao país chefiado por Donald Trump.* Redação RBA (Rede Brasil Atual), 19 de março de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/03/visita-a-cia-expoe-submissao-de-bolsonaro-aos-interesses-dos-estados-unidos/> Acesso em 02 de agosto de 2022.

“A visita fora da agenda oficial do presidente Jair Bolsonaro à Agência Central de Inteligência (CIA) em viagem aos Estados Unidos, nesta segunda-feira (18), expõe uma postura de ‘subserviência vergonhosa’ do governo brasileiro aos Estados Unidos, como observa o professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Williams Gonçalves, em entrevista aos jornalistas Marilu Cabañas e Glauco Faria, da Rádio Brasil Atual. ‘Todos que conhecem o processo histórico, que estudam os acontecimentos da América Latina, sabem da importância que a CIA tem na ação política, terrorista, subterrânea, contribuindo decisivamente, senão diretamente, para a derrubada de governos, promoção de insurreições, sempre atendendo aos interesses dos Estados Unidos’, explica o docente.”

³⁰⁵ *Todos os heróis de Jair Bolsonaro - No altar de Jair Bolsonaro, há uma lista com ladrões, assassinos, torturadores e um pedófilo que ganharam elogios públicos do presidente da República.* João Filho, The Intercept Brasil, 03 de março de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/03/03/todos-os-herois-de-jair-bolsonaro/> Acesso em 02 de agosto de 2022. Os “heróis”: **General Alfredo Stroessner** - ditador paraguaio – “Stroessner mantinha um campo de concentração perto da capital Assunção e protegeu criminosos de guerra nazistas como o médico Josef Mengele, o ‘Anjo da Morte’. O facinora paraguaio comandou o assassinato de aproximadamente 5 mil civis e, segundo a Comissão Verdade e Justiça do Paraguai, torturou cerca de 18.772 pessoas. Muitos opositores foram torturados e mortos. Alguns foram cortados ao meio por serra elétrica, outros queimados lentamente com maçarico. Talvez seja esse um dos pontos que mais encantam Bolsonaro, que já disse textualmente ser ‘favorável à tortura’”; **General Pinochet** – ditador chileno – “Em 2011, um relatório publicado por uma comissão que investiga crimes da ditadura de Pinochet concluiu que 40 mil chilenos foram torturados ou assassinados. Mas para Bolsonaro, ‘Pinochet devia ter matado mais gente’. O regime tinha um apreço especial por torturar e estuprar mulheres, sempre com requintes crueldade. O testemunho de uma das vítimas, revelado em 2004, é aterrorizador: ‘Fiquei grávida depois de um estupro e abortei na prisão. Levei choques elétricos, fiquei pendurada, fui afogada em um tonel de água, queimada com charutos. (...) Fui obrigada a tomar drogas, ameaçada sexualmente com cachorros, ratos vivos foram colocados na minha vagina. Também me obrigaram a ter relações sexuais com meu pai e meu irmão, que estavam detidos, e tive que ver e escutar as torturas deles. (...) Eles me puseram na grelha elétrica, fizeram cortes com uma espada no estômago. Tinha 25 anos. Fiquei detida até 1976. Não tinha nenhum processo’”; **Alberto Fujimori** – ditador peruano – “Fujimori governou o Peru por dez anos (1990 – 2000) e comandou uma ditadura sanguinária. Perseguiu, sequestrou, torturou e matou opositores. Em entrevista para o New York Times em 1993, Bolsonaro disse que tem “simpatia por Fujimori” e que a saída para o Brasil seria a ‘fujimorização’. A face mais cruel da ‘fujimorização’ no Peru talvez tenha sido o programa de esterilização em massa. Em 2002, a investigação de uma comissão do Congresso peruano revelou que o governo obrigou 314 mil mulheres, a maioria indígenas, a fazerem laqueaduras”; **Coronel Brilhante Ustra** – “O torturador Ustra talvez seja uma das grandes referências políticas do presidente da República. Não é à toa que o livro de memórias do coronel seja sua leitura de cabeceira. Ustra foi o líder das torturas durante o regime militar e o único torturador condenado pela Justiça. No período em que ficou à frente do DOI-CODI, órgão de repressão onde ficavam os presos políticos, 50 pessoas que estavam sob a custódia do Estado foram assassinadas. Ele se destacava pelo sadismo e pela crueldade. Espancou grávida e torturou uma mãe na frente dos seus filhos”; **Coronel Lício Augusto Ribeiro Maciel** – “Em 2012, o Ministério Público Federal moveu ação civil pública contra o coronel da reserva por prisão ilícita, tortura e homicídio de quatro militantes do Movimento de Libertação Popular (Molipo), que combatia a ditadura militar no Tocantins.

madeiros, banqueiros, militares, músicos sertanejos, políticos da direita e do balcão de negócios do centrão, entre outros grupos.



Fig. 118 “O presidente Jair Bolsonaro abraça a deputada alemã Beatrix von Storch e o marido dela, Sven von Storch
“Extrema direita mundial estreita laços com Governo Bolsonaro. Após troca de comando nos EUA, Brasil ganha centralidade entre nações que pregam contra o que chamam de comunismo e defendem pautas ultraconservadoras. País emula modelo húngaro de controle. Ver Anexo 2.

J.M.B. abandona as liberdades democráticas e persegue com violência redentora, sem restrições éticas ou legais, suas metas de limpeza interna – nas palavras dele “vamos fuzilar a petralhada”³⁰⁶ ou “o erro da ditadura foi torturar e não matar”³⁰⁷ e expansão externa³⁰⁸.

Lício se orgulha de ter comandado o fim da guerrilha do Araguaia e prendido o José Genoíno, seu principal líder, que afirma ter sido torturado durante meses após a prisão. Em 2005, quando Genoíno foi prestar depoimento na CPI do Mensalão, Bolsonaro mais uma vez demonstrou o sadismo típico dos seus heróis: levou Lício no plenário para acompanhar o depoimento. Políticos de todos os partidos se revoltaram com a presença do coronel, mas Bolsonaro não se intimidou: ‘Ele é meu convidado, eu paguei a passagem de avião dele. É um direito meu’” e **Grupos de extermínio e milícias** – “Em 2003, grupos de extermínio aterrorizavam a Bahia. Comandados em sua maioria por policiais e ex-policiais civis e militares, os grupos assassinaram centenas de jovens negros de periferia por supostamente terem cometido crimes. Bolsonaro subiu ao plenário da Câmara e fez uma defesa apaixonada dos criminosos: ‘Quero dizer aos companheiros da Bahia — há pouco ouvi um Parlamentar criticar os grupos de extermínio — que enquanto o estado não tiver coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio, no meu entender, será muito bem-vindo. Se não houver espaço para ele na Bahia, pode ir para o Rio de Janeiro. Se depender de mim, terão todo o meu apoio, porque no meu estado só as pessoas inocentes são dizimadas. Na Bahia, pelas informações que tenho — lógico que são grupos ilegais —, a marginalidade tem decrescido. Meus parabéns!’ Em 2008, na CPI das Milícias, que pediu o indiciamento de 266 pessoas suspeitas de ligação com grupos paramilitares no Rio, Bolsonaro novamente saiu em defesa da bandidagem: ‘Querem atacar o miliciano, que passou a ser o símbolo da maldade e pior do que os traficantes. Existe miliciano que não tem nada a ver com ‘gatonet’, com venda de gás. Como ele ganha R\$ 850 por mês, que é quanto ganha um soldado da PM ou do bombeiro, e tem a sua própria arma, ele organiza a segurança na sua comunidade’. **Torturadores, homicidas, sequestradores, estupradores, corruptos e pedófilos. Os heróis do presidente da República (...) o inspiraram usando o estado para cometer os crimes mais odiosos, sempre em nome do bem.”**

³⁰⁶ No Acre, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-los à Venezuela. Poder360, 03 de setembro de 2018. Disponível em: www.poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/ Acesso em 02 de agosto de 2022.

³⁰⁷ Jair Bolsonaro: “Erro da ditadura foi torturar e não matar”. Redação, Fórum, Política, 08 de julho de 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2016/7/8/jair-bolsonaro-erro-da-ditadura-foi-torturar-no-matar-16711.html> Acesso em 02 de agosto de 2022.

A escultura *O sono da justiça produz monstros fascistas* toma como referência o título da gravura *O sono da razão produz monstros* (fig. 119 e 120) do artista espanhol Francisco de Goya (onde ele se retrata debruçado sobre o que parece ser a sua mesa de trabalho), a imagem número 43 faz parte de um conjunto de oitenta gravuras chamado de *Caprichos*. “Goya publica os *Caprichos*, seu grande conjunto de gravuras acompanhadas de legendas (oitenta, ao todo), em fevereiro de 1799. Provavelmente, essas imagens foram gravadas em 1797 e na primeira metade de 1798 (...)”³⁰⁹.

³⁰⁸ Eduardo Bolsonaro vai à Cúpula Conservadora das Américas. Correio Brasiliense, 08 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtmlAcesso em 03 de agosto de 2022.

“Eduardo Bolsonaro tem focado sua atuação na esfera internacional e quer se tornar uma liderança nesta área. Por isso ele tomou a frente da organização do evento. A Cúpula Conservadora reunirá conservadores de diversos países latino-americanos na fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai. Quatro mesas-redondas tratarão de cultura, segurança, economia e política. O evento é realizado pela Fundação Indigo de Políticas Públicas, que pertence ao PSL e tem mais de 2 mil inscritos.”

O sonho fascista de Eduardo - Eduardo aposta em Donald Trump Jr. no palanque de seu encontro reacionário: lobby para venda de armas. Ricardo Chapola, Isto É, 03 de setembro de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-sonho-fascista-de-eduardo/> Acesso em 03 de agosto de 2022.

“‘Vamos derrotar a esquerda radical, os socialistas, os marxistas e os racistas. Vamos parar a cultura de cancelamento da esquerda e restaurar a liberdade de expressão e eleições livres.’ Esse texto poderia muito bem compor a cartilha de algum movimento fascista do passado, mas não. Ele está inserido no site de apresentação da segunda edição do encontro da CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora), realizado neste final de semana em Brasília, sob coordenação do deputado Eduardo Bolsonaro, o filho do presidente que se arvora como o mais genuíno integrante da extrema direita. O 03 reunirá parlamentares da direita brasileira, mas ostenta como troféu principal do evento a presença do filho do ex-presidente americano, o empresário Donald Trump Jr. O encontro é um tira gosto para o prometido ato antidemocrático que está sendo organizado por seu pai para este Sete de Setembro, quando os bolsonaristas prometem manifestações contra o Estado Democrático de Direito. (...)O que Eduardo deseja mesmo com esse tipo de conferência é manter ativo o seu projeto de ter influência na diplomacia brasileira, que vem desde os tempos em que tentou ser nomeado embaixador nos Estados Unidos. Com essa iniciativa fracassada, o 03 procura agora compensar a saída de Ernesto Araújo do Itamaraty e nomear amigos para cargos estratégicos em importantes embaixadas do País mundo afora. Contando com a ajuda de Araújo, que pediu licença de um ano após ser escanteado nos porões do Ministério das Relações Exteriores, Eduardo emplacou, por exemplo, o policial federal Fabrício Scarpelli, seu amigo íntimo, para um posto na embaixada em Miami (EUA). Ao tomar posse no cargo, Scarpelli vai embolsar um salário de R\$ 38 mil e um adicional de R\$ 91 mil a título de ajuda de custo para fazer a mudança. O outro amigo do 03 contemplado com um cargo em uma embaixada foi João Paulo Dondelli, segurança de Jair Bolsonaro na época que o então candidato a presidente foi alvo de uma facada durante um evento de campanha na cidade de Juiz de Fora (MG). Foi Dondelli quem deteve Adélio Bispo, autor do atentado. O policial será adido adjunto, o segundo cargo mais importante da PF na embaixada do Brasil em Portugal. Para se mudar para lá, ele recebeu um auxílio-mudança de R\$ 97 mil. O salário é de US\$ 12 mil (cerca de R\$ 62 mil). O objetivo do 03, segundo ISTOÉ apurou, seria virar um player de destaque no lobby do mercado de armas no Brasil, com ramificações internacionais, e a nomeação de funcionários nas embaixadas seria estratégica para executar seus planos. Pessoas que já foram muito próximas à família Bolsonaro ouvidas pela reportagem confidenciaram que a ambição de Eduardo por ampliar o poder no exterior tem uma explicação lógica. Essas indicações podem ajudá-lo a se fortalecer no mercado internacional de armas. A médio prazo, Eduardo pensa em se dedicar ao negócio de venda de armamentos ao governo e lucrar com a cobrança de comissões substanciais. Segundo um antigo aliado do capitão, o 03 deseja atuar para favorecer alguns fabricantes de pistolas, como a norte-americana Sig Sauer, de origem alemã. “Ernesto Araújo está ligado a Eduardo e a Steve Bannon nessa história. A ideia de Eduardo é, ao final, conseguir ganhar boas comissões no setor. O filho de Trump também deve entrar para o negócio”, relatou esse interlocutor. De acordo com a fonte, Eduardo pensa em se mudar para os EUA no futuro, de onde comandaria suas operações no negócio de armamentos.”

³⁰⁹ TODOROV, Tzvetan. *Á Sombra das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (p. 76)



Fig. 119 *O sono da justiça produz monstros fascistas*, 2018, madeira aço poliuretano e resina epóxi, 74 x 95 x 46 cm
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa Galeria Verve, São Paulo, 2018

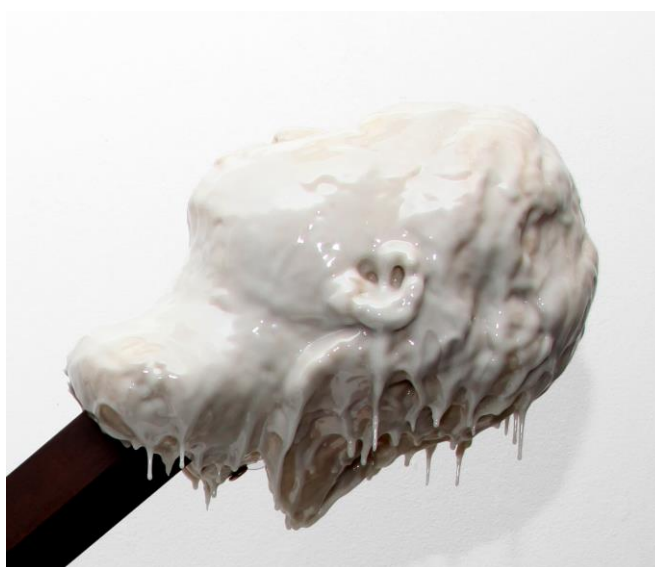


Fig. 120 Detalhe da cabeça da alegoria da justiça dormindo
O sono da justiça produz monstros fascistas, 2018, madeira aço poliuretano e resina epóxi, 74 x 95 x 46 cm
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018

Sobre o anúncio de divulgação dos *Caprichos* no jornal Diário de Madrid em 06 de fevereiro de 1799, Todorov nos conta que a publicação enfatizava “que o objetivo dessas imagens é constituído ‘(...) pelos desacertos comuns em toda sociedade civil’ (...) autorizadas ‘pelo costume, pela ignorância ou pelo interesse’, visto que o objetivo do autor é ‘a crítica dos erros e dos vícios humanos’. (...) reencontra-se aqui o programa iluminista (...) combater os vícios e as superstições (...)”. (TODOROV, 2011, p. 77-78). Mais à frente em seu livro *À Sombra das Luzes* Todorov fala dos círculos de amigos intelectuais de Goya ligados às ideias iluministas e reforça que o conjunto de gravuras dos *Caprichos* “estão de acordo com o programa ‘esclarecido’ dos amigos de Goya, que consiste em combater a falta de educação, as superstições das massas, o conservadorismo do clero, os abusos da Inquisição, o parasitismo dos aristocratas (...)” (TODOROV, 2011, p. 93). Penso em paralelos locais e atuais no Brasil pós-golpe de 2016 sobre problemas a combater. Fica a pergunta - Não se poderia ajustar a frase para: combater a falta de verbas para a educação pública, as *fake news* propagadas para as massas assim como as notícias ultra tendenciosas promotoras da ideologia neoliberal dos meios de comunicação privados, o conservadorismo dos neopentecostais, os abusos da Lava Jato (e por extensão, da CIA e do Departamento de Estado Estadunidense), o parasitismo dos bancos privados, dos gigantes da mineração e do agronegócio, do “centrão”, dos presidentes da Câmara dos deputados Eduardo Cunha (2015-2016), Rodrigo Maia (2016-2020) e Arthur Lira (2021-2022), de J. M. B. e dos seus cúmplices?

Na escultura estão representados três elementos: a forma de madeira escura que parte de uma espécie de espinho militar (barreira) que coloca em suspensão, em lados opostos, uma cama sem lastro ou colchão e uma cabeça feminina de olhos fechados, a cabeça que atribuo à alegoria da justiça do título. A cama como metáfora do sono, da passividade, da restauração de energia frente aos desgastes do dia de trabalho e também da vulnerabilidade, assim como o símbolo de um empecilho para a exploração 24/7³¹⁰ dos trabalhadores como nos ensina Jonathan Crary – “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo para os fracos” (CRARY, 2016, p. 23), sendo o “o sono é um hiato incontornável no roubo de tempo a que o capitalismo nos submete” (p. 20) e ainda o sono como o:

Último obstáculo na verdade, a última das “barreiras naturais”, para usar a expressão de Marx – à completa realização do capitalismo 24/7 [vinte e quatro horas, sete dias da semana], o sono não pode ser eliminado. Mas pode ser destroçado e espoliado; como mostram meus exemplos, existem métodos e motivações para destruí-lo. (CRARY, 2016, p. 27)

³¹⁰ CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016. P. 27.

A cabeça da justiça pende para trás com os olhos fechados e isso é possível de se verificar, pois ela está sem a sua característica venda sobre os olhos. A cabeça está inclinada da mesma maneira que a pequena cama, não estão nem na vertical nem na horizontal, mas em linhas diagonais (linhas visuais de não descanso) no espaço, em transição entre uma vertical desperta e uma horizontal estável e deitada. “(...) A realidade bastante diversa de nosso tempo se caracteriza pela manutenção calculada de um permanente estado de transição” (CRARY, 2016, p. 46).

Estará a cabeça da justiça (e aqui não se trata de uma referência a uma cabeça decapitada por uma *sociedade do sangue*³¹¹, mas de uma representação de uma cabeça humana como símbolo de lugar de pensamento, fala, visão, audição, olfato, comunicação e identificação – como em uma escultura tradicional de um busto em que a parte está ali para representar a totalidade da figura representada) dormindo ou o momento representa apenas um breve descanso de olhos momentaneamente fechados? E porque ela parece estar gotejando? Fora coberta por alguma substância de consistência pesada que lhe cobriu os olhos (como a artista Marcia X)? Estaria ela derretendo? Ou suando por causa do clima tropical/ou do “clima” político “quente” do sul global? Ou ainda ter-se-iam formado espeleotemas de cavernas compostos por minerais tais como calcita, halita, anidrita ou dolomita próprios das estalactites? Ou estaria a justiça esgotada, morta de cansaço depois de séculos sendo destruída? Morte e sono estão próximos, “uma das muitas razões pelas quais as culturas humanas associam o sono à morte é que em ambos se atesta a continuidade do mundo em nossa ausência” (CRARY, 2016, p 136). Aqui são puras especulações e livres associações, pois para mim o trabalho não me oferece uma leitura mais específica, mais objetiva.

A cabeça (fig. 120) foi feita a partir do molde usado para a cabeça da escultura de *Diana Vegana*. As partes do gotejamento em suspensão também provêm das pesquisas e experimentações com materiais feitos para a produção da instalação *Diana Vegana* (2016), como qual a quantidade necessária de dolomita pode ser misturada à resina epóxi. A adição de dolomita ajuda a controlar a viscosidade da resina, quanto mais dolomita menos líquida a mistura fica e mais tempo ela demora em escorrer. A dolomita também confere a cor branca opaca para a resina. Várias camadas de resina epóxi com dolomita, em um processo de laminação – ou poderíamos chamar de construção em camadas, como na pintura no processo de veladuras -, vão produzindo as formas semelhantes às estalactites.

³¹¹ HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. P. 15.

Penso que a escultura *O sono da justiça produz monstros fascistas* (2018) permite evidentemente muitas leituras, pois a forma do trabalho não é tão literal, tão direta ainda, como por exemplo, na escultura *Instrumento de Estado Tanatopolítico* (série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*) onde a escultura é a junção de uma tonfa (arma de contenção ou agressão usada pela polícia militar) e a gadanha (grande lâmina de aço presente em representações iconográficas da morte durante a idade média europeia – que geralmente são chamadas de foices que a morte usa para ceifar a vida). Considero *Instrumento de Estado Tanatopolítico* a peça síntese exposição *Necrocolônia 2016-2019* por justamente possuir a qualidade de ser mais frontal, mais concisa e direta.

O sono da justiça produz monstros fascistas me fez lembrar da passagem do texto de Crary onde ele faz referência ao filósofo Emmanuel Lévinas:

A insônia, ele diz, é um modo de imaginar quão difícil é a responsabilidade individual diante das catástrofes de nosso tempo. Parte do mundo modernizado no qual vivemos é composta da visibilidade onipresente da violência inútil e do sofrimento humano que ela causa. Essa visibilidade, em todas suas formas híbridas, é um clarão que desestabiliza qualquer prazer e frustra o alheamento regenerador do sono. A insônia corresponde à necessidade de vigilância, à recusa de fechar os olhos para o horror e a injustiça que assolam o mundo. Traduz a perturbação acarretada pelo esforço de não ignorar o sofrimento alheio. Mas essa perturbação também é sinal da decepcionante ineficácia de uma ética da vigilância; o ato de testemunhar a sua monotonia podem se tornar mera resignação diante da noite, diante do desastre. (CRARY, 2016, p. 28)

Penso na situação (simbólica) desgastante e torturante da “Justiça” que não pode dormir nunca – já que seu imperativo é estar vigilante (do latim lat. *vigilans, āntis* – atento), pois ao menor sinal de cair no sono os fascistas avançam, ou melhor, retrocedem com suas práticas mesquinhas, violentas, paranoicas e perversas e levam com eles boa parte da sociedade que retrocede também, que é corroída entre ódio, insegurança e terror.

Goya apesar de amparado pela segurança do cargo de pintor real era testemunha e - segundo as análises de Tzvetan Todorov - viveu entre pelo menos dois polos, a antiga, dominante e retrógrada sociedade imersa em superstições e a nova época das luzes (mas onde também a racionalidade trazia um lado sombrio, os *desastres da guerra* e a morte). Então Goya no autorretrato que é o *Capricho 43* representa o seu estado de desgaste frente às catástrofes do seu tempo, a sociedade arcaica e a injustiça que assolam o mundo do artista. Goya não ignorava essas situações terríveis, pois se dedicava a produzir um grande número trabalhos que apresentavam esses horrores. E a pose do corpo

desmaiado/caído sobre a mesa de trabalho talvez pudesse estar mostrando o corpo esgotado do artista, vencido pelos desgastes dos dias, e que ao cair no sono continuava a ser exposto, em uma continuidade onírica, às monstruosidades simbólicas das experiências da realidade desperta. Segundo Todorov:

O *Capricho* mais célebre é provavelmente aquela que traz atualmente o número 43. A gravura tem uma legenda, traçada pelo próprio Goya dentro da imagem (o que ele não faz em nenhum outro lugar), que diz: “o sonho [*sueño*] da razão produz monstros”. Em espanhol, o termo *sueño* possui um sentido duplo, o de “sono” e o de “sonho”, o que autoriza uma dupla interpretação dessa frase. Se ele significa “sono”, entende-se por aí que, quando a razão adormece, os monstros noturnos levantam a cabeça, e portanto é preferível que ela desperte para expulsá-los. (...) Mas, se a palavra significa “sonho”, então é a própria razão que, quando funciona em regime noturno, produz monstros. (...) a razão fabrica ideias claras mas também pesadelos (...).” (TODOROV, 2014, p. 80)

Se eu tivesse adotado essa outra leitura, de *sueño* como sonho e não como sono, e com o referencial teórico que adquiri a partir de 2019, o trabalho talvez pudesse ter seguido outros caminhos, e com isso outros títulos, tal como: O sonho de poder da justiça burguesa produz monstruosidades fascistas ultraliberais.

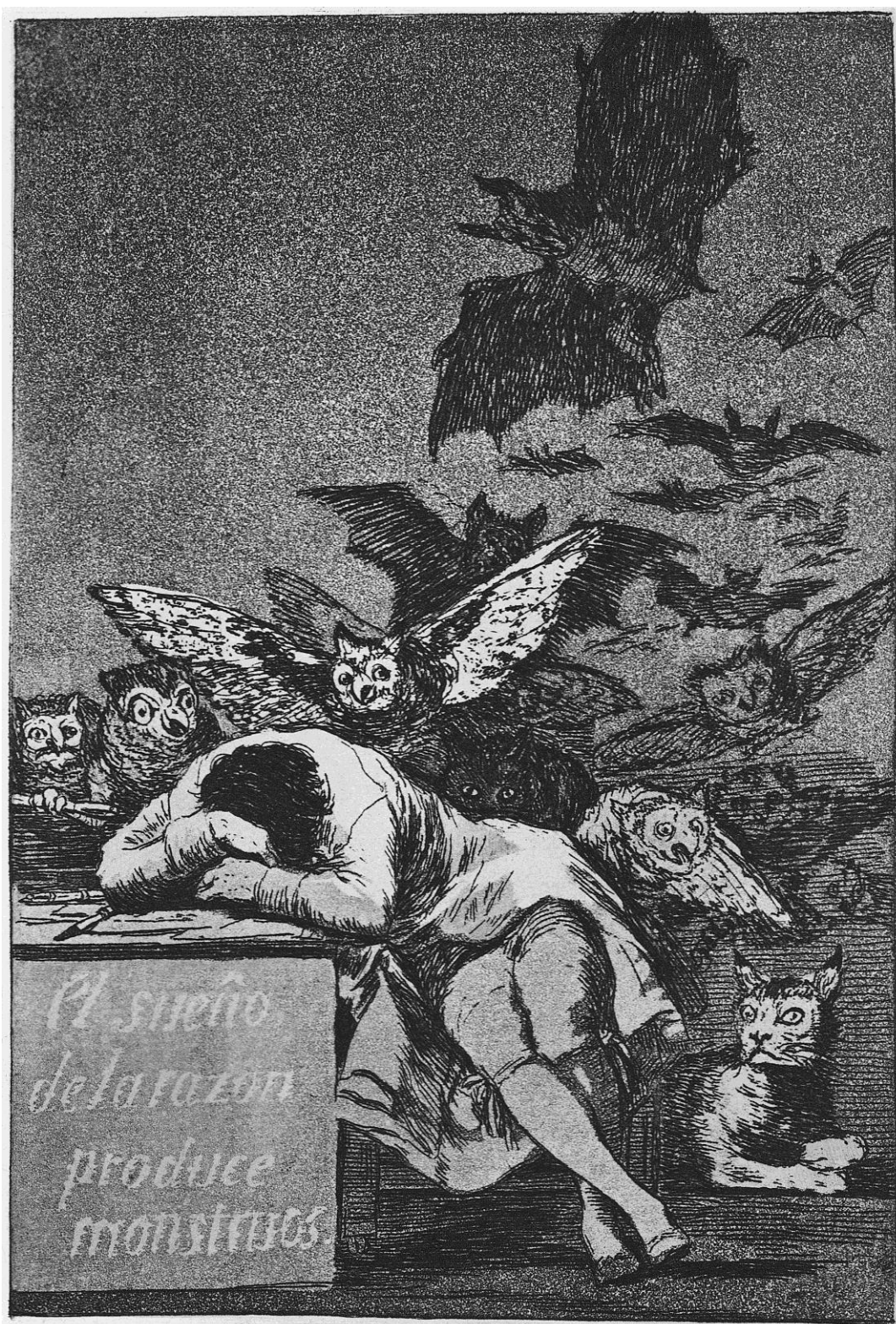


Fig. 121 Goya, Placa 43 de 'Los Caprichos': *O sono da razão produz monstros*
(*El sueño de la razón produce monstruos*)
1799, gravura em metal água-forte, água-tinta, placa 21,2 x 15,1 cm – folha 29,5 x 21 cm

O próximo trabalho é uma peça de parede e coloquei o título de *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*. Um cabo de aço de espessura fina preso a um prego conecta dos elementos distintos em suas extremidades, de um lado uma corrente e duas armas orientais chamadas de Nunchaku ou também tchaco era chamada nos anos oitenta no Rio Grande do Sul (fig. 126); e no outro lado como uma espécie de contrapeso uma cabeça humana (fig. 127). Segundo a minha atribuição a violência reacionária (ruim, indesejável) estaria representada simbolicamente pelas armas e a cabeça - aparentemente serena segundo a minha interpretação - seria a representação do livre pensamento crítico (bom, desejável). A cabeça não partiu de nenhuma pessoa em particular, não é um retrato. Pensei a cabeça novamente dentro da lógica de uma alegoria, mostrar uma coisa (uma cabeça humana – entre outras muitas representações possíveis) para sugerir outra de caráter mais abstrato (o livre pensamento crítico). Esse trabalho é um desdobramento de outros projetos onde relaciono a cabeça humana com algum objeto.

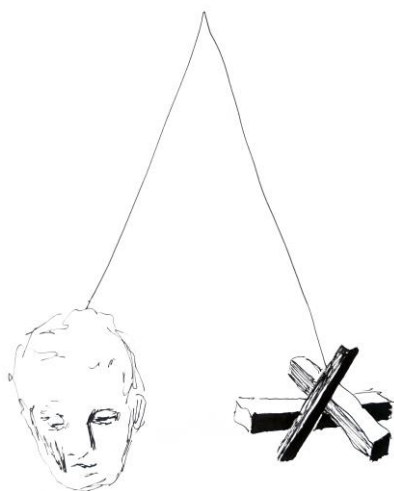


Fig. 122 *Cabeça Chumbo*
2017
grafite sobre papel
20,8 x 13,6 cm
desenho extraído de
caderneta de notas
Exposição *Confronto*
Subsolo, Campinas, 2018



Fig. 123 *Prêmio Multi Tarefa:*
Funcionário Padrão
série *Tro-FEL*, 2017
grafite sobre papel
20,8 x 13,65 cm
desenho extraído de
caderneta de notas
Exposição *Confronto*, Subsolo
Campinas, 2018



Fig. 124 *Prêmio Bartleby*
da Sociedade do Desempenho
série *Tro-FEL*, 2017
grafite e lápis sobre papel
20,8 x 13,7 cm
desenho extraído de
caderneta de notas
Exposição *Confronto*
Subsolo, Campinas, 2018



Fig. 125 *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*, série *Contrapesos*, 2018
madeira, poliuretano, massa cerâmica e aço, 100 x 100 x 18 cm, fotografia Jerri Rossato Lima
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve



Fig. 126 Detalhe *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*, série *Contrapesos*, 2018
madeira, poliuretano, massa cerâmica e aço, 100 x 100 x 18 cm, fotografia Jerri Rossato Lima
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo



Fig. 127 Detalhe *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*, série *Contrapesos*, 2018
madeira, poliuretano, massa cerâmica e aço, 100 x 100 x 18 cm, fotografia Jerri Rossato Lima
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo

Os desenhos prospectivos/projetivos *Cabeça Chumbo* (fig. 122) e os desenhos da série *Tro-FEL: Prêmio Multi Tarefa: Funcionário Padrão* (fig. 123) e *Prêmio Bartleby da Sociedade do Desempenho* (fig. 124) são exemplos de pensamentos que orientaram *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico* (fig. 125, 126 e 127). Nos três desenhos as cabeças foram representadas penduradas com o objetivo de aludir à gravidade, ao peso, não apenas o peso físico da cabeça (que novamente aqui não representa uma cabeça cortada, mas ideia da parte pelo todo, a cabeça como representação da totalidade da figura – como na figura de linguagem chamada sinédoque). A cabeça pesada por excesso de pensamentos, por excesso de informações e demandas, é uma referência à cabeça melancólica que de tão pesada precisa ser segurada pelas mãos. Mas neste caso optei por não representar corpos nem mãos. Esses trabalhos partem de experiências pessoais de resistência frente aos desgastes da *sociedade do cansaço* exposta por Byung-Chul Han.

Trabalhos baseados em experiências físicas e psíquicas pessoais mas também referentes ao estágio atual do capitalismo nas suas fases neo e ultra liberais, onde “a violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva”³¹², pois segundo Han propõe a “sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar” - como teorizada por Michel Foucault -, “mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2015, p.23), dentro da falácia neoliberal da meritocracia.

“A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade” que é “determinada pela negatividade da proibição” (HAN, 2015, p.24), ao passo que o sistema de opressão que a sobrepõe (tenho a tendência a entender que se trata de uma sobreposição³¹³ e não uma substituição absoluta) dentro da racionalidade capitalista de máxima exploração com vistas ao máximo lucro (sem considerar os prejuízos sociais e ambientais) a *sociedade do desempenho* apresenta outros modos mais *suaves/sedutores* de espoliação. Segundo a concisa redação do autor:

³¹² HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015. P. 20.

³¹³ É importante colocar em perspectiva histórica que Han refletiu sobre estas questões antes de 2010 (ano da primeira edição do livro), portanto antes dos avanços neo-fascistas que irão ocorrer em várias partes do globo durante a segunda década do século XXI. E onde ocorrem retornos aos recursos da *violência arcaica*, e segundo o próprio HAN em seu livro publicado em 2011: “O que domina a economia da violência (...) é um princípio capitalista. Quanto mais violência se exerce tanto mais poder se adquire” (p. 31). No *mundo arcaico* da extrema direita de Trump, Bolsonaro ou Viktor Orbán (Primeiro-ministro da Hungria desde 2010) se somam à lógica ultraliberal do Estado mínimo para a grande massa que é destituída de direitos sociais juntamente com a violência explícita imposta aos “inimigos”. No *mundo arcaico* (da segunda década dos anos 2000) o *exercício da violência* elevou o *sentimento de poder*; *mais violência significava mais poder*. HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. P. 37.

A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente [das leis trabalhistas por exemplo] vai abolindo-a. O *poder* [aqui no sentido de ideia de potencia e não poder de fato] ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can*³¹⁴ expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos [forças armadas e polícias militares] e delinquentes [milicianos, juízes e pastores/políticos evangélicos]. A sociedade do desempenho, ao contrário [eu diria conjuntamente no caso do Brasil, pelo menos] produz depressivos (...).³¹⁵

Na época o contato com os textos de Han vieram de encontro com a experiência e percepção de cansaço permanente, meu e de muitos colegas artistas e professores. Com o desenho *Cabeça Chumbo* (2017) procurei sinalizar para essa questão do excesso de tarefas e da dificuldade em dizer não para novos projetos e trabalhos – Han sustenta que “o sujeito de desempenho pós-moderno é pobre em negação, é um sujeito de afirmação” (HAN, 2017, p. 58) – penso que aqui também entra a questão mais elementar das pessoas que estão sujeitas à lógica do desempenho pois são de fato pobres, falo dos proletários, dos trabalhadores assalariados que não dispõem do privilégio de outras opções. Segundo o autor sul coreano as “enfermidades psíquicas de hoje – como depressão, *burnout*³¹⁶ e déficit de atenção/síndrome de hiperatividade (...) remetem a um *excesso de positividade*. Portanto, não há negação, mas à incapacidade de dizer não (...)” (HAN, 2017, p. 67).

O desenho *Cabeça Chumbo* (fig. 122) foi um exercício de pensamento para uma possível futura escultura. No lado esquerdo do desenho há a representação de uma cabeça com o olhar voltado para baixo, não há vivacidade ou alegria em sua expressão facial. A cabeça desenhada está ligado por uma linha em formato de “V” invertida (como na escultura *Violência reacionária em oposição ao livre pensamento crítico*) a outro elemento, uma versão reduzida de representação de uma barreira militar que fica à direita. Há uma espécie de equilíbrio, ao menos visual entre os dois elementos, já que eles estão alinhados na mesma altura em relação à margem inferior. O problema desse equilíbrio é que

³¹⁴ *Fatigue Society – Byung-Chul Han in Seoul / Berlin* (documentário *A Sociedade do Cansaço*). Direção Isabella Gresser, Seul e Berlim, 2015, 60:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY> Acesso em 04 de julho de 2022.

³¹⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015. P. 24-25.

³¹⁶ “O *burnout*, que muito usualmente precede a depressão, não remete àquele indivíduo soberano do qual brota a força de ‘ser senhor de si’. O *burnout*, ao contrário, é a consequência patológica de uma autoexploração voluntária.” Em função da generalização de Han, não saberia dizer exatamente de que grupo social (de que geografia e hemisfério) ele se refere, então tenho a tendência a considerar que a “autoexploração” não é sempre “voluntária”, penso que muitas vezes entra a questão de ser necessária. E outro ponto é o poder “invisível” do capital que empurra a sociedade para essa situação, através da maciça propaganda ideológica via grande mídia de notícias e entretenimento e via controle do estado com seus agentes militares, jurídicos e políticos que acabam com as leis que visam a manutenção de um estado mínimo de bem estar social (que é capitalista). HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. P. 75.

talvez um anule o outro ao se igualarem hipoteticamente em termos de “pesos”. E o título justamente enfatiza a referência ao peso pelo uso da palavra chumbo, que por sua vez também pertence ao universo semântico da melancolia. No livro *Topologia da Violência*, que percebo como camadas somadas e ajustadas ao livro anterior *Sociedade do Cansaço*, Han relaciona o chamado “vil metal” o chumbo ao tempo (comprado pelos capitalistas) e por associação à Saturno³¹⁷ deus do tempo e da morte, representado por Goya dilacerando um filho (fig. 129) e antes por Peter Paul Rubens (1577, Siegen, Westphalia Alemanha – 1640, Antuérpia, Bélgica), (fig. 128) – e que os textos antigos sobre a melancolia, também associam ao planeta, porque lento, distante e pesado:

(...) o capitalismo tem muito a ver com a morte e com o medo dela. Também nisso reside sua dimensão arcaica. A histeria da acumulação e do crescimento e o medo diante da morte condicionam-se mutuamente. O capital também pode estar relacionado e ser interpretado como tempo, pois dispondo de dinheiro, uma pessoa pode fazer com que outras pessoas trabalhem para ela. “Capital infinito” gera a ilusão de “tempo infinito”. Nesse sentido, a acumulação de capital trabalha contra a morte, contra a falta absoluta de tempo, em vista do “tempo de vida” delimitado compra-se “tempo de capital”.

A alquimia tinha em vista a transmutação de metal vil em metal nobre. Considerava-se como vil sobretudo o chumbo, metal subordinado a Saturno. Na Idade Média, via de regra, Saturno era representado como um idoso carregando a gadanha e uma ampulheta, símbolos do caráter passageiro e da morte. A transformação alquímica de chumbo em ouro equiparasse à tentativa de ludibriar o tempo e a transitoriedade em favor da infinitude e da imortalidade. (...) A superação da morte é o conteúdo da imaginação alquímica, que nutre também a economia capitalista, alimentando, por seu turno, a histeria do crescimento e da acumulação.³¹⁸

Os desenhos da série *Tro-FEL: Prêmio Multi Tarefa: Funcionário Padrão* (fig. 123) e *Prêmio Bartleby da Sociedade do Desempenho* (fig. 124) as figuras referentes ao humano estão de cabeças para baixo, olhos fechados. A série que denominei de tro-fel é dividida em dois grupos, um ao qual pertencem os desenhos agora comentados que são mais genéricos, como o texto filosófico Han que os alimentou.

³¹⁷ “Saturno também era o antigo deus itálico da agricultura. E em tempos muito antigos ele foi identificado com Cronos, filho de Urano e Gaia, a personificação do Tempo, e com o deus grego de mesmo nome, o mais jovem dos Titãs. Ele e sua esposa Rhea reinaram na Terra, que então desfrutava dos benefícios de uma esplêndida Idade de Ouro. Para evitar que seus filhos lhe tomassem o trono, como ele próprio fizera com seu pai, decidiu matá-los a todos devorando-os assim que nascessem. A desesperada Rhea elaborou uma trama: quando ela deu à luz um novo filho, Zeus, ela entregou ao marido uma pedra envolta em panos em vez do recém-nascido. O confiante Saturno devorou a rocha sem descobrir o truque, enquanto o bebê estava escondido na ilha de Creta. Mais tarde, quando Zeus era um homem, ele derrotou seu pai e o forçou a vomitar sua prole, vítimas anteriores de seu canibalismo repulsivo, e o expulsou do Olimpo. A divindade vingativa fugiu assim para a Península Itálica, onde foi acolhido como deus da fertilidade e da agricultura. Um dos melhores exemplos do relato desta lenda peculiar encontra-se nos Fastos de Ovídio.”

Pedro Pablo Rubens - Saturno devorando a un hijo. Museo Nacional del Prado. Disponível em:

<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/saturno-devorando-a-un-hijo/d022fed3-6069-4786-b59f-4399a2d74e50> Acesso em 05 de agosto de 2022.

³¹⁸ HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017. P. 46-47.



Fig. 128 Peter Paul Rubens
Saturno devorando um filho
1636 – 1638, óleo sobre tela,
182,5 x 87 cm
Museu do Prado, Madri

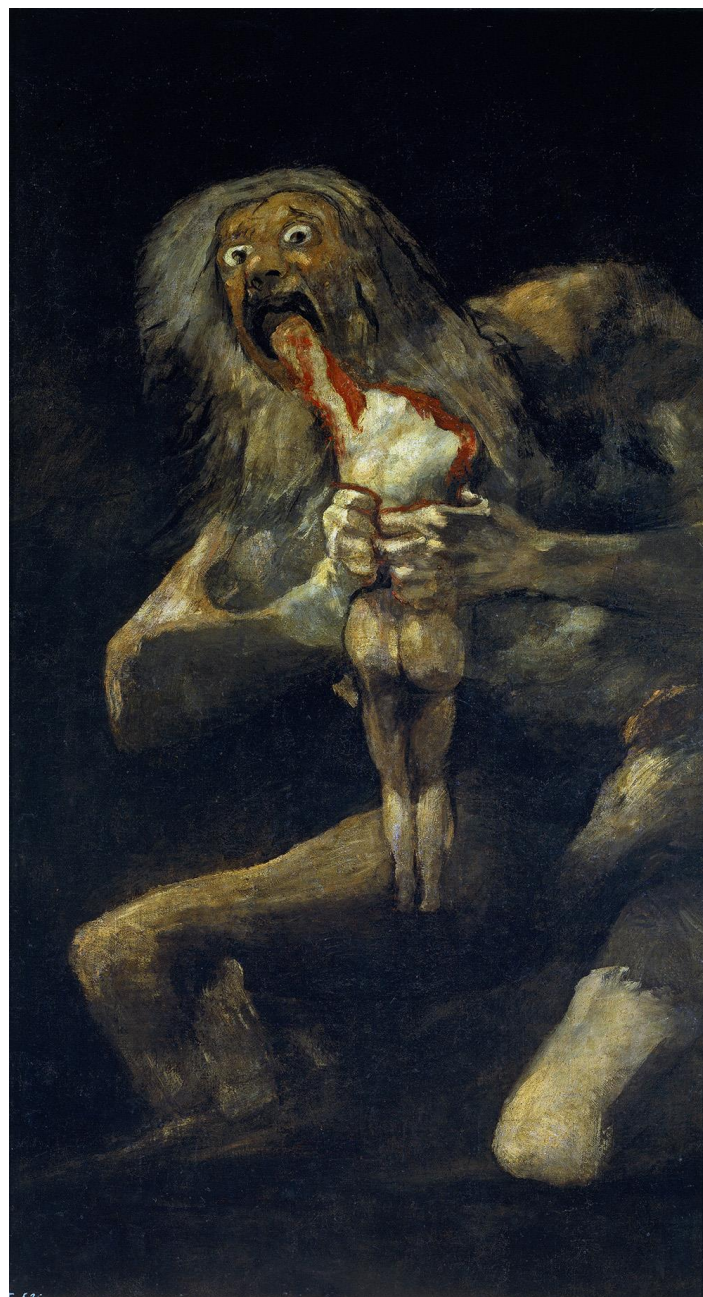


Fig. 129 Francisco de Goya
Saturno devorando a su hijo, 1819-1823
óleo sobre reboco trasladado a tela
146 cm x 83 cm
Museu do Prado, Madri

E um segundo grupo baseado em notícias de casos de violências contra pessoas que pertencem a uma escala de proximidade social (aluno que agride professora, jovem mulher que atinge vizinha idosa com pedra, etc.), dessa segunda parte eu tratarei no terceiro capítulo. Mudei a grafia da palavra troféu,

para enfatizar um caráter amargo de fel (*humor muito amargo contido numa vesícula aderente ao glóbulo do fígado* - em sentido figurado - *amargor; rancor; ódio; mau humor*) – pois os “prêmios” não eram referentes a grandes conquistas – mas prêmios amargos ou mesmo prêmios por ódio.

Um fato curioso foi que durante a escrita deste texto, procurei pela definição exata de “fel” e encontrei a opção de significado de troféu que eu intuía que sabia, no entanto segundo o dicionário Michaelis: existe a expressão “troféu de cabeça”, “Etnol: entre alguns povos primitivos, a cabeça do inimigo morto, que é cortada e conservada com o objetivo de dar força e prestígio ao seu possuidor. ETIMOLOGIA *alt do gr trópaion, via lat med trophæum.*” No contexto do genocídio de animais não humanos, dentro da chamada “caça” (emboscada e assassinato), também existe a insensível e abominável prática de endurar partes de animais chacinados em paredes, geralmente cabeças.

É o que Han aponta como o *mana* e cita o exemplo dos nativos das Ilhas Marquesas (Polinésia Francesa - *Oceano Pacífico sul, que fica a aproximadamente seis mil quilômetros a leste da Austrália*):

(...) *mana* essa substância misteriosa de poder que saltava do morto para o vencedor, e que poderia ser alcançada em grandes quantidades por um guerreiro valoroso. “Admitia-se que um guerreiro continha em seu corpo o *mana* de todos que ele havia matado (...). Para fixar em si esse incremento de poder numa batalha [...] ele trazia amarrado ao corpo, como parte de seu arsenal de guerra, algum despojo físico do inimigo derrotado – um osso, uma mão dissecada, às vezes, (...) uma caveira intacta”. (HAN, 2017, p. 38)

E na definição de troféu do dicionário, fiquei perplexo, pois não aparecem palavras como – esportes, jogos ou olimpíadas, mas os termos – militar, combatente, guerra, bélico, cativos, decepados:

Recompensa por uma façanha específica, que serve posteriormente como prova ou reconhecimento do mérito pela realização dessa proeza, feito heroico ou fato extraordinário. No passado, os troféus eram sobretudo entregues como retribuição de feitos militares ou bélicos. Na forma, pode ser objetivamente uma taça, placa, copa, medalha ou tabuleta. Hoje em dia, os troféus são entregues com mais frequência em eventos desportivos, artísticos e culturais. A palavra “troféu” vem do grego “*tropaion*” com o significado atual de mudança, reviravolta ou transformação; e tem origem no termo latino “*tropaneum*”, o qual se referia a armas, estandartes, outros objetos e bens, cativos humanos ou partes de corpos (ex.: cabeças, mãos, braços e orelhas decepados), todos esses capturados do grupo inimigo em combate. É o troféu de guerra que comemorava as vitórias militares de um Estado, unidade militar ou combatente individual. Na guerra moderna, a tomada de troféus é considerada antiética e é desencorajada.

Esse contexto me fez lembrar do artista Eugenio Merino (Madri, 1975) e seu trabalho provocador (ele foi processado na Espanha duas vezes pela Fundação - do atroz ditador - Franco). Merino trabalha

com diversos meios, um deles, onde tomei conhecimento de sua obra, são as figuras humanas em silicone que vão do caricato ao tratamento mais realista. Ele é conhecido por fazer cabeças e corpos em silicone de figuras da arte e da política globais. O artista relata que quando terminou a graduação, ele começou a trabalhar com diferentes galerias de arte, mas que depois de alguns anos, ele se deu conta de que o que ele estava fazendo não o interessava, então Merino começou a considerar seu trabalho como uma extensão do meu posicionamento político. “Foi aí que começou a construção da minha identidade como artista”. Ele diz acreditar que a arte “possa ser uma ferramenta de transformação social” que ela pode dar “visibilidade às contradições do neoliberalismo e do fascismo, da desigualdade e da exploração”³¹⁹

Em 2020 ele fez uma cabeça de J. M. B. (fig. 130, 131 e 132) e depois disponibilizou essa cabeça para que pessoas no Brasil pudessem jogar futebol com ela, foi feito um vídeo³²⁰ com a interação das pessoas com a escultura de silicone. Cabeças de outros políticos também foram feitas e essa série se chama "*Freedom Kick*", esse trabalho é uma colaboração com o grupo de ativistas *Indecline*:

Chute da Liberdade. Em setembro de 2020, o grupo iniciou um projeto ao lado do artista espanhol Eugenio Merino chamado *Freedom Kick*, onde encomendam réplicas de silicone da cabeça de famosos líderes mundiais e as distribuem pelo mundo para serem usadas como bolas de futebol. Os jogos são gravados e enviados para sua conta do Instagram. Alguns dos líderes mundiais incluíram Donald Trump, Vladimir Putin e Jair Bolsonaro. Após divulgar o vídeo de Bolsonaro, integrantes do grupo receberam ameaças de morte.³²¹

³¹⁹ *Transgressão - Eugenio Merino, o artista que transformou a “cabeça” de Bolsonaro em bola de futebol - Imagens circularam esta semana e causaram controvérsia nas redes; artista espanhol explica qual foi a intenção.* Maiara Marinho. Brasil de Fato, Cultura, São Paulo, 26 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/26/eugenio-merino-o-artista-que-transformou-a-cabeça-de-bolsonaro-em-bola-de-futebol> Acesso em 06 de julho de 2022.

³²⁰ *Artistas usam cabeça falsa de Bolsonaro como bola.* Manuela Dorea, Blog da Cidadania, 24 de setembro de 2020. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2020/09/artistas-usam-cabeça-falsa-de-bolsonaro-como-bola/> Acesso em 06 de agosto de 2022.

³²¹ *Indecline.* In: Wikipédia: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Indecline> Acesso em 06 de agosto de 2022.



Fig. 130 Eugenio Merino e Indecine
Chute da Liberdade, 2020



Fig. 131 Eugenio Merino e Indecine
Chute da Liberdade, 2020



Fig. 132 Eugenio Merino e Indecine
Chute da Liberdade, 2020

Diferentemente da minha noção de quando fiz os desenhos de que os troféus e medalhas estariam ligados à esportes, foi desagradável descobrir o quanto essas premiações têm origens associadas à guerras, mortes e esquartejamentos de seres humanos. Mas saindo do nome da série e indo para os desenhos especificamente, com *Prêmio Multi Tarefa: Funcionário Padrão* (fig. 123) a imagem da cabeça desenhada, não é de uma cabeça que ostenta orgulhosamente uma medalha no pescoço, mas uma medalha de cabeça para baixo que segura uma cabeça desalentada. Han em *Topologia da Violência* apresenta a distinção entre a violência nua da sociedade da soberania e a violência subcutânea da sociedade de desempenho:

A violência massiva da *decapitação*, que predominava na sociedade da soberania³²², cedeu lugar à violência de uma deformação gradativa e subcutânea. O sujeito de desempenho pós-moderno não está submetido a ninguém; propriamente, ele já não é sujeito, dentro do qual inabita ainda alguma subjugação (*subject to, sujet à*). Ele se positiva, ele se libera para o projeto. Mas a mudança de sujeito para projeto não faz desaparecer a violência; em lugar da coerção exterior surge a autocoerção, que imagina ser livre. Esse desenlace está intimamente ligado às relações de produção capitalista; a partir de um certo nível de produção a autoexploração é muito mais eficiente. Seu desempenho é muito mais intenso do que a exploração alheia, pois anda de mãos dadas com o sentimento de liberdade. Assim, a sociedade de desempenho é uma sociedade da autoexploração. O sujeito do desempenho explora a si mesmo até chegar a *consumir-se* totalmente (*burnout*), e assim há o surgimento da autoagressividade, que vai intensificando e, não raro, leva ao suicídio. O projeto revela ser, na verdade, um *projétil* que o sujeito de desempenho direciona contra si. (HAN, 2017, p. 25)

Sobre a questão do suicídio, Han não cita casos particulares no texto, mas comenta no documentário *Fatigue Society – Byung-Chul Han in Seoul/Berlin*³²³ sobre a questão do alto número de suicídios na Coreia do Sul. E quando Han escreveu que *O sujeito de desempenho pós-moderno não está*

³²² HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

“O poder soberano se exprime como direito de dispor e tomar” p. 46.

³²³ *Fatigue Society – Byung-Chul Han in Seoul/Berlin* (documentário *A Sociedade do Cansaço*). Direção Isabella Gresser, Seul e Berlim, 2015, 1 h. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY> Acesso em 04 de julho de 2022.

submetido a ninguém, nesse ponto eu tendo a discordar. Posso estar enganado, mas na época que escreveu o livro talvez ele estivesse fixado na figura de um chefe/patrão/supervisor presente que ditaria o ritmo de produção da fábrica/escritório/loja; e talvez considerasse que “todos” estão livres desse modelo de trabalho. Mas mesmo que a maioria dos trabalhadores esteja “livre” de um chefe, eles (nós) ainda respondem e se submetem a uma ordem de poder “invisível”, eventualmente impessoal, mas que continua a acelerar o ritmo de trabalho. O um por cento invisível (os mais ricos do globo) - talvez intocável ou inalcançável seria mais realista – os detentores do grande capital global ainda ditam - *a ditadura proíbe o falar; ela dita* (HAN, 2017, p. 109) - o ritmo de produção mundial e punem os que não se adaptam. O “software neural”, a programação, a *psicopolítica* é imposta por eles: auto empreendedorismo, meritocracia, “liberdade”³²⁴, busca pelo “sucesso”, “felicidade”, valores ocidentais, prazer, individualismo, seguidores, curtidas, *eu ideal* (HAN, 2017, p. 80). Mas esse ponto o próprio Han irá ajustar em um livro posterior publicado pela primeira vez em 2014 na Alemanha, onde ele dará mais visibilidade para o que antes era invisível – o capitalismo financeiro e o neoliberalismo. No livro *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, Han irá dizer: “a psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção *para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo*. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo”.³²⁵ “A psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos” (HAN, 2018, p. 107). E com isso “o sujeito de desempenho se vê obrigado a produzir e a desempenhar cada vez mais” (HAN, 2017, p. 61-62). Mas com essa sobrecarga constante de mais e mais trabalho “a própria pessoa provoca a autoviolência e se autoexplora. Em lugar da violência causada de fora para dentro, há uma violência gerada por si próprio; esta é muito mais fatal do que aquela, pois a vítima dessa violência imagina ser livre” (HAN, 2017, p. 81), ou na terrível frase de Goethe: “Ninguém é mais escravo do que aquele que se julga livre sem o ser”. Ou ainda sobre o desenho *Prêmio Multi Tarefa*:

³²⁴ “Compreender a liberdade, como valor universal na atual quadra histórica, não é simples. Em contextos neoliberais e, portanto, acostumados com a desregulamentação, os excessos, o narcisismo e perspectivas autoritárias, torna-se ainda mais complicado entender o alcance do valor “liberdade”. Vale notar que as guerras em nome da liberdade, promovidas por governos e corporações estadunidenses - a Guerra do Iraque talvez seja o exemplo mais explícito da utilização bélica da palavra “liberdade”, na medida em que todas as demais justificativas para esse conflito falharam na missão de legitimar o empreendimento militar-empresarial -, e o afirmado “excesso de liberdade contemporâneo” (em que todos são levados a acreditar que podem tudo) são, respectivamente, manifestações de terror e de opressão (...). Nunca a palavra “liberdade” foi tão distorcida e pervertida.” CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 227.

³²⁵ Idem.

Funcionário Padrão, cito as palavras de Baruch Espinoza: “É aos escravos, e não aos homens livres, que se dá um prêmio para os recompensar por terem se comportado bem”.³²⁶

O desenho *Prêmio Bartleby da Sociedade do Desempenho* (fig. 124) segue na mesma lógica, mas fazendo referência ao personagem literário do conto do escritor estadunidense Herman Melville. *O Escrivão ou Bartleby, o Escriturário*, publicado pela primeira vez em 1853, “essa ‘história provinda da Wall Street’ não é uma história da ‘des-criação’ [*Ent-schöpfung*], mas uma história do esgotamento [*Erschöpfung*]”³²⁷; “descreve um universo de trabalho desumano, cujos habitantes, todos eles, são degradados a *animal laborans*. Apresenta-se detalhadamente a atmosfera sombria do escritório espessamente rodeado de arranha-céus” (HAN, 2015, p. 59). “A melancolia e o mau-humor, de que se fala constantemente no relato, forma a atmosfera fundamental da narrativa” (p.60) “A sociedade descrita por Melville é ainda uma sociedade disciplinar. Assim, todo relato está perpassado de muros e paredes, elementos de uma arquitetura da sociedade disciplinar (...). Muro (*wall*) é uma das palavras mais empregadas (...)” (p. 61). Bartleby está fechado pelas paredes divisórias onde trabalha. “O muro sempre vem associado com a morte. (...) tema recorrente da prisão com fortes muralhas, que Melville chama de túmulos, se aplica também para a sociedade disciplinar. Ali toda a vida foi apagada”, Bartleby “representa ainda um sujeito de obediência” (p. 61).

Então com o desenho *Prêmio Bartleby da Sociedade do Desempenho*, eu acabo por conectar as duas sociedades de que fala Han a *disciplinar* e a de *desempenho*, a conexão no desenho seria a linha que segura a cabeça que está pendura (de cabeça para baixo) no troféu, e esse está sobre um cubo. Na leitura que faço agora e é posterior ao momento da fatura do desenho, penso que estou modelando as questões dicotômicas (*disciplinar/desempenho*) para, nesse caso, me permitir especular um sentido, que seria, caso eu produzisse essa peça como uma futura escultura, o troféu seria dourado, sugerindo uma distinção, o primeiro lugar, mas seria o primeiro colocado ligado à um contexto de controle/sujeição, onde a cabeça (de Bartleby) seria feita em tons cinzas, como se estivesse à remeter para um filme antigo (ou à filmes que utilizam a estética de filmes antigos, como nos casos de *Asas do Desejo* (1987) de Win Wenders que inclusive Han faz referência em seu documentário de 2015 que também tem tempos cinzas; ou em *The Dead Man* (1995) dirigido e escrito por Jim Jarmusch, onde no final de 1800 o personagem central que é um contador, um duplo do poeta William Blake, o “homem

³²⁶ *Liberdade! Liberdade?* Mouzar Benedito. Editora Boitempo, 09 de maio de 2019. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/09/cultura-inutil-liberdade-liberdade/> Acesso em 06 de agosto de 2022.

³²⁷ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015. P. 68. Livro publicado pela primeira vez em 2010.

morto” que é encontrado fortuitamente por um nativo norte americano chamado “Ninguém”, *que acredita que o contador Blake é a reencarnação do visionário poeta inglês William Blake*), um filme mudo, um filme não colorido, uma película da ordem da *filosofia cinza*, do cinza chumbo, do cinza pesado. Um prêmio que carrega um ônus – uma taça dourada (na verdade um caneco de plástico revestido com tinta sintética dourada) que custou uma cabeça. Esse desenho que já tem um tempo, apresenta marcas do pensamento melancólico. Segundo a filósofa Marcia Tiburi “a marca da melancolia é a duplicidade, a polaridade, a oposição”³²⁸ (*disciplinar/desempenho?*). E sobre o cinza, entre muitas outras imagens que Tiburi nos trás, ela infere que: “(...) o cinza é a cor dos cadáveres. Cor da morte para a qual não se quer olhar. Tudo o que é cinzento é feito para não ser visto” (TIBURI, 2004, p. 170), como na pintura em camadas, também chamada de pintura indireta do renascimento, barroco e em diante que iniciava com uma primeira camada chamada de grisalha (gris = cinza), tons de cinza iniciais que depois eram “enterrados” pelas camadas de cores transparentes e opacas que eram colocados sobre eles, por isso a grisalha também é chamada de *camada morta*³²⁹.

Se nos desenhos comentados acima existe a questão do desgaste, na escultura de parede *Existimos Resistimos, série Palavras Cruzadas*, 2018 (fig. 134), a mensagem que gravei na madeira foi de obstinação frente à barbárie que transbordava pelo Brasil desde 2015 – mortes, perseguições, difamações, espancamentos, bombas de gás, balas de borracha, injustiças de toda ordem, ou pior, de toda desordem provocada pelos movimentos e forças que levaram ao golpe de direita de 2016, que logo em seguida foi continuado e sobreposto pela extrema direita.

Luis Felipe Miguel em *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*, aponta que:

A perseguição a intelectuais, docentes e artistas com visão crítica foi encampada por setores dentro do Estado, que, por fanatismo ou cálculo, alimentam o pânico contra a ‘doutrinação comunista’, a ‘ideologia de gênero’ e o ‘marxismo cultural’. O recrudescimento da violência contra ativistas de movimentos populares e integrantes de grupos minoritários é uma das consequências da força renovada dos discursos de ódio e de exclusão. O assassinato da

³²⁸ TIBURI, Marcia. *Filosofia Cinza: A melancolia e o corpo nas dobras da escrita*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. P. 64.

³²⁹ ALESSANDRI, Marcio. *Underpaintings: Grisaille*. Cozinha da Pintura. 2011. Disponível em: <https://cozinhadapintura.com.br/2011/01/18/tecnica-pintura-underpainting-grisaille-grisaglia-grisalha/> Acesso em 8 de agosto de 2022.

“No método de trabalho indireto trabalha-se em camadas, constroem-se lentamente os valores e prepara-se uma espécie de ‘mapa’ monocromático, um guia para posteriormente trabalhar-se as cores. Essa abordagem é chamada na Itália de ‘sotto dipinto’ ou ‘sottostrato’ e nos EUA de ‘underpainting’ ou ‘dead layer’ (camada morta). (...) Uma das variações mais comuns de *underpainting* é feito em escalas de cinza, chamado de *grisaglia* na Itália, e de *grisaille* pelos franceses. Os resultados da *grisaglia* tendem a mostrar tons de peles ‘perolados’ e alvos, pálidos e delicados. Quando usado corretamente, a *grisaglia* gera tons de pele estupendamente realísticos (...)”.

vereadora carioca Marielle Franco em fevereiro de 2018 tornou-se emblemático – tratava-se de uma representante eleita, detentora de mandato, executada no coração da segunda maior cidade do país. Mas não foi o único caso, sendo registrada uma ampliação significativa da violência, que nunca esteve ausente, contra lideranças indígenas e do movimento camponês.³³⁰

Existimos Resistimos foi um trabalho de esperança que partiu não de mim, pois ressoava nas resistências de rua e nas redes sociais, eu apenas materializei um dos lemas em uma matéria e forma específica. Penso que busquei marcar uma posição nesse período. Esse posicionamento que certamente também tem relação com as aulas da Profa. Rita Luana Berti Bredariolli, no segundo semestre de 2018 do doutorado na UNESP, na disciplina Imagens: História, memória e teoria. Assim como as informações e análises que venho acompanhando pela mídia independente brasileira, e, veículos de imprensa tais como: TV 247, GGN, Revista Fórum, Rede Brasil Atual, TVT, etc. Do caderno de notas das aulas do início de outubro de 2018 das aulas da Profa. Rita Bredariolli tenho anotações a partir das discussões sobre Georges Didi-Huberman, que estão anotadas logo antes dos estudos com a série *Palavras Cruzadas*, das quais destaco: imagens como atos de resistência em um momento de urgência; testemunho: palavra viva, mas não absoluta; o efeito do silêncio perturbador da convivência com a atrocidade. Em 12 de outubro anotei: lendo *Cascas* de Georges Didi-Huberman; no dia 13: “trabalho de resistência”. Em seguida, no dia 14, tenho os primeiros esboços de *Palavras Cruzadas* (fig. 133), saliento as seguintes: neoliberalismo mata e resistimos existimos (as letras em destaque correspondem aos cruzamentos das palavras). Essas aulas e anotações estão em contexto de resistência contra os discursos e práticas de ódio proferidos por J. M. B. e sua escumalha espalhada pelo país em 2018, ano eleitoral, onde o golpista Temer da direita deu lugar ao extremista J. M. B..

³³⁰ MIGUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. P. 12.

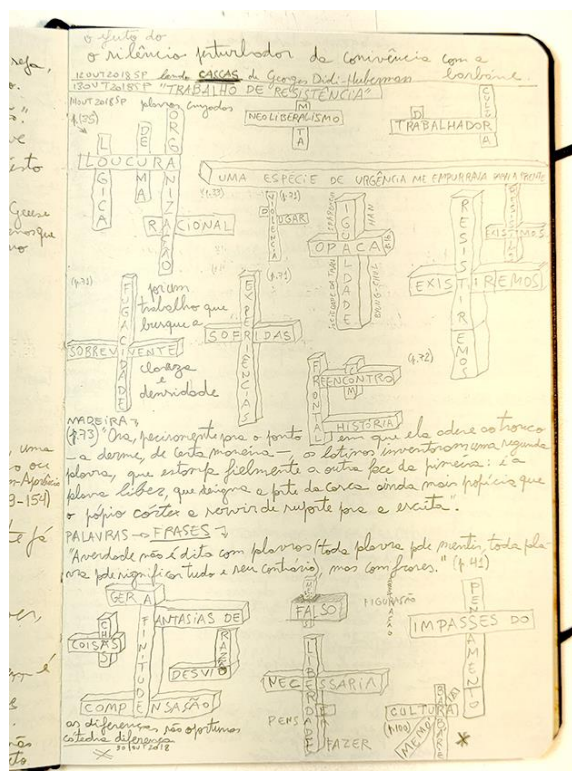


Fig. 133 página do caderno azul (b.a.)
12, 13 e 14 de outubro de 2022

Nesta mesma página da caderneta de anotações de aulas e de ideias para esculturas também há uma anotação do livro *Cascas* de Huberman (relato da ida aos restos do campo de extermínio nazista de *Auschwitz-Birkenau*, na Polônia, em junho de 2011), que associei com o material da escultura, a madeira e com a intervenção sobre a madeira que foi um baixo relevo e que ao invés de esculpir uma imagem construí palavras com vazios, pois as palavras são legíveis pelo material que foi retirado. Anotei um fragmento de Huberman no dia 14 de outubro que faz uma relação entre a árvore e a escrita: “Ora, precisamente para o ponto em que ela adere ao tronco – a derme, de certa maneira – os latinos inventaram uma segunda palavra, que estampa fielmente a outra face da primeira: é a palavra *liber*, que designa a parte mais propícia que o próprio córtex a servir de suporte para a escrita” (HUBERMAN, 2017, p. 73).

Então tenho a madeira como suporte para a escrita, não uma escrita linear neste caso, mas uma escrita cruzada.



Fig. 134 *Existimos Resistimos*, série *Palavras Cruzadas*, 2018, madeira e aço, 65 x 43 x 6 cm
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018

A ideia de resistência também está presente na escultura de parede *Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?*, 2018 (fig. 135).

Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia? é composta por dois modos construtivos distintos e complementares dentro da minha dinâmica de trabalho. Um caibro de cedrinho que foi desbastado com uma tupia elétrica manual guiada por gabaritos de letras, como foi feito com *Existimos Resistimos*. Esse primeiro processo está relacionado com os trabalhos de marcenaria e mobiliário. Já a representação de figura humana (fig. 136) que está no topo desse caibro se refere a uma vontade e tentativas de trabalhar com entalhe (ver as fig. 5 e 6 de 2011 - *Meio pau* e *Outro*) através de uma série de ferramentas, desde formões, goivas, grosas, limas, lixas, serras de arco, serrote de costa até as ferramentas elétricas tais como furadeiras (manual e de bancada), serras (circular e de fita, ambas de bancada). Outro balanço é entre figura humana e palavra que experimento desde os desenhos de infância, tendo as histórias em quadrinhos e livros ilustrados como estímulos e referências. Mas tanto a figuração quanto a palavra estiveram rebaixadas (a não ser nos títulos) na minha produção em favor de construções mais estruturais, mais objetuais e espaciais, a exposição *Objetos Oblíquos* (2015) é um exemplo disso. No entanto a figuração começa a voltar a ser exposta, por exemplo, com a exposição individual *Que a Distância nos Guarde* de 2012, e a palavras dentro do suporte também em desenhos (fig. 48 - *Non Santo – OGM*, 2013; 49 - *Crânio Eurocêntrico*, 2013; 50 – *Escravidão, Propriedade e Lucro*, 2013; 51 – *Sud – ou Sulado*, 2014; 53 – *Temporär*, 2014-15 e *Trauerspiel*, 2015) e em algumas pinturas do mesmo período.

Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia? de 2018, apresenta a junção de figura humana, entalhe em madeira, palavra dentro do suporte e elemento estrutural (o caibro de madeira); e principalmente me trouxe a percepção do quanto eu não sabia sobre o básico da política, o quanto eu estava até então trabalhando com noções débeis e imprecisas, e isso ocorre através do título. Pois primeiramente denominei o trabalho apenas de “Em pé pela democracia”, mas durante a produção dos diferentes trabalhos para a exposição coletiva *Corpo Articulado* (2018), ao acompanhar debates e análises da mídia progressista pela internet, em canais da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* em especial, e com críticas ao modelo de “democracia estadunidense” (uma “democracia” liberal ocidental), eu quase desisto do trabalho (ou pelo menos iria retirar o caibro de madeira com a inscrição “democracia”), pois entendi que o trabalho estava enfatizando um modelo de opressão e

manutenção do domínio da elite que controla a política e o poder judiciário³³¹. Mas ao invés de colocar apenas a palavra genérica “democracia” (que é usada como argumento inquestionável, assim como “liberdade”, “justiça”, “família”, “deus”, “pátria” – quando faltam motivos para justificar atrocidades, ou seja, quando os reais motivos não podem ser explicitados: a dominação/roubo imperial colonialista do ocidente – para intervir, invadir, aterrorizar, dizimar, sabotar, instabilizar, derrubar, roubar, estrangular as economias de países que não seguem o modelo imposto pelos EUA ou que estejam em um caminho de crescimento que ameace o domínio exclusivo dos imperialistas – como foi o caso do Brasil nos anos Lula e Dilma e muitos outros países da América Latina, Oriente Médio e atualmente Rússia e China). Por isso incluí a minha própria dúvida no título – dúvida anterior e atual – Qual democracia? E assim ponderei que ele ainda teria relevância e então mantive o trabalho ao incluir a questão no título – Qual democracia? Direta³³², indireta, liberal, social democrata burguesa, representativa, etc. Já que segundo Rubens R. R. Casara estávamos experimentando um *Estado Pós-Democrático*:

Não há crise. O que chamam de “crise” é, na verdade, um modo de governar as pessoas. Diante desse cenário, impõe-se desvelar o que se esconde por trás dessa afirmada “crise paradigmática” do Estado Democrático de Direito, desse ordinário travestido de “crise” que leva ao “Estado de Exceção permanente”, fenômeno que já preocupava Walter Benjamin, mas que ganhou potencial a partir do final de década de 1970 e início de 1980. A hipótese deste livro é a de que não há verdadeira crise paradigmática. A figura do Estado Democrático de Direito, que se caracterizava pela existência de limites rígidos ao exercício do poder (e o principal desses limites era constituído pelos direitos e garantias fundamentais), não dá mais conta de explicar e nomear o Estado que se apresenta. Hoje, poder-se-ia falar em um Estado Pós-Democrático, um Estado que, do ponto de vista econômico, retoma com força as propostas do neoliberalismo, ao passo que, do ponto de vista político, se apresenta como um mero

³³¹ Segundo o jornalista brasileiro Paulo Moreira Leite: “a democracia liberal oferece algumas franquias de liberdade, o direito de opinião que as ditaduras militares, como nós tivemos no Brasil, não oferecem, portanto eles devem ser (...) defendidas, mas sabendo que elas (as democracias liberais implantadas em países periféricos-não ocidentais, como os países da América Latina) têm limites, sabendo que quando (...) os conflitos chegam a uma magnitude onde se colocam os interesses profundos de classe, você tem golpes de estado e volta-se a uma ditadura. Essa é a história das democracias liberais em todos os países, inclusive no Brasil onde a gente lembra de (19)64, e a gente viu aqui recentemente quando começou a ter um governo popular como o de Luiz Inácio Lula da Silva, depois com a presidente Dilma, quando esses governos começaram a obter conquistas que eram consolidadas, nós tivemos um golpe de estado, tivemos isso na Bolívia, tivemos isso no Peru, tivemos isso em vários (países), tivemos no Chile, enfim, é essa a história.” *Bom dia 247 - Lula e Haddad no primeiro turno?* TV247, 19 de agosto de 2022, 3:05:32, (39:30-40:37). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-ZnFzfnzX4> Acesso em 19 de agosto de 2022.

³³² “As democracias diretas da antiguidade contavam com uma cidadania limitada, uma vez que escravos (...), mulheres de todas as classes e filhas e filhos de estrangeiros não tinham acesso a ela”. MIGUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. P. 34.

instrumento de manutenção da ordem, controle das populações indesejadas e ampliação das condições de acumulação do capital e geração de lucros.³³³

Penso que a contribuição crítica do sociólogo Luis Felipe Miguel enfatiza ainda mais essas questões com um incisivo apanhado:

Terra Arrasada: Essa é a expressão que vem à mente quando se pensa no Brasil dos últimos anos. Tudo aquilo que, com esforço, fora construído a partir do fim da ditadura militar, em termos de democracia e de justiça social, foi destruído em pouco tempo. A ofensiva de direita, o golpe de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 produziram um revés que poucos seriam capazes de prever ou mesmo de imaginar. Um retrocesso que ocorre em múltiplas dimensões. A classe trabalhadora foi atingida pela revogação de parte importante da legislação que a protegia na relação com o capital e com a redução do financiamento para a educação, saúde e outros serviços públicos. A desproteção social resultante atinge sobretudo as mulheres, principais responsáveis pelo cuidado com as crianças, os velhos e os enfermos. Elas também sofrem, assim como a população negra, os povos indígenas e a comunidade LGBT, com o refluxo das políticas governamentais de enfrentamento dos padrões históricos de opressão social definidos por gênero, raça, sexualidade e classe. Tantos retrocessos foram acompanhados do fortalecimento de discursos públicos em favor das hierarquias sociais, vistas como reflexos de uma ordem superior, definida por Deus ou pelo mercado, que não pode ser desafiada. Formas ultrajantes de racismo, sexismo e homofobia voltaram a ser verbalizadas sem constrangimentos por agentes no centro da política brasileira.”³³⁴

E sobre a questão da “democracia” em *disputa* no Brasil ele segue:

O processo político iniciado com a crise do Regime Militar, em meados dos anos 1970, que passa pela evolução do poder a um civil (em 1985), pela promulgação de uma nova Constituição (em 1988) e pelo retorno das eleições diretas para presidência da República (em 1989), é em geral chamado de “transição democrática”. A expressão é criticada por pressupor que a transição tem um ponto de chegada predefinido (a “democracia”) e, mais, que essa democracia tem um sentido unívoco. No entanto, a transição foi, como qualquer processo político, um processo com desfecho em aberto, permitindo uma multiplicidade de arranjos possíveis. Se a democracia é um conceito em disputa – diferentes atores evocam o valor da democracia com diferentes sentidos e intenções. Ainda que se considere que a democracia era o destino inevitável da transição, permanece a questão: a qual democracia chegaríamos?

A partir da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, democracia tornou-se um valor aceito de maneira quase universal e um rótulo perseguido por praticamente todos os grupos políticos. “Democrata” era (e continua sendo) o rótulo que cada um aplicava a si mesmo e negava aos adversários. Se os Estados Unidos se colocavam na posição de guardiões do “mundo livre” e promotores da democracia por todo o globo, sua adversária na Guerra Fria, a União Soviética afirmava encarnar um tipo mais autêntico de governo democrático e batizava os regimes do Leste Europeu com o nome de “democracias populares”. No Brasil, os militares

³³³ CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 16-17.

³³⁴ MIGUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. P. 11.

que derrubaram o governo de João Goulart, em 1964, disseram que o objetivo era defender a democracia. (...)

A disputa sobre o sentido da democracia ocorre porque há uma disjunção patente entre seu sentido etimológico e seu referencial histórico, que continuam ativos no imaginário político contemporâneo, e os modelos institucionais que afirmam realizá-la. A democracia é o “governo do povo”, mas em nenhum dos regimes que se proclamam democráticos o povo de fato governa. Seriam *democracias representativas* – e a expressão se tornou tão familiar que tendemos a ignorar a contradição entre substantivo e adjetivo. A democracia representativa é o governo do povo em que o povo não governa, uma vez que delega o exercício do poder a alguns poucos.³³⁵

No dia 11 de agosto de 2022 o professor de história Humberto Matos publica (em vídeo) uma crítica mais frontal à democracia burguesa no seu *Instagram*, não por acaso acredito, no dia da leitura pública da “Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito!”³³⁶ (Anexo 4) realizada na Faculdade de Direito da USP, no Largo de São Francisco, centro de São Paulo e em outras cidades do Brasil³³⁷.

Por que a democracia burguesa é uma grande farsa. É uma grande farsa. O que está em disputa ali são cargos estratégicos de gestão dos interesses do capital. O verdadeiro poder constituído, no caso, o poder dos capitalistas está acima desse jogo. Os capitalistas, não havendo ameaça ao capitalismo, podem observar esse jogo de cima, esperando quem vai vencer para depois impor ao vencedor ou vendedores as suas vontades. E via de regra o que nós temos? Nós temos uma

³³⁵ Idem. P. 33-34.

³³⁶ *Manifesto - Defesa da democracia: confira o que dizem os manifestos de 11 de agosto - USP, Fiesp e OAB redigiram manifestos em defesa do Estado Democrático de Direito diante a intensificação dos ataques feitos por Bolsonaro ao processo eleitoral e às urnas.* Vermelho - A esquerda bem informada. Bárbara Luz, 10 de agosto de 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/08/10/defesa-da-democracia-confira-o-que-dizem-os-manifestos-de-11-de-agosto/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

“Carta de Direito da USP. Em 26 de julho, menos de dez dias após Bolsonaro levantar suspeitas infundadas sobre a segurança do processo eleitoral em uma reunião com diplomatas, a Fdusp divulgou a “Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito”, documento elaborado por professores, diretores e alunos da universidade, e que, até esta quarta-feira (10) já ultrapassava 820 mil signatários. O texto faz referência à “Carta aos Brasileiros de 1977”, elaborada pelo ex-professor Goffredo da Silva Telles Jr durante a ditadura e cuja leitura é considerada um marco na luta contra o regime militar. 45 anos depois, o manifesto alerta para um risco à democracia em virtude das “insinuações de desacato ao resultado das eleições” e, desde o seu lançamento, já foi assinada banqueiros, empresários, juristas, atores e diversas personalidades e presidenciáveis, como: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB), Felipe D’Avila (Novo), José Maria Eymael (DC), Leonardo Péricles (UP), Sofia Manzano (PCB) e Soraya Thronicke (União Brasil). “No Brasil atual não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições.”, diz trecho do documento. A leitura da carta será realizada no pátio externo do Largo São Francisco, sede da Faculdade de Direito da USP, às 11 horas da manhã.”

³³⁷ *Manifestações pelo país reafirmam apoio ao sistema eleitoral e à democracia - De Brasília a Salvador, do Rio de Janeiro a Campo Grande, brasileiros foram às ruas demonstrar seu rechaço a iniciativas golpistas do presidente Bolsonaro.* Vermelho - A esquerda bem informada. Priscila Lobregatte, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/08/11/manifestacoes-pelo-pais-reafirmam-apoio-ao-sistema-eleitoral-e-a-democracia/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

formatação, não só dos debates, mas os debates são ilustrativos, onde as eleições servem apenas a aqueles que querem disputar uma vaga para gestor dos interesses do capital. Porque se você quiser disputar uma vaga para ir contra os interesses do capital, você não é bem vindo neste jogo. E aí você é tirado do jogo de várias maneiras, você pode ser posto na clandestinidade, é muito comum os partidos de esquerda que não são partidos burgueses, deles serem colocados na clandestinidade, eles ficam de fora do processo político burguês por qualquer subterfúgio, quando isso não acontece, acontece uma pseudo legalidade, como é o caso do Brasil no momento (agosto de 2022), onde os partidos que não são partidos burgueses não estão apartados do processo político oficialmente, porém estão, não tem tempo de TV, não participam de debates, de entrevistas, não tem acesso às fatias mais interessantes do fundo de campanha, são inviabilizados pelas regras do jogo que fazem com que virtualmente seja impossível que seus candidatos ocupem espaços no (poder) legislativo por causa do coeficiente eleitoral. Então quem é que joga esse jogo, todo mundo? Não, quem de fato joga esse jogo são aqueles que não estão dispostos a enfrentar o capitalismo e sim aqueles que estão dispostos a gerenciar os interesses da burguesia.³³⁸

Em uma escala global o termo democracia, de forma isolada, acrítica e que é idealmente generalizada e usado como propaganda dos “bons”, dos “de bem”, para tentar justificar práticas imperialistas e crimes de guerra como fazem os EUA, pode ser resumido à simplista idealização de “o poder do povo”, ou “o governo do povo”. A cientista política, professora universitária, ativista pelos direitos das mulheres, antropóloga e filósofa Wendy Brown (1955, EUA) no primeiro capítulo de seu livro de 2019, chamado *Nas Ruínas do Neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente* nos traz essa abordagem sobre o termo democracia:

A palavra “democracia” deriva de termos gregos antigos, *demos* (o povo) e *kratos* (poder ou governo). Em contraste com a oligarquia, monarquia, aristocracia, plutocracia, tirania e governo colonial, democracia significa os arranjos políticos por meio dos quais um povo governa a si mesmo. A igualdade política é a base da democracia. Todo resto é opcional – das constituições à liberdade pessoal, de determinadas formas econômicas às instituições políticas específicas. Somente igualdade política assegura que a composição e o exercício do poder político sejam autorizados pelo todo e sejam de responsabilidade do todo. Quando a igualdade política está ausente, seja por exclusões ou privilégios políticos explícitos, pelas disparidades sociais ou econômicas extremas, pelo acesso desigual ou controlado ao conhecimento, ou pela manipulação do sistema eleitoral, o poder será inevitavelmente exercido por e para uma parte, em vez do todo. O *demos* deixa de governar. (BROWN, 2019, p. 33)

Infelizmente a história do Brasil é marcada pela sistêmica governança da pequena parte a para a pequena parte, dos mais de quinhentos anos de Brasil, não tivemos nem cinquenta anos de governos populares. Tivemos poucas, rápidas e golpeadas experiências de tentativas parciais de governos - não do povo, mas ao menos parcialmente - para o povo, visto que as esquerdas sempre combatidas,

³³⁸ Humberto Matos - Professor, marxista, comunicador no YouTube, pré-candidato a Dep. Federal pelo RS. *Por que a democracia burguesa é uma grande farsa?* Osório, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChIg3PcDINP/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

perseguidas, dizimadas e demonizadas e sem o poder midiático, jurídico, militar e econômico que as elites sempre dispuseram, as esquerdas nunca conseguiram se constituir como maioria no país, apesar da maioria da população ser pobre e da classe trabalhadora. Sobre essa questão, Felipe Miguel com propriedade complementa a colocação do professor Humberto Matos:

São múltiplas desigualdades que incidem sobre o campo político e que as regras de igualdade formal (acesso universal à franquia eleitoral, peso idêntico dos votos) não conseguem anular. Os mais ricos não apenas têm mais condições de disputar as posições de mando como têm múltiplos canais de acesso a quem exerce o poder, por meio de instrumentos como o financiamento de campanhas, a influência sobre a posição pública pela colonização dos meios de comunicação, o *lobby* e mesmo a corrupção, que não é um desvio, mas um elemento permanente no funcionamento do sistema. (...) Ao mesmo tempo, os trabalhadores recebem, nas empresas, um treinamento para a submissão a ordens emanadas de uma estrutura hierárquica impermeável a suas vozes, que é o oposto do necessário para a participação política democrática.³³⁹

O termo democracia tem tantas nuances quanto interesses econômicos que a mascaram e a moldam de acordo com os poderes maiores que a manipulam. Penso que o termo pertença ao grupo de palavras que se propõem moralmente superiores, conservadoras e pretensamente inquestionáveis, tais como: “deus”, “pátria”, “família” e incluo a por vezes rebaixada no discurso, mas certamente a mais sensível que é a “propriedade” (privada) – uma das bases do sistema capitalista assim como a exploração das massas trabalhadoras.

Para além de sua definição idealizada – poder/governo do povo -, a democracia não é um termo de consenso como se pretende simplifica-la. E para acrescentar outra camada de leitura ao trabalho *Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?*, incluí duas pequenas pinturas sobre o peito da figura que está sobre o “pilar” da democracia, são representações de tatuagens (fig. 137), a bandeira antifascista (fig. 138) e a ALF – Frente de Libertação Animal (fig. 139). A bandeira antifascista é formada por duas imagens de bandeiras uma vermelha que faz referência ao socialismo e comunismo e a bandeira preta que faz referência ao anarquismo.

Sobre a ALF:

Frente de Libertação Animal (*Animal Liberation Front* - ALF, na sigla em inglês). Formada por células autônomas (independentes e com poder de decisão) e horizontais (livres de hierarquias) a ALF atua por meio de ações diretas, classificadas por seus atores e defensores como não-violentas, para resgatar animais não-humanos de situações de vulneração (laboratórios, circos, indústrias, fazendas etc.), sabotar equipamentos e gerar os maiores danos financeiros possíveis aos exploradores, visando sua saída do mercado e,

³³⁹ MIGUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. P. 38.

consequentemente, dando fim a um epicentro de exploração. (...) A história da ALF remete ao movimento contra a caça na Inglaterra no século 19 chamado *Bands of Mercy*, nome resgatado em 1972 por membros do *Hunt Saboteurs Association* (HSA), grupo que utilizava diversas estratégias para atrapalhar e desestruturar atividades de caça, como bombas de fumaça. Ao buscar formas mais efetivas de impedir a caça, os antigos membros da HSA incluíram estratégias de destruição de propriedades privadas. Logo o grupo passou a sabotar laboratórios de vivissecção e resgatar animais não-humanos das situações de vulneração. Em uma dessas ações dois membros foram presos. Após cumprir um terço da pena de três anos, um deles, Ronnie Lee, deu início ao grupo chamado *Animal Liberation Front*, a ALF. Espalhada por diversos países, inclusive no Brasil, a ALF é uma entidade de livre associação formada por células - anônimas, autônomas e horizontais - de pessoas vegetarianas ou, preferencialmente, veganas, já que o veganismo é a tentativa de se abster de quaisquer objetos ou práticas derivados de exploração animal. Para caracterizar-se efetivamente como uma ação da ALF é necessário o respeito das seguintes orientações: “1) Libertar animais de locais de abuso; ou seja, laboratórios, fazendas de abate, fazendas de peles, etc. e colocá-los em bons lares onde eles possam viver suas vidas naturais, livres de sofrimento. 2) Infligir danos econômicos àqueles que lucram com a miséria e exploração dos animais. 3) Revelar os horrores e atrocidades cometidas contra animais atrás de portas fechadas, pela realização de ações diretas não-violentas e libertações. 4) Tomar todas as precauções necessárias para não prejudicar qualquer animal, humano e não-humano. 5) Analisar as ramificações de toda ação proposta, e nunca aplicar generalizações quando informações específicas estão disponíveis”. Diretamente influenciada por pensadores ativistas como Henry Thoreau, Mahatma Gandhi e Martin Luther King, pelos movimentos ambientalistas da década de 1960 e pelas reflexões anarquistas, a ALF afirma ser parte de um movimento não-violento contra a estrutura opressora vigente. Defende que a destruição de propriedades e a sabotagem não são propriamente atos de violência. Contudo, tendo em conta a complexidade do conflito entre o movimento de Libertação Animal (especificamente a ALF) e os seguidores da moral canônica civilizatória (encarnados aqui pelos exploradores dos animais não-humanos), essa afirmação sobre o caráter não-violento das ações da ALF é alvo de objeções, a ponto da ALF ser caracterizada como um grupo terrorista.³⁴⁰

Então talvez essa escultura tenha sido um tatear no caminho de uma utópica democracia antifascista e antiespecista, não uma democracia que já está ou esteve aí, mas uma democracia que precisa ser buscada, discutida, modelada e futuramente instaurada.

³⁴⁰ Assumpção, E., & Schramm, F. (2008). *A ética da sabotagem da Animal Liberation Front*. *Revista Brasileira De Bioética*, 4(3-4), 198–221. <https://doi.org/10.26512/rbb.v4i3-4.7887> Acesso em 11 de agosto de 2022.



Fig. 135 *Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?* 2018, madeira e cobre, 85 x 6 x 6 cm
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018
fotografia: Jerri Rossato Lima



Fig. 136 Detalhe de *Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia?* 2018, madeira e cobre, 85 x 6 x 6 cm
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018
fotografia: Jerri Rossato Lima



Fig. 137 Detalhe das “tatuagens”, bandeira antifascista e ALF – Frente de Libertação Animal
Em pé pela Democracia, Mas qual Democracia? 2018, madeira e cobre, 85 x 6 x 6 cm
 Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018
 fotografia: Jerri Rossato Lima



Fig. 138 Logotipo Antifa

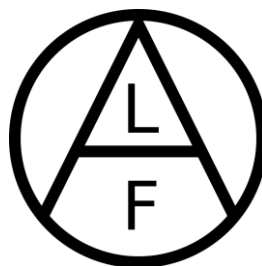


Fig. 139 ALF – Frente de Libertação Animal

E para fechar este capítulo comento o último trabalho selecionado deste grupo de seis peças que fizeram parte da exposição coletiva *Corpo Articulado*, escultura de pequeno formato chamado *A Justiça Necessária*. Optei por não incluir a inscrição que está na madeira no título da peça, que poderia já entregar a minha intenção com o trabalho, que seria - *A Justiça Necessária: Justiça Social*. Penso que fiz essa escolha em função de uma estratégia já empregada em outras peças que é a ideia de dar uma temporalidade extra de apreensão da escultura. Ou seja, se o público já começa a sua aproximação via legenda de parede ou folheto com informações, ele já terá a totalidade da informação. Ao colocar como título apenas *A Justiça Necessária*, se tem um tempo de pensar, caso isso idealmente ocorra na cabeça do público – Mas qual justiça é necessária? A justiça modelada e controlada desde sempre pela elite financeira? A “justiça” imposta por um juiz parcial, como Sergio Moro? A “justiça” com “as próprias mãos” dos justiceiros que lincham e executam suas vítimas de acordo com sua própria régua moral? A “justiça” divina que irá se encarregar de “julgar” as pessoas às portas de um paraíso fictício? A justiça pertence, eu acredito, a aquele grupo de palavras que estão – supostamente - acima de qualquer suspeita e crítica (deus, pátria, família, propriedade, democracia, cidadão de bem, etc.); afinal, quem será contra a “justiça”?

Então uso esse termo – justiça – como uma espécie de atrativo pacificado e de consenso (considerando aqui o que tomo como senso comum), pois a pequena estrutura de cadeira está inclinada para a esquerda (e aí sutilmente incorporo deliberadamente essa informação visual, essa inclinação física e simbólica para esquerda – que enquanto posicionamento político é sistematicamente perseguido, vilanizado e estigmatizado), pois sobre a cadeira há um paralelepípedo de madeira onde está escrito em baixo relevo a palavra justiça (fig. 140). Com isso penso que pode acontecer uma aproximação do corpo do público em direção ao trabalho e eventualmente algum grau de simpatia, conexão ou simplesmente não repulsão. Mas ao passo que a pessoa ao circular a escultura irá encontrar (caso chegue até esse ponto) a palavra complementar – social (fig. 141). Justiça social é um binômio não propagandeado pela mídia hegemônica de direita e extrema-direita (visto que é contrário aos seus interesses de acumulação e exploração)³⁴¹. Mas a justiça social é buscada e discutida

³⁴¹ “As opressões cruzadas amplificam os efeitos das desigualdades e, assim, determinados grupos – como as trabalhadoras negras pobres, por exemplo – encontram particular dificuldade de acesso à arena política. A relação entre democracia e as desigualdades se apresenta, assim, como a questão central, a ser equacionada pelos regimes democráticos contemporâneos, que a fórmula liberal, de distribuir direitos a todos e deixar as assimetrias em suspenso, do lado de fora da esfera pública, não consegue resolver. Na experiência brasileira, a questão se coloca com particular agudeza. A partir de carta constitucional de 1988, o Brasil produziu um regime formalmente muito inclusivo, mas que convive com padrões de

por práticas e políticas de esquerda. Então o trabalho *A Justiça Necessária* busca colocar essa dupla - justiça social - no campo artístico que está circunscrito dentro de uma lógica de super exploração neo e mesmo ultraliberal.

Então aqui a minha posição fica, acredito, menos ampla e aberta (apesar de ainda ser um trabalho de arte e serem apenas duas palavras com suas complexidades que demandariam um maior escrutínio) e busca imprimir no trabalho, não penas com o título, mas com os elementos visuais que o constitui um posicionamento político. Evidentemente esse trabalho é usado aqui como uma espécie de momento de virada na produção, mas ele, como espero ter apresentado, não foi um caso isolado de percepção e consciência política, mas uma entre muitas outras peças, ensaios e acontecimentos que sugerem uma mudança de paradigma pessoal em termos de aproximações possíveis entre artes visuais e questões oriundas da realidade social e política brasileira da última década.



Fig. 140 *A Justiça Necessária*, 2018, madeira e aço
28,7x 35,5 x 17,5cm, vista de frente,
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de
Marcos de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo,
2018, coleção do Museu de Arte do Rio - MAR
fotografia Jerri Rossato Lima

Fig. 141 *A Justiça Necessária*, 2018, madeira e aço
28,7x 35,5 x 17,5cm, vista posterior,
Exposto na coletiva *Corpo Articulado*, curadoria de Marcos
de Lontra Costa, Galeria Verve, São Paulo, 2018
Coleção do Museu de Arte do Rio - MAR
fotografia Jerri Rossato Lima

CAPÍTULO III

Neste último capítulo do escrito *Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016* irei apresentar os vinte e sete trabalhos que constituíram a minha exposição individual *Necrocolônia 2016-2019*, ocorrida na Galeria Verve em São Paulo entre novembro-dezembro de 2019, com peças das séries *Brasil Pós-Golpe Neoliberal, Empresarial, Colonial, Midiático, Jurídico, Militar; A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar; Escola Partida; Leituras Necessárias e Sobre Posições*. Juntamente com os trabalhos comentarei algumas situações³⁴² (que indicaram pontos de referência e localização espacial) e eventos³⁴³ (acontecimentos, fenômenos sociais e políticos) observados, ou seja, vetores de orientação espaço-temporais ligados aos trabalhos.

Os trabalhos a serem apresentados serão os seguintes: Escultura - *Interdição Educação*, série: *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar* (fig. 144); Escultura diptico - *A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (A democracia depende da educação política) e (O fascismo depende da ignorância)*, série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 145 e 146); montagem/combinação/escultura - *Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação - Prêmio Espancador de Professora (Categoria Sub15, série Escola Partida* (fig. 149); Desenhos - *Topologia da Violência, O Ódio como Política, O Ódio à Democracia e*

³⁴² Situação (substantivo feminino) 1. localização de um corpo no espaço em relação a um ou vários pontos de referência fora dele; posição. 2. arranjo das diversas partes de um corpo em relação umas com as outras; disposição. 3. POR EXTENSÃO: combinação ou concorrência de acontecimentos ou circunstâncias em dado momento; conjuntura. "s. política do país". 4. POR EXTENSÃO: estado ou condição de caráter econômico, profissional, social, afetivo etc.; posição. 5. POR EXTENSÃO: circunstância oportuna para a realização de algo; condição, ensejo, oportunidade. 6. FIGURADO (SENTIDO) • FIGURADAMENTE: em uma narrativa qualquer (literária, teatral, cinematográfica etc.), cada momento de emoção ou interesse dramático. 7. POLÍTICA (CIÊNCIA POLÍTICA • IDEOLOGIA): poder dirigente de um Estado, uma empresa etc. Origem: ETIM situar + -ção. Disponível em:

<https://www.google.com/search?xsrf=ALeKk01rU9IP3a4mD2Ls3MkYR3Cqwd9yDw:1593801915923&q=Dicion%C3%A1rio&stick=H4sIAAAAAAAAAAONQesSowS3w8sc9YSn5SWtOXmOU5OLzL0jNc8IMLsnMzOssqrRiV2ItKNF1CuJZxMoNFAaKH15YIJKP AKWEZ7E7AAAA&zx=1593801921109#dobs=situa%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 03 de julho de 2020

³⁴³ Evento (substantivo masculino) 1. acontecimento ger. observável; fenômeno. 2. BRASILEIRISMO • BRASIL: acontecimento (festa, espetáculo, comemoração, solenidade etc.) organizado por especialistas, com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais. 3. m.q. EVENTUALIDADE ('acontecimento inesperado'). 4. COSMOLOGIA: ponto no espaço-tempo provido de quatro dimensões. 5. ESTATÍSTICA: realização de possível alternativa de um fenômeno probabilístico; acontecimento. 6. FÍSICA DE PARTÍCULAS ELEMENTARES: série de dados que caracteriza uma interação entre partículas. 7. LINGÜÍSTICA: fato, ação, processo, expressos por um verbo ou por um substantivo verbal que denota ação. Origem: ETIM lat. evēntūs,us 'acontecimento, sucesso, resultado, saída, desenlace, resolução, fim', rad. de eventum, supn. de evenīre. Disponível em:

<https://www.google.com/search?xsrf=ALeKk01rU9IP3a4mD2Ls3MkYR3Cqwd9yDw:1593801915923&q=Dicion%C3%A1rio&stick=H4sIAAAAAAAAAAONQesSowS3w8sc9YSn5SWtOXmOU5OLzL0jNc8IMLsnMzOssqrRiV2ItKNF1CuJZxMoNFAaKH15YIJKP AKWEZ7E7AAAA&zx=1593801921109#dobs=evento> Acesso em 03 de julho de 2020

Necropolítica, série *Leituras Necessárias* (fig. 153); escultura - *Instrumento de Estado Tanatopolítico*, série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 154); escultura - *Estado Sequestrado*, série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 158); 12 desenhos da série *Sobre Posições* (fig. 160-172); escultura - *Escola “cívico-militar” em imposição*, série *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar* (fig. 173); escultura - *Ataques por todos os lados*, série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 174); pintura - *Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)*, série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 175); escultura - *Estado Mínimo* (fig. 179); desenho *A Elite do Atraso*, série *Leituras Necessárias* (fig. 180) e desenho *sMallmoro* (fig. 182).

3.1 Colonialismos

Determinei o nome da exposição a partir do cruzamento de duas palavras/conceitos/referências estruturalmente conectadas: *Necropolítica* e colônia. A escolha destas duas palavras refletiu a minha percepção e repertório de informações em 2019. Ao juntar as duas palavras, ou ao incluir o prefixo necro- à palavra colônia, se forma um pleonasmo de uma única palavra, mas em tempos de se ter que defender o óbvio, me pareceu necessário.

A necropolítica, como política de morte, sustenta-se na dimensão da racialização, mas a extrapola, na medida em que a condição subalterna reservada aos negros, pouco a pouco, se amplia e aponta para o *devir-negro do mundo*. Uma *crítica da razão negra* se faz portanto necessária, pois o neoliberalismo, como face atual e devastadora do capitalismo, produz desempregados, indivíduos descartáveis, favelados, refugiados, imigrantes... Toda uma horda de seres matáveis, expostos à morte. E, nesse recorte, Peter Pál Pelbart [editor da editora N-1] destaca o que deve ser exaustivamente lembrado: a política de extermínio revela a sobrevivência da matriz colonial no contexto contemporâneo e, em especial, no Brasil dos dias atuais. Na gestão da vida, inventam-se e reinventam-se hierarquias, classificações, assimetrias, discriminações, em que a religião, os valores morais e culturais vêm substituir o lugar da biologia como fundamento da discriminação, ao mesmo tempo que se sobrepõem a ela.³⁴⁴

O termo *Necropolítica*, uma política onde o *Estado Soberano* determina quem vive e quem morre, foi proposto pelo filósofo, teórico político, historiador e professor Achille Mbembe (Otélé, Camarões, 1957) a partir da noção de *biopoder* do filósofo (pós-estruturalista?)³⁴⁵ francês Michel Foucault (1926, Poitiers, França – 1984, Paris). O termo é publicado pela primeira vez no livro *On the Postcolony* (2001), e posteriormente o autor o retoma como elemento central no seu ensaio

³⁴⁴ *A leitura de Achille Mbembe no Brasil*. Carla Rodrigues e Suely Airesdisse, Revista Cult, 05 de novembro de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-leitura-de-achille-mbembe-no-brasil/> Acesso em 15 de agosto de 2022.

³⁴⁵ “Escritores cujas obras são frequentemente caracterizadas como pós-estruturalistas incluem: Roland Barthes, Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Judith Butler, Jean Baudrillard, Julia Kristeva, Jacques Rancière e Paul Ricoeur, embora muitos teóricos que foram chamados de ‘pós-estruturalistas’ tenham rejeitado o rótulo.” Harrison, Paul (2006). *Poststructuralist Theories*. In: Aitken; Valentine. *Approaches to Human Geography*. London: SAGE Publications. pp. 122–135.

“As fronteiras incertas entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo tornam-se ainda mais obscuras pelo fato de os estudiosos raramente se rotularem como pós-estruturalistas. Alguns estudiosos associados ao estruturalismo, como Roland Barthes e Michel Foucault, também se destacaram no pós-estruturalismo.” Williams, James (2005). *Understanding Poststructuralism*. [S.l.]: Routledge. https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-estruturalismo#cite_note-8

Necropolitics (2003), publicado na revista *Raisons Politiques* e no Brasil como livro em novembro de 2018, com o título *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*.³⁴⁶

Eu não saberia dizer qual dos termos surgiu primeiro, apenas tenho as notas e datas que indicam que comecei a ler o livro de Mbembe em 05 de maio de 2019, e que documentei no meu caderno de notas azul (b.a.), a palavra “colonial” associada com o título de uma série de quatro “cadeiras escolares”, o título da série foi anotado como: *A nova escola neoliberal empresarial **colonial** midiática militar – Formando massas de manobra para a indústria da violência*, na data de 27 de maio de 2019. Nos desenhos dos projetos para as quatro esculturas os apoios de braço para a escrita que ficam à direita das cadeiras foram substituídos por outros elementos. Na primeira cadeira que dei o título de “Nova” escola ou Pátria Doutrinadora o apoio é uma cruz; na segunda cadeira o apoio é uma gadanha (foice) e o título é *O bom estudante*; na terceira o título é *Escola Técnica* e o apoio um grande martelo e na última que chamei neste primeiro esboço de *Escola “cívico-militar” imposta* um cassetete policial (tonfa). A ideia inicial seria de construir e apresentar as quatro cadeiras juntas (como uma instalação talvez), mas em função do tempo exíguo para a produção acabei escolhendo a quarta cadeira para construir, pois nos testes no ateliê com a estrutura da cadeira na escala real, a última me pareceu a mais representativa da violência e controle pretendido e estimulado pelo governo reacionário de J. M. B.

³⁴⁶ “Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. Pode-se resumir nos termos acima o que Michel Foucault entende por biopoder: aquele domínio da vida sobre a morte o qual o poder estabeleceu o controle. Mas sob quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte? Quem é o sujeito dessa lei? O que a implementação de tal direito nos diz sobre a pessoa que é, portanto, condenada à morte e sobre a relação que opõe essa pessoa a seu ou sua assassino/a? Essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo seu objetivo primeiro e absoluto? A guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania com forma de exercer o direito de matar. Se consideramos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem do poder? (...) A fim de responder a essas perguntas, esse ensaio baseia-se no conceito de biopoder e explora sua relação com as noções de soberania (*imperium*) e estado de exceção”. MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: Editora N-1, 2018. P. 5-7.

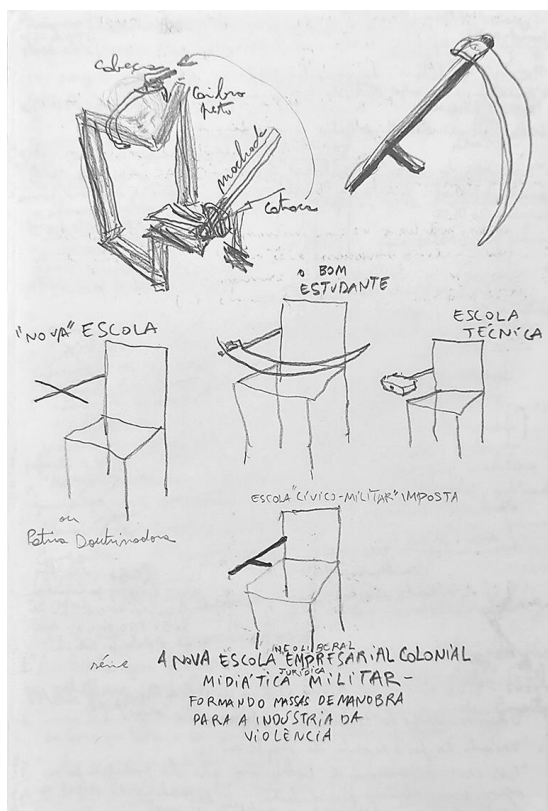


Fig. 142 Página do caderno de notas azul (b.a.)
 Estudo para a série: *A nova escola neoliberal empresarial colonial midiática militar – Formando massas de manobra para a indústria da violência*
 27 de maio de 2019, grafite sobre papel
 No canto superior direito um desenho da futura escultura *Instrumento de Estado Tanatopolítico*.
 No centro, da esquerda para a direita: “Nova” escola ou Pátria Doutrinadora; O bom estudante; Escola Técnica e Escola “cívico-militar” imposta.

Mesmo estando receoso de produzir essa peça e a sua correlata - *Instrumento de Estado Tanatopolítico*, da série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*, uma escultura de parede composta por uma tonfa sintética e uma gadanha de aço, fiz e expus as peças com a total liberdade criativa e apoio dos galeristas Allann Seabra e Ian Duarte, proprietários da Galeria Verve. No início de 2022 encontrei o texto abaixo, que sinto que se relaciona com a tensão dos anos 2017 a 2019 (pré-pandemia de Covid-19), onde entre muitos outros ataques, artistas e professores foram alvos de perseguições e agressões próprios de regimes fascistas, pois os regimes fascistas começam com o discurso de ódio, com foco em um inimigo fabricado com a finalidade de agregar grupos dispersos e distintos, tais como evangélicos, milicianos³⁴⁷, oportunistas (MBL) e neonazistas. Onde professores e artistas foram usados como bodes expiatórios (a exposição “Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” que foi fechada em Porto Alegre³⁴⁸ e a performance “La

³⁴⁷ Se referindo ao continente africano e à Palestina ocupada por Israel, Mbembe informa que “Na maioria dos lugares, o colapso das instituições políticas formais sob a pressão da violência tende a conduzir à formação de economias de milícia.” MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: Editora N-1, 2018. P. 58-59.

³⁴⁸ *Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo - Após protestos nas redes sociais, banco Santander encerra mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual*. Heloísa Mendonça, El País, São Paulo,

Bête, do artista carioca Wagner Schwartz. Uma leitura interpretativa da obra *Bicho*, da renomada artista da Tropicália brasileira Lygia Clark, 1920-1988”³⁴⁹ em 2017), inimigos, pois seriam “doutrinadores comunistas” e de “ideologia de gênero” segundo a extrema-direita, e na lógica desses sujeitos, os educadores seriam merecedores de vigilâncias, intimidações, censuras e violências (Fig. 144 - 152):

Ditadores e tiranos rotineiramente começam seus reinados e sustentam seu poder com a destruição deliberada e calculada da arte: a censura e a queima de livros de prosa não policiada, o assédio e a detenção de pintores, jornalistas, poetas, dramaturgos, romancistas, ensaístas. Este é o primeiro passo de um déspota cujos atos instintivos de malevolência não são simplesmente irracionais ou maus; eles também são perceptivos. Esses déspotas sabem muito

13 de setembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html
Acesso em 15 de agosto de 2022.

³⁴⁹ *Conservadores atacam MAM com tese de que artistas corrompem crianças - Antes aliados de Eduardo Cunha e Geddel Vieira Lima, grupos como o MBL não encontram mais como defender a luta contra a corrupção e passam a atacar obras e manifestações de arte, defende professor da Unicamp.* Redação RBA, rede Brasil Atual, 29 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/09/conservadores-atacam-mam-com-tese-de-que-artistas-corrompem-criancas/> Acesso em 15 de agosto de 2022.

“‘Impressionante como grupos organizados ultraconservadores (MBL etc.) conseguem catalisar os medos mais primitivos e ancestrais da humanidade no momento atual da crise’, afirmou, via redes sociais, o professor de história da Unicamp Aldair Rodrigues. O tema de sua crítica é a mais recente perseguição dos grupos de extrema direita do país a movimentos artísticos. Eles agora acusam o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) de estimular a ‘pedofilia’. (...) O professor da Unicamp lembra que o ataque dos grupos de extrema direita não foi isolado. ‘Tanto no caso do QueerMuseu como agora, na exposição do MAM, difundem a tese de que a esquerda quer corromper as crianças, incentivando e autorizando a pedofilia. Na histeria coletiva que antecedeu o golpe de 1964 e depois, durante a guerra fria, a direita também explorou bastante o medo ancestral de ataque às crianças: ‘comunistas comem criancinhas’’, afirma contextualizando a histórica ação da extrema direita de classificar tudo que considera imoral como ‘criminoso’ e ‘de esquerda’. ‘No contexto atual, o medo primitivo é projetado sobre grupos vulneráveis que conquistaram direitos e visibilidade nos últimos anos, principalmente a população LGBT. Enfim, materializam a ameaça à prole vulnerável e à perpetuação da espécie’, afirma o professor, que possui pós-doutorado na universidade norte-americana de Yale. O curador do museu completa a defesa afirmando que ‘os museus possuem uma função pedagógica (...) de esclarecer’. A nudez apresentada não tinha nenhuma intenção erótica, entretanto, a polêmica ganhou ainda mais espaço entre os ultraconservadores após a publicação de um vídeo, aonde uma mãe interagiu com a apresentação junto de sua filha pequena. ‘A sala estava devidamente sinalizada sobre o teor da apresentação, incluindo a nudez artística, seguindo o procedimento adotado pela instituição’, afirmou em nota o MAM. Em oposição ao QueerMuseu, que teve suas portas fechadas pelo financiador, Banco Santander, após os ataques de ódio, o MAM garantiu a defesa da arte. ‘O MAM reafirma que dedica especial atenção à orientação do público quanto ao teor de suas iniciativas, apontando com clareza, eventuais temas sensíveis em exposição. O Museu lamenta as interpretações açodadas e manifestações de ódio e de intimidação à liberdade de expressão que rapidamente se espalharam pelas redes sociais.” Objetivo político. Rodrigues completa sua análise ao verificar que “nem tudo é irracional e inconsciente coletivo. Acho muita coincidência que essa recente ofensiva da direita e do MBL na sua busca por hegemonia no campo da arte aconteça em meados de 2017, quando o governo Temer vai sendo encurralado por denúncias de corrupção”, disse. O MBL cresceu após sua suposta ‘cruzada contra a corrupção’, que se mostrou específica contra membros de partidos da esquerda. No histórico do grupo, apoio a políticos como o ex-ministro de Temer Geddel Vieira Lima (PMDB-BA) e o ex-presidente da Câmara, deputado federal cassado, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), ambos condenados por corrupção e presos. ‘Devem ter percebido que a pauta da luta contra a corrupção não dava mais coesão para as bases que apoiaram o impeachment de Dilma Rousseff (PT). A luta pela moralização dos costumes pode resolver esse problema. Por outro lado, isso acaba reconfigurando aquelas, unindo cada vez mais, a direita neoliberal e o ultraconservadorismo evangélico’, completou.”

bem que sua estratégia de repressão permitirá que floresçam as verdadeiras ferramentas do poder opressor. O plano deles é simples:

1. Selecione um inimigo útil – um “Outro” – para converter a raiva em conflito, até mesmo em guerra.
2. Limitar ou apagar a imaginação que a arte proporciona, assim como o pensamento crítico de estudiosos e jornalistas.
3. Distraia com brinquedos, sonhos de pilhagem e temas de religião superior ou orgulho nacional desafiador que consagram mágoas e humilhações passadas.³⁵⁰

Ainda sob o efeito da censura da exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* de 2017 no espaço expositivo do prédio do Banco Santander em Porto Alegre, eu construí em 2018 uma cadeira em madeira em escala reduzida, onde a cadeira é tirada de seu prumo cartesiano e colocada em inclinação por um sinal de diferença que a atravessa, sendo que é essa diferença que a tira da posição vertical estática e tradicional, denominei essa pequena escultura de *Diferença Vital* (fig. 143), essa peça foi feita em paralelo com *A Justiça Necessária* (Justiça Social), mas acabou não sendo exposta na exposição *Corpo Articulado*.

³⁵⁰ Sem lugar para autopiedade, sem espaço para medo: Em tempos de pavor, os artistas nunca devem optar por permanecer em silêncio. Por Toni Morrison. *The Nation*, 23 de março de 2015. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/no-place-self-pity-no-room-fear/> Acesso em 24 de janeiro de 2022.



Fig. 143 Diferença Vital
2018
cedrinho, garapeira e
verniz
30 x 35,5 x 23 cm
Fotografia Jerri
Rossato Lima

Quando Mbembe fala de colonialismo e necropolítica, ele fala em especial de seu continente, a África. A minha localização é a América e em especial a América Latina e o Brasil. Por isso trarei alguns pontos referentes à questão da exploração colonial na América Latina e no Brasil contemporâneo.

Assim como acredito que não existe “A Arte”, uma única arte europeia, por exemplo, que seria a medida ideal do que deve ser a Arte, acredito que são muitas as artes.

No campo da cultura, a arte sempre exerceu um papel importante no imaginário social e político, ao estar do lado das estruturas de poder, como o Estado e a igreja, mas também junto aos processos de afirmação cultural, tradição e movimentos de resistência. A arte e a cultura ocupam um lugar importante no cotidiano, nesse sentido tanto as práticas estéticas ritualísticas das culturas tradicionais quanto as práticas artísticas contemporâneas institucionais afirmam o campo da arte como um campo de disputa simbólico associado às práticas políticas. (CAMPBELL, VILLELA, 2021, p. 7)

Campbell e Vilela ao proporem uma reflexão coletiva sobre América Latina, também pensam nesses termos, não no singular, mas na multiplicidade de vozes, existências, vivências e histórias:

A América Latina são muitas. Composta por diversos países, com as mais diferentes culturas, que têm em comum um passado colonial. Configurada por descendentes dos diversos povos originários, das pessoas escravizadas, dos invasores europeus e das migrações do século XX, é um território híbrido que trás as contradições e mazelas de seu processo histórico em sua própria denominação: “América Latina”. Por que adotamos o nome que homenageia um conquistador europeu para este território? Aceitar essa denominação não seria também incorporar a dinâmica colonizadora e negar as populações que estavam aqui antes das invasões? Deveríamos rejeitar os vocábulos “América” e “Latina”, uma vez que ambos derivam da lógica colonizadora europeia? (CAMPBELL, VILELA, 2021, p. 6)

Na linha da introdução do livro *Arte e Política na América Latina* organizado por Brígida Campbell e Bruno Vilela, artistas brasileiros, penso que o Brasil são muitos também, os contextos sociais e culturais são diversos, assim como as artes que acontecem aqui, são muitas artes pensadas, experimentadas e praticadas, mas sob uma sombra colonial, ou sob a colonialidade como propõem Campbell e Vilela.

Aqui, o fim do colonialismo não significou o fim da colonialidade. O colonialismo é a dominação dos territórios e a colonialidade a colonização do imaginário e do saber. Trata-se, portanto, de uma estrutura que permanece através do tempo e impacta na maneira como nos enxergamos e reproduzimos práticas de dominação. (CAMPBELL, VILLELA, 2021, p. 6)

Acredito que neste ponto voltamos ao modo colonialista, ou como alguns autores chamam de novo Neocolonialismo, um “novo imperialismo liberal”³⁵¹.

“Robert Cooper, conselheiro pessoal do primeiro-ministro (Tony Blair) para política externa, lançou no mês de abril um programa que fez muito barulho no Reino Unido. No mundo imaginado por Cooper, a Europa e de maneira geral o Ocidente deveriam “habituarse a usar dois pesos e duas medidas”. Segundo ele, “devemos, entre nós, agir segundo as leis e nos limites de um [sistema] de segurança aberto e cooperativo. Em outros lugares, quando se trata de países situados fora do continente pós-moderno europeu, devemos voltar aos métodos mais duros de uma época anterior: a força, o ataque preventivo, a esperteza, em resumo, tudo o que é necessário para cuidarmos dos que ainda vivem na guerra de todos contra todos do século XIX”. Entre nós, acrescenta ele, “respeitamos a lei. Mas quando agimos na selva, devemos usar a lei da selva”. (...) Paul Johnson, um historiador inglês de direita, acha que os EUA e seus aliados “deverão não apenas ocupar, mas também governar Estados terroristas”.

³⁵¹ O evangelho do neocolonialismo, por Philip S. Golub, 1 de setembro de 2002, Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-evangelho-do-neocolonialismo/> Acesso em 2 de dezembro de 2021.

A selva situa-se evidentemente na África, na América Latina e na Ásia, onde “o caos é a norma e a guerra uma maneira de ser (*way of life*)”. Então, “ainda que as palavras império e imperialismo se tenham tornado termos de opróbrio na Europa, as oportunidades, senão a necessidade da colonização, são tão grandes quanto eram no século XIX”. Em síntese, segundo Cooper, o que precisamos hoje “é uma nova forma de imperialismo, aceitável do ponto de vista dos direitos humanos e dos valores cosmopolitas [...]. Um imperialismo que tem por meta, como todo imperialismo, instaurar a ordem e a organização [...]. Como Roma, [o Ocidente] transmitirá aos cidadãos do império algumas de suas leis, lhes fornecerá um pouco de dinheiro e construirá algumas estradas”.³⁵²

E ainda:

Num artigo publicado no New York Times Sunday Magazine, em 1993, Johnson considerava que “alguns Estados não são capazes de se governar a si mesmos [...]. Essa é uma missão para o mundo civilizado que deve ir governar essas regiões desesperadas”. E acrescentava que o Ocidente “terá a satisfação de receber a gratidão de milhões de pessoas que, graças a este renascimento altruísta do colonialismo, encontrarão a única porta de saída possível para sua miséria”. (...) Hoje, os Estados Unidos e seus aliados se encontrarão, talvez, na situação de que deverão não apenas ocupar, mas também governar Estados terroristas”. De modo claro: “Os países que não podem viver em paz [...] não devem esperar uma independência total.”³⁵³

Não podem viver em paz, pois as metrópoles imperialistas não permitem. E evidentemente que quem atribui a definição de “Estados Terroristas” são os próprios EUA e eventualmente os seus aliados subalternos. E a narrativa que eles propagandeiam é de que o imperialismo e o colonialismo acabaram e eles estão apenas levando a “liberdade” e a “democracia” onde apenas prevalece o “terror”. Terror que na verdade é apadrinhado - quando lhes convém - e praticado pelo ocidente. Segundo o professor de história e membro do conselho editorial da *New Left Review*, Perry Anderson (Londres, 1938) no seu prefácio de 2014, *o sistema imperial norte-americano (...) se espalha por todo mundo nos dias de hoje (...) a dinâmica da estratégia e diplomacia norte-americana (...) vai da guerra contra o México à guerra contra o Terror*.³⁵⁴ E segue complementando sobre *as três frentes de expansão dos EUA*, ou seja, *a cobertura do exercício do poder imperial dos EUA tende a se concentrar ou naquele que um dia foi o Terceiro Mundo de antigas terras coloniais ou em sua batalha com o que outrora foi o Segundo Mundo dos Estados Comunistas*.³⁵⁵

Os estados imperialistas, os “detentores as razão” (neoliberal), são justamente os promotores de instabilidades através de espionagens, aliciamentos, treinamentos e infiltrações de agentes estrangeiros e locais – o caso do juiz Sergio Moro é patente dessa prática de *lawfaire* (com o

³⁵² Idem.

³⁵³ Ler Paul Johnson, “The New Colonialism”, New York Times Sunday Magazine, 18 de abril de 1993.

³⁵⁴ ANDERSON, Perry. *A Política Externa Norte-Americana e Seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015. P. 7.

³⁵⁵ Idem.

fundamental apoio da imprensa local e dos agentes do poder econômico local sob orientações dos chamados *think tanks* ultraliberais³⁵⁶ – não é à toa que os EUA possuem o maior número dessas organizações no mundo, em dez de 2021, 1835³⁵⁷) disseminada pelos países não ocidentais e do sul global.

Domenico Losurdo³⁵⁸ (1941, Sannicandro-2018, Ancona) historiador, ensaísta e filósofo marxista italiano, em um texto sobre a *Doutrina Bush e o Imperialismo Planetário*³⁵⁹ demonstra os elementos desse desejo insaciável por controle total do mundo:

Embora se desenvolva na mesma área geográfica e tenha como alvo o mesmo país, a agressão contra o Iraque que os Estados Unidos se preparam para desencadear tem um significado sensivelmente distinto e decisivamente mais inquietante do que a promovida na Guerra do Golfo, de 1991. Nesse meio tempo, a doutrina Bush interveio com a teoria da guerra preventiva, evocada para enfrentar “as ameaças emergentes antes que elas atinjam sua plena forma”. Quer se trate de “uma ameaça específica aos Estados Unidos” ou “aos seus aliados e amigos”, quer se trate de uma ameaça à segurança ou apenas aos seus “interesses” – todas elas, sem a menor distinção, devem ser liquidadas. Àqueles que ainda não entenderam a administração estadunidense esclarece estar pronta para “agir todas as vezes que nossos interesses sejam ameaçados”. Mas tudo isso não basta. É preciso acabar com “terroristas tiranos” e com os países que “rejeitam os valores humanos básicos e odeiam os Estados Unidos e tudo o que representam”. Se tivermos em mente que, ao definirmos as “ameaças”, os “interesses”, os “terroristas”, os “tiranos”, “os valores humanos básicos” e até mesmo o sentimento de “ódio”, é sempre e tão somente a superpotência estadunidense que explicitamente se recusa a ter as mãos atadas por uma organização internacional, uma conclusão se impõe: não há país, qualquer que seja o seu regime político e social, nem há área geográfica, por mais distante dos Estados Unidos que seja, que possa considerar-se a salvo da reivindicação de jurisdição universal que Washington atribui a si mesma. Estamos diante de um intervencionismo planetário que, me nome da prevenção, está pronto para incendiar o planeta. (LOSURDO, 2020, p. 85-86)

E da *Nova Ordem Internacional ao Imperialismo* o historiador complementa:

³⁵⁶ C.f. “O Novo Caminho da Servidão: neoliberalismo como projeto de poder” por André Roncaglia de Carvalho professor de Economia na UNIFESP e organizador, juntamente com Nelson Barbosa, do livro *Bidenomics nos trópicos* (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B7v-IdWAq4> Acesso em 28 de janeiro de 2022.

³⁵⁷ Fonte: <https://fundacaofhc.org.br/noticias/global-go-to-think-tanks>

³⁵⁸ Domenico Losurdo nasceu em Sannicandro de Bari, no Sul da Itália, em 1941. Em 1963, doutorou-se com uma tese sobre Karl Rosenkranz e se tornou professor de História da Filosofia na Universidade de Urbino. Intelectual e militante comunista, voltou-se para o estudo de filósofos alemães como Kant, Hegel, Nietzsche e Heidegger. Após o fim da União Soviética, no início dos anos 1990, dedicou-se a quatro eixos centrais de pesquisa com análises eruditas e afiadas: a crítica do liberalismo, o balanço das experiências socialistas, a crítica do imperialismo e do colonialismo, e a crítica do marxismo ocidental. Faleceu em 28 de junho de 2018, deixando uma obra que marcou profundamente o marxismo do século XXI.

³⁵⁹ LOSURDO, Domenico. *Colonialismo e Luta Anti-Colonial: Desafios da Revolução no Século XXI*. Jones Manoel (org.). São Paulo: Boitempo, 2020. P. 85-94.

Dez anos atrás, Bush pai desencadeava a guerra contra o Iraque em nome da Nova Ordem Internacional: para construí-la foram convocados o Ocidente de conjunto, o Japão e até mesmo a ofegante União Soviética de Gorbatchov; ao menos em teoria, a protagonista dessa nova ordem seria a “comunidade internacional”, o mundo “civilizado” enquanto tal. Muito distinto é o clima ideológico dos dias atuais. A doutrina Bush Jr. reivindica aos Estados Unidos, e somente a esse país, uma “grande missão”. Não por acaso de trata do presidente que, à época, levou adiante uma campanha eleitoral na qual brandia um mandamento sobre o qual não pode haver nenhuma dúvida: “Nossa nação foi eleita por Deus e tem o dever histórico de ser um modelo para o mundo”. É fato que se trata de um velho mote da ideologia estadunidense. Mas agora, ele não só se torna obsessivo como pretende ser o princípio-guia para a transformação e regeneração de todo o planeta, e, portanto, para sua submissão à vontade soberana de Washington. Diante de um país inspirado e consagrado pela “divina providência”, não somente “terroristas e tiranos” mas também os tradicionais aliados “democráticos” se revelam em toda sua profana vulgaridade de irrelevância.” (LOSURDO, 2020, p. 87-88)

Essa megalomania totalitária estadunidense tem origem em sua fundação escravagista e desde então os EUA fazem de tudo para colonizar o planeta, e sobre isso Losurdo prossegue sobre as intervenções feitas em busca de petróleo e dominação total e aponta as diferenças entre o *colonialismo clássico* e o atual:

Podemos agora compreender melhor os objetivos visados pelas guerras do Golfo e pela liquidação que, com pretexto da luta contra o terrorismo, os Estados Unidos realizaram na Ásia central. Não basta nos referirmos ao petróleo enquanto objetivo constante desse frenético ativismo diplomático-militar. O colonialismo também visa a espoliar das matérias-primas e dos recursos os países que ele domina. Mais importante é outra consideração: a superpotência estadunidense no Oriente Médio, bem como na Ásia central, pretende submeter ao seu controle total e exclusivo as fontes energéticas de que dependem os países que poderiam ser um empecilho à sua hegemonia e que hoje já lhe fazem sombra. Se o colonialismo clássico visava, em primeiro lugar, à pilhagem, a busca pela hegemonia é a mola propulsora decisiva para o imperialismo propriamente dito. Um olhar para a história dos Estados Unidos pode esclarecer melhor essa diferença. Entre os séculos XVII e XIX, a conquista do Velho Oeste, com a progressiva expropriação, deportação e dizimação dos peles-vermelhas, é uma capítulo da história do colonialismo: trata-se de se apropriar da terra e das riquezas do subsolo. Com a ocupação das Filipinas, no início do século XX, o objetivo tradicional de espoliar dos recursos se entrelaça outro ainda mais ambicioso. Agora, a partir do porto avançado constituído pelo novo território submisso, o olhar se volta para o Japão: já começou a corrida imperialista pela hegemonia do Pacífico, que mais tarde desemboca numa sanguinária prova de força militar entre 1941 e 1945. Quando concluída, os Estados Unidos instalaram no país derrotado bases militares, cujo objetivo é, em primeiro lugar, a contenção e o cerco da União Soviética. Depois do fim da Guerra Fria e da vitória de tipo napoleônica (como diria Lênin), que os consagra como superpotência única e sem rivais, os Estados Unidos cada vez mais claramente se empenham em realizar um império planetário. É nesse quadro que se instala um expansionismo desenfreado em direção às áreas mais ricas e promissoras em termos de reservas de petróleo e gás natural. Além do impulso à economia estadunidense – graças ao abastecimento energético de baixo custo, aos novos mercados que se abrem e ao *boom* da indústria militar -, está em jogo uma aposta ainda mais importante: trata-se de redimensionar drasticamente o peso geoeconômico e estratégico da Rússia e de agravar a vulnerabilidade energética e econômica não somente da China – contra a qual a doutrina Bush lança pesadas advertências – mas também dos países “aliados” na Ásia e na Europa.” (LOSURDO, 2020, p. 89-90)

Aqui temos mais um motivo para o golpe de 2016 no Brasil, além do controle do pré-sal passar para petroleiras e acionistas estadunidenses, o que permite que os EUA sigam tendo *abastecimento energético de baixo custo*, à custa dos dividendos do pré-sal que iriam para a saúde e educação do Brasil conforme proposto pelo governo Dilma Rousseff; os EUA tiram a autonomia e soberania do Brasil (país aliado à China e à Rússia via BRICs) de diversas maneiras. E tendo como vassalos locais uma direita (FHC, Aécio, Temer, Serra, Moro, Dallagnol³⁶⁰, etc.) e extrema direita (família B., setores do agronegócio, setores militares, etc.) submissa e ávida pelas migalhas oferecidas pelo império. Com isso ocorre a precarização da saúde e da educação pública, os combustíveis e a energia elétrica encarecem – pois as empresas são vendidas à preço muito abaixo de seu real valor (isso sem levar em conta o incomensurável valor estratégico para a Nação), para quando nas mãos do setor privado receber aluguéis e contratos pagos com dinheiro público. Também acabaram com a indústria da construção civil (que começava a concorrer com as empresas norte americanas) e naval (estaleiros foram desativados e retardam o projeto do submarino nuclear brasileiro³⁶¹) e com a indústria de ponta

³⁶⁰ “EUA estão com a faca e o queijo na mão” – Lava Jato fez de tudo para ajudar a justiça americana – inclusive driblar o governo brasileiro. Andrew Fishman, Natalia Viana, Maryam Saleh, The Intercept Brasil em colaboração com Pública, 12 de março de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/12/lava-jato-driblou-governo-ajudar-americanos-doj/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“Dallagnol e seus colegas atropelaram as regras que disciplinam a atuação de procuradores da República. Além do governo federal, o próprio Aras parecia receoso quanto à atitude do colega de Curitiba: “Delta, como já conversamos, essa investigação dos americanos realmente me preocupa. Fiquei tranquilo quando vc garantiu que esse grupo de americanos não fez investigações em Curitiba quando esteve aí”, ele escreveu em um bate-papo privado. ‘O MPF e a SCI não podem permitir isso’, Aras insistiu. Mas os americanos pareciam ter uma outra perspectiva sobre a visita. Os pedidos de visto de pelo menos dois dos promotores do Departamento de Justiça dos EUA informam que eles planejavam ir a Curitiba ‘para reuniões com autoridades brasileiras a respeito da investigação sobre a Petrobras’, e que ‘o objetivo das reuniões é levantar evidências adicionais sobre o caso e conversar com advogados sobre a cooperação de seus clientes com a investigação em curso nos EUA’. Esses documentos são do Ministério das Relações Exteriores brasileiro e foram obtidos recentemente pelo Intercept – não fazem parte do arquivo da Vaza Jato.”

³⁶¹ AIEA não pode interferir no projeto de submarino nuclear brasileiro, dizem especialistas. Solon Neto, Jornal do Brasil com Sputnik Brasil, 16 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/2022/06/1038074-aiea-nao-pode-interferir-no-projeto-de-submarino-nuclear-brasileiro-dizem-especialistas.html> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“O Brasil abriu diálogo com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) sobre o início da produção de combustível para o projeto de seu submarino de propulsão nuclear. Desde 2008 o Brasil desenvolve seu primeiro submarino nuclear, em parceria estratégica com a França. O projeto é parte do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (Prosub), que prevê ainda a fabricação de quatro submarinos convencionais. (...) o desenvolvimento do Submarino Convencional de Propulsão Nuclear (SCPN) Álvaro Alberto pode aumentar o poder de dissuasão brasileiro no Atlântico e colocar o Brasil em um grupo seleto. Dos membros do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), ratificado pelo Estado brasileiro, apenas Rússia, China, Estados Unidos, Reino Unido e França operam submarinos do tipo. Entre os países fora do TNP, a Índia é o único com submarinos nucleares. Dessa forma, o Brasil pode ser o primeiro país sem bombas atômicas a desenvolver esse tipo de embarcação. Isso se não for ultrapassado pela Austrália, que entrou na corrida recentemente após acordo de parceria com os Estados Unidos e o Reino Unido no âmbito do pacto trilateral AUKUS, em meio à crescente rivalidade entre Pequim e Washington. Além de dominar a tecnologia de enriquecimento, o Brasil tem uma das maiores reservas de urânio do mundo. O minério é a principal matéria-prima para fazer combustível nuclear, atualmente usado nas usinas nucleares

(Embraer+ITA), com a empresa estatal de micro processadores, a Ceitec³⁶² era a única fábrica de *chips* e semicondutores da América Latina – a produção de micro *chips* é central para a soberania de um país. Os EUA querem o Brasil subdesenvolvido (população sem acesso à educação pública de qualidade e precarizada pelas políticas econômicas neoliberais) e submisso (sem universidades públicas fortes em pesquisa, sem parque industrial e tecnológico). Querem um Brasil como fazenda de monocultura de *commodities* para atender a demanda dos países centrais. O Brasil como depósito de mão de obra barata a ser explorada. Um país fragilizado, idiotizado (pela indústria do entretenimento estadunidense), devedor é mais fácil de ser espoliado. Os EUA não crescem por seus méritos, crescem a custas da exploração e destruição do mundo.

Para que os ciclos de exploração continuem é essencial que os EUA e seus associados não sejam identificados pelo que eles são, imperialistas, colonialistas. E segundo Losurdo, até parte da própria esquerda acaba caindo nessa armadilha: *Ao reterem seu olhar irônico sobre a categoria de “imperialismo”, os setores mais provincianos da esquerda, aqueles tomados pelo desejo de parecerem modernos e atualizados, acabam, na realidade, por reproduzir acriticamente os lugares-comuns da ideologia do imperialismo* (LOSURDO, 2020, p. 90). E continua dizendo que *a história dessa ideologia é acompanhada pela sombra do mito que celebra a unidade profunda das grandes potências “civis”* enquanto “polícia internacional” convocada a manter a ordem no mundo (LOSURDO, 2022, p. 90). E

brasileiras. (...) ‘Hoje o Brasil domina praticamente todas as tecnologias envolvidas no ciclo dos combustíveis. A mineração do urânio é a primeira etapa do processo, e existem interesses comercial e militar na mineração do urânio e na fabricação do combustível nuclear com a retomada de políticas de incentivo à energia nuclear no país. A Indústria Nucleares do Brasil [INB] responde pela exploração do urânio desde a mineração até a montagem dos elementos combustíveis’ (...) Uma fonte familiarizada com o tema afirmou que o projeto está atrasado devido à falta de recursos. Segundo a fonte ouvida, a ideia de conclusão do submarino até o fim da década é razoável, apesar de depender de futuros investimentos.”

³⁶² “Governo busca fábrica privada para substituir estatal de chips após liquidação - Ministro procura empresa para Brasil não depender de importações; estatal Ceitec era a única fábrica de chips e semicondutores da América Latina. Giovanni Santa Rosa, Tecnoblog, 27 de março de 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2022/05/27/governo-busca-fabrica-privada-para-substituir-estatal-de-chips-apos-liquidacao/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“O ministro das Comunicações, Fábio Faria, revelou que o governo está em busca de empresas de chips e semicondutores, para que o País não dependa de importações. A preocupação parece ser compartilhada por outros membros do alto escalão. Paulo Alvim, ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações, admitiu que desmobilizar essa indústria foi um erro. No ano passado, a Ceitec foi extinta — ela era a única fábrica do ramo na América Latina. (...) O Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada, mais conhecido como Ceitec, entrou em processo de privatização em outubro de 2019, com sua inclusão no PPI. (...) Ministro da Ciência diz que Brasil cometeu erro. Na quarta-feira (25), durante uma audiência pública na Câmara dos Deputados, o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações, Paulo Alvim, considerou que desmobilizar a indústria foi um erro cometido por vários países, incluindo o Brasil. Alvim disse que a Softex dará continuidade à política pública para semicondutores. A Softex é a Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro. Ela é ligada ao MCTI e deverá receber o espólio da Ceitec, como patentes de invenção, registros de circuitos integrados e projetos de pesquisa e desenvolvimento, entre outros itens. O antecessor de Alvim na pasta também avaliou que a liquidação da Ceitec não foi a melhor decisão. Em março, o então ministro Marcos Pontes disse que não teria feito essa opção, mas o Ministério da Economia tomou este caminho e incluiu a empresa no Programa de Parcerias de Investimentos (PPI).

por fim afirma que os intelectuais de esquerda são os mais críticos ao uso do termo imperialismo e com isso:

Na realidade, posicionando-se dessa forma, eles difundem uma perigosa ilusão de que a guerra infinita, teorizada por Washington, tivesse como alvo sempre e tão somente países pequenos: Iugoslávia, Iraque e, amanhã, Irã, Síria, Líbia, ou, no hemisfério ocidental, Cuba, Venezuela e outros países. Mas a doutrina Bush é de uma clareza inequívoca: “Resistiremos firmemente a qualquer agressão proveniente de outras grandes potências”. E ainda: “as nossas Forças Armadas terão força suficiente para dissuadir potenciais adversários que persigam uma política de rearmamento na esperança de superar, ou mesmo de alcançar apenas, o poderio dos Estados Unidos”. Como se vê, os alvos não são apenas os pequenos “Estados-canalhas”... Que nenhuma grande potência ouse, nem diria “agredir”, mas sequer seguir os Estados Unidos em sua frenética corrida armamentista, obstaculizando a aspiração do inquilino da Casa Branca de se afirmar como soberano único e incontestável do planeta inteiro! (p. 91)

(...) o intervencionismo planetário de Washington considera superados os limites estatais e nacionais. Existem direitos humanos que valem para “todas as pessoas, em todas as civilizações”; portanto, “os Estados Unidos aproveitarão a oportunidade desse momento para estender os benefícios da liberdade a todo o planeta”. (...) o que deve ser entendido por “liberdade” é decidido pelo soberano planetário sentado na Casa Branca. Dever ser condenado como infectado pelo “totalitarismo” todo governo que questione o “livre mercado”, a “liberdade econômica”, os “mercados abertos”, o “respeito à propriedade privada”, e que recorra, em vez de às “saúdes políticas fiscais de apoio ao empreendedorismo” e aos investimentos, à “mão pesada do governo”. Em última análise, toda tentativa de construir ou manter de pé o Estado social deve ser descartada enquanto um ataque à liberdade. Sendo assim, o pretensão universalismo estadunidense se revela como um ataque de dimensões planetárias aos direitos econômicos e sociais que são inclusive sancionados pela ONU. No que se refere aos outros direitos do homem, é importante não perder de vista a condição dos detidos em Guantánamo ou a execução, sem julgamento e do alto dos aviões da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), daqueles suspeitos de terem vínculos com o terrorismo... (LOSURDO, 2020, p. 92)

Terrorismo definido vagamente³⁶³ para justificar o necropoder, a necropolítica imperialista.

Partindo das contribuições críticas do historiador europeu que se posiciona contra a política de dominação dos EUA, trarei a seguir algumas considerações de autores locais (sul americanos) sobre a América e a questões coloniais através de Julio Cabrera e Tiago Muniz Cavalcanti.

Quando o assunto colonialismo é tratado não se pode deixar de levar em consideração a América Latina, pois o Brasil faz parte dela, mesmo estando “de costas para ela”³⁶⁴. Trago o professor Julio

³⁶³ Terrorismo - “A guerra em andamento é contra o terrorismo. Mas o que se deve entender com tal termo? Não há nenhum esforço para esclarecê-lo. Quanto mais vaga a acusação, tanto mais fácil para sua validade se impor de modo unilateral e tanto mais inapelável se torna a sentença pronunciada pelo mais forte”. (p. 15). O termo terrorismo “deve ser banido” quando “sua inconveniência parece clara quando se trata de definir os assassinatos ou tentativas pelos serviços secretos estadunidenses.” LOSURDO, Domenico. *A Linguagem do Império: Léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo, 2010. P. 16.

³⁶⁴ “De Costas para a América Latina”: vizinhos, mas nem tanto - Produção audiovisual questiona a ausência de cobertura jornalística sobre os países latinos e traz uma reflexão sobre a constituição histórica do território ao sul do continente,

Cabrera³⁶⁵, doutor em filosofia pela Universidade Nacional de Córdoba, Argentina; e seu texto *Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia)*, de 2021.

O termo “América Latina” não aparece no título do livro de Salazar Bondy, mas é claro que nossa “América” se refere à “América Latina”. Esse termo é particularmente incômodo, pois, por um lado, se refere ao nome de um colonizador (Américo Vespúcio) e, por outro, a uma denominação do século XIX para distinguir ideologicamente as duas “Américas” a partir de interesses diversos de potências estrangeiras e de elites locais. O nome “América” recapitula, assim, a história da invasão e a denominação “América Latina” alude a uma distribuição ideológica de territórios políticos, deixando de fora, por exemplo, todo o saber indígena e negro, que não é “latino”. Eu gostaria muito de não ter que usar o termo “América Latina”, mas é a denominação comum, de modo que podemos usá-lo como um rótulo, mas sempre de forma crítica e, entre aspas, com muita cautela.³⁶⁶

(...) os países ditos “latino-americanos”: todos eles foram invadidos por um país da Península Ibérica durante os séculos XV e XVI; seus povos indígenas foram escravizados ou exterminados e suas culturas anuladas (em muitos desses países os negros foram trazidos da África para trabalhar como escravos); a cultura europeia foi imposta como oficial e obrigatória: primeiro uma imposição da escolástica, seguida do cartesianismo racionalista, depois do romantismo, do positivismo, do anti-positivismo, do marxismo e, finalmente, da filosofia acadêmica corrente como uma exposição da filosofia europeia; quase todos eles se tornaram formalmente independentes nas primeiras décadas do século XIX, e passaram a sofrer dependência econômica e cultural oriundas das novas potências mundiais (Inglaterra, França e, posteriormente, Estados Unidos), além disso, foram e são tratados até hoje como subordinados. Tudo isso configura o que chamo de “unidade negativa” entre os países “latino-

marcada por um passado de desigualdades, exploração e injustiças. Jornalistas Livres, 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/de-costas-para-a-america-latina-vizinhos-mas-nem-tanto/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“A América do Sul está de costas para o Brasil” - É no que acredita o colunista Pedro Dallari, diante da ação pífia do Brasil diante da pandemia de covid-19. Marcello Rollemberg, Rádio USP, 17 de março de 2021. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/radio-usp/a-america-do-sul-esta-de-costas-para-o-brasil/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“As relações do Brasil com seus vizinhos sul-americanos nunca foram exatamente harmoniosas. Por muito tempo, foi dito que o País estava de costas para a América do Sul. Com a pandemia do novo coronavírus, essa situação ganhou novos contornos. É o que afirma o professor Pedro Dallari em sua coluna desta semana. ‘Ao se falar das relações internacionais do Brasil, é comum se ouvir dizer que o ‘Brasil está de costas para a América Latina’. Trata-se de uma realidade decorrente da experiência histórica da região, mas mais especificamente das estratégias de desenvolvimento adotadas ao longo dos tempos pelo Brasil, que sempre estiveram atreladas à priorização nas relações com os Estados Unidos e com a Europa e, mais recentemente, com a China, em prejuízo às relações com os vizinhos latino-americanos’, comenta o colunista. ‘Esta perspectiva sempre foi lamentada pelos países da região, principalmente os da América do Sul, justamente porque a falta de maior articulação por parte do Brasil, no exercício de uma liderança efetiva, faz com que a América do Sul tenha um peso relativamente pequeno na ordem política internacional. E a pouca efetividade do Mercosul, nesse caso, é evidente’, afirma Dallari.”

³⁶⁵ Professor das Universidades de Córdoba, Belgrano (Buenos Aires), Santa Maria (RS) e Brasília. Autor de cerca de 20 livros, alguns dos quais: *Crítica da Moral Afirmativa* (Barcelona, 1996, 2014 (2ª edição)), *Margens das filosofias da linguagem* (Brasília, 2003; 2009 (2ª edição)), *Cinema: 100 anos de Filosofia* (Barcelona, 1999; 2015 (2ª edição)), *Diário de um filósofo no Brasil* (2010; 2013 (2ª edição)), *Mal-estar e Moralidade* (2018), *Discomfort and Moral Impediment* (Inglaterra, 2019), e de artigos publicados no Brasil, Argentina, Venezuela, Colômbia, México, Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. Conferencista da UNAM (México), Collège de France, Universidade Livre de Berlim e em todas as principais universidades brasileiras.

³⁶⁶ CABRERA, Julio. *Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”)*. In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. Pág.12.

americanos”, unidos por um mesmo processo de exclusão, independentemente de suas numerosas diferenças positivas (étnicas, políticas, religiosas etc.).³⁶⁷

Um pensador “latino-americano” que pretenda pensar a partir de sua situação de dependência e possível emancipação, é inevitavelmente um pensador insurgente. (...) “Insurgência” não deve ser entendida, portanto, como um mero ato de “rebelião” ou “resistência”, mas sim um registro ontológico. (...) A existência do pensamento desde “América” é uma luta pela existência, pelo puro e simples direito de vir a ser. Insurgir-se é a maneira particular de um pensamento aparecer diante daquilo que não lhe deixa espaço para simplesmente surgir.³⁶⁸

O pensamento europeu não seria abandonado, porque faz parte de nossa circunstância pensante; mas não deveríamos usá-lo como guia ou modelo, como se faz atualmente, mas apenas como elemento cultural a ser localizado dentro de um projeto de emancipação cultural.³⁶⁹

A colocação de Cabrera sobre insurgência, sobre um rebelar-se contra algo, me fez lembrar que no início da pesquisa, esse algo (alvo) estava voltado para um conjunto de fatores e atores locais que destruíam e sabotavam do país. Mas a pesquisa me permitiu ampliar os horizontes, me permitiu pensar mais longe ao retirar alguns véus colocados pela grande mídia durante a maior parte da minha existência. A pesquisa me permitiu adentrar em conhecimentos sobre o capitalismo, neo e ultraliberalismo, imperialismo e colonialismo que eu mal percebia. Inicialmente, na pesquisa, eu pensava em dar mais ênfase sobre o capitalismo, que é um tema extremamente complexo (digo isso pelo pouco que li e ouvi de especialistas), complexo como os demais temas citados, mas esse em especial. No entanto, considerando a especificidade do assunto deste último capítulo, trarei brevemente algumas considerações específicas sobre o colonialismo antes de comentar os trabalhos de arte. Também optei por não avançar para os estudos sobre descolonialidade (ou decolonialidade?³⁷⁰) nesse texto, penso que será eventualmente um tema de estudos futuros. Ou seja, ainda sinto necessidade de entender as causas, os causadores e perpetuadores do colonialismo, para depois buscar formas de *insurgências* artísticas e práticas cotidianas e em especial na linguagem e ações educativas como docente. Talvez eu esteja enganado, mas ainda não sei pois me faltam subsídios teóricos.

³⁶⁷ CABRERA, Julio. Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. Pág.13.

³⁶⁸ CABRERA, Julio. Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. Pág.15-16.

³⁶⁹ CABRERA, Julio. Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. Pág. 19.

³⁷⁰ BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In. Revista Brasileira de Ciência Política. (11), Ago 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004> Acesso em 20 de agosto de 2022.

Segundo a pesquisadora brasileira Luciana Maria de Aragão Ballestrin não é possível pensar o colonialismo sem o imperialismo:

Os termos “colonialismo” e “imperialismo” foram cunhados na transição do século XIX para o XX e tornaram-se indispensáveis para o entendimento das diferentes dinâmicas de expansão do capitalismo moderno no interior do sistema interestatal. Ao longo do século XX, uma vasta literatura sobre imperialismo foi desenvolvida por diferentes correntes, destacadamente no domínio do marxismo. Desde aí, as palavras império e imperialismo foram negativadas tanto pela crítica teórica marxista, quanto pela luta concreta de movimentos sociais e políticos, vinculando-as às formas de exploração, dominação e violência econômica internacional. (...)

Apesar da antiguidade das manifestações imperiais e coloniais ao longo da história do mundo, a hegemonia da força explicativa pelo marxismo do fenômeno imperial provém em parte da sua associação diferencial, constitutiva e vinculante com o desenvolvimento do sistema capitalista na modernidade. Seu início, metaforicamente sugerido no ano de 1492 por Dussel (1993), constituiu pela primeira vez um sistema econômico globalmente interconectado, o sistema mundo moderno/colonial (Quijano e Wallerstein, 1992). As interpretações sobre a escalada imperial europeia de 1870 até as duas grandes guerras mundiais marcaram o debate clássico sobre imperialismo da primeira metade do século XX². Neste contexto, marxistas, sociais-democratas e liberais ofereceram diferentes interpretações sobre suas causas e dinâmicas de funcionamento. O imperialismo como produto do capitalismo e o colonialismo como produto do imperialismo foram elaborados em diferentes direções; tratava-se não somente de definir o conceito de imperialismo, mas também de dispor teoricamente sobre sua vinculação como crise, sobrevivência e estágio do capitalismo. A noção de “imperialismo capitalista” marcaria a especificidade do imperialismo no capitalismo (Lenin, 2012; Wood, 2014), ainda que todas as fases do capitalismo possam ser consideradas como imperialistas (Mascaro, 2013). (...)

No século XIX, o período pós-colonial da América Latina, diversos ensaístas e autores latino-americanos já puderam observar as pretensões imperiais dos Estados Unidos em relação ao sul continental – Francisco Bilbao, José Martí, José Enrique Rodó, para lembrar apenas alguns. A hegemonia econômica e militar estadunidense, porém, foi construída e projetada mundialmente ao longo de todo o século XX, simbolizada na construção das Nações Unidas em 1948 e na queda do Muro de Berlim em 1989. O movimento de descolonização de 1960 é simbolicamente importante para o entendimento da transição dos imperialismos ocidentais: o continente “Europa” cedeu lugar para o “país” Estados Unidos. Em ambos os casos, a região que em 1856 foi batizada como “América Latina” pelo jornalista colombiano José María Torres Caicedo³ foi duplamente o primeiro grande laboratório da experiência colonial e imperial moderna: do colonialismo europeu do século XVI e do imperialismo estadunidense do século XX. A transformação da condição pós-colonial para a condição imperial na trajetória dos Estados Unidos criou uma fratura geopolítica no continente americano e uma especificidade nos ciclos coloniais, anticoloniais, pós-coloniais e imperiais no interior das Américas. Atualmente, a expressão Sul Global, na qual a América Latina está inserida, representa em grande parte a categoria “Terceiro Mundo” criada nos meados dos anos 1950. Chama-se atenção para o fato de que, naquele contexto, o continente atravessava um processo muito diverso dos países que naquele momento e posteriormente protagonizaram os movimentos de libertação, revolução e independência na África, Ásia, Pacífico e Caribe. Entre os anos 1950 e 1970, foi significativa a produção teórica latino-americana sobre desenvolvimento, dependência e libertação de um lado, e sobre colonialismo, racismo e negritude de outro. Neste período, as diferentes dinâmicas alimentadas pela Guerra Fria colocavam às condições coloniais e imperiais seus termos ideológicos. No mundo das (ex)colônias, o terceiro-mundismo, o grupo dos não alinhados e o movimento de descolonização; no mundo dos impérios não mais europeus, a bipolaridade entre capitalismo e comunismo. Os imperialismos estadunidense e russo insuflaram dinâmicas internas bem diferentes na Ásia, África e América Latina. No caso da América Latina, fora amplamente documentado o apoio estadunidense às ditaduras civis-

militares de segurança nacional, ainda que suas causas não possam ser resumidas e explicadas unicamente por ele.³⁷¹

Colonialismo, imperialismo e capitalismo estão imbricados (estão *ligados de maneira estrita; interligados uns nos outros*) e possuem em comum o objetivo da máxima espoliação (terras, águas, animais - humanos e não humanos - e minerais são monopolizados e/ou destruídos com vistas ao máximo lucro, custe o que custar - *a riqueza das nações capitalistas industrializadas foi construída sobre pirataria, saque e roubo*) dos subjugados, dos subalternos dos *sub-humanos*. Segundo Galeano em 1888 foi abolida a escravidão no Brasil. Mas não foi abolido o latifúndio (até hoje) e no mesmo ano escrevia uma testemunha do Ceará: “O mercado de gado humano esteve aberto enquanto durou a fome, pois compradores nunca faltaram (...)”³⁷² (GALENO, 2020, p. 127).

O procurador do Ministério Público do Trabalho, doutor em direito Tiago Muniz Cavalcanti³⁷³, no seu livro de 2021, *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão* diz que a escravidão nunca deixou de existir, *ela foi adaptada ao capitalismo, é inerente ao sistema*, pois segundo o autor *não existe capitalismo sem que haja exploração abusiva da força de trabalho*:

A história da humanidade é a história da exploração do homem pelo homem. Escravidão, servidão e outras variadas formas de trabalho compulsório e de maus-tratos ao ser humano (**e incluo aqui aos animais não humanos**) sempre estiveram presentes em sociedades antigas e pré-modernas: o passado remoto revela claramente o desprezo de nossos ancestrais pelo trabalho e a onipresença da opressão, da tirania e da violência em permanente metamorfose. O advento da modernidade capitalista não foi capaz de alterar esse enredo. O declínio da sociedade feudal e o alvorecer do capitalismo não significaram a consagração da humanidade e da liberdade a todos os seres humanos (**e muito menos aos animais não humanos**). Representaram, na verdade, a perpetuação de suas ausências, agora remodeladas e ajustadas aos anseios do capital”³⁷⁴.

Tiago Muniz Cavalcanti no mesmo livro - subcapítulo 3. I. “Colonialismo, neocolonialismo e eurocentrismo: o disfarce da negação” - nos apresenta algumas informações importantes sobre a definição de colonialismo:

³⁷¹ BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial. Revista de Ciências Sociais 60 (2), Apr-Jun 2017. <https://doi.org/10.1590/001152582017127> Acesso em 20 de agosto de 2022.

³⁷² TEÓFILO, Rodolfo. História da seca no Ceará (1877-1880). Rio de Janeiro, 1922.

³⁷³ Tiago Muniz Cavalcanti, ex-chefe da Coordenadoria Nacional de Erradicação do Trabalho Escravo (Conaete-MPT) no biênio 2016-2017. Doutor em Direito do Trabalho e Teoria Social Crítica pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

³⁷⁴ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 15)

Colonialismo é um processo de dominação de um povo cuja característica marcante é o dominador entrar onde não foi chamado. Definido por Ania Loomba como a conquista e o controle da terra e dos bens de outros povos³⁷⁵ (...).³⁷⁶

O colonialismo capitalista aparece na história da humanidade a partir do século XVI como um mecanismo de exploração voltado ao crescimento econômico europeu. Por meio de várias técnicas de padrões de dominação, o novo colonialismo produziu o desequilíbrio econômico necessário para o crescimento do capitalismo europeu e da indústria, (...) sem o qual a transição para o capitalismo não teria ocorrido na Europa. (...) Como Karl Marx argumentou em *O capital*, a riqueza das nações capitalistas industrializadas foi construída sobre pirataria, saque e roubo. Esse colonialismo se perpetuou nos séculos seguintes como uma estrutura global de poder, regulação e coerção de larga duração, que se encontra alojada no coração da economia capitalista há mais de quinhentos anos e cuja lógica se reproduz em outros âmbitos da vida social.³⁷⁷

Por isso o imperialismo/colonial/capitalista faz tudo para que, como disse Galeano em *As Veias Abertas da América Latina*, o “Principal produto de exportação da América Latina, venda o que vender, matéria-prima ou manufaturados, são os braços baratos” (GALEANO, 2020, p. 387). “A economia colonial latino-americana valeu-se da maior concentração de força de trabalho até então conhecida, para tornar possível a maior concentração de riqueza com que jamais contou qualquer civilização na história mundial” (GALENO, 2020, p. 64). E no século XX e XXI, “o que são os golpes de Estado na América Latina senão sucessivos episódios de uma guerra de rapina? As flagrantes ditaduras, de pronto, convidam as empresas estrangeiras a explorar a mão de obra local, barata e abundante, o crédito ilimitado, as isenções de impostos e os recursos naturais ao alcance da mão.”³⁷⁸ Por isso que o chamado *subdesenvolvimento não é uma etapa do desenvolvimento. É a consequência. O subdesenvolvimento da América Latina provém do desenvolvimento alheio e continua alimentando-o*” (GALEANO, 2020, p. 395-396). Conforme reafirma contemporaneamente Tiago Muniz Cavalcanti:

Desde sua chegada às terras conquistadas, o homem branco europeu associou o trabalho compulsório às raças dominadas. Os genocídios e os massacres em massa de populações indígenas nas Américas não foram causados principalmente, lembra Aníbal Quijano, pela violência da conquista ou pelas enfermidades que os conquistadores trouxeram consigo, mas sobretudo porque os povos nativos foram usados como mão de obras descartável, forçados a trabalhar até morrer³⁷⁹.³⁸⁰

³⁷⁵ Ania Loomba, *Colonialism/Postcolonialism* (Londres/Nova York, Routledge, 2004), p. 2.

³⁷⁶ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 95)

³⁷⁷ Idem. (p. 96)

³⁷⁸ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2020. (p. 387)

³⁷⁹ Anibal Quijano, “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, em Edgardo Lander (org.), *A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas* (Buenos Aires, 2005, coleção Sur-Sur), p. 227-228.

Se a principal fonte de dominação colonial era a superioridade tecnológica dos colonizadores, os recursos naturais e humanos dos territórios colonizados eram aproveitados para o aprimoramento da superioridade tecnológica e para a intensificação do grau de dominação. Assim, os recursos da colônia perpetuaram o processo de colonização³⁸¹. Nas Américas, o colonialismo tinha como objetivo primário a extração de produtos tropicais à época valiosos no continente europeu, além dos metais preciosos para fins de enriquecimento e entesouramento^{382, 383}.

Sobre o uso do termo colonialismo para se referir ao momento presente o intelectual português Boaventura de Sousa Santos escreve:

O termo alemão *Zeitgeist* é hoje usado em diferentes línguas para designar o clima cultural, intelectual e moral de uma dada época, literalmente, o espírito do tempo, o conjunto de crenças e de ideias que compõem a especificidade de um período histórico. Na Idade Moderna, dada a persistência da ideia do progresso, uma das maiores dificuldades em captar o espírito de uma dada época reside em identificar as continuidades com épocas anteriores, quase sempre disfarçadas de discontinuidades, inovações, rupturas. E para complicar ainda mais a análise, o que permanece de períodos anteriores é sempre metamorfoseado em algo que simultaneamente o denuncia e dissimula e, por isso, permanece sempre como algo diferente do que foi sem deixar de ser o mesmo. As categorias que usamos para caracterizar uma dada época são demasiado toscas para captar esta complexidade, porque elas próprias são parte do mesmo espírito do tempo que supostamente devem caracterizar a partir de fora. Correm sempre o risco de serem anacrônicas, pelo peso da inércia, ou utópicas, pela leveza da antecipação.

Tenho defendido que vivemos em sociedades capitalistas, coloniais e patriarcais, por referência aos três principais modos de dominação da era moderna: capitalismo, colonialismo e patriarcado ou, mais precisamente, hetero-patriarcado. Nenhuma destas categorias é tão controversa, quer entre os movimentos sociais, quer na comunidade científica, quanto a de colonialismo. Fomos todos tão socializados na ideia de que as lutas de libertação anti-colonial do século XX puseram fim ao colonialismo que é quase uma heresia pensar que afinal o colonialismo não acabou, apenas mudou de forma ou de roupagem, e que a nossa dificuldade é sobretudo a de nomear adequadamente este complexo processo de continuidade e mudança.³⁸⁴

Uma reflexão mais aprofundada dos últimos 60 anos leva-me a concluir que o que quase terminou com os processos de independência do século XX foi uma forma específica de colonialismo, e não o colonialismo como modo de dominação. A forma que quase terminou foi

³⁸⁰ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 98)

³⁸¹ Robert Blauner, “*Internal Colonialism and Ghetto Revolt*”, *Social Problems*, v. 16, n. 4, primavera 1969, p. 393-408.

³⁸² “A privilegiada posição ganhada com a América pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho gratuito de índios, negros e mestiços, e sua vantajosa localização na vertente do Atlântico por onde, necessariamente, tina de ser realizado o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial, outorgou aos brancos uma vantagem decisiva para disputar o controle do comércio mundial. Aníbal Quijano, “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, cit., p. 227-78,

³⁸³ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 99)

³⁸⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Boaventura: o Colonialismo e o século XXI*. Outras Palavras, Geopolítica e Guerra, publicado em 02 de abril de 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerre/boaventura-o-colonialismo-e-o-seculo-xxi/> Acesso em 2 de dezembro de 2021.

o que se pode designar por colonialismo histórico caracterizado pela ocupação territorial estrangeira. Mas o modo de dominação colonial continuou sob outras formas e, se as considerarmos como tal, o colonialismo está talvez hoje tão vigente e violento como no passado. Para justificar esta asserção é necessário especificar em que consiste o colonialismo enquanto modo de dominação. Colonialismo é todo o modo de dominação assente na degradação ontológica das populações dominadas por razões etno-raciais. Às populações e aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana que é atribuída aos que os dominam. São populações e corpos que, apesar de todas as declarações universais dos direitos humanos, são existencialmente considerados sub-humanos, seres inferiores na escala do ser, e as suas vidas pouco valor têm para quem os oprime, sendo, por isso, facilmente descartáveis. Foram inicialmente concebidos como parte da paisagem das terras “descobertas” pelos conquistadores, terras que, apesar de habitadas por populações indígenas desde tempos imemoriais, foram consideradas como terras de ninguém, *terra nullius*. Foram também considerados como objetos de propriedade individual, de que é prova histórica a escravatura. E continuam hoje a ser populações e corpos vítimas do racismo, da xenofobia, da expulsão das suas terras para abrir caminho aos megaprojetos mineiros e agroindustriais e à especulação imobiliária, da violência policial e das milícias paramilitares, do tráfico de pessoas e de órgãos, do trabalho escravo designado eufemisticamente como “trabalho análogo ao trabalho escravo” para satisfazer a hipocrisia bem-pensante das relações internacionais, da conversão das suas comunidades de rios cristalinos e florestas idílicas em infernos tóxicos de degradação ambiental. Vivem em zonas de sacrifício, a cada momento em risco de se transformarem em zonas de não-ser.³⁸⁵ (...) As novas formas de colonialismo são mais insidiosas porque ocorrem no âmago de relações sociais, económicas e políticas dominadas pelas ideologias do anti-racismo, dos direitos humanos universais, da igualdade de todos perante a lei, da não-discriminação, da igual dignidade dos filhos e filhas de qualquer deus ou deusa. O colonialismo insidioso é gasoso e evanescente, tão invasivo quanto evasivo, em suma, ardiloso. Mas nem por isso engana ou minora o sofrimento de quem é dele vítima na sua vida quotidiana. Floresce em apartheids sociais não institucionais, mesmo que sistemáticos. Tanto ocorre nas ruas como nas casas, nas prisões e nas universidades como nos supermercados e nos batalhões de polícia. Disfarça-se facilmente de outras formas de dominação tais como diferenças de classe e de sexo ou sexualidade mesmo sendo sempre um componente constitutivo delas. Verdadeiramente só é captável em close-ups, instantâneos do dia-a-dia. Em alguns deles, o colonialismo insidioso surge como saudade do colonialismo, como se fosse uma espécie em extinção que tem de ser protegida e multiplicada.³⁸⁶

O também jurista Tiago Muniz Cavalcanti, assim como Boaventura de Sousa Santos, aponta as duas eras do colonialismo capitalista:

Costuma-se fragmentar o colonialismo capitalista em duas eras, marcadas cada qual por diferentes objetivos, justificativas, territórios ocupados, centros imperiais de estruturação e apoio, além obviamente dos respectivos contextos político, económico, jurídico e social. São, portanto, dois momentos distintos da história do modo de produção capitalista, aos quais os historiadores habitualmente se referem por *colonialismo* e *neocolonialismo*, respectivamente primeira e segunda eras.³⁸⁷ (...) A segunda era do colonialismo, como conquista e controle direto de territórios, foi uma fase particular na história do processo de globalização do modo de produção capitalista. A penetração em regiões anteriormente não capitalistas do mundo e a destruição de formas de organização social pré ou não capitalistas representaram a necessidade de acesso a fontes de matérias-primas e novos mercados, negando-os às nações

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ Idem.

³⁸⁷ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 96)

concorrentes³⁸⁸. Esse novo momento é uma consequência da Revolução Industrial. Os Estados burgueses liberais da Europa, além dos Estados Unidos e do Japão, como novas forças imperiais, passaram a realizar grandes extrações na Ásia e, sobretudo no continente africano. (...) A segunda etapa do colonialismo foi responsável por cavar o fosso que hoje separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos e, com isso, confirmar a marca originária do capitalismo como a civilização das desigualdades”^{389 390}. (...) De acordo com Achille Mbembe, se a primeira fase do colonialismo europeu era movida pela economia do tráfico e da plantação, a segunda é caracterizada pelo imperativo duplo de acesso às matérias primas e de mercados para os produtos industrializados, o que incluía, obviamente, a busca de mão de obra barata. (...) O colonialismo assume nesse período diversas formas e alia considerações demográficas a outras estratégias, abrindo caminho para aquilo que se designou “imperialismo moderno”³⁹¹, que triunfa no século XIX. Ainda conforme o autor, foi graças ao desenvolvimento das técnicas coloniais, às conquistas militares, ao comércio e à propagação da fé cristã que a Europa passou a exercer sobre outros povos pelo mundo afora uma autoridade totalmente despótica: “Uma espécie de poder que apenas se exerce para lá das fronteiras e sobre pessoas com as quais se julga nada haver em comum”^{392 393}. (...) Cumpre-se salientar que a desigualdade colonial entre colônias e metrópoles não era apenas política, econômica e cultural, mas também jurídica, estendendo-se às pessoas e seus direitos civis. No regime colonial, as populações autóctones estavam sujeitas a um regime jurídico diferente daquele aplicado aos cidadãos das metrópoles. (...) essa dicotomia “com direitos” e “sem direitos” (ou “menos direitos”), fundada em critérios étnico-raciais, muito embora já não exista em teoria, na prática seguem ditando as regras nas sociedades contemporâneas”.³⁹⁴ (...) A colonização é a força expansiva de um povo, sua reprodução e multiplicação nos espaços, na perspectiva exterior ela nada mais é do que “a submissão do universo ou de uma vasta parte dele à sua língua, aos seus costumes, às suas ideias e às suas leis”³⁹⁵. (...) o colonialismo é nomeadamente a completa dominação e subjugação cultural dos outros.³⁹⁶

Pode-se evocar aqui novamente a ideia de *dominação de espectro total*³⁹⁷ planejada e praticada pelo imperialismo estadunidense sobre o mundo, onde as estratégias de guerras híbridas definidas

³⁸⁸ Laura Chrisman e Patrick Williams, “Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: An Introduction”, em *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*, cit., p.2.

³⁸⁹ Antônio José Avelãs Nunes, “Neoliberalismo e democracia”. Discurso proferido na Conferência de Encerramento da Conferência Internacional sobre o 50º Aniversário dos Pactos Internacionais dos Direitos Humanos, organizada pela Associação Internacional de Juristas Democratas, que ocorreu na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa em 10 e 12 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.conquistasdarevolucao.pt/assets/avelas-nunesconferencia-encerramento-aijd.pdf> Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

³⁹⁰ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 100-101)

³⁹¹ Achille Mbembe, *Sair da Grande Noite*, cit., p.53.

³⁹² Achille Mbembe, *A Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014. P.101.

³⁹³ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 101)

³⁹⁴ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 102)

³⁹⁵ Paul Leoy-Beaulieu, *De la colonisation chez les peuples modernes* (Paris, Guillaumin, 1874), p.605-6.

³⁹⁶ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 102)

³⁹⁷ “No dia 30 de maio de 2000, o Pentágono lançou um documento intitulado *Joint Vision: 2020 (Visão Conjunta: 2020)*. Ele visa explicitamente à dominação de espectro total, que define como ser ‘persuasivo na paz; decisivo na guerra; proeminente em qualquer forma de conflito’. O serviço de imprensa do departamento de defesa das Forças Armadas dos EUA discorre sobre esse objetivo acrescentando que ele também inclui ‘a capacidade das forças dos EUA, operando

pelo Pentágono são métodos atualizados das práticas colonialistas pregressas. Sobre os processos de colonização precedentes o sociólogo norte-americano Robert Blaumer observa que existem:

(...) quatro componentes no processo de colonização: 1) uma entrada forçada e involuntária; 2) um impacto na cultura e na organização social capaz de modificar rapidamente os valores e modos de vida colonizados; 3) uma relação de dominação por meio da qual os membros do grupo colonizado são administrados por representantes do grupo dominante; e 4) uma condição de racismo, “um princípio de dominação social pelo qual um grupo, visto como inferior ou diferente em termos de supostas características biológicas, é explorado, controlado e oprimido social e psiquicamente por um grupo superordenado”³⁹⁸.

No Brasil atual, além do racismo estrutural essencial ao capitalismo reinante no país, existem várias outras formas de discriminação e violências contra: a classe trabalhadora, pobres, as esquerdas, movimentos sociais que lutam por moradia e reforma agrária, ambientalistas, professores, “todos” os políticos e a política, as mulheres, os povos indígenas, as lideranças sociais, os moradores de ocupações/morros/favelas/palafitas/comunidades/vilas/periferias/em situação de rua, a comunidade LGBTQIA+, antifascistas, artistas progressistas ou simplesmente não alinhados com a extrema direita. Preconceitos e violências promovidas, endossadas e/ou ignoradas pelos *representantes do grupo*

sozinhas ou junto com aliados, derrotarem qualquer adversário e controlarem qualquer situação no espectro das operações militares’. F. William Engdahl publicou um livro em 2009 sobre esse tema no qual comprova que a prioridade principal dos EUA é obter domínio total nas esferas das Forças Armadas convencionais, das armas nucleares, da retórica de direitos humanos e outras normas, da geopolítica, do espaço e dos meios de comunicação. Em poucas palavras, isso abrange absolutamente tudo que pode se tornar uma ou pode ter algum tipo de importância no campo de batalha ou na consciência de seus atores, e Engdahl documenta meticulosamente o progresso constante que o Pentágono está fazendo em controlar e privar seus adversários dessas vantagens cruciais. Ele também delineia vários métodos, incluindo **revoluções coloridas, que os EUA usam para tentar controlar Rússia e China**. (...) O livro de Engdahl dedica um capítulo inteiro ao fenômeno das **revoluções coloridas** e como elas são **estruturadas institucionalmente**. Ele também oferece um panorama detalhado de sua história, do uso de ONGs como organizações de vanguarda e de sua implantação **para garantir os interesses de energia geoestratégicos dos EUA**. (...) O mantra da dominação de espectro total de ser persuasivo na paz, decisivo na guerra e proeminente em quaisquer formas de conflito constitui a espinha dorsal das revoluções coloridas. (...) as revoluções coloridas começam como campanhas de informação dirigidas à população afetada. É imprescindível que elas sejam persuasivas para cativar um público o mais abrangente possível (em alguns casos, pode ser mais estratégico cativar apenas certa demografia para que ele ‘se levante’ e exacerbe fraturas étnicas dentro da sociedade em questão, por exemplo). (...) O cerne das revoluções coloridas é sintetizado na dominação social. O movimento é capaz de canalizar um volume de indivíduos grande o bastante para confrontar publicamente o Estado e tentar derrubá-lo. A fim de conquistar adeptos, utilizam-se técnicas ideológicas, psicológicas e de informação. Embora seja preferível que os ideais do movimento sejam a corrente de pensamento dominante, esse não precisa ser sempre o caso. As revoluções coloridas **[como as iniciadas em 2013 no Brasil]** não precisam atingir a maioria da população no país ou na capital para que sejam bem-sucedidas. Tudo que precisam é invocar um grande número de pessoas capaz de impor um desafio à relações públicas e à segurança para o governo defensor. (...) A dominação social é obtida uma vez que essa massa crítica é usada contra as autoridades e introduz o desafio caótico que o movimento tanto busca. Assim, as revoluções coloridas tentam ganhar controle sobre aspectos tangíveis, tais como sociedade, ideologia, psicologia e informação.”-

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: Das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018. P. 38-40.

Livro de Engdahl recomendado por Korybko – ENGDAHL, William. *Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World Order*. Wiesbaden: edition.engdahl, 2009.

³⁹⁸ Robert Blaumer, “Internacional Colonialism and Guetto Revolt”, cit. tradução do autor in CAVALVANTI, Tiago Muniz. Sub-
Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 102)

dominante (a burguesia local e seus subalternos – subordinados por necessidades financeiras, por alienação cultural ou por desejo de ascensão social) que se identificam como pertencentes, herdeiros e/ou admiradores e/ou desejantes de pertencer ao grupo de praticantes dos ideais neoliberais anglo-eurocêtricos.

Com efeito, as experiências coloniais nas América e, posteriormente, na África e na Ásia tiveram como resultado a unificação hegemônica da ordem cultural europeia, o que se denomina *eurocentrismo*. Essa forma de etnocentrismo, de superioridade étnica e cultural que marca historicamente a dominação resultante da colonização, foi, pela primeira vez, de fato hegemônica e global. A Europa impôs ao resto do mundo, diz René Rémond, “a sua organização política e administrativa, os seus códigos, as suas crenças, os seus modos de vida, a sua cultura e o seu sistema de produção”³⁹⁹. E é assim que sua sociedade, civilização e cultura passaram a ser o centro do mundo, para o qual tudo converge e do qual são ditados os rumos da humanidade.⁴⁰⁰ (...) Nas palavras de Henry Heller, ao conquistarem o mundo, os europeus e depois os estadunidenses “renomearam lugares”, “reestruturaram economias, sociedades e políticas” e “destruíram ou marginalizaram outras formas de entender conceitos básicos de espaço e tempo”: “A história foi universalizada à sua imagem, baseada no triunfo da modernidade capitalista”⁴⁰¹.⁴⁰² (...) (...) Réne Rémond diz que “o mundo foi à escola da Europa”, pois todos os povos tiveram-na como modelo, imitaram-na. Seja pelo consentimento, pela admiração, pela coação ou pela submissão. “Todos se europeizaram, se modernizaram, já que as duas coisas se afiguravam na época como sinônimas”.⁴⁰³

Sobre a questão da aproximação entre Europa, modernidade, imperialismo e colonialismo, é importante o texto *Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial*, da Profa. Dra. Luciana Maria de Aragão Ballestrin - professora de Ciência Política do Curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPol) no Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL); atualmente coordenadora do PPGCPol/UFPeL, Editora da Revista Sul-Americana de Ciência Política (RSuLACP) e membra da coordenação da área de investigação de Teoria Política da Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Ballestrin traz um panorama crítico sobre esses termos correlatos.

E Cavalcanti segue sobre os males e crimes cometidos pelo sistema colonialista em nome da civilização, evangelização, etnocentrismo e progresso:

O que não é da cultura europeia torna-se exótico: e, assim, a etnicidade é associada exclusivamente aos povos que foram submetidos ao colonialismo europeu. **O colonialismo foi e continua a ser o processo mais violento da história da humanidade.** Aimé Césaire, em discurso

³⁹⁹ Réne Rémond, *Introdução à história do nosso tempo*, cit., p. 14. Ainda nas palavras do autor: “É o triunfo da Europa como civilização. Todas as sociedades vão imitar as suas instituições, os seus valores, os seus princípios políticos, os seus costumes”. Ibidem, p. 272.

⁴⁰⁰ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 103)

⁴⁰¹ Henry Heller, *The Birth of Capitalism: A 21st Century Perspective* (Londres, Pluto, 2011), p. 217. Tradução do autor.

⁴⁰² CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 104)

⁴⁰³ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 104)

sobre o tema, é contundente com as palavras. Diz ele que, ao falar do assunto, está “falando de sociedades drenadas de sua essência, culturas pisoteadas, instituições minadas, terras confiscadas, religiões esmagadas, magníficas criações artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias eliminadas”; está falando “de milhões de homens arrancados de seus desuses, suas terras, seus hábitos, sua vida”; do “saque de produtos” e de “matérias-primas”, “de economias naturais que foram rompidas, economias harmoniosas e viáveis adaptadas à população indígena”, de colheitas de alimentos destruídas, desnutrição permanentemente introduzida, desenvolvimento agrícola orientado apenas para o benefício dos países metropolitanos”^{404 405}.

Aimé Césaire escreve sobre a civilização e sobre o que é e o que não é a colonização:

(...) o que, em seu princípio, é a colonização? É concordar que não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras da ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata, dos merceeiros⁴⁰⁶ em geral, do armador, do garimpeiro e do comerciante; do apetite e da força, com a sombra maléfica, por trás, de uma forma de civilização que, em um momento da história, se vê obrigada internamente a estender à escala mundial a concorrência de suas economias antagônicas. (...) mas os embusteiros vieram depois: e o grande responsável nesse campo é o pedantismo cristão, por ter elaborado as questões desonestas: *cristianismo = civilização*; *paganismo = selvageria*, das quais só poderiam resultar as abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros. (...) da colonização à civilização, a distância é infinita (...).⁴⁰⁷

Muitos embusteiros evangelizadores ainda estão causando sérios danos ao Brasil com suas pregações políticas retrógradas, machistas, racistas e preconceituosas, tanto em “templos” como em suas concessões públicas de rádios e tvs, além das grandes aglomerações em torno das chamadas “Marchas para Jesus”, às custas de recursos públicos e da extorsão psicológica e do estelionato religioso praticado contra fiéis ingênuos e desesperados. O governo neofascista de J. M. B. é cercado por esses tipos cínicos e parasitas.⁴⁰⁸ Tanto o entretenimento de massas quanto a religião são ferramentas

⁴⁰⁴ Aimé Césaire, “Discourse on Colonialism”, cit., p. 178. Tradução do autor.

⁴⁰⁵ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 105)

⁴⁰⁶ [Antigo] - indivíduo que, em troca de pensão ou moradia, encarregava-se de determinadas obrigações espirituais, como as de rezar pela saúde de alguém, encomendar defuntos etc. E também [substantivo masculino] - proprietário de mercearia ('estabelecimento'); armazeneiro, tendeiro, vendeiro.

⁴⁰⁷ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020. P. 10-11.

⁴⁰⁸ *Em julho, Bolsonaro dedicou 40% da sua agenda para evangélicos - Às vésperas do início da campanha oficial, presidente intensificou encontros com religiosos e participação em marchas para Jesus*. Mariama Correia, Pública, 1 de agosto de 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/08/em-julho-bolsonaro-dedicou-40-da-sua-agenda-para-evangelicos/> Acesso em 21 de agosto de 2022.

“Os evangélicos foram decisivos para consolidar a vitória de Bolsonaro nas urnas em 2018 e ainda são uma das principais bases de apoio do seu governo. O presidente teve quase 70% do voto evangélico no segundo turno das últimas eleições presidenciais. (...) Segundo a pesquisa mais recente do Datafolha, no último mês Bolsonaro cresceu de 40% para 43% em intenção de votos entre os evangélicos. Lula caiu de 35% para 33%. No dia 9 de julho, Bolsonaro esteve em duas marchas para Jesus, em São Paulo (SP) e em Uberlândia (MG). A retomada da edição presencial do evento na capital paulista reuniu duas milhões de pessoas, segundo os organizadores, e várias igrejas do país. De cima do trio elétrico dos fundadores do evento — a bispa Sônia Hernandez e o apóstolo Estevam Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo — o presidente disse que ‘ora para que o povo não experimente as dores do socialismo’. Também reforçou as chamadas pautas morais: ‘somos contra o aborto, a ideologia de gênero, contra a liberação das drogas e defensores da família’. Ao seu lado também estavam no trio o ex-senador e pré-candidato ao senado Magno Malta (PL), os deputados federais Carla Zambelli (PL-SP) e Marco

potentes de aglutinação quanto de amortecimento do pensamento crítico de uma população esmagada pelas políticas neo e ultraliberais das direitas a partir de 2016 e suas resultantes: fome, insegurança, desamparo estatal, excesso de trabalho, ou a falta dele, levando as pessoas para os trabalhos ultra precarizados que se avizinham do trabalho escravo – conforme a proposição de Cavalcanti. E esse autor diz:

Feliciano (PL-SP) e os ex-ministros Ricardo Salles (PL-SP) e Tarcísio Freitas (Republicanos-SP), ambos pré-candidatos nestas eleições. ‘São Paulo está vendo a maior demonstração de que este país está aos pés de Jesus Cristo’, disse o apóstolo Estevam, pedindo que os fiéis orassem pelo presidente. Em Minas, o evento gospel foi organizado pelo Conselho de Pastores (Conpas) de Uberlândia, presidida por Ronaldo Azevedo, pastor presidente da Igreja Ministério Vinde a Mim e consultor empresarial, com quem teve reunião ao lado de outros pastores e políticos. No dia 16, Bolsonaro foi a duas marchas para Jesus no Nordeste, uma em Natal (RN) e outra em Fortaleza (CE). Antes do ato religioso na capital potiguar, esteve em uma missa na Basílica dos Mártires e foi a um culto na igreja evangélica Assembleia de Deus Rio Grande do Norte, onde se reuniu com pastores. Na ‘Marcha de Jesus pela Liberdade’, em Natal, disse que ‘é missão de Deus a presidência’. Em Fortaleza, chegou de motociata para encontrar aliados locais como o pré-candidato ao governo estadual Capitão Wagner (União Brasil) e a médica e ex-secretária do ministério da Saúde Mayra Pinheiro (PL), que ficou conhecida como ‘capitã cloroquina’, por defender um tratamento sem comprovação científica para a covid-19 durante a pandemia. Ao lado da primeira-dama Michelle Bolsonaro, o presidente participou da Conferência Hombridade, a Jornada da Masculinidade, no último dia 27, em Brasília (DF). O evento faz parte da Conferência Modeladas, apresentado como ‘o maior evento cristão voltado para mulheres no Centro-Oeste’, e que tem participação de lideranças religiosas, empresariais e cantores gospel. A organização é da igreja Comunidade das Nações dos bispos JB Carvalho e Dirce Carvalho. Ainda no mês de julho, o presidente esteve no Maranhão para participar de uma cerimônia de abertura da Assembleia Geral Ordinária da Convenção dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Seta e do 38º Congresso de Estadual das Missionárias e Dirigentes de Círculo de Oração da Convenção Estadual das Assembleias de Deus do Maranhão – CEADEMA. Também esteve na abertura da 57ª Convenção Nacional e Internacional das Igrejas Casas da Bênção, em Brasília (DF). No último trimestre, Bolsonaro intensificou suas participações em atos religiosos e encontros com lideranças evangélicas. Em maio foram quatro dias com agendas oficiais, incluindo um encontro com lideranças católicas no Palácio do Planalto; duas marchas para Jesus, uma em Curitiba (PR) e outra em Manaus (AM), um encontro com lideranças evangélicas em Manaus, e um culto da Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Ministério de Madureira (Conamad), que reuniu pastores de todo o país em Goiânia (GO). A Conamad é presidida pelo bispo Manoel Ferreira, que também é político filiado ao PSC. Em junho, foram sete compromissos focados no segmento evangélico, entre eles uma reunião com o pastor Silas Malafaia, televangelista fundador da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que é um forte aliado político de Bolsonaro. Malafaia é uma das lideranças evangélicas mais influentes do país. Ele também é presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil. Nos dias 17 e 18, o presidente esteve em Belém (PA) e Manaus (AM). Em Belém, foi a um culto de celebração dos 111 anos da Assembleia de Deus. No dia seguinte, esteve no Congresso Visão Celular no Modelo dos 12, um evento que tem projeção nacional e atrai pastores de vários estados. Ele também participou de uma unção apostólica com o apóstolo Renê Terra Nova, do Ministério Internacional da Restauração. O mês de junho ainda incluiu uma marcha para Jesus no Balneário de Camburiú, em Santa Catarina e a visita à Lagoinha Church, liderada pelo pastor brasileiro André Valadão, em Orlando (EUA). Na agenda oficial, foi divulgado apenas um “Encontro com a comunidade brasileira em Orlando”. Bolsonaro estava nos EUA por ocasião da Cúpula das Américas, quando foi ao culto da Lagoinha Church no domingo (12). Ele sinalizou novamente seu posicionamento contra aborto, legalização das drogas e o que chama de ‘ideologia de gênero’. **‘Defendemos a família, a propriedade privada, a liberdade do armamento. Somos pessoas normais. Podemos até viver sem oxigênio, mas jamais sem liberdade’**, disse. No evento, Valadão fez uma oração pelo presidente e pré-candidato à reeleição. ‘Pedimos mais e mais a tua bênção Senhor, sobre Jair Messias Bolsonaro’ Fora da agenda oficial - Nem todos os compromissos de Bolsonaro com lideranças evangélicas foram divulgados na agenda oficial do Palácio do Planalto. Não aparece, por exemplo, o último domingo de julho (31), quando o presidente foi à inauguração de um templo da igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Taguatinga (DF), que contou com a presença do bispo Edir Macedo e do presidente do Republicanos, partido ligado à IURD, Marcos Pereira. O Republicanos formalizou apoio à reeleição de Bolsonaro no sábado (30). O presidente foi ao culto com a primeira-dama Michelle Bolsonaro e o ministro das Relações Exteriores, Carlos França, além da ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, pré-candidata pelo Republicanos. O presidente não discursou durante o evento, nem falou com jornalistas. De acordo com o site Metrôpoles, Bolsonaro teria tido uma reunião particular com Macedo ao fim da celebração. O líder da Universal também é dono da TV Record. Em 2018, ele apoiou a candidatura de Bolsonaro, mas as relações políticas com o governo andavam desgastadas por causa da crise de pastores da IURD em Angola. As lideranças da IURD teriam ficado incomodadas com a falta de apoio do governo para evitar a deportação de 34 pastores brasileiros em Angola.”

Neocolonialismo ou colonialismo sem fim: o eterno mecanismo de resiliência capitalista (...) se o colonialismo é uma maneira de manter uma relação internacional desigual de poder econômico e político, então não há dúvida de que o mundo não o transcendeu por completo, o que significa dizer que o pós-colonialismo não existe de fato. A verdade é que, ainda hoje, o colonialismo subsiste e se intensifica, e a persistência dessas práticas coloniais no mundo contemporâneo é um obstáculo muito óbvio ao uso não problemático do termo *pós-colonial*⁴⁰⁹. Com efeito, para muitos autores o termo *pós-colonialismo* implicaria uma ideia equivocada de superação do colonialismo, ocultando o fato de que a hegemonia global e a dominação dos territórios colonizados se perpetuaram após a independência. (...) o termo “neocolonialismo” soa mais apropriado para designar a perpetuação, pós-independência, da dominação e da hegemonia europeia sobre os territórios colonizados.⁴¹⁰

Pelo pouco que pude avançar nas leituras sobre esse assunto, tendo a me alinhar com a colocação de Cavalcanti, não superamos o colonialismo ou o imperialismo, estamos sendo drenados pelos dois.

Se o colonialismo europeu foi estabelecido como instrumento de acumulação primitiva a serviço do capitalismo, ele continua a ser uma de suas armas de resiliência. O que terminou com os processos de independência do século XX foi uma forma específica de colonialismo, e não o modo de dominação. Terminou o que se pode designar por *colonialismo histórico*, caracterizado pela ocupação territorial estratégica; mas o modo de dominação colonial continuou sob outras formas⁴¹¹.

Na verdade, a transição para a independência não foi capaz de abolir a submissão econômica, política e ideológica das antigas colônias. Para Achille Mbembe, nesse aspecto a descolonização constituiu uma cisão que preparou o terreno para o neoliberalismo, “uma modalidade das relações de força internacionais que amalgama rendas e coerção, [em que] a violência, a destruição e a brutalidade são acompanhadas de uma nova forma de acumulação através da extorsão”. A descolonização foi, assim, “um não acontecimento”^{412 413}.

(...) as antigas colônias “foram recolonizadas por um poder que é ainda mais insidioso do que o colonialismo direto, pois se disfarça de força para o bem, para o liberalismo e para a emancipação, em oposição ao colonialismo histórico, cuja brutalidade estava frequentemente em plena exibição”⁴¹⁴. (...) O capitalismo (neo) colonialista contrasta, portanto, com os objetivos das Nações Unidas estabelecidos em documentos internacionais no sentido de alcançar a paz mundial e constituir uma comunidade verdadeiramente global.⁴¹⁵

O cenário atual não é novidade. Marx já afirmava no *Manifesto Comunista* que o capitalismo burguês é capaz de destruir a cultura nativa, enfraquecer a visão tradicional do mundo, infectar a família e as relações sociais antigas com os valores do que chama de *civilização* e transformar o sagrado em profano. Constrange, com isso, todas as nações e se tornarem burguesas, criando um mundo à sua imagem e semelhança. A condição colonial se apresenta também quando “as

⁴⁰⁹ Laura Chrisman e Patrick Williams, “Colonial Discourse and Post-Colonial Theory”, cit., p. 3-4.

⁴¹⁰ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 106)

⁴¹¹ Boaventura de Sousa Santos, “O colonialismo insidioso”, *Jornal GGN*, 1º abr. 2018. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/artigos/o-colonialismo-insidioso-por-boaventura-sousa-santos/> Acesso em 4 de abril de 2018.

⁴¹² Achille Mbembe, *Sair da grande noite*, ci., p. 51.

⁴¹³ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 106-107)

⁴¹⁴ Dustin J. Byrd, *Islam in a Post-Secular Society: Religion, Secularity and the Antagonism of Recalcitrant Faith* (Leiden/Boston, Brill, 2017), p.283. Tradução do autor.

⁴¹⁵ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 107-108)

elites assumem, em certos aspectos, o lugar do colonizador” e “continuam a governar os oprimidos de uma forma que dá continuidade evidente aos métodos coloniais do domínio”⁴¹⁶. As elites locais são “pequenas Europas” que se beneficiaram da dominação capitalista e colonial, e depois da independência a exercitaram e continuam a exercê-la, sozinhas, contra classes e grupos sociais subordinados^{417 418}.

A questão das *pequenas Europas* penso estar ligada a ideia de subimperialismo, desenvolvida em estudos sobre a América Latina por teóricos marxistas, entre eles *Ruy Mauro Marini, ao analisar as mudanças no sistema capitalista mundial nas décadas de 1960 e 1970, identificou a emergência do subimperialismo como uma nova etapa do capitalismo dependente, mediante amadurecimento de um novo tipo de formação econômico-social, que na América Latina se materializava no Brasil.*⁴¹⁹

Na perpetuação da condição colonial, o discurso nacionalista de antigos territórios colonizados é conduzido pelo elitismo colonialista burguês. Ao assumir uma posição colonialista a elite demonstra que aprendeu melhor a lição dos colonizadores do que as de seus antepassados que lutaram contra o colonialismo em nome da autodeterminação e da justiça social^{420 421}. Conforme se percebe, a realidade colonial é linear, espúria e ainda atual: sai de cena o colonizador tal qual formalmente concebido pela teoria tradicional e surge uma elite branca que despreza o próprio povo e venera o explorador. A verdade é que a teoria tradicional, que exalta o fim do colonialismo formal e mascara sua simultânea recolonização, representa uma estratégia de encobrir a perpetuação da dominação europeia sobre os antigos territórios colonizados.⁴²²

No texto *Rethinking the Problem of Postcolonialism*, Shaobo Xie⁴²³ afirma que as lutas nacionalistas não foram capazes de resgatar os nativos das garras imperialistas. Segundo ele, nunca antes o imperialismo ocidental foi tão bem-sucedido em infiltrar e consolidar as narrativas mestras euro-americanas. Se a história do mundo tem sido um processo colonialista de disseminação da civilização ocidental, e se o mundo ainda é governado, moral e intelectualmente, pelo mundo ocidental, o neocolonialismo hegemônico reproduz a ideologia eurocêntrica por meio do capital multinacional e da cumplicidade de não ocidental em sua

⁴¹⁶ Richard Pithouse, “Esse mundo dividido em dois”, em Boaventura de Sousa Santos e José Manuel Mendes (org.), *Demodiversidade: Imaginar novas possibilidades democráticas* (Belo Horizonte, Autêntica, 2018), p. 92.

⁴¹⁷ Boaventura de Sousa Santos e Maria Meneses, “Introducción”, cit., p. 11. Em outro estudo, Boaventura observa que o “colonialismo interno” persiste hoje, no discurso e na prática, em espaços regidos pela “regra da diferença”, separados por “linhas abissais”. A introdução de sistemas culturais supostamente superiores nega ao súbito colonial a possibilidade de emancipar-se como sujeito de direito, como cidadão. Boaventura de Sousa Santos, “Más allá de la imaginación política y de la teoría crítica eurocéntricas”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 114, 2017, p.87-8.

⁴¹⁸ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 108)

⁴¹⁹ LUCE, Mathias Seibel. O subimperialismo, etapa superior do capitalismo dependente. *Tensões mund.* Fortaleza, v. 10, n. 18, 19, p. 43-65, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151487/000885705.pdf?sequence=1> Acesso em 22 de agosto de 2022.

⁴²⁰ Boaventura de Sousa Santos, *Derechos humanos, democracia y desarrollo* (Bogotá, Centro de Estudios de Derecho, Justicia y Sociedad, 2014), p. 87.

⁴²¹ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 109)

⁴²² CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 109)

⁴²³ Shaobo Xie, “*Rethinking the Problem of Postcolonialism*”, *New Literacy History – Cultural Studies: China and the West*, The Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 1, inverno de 1997, p.7-19; disponível em: <https://jstor.org/stable/20057397> Acesso em 25 de junho de 2018.

aceitação acrítica da cultura ocidental. O neocolonialismo, como eterno mecanismo de resiliência capitalista, e suas novas formas de violência, extorsão e exploração são, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, mais insidiosos porque ocorrem “no âmago de relações sociais dominadas pelas ideologias do antirracismo, dos direitos humanos universais, da igualdade de todos perante a lei”⁴²⁴.⁴²⁵

Encerro esse breve levantamento sobre a questão do colonialismo, que em grande parte foi guiado por autores das áreas do direito, filosofia e ciências sociais e passarei aos comentários sobre os trabalhos que constituíram a exposição *Necropolônia 2016-2019*.

⁴²⁴ Boaventura de Sousa Santos, “O Colonialismo insidioso”, cit.

⁴²⁵ CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho. (p. 110)

3.2 *Necrocolônia 2016-2019* – começando a descortinar algumas estruturas de poder

Na presente pesquisa *Transições Políticas: Posicionamentos artísticos no contexto do Brasil pós-golpe de 2016*, busco estabelecer algumas pontuações a respeito de mudanças perceptivas, conceituais e estéticas presentes na minha produção em artes visuais com esculturas, desenhos e pinturas e em especial nas peças da exposição *Necrocolônia 2016-2019* – pensada e desenvolvida especificamente para o contexto desta pesquisa de doutorado. Na pesquisa de doutorado retomei o método adotado no mestrado – *Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos* – (2005-2007) com a exposição *Mobiliário Melancólico* (2006) que também foi objeto de análise em conjunto com a pesquisa teórica.

Optei por tomar a exposição *Necrocolônia 2016-2019* como uma das vias possíveis de acesso a essas transições de pensamentos e ações artísticas, por considerar a mostra como uma etapa (prática e experimental) prévia à escrita, dentro do caminho desta pesquisa acadêmica. A exibição pública dos trabalhos como um sistema de balizamento para pontuar ramificações de meus incômodos, interesses urgentes e muitas lacunas de assuntos que me vi impelido a buscar entendimento – “o silêncio não é mais uma possibilidade. A incapacidade de entender os acontecimentos tampouco”⁴²⁶.

Com a pesquisa acadêmica pude perceber que as mudanças conceituais e temáticas em minha produção que vinham acontecendo (em torno dos últimos dez anos de maneira gradual) foram abruptamente intensificadas a partir do contexto político e social no Brasil: a quebra institucional de 2015-16 com o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff; o governo ultraliberal, ilegítimo e entreguista de Michel Temer; a criminosa operação Lava Jato (CIA, *lawfare*⁴²⁷, grande mídia, imperialismo/colonialismo estadunidense)⁴²⁸; a prisão ilegal do então candidato à frente das pesquisas eleitorais o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; o avanço da extrema direita com discursos de ódio e bombardeios sistemáticos de notícias falsas em redes sociais (com a conivência/permissividade dos

⁴²⁶ Na apresentação da organizadora Esther Solano Galleno no livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 16)

⁴²⁷ ZANIN, Cristiano, MARTINS, Valeska, VALIM, Rafael. *Lawfare: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

⁴²⁸ PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma História da CIA, Golpes de Estado e Assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o Imperialismo do Nosso Tempo. LÓPEZ, Emiliano (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2020.

SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. São Paulo: Estação Brasil, 2020.

grandes monopólios globais estadunidenses – *big techs*⁴²⁹). Fatores esses, entre outros, que manipularam e corromperam o processo eleitoral de 2018, e que possibilitaram que o fascista J. M. B. (seus familiares mais próximos e associados) tomasse o poder da direita golpista de 2016.

Conforme escreve o cientista político e pesquisador marxista brasileiro Luis Felipe Miguel, “a direita nunca esteve ausente da política brasileira”⁴³⁰, ela apenas retoma à força o poder político central quando não ganha nas eleições pelo voto; voto este, geralmente construído a partir da manipulação estrutural da opinião pública com uma enorme quantidade de narrativas falaciosas, redigidas, editadas e veiculadas diuturnamente pelas grandes empresas privadas de mídia⁴³¹, as quais são alguns dos braços ideológicos promotores das fantasias de enriquecimento individual, empreendedorismo e meritocracia neoliberal, ou seja, das falácias que abandonam o cidadão comum à própria sorte sem qualquer estrutural estatal de amparo. Conforme Jessé Souza frontalmente coloca: “ninguém nasce imbecil, mas podemos ser feitos de imbecis, e a Rede Globo se especializou nesse trabalho” (SOUZA, 2017, p. 209), “a Globo é a roupagem perfeita para um capitalismo selvagem e predatório que chama a si mesmo de emancipador e protetor dos fracos e oprimidos” (SOUZA, 2017, p. 217). O Grupo Globo promove o oposto de *protetor dos fracos e oprimidos*, pois conivente com as manifestações de 2013 (onde a Globo influenciou diretamente na direção de pautas que apontavam para a “não política”, reforçando o desprezo à política em favor de “gestores” técnicos e “neutros” no lugar de políticos; ao “nem esquerda, nem direita”; ao querer banir as bandeiras do PT da Av. Paulista,

⁴²⁹ *O Grande Experimento - Facebook Papers: As provas que faltavam para mostrar como a rede manipulou você - Documentos internos da delatora Francis Haugen revelam alertas ignorados sobre como o algoritmo promovia extremismo, racismo e manipulava jovens para lucrar.* Tatiana Dias, Paulo Victor Ribeiro, Débora Lopes, The Intercept Brasil, 1 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/01/facebook-papers-provas-rede-manipulou-voce/> Acesso em 21 de agosto de 2022.

⁴³⁰ Luis Felipe Miguel no seu capítulo *A reemergência da direita brasileira*, dentro do livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 16)

⁴³¹ “(...) em 2013 e 2016 apenas o PT foi criminalizado e viu sua representação ser dizimada pelos vazamentos seletivos comandados pela mídia e por seus aliados no aparelho de Estado. (...) Como o PT foi o motor da ascensão social dos miseráveis e pobres em geral, ataca-lo como corrupto e como organização criminosa – sendo acompanhada pelos próprios agentes do Estado envolvidos na operação Lava Jato nesse ataque inescrupuloso – equivale a tornar suspeita a própria demanda por igualdade. (...) A Globo e a grande mídia – e sua aliada, a operação Lava Jato – não só contribuíram para o mais massivo ataque à democracia e ao direito de que se tem notícia, mas atacaram também, em uma das sociedades mais desiguais e perversas do planeta, a igualdade social como princípio, ao torná-la suspeita e mero instrumento para outros fins. Depois, quando o ódio passa a grassar no país e figuras que representam o elogio à tortura e à violência mais grotesca, como Jair Bolsonaro e seu fascismo aberto, passam a representar ameaças reais à democracia e aos direitos humanos mais elementares, a Globo e a grande mídia agem como se não tivessem nenhuma reponsabilidade. Esconde o fascismo que pratica diariamente e critica o resultado que produz sem assumir ao menos responsabilidade pelo que faz.” SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Uma reinterpretação do Brasil*. São Paulo: LeYA, 2017. P. 222-223.

pois se tratava de uma manifestação “espontânea” dos cidadãos e não de partidos políticos – com isso a Globo assume o controle da narrativa) o golpe de 2016 “a emissora ajudou a impedir a continuidade de um processo de ascensão social dos pobres que era real” (SOUZA, 2017, p. 217). E segue a asseveração de Souza:

O processo de manipulação social caminha sempre no sentido de extrair a riqueza de todos e concentrar o poder nas mãos de poucos – inclusive da família que manda na empresa –, dando a impressão de que se é defensor dos melhores valores da igualdade e da justiça. Mesmo toda fraude golpista da moralidade seletiva é construída como se fosse mero veículo neutro de informação. (...) A Rede Globo opera como uma TV falsamente pública, da Ditadura até hoje (...). (SOUZA, 2017, p. 217)

O fato é que a Globo sempre agiu contra a formação de um pensamento crítico por parte da população, “a Globo é a mídia por excelência que fez reverberar na população indefesa (...) [a] construção da oposição entre mercado divinizado e Estado demonizado, quando ocupado por líderes populares (...). Atacou de modo virulento o ajudou no ‘suicidamento’ de Getúlio Vargas, apoiou o golpe de 1964 e se tornou com prazer e desenvoltura a voz da Ditadura”. E também:

Perseguiu Leonel Brizola – como sempre por dinheiro – e ajudou no desmonte dos CIEPS e dos investimentos em educação popular no Rio de Janeiro. Envolveu-se em fraudes explícitas na apuração de eleições para beneficiar Moreira Franco contra Brizola. Apoiou Fernando Collor de Mello contra Lula, utilizando-se dos recursos mais baixos (...), com a edição maldosa do debate entre os concorrentes para favorecer Collor. Apoiou a venda e a privatização do patrimônio público, enganando seu público no governo FHC para facilitar o saque do patrimônio público. O envolvimento em episódios como a operação Lava Jato faz, portanto, parte do DNA da emissora. (SOUZA, 2017, p. 218-219)

Acredito que minhas respostas aos eventos políticos descritos acima, durante e depois de momentos de extrema perplexidade, impotência absoluta, *burnout*⁴³², desespero, desilusão (com a possibilidade de um país menos desigual) e luto foi e é reativa. Reativa no sentido de propor um movimento de não conformismo, pelo esforço de construção de uma esperança⁴³³ projetada na produção artística. Produção essa proposta como lugar de trabalho e mudança – se não diretamente

⁴³² A exaustão emocional da síndrome do *burnout* leva a pessoa à sensação de não ter energia ou recursos para lidar com sua vida pessoal ou profissional. Para maiores esclarecimentos ver os livros do filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han - *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018) e *Sociedade do cansaço* (2010).

⁴³³ “Ernest Block, um dos pensadores da utopia, vê na esperança um sopro que aposta no novo, reagindo à repetição. Diante do futuro são muitas as sensações: angústia, medo, desespero. Mas também a esperança (...). É somente nela, (...), que as mudanças são possíveis.” *Imaginar o Amanhã: Ensaios e crônicas*. Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Sousa. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021. (p. 8).

de mudanças sociais e estruturais, ao menos de consciência – o que já me parece uma enorme tarefa; e, portanto, da ordem da utopia. Mas os tempos sombrios do neofascismo, do ultraliberalismo, são os tempos que demandam um pensar agora sobre o depois, um *imaginar o amanhã*⁴³⁴, pois o caminho aberto pela imaginação aponta para possibilidades de movimentos e ações. No meu alcance, ações nos campos artísticos e educativos.

Com o objetivo de buscar resistir aos ataques à arte, à educação, à cultura (cito estes pontos, pois são as áreas que tenho ou procuro ter alguma atuação e nas quais me movimento), iniciei o trabalho de reação com a presente pesquisa onde compartilho os conteúdos que julgo relevantes para o público, através desse escrito e de meus trabalhos de arte. Sei das contingências estruturais do acesso às manifestações artísticas e ao campo da pesquisa acadêmica a um grande público, mas são o contexto, os rudimentos e as ferramentas de comunicação de que disponho.

O trabalho de elaboração da exposição *Necrocolônia 2016-2019* me permitiu buscar estabelecer um perímetro inicial possível de atuação – pois dei continuidade a projetos e noções que já estava trabalhando previamente – como procurei descrever nos capítulos iniciais. Trabalhei com o limite das peças da exposição (o limite de espaço da galeria, o limite de tempo, o meu limite físico e mental para a produção de todas as peças). A exposição foi composta por: uma pintura, uma pintura combinada com objeto e escultura (*combine painting*)⁴³⁵, oito esculturas e dezenove desenhos; totalizando vinte e nove peças distribuídas nos dois andares da antiga sede da galeria Verve em São Paulo. Sendo assim, me pergunto se eu poderia considerar a exposição como uma posição de *pensação*⁴³⁶, ou *pensamento-reação*⁴³⁷, ou ainda *pensação-reação*? Isso para se esboçar uma espécie de conjunto de pensamentos⁴³⁸ visuais estimulados por noções teóricas e fatos sociais que tive contato, os quais me

⁴³⁴ “Imaginar é um ato de coragem, que nos coloca em movimento, instaura espaços de revolta e de esperança abrindo mundos até então desconhecidos. Imaginar o amanhã é trazer o passado para o presente, unindo experiências para pensar o futuro.” *Imaginar o Amanhã: Ensaios e crônicas*. Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Sousa. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021. (p. 7).

⁴³⁵ “‘Combine’ é um termo que Rauschenberg inventou para descrever uma série de obras que combinam aspectos da pintura e da escultura”. Fundação Robert Rauschenberg. Disponível em: <https://www.rauschenbergfoundation.org/art/galleries/series/combine-1954-64> Acesso em 14 de janeiro de 2021.

⁴³⁶ *Pensação* – “(...) pensamento e ação ao mesmo tempo, o que chamo nos meus escritos de ‘pensação’. Termo proposto pelo pensador, escritor e professor Julio Cabrera ao se referir ao pensamento indígena.” CABRERA, Julio. Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org.) *Arte e Política na América Latina*. Pág. 16.

⁴³⁷ Idem. P. 16-17

⁴³⁸ “Pensar é transpor” - BLOCK, Ernest. *O Princípio Esperança – Volume 1*. São Paulo: Contraponto, 2005. Transpor é ultrapassar um limite, vencer um obstáculo, superar. As imagens nos determinam movimentos, ações. Para saber é preciso imaginar, gerar imagens. Imagens como pontos de apoio de entendimento, como pontos de posicionamentos.

afetaram em algum nível consciente ou de maneiras não perceptíveis à primeira vista. A forma da exposição desses trabalhos de arte, segundo como a tomo aqui, foi composta por um espaço e tempo delimitados que me permitiram uma síntese possível⁴³⁹ “esteiada”⁴⁴⁰ por um “pensamento que se esforça para ser a partir de suas próprias circunstâncias”⁴⁴¹.

Passados três anos da exposição *Necrocolônia 2016-2019*, hoje penso que ela foi uma primeira aproximação mais explícita sobre um olhar a partir da arte para a política. Foi mais crua, mais intuitiva, mais voltada para eventos pontuais e figuras de interesse (que selecionei entre outras tantas possibilidades) daquele momento político – o repertório conceitual estava muito aquém do que apreendi até o momento (e que é muito pouco), e percebo que quanto mais avanço nas leituras e vislumbres, mas me percebo num início de caminhos de jornadas de conscientização. Utilizei as ferramentas (artísticas) e o reduzido repertório de noções políticas de que dispunha, foi um momento de despertar, de experimentar, de avançar em relação à minha produção precedente; foram meses de grande tensão psicológica e de lidar com as escolhas feitas. Naquele período eu dispunha de menos leituras teóricas e menos dados históricos (me faltava – e ainda falta - uma compreensão mais ampla, mais estrutural, para além dos fatos e factoides⁴⁴² políticos do dia-a-dia do Brasil). Antes e durante a construção dos trabalhos para a exposição eu tomava conhecimentos das notícias e análises políticas e sociais e era apresentado para noções e expressões específicas do cenário político através de comentaristas e especialistas ligados às chamadas mídias alternativas, progressistas, de inclinação social democrata e de esquerda; ainda não tinha me debruçado sobre as leituras teóricas da maneira que pude fazer depois da exposição – e que procurei trazer neste escrito.

No início da pesquisa para a exposição optei por trabalhar a partir de uma seleção de conteúdos políticos e sociais que me pareciam urgentes naquele momento (não que fossem mais importantes que os demais, mas pelo fato de serem conteúdos ligados às minhas experiências de vida mais direta – a

⁴³⁹ O possível segundo o filósofo marxista alemão Ernest Block (1885-1977) é “Tudo que encontra as condições dadas em proporção suficiente” - BLOCK, Ernest. *O Princípio Esperança – Volume 1*. São Paulo: Contraponto, 2005 (p. 203).

⁴⁴⁰ A partir de esteio - substantivo masculino, 1. peça de madeira, metal, ferro etc. com a qual se firma ou escora algo. 2. Figurado (sentido), figuradamente - sustentáculo, arrimo. Esteio é também o nome de minha cidade natal na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Cidade que possui uma área extremante pequena, segundo a Wikipédia, em 03 de janeiro de 2022, “É atualmente o menor município em área do Rio Grande do Sul e da Região Sul. É também o décimo quinto menor do Brasil, com uma área de apenas 27,543 km²”.

⁴⁴¹ Esboço de uma introdução ao pensamento desde “América Latina” (Para além das “Introduções à Filosofia”). In: CAMPBELL, VILELA (Org) *Arte e Política na América Latina*. Pág. 20.

⁴⁴² Factoide, substantivo masculino. 1. Informação falsa ou não comprovada que se aceita como verdadeira em consequência de sua repetida divulgação pela imprensa. 2. Brasileirismo. Brasil. Fato ou notícia forjada com o intuito de atrair a atenção da opinião pública.

violência contra os professores, as sucessivas e sistemáticas narrativas e ações para a eliminação da educação pública – como objetivo de manter a estrutura de exclusão social, a população fragilizada culturalmente e financeiramente, desinformada de propósito para facilitar a manipulação da mídia hegemônica, braço do mercado financeiro, do agronegócio em especial e de interesses imperialistas. Sem perceber, a grande massa, a “opinião pública”, a massa de modelar na mão das *elites do atraso*⁴⁴³, a grande massa manipulada acaba por defender os seus algozes.

Mas voltando um pouco sobre as questões iniciais da pesquisa, me parecia pertinente abordar a questão da obviedade presente na fala coloquial, obviedade impregnada na banalidade do dia-a-dia, na linguagem empregada de maneira impensada, ancorada às vezes em questões que estão estruturalmente perpetuando preconceitos e violências simbólicas ancestrais. Termos terríveis que foram amortizados, e ou colocados na categoria de normalidade e reivindicados como “direito de liberdade de expressão” (mas no pior sentido possível, como por exemplo, no direito de proferir xingamentos misóginos, racistas, classistas e até nazistas – sendo esses últimos estimulados e proferidos diretamente por membros do alto escalão do governo Bolsonaro, como foi o caso, entre outros, do então secretário da cultura que emula o discurso do ministro da propaganda na Alemanha Nazista Paul Joseph Goebbels). E esse tipo de afronta, de disparate alimenta o ódio de sujeitos - autodenominados - “de bem”, “de família”, “de deus”; que se outorgam uma filiação da ordem do divino, do poder classista, do coronelismo.

No sentido das denúncias desses absurdos penso que os chargistas brasileiros fizeram essas conexões com enorme agilidade, maestria e impacto, através das mídias sociais e também em colaborando com a crescente mídia independente e progressista – mas de alcance, ainda limitado - e mesmo assim, seu alcance cada vez maior acaba por ser deliberadamente tolhido pelos algoritmos dos grandes conglomerados de mídia digitais devidamente alinhadas com os projetos imperialistas estadunidense⁴⁴⁴: YouTube, Facebook, WhatsApp e Twitter.⁴⁴⁵

⁴⁴³ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato*, (2017).

⁴⁴⁴ Alguns autores divergem no emprego do termo imperialismo, por exemplo, o consagrado jurista e magistrado argentino Eugenio Raúl Zaffaroni (desde 2015 no cargo de Juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos) que entende que o termo imperialismo se refere ao passado e que agora estaríamos vivendo um colonialismo financeiro ao passo que o jovem Pesquisador, Professor e Advogado de Direitos Humanos João Coimbra Sousa entende que os Estados Unidos são um império sim. *Programa Globalistas – Lawfare na América Latina e colonialismo penal*, TV 247, 22 de novembro de 2021. Ainda sobre a questão do imperialismo contemporâneo estadunidense, há a posição do filósofo e historiador marxista Domênico Losurdo (1941-2018, Itália) em seu livro *A Linguagem do Império: Léxico da ideologia estadunidense*, publicado pela primeira vez em 2007. E sobre o imperialismo estadunidense desde o seu princípio ver *As Veias Abertas da América Latina* do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015, Montevideu).

A partir dessa questão acima do que é, parece ou deveria ser óbvio e também do absurdo, procuro nesse texto, apontar para alguns princípios que nos levam a hábitos de valoração, de linguagem e de conduta: baseado no direcionamento midiático, no “consenso”, numa espécie de norma natural ou divina, mas na verdade totalmente construída e repetida à exaustão na grande mídia nacional e controlada seja pelo grande capital financeiro, por líderes religiosos de direita ou ruralistas, ou as famigeradas bancas da bíblia, do boi, e da bala (onde se incluem entre outros: militares e milicianos).

O quanto do que é atribuído aos costumes e tradições “naturais” dos brasileiros são na verdade resultado de construções e narrativas arquitetadas ou impostas por interesses de poderes políticos, econômicos, de classes, etc. E partindo do esqueleto (da estrutura) destas noções, procurei pensar e implementar estratégias artísticas que pudessem dar visibilidade para estas questões estruturais.

Nessa linha, com a exposição *Necropolônia 2016-2019*, realizada na Galeria Verve em São Paulo, entre os dias 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019, busquei trazer questões baseadas em fatos públicos do período. Procurei não trazer questões veladas, mas busquei ser o mais direto possível, e acredito que a peça que mais atendeu esse anseio foi *Instrumento de Estado Tanatopolítico*, um cassete policial com uma foice na extremidade, pois o fato é que *polícia brasileira é uma das que mais matam no mundo*⁴⁴⁶. É um fato que precisa ser conhecido por todos e debatido por todos, para que possa haver uma mudança estrutural das forças de repressão social no país. É a necropolítica imposta em um país racista e colonial, onde os mais pobres, as mulheres, os negros⁴⁴⁷ - ou, os “não-brancos”, os professores, os movimentos sociais devem ser reprimidos com a máxima violência pelas

⁴⁴⁵ *Algoritmo do Twitter privilegia discursos e políticos de direita*. “Um estudo desenvolvido pela rede social, em conjunto com vários investigadores, demonstrou que o seu algoritmo favorece, duas a três vezes mais, perspectivas de direita, amplificando o seu alcance.” 24 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/internacional/algoritmo-do-twitter-privilegia-discursos-e-politicos-de-direita> Acesso em 23 de agosto de 2022.

⁴⁴⁶ *‘Polícia brasileira é uma das que mais matam no mundo’, diz imprensa internacional após operação em favela do Rio* *A incursão policial na Vila Cruzeiro foi destaque em vários países*. RFI (Radio France Internationale), 26 de maio de 2022. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-brasileira-e-uma-das-que-mais-matam-no-mundo-diz-imprensa-internacional-apos-operacao-em-favela-do-rio/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

A Polícia que mais mata. Luigi Mazza, Amanda Rossi e Renata Buono, Revista Piauí, 26 de agosto de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/policia-que-mais-mata/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁴⁷ *Negros são maioria dos mortos em ações policiais em seis estados - É o que revela pesquisa da Rede de Observatórios de Segurança*. Cristina Índio do Brasil, Repórter da Agência Brasil, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais-em-6-estados> Acesso em 25 de agosto de 2022.

mãos (dos também, muitas vezes pobres e negros⁴⁴⁸, ou a maioria do contingente das polícias que é formada pelos “não brancos”⁴⁴⁹) dos “profissionais da violência” com o consentimento das *elites do atraso*. Glauber Rocha já dizia “A América Latina, inegavelmente, permanece colônia, e o que diferencia o colonialismo de ontem do atual é apenas a forma aprimorada do colonizador. As formas sutis daqueles que também sobre nós armam seus botes” (ROCHA, 1965, p.168). Portanto, para ele, um país colonizado só pode ter uma arte política e uma estética que seja sinônimo de ética, de moral.”⁴⁵⁰ “Não só o colonialismo cultural como, no caso do Terra em Transe, seu filme mais explicitamente político, o colonialismo econômico e político permitido pelas elites nacionais (falsamente “nacionalistas”), que sempre governaram o país.”⁴⁵¹

Essa elite nacional que de fato sempre governou o país (exceto em breves períodos de parcos avanços de direitos sociais e busca por soberania nacional) tendo como aliados o poder judiciário, militar, legislativo e executivo (sempre que possível - e quando impossível, através de golpes de estado e manipulação midiática). Essa elite promotora do neoliberalismo e ultraliberalismo com os governos do golpista Temer e do fascista J.M.B. (que deixou segundo pesquisadores pelo menos 300.000 brasileiros morrerem de Covid-19, pois retardou o máximo que pode ao investimento público em desenvolvimento e compra de vacinas, além de promover medicamentos ineficazes contra o vírus e combater cientistas; defensor de torturadores e assassinos, milicianos, grileiros de terras, garimpeiros, “empresários” sonegadores milionários de impostos, pastores charlatões, a indústria das armas e do veneno dos agrotóxicos). Essa elite tem o projeto de privatizar praticamente todo o aparato estatal, querem o estado mínimo (para a população), a não ser o aparato de violência que lhes serve de

⁴⁴⁸ *Policiais negros são os que mais morrem, mesmo sendo minoria no efetivo (42%). Igor Mello, UOL, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2021.* Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/07/15/--pm-com-mais-brancos-no-efetivo-policiais-negros-sao-os-que-mais-morrem.htm> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁴⁹ NASCIMENTO, Aline Maia. “*Tem que ter raça*”: *Polícia Militar como ascensão social negra*. Artigo escrito para o grupo de trabalho “Trajetórias e Estratégias de Ascensão Social de AfroDescendentes” da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Aline%20Maia%20Nascimento%20-%201021282%20-%204527%20-%20corrigido.pdf Acesso em 25 de agosto de 2022. “Para os policiais negros, um corpo negro fardado rompe com o mito historicamente construído da população negra como desordeira e conflituosa. Para eles, a presença massiva de negros na corporação, comprova que os mesmos são controladores e mantenedores da ordem social.”

⁴⁵⁰ VIANA, Irma. *Arte política e a tarefa do intelectual em Terra em Transe*. Baleia na Rede, Vol. 1, nº 8, Ano VIII, Dez/2011 - ISSN 1808 -8473 – FFC/UNESP/Marília, SP, (p. 165). Disponível em: file:///E:/l/0001_DOUTORADO%20%20UNESP_2018-2022/BIBLIOGRAFIA%20GERAL/BIBLIOGRAFIA%202020/sobre%20Terra%20em%20Transe.pdf Acessado em 8 de julho de 2020.

⁴⁵¹ Idem.

barreira de contenção de um possível levante social⁴⁵². O projeto neoliberal precisa de uma população de cabeça baixa, oprimida, com fome, sem casa, com medo, sem leis trabalhistas, sem sindicatos, sem organizações sociais que poderiam denunciar a brutalidade de seu programa que drena os recursos públicos para as mãos de poucos, sem educação. E conforme o analista político brasileiro esse programa só poder ser “imposto” dentro de um regime de exceção, que foi o caso do Chile comandado pelo facínora Pinochet⁴⁵³, reverenciado pelo também nefasto J.M.B. e seu ministro da economia, o *Chicago Boy*, Paulo Guedes.

É claro que, em se considerando que nenhum país (minimamente sério) queira deliberadamente nomear formuladores de políticas que sejam contrárias aos seus objetivos econômicos e os sabotem, a questão ‘Por que não um Chicago Boy?’, do ponto de vista do país central do capitalismo, poderia mesmo ser considerada um disparate.

O quadro é diferente na periferia. Desde que utilizaram o Chile como laboratório de experimentos econômicos liberais nos anos 1970, os Chicago Boys têm assumido frequentemente importantes funções na implementação de políticas macroeconômicas na América Latina. Até porque na região os liberais são contra o Estado no discurso (menos Estado para os outros) mas são a favor na prática, quando prestam vestibular, precisam de bolsas de estudos ou quando prestam concurso para fazer parte dos quadros do funcionalismo (mais Estado para eles). De qualquer forma, eles são apresentados como fazendo parte de um seleto grupo de economistas que possuem justamente o virtuosismo ‘técnico’ e a visão correta sobre os problemas econômicos (e sua solução). Mas a história parece dar razão ao centro neste caso. Orlando Letelier, economista chileno exilado nos EUA, antes de ser assassinado pela polícia política de Pinochet em Washington em 1976, mostrara na revista *The Nation* os resultados iniciais do experimento liberal no Chile. A escritora Naomi Klein revela no livro *A Doutrina do Choque* a carta que Milton Friedman escreveu para Pinochet defendendo um tratamento de choque na economia. Um relatório detalhado do Public Citizen de 2006 mostra que o desempenho econômico do Chile sob os Chicago Boys foi muito pouco efetivo. O professor José Luís Fiori resumiu neste Sul21, em 2019, o desastre liberal (só em 1982, já sem a desculpa das políticas de Allende, o PIB caiu mais de 13%). A população Chilena acordou e finalmente começa a acertar contas com este passado.

No Brasil este ainda não é o caso. Ao contrário dos EUA, somente de 2015 para cá o governo federal nomeou dois Chicago Boys com a responsabilidade de formular e implementar políticas macroeconômicas. Implementaram suas políticas (ou as políticas favorecidas pelo ‘mercado’) por cerca de metade deste período. E a experiência igualmente não é positiva para o conjunto da economia. Nos anos completos em que o Ministério da Fazenda/Economia esteve sob a direção de Joaquim Levy e Paulo Guedes, a queda cumulativa no PIB foi de mais de 6%. No

⁴⁵² 20 Minutos História: Como nasceu o neoliberalismo? Breno Altman, Opera Mundi, 29 de novembro de 2019, 28:29. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iNEjq-iCEzg> Acesso em 24 de agosto de 2022.

“A crise do capitalismo nos anos 70 e a resposta do capital financeiro contra as concessões do Estado de bem-estar. A experiência chilena sob a ditadura Pinochet. Os governos Thatcher e Reagan. O Consenso de Washington. A hegemonia do pensamento neoliberal após o colapso da União Soviética. Breno Altman, no programa 20 Minutos História, explica as origens e os impactos da ideologia defendida pela Escola da Chicago e por pensados como Friedrich Hayek e Milton Friedman.”

⁴⁵³ Pinochet, o governante “mais violento e criminoso” da história do Chile. Rocío Montes, Ditadura Pinochet, Jornal El País, Santiago do Chile - 06 de outubro de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475720894_534437.html Acesso em 25 de agosto de 2022.

Banco Central, a experiência com esta orientação é mais antiga. O recém-falecido Geraldo Langoni, orientado por Theodor Schultz, foi o primeiro Chicago Boy a presidir o Banco Central do Brasil (criado no primeiro ano da ditadura civil e militar) no início dos anos 1980. O país experimentou sua primeira recessão em décadas em 1981 (após rápido crescimento em 1980), estagnação em 1982 e nova recessão em 1983. Como no Chile, não se pode atribuir o resultado às políticas ‘equivocadas’.

Assim, não é o caso que os EUA não logram enxergar e entender o óbvio e que o Brasil e a América Latina conseguem. Se algo é realmente efetivo para o desempenho, por que não adotar? Se não é, questão resolvida, assumindo que um bom desempenho econômico geral é o objetivo. Considerando a máxima do embaixador e Ministro da ditadura Juracy Magalhães, se não é bom para os EUA, por que seria bom para o Brasil? Uma pista para entender a insistência neste perfil de formulador é o fato de os Chicago Boys serem sempre louvados e celebrados com foguetório pelas instituições financeiras quando assumem a responsabilidade pelas políticas macroeconômicas (posto que, embora o histórico seja amplamente desfavorável para a renda agregada, é amplamente favorável para as rendas do capital).⁴⁵⁴

Com isso a educação que deve ser um direito fundamental⁴⁵⁵ do ser humano e também uma ferramenta para a construção de sociedades mais justa passa a ser mais uma mercadoria a ser usada para a acumulação de renda na mão do setor privado, e com isso contribuir para a manutenção e aumento das desigualdades sociais, para salvaguardar a disponibilidade do “exército de reserva” precarizado e servil (*as reservas de mão de obra do mercado mundial*)⁴⁵⁶. No início da pesquisa, eu não entendia o motivo dos capitalistas desejarem que a população não ganhasse melhores salários para com isso poder ter um maior poder de compra, que reverteria em mais lucros para os capitalistas, mas o que aprendi (em síntese) com as análises de – entre outros estudiosos - Breno Altman ou com o esclarecedor livro *As Veias Abertas da América Latina* de Eduardo Galeano, é que a miséria e o desamparo da população são mais lucrativos e garantem a manutenção do enorme ganho de poucos sobre uma gigantesca massa a ser exaurida com horas e mais horas de trabalho precarizado. O capitalismo para existir depende da máxima exploração.

⁴⁵⁴ Se os Chicago Boys são tão bons, por que os EUA nunca nomearam um deles na área econômica? Marcelo Milan, Sul 21, Economia, 28 de junho de 2021. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniao/2021/06/se-os-chicago-boys-sao-tao-bons-por-que-os-eua-nunca-nomearam-um-deles-na-area-economica-por-marcelo-milan/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁵⁵ *O direito à educação como um direito humano*. Benigno Núñez Novo, Jus, 26 de setembro de 2021. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/93519/o-direito-a-educacao-como-um-direito-humano> Acesso em 25 de agosto de 2022. “Analisando especificamente o direito fundamental à educação na Constituição Federal de 1988, observa-se que o art. 6º da Carta Magna consagra o direito à educação como direito social ao dispor que ‘São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição’. A fim de concretizar o direito fundamental à educação o art. 205 da Constituição Federal estabelece que ‘A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho’. A educação, portanto, é um direito constitucionalmente assegurado a todos, inerente à dignidade da pessoa humana, bem maior do homem, sendo que por isso o Estado tem o dever de prover condições indispensáveis ao seu pleno exercício.”

⁴⁵⁶ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2020. P. 154.

Com isso se entende a máxima de Darcy Ribeiro de que *a crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto*. “A frase de Darcy Ribeiro que titula este artigo sintetiza o governo que nos assola desde o golpe do impeachment: a dita crise, criada de fora para dentro, é um projeto de desconstrução, com início, meio e fim, que percorre todos os vãos da vida nacional”. “Trata-se de projeto político que visa à destruição do presente e do futuro de nosso país, e só isso explica o ataque brutal à geração do conhecimento, mediante a destruição da universidade pública, da pesquisa e da ciência, e dos ensaios de inovação. A crise é o governo que aí está”⁴⁵⁷. Segundo o professor, filósofo e advogado Silvio Almeida – autor do livro *Racismo Estrutural* – “o neoliberalismo é intervenção” e essa intervenção, que acontece inclusive sobre a educação, “tem um objetivo que é fundamental, que é justamente impor a forma de mercado em todos os âmbitos da vida social”, e com isso “há uma concepção do que é a vida social, (...) do que é existência, há uma nova concepção do que é liberdade”, sendo assim, conforme Almeida, e essa “ideia de liberdade está ligada diretamente com uma espécie de generalização da forma mercantil para todos os âmbitos da vida, a forma do mercado”.⁴⁵⁸ Até mesmo os próprio neoliberais vão começar a rejeitar a palavra neoliberalismo, “isso especialmente após a experiência chilena, porque nos anos setenta (...) o golpe de estado sanguinário que foi liderado pelo general Augusto Pinochet” - com mais uma vez a ajuda total dos EUA⁴⁵⁹ - que “impôs diversas

⁴⁵⁷ *A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto - Cortes deliberados em ciência, tecnologia e educação são parte do plano antinacional de inviabilização do futuro do Brasil*. Carta Capital, 05 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-crise-da-educacao-no-brasil-nao-e-uma-crise-e-projeto/> Acesso em 20 de julho de 2022.

⁴⁵⁸ *O que é o Neoliberalismo?* Silvio Almeida, Silvio Responde, 28:19, 27 de outubro de 2021, (9:45-10:20). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjG5JgpnzaA> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁵⁹ Há 46 anos, golpe com apoio dos EUA inaugurava ditadura de Pinochet. Antonio Alonso, Fundação Perseu Abramo, 11 de setembro de 2019. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2019/09/11/ha-46-anos-golpe-militar-com-apoio-dos-eua-inaugurava-ditadura-de-pinochet/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

“O golpe teve o apoio militar e financeiro da CIA (agência central de inteligência dos Estados Unidos), de empresas multinacionais, de empresários locais e também de organizações neofascistas chilenas, como o grupo Patria y Libertad. Foi o desfecho de uma estratégia de desestabilização econômica e política organizada pelos norte-americanos, com ações da CIA, e por opositores internos de Allende. Na hora da derrubada de Allende, os golpistas contavam com o apoio de forças navais dos Estados Unidos estacionadas próximas da costa chilena, prontas para um desembarque caso houvesse forte resistência. Nas horas seguintes ao golpe, milhares de pessoas foram presas e levadas para o Estádio Nacional, onde muitas foram assassinadas. Milhares de chilenos partiram para o exílio. A violência do golpe também alcançou centenas de brasileiros que haviam se asilado no Chile para escapar da ditadura no Brasil. Alguns foram presos, outros se abrigaram em embaixadas até a obtenção de salvo-conduto para outros países. Cinco brasileiros desapareceram e certamente foram mortos: Jane Vanini, Luiz Carlos Almeida, Nelson de Souza Kohl, Túlio Roberto Cardoso Quintiliano e Wânio José de Matos. As liberdades e garantias constitucionais foram suprimidas, o Parlamento foi fechado e teve início uma perseguição implacável às pessoas ligadas ao governo deposto ou vinculadas a sindicatos e movimentos de esquerda. A tortura se institucionalizou e contou com apoio técnico de militares norte-americanos e das ditaduras vizinhas, como a do Brasil e, a partir de 1976, também a da Argentina. Em 1974, Pinochet assumiu formalmente o cargo de Chefe Supremo da Nação e, quatro anos depois, em 1978, realizou um plebiscito de cartas marcadas para respaldar sua permanência no poder.

reformas neoliberais e que tiveram apoio de Hayek e Milton Friedman, Hayek inclusive falando à respeito de um autoritarismo ou de uma ditadura transicional que tornasse possível a realização das reformas” e justamente aí irá aparecer a contradição tanto do capitalismo como do neoliberalismo, uma “defesa da liberdade, do indivíduo e o autoritarismo político, que do ponto de vista histórico, fez parte daquilo que se costuma chamar de experiências neoliberalizantes ou experiências neoliberais”⁴⁶⁰, e o golpe de estado e a ditadura chilena inauguram essas “experiências” e o no Brasil pós-golpe de 2016 essas experiências não intensificadas.

E é nesse ambiente de desmonte da educação pública e de tentativas de vilanização dos profissionais que defendem a educação pública de qualidade, que surgem as marchas e resistências de estudantes secundaristas e universitários. A escultura *Interdição Educação* (fig. 144) foi a minha tentativa de denunciar essas questões ligadas ao fechamento arbitrário de escolas públicas, ao não repasse de verbas federais para universidades, ao sucateamento deliberado com vistas ao impedimento das escolas e universidades manterem as suas portas abertas aos estudantes da rede pública. Interditar o acesso à educação pública faz parte do programa neoliberal, em pelo menos três pontos: não “se gasta” (deixa-se de investir) em educação pública e esse dinheiro poderá ser desviado – como tem acontecido nos governos pós-golpe de 2016 – para outros fins⁴⁶¹; as pessoas com recursos

Implantou um regime econômico liberal monetarista que levou o país a uma grave depressão no início dos anos 1980, dando início aos primeiros protestos contra seu governo.”

Richard Nixon: “Se houver uma forma de desbancar Allende, é melhor fazer isso”.

Cinquenta anos depois da chegada do socialista à presidência do Chile, o Arquivo de Segurança Nacional dos EUA divulga documentos inéditos que revelam as estratégias de Washington para desestabilizá-lo. Rocío Montes, El País, Santiago do Chile, 11 de novembro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-11/richard-nixon-se-houver-uma-forma-de-desbancar-allende-e-melhor-fazer-isso.html> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁶⁰ *O que é o Neoliberalismo?* Silvio Almeida, Silvio Responde, 28:19, 27 de outubro de 2021, (10:37-11:38). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjG5JgpnzaA> Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁴⁶¹ *Projeto de Bolsonaro quer tirar dinheiro do pré-sal da saúde e educação - Em ano eleitoral, governo prevê conseguir até R\$ 398 bi com venda antecipada da parte da União em blocos de petróleo.* Vinicius Konchinski, Brasil de Fato, Curitiba (PR), 10 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/10/projeto-de-bolsonaro-quer-tirar-dinheiro-do-pre-sal-da-saude-e-educacao> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Medida eleitoral de Bolsonaro e Guedes sobre ICMS tira dinheiro da educação e saúde. CPERS, 8 de junho de 2022. Disponível em: <https://cpers.com.br/medida-eleitoral-de-bolsonaro-e-guedes-sobre-icms-tira-dinheiro-da-educacao-e-saude/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Governo libera verbas a aliados enquanto trava R\$ 434 milhões para obras paradas - Levantamento feito pelo jornal Folha de S. Paulo revela detalhes de como o Centrão, com aval do presidente, transformou as verbas da Educação em uma balcão de negócios. Carta Capital, 19 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-libera-verbas-a-aliados-enquanto-trava-r-434-milhoes-para-obras-paradas> Acesso em 25 de agosto de 2022.

“O governo de Jair Bolsonaro (PL) travou a liberação de 434 milhões de reais necessários para concluir a construção de mais de 1.700 escolas, creches e outras estruturas de educação em mais de 1.300 municípios de todo o Brasil. Ao todo, 77% dos empenhos acertados há anos foram cancelados pelo Ministério da Economia, que não respondeu o que pretende fazer para garantir o término das obras. Os dados reforçam a ausência de critérios técnicos na atual gestão do Fundo Nacional de

irão pagar para seus filhos receberem educação em escolas privadas e por fim um enorme contingente de jovens de baixa renda não terá acesso à educação de qualidade e com isso estarão à mercê da exploração irrestrita do sistema capitalista. Segundo o pesquisador francês da história da filosofia e da sociologia Christian Laval - em seu livro de 2003, publicado no ano seguinte no Brasil, *A Escola não é uma Empresa: O neoliberalismo em ataque ao ensino público* – com a mercantilização da educação “a escola é olhada (...) como uma escola com finalidade profissional, destinada a fornecer uma mão-de-obra adaptada às necessidades da economia” e com isso “essa intervenção” (neoliberal) “mais direta é mais ativa das empresas em matéria de pedagogia, de conteúdos e de validação das grades curriculares e dos diplomas constitui uma pressão da lógica do mercado do trabalho sobre a esfera educativa” (LAVAL, 2004, p. 111). É uma escola que, especialmente reforça as desigualdades sociais:

Os liberais apresentam de bom grado, a liberdade de escolha da matéria de escola como meio eficaz de regulação. Na verdade, é sobretudo um modo eficaz de reprodução. O mercado educativo é, com efeito, uma máquina para discriminar as crianças das classes populares. A desigualdade frente à escola não é mais somente o fruto de uma seleção pela escola, ele é o resultado das condições desiguais de escolha da escola. Segundo a importância dos recursos econômicos e culturais, a possibilidade de fazer escolhas, a capacidade que se pode dizer estratégica, é desigualmente distribuída na população. Contrariamente ao que pretende a ideologia do mercado, não há nem formação homogênea das preferências, nem igualdade de chances necessárias para construir escolhas racionais segundo os grupos sociais. Essa fabricação das escolhas é socialmente determinada. (LAVAL, 2004, p. 172)

O programa de privatizações neoliberais iria se intensificar nos anos oitenta, com o ator Ronald Regan (EUA) e Baronesa Margaret Thatcher (UK), segundo Laval:

Um dos fatores que contribuíram para naturalizar a ideia de que a educação poderia ser objeto de escolha em um mercado livre foi, evidentemente, o sucesso político do neoliberalismo nos anos 1980. A ideologia do livre mercado encontrou nos Estados Unidos e na Inglaterra seu terreno clássico de aplicação antes de se difundir universalmente. Ronald Reagan em seu programa eleitoral de 1980, prometia a desregulamentação da educação pública, a eliminação do departamento federal de educação e a supressão do transporte escolar público. As escolas deveriam se transformar em empresas com fim lucrativo na medida em que a eficiência do

Desenvolvimento da Educação (FNDE). Os municípios do Ceará, por exemplo, concentram 11% dos valores em atraso, mas só receberam uma parcela de 7% dos pagamentos do fundo em 2021 e apenas 2,6% em 2022. O estado era comandado por Camilo Santana (PT) até março deste ano, quando passou a gestão para Maria Izolda (PDT) por ocasião das eleições. Enquanto isso, o MEC e o FNDE abrem os cofres para aliados do governo e do Centrão, em especial do presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) e do ministro da Casa Civil Ciro Nogueira (PP-PI). Vale ressaltar que Marcelo Ponte, que comanda os recursos, é ex-assessor do ministro. Sete cidades de Alagoas, por exemplo, concentram quase um terço dos recursos liberados. Somente 1,4% dos recursos atrasados do FNDE é relacionado a prefeituras alagoanas. No Piauí, cidades foram privilegiadas na compra de ônibus rurais com suspeitas de superfaturamento.”

mercado seria presumidamente capaz de melhorar o acesso à educação e à qualidade do ensino, desembaraçando-o dos regulamentos burocráticos e dos sindicatos. Esse desengajamento do país ampliava o papel das autoridades locais diminuindo, ao mesmo tempo, os créditos alocados aos programas em favor dos pobres e das minorias. (...) Em 1983, ele propunha uma legislação instaurando um sistema de bônus e de créditos [que deverão ser pagos posteriormente], os vouchers, (...) sistema inspirado nas proposições do economista liberal Milton Friedman. (...) Instaurado em grande escala a partir de 1980 no Chile de Pinochet [sanguinário ditador], adepto das receitas dos Chicago Boys, é esse sistema que George Bush pai depois George Bush filho buscam instalar em escala nacional. Para alcançar todo o país, uma mobilização importante de lobbies foi constituída, agrupando associações conservadoras e representantes de escolas privadas em uma coalizão nacional, Americans for Educational Choice, criada em 1988. (...)

O exemplo do Chile demonstra que os resultados de um sistema de bônus, no caso da performance escolar, são mais negativos e que eles aumentam nitidamente a segregação social (...). (LAVAL, 2004, p. 91-92)

A forma da escultura *Interdição Educação* é herdeira de elementos (cadeira e barreira militar) de peças anteriores, mas nessa escultura a barreira militar não é uma extensão da estrutura da cadeira (como nas esculturas *Quatro Poderes* e *Barreira Militar Rietveld*), nesse caso o espinho que interdita está atravessado na cadeira escolar. Hoje penso que contraditoriamente essa peça poderia ser lida de duas maneiras, pelo menos.

Como interdição à educação pelo ideário neoliberal tocado pelo governo golpista do traidor Michel Temer, no sentido de impedir ou dificultar o acesso do povo à educação crítica de qualidade (continuado pelo governo de J.M.B., que inclusive irá promover o problemático, para dizer o mínimo, *homeschooling*, o ensino em casa), e mais especificamente com as perseguições à educação pública, pela suposta preocupação do governo de J.M.B. que pretendia transformar e criar escolas militares onde os alunos estariam livres da “doutrinação esquerdista/marxista/comunista” e da promoção da “ideologia de gênero” que iria “sexualizar precocemente” os alunos – duas cortinas de fumaça habilmente utilizadas pelos partidos militares, pelos partidos que se vendem como conservadores e por parcelas dos evangélicos – tais táticas de engajamento provocaram a histeria de muitos desavisados – essa tática foi empregada nas eleições de 2018 contra o candidato Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores à presidência da República, que assumiu a tarefa de ser candidato no lugar do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que havia sido preso ilegalmente pela operação Lava Jato, pois estava em primeiro lugar nas pesquisas eleitorais de 2018. Sendo essas questões ligadas ao Movimento Escola Sem Partido que retoma com violência um assunto de 2003, promovido desde o início por grupos neoliberais reacionários. Segundo a contundente e clara explanação de Fernanda

Pereira de Moura, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro:

A maioria dos propositores de PLs de censura à educação faz parte da chamada ‘bancada da Bíblia’, isto é, são membros da Frente Parlamentar Evangélica ou da Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana. Como destaca o deputado Givaldo Carimbão, criador e líder da frente católica, os dois grupos atuam juntos politicamente na defesa de algumas das pautas mais reacionárias no Congresso Nacional hoje. São contra a ‘ideologia de gênero’, defendem o Escola Sem Partido, são contra o aborto, a eutanásia, a pesquisa com células-tronco, defendem ‘comunidades terapêuticas’ religiosas como espaço adequado para tratamento de dependentes químicos, a volta da educação moral e cívica nos currículos escolares e o ensino religioso confessional nas escolas públicas. (...)

Esses grupos fundamentalistas naturalizam o modelo de família nuclear (pai, mãe, filhos), que é uma construção social, e o apresentam como criação divina. Essa origem extraterrena daria à família direitos superiores aos do Estado e também superiores aos dos seus próprios membros, principalmente quando se trata de mulheres e crianças. A própria utilização do artigo 12 da Convenção Americana dos Direitos humanos (citada anteriormente) para restringir o acesso das crianças e adolescentes apenas a informações que sejam do desejo das famílias deixa evidente que o projeto se baseia na negação da criança e do adolescente como sujeitos de direitos. Em um país onde 70% dos casos de estupro têm como vítimas crianças e adolescentes e, na maioria das vezes, o agressor é um conhecido ou membro da família, esses grupos querem negar o acesso dos jovens às discussões sobre gênero e sexualidade, alegando que estas resultam em uma “sexualização precoce”. Também defendem que o aborto deve ser proibido em qualquer caso, inclusive em gravidez decorrente de estupro ou que represente perigo para a vida da mãe, como é o caso das gestações de adolescentes e pré-adolescentes. São, ainda, os mesmos grupos que trabalham pela redução da maioridade penal, alegando que um jovem de 16 anos tem plena consciência de todos os seus atos. Em suma, adolescentes podem ser pais e mães, podem ser presos, só não podem ter garantido o seu direito constitucional à liberdade de aprender. (...)

O discurso de ódio contra os professores está difundido e são muitos os docentes que estão sendo perseguidos, filmados e expostos nas redes sociais, linchados virtualmente e ameaçados de agressões, morte e estupro. A categoria já está, nesse momento, sofrendo perseguições típicas de regimes autoritários. São comuns as comparações com a situação de medo vivida por professores no período do macarthismo nos Estados Unidos, na ditadura militar brasileira e no regime nazista. (...)

É a liberdade de aprender, ensinar e divulgar o saber que está em risco, e, consequentemente, a própria democracia. Os ataques, que já haviam se tornado comuns na educação básica, se alastraram também para a universidade no período eleitoral [2018]. E a fórmula anunciada como capaz de acabar com a suposta doutrinação na educação é o ensino à distância e a privatização das instituições de ensino públicas, incluindo as universidades. O Escola Sem Partido é também uma estratégia de desmonte da ciência brasileira.⁴⁶²

⁴⁶² *Escola Sem Partido: Origens e ideologias*. Fernanda Pereira de Moura, Ciência Hoje, janeiro de 2019. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/escola-sem-partido-origens-e-ideologias/> Acesso em 26 de agosto de 2022.

“O movimento Escola Sem Partido se fortaleceu nos últimos anos e se espalha em projetos de lei Brasil afora, na tentativa de implementar a censura em sala de aula e dar um fim ao Estado laico. O tema está cada vez mais presente na imprensa, nas redes sociais e nos discursos dos políticos e suscita um debate bastante polarizado. Apesar disso, o desconhecimento sobre o que está por trás desse movimento ainda é grande. Este artigo discute como nasceu e quais ideologias sustentam o Escola Sem Partido. Temas como Escola Sem Partido e as chamadas ‘ideologia de gênero’ e ‘doutrinação ideológica’ entraram de vez para o repertório de conversas dos brasileiros nos últimos meses. Apesar da popularização e da polarização desse debate, que está na imprensa, nas redes sociais e nos discursos dos políticos, o desconhecimento sobre o que está por trás desse movimento, que se fortaleceu nos últimos anos, ainda é grande. E as expressões escolhidas para apresentar essa pauta conservadora iludem muitos simpatizantes, pois significam o exato oposto do que o movimento é na

A outra interpretação, que acredito ser menos provável, estaria ligada às barricadas feitas com cadeiras e mesas escolares dos alunos secundaristas que ocuparam as suas escolas para que não fossem fechadas entre 2015 e 2016⁴⁶³.

realidade. Ou seja, existem sim ideologia e partidos na raiz e no crescimento dessa onda de ‘desideologização’ das salas de aula. Uma breve história do movimento. Para entender essa história, é preciso voltar ao não tão longínquo ano de 2003, quando o movimento começou. Segundo o seu fundador e também coordenador, o procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib, o professor de história de uma de suas filhas teria comparado Che Guevara, um dos líderes da revolução cubana, a São Francisco de Assis. Tudo teria nascido da simples revolta de um pai... Mas não é bem assim. O que a história contada pelo movimento não diz é que Nagib foi membro do Instituto Liberal de Brasília, cuja missão é defender e difundir valores neoliberais com o apoio financeiro de grandes grupos econômicos. Foi nesse espaço seu maior contato com as teses de Nelson Lehmann da Silva e Olavo de Carvalho, ideólogos da concepção de ‘doutrinação’ na educação brasileira. Também foi nesse espaço que Nagib conheceu o sociólogo Bráulio Porto de Matos, hoje vice-coordenador do movimento Escola Sem Partido (ESP).

Outra parte não contada da história é que Nagib era articulista do Instituto Millenium, outro que defende e trabalha pelo neoliberalismo e para o qual escreveu, entre outros, um artigo intitulado ‘Por uma educação que promova os valores do Millenium’. Nesse artigo, de 2007, deixava claro que, para ele, a educação deveria ser lócus de difusão dos ideais neoliberais. Discurso muito diferente do que faz quando fala como coordenador do movimento ESP (desde 2004 até hoje) e diz que seu objetivo é combater a doutrinação nas escolas. Um movimento com partidos.

Apesar de seu coordenador fazer parte dos círculos do poder, como o Instituto Liberal e o Millenium, o movimento foi insignificante por praticamente 10 anos. Apenas em **2014**, o ESP começou a ser levado a sério, quando o deputado estadual **Flavio Bolsonaro** encomendou a Nagib um **projeto de lei de censura aos professores**, que **o próprio político sugeriu batizar de Programa Escola Sem Partido**. O deputado foi então o primeiro a apresentar um projeto de lei que trata de ESP em uma casa legislativa, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), o que foi **imediatamente copiado por seu irmão Carlos Bolsonaro, em nível municipal, na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro**.

Em 2016, o ESP decidiu influir mais abertamente nas eleições e divulgou, na página da internet onde listava seus anteprojetos de lei, santinhos de candidatos que assinassem o termo de compromisso com o movimento. Assim, com representantes eleitos, o ESP pôde se espalhar ainda mais por todo o país. No dia 15 de **agosto de 2017, o Movimento Brasil Livre (MBL) criou um dia nacional de mobilização pelo Escola Sem Partido**, que foi responsável por dobrar o número de projetos de lei (PL) sobre o tema naquele ano.

Começou então a corrida presidencial de 2018. Nestas eleições, já com mais de 150 projetos em todo o Brasil e a crença difundida na sociedade de que há doutrinação de esquerda e de gênero acontecendo nas unidades escolares, o ESP voltou a atuar abertamente nas eleições. Desta vez, inclusive, declarando apoio a um candidato à Presidência, Jair Bolsonaro, do PSL, mesmo havendo outros dois postulantes que também defendiam seus ideais – Henrique Meirelles (MDB) e Cabo Daciolo (Patriota). Ainda durante a campanha e nos dias imediatamente posteriores à eleição do candidato do PSL, houve uma enxurrada de denúncias contra professores. Um início do que está por vir: se aplicarem o que está sendo declarado, o Escola Sem Partido se tornará uma política de governo.”

⁴⁶³ *Sob pressão da Justiça, secundaristas completam um mês de ocupações nas escolas - Multa e até técnicas de tortura são usadas por magistrados para tentar sufocar um movimento que tem como bandeira a educação pública. Carta Capital, 4 de novembro de 2016.* Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/sob-pressao-da-justica-estudantes-secundaristas-completam-um-mes-de-ocupacoes-nas-escolas> Acesso em 26 de agosto de 2022.

“Contrários a duas das principais medidas anunciadas pelo governo Michel Temer recentemente, os estudantes secundaristas completaram, nesta quinta-feira, um mês do início das ocupações de escolas públicas pelo País. Até a semana passada, registrava-se mais de mil escolas sob o comando dos estudantes. Mas uma semana depois, e 30 dias desde a primeira ocupação, o movimento secundarista é sufocado por decisões de reintegração de posse da Justiça brasileira, com direito até a técnicas de tortura. (...) Embrião do movimento, o Paraná é o foco da maior parte das reintegrações de posse. A pedido da Procuradoria-Geral do Estado, a Justiça determinou ontem a desocupação de 45 colégios apenas em Curitiba. Entre eles está o Colégio Estadual do Paraná (CEP), maior e mais simbólico do Estado. Esse é a segunda decisão envolve escolas da capital paranaense nos últimos dias. Um outro despacho, da juíza Patrícia de Almeida Gomes Bergonse, da 5ª



Fig. 144 *Interdição Educação*, série: *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar*
2016-2019, madeira, aço e pintura, 170 x 170 x 170 cm
Trabalho mostrado na exposição individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019, Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Ian J. Duarte Lucas

Vara de Fazenda Pública, determinava que os estudantes deixassem 25 colégios imediatamente e de forma voluntária, sob pena de multa diária de R\$ 10 mil. Um alto valor para estudantes que, muitas vezes, são de famílias de baixa renda.”
A subversão dos alunos que ocuparam suas escolas. Luis Nassif, Jornal GGN, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/politica/a-subversao-dos-alunos-que-ocuparam-suas-escolas/> Acesso em 26 de agosto de 2022.
Escola Sem Partido: amordaçar os professores para aprofundar os ataques à educação - Uma das pretensões da “Lei da mordaça” é o ataque à liberdade, que é uma das conquistas da sociedade moderna. Regis Clemente da Costa, Brasil de Fato, Curitiba, PR, 07 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2018/12/07/escola-sem-partido-amordacar-os-professores-para-aprofundar-os-ataques-a-educacao> Acesso em 26 de agosto de 2022.



Fig. 145 *A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (A democracia depende da educação política)*, série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar, díptico, 2019, tinta sobre placa de alumínio composto (ACM), verniz e tinta automotiva e madeira
fotografia: Ian J. Duarte Lucas



Fig. 146 *A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (O fascismo depende da ignorância)*, série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar, díptico, 2019, tinta sobre placa de alumínio composto (ACM), verniz e tinta automotiva e madeira
fotografia: Ian J. Duarte Lucas

A entrada da exposição *Necrocolônia 2016-2019* (a primeira sala e o corredor em frente da sala) foi dedicada ao tema da educação⁴⁶⁴. A escultura *Interdição Educação* (série: *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar*) era a primeira peça a ser vista e na mesma sala entre as duas paredes que cercavam *Interdição Educação* estavam as duas pequenas esculturas que representam lousas escolares (quadros-negros, quadros-de-giz), um díptico chamado de *A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico* (série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*), onde em uma delas estava gravado em baixo relevo a seguinte frase do jornalista da TV 247, Leonardo Attuch - “A democracia depende da educação política” (fig. 145), e na outra - “O fascismo depende da ignorância” (fig. 146). Foi um trabalho feito dentro do mesmo momento histórico da primeira peça *Interdição Educação*. Na época a educação me parecia ser a questão central do problema do fascismo, que estava ganhando as ruas a partir de discursos de ódio espalhados nas redes sociais e se transformando em ações – intimidações, xingamentos, espancamentos e assassinatos, que só aumentaram em número e intensidade sob a dicção do genocida⁴⁶⁵ J.M.B. Esses discursos e incitações a violências eram estimulados por atores de diferentes níveis sociais e financeiros das extremas direitas locais e internacionais.

⁴⁶⁴ Sugiro assistir ao vídeo da exposição que apresenta o percurso da mostra. *Necrocolônia 2016-2019*, Verve Galeria, São Paulo, 2019, 7:59. Imagens e edição de Jerri Rossato Lima e som de Marcelo Armani. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5oLJnthYC5/>

⁴⁶⁵ *Acusar Bolsonaro de genocida é direito dos vivos exercido em nome de mortos*. Leonardo Sakamoto, UOL e Isadora Attab, Elefante Edições, 26 de agosto de 2022. Disponível em: https://elefanteeditora.com.br/acusar-bolsonaro-de-genocida-e-direito-dos-vivos-exercido-em-nome-de-mortos/?ct=t%28DAREDAO_breno%2311_Tira%2323_Retratos_20201025_COPY_%29&mc_cid=9cd2a89344&mc_eid=aedfe1c0a6 Acesso em 28 de agosto de 2022.

“O Ministério Público Eleitoral deu parecer de que não viu infração de Lula por ter chamado Bolsonaro de ‘genocida’. Alegou liberdade de expressão. A depender do que decida o Tribunal Penal Internacional e o Tribunal Permanente dos Povos, onde há ações contra o presidente por genocídio, o MPE também poderá alegar que Lula estava apenas relatando uma notícia. A questão é que criminalizar a avaliação de Bolsonaro como genocida é proibir que os brasileiros denunciem a necropolítica de seu presidente, garantindo, através da imposição do silêncio, que ele continue sendo tratado como se nada tivesse feito. E, dessa forma, decidindo quem vive e quem morre. Aguardar esse tipo de definição de instâncias formais de Justiça é jogar o jogo dos genocidas e dos torturadores, que se aproveitam de sistemas que, quando não são coniventes, são preparados para que esses crimes sejam praticados impunemente. Ora, não podíamos chamar o carniceiro e assassino covarde Carlos Alberto Brilhante Ustra de torturador porque não havia uma condenação formal? É o que os fãs dos torturadores querem. A sociedade civil, a imprensa e a oposição política não têm apenas o direito, mas o dever de chamar as coisas por seu nome em nome daqueles que morreram e não podem mais fazer isso. Não é incitação contra o presidente, mas simplesmente apontar o que o conjunto de evidências mostram. E pelas denúncias feitas ao Tribunal Penal Internacional e ao Tribunal Permanente dos Povos, há elementos de sobra para tanto. Será que parte da Justiça que fica horrorizada de chamar Ustra de torturador ou Bolsonaro de genocida teve o mesmo comportamento quando o governo federal brigou no STF para não implementar medidas a fim de proteger a vida de povos indígenas durante a pandemia e quando agiu deliberadamente para garantir que garimpeiros, madeireiros e grileiros de terra fossem livres para levar doença e morte aos territórios de populações tradicionais? Bolsonaro parece ter feito um cálculo mórbido: os mortos pelo

Hoje entendo que não se trata apenas da educação, pois existem muitos agentes do mercado financeiro, por exemplo, que tiveram todo o acesso à educação de qualidade, mas os pontos estão ligados ao poder, à conquista e manutenção do poder, financeiro e político – pois eles se retroalimentam – e custe o que custar. Os problemas decorrem do capitalismo, do neoliberalismo, do colonialismo, do imperialismo. Mas claro que é mais fácil manipular - por propaganda disfarçada de jornalismo ou negócio disfarçado de educação - a porcentagem da população que tiver menos acesso a uma formação crítica e for sujeitada a apenas uma formação técnica elementar, sem acesso maior à história, à sociologia, à filosofia. Por esse motivo também os neoliberais buscam interditar a formação crítica da população – onde a educação pública de qualidade deve ser sabotada – pois quando a educação vai parar nas mãos de grandes grupos privados transnacionais, a educação pode ser voltada exclusivamente para a lógica neoliberal de “formar profissionais para o mercado” e não formar seres humanos que possam agir em prol de um mundo menos injusto.

Com isso em vista, arrisco adiantar que as investigações vindouras para a continuidade dos trabalhos da série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*, em especial os futuros quadros-negros, serão na direção de investigar o que Domenico Losurdo propõe em especial no subcapítulo *Os Estados Unidos e as Raízes Político-Culturais do Nazismo*, pertencente à terceira parte – *Imperialismo Estadunidense, o Inimigo principal* – do livro *Colonialismo e Luta Anticolonial: Desafios da revolução no século XXI* (2020). Pois o nazismo e o fascismo foram inspirados nas ações genocidas/eugenistas do capitalismo imperialista estadunidense. Conforme Losurdo:

(...) notáveis historiadores demarcaram o século XIX como aquele em que se concretiza o “holocausto estadunidense” (ou a “solução final na questão dos ameríndios”) e em que se consumaram o “holocausto australiano” e os “holocaustos tardovitorianos”. Estamos diante de horrores que afetam a própria metrópole, não somente os Estados Unidos – onde “a degradação e a aniquilação dos indígenas da Califórnia” se torna “uma espécie de esporte popular” e o linchamento sádico dos negros se configura como um espetáculo de massas, regularmente anunciado pela imprensa local e presenciado, com apaixonada participação, por

coronavírus e suas ameaças contra a democracia causariam um dano menor para suas intenções eleitorais do que a fome e a inflação. Sim, ao que tudo indica, o presidente prefere ser chamado de genocida e de golpista do que de Bolsocaro. Para ele, os mais de 680 mil mortos (ou 0,32% da população) ainda são um número menos preocupante do a inflação de dois dígitos, que o afasta dos eleitores que ganham até dois salários mínimos. Mas essa preferência também se deve ao fato dele saber que será protegido por parte do sistema, que evita responsabilizá-lo por uma parte dessas mortes, concordando com o seu discurso de que ele nada poderia ter feito. Mentira. Até um cone de trânsito, daqueles laranjas com listras brancas, se colocado na cadeira do principal gabinete do Palácio do Planalto teria causado menos mal. Porque é da natureza dos cones não fazer nada, enquanto Bolsonaro agiu deliberadamente contra a vida humana. Que tenhamos coragem de permitir que as coisas sejam chamadas pelo que elas são para que possamos continuar dizendo que este país é uma democracia.”

uma multidão composta inclusive de mulheres e crianças -, mas também a Europa: o principal responsável (*sir Trevelyan*) pela polícia inglesa, que, em meados do século XIX, leva centenas de milhares de irlandeses a morrerem de fome, foi tachado de “proto-Eichmann”. (LOSURDO, 2020, p. 95-96)

No século XX Hitler vai propor em seu livro *Mein Kampf - na véspera da Operação Barbarossa* - a “eliminação dos comissários bolcheviques e da intelectualidade comunista”, assim como *na campanha na Polônia a “eliminação das forças vitais” dos poloneses; “todos os representantes da intelectualidade polaca devem ser aniquilados”,* e o genocida justifica tais atrocidades afirmando que *“isso pode soar duro, mas é sempre uma lei da vida”, é preciso “proceder de modo brutal”,* sem se deixar acometer pela “compaixão”; o direito está ao lado do mais forte” (LOSURDO, 2020, p. 98).

Losurdo segue apontando as influências do movimento eugênico estadunidense sobre os alemães no início do século XX:

Nos Estados Unidos da white supremacy, o programa de reafirmação das hierarquias raciais está estreitamente ligado ao projeto eugenista⁴⁶⁶. Trata-se, em primeiro lugar, de encorajar a procriação dos melhores e desencorajar a dos piores, de modo a afastar o perigo de “*race suicide*”. Cunhada em 1901 pelo sociólogo estadunidense Edward Alsworth Ross, essa expressão se difunde no mundo político e na opinião pública sobretudo a partir de Theodore Roosevelt. (...) Tal discurso suscita simpatia na cultura e na imprensa de língua alemã. (...) Com linguagem ligeiramente diferente Hitler alerta contra o Volkstod – a “morte do povo” ou da raça – ou contra “a dizimação e a degradação” da população alemã. (LOSURDO, 2020, p. 101)

Assim como os estadunidenses e Hitler, também J.M.B. fala e promove ações contra os indígenas⁴⁶⁷, em frases criminosas como “A cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente,

⁴⁶⁶ Eugenia que infelizmente prosperou muito Brasil nos círculos oficiais comandado pelas elites, em escolas de medicina, de direito, entre intelectuais e políticos e na forma de programas de governo, entre o final do século XIX e o final da Segunda Guerra, quando o holocausto promovido pelos nazistas horrorizou o mundo, e tornou essa pseudociência (que foi a base “científica” para justificar as atrocidades nazistas) vexatória e indefensável (ao menos publicamente). Ver - DIWAM, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2015. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴⁶⁷ *Nem um centímetro a mais para os indígenas e para a biodiversidade no Brasil de Bolsonaro - Presidente paralisa a criação de novas unidades de conservação e de terras indígenas, o que incentiva invasões e prejudica o combate ao aquecimento global*. Naiara Galarraga Gortázar, El País, São Paulo, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-20/nem-um-centimetro-a-mais-para-os-indigenas-e-para-a-biodiversidade-no-brasil-de-bolsonaro.html> Acesso em 28 de agosto de 2022.

“Paralisar as demarcações é parte do progressivo dismantelamento da política ambiental e indigenista brasileira. As consequências da falta de ação do Executivo neste âmbito são muitas e diversas, afirma o indigenista André Villas-Boas, do Instituto Socioambiental. A primeira é que os conflitos de terras permanecem abertos ou, inclusive, se agravam. Isso porque, segundo explica, ‘a demarcação põe fim às disputas fundiárias, estabelece que a terra é o índio, e que os não índios têm que sair delas’. Sem esse reconhecimento oficial, ‘a situação é caótica’. As terras que se encontram nesse limbo são um alvo mais fácil para criminosos ou para pessoas que buscam a vida em meio à falta de alternativas. Multiplicam-se as

sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e hoje em dia não tem esse problema em seu país”⁴⁶⁸. Voltando à Alemanha Nazista, “após a conquista do poder e a eclosão da guerra, o Führer reitera seu ponto de vista: a guerra contra os ‘indígenas’ da Europa oriental é comparada à ‘guerra contra os índios’, à luta ‘contra os índios da América do Norte’; tanto num caso quanto no outro, ‘será a raça mais forte que triunfará’” (LOSURDO, 2020, p. 116). “O Terceiro Reich se apresenta como a tentativa, levada adiante nas condições da guerra total e da guerra civil internacional, de realizar um regime de *white supremacy* em escala planetária e sob a hegemonia alemã, por meio de medidas eugênicas, político-sociais e militares” (LOSURDO, 2020, p. 122). Tanto Hitler quanto J.M.B. têm os supremacistas brancos estadunidenses como referências, gente ligada, apoiada e apoiadora de Donald Trump⁴⁶⁹ – onde a sua família tem um possível histórico de

invasões para explorar ilegalmente as riquezas ali contidas —seja madeira, ouro ou terreno para transformar em pasto. Outra manobra é se instalar por lá, empreender uma atividade econômica —como a pecuária— e torcer para que, com, o passar dos anos chegue uma anistia pelas mãos de algum presidente que aceite legalizar o que começou como uma ocupação ilegal. A expectativa de que Bolsonaro agirá dessa forma fez as invasões dispararem na Amazônia. Além de dificultar o trabalho dos fiscais ambientais, que são poucos e cada vez menos numerosos, de reduzir o valor das multas e de promover uma custosa mobilização militar na Amazônia, o Governo anunciou a iniciativa Adote um Parque. Buscou patrocínio de empresas e particulares que se dispusessem a bancar a preservação de 63 milhões de hectares (15% da Amazônia). Poucas companhias aderiram. Diante da paralisação governamental, a natureza fica também menos protegida. A Fundação Nacional do Índio (Funai) diz em seu site que as demarcações ‘favorecem a proteção ambiental e a biodiversidade, assim como o controle climático global, já que as terras indígenas representam as áreas mais protegidas ambientalmente’. Os dados do último ano confirmam isso. O desmatamento foi o mais elevado em 12 anos, e a superfície destruída nas áreas sem proteção foi cinco vezes maior que nas protegidas (a área queimada por incêndios foi o triplo), segundo a base de dados Alerta+.”

2019, o ano em que o Brasil mais matou indígenas - Desde que o governo foi assumido pelo presidente Jair Bolsonaro, os ataques aos territórios indígenas foram intensificados. Marcos Colón, Público (Portugal), 21 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/204415> Acesso em 28 de agosto de 2022.

⁴⁶⁸ É verdade que Bolsonaro elogiou cavalaria norte-americana por dizimar índios. Chico Marés, Lupa, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/> Acesso em 28 de agosto de 2022.

Dito por J.M.B. em “15 de abril de 1998, num pronunciamento realizado por ele quando ainda era deputado federal pelo PPB (atual PP)”.

⁴⁶⁹ EUA: Trump estimula violência política dos supremacistas brancos na campanha - Entenda como se formou a nova extrema-direita racista nos EUA. Milton Alves, Brasil de Fato, Curitiba, 04 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2020/10/04/eua-trump-estimula-violencia-politica-dos-supremacistas-brancos-na-campanha> Acesso em 28 de agosto de 2022.

Proud Boys, o grupo de ultradireita só de homens que Trump se negou a condenar - “Retrocedam e esperem” foi o pedido que o presidente norte-americano fez ao grupo, vinculado pelo FBI com o nacionalismo branco e a misoginia. Antonia Laborde, El País, Washington, 01 de outubro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-01/proud-boys-o-grupo-de-ultradireita-so-de-homens-que-trump-se-negou-a-condenar.html> Acesso em 28 de agosto de 2022.

participação na Ku Klux Klan (KKK)⁴⁷⁰. Trump que enquanto presidente era idolatrado por J.M.B.⁴⁷¹ e seu filho.

Esses foram alguns dos fatos que trouxeram à questão do fascismo e que levaram a produção do díptico *A escola progressista propõe o exercício do pensamento crítico (A democracia depende da educação política - O fascismo depende da ignorância)* em 2019.

O terceiro trabalho e último a tratar da questão da educação faz referência a um fato específico de brutalidade, uma violência ocorrida dentro de sala de aula, a agressão física de um aluno de 15 anos que deu um soco no rosto de uma professora de 51 anos. Na época fiquei muito impactado pelas imagens divulgadas pela professora logo após ter sido agredida. Como reação possível, fiz alguns pequenos desenhos (fig. 147 e 148), pensando em algum tipo de memorial para o fato, um trabalho que pudesse marcar esse absurdo, que se não documentado acabaria sendo soterrado nos dias seguinte por outras tantas atrocidades cometidas entre cidadãos brasileiros que deveriam estar trabalhando juntos, se ajudando e não se agredindo e se matando. Pensando na inversão de valores que o país estava amplificando, optei por adotar a ideia (colocada em prática pela família de J.M.B. que

⁴⁷⁰ *O pai e o avô de Trump: o historial que o liga ao Ku Klux Klan*. Joana Azevedo Viana, Expresso (Portugal), 29 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2016-02-29-O-pai-e-o-avo-de-Trump-o-historial-que-o-liga-ao-Ku-Klux-Klan> Acesso em 28 de agosto de 2022.

⁴⁷¹ *Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG - Número de páginas na Internet que pregam a supremacia branca cresceram desde 2019 e se alimentam de discursos e de gestos do presidente e de outros apoiadores, dizem estudiosos*. Gil Alessi, Naira Hofmeister, El País, São Paulo e Porto Alegre, 09 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html#?rel=mas> Acesso em 28 de agosto de 2022.

“A sombra da suástica nazista avança no Brasil de Jair Bolsonaro. Empoderados pelo discurso racista, anticomunista, armamentista e LGBTfóbico do presidente, grupos radicais de extrema direita e de inspiração hitlerista proliferam nas redes, e até se arriscam a se mostrar em pequenos grupos nas ruas com bandeiras, palavras de ordem e, por vezes, violência. O crescimento dessa vertente de ultradireita no país durante o Governo Bolsonaro pode ser quantificado na Internet. Segundo levantamento realizado pela Safenet, organização não-governamental que promove os direitos humanos na rede e monitora sites radicais, em maio de 2020 foram criadas 204 novas páginas de conteúdo neonazi, ante 42 no mesmo mês do ano passado e 28 em maio de 2018. Segundo a organização, há uma relação de causalidade entre o que diz e faz o presidente e esta radicalização nas redes. Em nota, a entidade afirmou ser ‘inegável que as reiteradas manifestações de ódio contra minorias por membros do Governo Bolsonaro têm empoderado as células neonazistas no Brasil’. A reportagem pediu um comentário do Planalto sobre estes dados, mas não obteve resposta. (...) na opinião de David Nemer, professor e antropólogo na Universidade da Virgínia. ‘Bolsonaro faz a política do apito de cachorro [do termo em inglês dog whistle politics]: usa uma linguagem codificada que parece significar uma coisa para a população em geral, mas tem significado específico para o subgrupo que ele pretende atingir. Esse subgrupo entende a mensagem e se empodera’, explica ele. ‘Esse grupo de extrema direita, por mais que seja a minoria na sociedade, colabora para a radicalização da base bolsonarista, que está menor, mais radical’, diz. (...) Alguns simpatizantes da extrema direita chegaram até a integrar o Governo. Foi o caso do então secretário especial de Cultura do Governo Roberto Alvim, demitido em janeiro após fazer um discurso parafraseando trechos de mensagem do ex-ministro da propaganda da Alemanha nazista Joseph Goebbels. ‘Coincidência retórica’, disse, sem mencionar a trilha sonora do vídeo, uma ópera de Wagner, compositor favorito de Hitler. Na época da campanha eleitoral, Bolsonaro recebeu o apoio do ex-integrante da Klan David Duke: ‘Ele soa como nós. E também é um candidato muito forte. É um nacionalista’, afirmou em 2018.”

condecorava milicianos assassinos e torturadores) de fazer um troféu da infâmia, que não premiaria as melhores iniciativas e feitos, mas as piores, e por isso o troféu estaria invertido, de cabeça para baixo. O título do trabalho (uma montagem/*assemblage/combine*) foi gravado na placa fixada na base do troféu que tem a figura de um jovem boxeador - *Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação - Prêmio Espancador de Professora (Categoria Sub15)*, série *Escola Partida*, 2017-2019 (fig. 149). Dois anos foi o tempo que levei ponderando se seria ético incluir a imagem da professora agredida na peça, eu já havia feito a pintura do rosto dela proximamente ao fato, mas não tinha dado continuidade ao trabalho. Eu cheguei à conclusão de que como ela própria havia tornada pública a sua imagem, eu poderia colocá-la na peça que certamente (e infelizmente) será vista por muito menos pessoas do que as que viram em suas redes sociais e na mídia que republicou suas imagens e relatos na época (fig. 150-152).



Fig. 147 *Troféu Espancador de Professoras Sub15*
série *Tro-FEL ou Escola Partida*
2017
grafite papel
20,8 x 13,7 cm
desenho extraído de caderneta de notas
exposto na individual *Confronto*, no espaço de arte
Subsolo, Campinas, 2018



Fig. 148 *Professora espancada em sala de aula por aluno de 15 anos*
série *Tro-FEL ou Escola Partida*
2017, grafite papel
20,8 x 13,7 cm
desenho extraído de caderneta de notas
exposto na individual *Confronto*, no espaço de arte
Subsolo, Campinas, 2018



Fig. 149 *Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação*
Prêmio Espancador de Professora (Categoria Sub15)
 série *Escola Partida*, 2017-2019
 tinta acrílica sobre lona montada sobre placa de alumínio composto (ACM), verniz e tinta automotiva, resina epóxi, massa à base de fibra de celulose (*paper clay* - DAS), livro, aço, compensado e madeira
 Trabalho exposto na individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019, Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Jerri Rossato Lima

O título *Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação - Prêmio Espancador de Professora (Categoria Sub15)* partiu de nomes de sujeitos que perseguiram educadores e colocaram suas tropas de policiais, milicianos e fascistas contra professores: J.M.B., o governador do Paraná na época Beto Richa⁴⁷² (1965, Londrina) político filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB - governador do Estado do Paraná entre janeiro de 2011 e abril de 2018 e o ministro da educação Abraham Weintraub (1971, São Paulo), foi ministro da Educação do Brasil entre 2019 e 2020; ou seja gente que atua contra a educação pública de qualidade, contra sindicatos, contra a base para a construção de um país independente.

⁴⁷² *Há 5 anos, Beto Richa massacrava os professores no Centro Cívico de Curitiba.* Esmael Moraes, Blog do Esmael, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.esmaelmoraes.com.br/ha-5-anos-beto-richa-massacrava-os-professores-no-centro-civico-de-curitiba/> Acesso em 28 de agosto de 2022.

“29 de abril de 2015 ficou marcado na história do Paraná e do Brasil como o dia em que o então governador Beto Richa (PSDB) montou um aparato de guerra e massacrava milhares de professores e servidores estaduais. O palco para a barbárie foi a Praça Nossa Senhora de Salete, no Centro Cívico, em Curitiba. Local onde estão situados o Palácio das Araucárias, sede do governo do Estado; a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça do Paraná. (...) Foram tiros de balas de borracha, bombas lançadas de helicópteros, gás lacrimogênio, cães ferozes, cassetetes. Tudo contra os professores e servidores armados somente com palavras de ordem. (...) Mais de 200 feridos deram entrada em hospitais. Aliás, a própria Prefeitura de Curitiba foi transformada em hospital de primeiros socorros. Após o massacre, o governo ainda tentou passar parte da culpa para os professores e servidores. Como não colou, o então secretário de Segurança, Fernando Francischini (PSL) foi sacrificado como bode expiatório. Em 2018, Francischini disse que não se arrepende e que faria tudo de novo. Ninguém duvida. Enquanto as bombas e tiros explodiam na Praça, os deputados votavam o projeto do confisco. A bancada da oposição tentou parar a sessão e suspender a votação, mas o presidente da Assembleia, deputado Ademar Traiano (PSDB) ameaçava continuar só com os governistas. Um vídeo mais que bizarro que circulou aquele dia mostra integrantes do Palácio Iguaçu assistindo ao massacre e comemorando quando a Polícia fazia ataques aos servidores.”

Com bombas e sangue dos professores, Beto Richa ataca aposentadoria no Paraná. Simone Ishibashi, Esquerda Diário, Rio de Janeiro, 30 de abril de 2015. Disponível em: [https://www.esquerdadiario.com.br/Com-bombas-e-sangue-dos-professores-Beto-Richa-ataca-aposentadoria-no-](https://www.esquerdadiario.com.br/Com-bombas-e-sangue-dos-professores-Beto-Richa-ataca-aposentadoria-no-Parana?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter)

[Parana?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter](https://www.esquerdadiario.com.br/Com-bombas-e-sangue-dos-professores-Beto-Richa-ataca-aposentadoria-no-Parana?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter) Acesso em 28 de agosto de 2022.

Governo Beto Richa: oito anos de ataques contra a educação pública. APP-Sindicato -Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná, 29 de abril de 2018. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/governo-beto-richa-oito-anos-de-ataques-contra-a-educacao-publica/> Acesso em 28 de agosto de 2022.



Fig. 150 Profa. Marcia Friggi



Fig. 151 Profa. Marcia Friggi



Fig. 152 Profa. Marcia Friggi

Fotos publicadas pela professora Marcia Friggi em suas redes sociais logo após a agressão sofrida em sala de aula por um de seus alunos de 15 de idade, em 21 de agosto de 2017. Na escola municipal de Indaial, no Vale do Itajaí, SC.

Marcia Friggi tem 51 anos e é professora da rede pública na cidade de Indaial, em Santa Catarina. Ela relatou em entrevistas à imprensa que foi violentamente agredida após encaminhar o aluno de 15 anos à direção, por ter lhe agredido verbalmente em uma discussão na sala de aula. O rosto de Marcia ficou marcado por fortes ferimentos. As mensagens de ódio que a professora catarinense recebeu a chamavam de “esquerdista”, “feminista” e diziam que ela “mereceu” ser violentamente agredida por conta de seu posicionamento político. Além da comparação de Jair Bolsonaro com a ovada que levou de uma criança, também foi seguido por seu filho, Flávio Bolsonaro, que chegou a dizer que a professora é uma incentivadora da violência dentro da escola e que independente da idade o garoto deveria ser preso.

Essas mensagens, muitas das quais feitas por pessoas que se reivindicam apoiadores de Bolsonaro, reproduzem uma opinião conservadora, que quer censurar a opinião política da professora, além de expressarem um conteúdo misógino, que, ao argumentar que ela é feminista comemora a sua condição de agredida e afirma que “apanhou pouco”. Em contrapartida, Marcia respondeu repudiando todo esse conteúdo “Estou cada vez mais convicta de que sempre lutei e continuarei lutando por um mundo melhor, livre do ódio, do racismo, do preconceito, do machismo, da misoginia, da homofobia, do fascismo”.

Em resposta à situação, a professora catarinense disse que não se sente intimidada, apesar de saber que existe um desamparo aos professores por parte dos governos. Marcia afirmou “Estou dilacerada por saber que não sou a única, talvez não seja a última. Estou dilacerada por já ter sofrido agressão verbal, por ver meus colegas sofrerem. Porque me sinto em desamparo, como estão desamparados todos os professores brasileiros. Estamos, há anos, sendo colocados em condição de desamparo pelos governos”. A professora também reafirmou seu compromisso com a Educação e seu posicionamento contra a maioridade penal.⁴⁷³

A partir da imagem publicada no Facebook⁴⁷⁴ pela professora Marcia Friggi (Fig. 150), então professora de Língua Portuguesa do Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja) de Indaial, logo após a agressão sofrida dentro da escola, fiz alguns desenhos para pensar em como seria a

⁴⁷³ “Bolsonaro compara ovada que levou com espancamento de professora”, *Esquerda Diário*.

https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=17535 Acesso em: 13 de janeiro de 2022. “Professora é agredida por aluno de 15 anos em Santa Catarina”, *Correio Brasiliense*, 21 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/08/21/internas_polbraeco,619581/professora-e-agredida-por-aluno-de-15-anos-em-santa-catarina.shtml > Acesso em: 22 de agosto de 2017

⁴⁷⁴ “Professora é agredida por aluno de 15 anos em Santa Catarina”, *Correio Brasiliense*, 21 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/08/21/internas_polbraeco,619581/professora-e-agredida-por-aluno-de-15-anos-em-santa-catarina.shtml Acesso em: 22 de agosto de 2017

configuração da escultura que pretendia fazer, e também a pintura que foi incorporada, aproximadamente dois anos depois do acontecido.

Essa violência contra os professores (contra o conhecimento) me fez retomar Goya e sua abordagem sobre a violência presente em alguns de seus trabalhos. Todorov diz que “os atos de violência ocupam sempre um grande espaço em sua obra: ele não se cansa de nos mostrar as manifestações dessa tendência humana, obrigando-nos a nos interrogarmos sobre as raízes dela, como ele mesmo devia fazer” (TODOROV, 2011, p. 106). E especificamente tratando da coletânea de gravuras *Desastres da Guerra*, publicada postumamente em 1863, e provavelmente iniciada por Goya em 1810 (TODOROV, 2011, p. 126), o autor fala que “somente as seis primeiras gravuras (*Desastres 2 a 7*) mostram combates; na sequência da coletânea, Goya se empenha em representar as vítimas – aqueles que suportam (...)”. Pelo menos metade das gravuras lhes é consagrada: vítimas dos estupros ou da fome (*Desastres 48 a 6*), de torturas ou de execuções, civis fugindo à violência dos combates (*Desastres 41 a 45*) - (TODOROV, 2011, p. 134). “Por que Goya produziu os desastres da guerra? Tem-se a impressão de que a resposta a essa pergunta é simples; porque não poderia agir de outro modo. O fato de ter vivido e observado essa experiência fez dele uma testemunha (...)”, (TODOROV, 2011, p. 142). “(...) ele sentiu a necessidade de soltar um grito de aflição. É a sua maneira de solidarizar-se com todas as vítimas (...)”, (TODOROV, 2011, p. 143).

Penso que no trabalho *Tro-FEL J.M.B./B.R./A.W. de desvalorização da educação - Prêmio Espancador de Professora (Categoria Sub15)*, tomei um caminho estético e conceitual semelhante ao de Goya, artista que nós últimos anos tem me despertado grande interesse a admiração. Contar, remeter, apontar para eventos reais, dando destaque para a vítima da violência e também sinalizando no título os responsáveis pela incitação de tais atos covardes. “Distante desse culto neoclássico, pomposo e cheio de si da ordem burguesa, os artistas revolucionários realizaram um trabalho paralelo de luto, criando uma cultura melancólica que representava e transmitia a memória dos derrotados” (TRAVERSO, 2018, p. 284). E para que o trabalho possa trazer algum caminho possível frente ao retrocesso violento da extrema-direita e do neoliberalismo⁴⁷⁵, faço uso de um grande autor brasileiro

⁴⁷⁵ CHOMSKY, Noam. *Quem Manda no Mundo?* São Paulo: Planeta, 2017.

“(...) a propaganda [neoliberal dos ricos, dos bancos] tem que procurar outros a quem culpar, como os trabalhadores do setor público. (...) Os professores constituem um alvo particularmente propício, como parte do esforço deliberado para destruir o sistema público de educação, desde a pré-escola até as universidades, por meio da privatização – mais uma vez uma política que é boa para os ricos, mas um desastre para a população, bem como para a saúde de longo prazo da

que é repetidamente desprezado e hostilizado por fascistas, desinformados e cínicos, Paulo Freire, com seu livro *A Importância do Ato de Ler*.

E com isso trago a série seguinte de desenhos que denominei de *Leituras Necessárias*. São desenhos com aquarela, lápis colorido e guache feitos a partir de capas de livros que estavam sendo lançados no Brasil em resposta aos desmontes e violências neoliberais e da extrema-direita. E entendo os livros e as leituras como formas efetivas de se buscar entendimento para não ficarmos reféns do medo, do caos, das cortinas de fumaças, das distrações com entretenimento ideológico estadunidense que buscam produzir “realidades” paralelas⁴⁷⁶, onde eles (e seus valores idealizados, mas não praticados) são superiores, salvadores, soldados heróis, protetores da liberdade e da democracia, são a polícia do mundo. Enquanto que na verdade o que está em jogo é a manutenção do seu domínio sobre o mundo:

O direito de dominar o mundo é o princípio mais fundamental da política externa dos EUA e está em toda parte, embora se esconda por trás de termos defensivos: durante a Guerra Fria, era rotineiramente invocado por causa da “ameaça russa”, apesar de os russos estarem bem longe. (...) as “intenções benignas de Washington, (...) a exigência norte-americana de “controle total” – com suas implicações mais amplas de dominação global”.⁴⁷⁷

Para que se possa pensar em como ao menos começar a contestar esse “direito” de *controle total* sobre a nossa existência, acredito de uma das práticas necessárias (entre outras) seria passar por leituras necessárias. Evidentemente cada pessoa vai encontrando as suas – e o importante aqui são as buscas, as trocas. Algumas das minhas escolhas, na época da exposição, foram transformadas nos desenhos da série *Leituras Necessárias* (fig. 153). Utopicamente espero que essa série possa apresentar essas possibilidades de ampliação da percepção da realidade para outras pessoas.

economia, embora seja mais uma das externalidades que são postas de lado, contanto que prevaleçam os princípios do mercado”. P.73.

⁴⁷⁶ EMPOLI, Giuliano Da. *Os Engenheiros do Caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

ESCOBAR, Pepe. *O Império do Caos*. Rio de Janeiro: Revan, 2016.

⁴⁷⁷ CHOMSKY, Noam. *Quem Manda no Mundo?* São Paulo: Planeta, 2017. P. 137.



Fig. 153 *Topologia da Violência, O Ódio como Política, O Ódio à Democracia e Necropolítica*
desenhos da série *Leituras Necessárias*
guache, aquarela, nanquim e grafite sobre papel, 2019, 33 x 24 cm
fotografia: Jerri Rossato Lima

Se um pêndulo que aponte para a série *Leituras Necessárias* evoque possibilidades de esclarecimento, mesmo que à custa do contato com dados e informações difíceis de aceitar ou de se compreender à primeira vista – e que contradizem tudo que nos foi ensinado ou sugestionado; quando ele se move para o trabalho seguinte, o ponto é outro, é um símbolo da violência e da morte promovida por um estado quando controlado por forças opressoras⁴⁷⁸, exploradoras e sem compaixão.

⁴⁷⁸ *Órgãos da ONU cobram Brasil por 20 anos de assassinatos pela polícia*. Jamil Chade, Uol, 21 de agosto de 2022.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/08/21/orgaos-da-onu-cobram-brasil-por-20-anos-de-assassinatos-pela-policia.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 29 de agosto de 2022.

“O documento, sem precedentes pela extensão da cobrança, indica que os mecanismos da ONU receberam informações ‘sobre as supostas mortes de 69 indivíduos e o desaparecimento forçado de três indivíduos, alegadamente por membros da polícia, inclusive no curso de operações policiais e sob custódia, no período de 1999 a 2020’. Desses, 13 são menores. (...) Em 2020, segundo a entidade, 78% das vítimas da polícia no país eram afrobrasileiros. De acordo com a carta, tais dados ‘ilustram os padrões persistentes de desigualdade racial associados com a ação letal da polícia’. Em 2020, ainda de acordo

“O domínio da elite (...) sobre as classes populares baseia-se (...) na repressão e na violência”⁴⁷⁹. Refiro-me à escultura *Instrumento de Estado Tanatopolítico*, da série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 154).

Simbolicamente e fisicamente o cassetete me remete a um cabo de foice/alfanje encurtado. Nessa escultura - na verdade uma *assemblagem* (montagem), uma colagem de objetos tridimensionais – optei, por não construir, esculpir ou modelar, mas conectar a lâmina de um(a) gadanho(a), que remete à figura da morte das gravuras medievais, à esse bastão com uma alça lateral, também chamado de tonfa. John Heartfield no cartaz de 1934, *Sangue e Ferro*, também fez uma montagem, mais especificamente uma fotomontagem onde os elementos, quatro machados pingando sangue, estão amarrados formatando uma suástica nazista.

Considero a escultura *Instrumento de Estado Tanatopolítico* um símbolo conciso da exposição *Necrocolônia 2016-2019*, uma peça que julgo possuir uma unidade e que diz dos tempos de ódios e violências cometidos em nome da “ordem”, da “família”, da “propriedade” e do “livre mercado” amplificados pelo golpe de 2016. “Autoritarismo e ignorância sempre andaram juntos”⁴⁸⁰. A peça é composta por esses dois objetos - tonfa e alfanje - ligados respectivamente à violência cotidiana contra negros e pobres (racismo estrutural, supremacia branca, aporofobia, subimperialismo)⁴⁸¹ e a morte

com o documento, o Brasil registrou o maior número de mortes em intervenções policiais desde 2013, com 6,4 mil vítimas. 17,6 mortes por dia, em média. Ainda que a lista de casos termine em 2020, a carta ainda cita episódios de violência em outras comunidades em 2021 e 2022, como no caso de Jacarezinho ou Vila Cruzeiro. Um caso em 25 de maio de 2022, com o envolvimento de agentes da Polícia Rodoviária Federal no município de Umbaúba, ainda ‘demonstram a persistência de assassinatos ilegais por membros das forças policiais no Brasil’. (...) Para a entidade, o estado brasileiro estaria cometendo uma violação do direito à vida e à segurança, além de ferindo tratados internacionais dos quais faz parte.”

⁴⁷⁹ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017. P. 115

⁴⁸⁰ CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 88.

⁴⁸¹ SMITH, John. Exploração e superexploração na teoria do imperialismo. In. *As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. Emiliano López (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2020.

“(...) o racismo, é claro, é fundamentalmente uma expressão do imperialismo”. P. 39

“(...) a globalização neoliberal deve ser reconhecida como num novo estágio imperialista do desenvolvimento capitalista, no qual o imperialismo é definido por sua essência econômica: a exploração do trabalho vivo do sul pelos capitalistas do Norte. Enquanto isso os capitalistas do Sul dirigem as maquiladoras da mesma forma que o sádico traficante de escravos que bate com o látigo nas costas daqueles. Mas ele não é o capitão, para encontrá-lo, temos que ir até o topo da cadeia de valor que está localizada na Europa, América do Norte e Japão. Em vez da superação do imperialismo e da convergência entre países ‘desenvolvidos’ e países eternamente ‘em desenvolvimento’, **o imperialismo hoje se manifesta em um sistema global de racismo, opressão nacional, humilhação cultural, militarismo e violência estatal** semelhante ao *apartheid*, que nega seu status formal de cidadãos livres de sua nação e do mundo e **transformou seus países em reserva de força de trabalho superexplorável para alimentar as corporações transnacionais e seus agentes locais**. Nada disso está oculto.” P. 35.

(por tortura, tiro, asfixia, espancamento, etc)⁴⁸² que simbolicamente a foice representa na história ocidental. Uma história ocidental marcada pelo capitalismo imperialista.

Segundo Tiago Muniz Cavalcanti:

*O grande problema é que quando o capitalismo apresenta alguns problemas as soluções propostas pelas teorias liberais e que são adotadas inexoravelmente por todo o globo, são mais capitalismo. A resposta pelos problemas criados ou fomentados pelo capitalismo geralmente são mais capitalismo, mais neoliberalismo e isso só faz aprofundar as nossas desigualdades, só faz intensificar os nossos problemas (...), hoje eu não tenho dúvida de que está havendo um rebaixamento no padrão de proteção a classe trabalhadora, está havendo um rebaixamento de direitos que está levando muitos trabalhadores à essa região que eu designo de sub-humanidade. (...) Entre o período de 2010 a 2014, cento e dez países flexibilizaram as suas legislações trabalhistas [ou seja, mais da metade dos países do mundo], e isso aqui no Brasil foi feito sobretudo a partir de 2016, com a diminuição de direitos através de leis e reformas, inclusive através de medidas provisórias que é um instrumento até certo ponto autoritário porque não tem debate no parlamento. Então a gente está diminuindo sensivelmente o padrão de proteção da classe trabalhadora (...)"*⁴⁸³.

Da mesma maneira que os neoliberais e as direitas promovem a ideia de que para combater a violência, devesse financiar mais violência, ao invés de buscar outras soluções preventivas e reparadoras, tais como redistribuição de renda, reforma agrária, educação e saúde pública de qualidade, crédito popular com juros baixos, programas de cotas, etc.

O martinicano Aimé Césaire (1913-2008), escritor (poeta, dramaturgo e ensaísta), líder político, integrante do Partido Comunista francês, participante de movimentos de descolonização africanos e *pioneiro na negritude* (termo criado por ele), em seu escrito de 1950, *Discurso sobre o Colonialismo* diz: “Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente.”

⁴⁸² CASARA, Rubens R. R. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejados*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. P. 89.

“Ao lado do ódio ao saber, o tipo ideal de sujeito na pós-democracia demonstra sentir medo da liberdade. O sujeito da pós-democracia (...), não sabe como exercê-la (e não admite que outros saibam ou tentem), razão pela qual aceita abrir mão da liberdade (e querer o fim da liberdade alheia) para fundir-se com algo (um movimento, um grupo, uma instituição, etc.) ou alguém a fim de adquirir a força que acredita ser necessária para resolver seus problemas (e os problemas, reais ou imaginários, que vislumbra na sociedade). O sujeito da pós-democracia apresenta compulsão à submissão e, ao mesmo tempo, à dominação (é um submisso, que demonstra dependência com poderes ou instituições externas, mas que, simultaneamente, quer dominar terceiros e eliminar diferentes), é um masoquista e um sádico, que não hesita em transformar o outro em mero objeto e goza ao vê-lo sofrer”. Penso que essa passagem diz de, pelo menos, em torno de trinta por cento da população brasileira que apoia J.M.B., e ele próprio em especial – com sua relação com Trump (EUA), com as polícias e com o exército brasileiro.

⁴⁸³ “Escravidão foi adaptada ao capitalismo, é inerente ao sistema”. Rede TVT, 27 de agosto de 2021 (5:52-7:12), 12:06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQjw5W2Gv0U> Acesso em 20 de agosto de 2022.

“Conversamos com Tiago Muniz Cavalcanti, procurador do Ministério Público do Trabalho, e autor do livro recém-lançado pela editora Boitempo ‘Sub-humanos’ o Capitalismo e a Metamorfose da Escravidão.”



Fig. 154 *Instrumento de Estado Tanatopolítico*
série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar
2019
tonfa sintética e gadanha de aço
Trabalho exposto na individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019
Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Jerri Rossato Lima

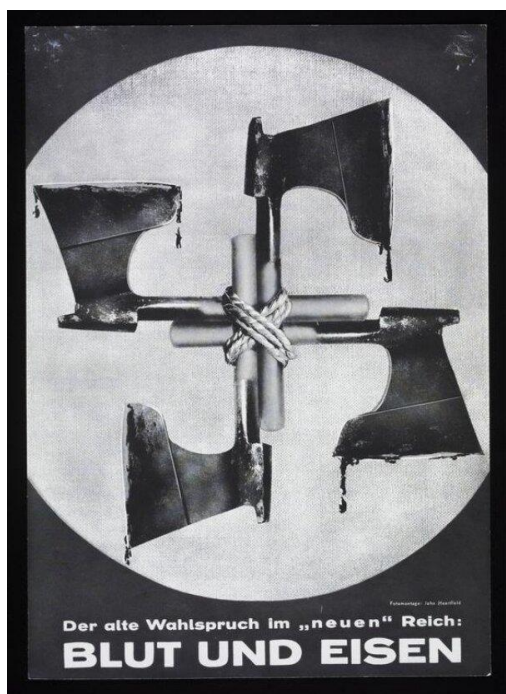


Fig. 155 John Heartfield, *Blut und Eisen*, 1934, poster, 40,5 x 28,6 cm
 “Cartaz de um conjunto de 20, desenhado por John Heartfield intitulado ‘... *Blut und Eisen*’ [o antigo lema no ‘novo’ Reich Sangue e Ferro], emitido como nº 8 de uma série, publicado pela Verlag für Agitations- und Anschauungsmittel com a Academy of Art DDR. Alemanha, 1934
 Cartaz representando quatro machados de ferro ensanguentados amarrados para formar a forma de uma suástica.”
<https://collections.vam.ac.uk/item/O213448/blut-und-eisen-poster-john-heartfield/-blut-und-eisen-poster-john-heartfield/>

Césaire estava se referindo à Europa, *A Europa (que) é indefensável*.⁴⁸⁴ Assim como hoje os EUA são indefensáveis, as torturas e abusos policiais no Brasil (orientados por uma ideologia patrimonialista e concentradora de renda) são indefensáveis.

Questões que levam ao próximo trabalho, a escultura *Estado Sequestrado* (fig. 158). Onde pensei a cadeira como representação da noção de poder (um assento no senado ou no poder judiciário, a cadeira presidencial), e as três bandeiras como metáforas desses três poderes. Mas são bandeiras obscuras, quase bandeiras piratas, pretas, mas ainda sem as características caveiras com os ossos cruzados, talvez bandeiras de luto. Este trabalho percebo-o não tão direto quanto o anterior que considero mais objetivo. *Estado Sequestrado* não é tão preciso quanto *Instrumento de Estado Tanatopolítico*. Considero-o mais nebuloso. Fora o título, que esse sim entendo de imprimir a pontualidade. Um estado (que supostamente deveria ser democrático – estado do povo e para o povo) que é capturado, tomado, rapinado pelos poderes econômicos neoliberais, empresariais, coloniais, midiáticos, jurídicos, parlamentares e militares locais e externos. Não se trata mais de uma democracia, mas de um estado plutocrático. *Plutocracia* (em grego: *πλοῦτος*, *ploutos*, “riqueza” e *κράτος*, *kratos*, “poder”) é uma sociedade que é governada ou controlada por pessoas de grande

⁴⁸⁴ CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020. P. 9.

riqueza ou renda. Esta concentração de poder nas mãos da elite econômica é acompanhada de profunda desigualdade de renda e baixo grau de mobilidade social.

Segundo a professora e pesquisadora Esther Solano Gallego:

A sociabilidade capitalista, a acumulação predatória, a desigualdade e a violência da centralidade de mercadoria e do lucro precisam ser mantidas a todo custo e, para garantir isso, a democracia não passa de um detalhe incômodo. O neoliberalismo exige *desdemocratização*, que é o cerne da virada hegemônica neoconservadora.⁴⁸⁵

Em 2015 o Brasil “descobriu”, surpreso, que havia uma direita militante e aguerrida no país, que saiu às ruas, perdeu a vergonha de mostrar-se e, no processo do golpe de Estado contra Dilma Rousseff, passou a hegemonizar a imprensa, as redes sociais e a agenda política e dos temas morais no país. Foi um choque. Que direita é essa? Ou melhor: que direitas são essas? Como surgiram, organizaram-se, passaram a polarizar a sociedade e avançar sobre o Estado?⁴⁸⁶

E entre outros recursos usados para tirar políticos populares do governo e assim poder rapinar o Estado no Brasil tivemos o golpe de 2016 e em seguida a perseguição e prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (tirando-o ilegalmente, via *lawfare*⁴⁸⁷ - do inglês *law*, “direito”, e *warfare*, “guerra”; em português: *guerra jurídica* - da disputa eleitoral de 2018, onde ele estava à frente dos demais candidatos), juntamente com a sistemática propaganda da mídia neoliberal brasileira⁴⁸⁸ para criar o “inimigo” da nação, o Partido dos Trabalhadores, ou seja, um dos principais entraves para o retorno total ao período colonial. Com o consenso público formado pela mídia o caminho estaria livre para a posse da direita no país, mas ela não contava que seria atropela em 2018 pelas táticas de mídias digitais da extrema direita de J.M.B. e seus associados locais e estadunidenses, com destaque para a dupla Steve Bannon (fig. 161) e Donald Trump (fig. 166). “A versão de extrema direita de Bannon e Trump significa, (...) a ressurreição do racismo arcaico, possibilitando seu uso como arma política e combustível de

⁴⁸⁵ Na apresentação da organizadora Esther Solano Galleno no livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 14)

⁴⁸⁶ Nota da editora no livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 11)

⁴⁸⁷ ZANIN MARTINS, Cristiano; ZANIN MARTINS, Valeska; VALIM, Rafael. *Lawfare: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019. P. 26.

Mais precisamente segundo Cristiano Zanin, Valeska Martins e Rafael Valim o *lawfare* é o uso estratégico do Direito para fins de deslegitimar, prejudicar ou aniquilar um inimigo.

⁴⁸⁸ Idem. “O Brasil, lamentavelmente é um terreno fértil para a publicação de reportagens falsas, caluniosas e difamadoras, uma vez que não instituiu um Conselho de Imprensa ou qualquer outro meio eficaz para receber denúncias relativas à condutas ilícitas praticadas pelos veículos de comunicação. (...) Essa postura de um setor da mídia brasileira tem se agravado nos últimos anos. Campanhas midiáticas têm sido realizadas em prol de perseguições políticas contra inimigos eleitos pelos praticantes do lawfare. Essas campanhas, por óbvio, exerceram forte influência na sociedade que, por sua vez, acaba ‘pressionando’ os julgadores em decisões, os quais passaram a decidir de acordo com a aprovação popular.” P. 63.

arregimentação popular.”⁴⁸⁹ E “a intervenção da Lava Jato foi uma tentativa de pôr o PSDB, partido orgânico da elite, de volta no poder. O antipetismo reinante na mídia hegemônica pretendia localizar o descontentamento só no PT, para matá-lo de vez”, no entanto o público brasileiro “passou a desconfiar de todos os políticos e de toda a política.” Segundo a leitura de Jessé “os brasileiros chegaram à eleição de 2018 com ódio da política, que, para eles, é a causa de sua pobreza crescente, e de sua falta de esperança” (SOUZA, 2020, p.174).

O que a Lava Jato e seus cúmplices na mídia e no aparelho de Estado fazem é o jogo de um capitalismo financeiro internacional e nacional ávido por “privatizar” a riqueza social em seu bolso. Destruir a Petrobrás, como o consórcio Lava Jato e grande mídia, a mando da elite do atraso, destruiu, significa empobrecer o país inteiro de um recurso fundamental, (...) levando à destruição de qualquer estratégia de reerguimento internacional do país. Essas ideias do Estado e da política corrupta servem para que se repasse empresas estatais e nossas riquezas do subsolo a baixo custo para nacionais e estrangeiros que se apropriam privadamente da riqueza que deveria ser de todos. Essa é a corrupção real. Uma corrupção legitimada e tornada invisível por uma leitura distorcida e superficial de como a sociedade e seus mecanismos de poder funcionam. A construção de uma elite toda poderosa que habitaria o Estado só existe, na realidade, para que não vejamos a elite real, que está “fora do Estado”, ainda que a “captura do Estado” seja fundamental para seus fins. É uma ideia que (...) desloca e distorce toda a origem do poder real.⁴⁹⁰

Aqueles que almejavam ocupar o centro do poder não se resignaram a posições secundárias no governo de outros: as lideranças do PSDB⁴⁹¹ se moveram naturalmente para a oposição. Além delas, havia grupos próximos à extrema direita do espectro político, para as quais mesmo toda a moderação do PT era insuficiente para gerar possibilidade de diálogo. Eram anticomunistas renitentes nostálgicos da ditadura militar, alguns fundamentalistas religiosos e uns poucos liberais econômicos extremistas, cuja defesa de um Estado ultramínimo os fazia recuar, por princípio, qualquer forma de política social e para quem o petismo, por mais moderado que fosse, continuava perigosamente intervencionista.

Extremistas e tucanos formavam dois grupos distintos. O PSDB nasceu com o objetivo de agrupar a franja mais esclarecida das elites brasileiras. O termo “social-democracia” no nome da sigla nunca representou mais do que uma fantasia, mas o partido buscava encarnar um projeto civilizador, que idealmente aproximaria o Brasil das democracias capitalistas avançadas. Criado em meio à Assembleia Nacional Constituinte, apresentava-se como reação à degradação oportunista do PMDB e buscava o resgate do projeto centrista original que unificara a oposição à ditadura. A verdade é que em seguida houve um deslocamento contínuo para a direita.⁴⁹²

⁴⁸⁹ SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020. P. 160.

⁴⁹⁰ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. P. 15.

⁴⁹¹ PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira, fundado em 25 de junho de 1988; fundadores: Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Mário Covas, Sérgio Motta, Franco Montoro, Luiz Carlos Bresser Pereira, Geraldo Alckmin, José Richa, Renan Calheiros entre outros.

⁴⁹² Luis Felipe Miguel no seu capítulo *A reemergência da direita brasileira*, dentro do livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luis Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 18)

“Tudo que a direita brasileira propõe é o que já foi praticado nos nossos quinhentos anos de história.”⁴⁹³ “Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família”.⁴⁹⁴ Jessé Souza diz que “no bolsonarismo, são as ideias e as práticas da extrema direita americana abertamente racista que se tornam operantes no Brasil.”⁴⁹⁵

Isso me faz lembrar que talvez o motivo das bandeiras negras anexadas à cadeira da escultura *Estado Sequestrado* se deva às imagens do ator Paulo Autran no papel do líder ultraconservador Porfírio Diaz (*que personifica os setores consorciados às corporações internacionais*⁴⁹⁶), antagonista central de *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha, onde Autran empunha uma grande bandeira preta (fig. 156-157) e uma cruz. “Em cena antológica, Diaz adverte (...) sobre o perigo da revolução: ‘Como feras famintas, eles [o povo] desejarão sempre mais e mais, até o seu próprio sangue. Eles querem poder. E povo no poder, isso nunca, entende? Nunca. Pela liberdade morreremos, por Deus, pelo poder!’.”⁴⁹⁷



Fig. 156 foto da tela do computador com o filme *Terra em Transe*, 1967, Glauber Rocha cena de Paulo Autran como Porfírio Diaz em 21 de fevereiro de 2012



Fig. 157 foto da tela do computador com o filme *Terra em Transe*, 1967, Glauber Rocha cena de Paulo Autran como Porfírio Diaz em 21 de fevereiro de 2012

⁴⁹³ Gregório Duvivier no prólogo do livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 9)

⁴⁹⁴ Gregório Duvivier no prólogo do livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ...[et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 9)

⁴⁹⁵ SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020. P. 15.

⁴⁹⁶ *Democracia em transe*. Fábio Palácio, Le Monde Diplomatique Brasil, 22 de julho de 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/democracia-em-transe/> Acesso em 29 de agosto de 2022.

⁴⁹⁷ Idem.



Fig. 158 *Estado Sequestrado*
série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*
2016-19
madeira, aço e tecido
200 x 200 x 160 cm
Trabalho mostrado na exposição individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019
Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Jerri Rossato Lima

“Temos que dar um golpe, virar a mesa, fazer história.” São estas as palavras de Diaz a Fuentes, diante da possibilidade de Vieira, apoiado por Martins e pelo povo, ser eleito presidente. “Se houver eleições, Vieira ganha. Se não houver, ganho eu”, calcula Diaz. Glauber nos oferece, aqui, uma alegoria de tantos fatos da vida nacional, do suicídio de Getúlio à prisão de Lula, do golpe de 1964 ao impeachment fraudulento de Dilma Rousseff, sem esquecer o “grande acordo nacional, com Supremo, com tudo” vocalizado pelo senador Romero Jucá. A vida imita a arte? (...) Terra em Transe é uma alegoria poderosa sobre os sentidos que se ocultam sob o mantra do “funcionamento normal das instituições”. A obra desvela expedientes típicos da política brasileira: a cooptação e a traição; as práticas de exceção; o apelo aos valores tradicionais, associados à Deus e à família; a volubilidade de nossas aspirações à igualdade social; o caráter sempre truncado de nossas rupturas com o passado. (...)

Concluído em 1967, Terra em Transe retrata um momento de desilusão. Pouco antes, boa parte da esquerda chegara a acreditar que, com Jango, o Brasil seguiria em linha reta, sem maiores obstáculos, uma trajetória virtuosa rumo à democracia plena. O golpe de 1964, aprofundado pelo AI-5, liquidaria tais ilusões, mostrando, para retornar às palavras de Porfírio Diaz, que “a luta de classes existe”.⁴⁹⁸

Quando entra em cena o ditador Porfírio Diaz – faz sua primeira aparição, já como senador eleito e desfilando em carro alegórico, em uma mão uma bandeira negra, na outra um crucifixo: símbolo do colonialismo levado a efeito, inicialmente, por meio do catolicismo europeu e da catequese – é para iniciar, pelo fim, novo capítulo da (...) conjuntura sócio-política de El Dorado (...). Este começa (...) com outra encenação da chegada dos colonizadores, por mar (representação alegórica da cena clássica, fundadora, da Primeira Missa), com o próprio Diaz no papel do colonizador, fincando a bandeira na areia (...). Ao seu lado, um padre (**vestido de negro, como todos aqueles que estão do lado do imperialismo, nos filmes de Glauber**), um índio ornamentado e um português com vestes do século XIV. Alegoria que, no Terra em Transe, tem a função de trazer permanentemente à lembrança o fato de que **a história é a do colonialismo e do imperialismo**, com o objetivo de **expor a permanência da lógica colonialista**, dominante. Portanto, presente também no imaginário do povo, dos camponeses pobres e oprimidos, que reverenciam seus representantes políticos como heróis salvadores e acreditam em suas promessas (a inocência da fé e a impotência da fé, nas palavras do poeta). O principal expoente dessa lógica é o ditador Porfírio Diaz, que, em cena seguinte aparece subindo as escadarias do palácio, onde finca a bandeira negra e profere um discurso “populista”, segurando o crucifixo na altura do peito.

Luis Felipe Miguel dentro de seu livro *O Colapso da Democracia no Brasil: Da Constituição ao golpe de 2016* (publicado em 2019) comenta a tirinha (fig. 159) criada pelo *pensador, historiador, gráfico e cartunista* Quino (Joaquín Salvador Lavado Tejón, 1932-2020, Mendoza, Argentina):

Numa tirinha de Mafalda, [o personagem] Felipe lê a inscrição no pedestal de uma estátua, que descreve o homenageado como “lutador incansável” – e desdenha, afinal, difícil mesmo é “estar cansado e continuar lutando”. É a sensação do momento: uma fadiga enorme, diante de um cenário de derrotas sofridas e antecipadas. E também de necessidade de uma enorme força de vontade para não abandonar uma batalha em que parece que a única vitória que se almeja é não recuar mais. O momento brasileiro é de retrocesso generalizado. (MIGUEL, 2019, p. 179)

⁴⁹⁸ Idem.



Fig. 159 Quino, *Mafalda*

"Felipe: [lee de una estatua] 'Luchador incansable de preclaras ideas'

Felipe: Así, cualquiera... El mérito es estar cansado y seguir luchando."

<https://stryptor.herokuapp.com/mafalda/09/117/>

<https://www.quino.com.ar>

Voltando a exposição. Para fechar o segundo espaço, esse destinado a política (depois do primeiro destinado à educação), logo ao lado da escultura *Estado Sequestrado*, estavam colocados os desenhos de uma pequena parte dos responsáveis e/ou envolvidos diretamente por esse sequestro do Estado brasileiro e as duas pessoas que sofreram perseguições, golpe e encarceramento político (sem provas).

São doze desenhos que pertencem à série *Sobre posições* (fig. 160), os desenhos foram montados na parede em duas linhas horizontais, uma sobre a outra. São políticos e pessoas públicas que foram arranjadas conforme suas relações e posições – por isso o trabalho é *sobre posições* - dentro das dinâmicas políticas que levaram ao golpe de 2016 e seus desdobramentos em direção à extrema direita. Os retratados estão sobrepostos em pares ou trios, e na sequência da linha superior com seis desenhos, no sentido da esquerda para a direita estavam: *Steve Bannon sobre Jair Messias Bolsonaro* (fig. 161), *Dilma Rousseff sobre Luiz Inácio Lula da Silva* (fig. 162), *Michel Temer sobre Eduardo Cunha* (fig. 163), *Fernando Henrique Cardoso sobre Fernando Henrique Cardoso sobre Aécio Neves* (fig. 164), *Sérgio Moro sobre Aécio Neves* (fig. 165), *Donald Trump sobre Jair Messias Bolsonaro* (fig. 166); e na linha inferior: *Jair Bolsonaro sobre José Antonio Dias Toffoli* (fig. 167), *Janaína Paschoal sobre Miguel Reale Jr.* (fig. 168), *Rodrigo Maia sobre José Antonio Dias Toffoli* (fig. 169), *Aécio Neves sobre Gilmar Mendes* (fig. 170), *Sérgio Moro sobre Deltan Dallagnol sobre Rodrigo Janot* (fig. 171), *Tio Sam sobre Sérgio Moro* (fig. 172).



Fig. 160 série de desenhos *Sobre Posições*
 guache, aquarela, nanquim e grafite sobre papel, 2019, 33 x 24 cm
 Imagem acima mostra a forma como os desenhos foram dispostos na exposição.
 Trabalho exposto na individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019
 Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Jerri Rossato Lima

O desenho foi escolhido para essa série pois considero um meio bastante rápido e direto em termos de fatura, pelo menos dentro da resolução mais simplificada que escolhi trabalhar – e que sobre essa prática já comentei no capítulo dois. E a escolha desses agentes políticos me parecia importante para que essas aproximações não se perdessem, não fossem soterradas por um ritmo acelerado de eventos e personagens políticos que se sobrepunham em uma velocidade espantosa, o que só aumentou depois da eleição manipulada pela Lava Jato e por Steve Bannon (entre muitos outros responsáveis, como a grande mídia neoliberal, militares, empresários, bancos, bancadas da bíblia/bala/boi, etc.) em 2018. Penso esses desenhos como documentos desse período de transição onde o poder foi tomado (via golpe) pela direita neoliberal e logo em seguida perdido para a articulação da extrema direita. Penso-os menos como retratos das pessoas e mais como retratos das alianças, aproximações por interesses pessoais e cumplicidades.

O meio de desenho é muitas vezes referido como o mais subjetivo de todos os meios artísticos, o mais próximo das imagens mentais, dos desejos e da imaginação. Relacionar esse meio com a ideia de 'documento' significa encenar um confronto: em que circunstâncias a mídia mais subjetiva pode constituir um 'documento' em relação à história, se esta está necessariamente associada à 'facticidade'? (...)

Paralelamente à ampla preocupação artística atual com a história, que se concentra na política da narrativa histórica, e à ambiguidade dos documentos fotográficos ou fílmicos, surgiu um interesse renovado pelo **desenho como meio de registrar a realidade e relacionar-se com eventos passados**. Encontrado em algum lugar entre os gêneros de pintura histórica, escrita e documentos visuais como fotografia e filme, o meio apresenta possibilidades únicas e coloca questões particulares sobre a recepção da realidade e da historiografia.⁴⁹⁹

*Steve Bannon sobre Jair Messias Bolsonaro*⁵⁰⁰ (fig. 161) procura vincular esses dois elementos ligados a valores e práticas da extrema direita, segundo Jessé Souza:

A relação da família Bolsonaro com Steve Bannon e sua turma ainda é, por boas razões, envolta em mistério. Mas é certo que já se conheciam pelo menos desde 2017, um ano antes da eleição, quando o lobista Gerald Brant – da tradicional família mineira –, que opera dos Estados Unidos, convidou os Bolsonaro para um tour de apresentação à extrema direita [norte] americana. Outros encontros se seguiram, inclusive em agosto de 2018, quando a campanha entrava em sua fase decisiva. Nessa ocasião, Eduardo Bolsonaro confirmou a participação de Bannon na campanha do pai, admitindo seu papel como “conselheiro”, mas ressaltando que

⁴⁹⁹ Texto sobre a exposição coletiva *Documentos de desenho* com os artistas Peter Blegvad, Ivan Grubanov, Christine Meisner, Xisco Mensua, Rinus Van de Velde, Florian Zeyfang. Sala do Projeto Cidade Extra: Emre Hüner, 19 de novembro de 2010 - 6 de fevereiro de 2011, Antuérpia, Bélgica, www.extracity.org. Publicado no site E-Flux em 10 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.e-flux.com/announcements/36249/drawing-documents-and-emre-huner-s-adverse-stability/>. Acesso em 4 de fevereiro de 2022.

⁵⁰⁰ Ver a série documental da rede de televisão pública estadunidense – PBS – *The Rise of Bolsonaros* (lançamento em 30 de agosto de 2022), onde Bannon chama Bolsonaro de “Trump à décima potência”. Disponível em: <https://www.pbs.org/show/rise-bolsonaros/>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

não havia “nada de financeiro” na história. Para a extrema direita [norte] americana, que se preparava já havia algum tempo para uma ofensiva internacional, Bolsonaro representava a figura ideal para a exportação de seu projeto para o Sul global, assim como o Brexit havia representado sua inserção na Europa. Dado o sucesso da campanha de Trump, com sua extraordinária virulência, era mais natural que o prestígio de Bannon junto a seus financiadores o habilitasse a comandar um projeto mundial de expansão. Afinal, como já vimos, a elite [norte] americana buscava internacionalizar a qualquer custo todos os dispositivos de poder que se mostrassem úteis internamente. Esse é precisamente o DNA do imperialismo informal [norte] americano. O Brasil, com inúmeras riquezas naturais e grande mercado interno a ser explorado, além de empresas estatais importantes, representava uma nova fronteira aberta ao saque de sócios ávidos por monopólios e privilégios econômicos de toda espécie. No que efetivamente importa, ou seja, no resultado das ações concretas e práticas, a campanha bolsonarista foi um perfeito exemplo das táticas de Bannon, vencedoras com Trump e o Brexit, mas agora aplicadas às colônias. No caso brasileiro, não se podia falar de ameaça islâmica nem do orgulho nacional de potências imperialistas que se creem racialmente superiores. A ênfase teria que estar nos costumes e na segurança pública. Ambos os assuntos também foram temas de Bannon e Trump – basta lembrar o quadro do site Breitbart News que ligava o crime à negritude e do rechaço ao politicamente correto e à política de apoio a minorias. O nacionalismo teria que entrar como bandeira vazia, simples alusão a símbolos nacionais se qualquer significação econômica (SOUZA, 2020, p.174-176)

No desenho seguinte *Dilma Rousseff sobre Luiz Inácio Lula da Silva* (fig. 162) temos a presidenta e o presidente brasileiros que foram vítimas de ataques, golpe, difamações e perseguições, pois essas duas pessoas representam na política brasileira (pós ditadura militar/empresarial/midiática/estadunidense) o que tivemos de mais aproximado de políticas de bem estar social, políticas essas que beneficiaram a população e por isso são a antítese do que as elites antigas, de viés subimperialista desejam para manter e ampliar os seus bens e privilégios de classe.

“O PT foi fundado em 1980, na primeira eleição presidencial direta depois das décadas de ditadura, ditadura sangrenta, criminosa como todos sabemos, houve uma surpresa, todos esperavam que o segundo turno fosse constituído por Fernando Collor de Mello e Leonel Brizola, o Lula, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou ao segundo turno e foi uma grande surpresa na época, porque o partido tinha apenas nove anos. A partir desse instante nunca houve uma eleição presidencial no Brasil na qual o partido dos trabalhadores ou triunfasse ou ficasse em segundo lugar, aconteceu assim nas duas vitórias do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso no primeiro turno, posteriormente o PT ganha de forma democrática e legítima quatro eleições até o golpe de 2016. O crescimento evidente do PT na década de noventa com a conquista de prefeituras, uma conquista icônica a prefeitura de Porto Alegre, onde se estabeleceu uma experiência do orçamento participativo que era uma experiência nova e o crescimento do Partido dos Trabalhadores nos anos noventa levou, digamos, a favorecer a presença de alguém como Olavo de Carvalho cuja missão na vida, palavras dele, foi acabar com a hegemonia cultural da esquerda, então, nesse sentido que as portas da imprensa, O Estado de São Paulo, O Globo, Época, Revista Bravo se tenham aberto para Olavo de Carvalho é perfeitamente compreensível, por que lembremos que havia uma

parcela da imprensa muito significativa que era radicalmente anti petista e sobre tudo anti Lula, então Olavo de Carvalho ocupou esse espaço de maneira muito eficaz aliás.”⁵⁰¹

Somente sobre essas duas pessoas – Dilma e Lula - se poderiam escrever diversas teses e livros, que, aliás, já foram e ainda serão escritos.

Para a tese irei apenas apontar brevemente as ligações dos demais agentes políticos e públicos com a finalidade de deixar registrado para o leitor poder verificar, se assim o desejar.

*Michel Temer sobre Eduardo Cunha*⁵⁰² (fig. 163), *Fernando Henrique Cardoso sobre Fernando Henrique Cardoso sobre Aécio Neves*⁵⁰³ (fig. 164), *Aécio Neves sobre Sergio Moro*⁵⁰⁴ (fig. 165), *Donald*

⁵⁰¹ Transcrição da entrevista do historiador, ensaísta, crítico literário e professor de literatura comparada João Cezar de Castro Rocha ao jornalista Leonardo Attuch da TV 247 sobre o papel de Olavo de Carvalho na construção do bolsonarismo. “João Cezar de Castro Rocha explica quem foi Olavo de Carvalho”, TV 247, (13:45-15:45). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0rtKplvYYc> Acesso em 26 de janeiro de 2022.

⁵⁰² *Temer teria comprado silêncio de Eduardo Cunha na prisão, diz reportagem de O Globo - Donos da JBS teriam gravado momento em que presidente golpista teria dado aval para compra de ex-deputado*. Brasil de Fato, São Paulo, 17 de maio de 2017. Disponível em: Brasil de Fato, São Paulo, 17 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/17/temer-teria-comprado-silencio-de-eduardo-cunha-na-prisao-diz-reportagem-de-o-globo> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Os golpistas Eduardo Cunha e Michel Temer entregam-se ao próprio ethos e agem contra Lula na eleição. André Barrocal, Carta Capital, 04 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-escorpiones/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵⁰³ *FHC é golpista, o PSDB é derrotado e a marcha de 15 de março é contra o Brasil*. Davis Sena Filho, Sindicato dos Servidores Públicos Federais de Pernambuco - SINDSEP-PE, 03 de março de 2015. Disponível em: <https://www.sindsep-pe.com.br/artigos-detalle/fhc-e-golpista-o-psdb-e-derrotado-e-a-marcha-de-15-de-marco-e-contra-o-brasil/4165#.Yw4-XHbMLIU> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Dez principais motivos do golpe contra Dilma (e a culpa dos golpistas). Leonardo Attuch (TV 247), Fundação Perseu Abramo, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2021/01/25/os-dez-principais-motivos-do-golpe-contra-dilma/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“Jair Bolsonaro, que hoje provoca uma certa vergonha nos golpistas de 2016, é apenas a consequência da trama articulada por nomes como Fernando Henrique Cardoso, Rodrigo Maia, Aécio Neves, José Serra, Michel Temer, Eduardo Cunha, Moreira Franco, Aloysio Nunes e tantos outros integrantes da elite que destruiu o Brasil. Decidi então listar aqueles que me parecem os dez motivos principais pelos quais a ex-presidente Dilma Rousseff foi golpeada em 2016 (não necessariamente por ordem de importância): (1) para que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o PSDB retomassem o projeto “Petrobrax” de faturar e vender a Petrobrás aos pedaços, contemplando também as petroleiras internacionais; (2) para fazer cessar a política externa de um Brasil soberano e recolocar o país como quintal dos Estados Unidos; (3) para a bandagem parlamentar tentar “estancar a sangria” das investigações de Curitiba, como foi profetizado pelo ex-senador Romero Jucá, do MDB; (4) para reduzir salários e aposentadorias tanto no setor público como no setor privado; (5) para desmontar o BNDES e inviabilizar todos os mecanismos de fomento do estado, esvaziando também os bancos públicos; (6) para vender Eletrobrás, Correios e outras estatais, como a BB-DTVM, a tubarões do mercado que ajudaram a financiar o golpe; (7) para saciar a síndrome de abstinência de poder do DEM e do PSDB após quatro derrotas presidenciais para o Partido dos Trabalhadores; (8) para saciar a fome por publicidade estatal da imprensa corporativa, que não aceitava as políticas de democratização que vinham sendo executadas pelos governos progressistas; (9) para a classe média saciar seus preconceitos e se distanciar dos ex-pobres que se aproximavam perigosamente nos aeroportos; (10) para Michel Temer, que nunca havia chegado a lugar algum, nem na política nem na poesia, dizer que sua vida vazia fez algum sentido. Entre os motivos do golpe contra Dilma jamais esteve o “combate à corrupção”, já demonstrado pelas malas de dinheiro da JBS e pela demissão do ex-juiz Sergio Moro por Jair Bolsonaro (para quem com ele se iludiu), nem a responsabilidade fiscal, que piorou muito no governo Temer-Bolsonaro, dois personagens que são parte do mesmo projeto fracassado de “ponte

*Trump sobre Jair Messias Bolsonaro*⁵⁰⁵ (fig. 166); e na linha inferior: *Jair Bolsonaro sobre José Antonio Dias Toffoli*⁵⁰⁶ (fig. 167), *Janaína Paschoal sobre Miguel Reale Jr.*⁵⁰⁷ (fig. 168), *Rodrigo Maia sobre José*

para o futuro". Como nenhum dos dez motivos listados acima tem qualquer relação com crescimento, geração de empregos e desenvolvimento, seus cúmplices e co-autores tentam agora se desvencilhar deste processo que destruiu não apenas a economia nacional como a própria ideia de Brasil. Mas, independentemente do que escrevam, a história lhes será implacável."

⁵⁰⁴ *Sergio Moro está cada vez mais parecido com Aécio Neves - Moro pensa que ninguém vai se lembrar da Vaza Jato, que provou perseguição a Lula, ao PT e a esquerda.* Rogério Correia, Brasil de Fato MG, Belo Horizonte, 03 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2022/02/03/artigo-sergio-moro-esta-cada-vez-mais-parecido-com-aecio-neves> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Entre Amigos - O que a foto de Moro, Aécio, Alckmin e Temer revela sobre a conjuntura nacional. Guilherme de Almeida Soares, Esquerda Diário, São Paulo, 7 de dezembro de 2016. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/O-que-a-foto-de-Moro-Aecio-Alckmin-e-Temer-revela-sobre-a-conjuntura-nacional?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵⁰⁵ SOUZA, Jessé. *A Guerra Contra o Brasil: Como os EUA se uniram a uma organização criminoso para destruir o sonho brasileiro.* Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

⁵⁰⁶ *Toffoli detalha atuação do STF para blindar Bolsonaro e manter Lula preso - Presidente da Suprema Corte diz que agora julgará prisão em segunda instância, pois 'não causará tumulto'.* Alexandre Putti, Carta Capital, 12 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/toffoli-detalha-atuacao-do-stf-para-blindar-bolsonaro-e-manter-lula-presos> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Toffoli admite interferência para evitar impeachment de Bolsonaro. Rafael Duarte, Saiba Mais, 9 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-26/toffoli-arquiva-acao-bolsonaro-divulgacao-repasses> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Toffoli arquiva ação contra Bolsonaro por divulgação de repasses aos estados. Rafa Santos, Revista Consultor Jurídico, 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2019/08/toffoli-admite-interferencia-para-evitar-impeachment-de-bolsonaro/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵⁰⁷ *Autores de impeachment não comprovam supostos crimes de Dilma - Janaína Paschoal e Miguel Reale Jr não conseguiram provar existência de crime de responsabilidade. Senadores contra o golpe desmontaram teses golpistas.* Camilo Toscano, da Agência PT de Notícias, 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/autores-de-impeachment-nao-comprovam-supostos-crimes-de-dilma/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

A acusadora - Como a advogada Janaína Paschoal, uma desconhecida professora da USP, se transformou em peça-chave do impeachment. Julia Duailibi, Revista Piauí, Edição 122, Novembro 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-acusadora-janaina-paschoal/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Janaína Paschoal admite farsa do impeachment: "Alguém acha que Dilma caiu por um problema contábil?". Fabio M Michel, RBA, 14 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/09/janaina-paschoal-admite-farsa-do-impeachment-alguem-acha-que-dilma-caiu-por-um-problema-contabil/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Antonio Dias Toffoli⁵⁰⁸ (fig. 169), Aécio Neves sobre Gilmar Mendes⁵⁰⁹ (fig. 170), Sérgio Moro sobre Deltan Dallagnol sobre Rodrigo Janot⁵¹⁰ (fig. 171), Tio Sam sobre Sérgio Moro⁵¹¹ (fig. 172).

⁵⁰⁸ *Previdência - Bolsonaro, Maia e Toffoli firmam pacto: para que milhões trabalhem até morrer*. Máira Machado e Felipe Guarnieri, 28 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Bolsonaro-Maia-e-TOFFOLI-firmam-pacto-para-que-milhoes-trabalhem-ate-morrer> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“Bolsonaro e toda ‘velha política’ se reuniram (...) no Palácio do Planalto nesta manhã. No cardápio um pacto – provisório – para juntos marcharem para arrancar o sangue dos trabalhadores com a Reforma da Previdência, a autoritária e sanguinária ‘Lei Anti-Crime’ de Moro e outras medidas. Esse pacto mostra como em meio aos conflitos entre diferentes autoritarismos há também muito acordo em trucidar direitos civis e dos trabalhadores.”

⁵⁰⁹ *Amizade de Gilmar com Aécio o torna suspeito, dizem especialistas - Na última semana, ministro do STF mandou arquivar processo contra senador tucano, com quem mantém relação de amizade*. Leonardo Fernandes, Brasil de Fato, São Paulo, 03 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/03/amizade-de-gilmar-com-aecio-o-torna-suspeito-dizem-especialistas> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵¹⁰ FERNANDES, Fernando Augusto. *Geopolítica da Intervenção: A verdadeira história da Lava Jato*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

Moro, Deltan e Janot na política: Lava Jato assume o partido que sempre foi Ex-coordenador da Lava Jato, Dallagnol anunciou que entrará na política, seguindo os passos de Moro. A Vaza Jato deu o spoiler. João Filho, The Intercept Brasil, 6 de novembro de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/11/06/moro-deltan-dallagnol-janot-lava-jato-partido-politica/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“O lavajatismo é o pai do bolsonarismo que hoje destrói o país em todos os setores. Além de ter tirado o principal adversário de Bolsonaro do páreo de maneira ilegal, a força-tarefa contribuiu imensamente para a demonização da prática política, abrindo os caminhos para que um messias-salvador-antissistema com discurso extremista ascendesse o poder para por um fim à era dos ‘politicorruptos’. O lavajatismo pavimentou a estrada para a passagem da motociata do neofascismo bolsonarista — e esse é um fato que não pode ser negado por ninguém que tenha um pinga de vergonha na cara. (...) Na trilha da política, o alinhamento ideológico entre bolsonarismo e lavajatismo é ainda mais evidente. Não é à toa que as candidaturas lavajatistas são vistas com bons olhos pelos militares, hoje o principal pilar de apoio do governo Bolsonaro. Sérgio Moro já convidou muitos oficiais de alta patente para a cerimônia de sua filiação ao Podemos. Entre os convidados está o general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro da Secretaria-Geral da Presidência de Bolsonaro. O partido da Lava Jato inclusive já o convidou para se candidatar ao Senado. Não é coincidência. A Lava Jato morreu como operação, mas o lavajatismo permanece vivo como uma corrente política de extrema direita. Os lavajatistas podem ser ainda mais perigosos que os bolsonaristas do ponto de vista democrático. Contam com apoio maciço da grande imprensa, que lhes conferiu um falso verniz civilizatório e os vende como políticos moderados de centro-direita, numa clara tentativa de fazê-los ocupar o espaço ainda vago da terceira via.”

Moro defende Dallagnol, parceiro de abusos na Lava Jato: “Arbitrariedade” - O ex-juiz, considerado suspeito e parcial pelo STF, se solidarizou com Dallagnol e Rodrigo Janot, condenados pelo TCU na “farra das diárias e passagens”. Lucas Vasques, Revista Fórum, 09 de agosto de 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/8/9/moro-defende-dallagnol-parceiro-de-abusos-na-lava-jato-arbitrariedade-121423.html> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵¹¹ *Agente da CIA? Treinado pelo FBI? Um raio-x da relação Moro-EUA*. Daniel Giovanaz, Brasil de Fato, Curitiba, 05 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2017/06/05/agente-da-cia-treinado-pelo-fbi-um-raio-x-da-relacao-moro-eua> Acesso em 30 de agosto de 2022.

O Le Monde disse o que já se sabia: a Lava Jato atuou como uma agência dos EUA no Brasil. Larissa Liz Odreski Ramina, Grupo Prerrogativas, 12 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.prerrogativas.com.br/o-le-monde-disse-o-que-ja-se-sabia-a-lava-jato-atuou-como-uma-agencia-dos-eua-no-brasil/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“A reportagem traz os detalhes de como o sistema de justiça brasileiro foi manipulado e instrumentalizado para o atingimento de interesses geopolíticos estadunidenses, com a colaboração criminosa e vassala de agentes públicos brasileiros, sob o comando de Sérgio Moro e os servís dallagnois na equipe. Os objetivos dos EUA para a América Latina e o Caribe, em termos gerais, não mudaram entre a segunda metade do século XX e o momento em que vivemos. Trata-se de manter o controle da região, considerada como o american backyard. O que mudaram foram as estratégias implementadas para chegar a esses objetivos.

Se no século passado foram utilizados tanques e armamentos para sustentar a instauração de sangrentas ditaduras pró-estadunidenses, nesse século essas estratégias demonstraram-se inadequadas. Para refrescar a memória, vale lembrar que ‘a Operação Condor fazia parte do complexo sistema interamericano de contra-insurgência promovido pela política exterior norte-americana. Mediante sua ativação transnacional, Condor complementava as políticas repressivas que as Forças Armadas do Cone Sul exerciam sobre seus territórios nacionais’, conforme define o ex-juiz espanhol Baltasar Garzón no livro ‘Operação Condor 40 anos depois’. Alguns analistas já comentaram que atualmente poderíamos estar assistindo ao surgimento de uma espécie de Plano Condor II, com novas estratégias para submeter a região. Essas estratégias estariam substituindo as intervenções tradicionais e os apoios aos golpes militares por ingerências de novo tipo, que vem sendo chamadas por estrategistas como guerras indiretas, irregulares, assimétricas ou, ainda, guerras híbridas ou guerras ‘por procuração’, para utilizarmos a terminologia sugerida pelo analista norte-americano Andrew Korybko. As guerras híbridas seriam novas estratégias de guerra que contemplam duas fases, a fase da revolução colorida e a fase da guerra não convencional. No Brasil, a primeira fase aconteceu sob a alcunha “jornadas de junho de 2013”, hoje sabidamente um movimento que nada teve de espontâneo, muito semelhante às revoluções coloridas da Primavera Árabe, arquitetadas fora do país, com o intuito de fabricar consensos em parcela apropriada da população, para que participassem dos protestos de rua sem tomarem consciência de que estavam sendo manipulados, ou seja, pensando que chegaram, por conta própria, às ideias que na verdade foram induzidas por agentes externos. É isso que explica o fato de que os protestos contra o aumento das passagens de ônibus rapidamente se transformaram em protestos contra o governo petista. A segunda fase da guerra híbrida, a fase da guerra não convencional, teve início quase que simultaneamente, quando Dilma Rousseff cede às fortes pressões e sanciona duas leis fortemente inspiradas no sistema penal acusatório dos EUA, atribuindo maior empoderamento aos órgãos do Ministério Público, que na prática operam mediante instruções do Departamento de Justiça (DOJ) daquele país. A primeira foi a Lei 12.846/13, a Lei Anticorrupção, que regulamentou a responsabilidade civil e administrativa das pessoas jurídicas que praticam atos contra a administração pública no Brasil e no exterior, abrangendo especialmente os atos de corrupção. Essa Lei resultou de forte pressão do Grupo de Trabalho da OCDE sobre Suborno em Transações Comerciais Internacionais, fortemente influenciado pelos EUA, pelo fato de o Brasil ter ratificado a Convenção Antissuborno da OCDE. A Lei brasileira incluiu a maioria dos mecanismos previstos na famosa Lei de Práticas de Corrupção no Exterior dos EUA, a FCPA, considerada como o maior instrumento do imperialismo econômico estadunidense, pois capaz de aplicar multas astronômicas a empresas estrangeiras a ponto de destruí-las. E foi a Lei Anticorrupção brasileira de 2013 que permitiu ao DOJ sancionar empresas brasileiras, incluindo a Petrobras e a Odebrecht, nos mesmos termos da Lei FCPA. A segunda foi a Lei 12.850/13 (delação premiada), que definiu o crime organizado e introduziu a negociação de pena em processos criminais relacionados a organizações criminosas, bem como procedimentos de interceptação de comunicações. Essas leis passaram a ser aplicadas já a partir de 17 de março de 2014, data da criação da Operação Lava Jato pelo então PGR **Rodrigo Janot**, que nomeou o procurador Pedro Soares para sua liderança. Pouco tempo depois, em razão de divergências com **Sérgio Moro**, ele será substituído por **Deltan Dallagnol**, “que não só será favorável a Moro no caso, mas também se tornará o principal sustentáculo do magistrado”, conforme atesta o *Le Monde*. Em setembro do mesmo ano, a Casa Branca publicou a ‘agenda anticorrupção global’, que dispõe expressamente que “a luta contra a corrupção no exterior (por meio da FCPA) pode ser usada para fins de política externa, a fim de defender os interesses de segurança nacional”, conforme também salienta o *Le Monde*. Em pouquíssimo tempo, a **Lava Jato** **alçou o discurso anticorrupção à pauta mais urgente do país, e com o apoio incondicional da mídia corporativa consolidou a narrativa de que todo o mal estava concentrado no Partido dos Trabalhadores e principalmente na então Presidente Dilma Rousseff e no ex-Presidente Lula. Assim, foi criado o clima perfeito para o golpe de Estado de 2016 e para o início da guerra jurídica no Brasil, como parte da segunda fase da guerra híbrida em ação.**”

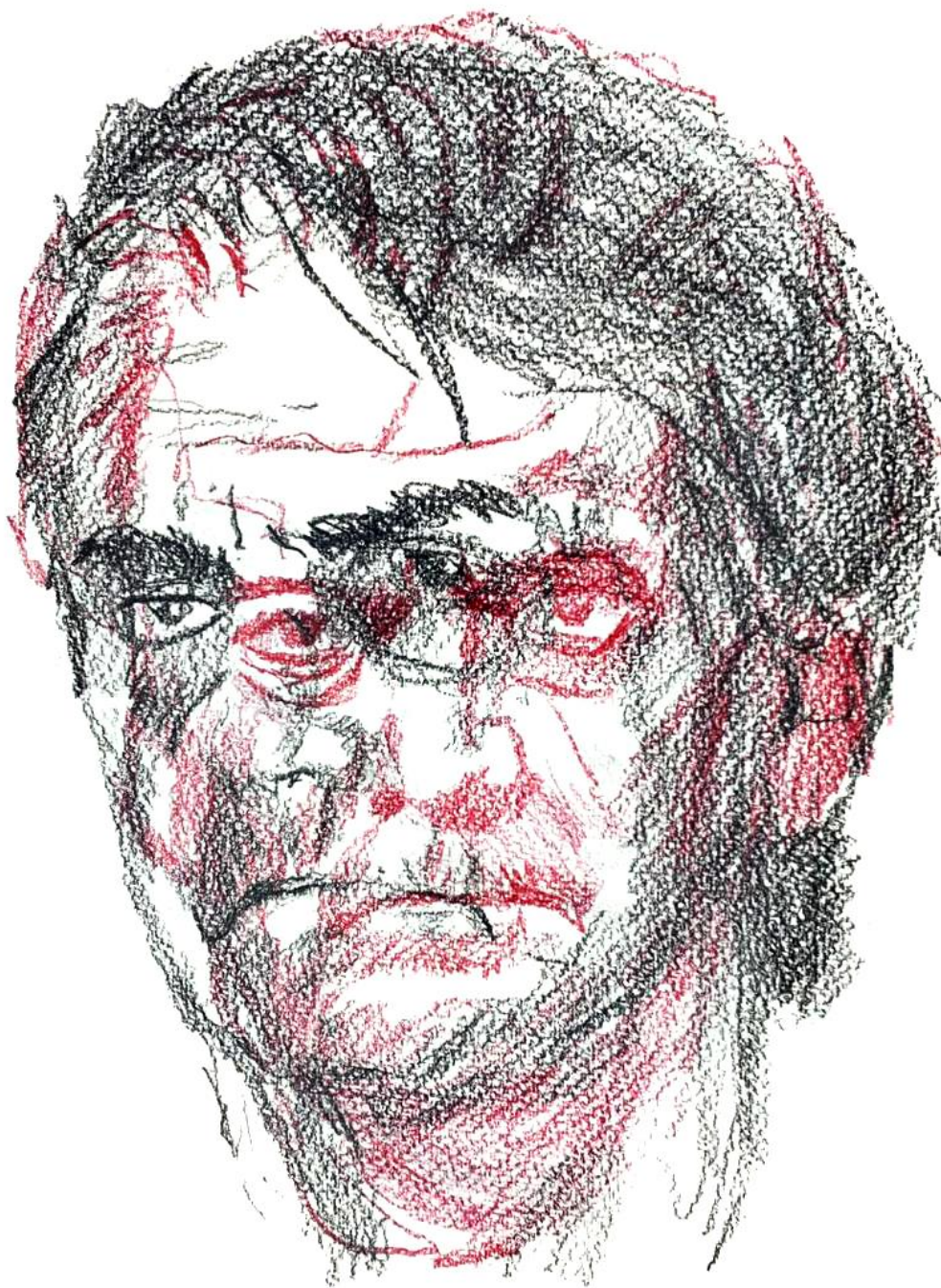


Fig. 161 *Steve Bannon sobre Jair Messias Bolsonaro*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 162 *Dilma Rousseff sobre Luiz Inácio Lula da Silva*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 163 *Michel Temer sobre Eduardo Cunha*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável e guache sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 164 *Fernando Henrique Cardoso sobre Fernando Henrique Cardoso sobre Aécio Neves*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável e guache sobre papel, 33 x 24 cm

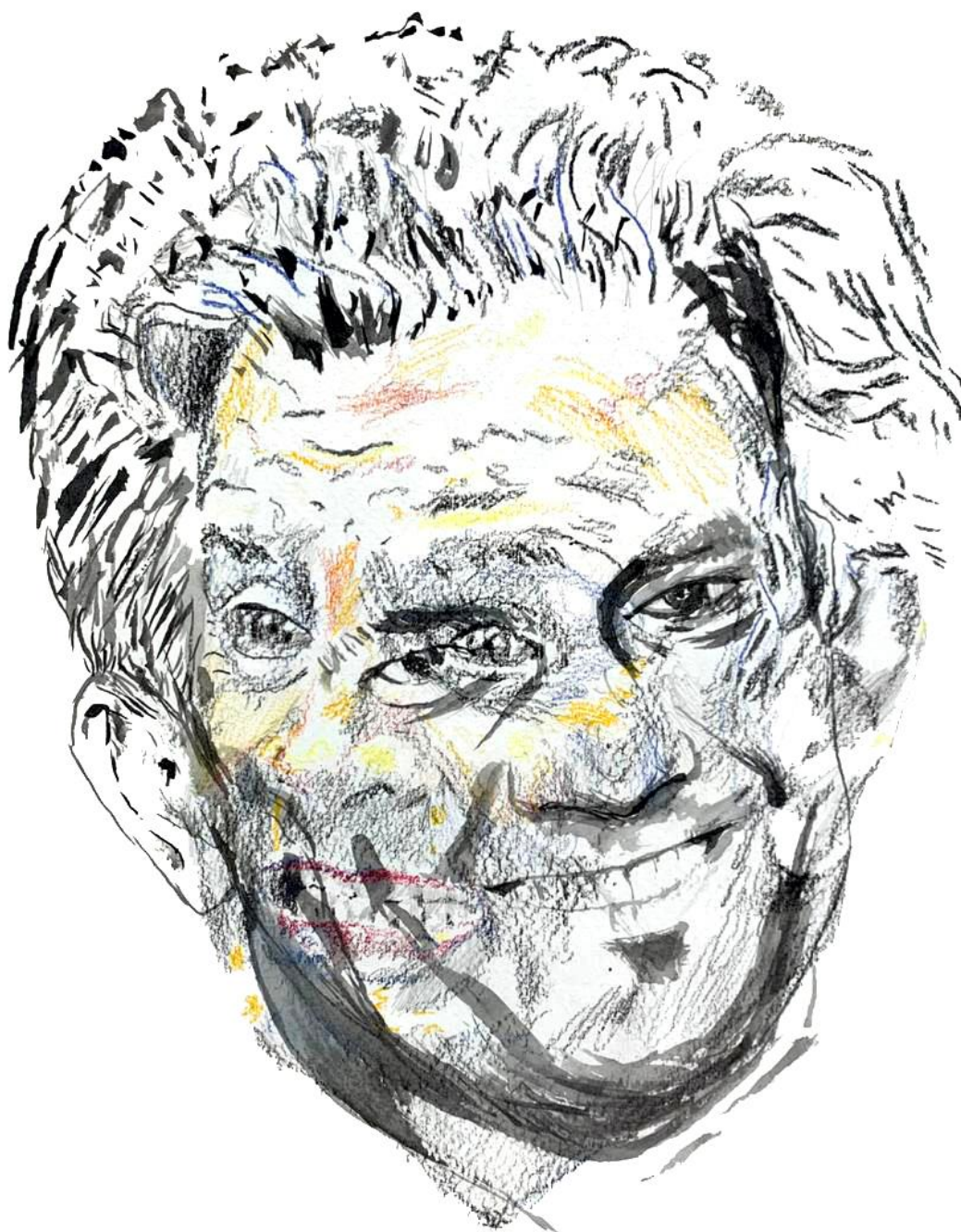


Fig. 165 *Aécio Neves sobre Sergio Moro*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável e guache sobre papel, 33 x 24 cm

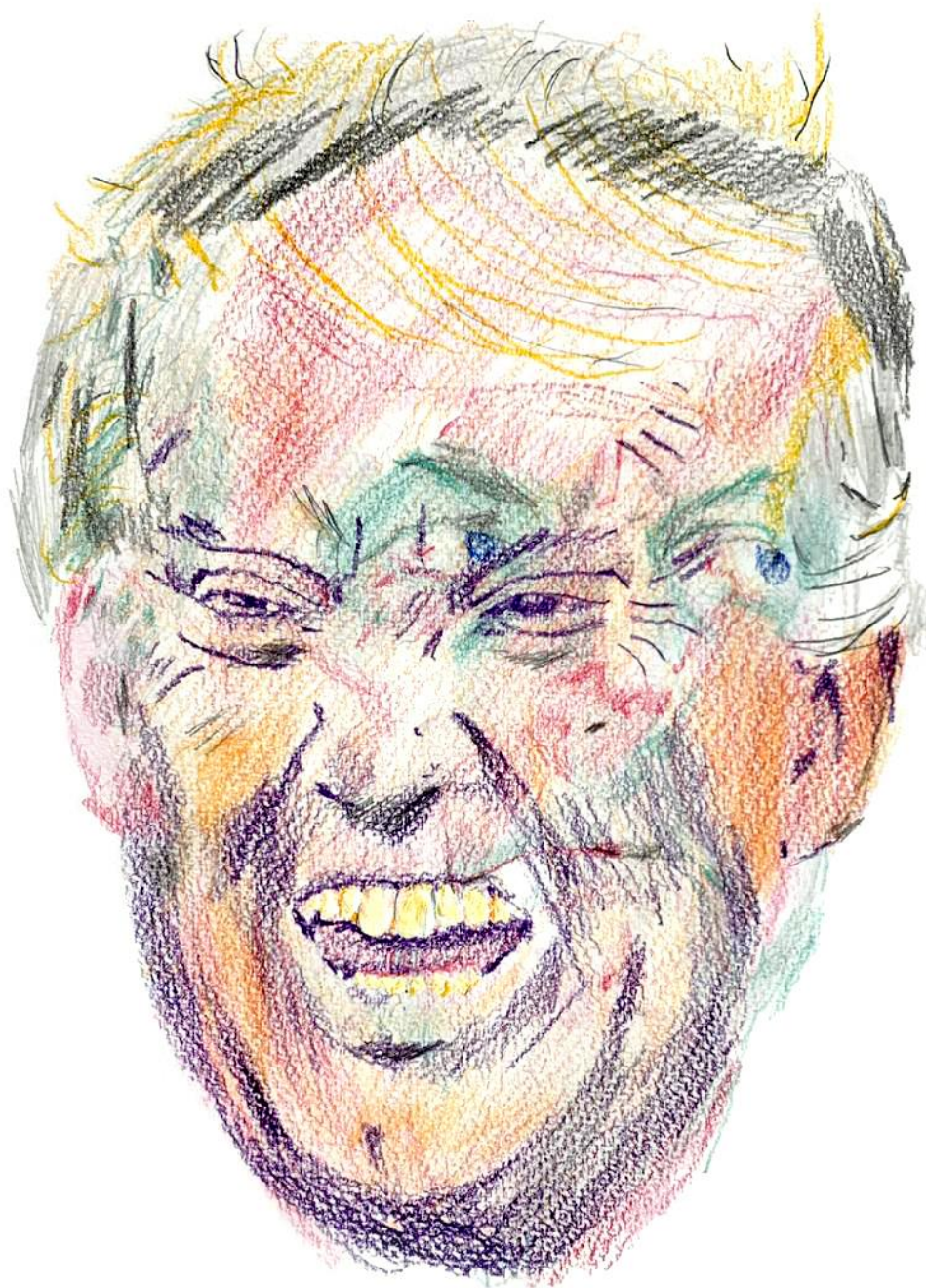


Fig. 166 *Donald Trump sobre Jair Messias Bolsonaro*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm

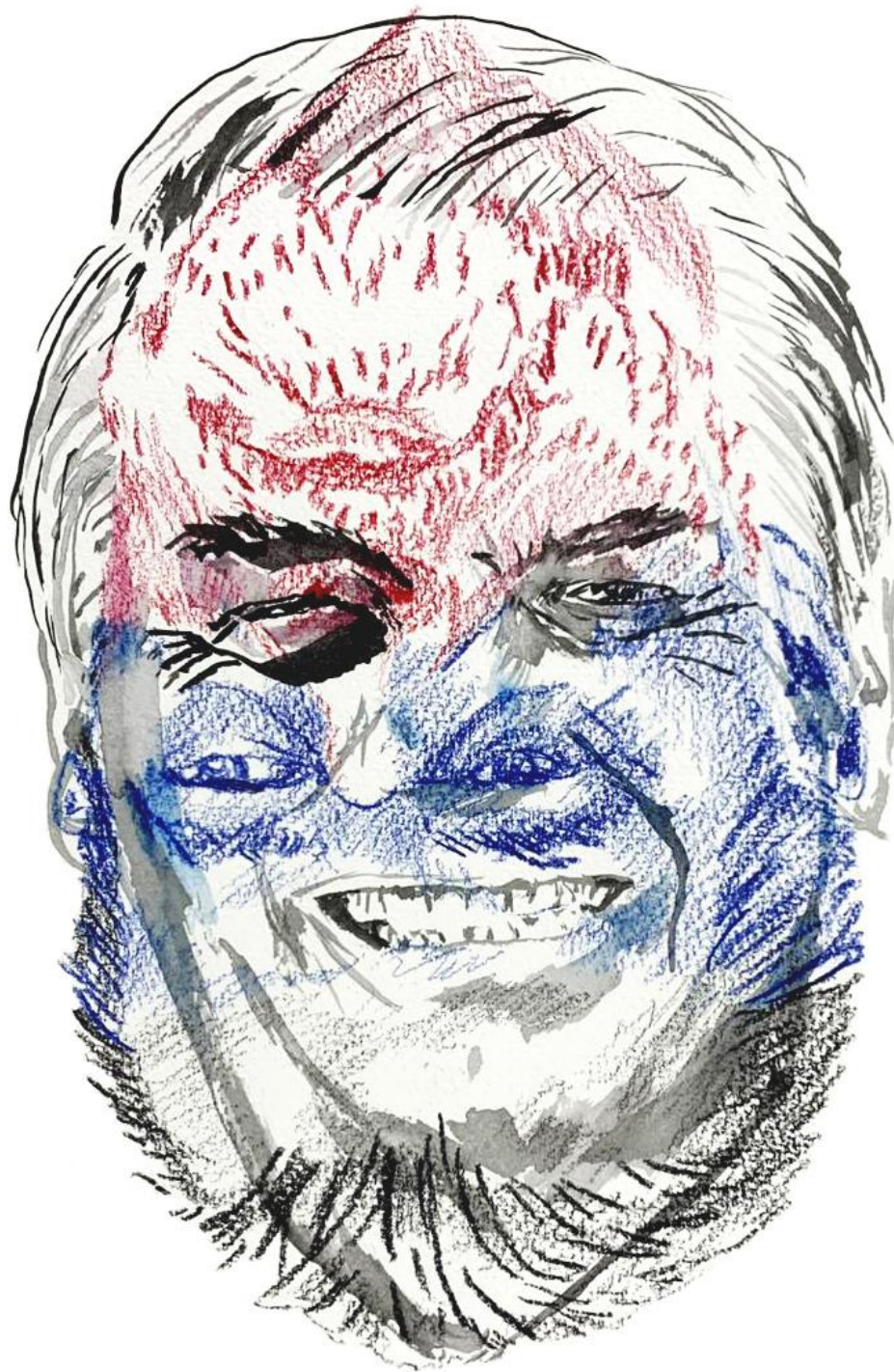


Fig. 167 *Jair Bolsonaro sobre José Antonio Dias Toffoli*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável e guache sobre papel, 33 x 24 cm

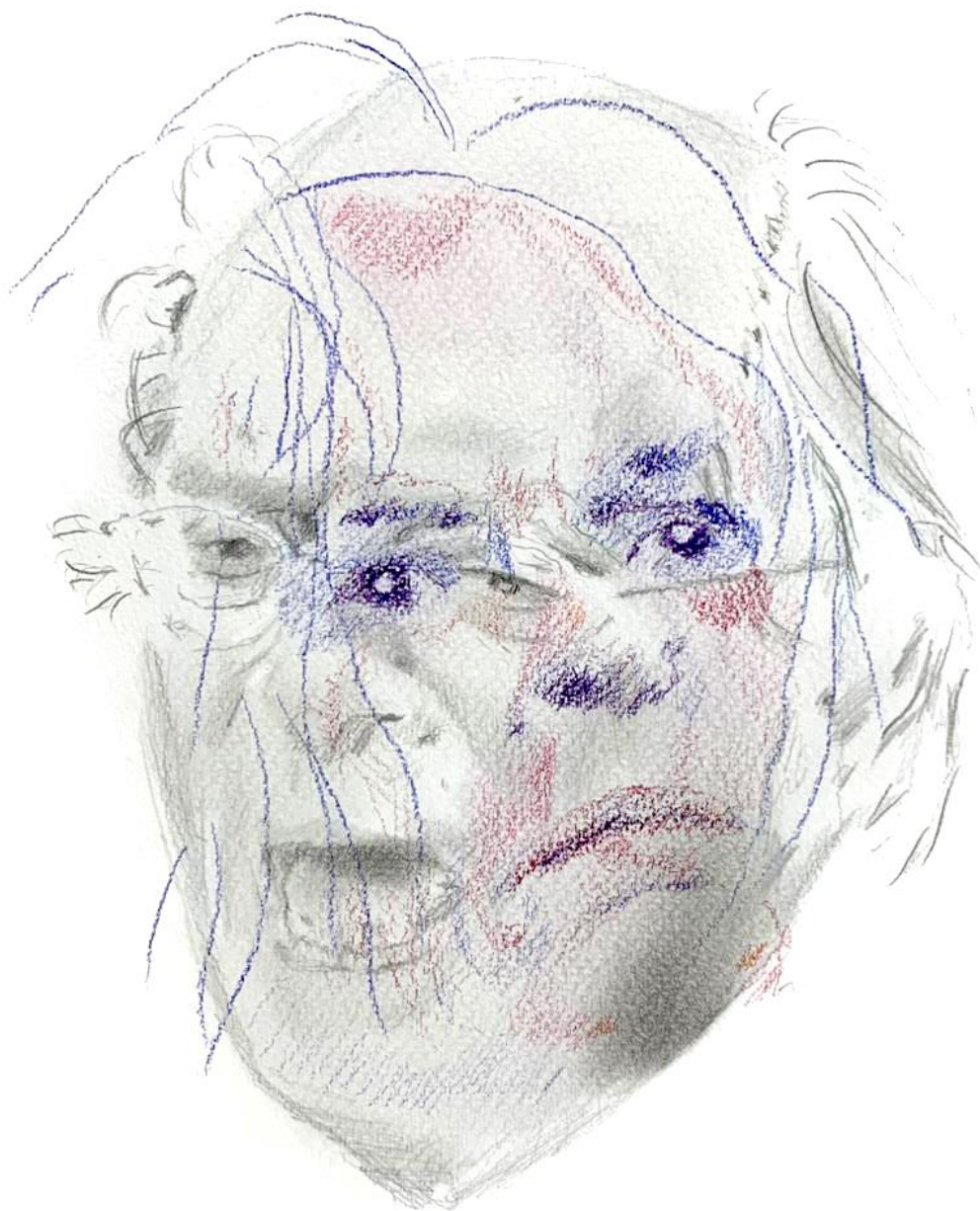


Fig. 168 *Janaina Paschoal sobre Miguel Reale Jr.*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm

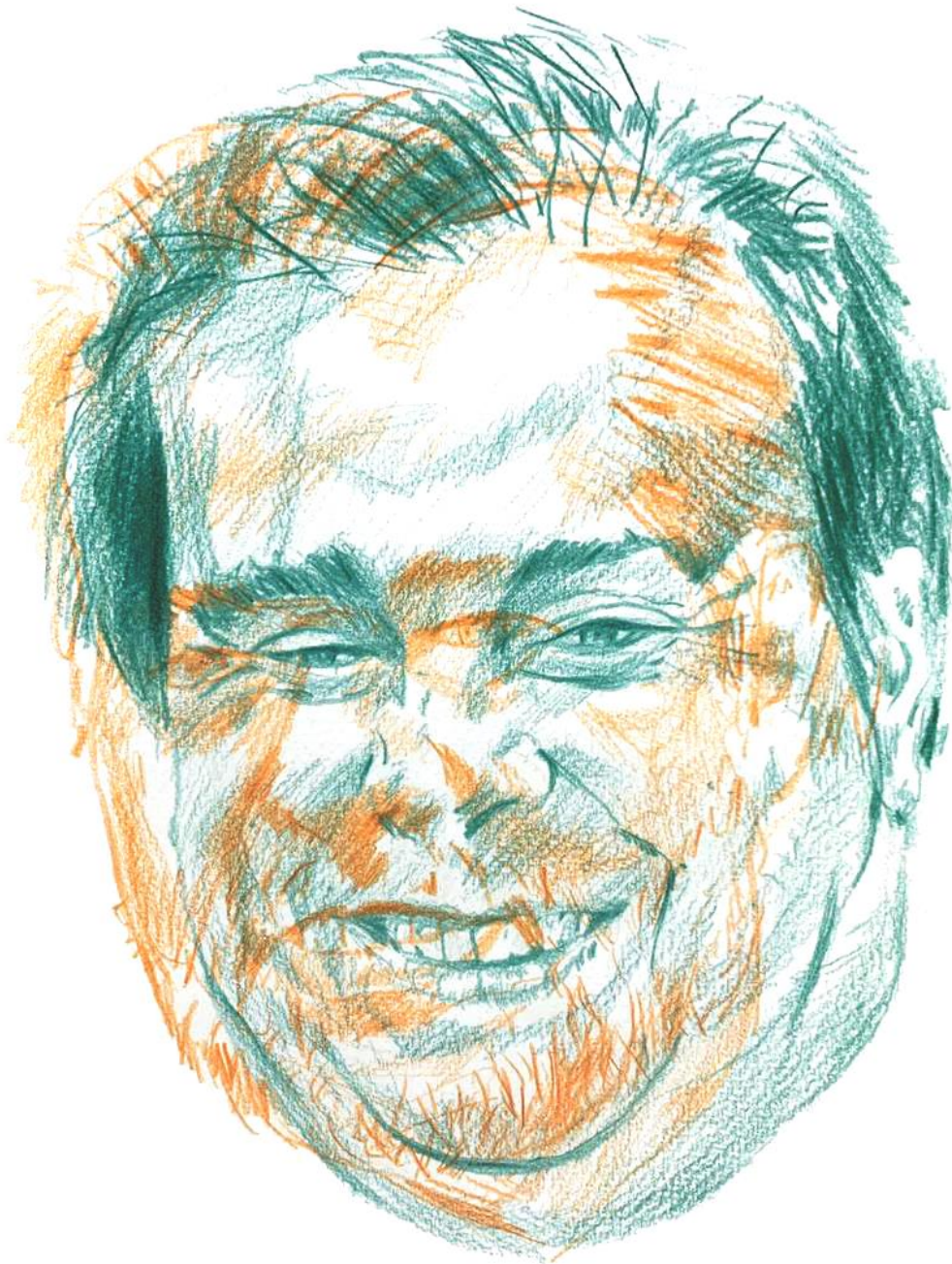


Fig. 169 *Rodrigo Maia sobre José Antonio Dias Toffoli*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 170 Aécio Neves sobre Gilmar Mendes
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável e guache sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 171 *Sérgio Moro sobre Deltan Dallagnol sobre Rodrigo Janot*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável sobre papel, 33 x 24 cm



Fig. 172 *Tio Sam sobre Sérgio Moro*
série *Sobre Posições*, outubro de 2019, lápis aquarelável, guache e nanquim sobre papel, 33 x 24 cm

Para complementar a questão da Lava Jato ser “influenciada” por órgãos federais dos EUA, a partir de comentários da matéria do Jornal francês *Le Monde* em 09 de abril de 2021, seguem os comentários transcritos dos jornalistas Leonardo Attuch, Florestan Fernandes Jr. e Rodrigo Vianna:

Leonardo Attuch: (...) energia cara produz subdesenvolvimento. Como é que o Brasil se tornou um país desenvolvido? Quando começou a se desenvolver? Quando Juscelino Kubitschek⁵¹² [e] Lucas Lopes⁵¹³ se uniram e criaram o binômio que era energia e transportes, o Brasil tinha que se desenvolver a partir desses dois investimentos (...) infraestrutura de transportes e infraestrutura de energia (...) energia barata cria as condições para o desenvolvimento, energia cara produz subdesenvolvimento.

Florestan Fernandes Jr.: (...) a respeito dessa matéria do *Le Monde [Diplomatic]* (...) em 2009, dois anos depois desse encontro com o Moro, [Karine] Moreno Taxman⁵¹⁴ (...) uma mulher que é ligada ao FBI, foi convidada a falar na conferência anual do de agentes da polícia federal brasileira em Fortaleza, “diante de mais de quinhentos profissionais a norte américa ensinou aos brasileiros a fazer o que os Estados Unidos queriam, em casos de corrupção é preciso ir atrás do rei, de maneira sistemática e constante para derrubá-lo, para que o judiciário possa condenar alguém por corrupção é preciso que o povo odeie essa pessoa, afirmou depois, sendo mais explícita – a sociedade deve sentir que ele realmente abusou de seu cargo e exigir a sua condenação”.

Rodrigo Vianna: É a Lava Jato, é a descrição da Lava Jato.

Florestan Fernandes Jr.: (...) o nome do então presidente Lula não foi citado nenhuma vez mas segundo os autores da reportagem do [jornal] *Le Monde* estava na cabeça de todos os presentes na época, o escândalo de mensalão ocupava os noticiários do país. Daí então [fica] cada vez mais claro para todos nós o envolvimento dos governos norte americanos, tanto o democrata como o republicano no que o Brasil está vivendo hoje [27/03/2022], ou seja, eles destruíram a nossa economia, eles pegaram as nossas riquezas e eles colocaram o Brasil de joelhos, impedindo que o Brasil tivesse condições de ser uma nação forte, não militarmente, mas com uma justiça social maior, isso porque, porque a dominação passa pela pobreza e pelo

⁵¹² Juscelino Kubitschek de Oliveira (Diamantina, 12 de setembro de 1902 — Resende, 22 de agosto de 1976), 21º Presidente do Brasil (31 de janeiro de 1956-31 de janeiro de 1961), tendo como vice-presidente João Goulart.

⁵¹³ Lucas Lopes (Ouro Preto, 25 de junho de 1911 – Rio de Janeiro, 29 janeiro de 1994) “Criador da Cemig (Centrais Elétricas de Minas Gerais), Lucas Lopes (...) o grande planejador com quem JK contou para tocar as obras de seu governo, como secretário-executivo do Conselho Nacional de Desenvolvimento, que centralizou os trabalhos do Plano de Metas de JK. Quando JK assumiu, o então BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) estava em três salinhas acanhadas na rua 7 de Setembro com a Quitanda. Só passou a existir quando Assis Figueiredo, do grupo de Lucas Lopes, criou o Imposto Único sobre Combustíveis, que serviu de “*funding*” não apenas para o BNDE como para a Petrobras. Quando o Plano de Metas foi anunciado, elevou a imagem de JK e do Brasil internacionalmente. Pela primeira vez se tinha um plano com metas quantificadas, com definição de fonte de recursos, cronograma.” NASSIF, Luís. *JK e Lucas Lopes*. Folha de São Paulo, Mercado, São Paulo, domingo, 15 de janeiro de 2006. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1501200608.htm> Acesso em 27 de março de 2022.

⁵¹⁴ C.f. Mais sobre essa personagem estadunidense, paga pela embaixada dos EUA para treinar delegados, procuradores e juizes brasileiros (que segundo ela só estava fazendo isso em consideração à dois amigos: Sérgio Moro e Fausto Martins de Sanctis da operação Satiagraha. “Em 2011, a Operação Satiagraha foi anulada pelo Superior Tribunal de Justiça, acatando parecer do Ministério Público Federal, em razão de ilegalidades. No mesmo dia, o Conselho Nacional de Justiça arquivou os dois processos nos quais o desembargador Fausto Martin De Sanctis, do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, era acusado de descumprir ordens do Supremo Tribunal Federal quando era juiz na 6ª Vara Federal Criminal de São Paulo. Por unanimidade, os conselheiros entenderam que o juiz, de fato, desobedeceu às ordens do STF.”) ver no documentário a partir de 1:20:15. CARVALHO, Joaquim de. *A Grande Farsa – Como Moro enganou o Brasil e ficou rico*. TV 247, 27 de abril de 2022, 2:19:57. Disponível em: Acesso em 2 de abril de 2022.

desentendimento da nação, quanto mais tumulto é mais fácil para a rapinagem, para levar a grana e a riqueza do nosso país, é disso que se trata”.⁵¹⁵

Os próximos e últimos seis trabalhos a serem comentados estavam agrupados em um terceiro espaço da galeria Verve, uma sala no subsolo, e abordavam, segundo entendo, os seguintes temas: a tentativa de avanço da ideologia militarista sobre a educação emancipadora, os ataques contra os povos originários; um desastre resultante do desmonte de instituições públicas voltadas à pesquisa científica; a falácia do estado mínimo neoliberal e por extensão seus mantenedores e difusores, os quais contribuem em conjunto para o avanço da desigualdade social, para a desesperança e caos (elementos essenciais para o controle colonial).

Considerando a sequência de visualização temos os seguintes trabalhos: a escultura *Escola “cívico-militar” em imposição* da série *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar* (fig. 173); a escultura de parede *Ataques por todos os lados*, também da série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 174); a pintura *Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)* série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* (fig. 175), a escultura de 2017 *Estado Mínimo* (fig. 179) e os desenhos *A Elite do Atraso* da série *Leituras Necessárias* (fig. 180) e *sMallmoro* (fig. 182).

Em 2019 o governo militarizado⁵¹⁶ de J.M.B. implantou o projeto para transformar escolas públicas em escolas cívico-militares, até 2022, esse projeto já se espalhou por 25 estados, com um total

⁵¹⁵ Comentários dos jornalistas Leonardo Attuch, Florestan Fernandes Jr. e Rodrigo Vianna a respeito dos prejuízos causados ao país pela operação Lava-Jato. Bom dia 247, com Attuch, Rodrigo e Florestan (27.03.22), Leonardo Attuch 34:14-34:47; Florestan Fernandes Jr. 35:00-37:11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C66IMINMeW0&t=2086s> Acesso em 27 de março de 2022.

Matéria citada do jornal francês - Le naufrage de l'opération anticorruption « Lava Jato » au Brésil. Par Gaspard Estrada (Opalc, Sciences Po) et Nicolas Bourcier. Le Monde. Publié le 09 avril 2021 à 16h33. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2021/04/09/au-bresil-une-operation-anticorruption-aux-methodes-contestables_6076204_3210.html Acesso em 27 de março de 2022.

Conferir também – “O que começou como a ‘maior operação contra a corrupção do mundo’ e degenerou no ‘maior escândalo judicial do planeta’ na verdade não passou de uma estratégia bem-sucedida dos Estados Unidos para minar a autonomia geopolítica brasileira e acabar com a ameaça representada pelo crescimento de empresas que colocariam em risco seus próprios interesses. A história foi resgatada em uma reportagem do jornal francês Le Monde deste sábado (10/4), assinada por Nicolas Bourcier e Gaspard Estrada, diretor-executivo do Observatório Político da América Latina e do Caribe (Opalc) da universidade Sciences Po de Paris.”

O Mal em nome do Bem. Jornal francês mostra como os EUA usaram a "lava jato" para seus próprios fins. Revista Consultor Jurídico - Conjur, 10 de abril de 2021, 12h49. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-abr-10/jornal-frances-mostra-eua-usaram-moro-lava-jato> Acesso em 27 de março de 2022.

⁵¹⁶ Entenda: como um governo militarizado corrói a democracia brasileira - Protagonismo de militares na gestão Bolsonaro compromete políticas públicas e cria ambiente de ameaça golpista no país. Pedro Rafael Vilela, Brasil de Fato, Brasília, 31 de

de 216 unidades, o que corresponde ao cumprimento da meta inicial – inclusive porque não vai outra opção, pois como o próprio J.M.B. disse: “Tem que impor”⁵¹⁷. As escolas públicas que foram submetidas a esse sistema passaram a incluir militares da Polícia e/ou das Forças Armadas. Segundo o site do IBGE, o número de escolas públicas no Brasil existentes são de: 112.927 - *ensino infantil e ensino médio* - 29.167 escolas⁵¹⁸. Portanto apenas uma pequena parte foi atingida por essa mudança. Abaixo segue uma matéria de um veículo de imprensa, subsidiária da rede Globo e conhecida no estado do Rio Grande do Sul por seus ideais conservadores e neoliberais:

A mudança levou à implantação de regras rígidas de hierarquia e disciplina. As instalações são patrulhadas por policiais armados. Os alunos usam farda, recebem infrações no boletim em

março de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/entenda-como-um-governo-militarizado-corroi-a-democracia-brasileira> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“O dia que marca o aniversário de 57 anos de uma página infeliz da história brasileira, o golpe de abril de 1964 - instalando uma ditadura militar que durou mais de duas décadas -, o país amarga uma nova tragédia histórica: a pandemia de covid-19, que já matou mais de 317,6 mil pessoas [em março de 2021]. A pandemia revelou ainda o quão nefasta tem sido a atuação de um governo completamente militarizado, que entregou grande parte da gestão pública para quadros egressos das Forças Armadas, sob um discurso de eficiência de gestão, mas que, na prática, não passou de uma miragem. ‘Essa visão do Bolsonaro (sem partido) de que a eficácia militar basta para tudo quanto é lugar é uma bobagem’, afirma o professor Francisco Carlos Teixeira, do Departamento de História Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor emérito da Escola de Comando do Estado Maior do Exército. (...) Para a professora e pesquisadora Ana Penido, que investiga políticas de Defesa e atuação das Forças Armadas no país, além da incapacidade dos militares para coordenar políticas públicas que deveriam estar a cargo de civis especializados, existe um problema de corrosão da própria democracia, por causa da incompatibilidade entre o funcionamento da caserna e o ambiente democrático republicano. ‘Militar, em teoria, é uma questão antagônica à democracia. É hierarquia, disciplina, ordem, segredo. Tudo isso faz parte da cultura militar e não faz parte da democracia. Na democracia, os grupos políticos se organizam para disputar ideias, políticas, recursos. A maior preocupação que a gente deve ter, sem dúvida, é com a democracia’, afirma.

Presença militar no governo Bolsonaro é corporativista e sem projeto, diz pesquisador - Cientista político e professor da FESPSP, William Nozaki analisa militarização da administração pública no Brasil. Lu Sudré, Brasil de Fato, São Paulo, 23 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/23/presenca-militar-no-governo-bolsonaro-e-corporativista-e-sem-projeto-diz-pesquisador> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“Mais de 6,3 mil militares brasileiros ocupam cargos civis em diferentes áreas, segundo levantamento apresentado pelo estudo *A Militarização da Administração Pública no Brasil: Projeto de Nação ou Projeto de Poder?*, de autoria de William Nozaki. (...) ‘A busca por aumentos do soldo, por novas bonificações, gratificações, benefícios e privilégios é o que tem orientado esse volume de militares ocupando cargos de civis no último período’, afirma Nozaki. (...) ‘A linha geral é a ocupação do Estado. Precisamos olhar para essa dimensão desconstruindo o mito de que os militares sentam em uma mesa e organizam tudo hierarquicamente, de maneira estratégica. O que as crises nos mostram é que isso não acontece. É uma ocupação de espaço desprovida de projeto’, explica o cientista político.”

⁵¹⁷ “Tem que impor”, diz Bolsonaro a Ibaneis sobre militarização das escolas - Em fala, o presidente fez referência ao governador do DF que propôs a adoção da militarização em algumas escolas da capital e algumas escolas rejeitaram. Rodolfo Costa, Correio Brasiliense, 05 de setembro de 2019. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/09/05/interna_politica,780922/tem-que-impor-diz-bolsonaro-a-ibaneis-sobre-militarizacao-das-escolas.shtml Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵¹⁸ Conforme site do IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/13/5908> - a fonte é o INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> Acesso em: 30.05.2022.

caso de atraso, batem continência, são revistados ao chegar, passam por inspeções do cabelo, da barba e dos sapatos e participam de cerimônias de hasteamento da bandeira e de execução do Hino Nacional no início das atividades. As famílias têm de bancar a compra dos uniformes e pagam uma taxa mensal para manter os filhos matriculados. Pelo menos 14 Estados – incluindo o Amazonas citado por Bolsonaro, onde chegou-se a cobrar R\$ 1 mil pela matrícula em uma escola estadual militarizada — adotaram projetos na mesma linha nos últimos anos. (...) o Ministério da Educação se manifestou sobre o assunto por nota. O texto destaca que o MEC ainda estuda a ampliação do modelo de funcionamento das escolas cívico-militares e que o detalhamento deverá ser divulgado posteriormente. Confira o que diz a nota:

O Brasil apresenta altos índices de criminalidade. Neste contexto, o Ministério da Educação buscará uma alternativa para formação cultural das futuras gerações, pautando a formação no civismo, na hierarquia, no respeito mútuo sem qualquer tipo de ideologia tornando-os desta forma cidadãos conhecedores da realidade e críticos de fatos reais. A presença de militares na gestão administrativa terá como meta a resolução de pequenos conflitos que serão prontamente gerenciados, a utilização destes como tutores educacionais, para a garantia da proteção individual e coletiva, dentre outras visando a disciplina geral da escola. Os militares contribuirão com sua visão organizacional e sua intrínseca disciplina; os civis com seus conhecimentos pedagógicos, todos juntos farão parte desta proposta de estrutura educacional.⁵¹⁹

O texto da Zero Hora acima é aparentemente um texto “neutro”, mas justamente por não trazer nenhuma dúvida, nenhuma consideração crítica, ele não é neutro. Já abaixo segue um estudo crítico sobre o tema, escrito por um grupo de educadores de Goiás:

Encontra-se em curso um processo de aprofundamento do caráter neoliberal e conservador do Estado. Projetos conservadores de formação humana tais como a militarização de escolas, a educação domiciliar (homeschooling) e a “escola sem partido” vem ganhando projeção no campo das políticas educacionais no Brasil (FRIGOTTO, 2017; SANTOS, PEREIRA, 2018). Nessa perspectiva, observa-se que nos últimos anos algumas medidas controversas no âmbito das políticas de terceirização da gestão da escola pública estão se intensificando no país. Uma das mais preocupantes é a transferência da administração de escolas municipais e estaduais para corporações militares. Tal formato já foi materializado em vários estados: Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Pará, Paraná, Rondônia, Roraima, Tocantins. Esses processos são muito diversificados, por isso, importa ressaltar que compreendemos a militarização como um processo em que escolas públicas, em funcionamento, vinculadas às secretarias das redes estaduais, distrital e municipais de educação estabelecem convênios, parcerias com as forças de segurança pública (Polícia Militar, Corpo de Bombeiros Militar) que passam a administrar as escolas.

(...) o que justifica a presença de militares nas escolas? O que torna o militar mais habilitado que um professor para trabalhar aspectos relacionados ao “comportamento”? Militares estão aptos a trabalhar com o professor a melhor maneira ou metodologia para transmissão do

⁵¹⁹ *O que se sabe sobre a militarização das escolas proposta por Bolsonaro - Em decreto publicado na quarta-feira, Ministério da Educação prevê que escolas estaduais e municipais possam aderir a modelo inspirado nos colégios militares.* Itamar Melo, Gaúcha ZH, 3 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/01/o-que-se-sabe-sobre-a-militarizacao-das-escolas-proposta-por-bolsonaro-cjqh7ysdq0p9j01pixvus15oj.html> Acesso em 30 de agosto de 2022.

conhecimento? Estas são algumas questões que demandam atenção da comunidade científica e dos profissionais da educação.⁵²⁰

Essa movimentação em direção ao militarismo, veio logo depois dos avanços das ações em direção à “escola sem partido”, e agora essas escolas estão justamente nas mãos do chamado “partido militar”⁵²¹.

Há preocupações relevantes a serem consideradas segundo as professoras e pesquisadoras Ana Penido e Suzeley Kalil, que estudam a questão do partido militar atuando sobre o cenário político civil, pois *na verdade, para elas, esse talvez seja mais do que um partido político como conhecemos:*

“É uma organização semelhante aos partidos políticos, pois, do mesmo modo que estes, organiza e dá forma a um conjunto de demandas formuladas por uma parte da cidadania (a família militar) e tem por objetivo a conquista do poder político para realizar tais demandas”, explicam. Porém, lembram que essa também “é uma organização partidária privilegiada e especial: não está sujeita às regras impostas aos partidos políticos, tem uma ‘militância’ cativa, é bastante organizada – emprestada a burocracia mais hierarquizada e disciplinada da República –, tem mecanismos de financiamento também organizados (os clubes militares e assemelhados)”. Para além de todas as denúncias de corrupção que temos visto – pois, como elas colocam, **“os militares são tão corruptos quanto qualquer outra instituição, apenas o sigilo lhes garantindo impunidade”** –, o risco que se corre é de uma espécie de militarização da vida. “Somos muito preocupadas com a militarização dos modos de vida, expressa em jogos violentos, na moda, na explosão dos cursinhos para concurso militar. Isso é algo muito mais profundo que Bolsonaro, e por isso muito mais preocupante. Trata-se de perceber a violência e formas militares como uma maneira para a resolução de conflitos”, analisam. (...) Além dos mais, **“a lógica militar é contrária ao diálogo e, portanto, à política. Se trazemos essa orientação para a leitura da vida em geral, destruímos a possibilidade de construir democracia, ciência, redes de solidariedade e uma sociedade mais justa e humana”**.⁵²²

Entendo como um grande problema a intervenção militar na educação, justamente pelos pontos apontados - *a lógica militar é contrária ao diálogo, burocrática, disciplinar* e hierarquizada, portanto ceifadora de um pensamento experimental, crítico e libertário – e ainda mais quando associada à

⁵²⁰ REIS, L. C. R. d.; ALVES, M. F. A.; SANTOS, E. J. F.; SILVA, F. L. S.; FERREIRA, N. S. R. Militarização de escolas públicas e o governo Bolsonaro. Tecnia – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do Instituto Federal de Goiás, v. 4, n. 2 (2019). Disponível em: <https://revistas.ifg.edu.br/tecnia/article/view/744> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵²¹ *O Partido Militar é a verdadeira ameaça à democracia Lenta, segura e gradual é a ascensão dos militares, que iniciaram de novo a politização das Forças Armadas.* José Dirceu, Poder 360, 01 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/o-partido-militar-e-a-verdadeira-ameaca-a-democracia> Acesso em 30 de agosto de 2022.

⁵²² *O projeto de poder do Partido Militar e os riscos da ‘militarização da vida’. Entrevista especial com Ana Penido e Suzeley Kalil - Para as pesquisadoras, essa organização visa perpassar Executivo, Legislativo, Judiciário, imprensa e outras organizações da sociedade civil, além da própria democracia.* João Vitor Santos, Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 22 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/611312-o-projeto-de-poder-do-partido-militar-e-os-riscos-da-militarizacao-da-vida-entrevista-especial-com-ana-penido-e-suzeley-kalil> Acesso em 30 de agosto de 2022.

lógica neoliberal como apontado por Lincoln Secco⁵²³ onde o partido militar se mostra paradoxalmente *anti-Estado* (privatista) e *como 'liberal' em economia*. Segundo jornalista Ana Luiza Basilio que entrevistou o professor e cientista político Daniel Cara:

⁵²³ *O partido militar*. Lincoln Secco, Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 03 outubro 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/593117-o-partido-militar> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“Depois do suposto atentado a Jair Bolsonaro em 6 de setembro de 2018, o comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, declarou em entrevista que a legitimidade do novo governo eleito poderia ser questionada (O Estado de S. Paulo, 9 set. 2018). Essa não foi a primeira declaração polêmica do general. Em 3 de abril de 2018, véspera do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal de um habeas corpus impetrado pelo ex-presidente Lula, o comandante do Exército escreveu numa rede social seu ‘repúdio à impunidade’, que poderia configurar ameaça ‘à paz social e à democracia’. Registre-se, contudo, que, no dia seguinte, o Comando da Aeronáutica divulgou uma nota, assinada pelo tenente-brigadeiro do ar Nivaldo Luiz Rossato, em defesa dos poderes instituídos e sugerindo ao meio militar não se empolgar “a ponto de colocar convicções pessoais acima daquelas das instituições” (O Globo, 4 abr. 2018). Um caso a ser pesquisado. O general Villas Bôas já havia falado a uma Loja Maçônica no ano anterior aventando a possibilidade de uma intervenção militar. Antes dele, o general Antônio Hamilton Mourão falou em ‘impor uma solução’ para a crise política no país (Gazeta do Povo, 20 set. 2017). O mesmo general Mourão seria no ano seguinte escolhido candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro. Depois das eleições, interlocutores de Lula (Celso Amorim e o senador Jorge Viana) procuraram o general Villas Bôas e o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Sérgio Etchegoyen, para saber da reação a uma possível libertação de Lula. Ouviram que as Forças Armadas não interferem na justiça (O Estado de S. Paulo, 20 dez. 2018). Polícias e milícias. A partir da campanha pelo impeachment, os militares recuperaram força política. O Brasil registrou um aumento nos gastos militares acima da média mundial e pela primeira vez um militar (nomeado por Michel Temer) assumiu a pasta da Defesa. Tais acontecimentos revelavam que o Partido Togado estava deixando a cena depois de ter subtraído o papel dos políticos profissionais. O vácuo começava a ser preenchido pelo Partido Militar. Oliveiros Ferreira definiu a diferença entre um partido fardado que periodicamente se arvorava em intérprete da Constituição e pressionava a cúpula para destituir o governo e o ‘estabelecimento militar’, que engloba a organização permanente das Forças Armadas, sua hierarquia, disciplina e valores fundamentais e conta com uma tutela constitucional sobre os demais poderes. O século XXI, porém, viu surgir um partido militar que não se resumia mais a uma fração das Forças Armadas ou ao ‘exército político’ da Primeira República. Desde o império havia uma concorrência com a Guarda Nacional, extinta em 1916, e na República Velha, uma disputa com as forças públicas estaduais. No século XXI, as polícias não dispõem do mesmo equipamento das Forças Armadas, mas seu efetivo vive em plena guerra civil latente num país que contabilizou 62,5 mil homicídios em 2017, a maioria absoluta de negros e pardos. Parte dos policiais se tornou base militante de Bolsonaro e o discurso dele se dirigiu mais à segurança pública do que ao nacionalismo militar. Seus líderes ocuparam as assembleias legislativas, Câmara dos Deputados e Senado. Suas ações se espalharam pelo submundo das milícias e mimetizaram as forças paramilitares de regimes fascistas ou das ditaduras latino-americanas. Foi Antonio Gramsci quem notou que ‘uma organização de Estado enfraquecida é como um exército enfraquecido; entram em campo [...] organizações privadas armadas, que têm duas tarefas: usar a ilegalidade, enquanto o Estado parece manter-se dentro da lei, como um meio de reorganizar o próprio Estado’. Oximoro: forças militares anti-Estado. As Forças Armadas têm uma escola única que garante unidade ao corpo de oficiais. Uma parte expressiva dos aspirantes é de filhos de militares. Na cúpula, a experiência do Haiti, fornecida pelo PT, permitiu à alta oficialidade uma vivência comum única. Acrescente-se a carta branca informal para a PM efetuar execuções e se imbricar com as milícias. Estavam assentados os fundamentos materiais e socioprofissionais do Partido Militar. Ele se apresentou como ‘liberal’ em economia. Não é à toa que em 4 de maio de 2018 o general Villas Bôas exortou São Paulo, ‘a quem o Brasil deve o processo de modernização pós-1932’, a assumir a liderança de um ‘projeto de resgate para o Brasil’. Ao vencer, Bolsonaro agradeceu ao general Villas Bôas e disse que devia sua vitória a ele. A assessoria técnica de campanha de Bolsonaro foi constituída por nove generais e um brigadeiro. Com a ascensão de militares ao Executivo, ao Congresso e até à assessoria da presidência do STF, é inegável a força do Partido Militar. E, como aconteceu com o Partido Togado, também é inevitável a politização da tropa e os reflexos disso em sua imagem. A própria figura do presidente colocou em dúvida a excelência do ensino da Academia Militar. Em 1964, os militares tinham um projeto antipopular, mas não antinacional, segundo suas crenças e valores. Altas taxas de crescimento econômico, hoje ausentes, sustentavam seu discurso pelo desenvolvimento. Em 2018, eles se apresentaram apenas com as propostas antipopulares (reforma da Previdência, diminuição de gastos sociais e defesa de interesses próprios). Atuaram como ‘partido’ e politizaram a tropa,

Ao apresentarem seu ‘projeto de nação’ com projeções para o País até 2035, sob o bolsonarismo, os militares deixaram claro qual será a tônica pretendida para a Educação: ‘desideologizar’ a Educação Básica e o Ensino Superior. Para ambas, os postulantes defendem a neutralização de uma suposta ideologização nociva e defendem a valorização a ‘boas práticas de comportamento, civismo, cidadania e disciplina dos alunos, bem como aperfeiçoar professores ‘nos aspectos profissionais, comportamentais, morais e éticos’. Na educação básica, o grupo defende a popularização do modelo de escola cívico-militar, uma das principais bandeiras de Bolsonaro. O documento, batizado de Projeto de Nação, foi elaborado pelos militares dos institutos General Villas Boas, Sagres e Federalistas.

Na visão do educador e cientista político, Daniel Cara, o documento dialoga com uma das principais estratégias da extrema direita – não só no Brasil, mas no mundo: a do diversionismo. “No caso da Educação, serve pra eles estabelecerem uma tática que é, o que eles criticam é exatamente aquilo que eles querem promover”, avalia.

“A única escola ideologizada no Brasil é a cívico-militar”, crava o especialista ao lembrar um episódio de 2017 em que estudantes de uma escola estadual de Manaus, gerida pela Polícia Militar [CMPM III – Escola Estadual Prof. Waldo Fricke de Lyra], repetem um jogral ditado por um policial e chamam Bolsonaro de ‘salvação da nação’. “Se isso não é ideologização, eu não sei o que é”, critica. Para o especialista, a mesma estratégia de inversão de discurso é utilizada pelos militares quando supõem atuar ‘em defesa da pátria’. “Eles não têm nenhum compromisso nacional, o que eles estão promovendo no Amazonas, em relação ao SUS, às universidades, na prática, são processos de privatização que interessam ao capital internacional e não ao povo brasileiro”, completa. Em relação ao Sistema Único de Saúde, os militares defendem, em um cenário hipotético, que a população pague pelo serviço. ‘Exclusivamente pessoas cuja renda familiar fosse maior do que três salários mínimos’, ponderam. A defesa é a de que o pagamento traria melhores condições de sustentabilidade ao sistema. Já no que diz respeito à Amazônia, defendem um planejamento integrado para a área que passaria por ‘remover as restrições da legislação indígena e ambiental, que se conclua serem radicais, nas áreas atrativas do agronegócio e da mineração’. Para além do documento, Cara observa que os militares já vem procurando formas de avançar com suas propostas, caso da PEC 206/2019, que propõe a cobrança de mensalidades por universidades públicas e é alvo de discussão nesta tarde pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados. O autor da proposta é o deputado General Peternelli (PSL-SP). “Isso vai significar a elitização da universidade”, crava o especialista, que detalha: “Se você começa a cobrar mensalidade, você estabelece de maneira clara a relação aluno cliente e, dada a cultura brasileira, os que puderem pagar pelo serviço vão se sentir mais legítimos em relação àquele espaço do que os que não puderem pagar. Isso é um problema concreto em países como EUA, Inglaterra, Escócia, os alunos beneficiados por programas de assistência estudantil são os que mais sofrem preconceitos”, acrescenta. “Essa cisão se estabeleceria justamente no momento em que o País avança concretamente rumo à democratização do Ensino Superior, ainda que de maneira lenta, via política de cotas”, esclarece. A proposta também, reforça Cara, ainda provoca um reducionismo das questões que devem ser enfrentadas pelo Ensino Superior, que não passa somente pelo acesso à universidade, mas também pela necessidade de políticas de permanência. “É um crime de lesa-pátria, não existe democratização em um país tão desigual como o nosso sem a democratização do Ensino Superior”, critica.⁵²⁴

mas sem lograr ultrapassar seus interesses corporativos e oferecer uma direção moral e intelectual ao restante da sociedade. A disjunção entre povo e nação se ampliou e a força armada foi deslegitimada pelo Partido Militar.”

⁵²⁴ Educador critica plano militar para a Educação: ‘A única escola ideologizada no Brasil é a cívico-militar’ – Carta Capital, 22 de maio de 2022. Para Daniel Cara, o ‘projeto’ para 2035 e a proposta que chega à Câmara prevendo mensalidade em universidades públicas mostram a falta de compromisso da caserna com o Brasil. Ana Luiza Basilio, Carta Capital, 22 de maio de 2022. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/educador-critica-plano-militar-para-a-educacao-a-unica-escola-ideologizada-no-brasil-e-a-civico-militar> Acesso em 1 de setembro de 2022.



Fig. 173 *Escola "cívico-militar" em imposição*
série *A Nova Escola Neoliberal Empresarial Colonial Midiática Jurídica Militar*
madeira, tonfa sintética e aço
2019
90 x 45 x 55 cm
Trabalho mostrado na exposição individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019
Verve Galeria - São Paulo - fotografia: Jerri Rossato Lima

Além de considerar a relevância dos ataques à educação progressista; o especismo e por extensão à destruição da natureza e dos povos originários – onde descobri ações eugenistas no sentido de deixar morrer (pela covid-19 e deixar que sejam assassinados por garimpeiros e grileiros de terras/pecuaristas/mineradores/madeireiros/militares/etc) e não deixar nascer, através da esterilização⁵²⁵.

A eliminação⁵²⁶ dos povos originários funciona como um apagamento e previne que futuramente seus descendentes possam existir para reivindicar a posse de suas terras. Terras geralmente carregadas de minerais preciosos cobiçados pelos países imperialistas⁵²⁷ que não possuem

⁵²⁵ “O conselho de Segurança Nacional (do Brasil) se manifestou: ‘Causa suspeita o fato de que as áreas ocupadas, ou em vias de ocupação, por elementos estrangeiros, coincidam com **regiões submetidas à campanhas de esterilização de mulheres brasileiras por estrangeiros**’. De fato, segundo o jornal *Correio da Manhã*, ‘**mais de vinte missões religiosas estrangeiras, sobre tudo as da igreja protestante dos Estados Unidos, estão ocupando a Amazônia nos pontos mais ricos em minerais radioativos, ouro e diamantes** (...) Suas áreas estão cercadas por elementos armados e nelas ninguém entra’ (*Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1968). (...) A uma comissão do Congresso o general Riograndino Kruel afirmou que ‘o volume de contrabando de materiais que contém tório e urânio alcança a cifra astronômica de um milhão de toneladas’. Algum tempo antes, em setembro de 1966, Kruel, chefe da Polícia Federal, havia denunciado ‘a impertinente e sistemática interferência’ de um cônsul dos Estados Unidos no processo aberto contra quatro cidadãos norte-americanos, acusados de contrabandear minerais atômicos brasileiros. Em seu juízo, as 40 toneladas de mineral radioativo encontradas com eles bastavam para condená-los. Pouco depois, três deles fugiram do Brasil misteriosamente.” GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina* (2020), p. 198

⁵²⁶ “É preciso eliminar um modo de vida para ocupar as terras deles”. Fala da psicanalista e escritora Maria Rita Kehl (1951, Campinas, São Paulo) sobre “pelo menos oito mil indígenas mortos pelo regime militar no Brasil dentro da chamada “política de pacificação” que segundo a autora era na verdade uma política de apagamento, aldeamento e compactação em lugares controlados pelo estado, para liberar as terras deles para serem colonizadas, uma espécie de “bandeira moderna”. Dentro do Seminário Internacional Urgências da Arte, realizado no Museu da Imagem e do Som – MIS, São Paulo, em 21 de outubro de 2017.

⁵²⁷ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina* (2020). “Desterrados em sua própria terra, condenados ao êxodo eterno, os indígenas da América Latina foram empurrados para as zonas mais pobres, as montanhas áridas ou o fundo dos desertos, à medida que avança a fronteira da civilização. Os índios padecem e padecem – síntese do drama de toda a América Latina - a maldição de sua própria riqueza. (...) As matanças de indígenas, que começaram com Colombo, nunca cessaram.” (p. 76). “Atualmente (década de 1970), não se salvam nem sequer os indígenas que vivem isolados nos esconsores da selva. No princípio do século (XX), ainda sobreviviam 230 tribos no Brasil; desde então desapareceram 90, apagadas do planeta por obra e graça das armas de fogo e dos micróbios. Violência e doença, batedores da civilização: **o contato com o homem branco, para o indígena, continua sendo o contato com a morte**. As disposições legais que desde 1537, protegem os índios do Brasil, voltaram-se contra eles. De acordo com os textos de todas as brasileiras, são ‘os primitivos e naturais senhores’ das terras que ocupam. Ocorre, que **quanto mais ricas são essas terras virgens, mais grave se torna a ameaça que pende sobre suas vidas**; a generosidade da natureza os condena à espoliação e ao crime. A caça aos índios foi desencadeada, nos últimos anos, com furiosa crueldade; a maior floresta do mundo, gigantesco espaço tropical aberto à lenda e à aventura, converteu-se simultaneamente, no cenário de um **novo sonho americano. Em ritmo de conquista, homens e empresas dos Estados Unidos avançam sobre a Amazônia como se fosse um novo Far West**. Essa invasão norte-americana incendiou como nunca a cobiça dos aventureiros brasileiros. Os índios morrem sem deixar rastro e as terras são vendidas em dólares aos novos interessados. O ouro e outros minerais de valor, a madeira e a borracha, (...) Sabe-se que os indígenas foram metralhados desde helicópteros e pequenos aviões, que lhes foi inoculado o vírus da varíola, que foram presenteados com açúcar misturado com estricnina e sal com arsênico. O próprio **diretor do Serviço de Proteção aos Índios, designado pela ditadura (militar) de Castelo Branco** para sanear a administração, **foi acusado, com provas, de**

esses metais em seus próprios territórios – por já terem exaurido suas minas ou não ter em quantidade necessária que sacie seu desejo capitalista e irreal de lucro infinito, como nos diz Eduardo Galeano sobre os EUA no início de sua ocupação, em torno de 1620 – “As treze colônias do norte tiveram, pode-se dizer, a felicidade da desgraça (...) ao norte da América não havia nem ouro, nem prata, (...) nem solos tropicais de fertilidade fabulosa (...) A natureza se mostrou avara, (...) faltavam os metais (...). (GALEANO, 2020, p. 190).

Segundo Noam Chomsky no livro Quem Manda no Mundo:

Se escutarmos as vozes do sul global hoje, poderemos aprender que a ‘conversão dos bens públicos em propriedade privada por meio da privatização de nosso ambiente natural normalmente comunal é um dos modos como as instituições neoliberais (...). A política foi reduzida hoje a um lucrativo empreendimento comercial em que indivíduos têm em vista essencialmente os retornos de investimentos em vez de ações por meio das quais possam contribuir para a construção de ambientes, comunidades e nações extremamente degradadas. (CHOMSKY, 2017, p. 124)

Ou ainda Vijay Prashad em sua síntese sobre o imperialismo contemporâneo sob o prisma da mudança de mãos da vitrine do governo estadunidense, de Trump para Biden, onde permanece o plano de controle sobre a América Latina (e o mundo):

Pouco mudou. Sob Donald Trump, havia certa aspereza no tom e na atmosfera das relações internacionais dos Estados Unidos, ele era muito mais bruto, querendo derrubar governos, duvidando das urnas, no eixo da tirania. Com Biden o tom é diferente: ele fala de forma muito mais moderada, expressando suas preocupações com direitos humanos. Essa é a diferença entre Republicanos e Democratas, uma mudança de tom. Democratas são muito mais “educados”, como Obama e Biden, pessoas mais decentes, e os Republicanos são muito mais brutos, como Bush e Trump. Mas o fato é que a orientação política é a mesma, eles ainda querem interferir. Biden fez uma afirmação recentemente que deixa isso muito claro: em referência à ideia de Doutrina Monroe, de que a América Latina é o quintal dos Estados Unidos, ele disse que ela não é o quintal (backyard), mas o jardim da frente (front-yard). Mas não se pode dizer que o tom não significa nada, ele significa muito. Talvez haja mais possibilidade de diplomacia, mas não posso ter certeza. Na realidade, penso que eles estão tão focados na certeza de que os Estados Unidos devem ditar os termos para a América Latina que a mudança de tom pode até acabar não significando nada.

Especificamente sobre o imperialismo estadunidense o historiador, pesquisador marxista, diretor executivo do Instituto Tricontinental de Pesquisas Sociais e editor-chefe da LeftWord Books,

Vijay Prashad, diz:

(...) o que é imperialismo? Você deve entender o imperialismo em termos da estrutura do sistema. Um exemplo: o Haiti lutou contra a escravidão, fez uma revolução pouco depois da Revolução Francesa, algo verdadeiramente incrível, mas nunca pôde estabelecer sua soberania. Voltando ao presente: Jean Bertrand Aristide, ex-presidente eleito do Haiti, deveria estar no Livro Guinness de Recordes Mundiais, pois ele é o único presidente que sofreu golpe duas vezes pelas mãos dos Estados Unidos. Depois da deposição, um governo pró-Estados Unidos assumiu o poder. Nos Estados Unidos, é muito comum ver agasalhos de faculdade, com Harvard, Cornell, bordados ao centro. Grande parte desses agasalhos são feitos no Haiti, sendo vendidos por cerca de 60 dólares, até mais, mas o trabalhador recebe um ou dois centavos por agasalho. Então, o legislativo haitiano decidiu aumentar o salário mínimo, mas a então Secretária de Estado estadunidense Hillary Clinton interveio, como foi revelado pelo WikiLeaks. Então o que é imperialismo? **Imperialismo é a estrutura que garante que certas partes do mundo mantenham salários mínimos e o preço de matérias primas desumanamente baixos.** É isso que o imperialismo faz **hoje, ele não é mais sobre conquista de territórios, é sobre controle dos recursos e mercados de trabalho.** A estrutura do imperialismo mudou pouco, mas agora se vê ligeiramente ameaçada. O que ameaça o sistema estadunidense é que, de repente, após 200 anos, um país surgiu mostrando que consegue fazer as coisas melhor, ou ao menos mais barato, que eles. Esse país é a China. Ameaçados, ao invés de competir economicamente, o que eles não conseguem fazer, os Estados Unidos usam de força diplomática, política e militar contra a China. Então essa é a natureza do imperialismo hoje. O que vemos são os Estados Unidos e seus aliados fortemente ameaçados pelo mercado chinês. A China ainda é um país relativamente pobre se comparado aos Estados Unidos, mas eles têm poder produtivo e alta tecnologia, não apenas matéria prima como o Brasil, mas produtos de alto valor agregado. Isso não é permitido, então cai a máscara sorridente dos presidentes estadunidenses, revelando o imperialismo.⁵²⁸

Tendo em vista esse panorama mais amplo, podemos entender melhor os motivos subimperialistas do governo controlado por J.M.B. ser contra os povos nativos, os verdadeiros donos das terras brasileiras. B. quer subjugar as populações originárias para mais uma vez tomar as suas terras ricas em metais preciosos ou para desmatar seu habitat natural e praticar o especismo contra animais não humanos (criação e escravidão de gado para posterior assassinato em massa). Não se trata exclusivamente de perseguição por ódio (que é um fator central), mas para lhes roubar o solo e o céu mais uma vez, J.M.B. não é “louco” ou “inapto”, ele tem um projeto financeiro bem definido que ele e os seus vem realizando por mais de trinta anos de atuação política e criminosa, o enriquecimento pessoal e dos seus familiares e associados. No dia 30 de agosto de 2022, mais um escândalo envolvendo a família B. veio a público através de uma longa e documentada investigação

⁵²⁸ *Vijay Prashad: 'Bolsonaro é hoje um bloqueio no caminho real da história'.* Carolina Azevedo, Le Monde Diplomatique Brasil, 29 de agosto de 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/vijay-prashad-bolsonaro-e-hoje-um-bloqueio-no-caminho-real-da-historia/> Acesso em 1 de setembro de 2022.

dos jornalistas Thiago Herdy e Juliana Dal Piva⁵²⁹:

Quase metade do patrimônio em imóveis do presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) e de seus familiares mais próximos foi construída nas últimas três décadas com uso de dinheiro em espécie, de acordo com levantamento patrimonial realizado pelo UOL. Desde os anos 1990 até os dias atuais, o presidente, irmãos e filhos negociaram 107 imóveis, dos quais pelo menos 51 foram adquiridos total ou parcialmente com uso de dinheiro vivo, segundo declaração dos próprios integrantes do clã. (...) As compras registradas nos cartórios com o modo de pagamento "em moeda corrente nacional", expressão padronizada para repasses em espécie, totalizaram R\$ 13,5 milhões. Em valores corrigidos pelo IPCA, este montante equivale, nos dias atuais, a R\$ 25,6 milhões. Não é possível saber a forma de pagamento de 26 imóveis, que somaram pagamentos de R\$ 986 mil (ou R\$ 1,99 milhão em valores corrigidos) porque esta informação não consta nos documentos de compra e venda. Transações por meio de cheque ou transferência bancária envolveram 30 imóveis, totalizando R\$ 13,4 milhões (ou R\$ 17,9 milhões corrigidos pelo IPCA). Ao menos 25 deles foram comprados em situações que suscitaram investigações do Ministério Público do Rio e do Distrito Federal. Neste grupo, estão aquisições e vendas feitas pelo núcleo do presidente, seus filhos e suas ex-mulheres não necessariamente com o uso de dinheiro vivo, mas que se tornaram objeto de apurações como, por exemplo, no caso das "rachadinhas" (apropriação ilegal de salários de funcionários de gabinetes). (...) Desde a chegada de Bolsonaro à política como parlamentar, no início dos anos 1990, o patrimônio se multiplicou em seus diferentes núcleos familiares — tanto o que abarca seus filhos, no Rio e em Brasília, como aquele que envolve seus irmãos, no interior de São Paulo, em especial em cidades do Vale do Ribeira, região mais pobre do estado. (...) Desde 2018, os filhos Flávio e Carlos Bolsonaro, além de Ana Cristina Siqueira Valle, segunda mulher de Jair Bolsonaro, são investigados por suspeita de envolvimento com o repasse ilegal de salários dos funcionários de gabinetes. Os assessores, grande parte funcionários fantasmas, sacavam em espécie os salários e entregavam a operadores cerca de 90% do total recebido. As investigações sobre Flávio no MP-RJ (Ministério Público do Rio de Janeiro) descobriram que, posteriormente, esses valores eram "lavados" com compras de imóveis. Parte de provas produzidas durante a apuração foram anuladas recentemente, mas as investigações continuam em curso. No caso de Carlos, o sigilo bancário foi quebrado por indícios semelhantes.

Uma família de criminosos atuando há pelo menos trinta anos no país, que por enquanto ainda segue blindada, aliada a grileiros de terras, garimpeiros, milicianos e militares traidores da pátria entre outros criminosos e oportunistas. Por isso que *populações tradicionais são vítimas de projeto neoliberal para a Amazônia*; como nos informa o jornalista Murilo Pajolla na matéria *Banditismo, necropolítica e lucro a qualquer custo: a Amazônia virou uma terra sem lei? Criminosos ambientais capturaram o estado e desmontam políticas cuidadosamente construídas ao longo de décadas*:

As mortes de Bruno Pereira e Dom Phillips silenciaram vozes que denunciavam a captura da Amazônia por criminosos ambientais. Mas o Vale do Javari (AM), onde eles desapareceram, é apenas uma parte do bioma onde o clima de anistia e o desmonte da fiscalização são quase

⁵²⁹ *Metade do patrimônio do clã Bolsonaro foi comprada em dinheiro vivo*. Thiago Herdy e Juliana Dal Piva, Uol, 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/30/patrimonio-familia-jair-bolsonaro-dinheiro-vivo.htm> Acesso em 1 de setembro de 2022.

generalizados. Toda a Amazônia se consolidou como região estratégica para o tráfico internacional de drogas. A proximidade com os maiores produtores mundiais de cocaína - Colômbia e Peru - transformou a bacia amazônica em rota de escoamento de drogas que chegam à Europa e aos Estados Unidos, além de abastecer o mercado interno. O garimpo, a caça e a pesca ilegais, junto com a grilagem e a extração irregular de madeira, tornaram-se opções seguras para facções que atuam no comércio e transporte de drogas pela tríplice fronteira. A Polícia Federal aponta que essas organizações encontraram no crime ambiental um método para lavar dinheiro. Diante desse cenário, parece natural usar a expressão “terra sem lei” para caracterizar o estado atual de coisas na maior floresta tropical do mundo. Mas estudiosos insistem que é só a etapa mais recente de um violento processo de exploração econômica que começou na colonização. Omissão ou projeto? “O que está acontecendo na Amazônia não é omissão, é projeto”, garante o geógrafo e pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública Aiala Couto. Ele aponta que o avanço de atividades predatórias sobre populações indígenas e ribeirinhas é legitimado por um modelo de desenvolvimento que enxerga áreas protegidas como fontes inexploradas de lucro. Uma concepção presente nos setores dominantes no Estado e na sociedade e que entende como atraso o uso sustentável dos recursos naturais. “O desenho atual para a região amazônica é um desenho neoliberal na sua essência. É uma ideia de projeto civilizatório que se dá mediante à ideia de modernidade”, explica Couto, que leciona na Universidade do Estado do Pará (UEPA). “Essa modernidade é trazer aquilo que dá condições para acumulação de capital. E tudo aquilo que resiste a essa acumulação é tido como atrasado”, prossegue. Para Couto, o modelo de desenvolvimento que abriu as portas da Amazônia aos saqueadores de recursos naturais tem como contrapartida um estado mínimo que nega suas obrigações constitucionais de proteger os indígenas e suas terras. “É um projeto, inclusive, necropolítico. É uma política de morte, não só dos povos da floresta, mas também da própria floresta. Porque quando se destrói a natureza, há também uma morte simbólica. Uma morte cultural e espiritual desses povos que dependem dessa floresta”, explica Couto. Terra sem lei? Em meio a disputas econômicas sem qualquer tipo de mediação, crescem relatos de banditismo e violência, principalmente contra indígenas e ribeirinhos. Só o garimpo ilegal, que ocorre principalmente na Amazônia, provocou 90% das mortes por conflitos no campo em 2021, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT). O órgão de direitos humanos também aponta que, no ano passado, 97% das áreas de disputas por terras no Brasil estavam no bioma, que registrou 80% dos assassinatos em casos de violência agrária. Para a antropóloga Luísa Molina, as estatísticas alarmantes não podem ser explicadas apenas com a ideia de um Estado ausente. Ela prefere enfatizar a captura pelo crime ambiental dos órgãos que deveriam fiscalizar e promover direitos. “Dizer que a Amazônia é uma terra sem lei é reforçar uma ideia que vai na contramão das denúncias feitas sistematicamente pelas pessoas que estão tentando protegê-la”, problematiza Luísa Molina. “Ao repetir isso, construímos uma distância ainda maior entre as pessoas da região e o restante da população brasileira. E, com isso, a gente afasta do debate o principal problema que é: quais mecanismos permitem que o crime organizado avance sobre as áreas protegidas no Brasil?”, complementa a pesquisadora, que acompanha os impactos do garimpo no povo Munduruku, no Pará. Um símbolo desse avanço está na Terra Indígena Yanomami. O garimpo ilegal tomou para si a pista de pouso de um posto de saúde na comunidade Homoxi. A unidade deixou de atender 615 indígenas e se converteu em uma base aérea de garimpeiros. “Vemos que há a inversão do propósito de estruturas montadas para atendimento dessa população. Há o esvaziamento e o desmonte das políticas indigenista e ambiental e a tomada de órgãos como a Funai em um processo brutal de aparelhamento”, destaca a antropóloga. O órgão que deveria zelar pelos indígenas foi invadido por militares, missionários e latifundiários, segundo um dossiê produzido com a participação de servidores. Por isso Bruno Pereira se licenciou da Funai, antes de ser morto cumprindo um dever que seria do Estado. “Toda a política tão cuidadosamente tecida para proteção dos povos indígenas é subvertida justamente para fazer o contrário do que deveria estar fazendo”, lamenta Luísa.⁵³⁰

⁵³⁰ *Banditismo, necropolítica e lucro a qualquer custo: a Amazônia virou uma terra sem lei? - Criminosos ambientais*

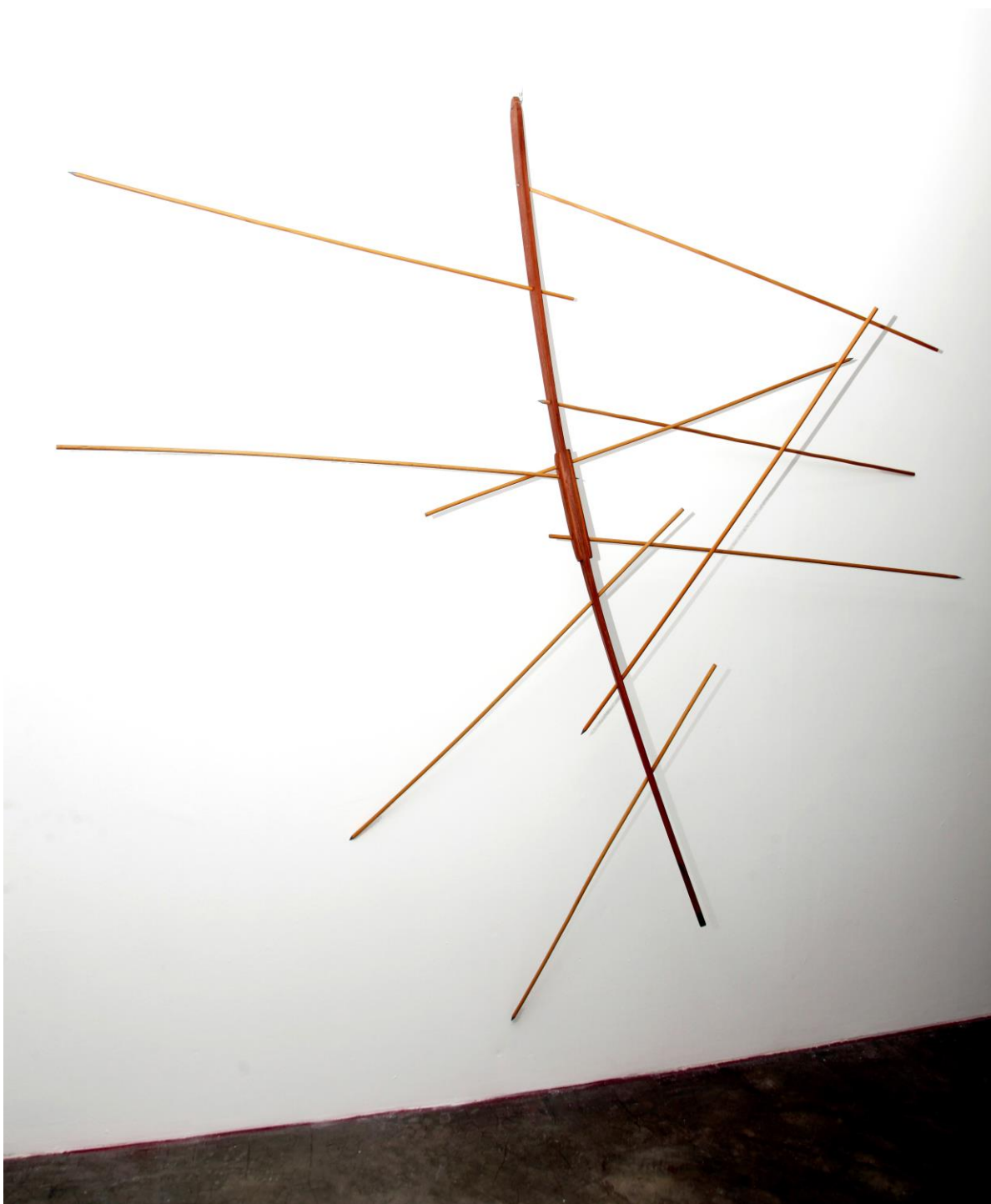


Fig. 174 *Ataques por todos os lados*
série *Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar*
2019, madeira e aço, 175 x 110 x 50 cm

capturaram o estado e desmontam políticas cuidadosamente construídas ao longo de décadas. Murilo Pajolla, Brasil de Fato, Lábrea, AM, 22 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/22/banditismo-necropolitica-e-lucro-a-qualquer-custo-a-amazonia-virou-uma-terra-sem-lei> Acesso em 21 de julho de 2022

Ataques por todos os lados da série Brasil pós-golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar trata destas questões apontadas acima. Na escultura de parede as flechas atravessam o arco como se estivessem apontando para diferentes direções (as direções de onde avançam os seus algozes), sendo que as flechas estão presas ao arco e com isso não tem efetividade no combate aos inimigos. Penso que o trabalho busca indicar o desamparo dos povos originários, onde suas armas são insuficientes na defesa de suas vidas.

O próximo trabalho é a pintura intitulada *Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)*, série *Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar* é uma pintura ampliada em tinta óleo da fotografia de um crânio feminino do acervo do Museu Nacional da UFRJ⁵³¹ (Paço de São Cristóvão, palácio que abrigava o Museu Nacional) localizado dentro da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro. Mas não é de um crânio qualquer, é o crânio de Luzia, como foi renomeada⁵³² em 1995 pelo bioantropólogo Walter Neves (antes o conjunto de ossos era denominado de “esqueleto da Lapa Vermelha IV” ou “Lapa Vermelha IV Hominídeo 1” – Fig. 176), o fóssil humano mais antigo encontrado até agora nas Américas⁵³³.

⁵³¹ “O Museu é uma instituição autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação que completou 200 anos em 2018”. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html> Acesso em 17 de julho de 2021.

Canais de comunicação do Museu Nacional - https://www.youtube.com/channel/UC0_2S5qBQlr1twzbra3XJag - <https://www.facebook.com/MuseuNacionalUFRJ/> - <https://www.instagram.com/museunacional1818/> -

⁵³² O crânio foi encontrado na década de 1970 em Pedro Leopoldo, em Minas Gerais, por uma missão francesa liderada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire. Luzia apresentou uma datação relativa entre 11 mil e 11,5 mil anos, o que faz do crânio um dos mais antigos do Brasil e também de todo o continente americano.

Luzia é uma das peças mais importantes da história natural da América porque representou uma revolução nos estudos sobre o povoamento do continente americano. “O crânio de Luzia mostrou que a morfologia craniana desses antigos habitantes da América, chamados paleoamericanos, é diferente da morfologia craniana dos indígenas atuais”, explica o biólogo da USP Pedro da Glória.

O fóssil da mulher (...) serviu de base para a teoria do bioantropólogo Walter Neves, da USP, - que propôs - no final da década de 1980, que os primeiros habitantes do continente tinham a morfologia craniana diferente dos habitantes atuais da América. Foi Neves também quem apelidou carinhosamente o crânio da mulher mais antiga do Brasil de Luzia.

“Neves identificou que o povo de Luzia, na região mineira da Lagoa Santa, tinha morfologia craniana similar aos africanos e aos povos da Oceania, enquanto que os habitantes atuais são mais próximos biologicamente dos habitantes da Ásia” (...). O biólogo explica que, depois dessa constatação da equipe de Neves, os crânios de Lagoa Santa viraram referência internacional para os modelos de ocupação do continente americano, sendo o crânio de Luzia um símbolo da ocupação antiga do território brasileiro.

Por que o crânio de Luzia é tão importante para a ciência? Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-o-cr%C3%A2nio-de-luzia-%C3%A9-t%C3%A3o-importante-para-a-ci%C3%A2ncia/a-45336595> Acesso em 17 de julho de 2021.

⁵³³ “Descoberto na década de 1970 no sítio arqueológico da Lapa do Santo, em Lagoa Santa (MG), o crânio de Luzia foi encontrado recentemente nos escombros deixados pelo incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.” <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/dna-antigo-conta-nova-historia-sobre-o-povo-de-luzia/> acesso em 17 de julho de 2021.



Fig. 175 *Luzia (ou Luzia 13.000: jovem da Lapa Vermelha do Brasil Resiste ao Fogo do Desmonte Público)*
série Brasil Pós-Golpe Neoliberal Empresarial Colonial Midiático Jurídico Militar
2019

óleo sobre tela

150 x 150 cm

Trabalho mostrado na exposição individual *NECROCOLÔNIA 2016-2019*, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019,
Verve Galeria - São Paulo - fotografia: Jerri Rossato Lima

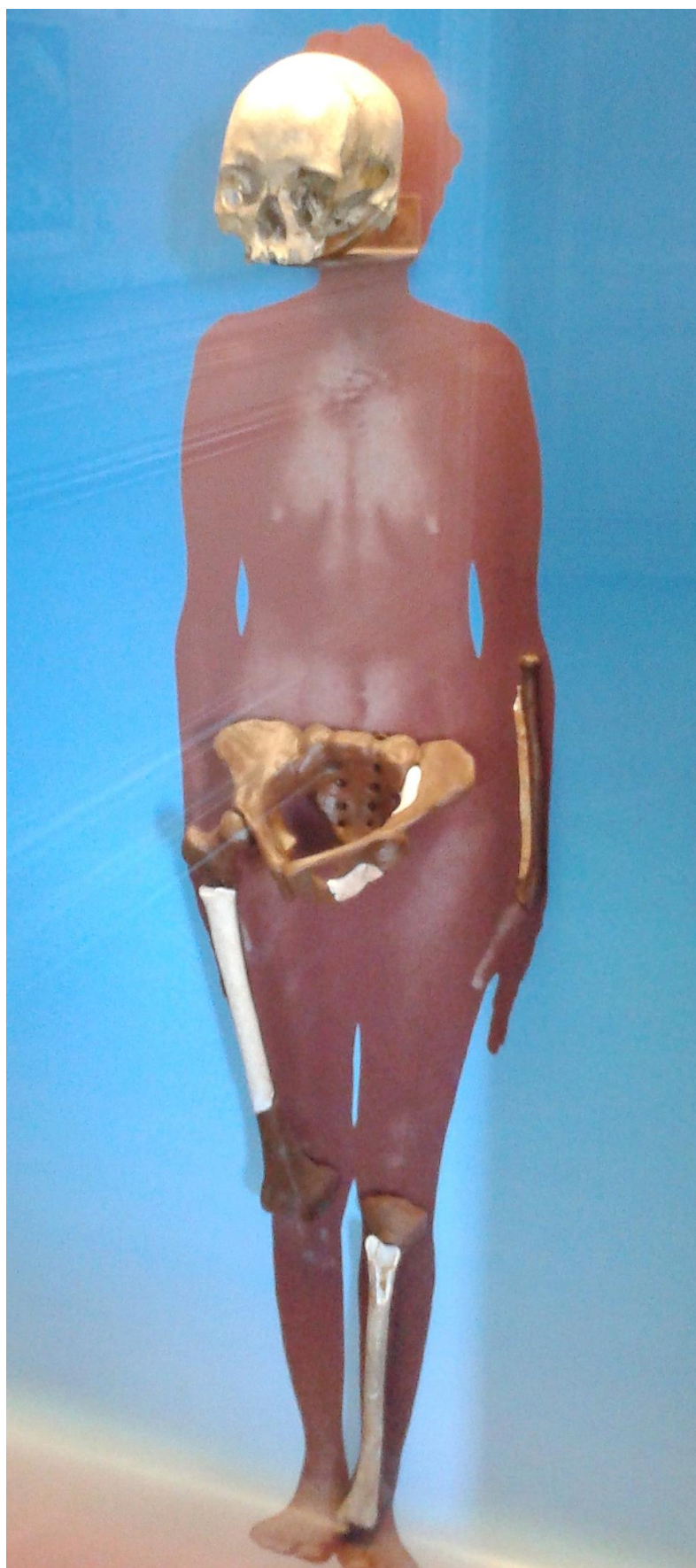


Fig. 176 Luzia

Vista do modo de exposição dos ossos no Museu Nacional do Rio de Janeiro (antes do incêndio)

Luzia

Número de catálogo:

Lapa Vermelha IV Hominídeo 1

Nome popular: Luzia

Espécie Homo sapiens
paleoamericano

Idade: 11,243–11,710 anos

Local da descoberta:

Lapa Vermelha, Pedro Leopoldo
(MG)

Data da descoberta: 1975

Descoberto por: Annette

Laming-Emperaire

A escolha dessa imagem se deu pelo fato desse crânio ser uma das peças mais importantes entre os 20 milhões de itens que o museu abrigava até o incêndio que destruiu o palácio em 02 de setembro de 2018 (aproximadamente um ano depois da “PEC do Fim do Mundo” aprovada pelo governo golpista de Michel Temer, que determinou o congelamento de gastos por vinte anos); e simbolicamente pelo fato do crânio ter resistido ao incêndio, que também de modo factual representou o descaso e sucateamento das instituições públicas voltadas para ciências, ensino e pesquisa. E ainda, a questão dos crânios está presente desde longa data em meus trabalhos, pelo que me lembro desde meados dos anos oitenta com desenhos de juventude, e depois como elemento de estudo anatômico e depois ainda como símbolo de finitude, como apresentado nos capítulos anteriores.

O incêndio no Museu Nacional foi um incêndio de grandes proporções que atingiu a sede do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, na noite de 02 de setembro de 2018, destruindo quase a totalidade do acervo histórico e científico construído ao longo de duzentos anos, e que abrangia cerca de vinte milhões de itens catalogados. Além do seu rico acervo, também o edifício histórico que abrigava o Museu, antiga residência oficial dos Imperadores do Brasil, foi extremamente danificado com rachaduras, desabamento de sua cobertura, além da queda de lajes internas.⁵³⁴

O incêndio durou em torno de seis horas e estima-se que aconteceu devido ao “sobreaquecimento de ar-condicionado causado por curto circuito”⁵³⁵. Como resultado, “aproximadamente 18,5 milhões (92,5 %) dos 20 milhões de itens do museu foram destruídos”⁵³⁶, o crânio de Luzia foi um dos pouquíssimos itens que resistiram ao incêndio.

Desde o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff e contra o Partido dos Trabalhadores, setores públicos ligados à educação, cultura e ciência sofreram cortes progressivos de verbas. Situação que está em consonância com a frase do educador, antropólogo, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro Darcy Ribeiro (1922, Montes Claros, Minas Gerais - 1997, Brasília, DF) – “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto” – e eu acrescentaria a especificidade, um projeto colonial imperialista.

A frase de Darcy Ribeiro que titula este artigo sintetiza o governo que nos assola desde o **golpe** do impeachment: a dita crise, criada de fora para dentro, é um **projeto de desconstrução**, com início, meio e fim, que percorre todos os vãos da vida nacional, mas **se concentra na**

⁵³⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_no_Museu_Nacional_do_Rio_de_Janeiro

Acesso em 17 de julho de 2021.

⁵³⁵ Idem

⁵³⁶ Ibidem.

inviabilização do futuro do país, cortando de vez as possibilidades objetivas de retomada do desenvolvimento, pois todas elas dependem de ensino, pesquisa e tecnologia, os alvos mais frágeis. (...) Como coroamento, interdita o único caminho que nos levaria para o futuro: o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e a universalização do ensino, como direito fundamental de todos. Com o corte geral dos investimentos (a 'PEC do teto de gastos' ou 'PEC do Fim do Mundo') decreta a interdição, por 20 anos, dos investimentos públicos em áreas como infraestrutura, educação e saúde (...). (...) Trata-se, portanto, de projeto, tão bem alinhavado, quanto diabólico e impatriótico: transformar a pobreza de hoje num destino irreversível, aumentar a desigualdade social com o desmantelamento da escola pública, gratuita e de boa qualidade. O golpe certo foi anunciado (para quem quis ver), logo nos primeiros dias da nova ordem, com a destruição do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, transformado em uma secretaria sob a chefia geral de um ministro sem qualificação, sem visão de conjunto, sem visão de Brasil. A pá de cal viria com o criminoso corte dos recursos destinados às universidades públicas, à pesquisa, ao ensino e à inovação.

(...) Não sem lógica, portanto, o orçamento das universidades federais teve um corte de 3,4 bilhões. Os recursos para as bolsas do CNPq chegam ao fim do poço neste setembro (de 2017), criando insegurança e pânico a milhares de pesquisadores. **Esse hediondo crime que se pratica contra o presente e principalmente contra o futuro de nossa gente e de nosso país, é o fruto óbvio da redução drástica do orçamento tanto do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) como do Ministério da Educação (MEC).** No caso do MCTIC, seu orçamento para 2017, corresponde a cerca de 25% daquele que teve nos governos lulistas, que mesmo então ainda não era nem o desejável nem o necessário. Mas não é só. O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), principal fonte de apoio à infraestrutura física e laboratorial, teve seu orçamento inicial reduzido de cerca de R\$ 3,5 bilhões para R\$ 1,3 bilhão. Logo em seguida, uma nova redução para R\$ 720 milhões, valor que não permite o pagamento dos projetos em execução e impede que instituições de fomento como o CNPq e a FINEP apoiem novas pesquisas e projetos de inovação, fundamentais para o desenvolvimento de novas tecnologias pelas indústrias aqui instaladas. Importantes e tradicionais instituições que integram o MCTIC, como o Observatório Nacional, o Centro Brasileiro de Pesquisas Científicas, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, a FIOCRUZ, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, o Laboratório Nacional de Computação Científica, entre outros, podem encerrar suas atividades já no final deste mês. **Todas as universidades federais estão em crise**, e estaduais como a UERJ, não têm mais condições de funcionamento normal.

Mas o pior está anunciado para 2018. O projeto de Lei Orçamentária para 2018, enviado pelo Planalto ao Congresso Nacional reduz ainda mais os recursos do MCTIC, dos atuais e minguados 15,6 bilhões (o menor da história) para 11,3 bilhões. A proposta de Meirelles-Temer risca do mapa projetos estratégicos (são sempre eles os mais atingidos) como o Sirius (novo acelerador de partículas) e o Reator Multipropósito, destinado à pesquisa e à fabricação de radiofármacos. (...) Não se trata de acaso, mas de política antinacional deliberadamente adotada. Se nada mudar, estaremos, muito em breve, condenados a comprar a preço de ouro, e em condições de subserviência, o acesso àquela ciência e àquela tecnologia que os países que as detém se dispuserem a ceder, aquela ciência e aquela tecnologia cujo desenvolvimento nos está sendo negado pelo regime Meirelles-Temer. **O controle das tecnologias, claro está, é forma de dominação. Onde produzir sua própria tecnologia é o caminho a ser percorrido por quem deseja emancipar-se.** É o caminho que nos foi fechado pelo governo ilegítimo, que assim atenta, também e conscientemente, contra nossa soberania. (...) **Trata-se de projeto político que visa à destruição do presente e do futuro de nosso país, e só isso explica o ataque brutal à geração do conhecimento, mediante a destruição da universidade pública, da pesquisa e da ciência, e dos ensaios de inovação.**⁵³⁷

⁵³⁷ *A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto.* Carta Capital, 05 de setembro de 2017 - 14:53.

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-crise-da-educacao-no-brasil-nao-e-uma-crise-e-projeto>

Acesso em 17 de julho de 2021

Os grifos são meus.

Como descrito nos trechos acima do artigo publicado no site da revista Carta Capital em setembro de 2017, ações ultraliberaís do governo espúrio de Michel Temer e de Henrique Meirelles que foi seu ministro da fazenda entre 2016 e 2018, promoveram o sucateamento nas áreas de educação e pesquisa, e ainda contribuíram para: “O Novo Regime Fiscal, emenda constitucional que estabeleceu um limite (teto) para o crescimento dos gastos do Governo Federal por vinte anos; a Lei da Terceirização, que permite a terceirização do trabalho também para atividades-fim, e não apenas para atividades-meio (como faxina, segurança, etc.); e para a reforma trabalhista de 2017, que foi uma significativa alteração na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).” A redução de recursos associados ao baixo investimento em manutenção teria contribuído para ocasionar o incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro, instituição vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Olhar para o crânio de Luzia talvez possa ser uma ocasião para se *encarar a morte, para recuperar a vida*⁵³⁸. Para mim ao menos, acredito que aconteceu nesse sentido. Apesar de toda terrível perda material do acervo do Museu Nacional, o crânio de Luzia simbolicamente resistiu às chamas do descaso com as instituições que se dedicam à pesquisa científica e cultural do país.

Thiago Martins de Melo também faz uma referência à Luzia, mas optou pelo modelo científico forense também exibido pelo museu, modelo que buscava propor uma hipótese sobre a possível compleição de Luzia. A obra de Thiago foi exposta em sua individual chamada *Necrobrasiliiana* na Galeria Leme em São Paulo, entre 30 de março e 04 de maio de 2019.

Segundo o texto da galeria sobre “Necrobrasiliiana”:

(...) o artista (...) aborda conceitos relacionados à morte, a fim de tratar os legados históricos do Brasil através da ideia de necropolítica. A partir do cruzamento anacrônico de narrativas sobre resistências e decadências, simbologias e personagens, espiritualidade e sincretismo, Thiago Martins de Melo utiliza os métodos tradicionais da pintura para abordar questões relacionadas

⁵³⁸ *Encarar a morte, para recuperar a vida - Ideia da finitude dos corpos é igualitária e desalienante. Por isso, a modernidade capitalista ocultou-a por séculos. A pandemia reembaralha as cartas. A certeza de que todos pereceremos precisa ser convite a transformar a vida em comum.* Gustavo Assano, Outras Palavras, Pós-Capitalismo, 10 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/encarar-a-morte-para-recuperar-a-vida/> Acesso em 1 de setembro de 2022. Gustavo Assano, Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e pesquisa teatro há mais de dez anos.

ao Estado de Exceção no Brasil. Na obra “Necrobrasiliana” (2019), o artista combina grandes telas para retratar situações que o assombram.⁵³⁹



Fig. 177 Thiago Martins de Melo
Tempo e sol de Luzia
2019
óleo sobre tela
240 x 160 cm



Fig. 178 modelo tridimensional
da suposta cabeça de
Luzia

Acompanho o trabalho de Thiago desde sua primeira exposição individual no Centro Cultural São Paulo em 2010. Pude observar que em 2019 os nossos caminhos se cruzaram em termos de interesses comuns de pesquisa e prática. Lembro-me de uma entrevista onde Thiago se coloca como uma *testemunha ocular* de seu tempo (e incluiria espaço). Para mim essa foi uma posição chave, onde vi a possibilidade de abordar questões que não são pessoais, no sentido de que eu não vivi pessoalmente/presencialmente, por exemplo, o incêndio do Museu Nacional do Rio. Mas dentro de minhas possibilidades de acesso às informações, acompanhei os relatos e as imagens produzidas pelos envolvidos diretamente com os fatos. A possibilidade de me considerar em algum grau como uma testemunha ocular (indireta, muitas vezes) me deu uma licença para poder, respeitosamente e criticamente - dentro das minhas possibilidades intelectuais – tratar de questões que não são apenas

⁵³⁹ Thiago Martins de Melo, *Necrobrasiliana*, 2019, Galeria Leme. Disponível em: <https://galerialeme.com/en/expo/necrobrasiliana/?section=photos> Acesso em 1 de setembro de 2022.

minhas, mas que atingem extratos da sociedade da qual faço parte, dentro do tempo e lugar onde estou circunscrito.

Tzvetan Todorov no livro *Goya à Sombra das Luzes* no capítulo *Os estragos da Guerra*, aborda aspectos do artista como testemunha ocular:

(...) examinando as gravuras em si [os desastres da guerra]: não é concebível que Goya (ou quem quer que seja, aliás) tenha sido testemunha ocular de todas essas sevícias, desse pavoroso inventário das violências bélicas. Provavelmente, ele viu um certo número delas. Durante sua viagem à Saragoça, em 1808, assim como mais tarde, por ocasião de sua escapada de Madri em 1812 ou 1813, ele deve ter observado os resultados dos combates encarniçados entre soldados e insurretos; em 1811-2, não pôde evitar ver os cadáveres que se espalhavam pelas ruas de sua cidade, em consequência da fome geral. Por duas vezes, Goya anota abaixo da gravura “eu vi isto” – mas, mesmo nesses casos, a composição esmerada e equilibrada da gravura nos faz duvidar de que ela seja a transcrição direta de suas impressões: a verdade que ele inova é a da arte, e não a da cópia do real: Então, esses poucos massacres observados despertaram suas visões anteriores, nutridas além disso pelos relatos que não podiam deixar de circular, multiplicou e diversificou as cenas vistas, originando assim os *Desastres*. (TODOROV, 2014, P. 127-128)

A última peça tridimensional da exposição foi a única construída antes de 2019. Considero-a como uma crítica mais direta ao capitalismo de tipo neo/ultraliberal. *Estado Mínimo* foi feita em 2017, a partir do efeito do golpe de 2015-2016. Composta por um livro envolto por camadas de cobertores de feltro sintético.

A escultura teve início com o encontro do livro coordenado pelo sociólogo Pierre Bourdieu - *A Miséria do Mundo*. O livro publicado pela primeira vez em 1993 na França traz análises sociológicas a partir de um grande número de entrevistas com professores, alunos, imigrantes e trabalhadores de diversas áreas e provenientes de diversos países e que moram em conjuntos habitacionais franceses. Segundo o coordenador:

Entregamos aqui os depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver. Organizamo-los e os apresentamos com o objetivo de conseguir do leitor que lhes conceda um olhar tão compreensivo quanto o que as exigências do método científico nos impõem e nos permitem conceder-lhes. É por isso que esperamos que ele concordará em acompanhar o caminho proposto. Isto, mesmo se compreendermos que, vendo nos diferentes "estudos de casos" espécies de pequenas novelas, alguns possam preferir lê-los ao acaso e optar por ignorar os pressupostos metodológicos ou as análises teóricas, todavia inteiramente indispensáveis, segundo pensamos, para a adequada compreensão das entrevistas. Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tomar públicas conversas privadas, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas?

E apenas um breve fragmento de uma das pessoas entrevistadas, chamada Leblond no capítulo “Com duas famílias operárias - Entrevista de Pierre Bourdieu e Rosine Christin”:

O garoto está na rua. Bom, há o garoto que berra de dia porque tem fome, mas não querem lhe dar comida, apesar de eles não fazerem o Ramadã, mas não querem lhe dar comida, vê-se isso sobretudo no final do período do Ramadã. No princípio menos, porque, no começo, bom, é verdade que, mas no fim do período, isso deve ser duro também para eles de não... então, eu me coloco no lugar deles, dar uma refeição leve a um garoto, porque é só um pedaço de pão, dar um pedaço de pão a um garoto e depois não ter o direito de comer (...)⁵⁴⁰



Fig. 179 *Estado Mínimo*
2017
livro e cobertores
51 x 38 x 21,5 cm
trabalho exposto na individual *Necrocolônia* 2016-2019, 07 de novembro a 07 de dezembro de 2019
Verve Galeria, São Paulo, fotografia: Jerri Rossato Lima

⁵⁴⁰ *A Miséria do Mundo*. Pierre Bourdieu (coord.). Petrópolis: Vozes, 2008.p. 29.

O trabalho *Estado Mínimo* (fig. 179) não foi especificamente voltado para o conteúdo das análises do livro coordenado por Bourdieu, mas para a questão da pobreza, da *miséria* estampada na lombada do livro. Hoje, a partir das leituras e falas de especialistas, tenho mais evidências históricas de que a grande causa da pobreza está ligada ao título da escultura, um Estado que se coloca como mínimo, é sempre mínimo para a sua população mais carente, pois para as elites sempre abundam subsídios e verbas.

Impérios coloniais como França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e EUA, são estados extremamente protecionistas⁵⁴¹ e garantidores de vantagens para seus produtos locais, mas para os demais países

⁵⁴¹ *Poder e desenvolvimento: o declínio dos mitos liberais - Em toda parte, volta-se a reconhecer o papel dos Estados na defesa das economias nacionais. Para escândalo dos liberais brasileiros, da elite financeira e dos generais, que insistem em manter país na contramão dos ponteiros do mundo.* José Luís Fiori e William Nozaki, Outras Palavras, 04 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/poder-e-desenvolvimento-o-declinio-dos-mitos-liberais/> Acesso em 02 de setembro de 2022.

“Em última análise, os processos de desenvolvimento econômico são lutas de dominação; e os interesses da nação constituem os últimos e decisivos interesses que devem orientar sua política econômica - Max Weber, Escritos Políticos I. A história do desenvolvimento econômico moderno e da origem da teoria econômica clássica possui três dimensões que costumam ser convenientemente esquecidas pela ‘narrativa liberal’.

A primeira é que **o Estado ocupa papel estratégico no desenvolvimento econômico das nações**. Sem o poder estatal, não haveria as rotas comerciais italianas, a expansão colonial ibérica, a revolução comercial holandesa, assim como a revolução industrial inglesa, francesa e mais tarde americana. Mais ainda, sem o poder estatal, não haveria o desenvolvimento tardio da Alemanha, Rússia e Itália, ou o desenvolvimento a convite de Japão e Coreia do Sul, para não mencionar os casos recentes de planejamento estatal exitoso na China e no Vietnã nesse início de século XXI.

A segunda dimensão histórica oculta pelo liberalismo econômico é a do nascimento da economia política clássica, ligada diretamente à necessidade dos primeiros Estados em aumentar o excedente econômico para atender a necessidades fiscais, territoriais e navais, além de obrigações com a garantia de alimentação e saúde para os cidadãos, como fica explícito nas recomendações do pioneiro William Petty ao Estado inglês.

A terceira dimensão esquecida pelos liberais é que a própria teoria econômica do livre-cambismo e do livre-comércio, de Adam Smith e David Ricardo, só surgiu e se impôs como uma ‘teoria hegemônica’ e uma ‘política econômica vitoriosa’ depois que a Grã Bretanha já havia conquistado Irlanda e Escócia, vencido a ‘Guerra dos 7 Anos’ e lançado seu controle colonial sobre Estados Unidos, Canadá e a parte mais rica da Índia, mantendo uma rigorosa proteção sobre sua indústria naval e têxtil.

Desde sua origem, a teoria econômica liberal foi sempre a teoria adequada às necessidades e possibilidades das grandes ‘potências dominantes’, dentro do sistema mundial. E mesmo depois de alcançar o topo da hierarquia econômica mundial, foi o Estado dessas grandes potências que seguiu definindo – em última instância – a “grande estratégia” de suas economias nacionais, através de seus projetos de expansão colonial, de avanço industrial, além de pacotes de investimentos em infraestrutura, ciência e tecnologia. Apesar disso, foram sempre essas mesmas grandes potências, em particular Grã-Bretanha e Estados Unidos, que pautaram o debate sobre a política econômica durante o século XX, com a defesa da teoria e das políticas liberais necessárias para a manutenção da inserção primário-exportadora da periferia – a despeito de que estas mesmas economias centrais adotem políticas econômicas de corte mais liberal-ortodoxo ou mais keynesiano-heterodoxo, dependendo de seus próprios ciclos e crises econômicas, e em função de suas guerras, catástrofes, ou desafios à segurança nacional. É o caso da conjuntura atual, em que os próprios Estados Unidos, a potência líder do mundo liberal, voltou a adotar políticas intervencionistas, e a adotar – de forma explícita e declarada – o nacionalismo econômico da Alemanha do século XIX, da Rússia do século XX e da China do século XXI. Tudo isso no momento em que o Brasil entrou em um processo de autodestruição, análogo ao da Rússia dos anos 1990, conduzido por um grupo de militares e financistas fanatizados pelas ideias econômicas ultraliberais e ultrapassadas da Escola de Chicago. Desde a crise financeira de 2008, culminando na pandemia de Covid-19 a partir de 2020, passando pelo acirramento da guerra comercial e

tecnológica entre EUA e China, pelo aprofundamento das desigualdades de renda e riqueza, pela agudização das emergências climáticas e ambientais e pela possibilidade de uma nova guerra na Europa Central, não são poucos os eventos desse início de século XXI que têm demonstrado um novo papel do Estado na economia. A grande crise de 2008 foi enfrentada com estratégias de big government e de big bank que envolveram intensa ação estatal por meio da flexibilização dos fundamentos da política macroeconômica neoliberal, com redução dos juros, ampliação de oferta de moeda, suporte financeiro, estímulos fiscais, desonerações, investimentos públicos, gastos sociais, além de controle cambial e de capitais em alguns países. Passada uma década, em 2018, o acirramento da guerra comercial entre EUA e China fez com que o Estado norte-americano impusesse tarifas sobre cerca de US\$ 250 bilhões em produtos chineses, enquanto o Estado chinês reagiu impondo taxas sobre cerca de US\$ 110 bilhões em mercadorias americanas. As ameaças tarifárias impactaram, principalmente, os mercados de telecomunicações, processadores, circuitos e peças de computadores. Por trás dessas tensões, se revelava também uma disputa tecnológica e empresarial em torno das inovações e infraestruturas relacionadas à internet 5G, cujo desenvolvimento também só foi possível graças à atuação do Estado nas áreas industrial e de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). As crescentes instabilidades financeiras e monetárias, acompanhadas das assimetrias produtivas e comerciais, intensificaram a desigualdade de renda e riqueza. Atualmente, cerca de 520 bilionários, o grupo do 0,01% mais rico do planeta, detém mais de 10% da riqueza global, enquanto o grupo dos 50% mais pobres fica com apenas 2% do montante. Preocupados com a forma como essa desigualdade pode bloquear a mobilidade social, interditar a ideologia da ascensão pelo mérito individual e desaguar em apatia ou caos social, milionários de diversos países defendem taxações sobre as próprias fortunas e dividendos, de modo a defender o fortalecimento do Estado. As emergências climáticas e suas causas antrópicas tornaram o aquecimento global e os eventos ambientais extremos parte da rotina da população mundial; estiagens prolongadas, enchentes recordes e estações desordenadas são apenas algumas das manifestações de como o padrão de produção, circulação e consumo de mercadorias pode colapsar os sistemas físicos e biológicos que dão suporte à vida humana no planeta. A natureza sistêmica desses problemas impõe que eles sejam tratados por meio de uma governança interestatal e internacional mais integrada e cooperativa, além de exigir metas nacionais de redução, por exemplo, da emissão de gases do efeito estufa (GEE), que só podem lograr êxito com coordenação e planejamento estatais. A pandemia de Covid-19, mais recentemente, também explicitou a necessidade de intensa atuação estatal, tanto com o fortalecimento dos sistemas de saúde e seguridade e de programas de proteção social do emprego, do trabalho e da renda, quanto por pacotes de apoio a empresas, de reconversão industrial ou medidas estruturais de reindustrialização. Nos EUA, o Plano Biden aposta em um pacote de medidas emergenciais, de geração de emprego e de reconstrução da infraestrutura com investimentos que podem ultrapassar até mesmo o antigo New Deal. Na China, o projeto da Nova Rota da Seda e sua etapa 'Made in China 2025' buscam consolidar o protagonismo da estrutura produtiva chinesa na indústria 4.0. A aliança industrial franco-alemã, por seu turno, busca acelerar a trajetória do desenvolvimento industrial em parte da Europa. Não é diferente com a Rússia e sua aposta estatal, por exemplo, na expansão da infraestrutura de gás e logística. Além disso, organismos internacionais como o FMI atualmente reconhecem a essencialidade de novos programas estatais de transferência de renda que possam enfrentar a situação de pobreza, miséria e fome. O próprio Banco Mundial recomenda maior atenção sobre os programas de proteção social, de geração de trabalho e emprego e de garantia de renda que só podem ser assegurados por meio de políticas públicas promovidas pelo Estado. A UNCTAD, em estudo recente, reconhece que o sistema global de produção internacional está passando por uma mudança acelerada pela pandemia, com desafios que se desdobram da nova revolução industrial, com crescente nacionalismo econômico e o imperativo da sustentabilidade. Essas mudanças terão como principal resultado maior fortalecimento das políticas industriais e de inovação, considerando setores estratégicos também articulados pelo Estado. Em publicação especial recente, até mesmo a revista *The Economist* reconhece que a economia internacional está entrando em um novo período de mais intervencionismo estatal. Entre 2000 e 2022, é crescente em países desenvolvidos e emergentes a participação de investimentos governamentais, fundos nacionais soberanos, fundos públicos de pensão e empresas estatais. Segundo a publicação, políticas industriais, proteções trabalhistas, legislações ambientais, tributações sobre empresas e fortunas e regulamentações antitruste devem estar cada vez mais presentes no arco de atuação estatal dos países. Depois da virada liberal-conservadora dos anos 1970-1980, a utopia da globalização se transformou na ideia-força da expansão imperial dos Estados Unidos, país vitorioso na Guerra Fria. Mas o que de novo foi ocultado pelos ideólogos liberais é que esta nova hegemonia do pensamento econômico liberal veio junto e é indissociável de um processo acelerado de acumulação de poder entre as grandes potências e de polarização de riqueza entre nações. Nas duas primeiras décadas do século XXI, as economias nacionais das grandes potências voltaram a apelar para o Estado, voltaram a assumir a defesa explícita da proteção de suas economias e da promoção de grandes investimentos em infraestrutura e inovação tecnológica, com o objetivo de enfrentar os grandes desafios, guerras e catástrofes desse período, e com a intenção vencer

(colônias) pregam o “livre comércio” sem regras, sem “agarras”, sem regulamentos estatais, sem controle dos estados. O mantra da desregulamentação é só para os outros. Nas colônias, como o Brasil, o estado “atrapalha” a autoregulação do “mercado”.

Os impérios impõem suas cartilhas liberais para suas colônias ou domesticamente para as regiões mais empobrecidas, via órgãos que controlam ou são associados como o FMI, o Banco Mundial, os grandes bancos locais. Obrigam com chantagens de bloqueios comerciais, como fazem com os países que não os “obedecem”, Cuba, Venezuela, Iran, ou os ameaçam comercialmente, como a China e a Rússia. Também condicionam empréstimos (que depois serão impossíveis de se pagar) à que sigam medidas impopulares, práticas neoliberais de “austeridade”, ou seja, impõem que os países tenham gastos públicos mínimos com políticas de bem estar social destinadas à moradia, alimentação, saúde, educação e cultura.⁵⁴²

ou ultrapassar seus grandes concorrentes nacionais. Tudo isso para escândalo dos economistas liberais, da elite financeira e dos generais brasileiros, que, atrasados, insistem em manter o Brasil na contramão dos ponteiros do mundo.”

⁵⁴² *O mito do livre-mercado nos Estados Unidos: O papel do estado no desenvolvimento norte-americano*. Marlon Andrey Nunes da Silva. 10^o Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros, 2016. Disponível em: <http://www.fepeg2016.unimontes.br/index.php/anais/ver/1104> Acesso em 02 de setembro de 2022.

“Nosso objetivo neste trabalho é expor as **contradições entre o discurso e a prática dos Estados Unidos, que pregam aos países subdesenvolvidos o livre-mercado como única via possível ao desenvolvimento, mas que em sua própria história, utilizou-se do Estado para desenhar o seu progresso econômico, industrial e social. Utilizando organismos internacionais como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), os Estados Unidos juntamente com outras nações, têm ‘chutado à escada’ do desenvolvimento para os países subdesenvolvidos, nas palavras do economista Ha-Joon Chan, impedido assim o progresso desses países.** Além disso, buscamos entender as etapas de desenvolvimento e os modos de expansão do ‘Gigante do Norte’, com o intento de tirar lições que podem ajudar os países em desenvolvimento, como o Brasil. Por volta das décadas de 1940 e 1950, instituições como o Banco Mundial, o FMI e a OMC, ajudaram os países em crise a equilibrar suas contas e a reconstruir suas economias, mas a partir da crise da dívida do terceiro mundo, em 1982, as coisas mudaram: esses órgãos econômicos passaram a ter um poder muito maior, usando o dinheiro para influenciar politicamente os rumos dos países enfraquecidos. **Nos anos 1990, o FMI passou a condicionar os empréstimos à implantação das premissas neoliberais na economia dos países em desenvolvimento.** Mesmo com fracos resultados, o neoliberalismo ainda persiste. Eles alegam que ‘não há alternativa’ ao livre-mercado, defendendo que esse é o único caminho para a prosperidade. **Dentre as nações que mais pregam a abertura ao livre mercado, estão os Estados Unidos, que afirmam ser a única forma dos países atrasados e em desenvolvimento atingirem níveis altos de crescimento e renda. Mas quando fazemos uma revisão na própria história econômica norte-americana, descobrimos uma história bem diferente.** No período colonial, sob domínio inglês, a América do Norte sofreu restrições que as outras colônias também sofreram. Adam Smith, que era inglês e conhecido como o ‘pai do liberalismo e do livre-mercado’, na sua obra mais famosa, ‘A riqueza das nações’, recomenda aos americanos a não desenvolverem suas manufaturas para não concorrerem com os ingleses. Podemos ver quão ideologicamente interesseiras eram as recomendações de Smith. Na América, Thomas Jefferson, alinhado às ideias de Smith, estava convencido de que o melhor seria a América permanecer agrária. Atualmente, Smith é idolatrado na América, mas nos séculos XVIII e XIX, havia muita gente que discordava dele. Esses defendiam uma corrente de pensamento contrária a visão liberal de Smith, e pregavam que os Estados Unidos deveriam desenvolver indústrias através de proteção e subsídios do governo. Essa era a opinião de **Alexander Hamilton**, primeiro ministro de finanças dos Estados Unidos. **Em 1791, Hamilton submeteu seu “Relatório sobre as Manufaturas” ao Congresso, com recomendações para desenvolver a indústria, todas em direção contrária as posições de Smith, como tarifas protecionistas, subsídios do governo, proibição de importações etc. Naquele contexto, o Congresso era dominado pelos grandes latifundiários, a quem interessava o livre-comércio com a Inglaterra**

Esses impérios liberais são ultra protecionistas dentro de seu âmbito “doméstico” (Hamiltonianos – o Estado deve intervir com recursos para *estimular as manufaturas e a indústria nos Estados Unidos* e Keynesianos – *O Estado deveria intervir na economia sempre que fosse necessário, afim de evitar a retração econômica e garantir o pleno emprego*), e impõem o oposto (os postulados de Hayek e Friedman - *autorregulação dos mercados*, liberdade dos mercados, *totalmente independente de intervenções governamentais*) nos “seus pátios e quintais”, ou seja, nos outros países satélites.

O estado mínimo é sempre imposto pelos países imperialistas aos mais fracos, e caso os países estejam começando a se destacar, a crescerem em termos tecnológicos e de energia, esse é o momento das intervenções imperiais com guerras militarizadas e/ou híbridas com o objetivo de promover o caos nos países satélites e com isso eles voltarem a serem produtores de *commodities* e dependentes das metrópoles coloniais-imperialistas e serem presos a um ciclo perpétuo de estados “em desenvolvimento”. O desenvolvimento das nações satélites é interdito pelos impérios.

industrializada. Cerca de trinta anos depois, em 1820, os Estados Unidos aproveitando-se da Guerra Anglo-Americana de 1812, implementaram o programa econômico de Alexander Hamilton. Hamilton argumentava que, para assegurar a independência do país, os Estados Unidos precisavam ter uma sólida política de encorajamento ao crescimento da industrialização e assegurar seu futuro como um traço permanente do sistema econômico da nação. Esses objetivos ele sustentava que poderiam ser alcançados mediante: prêmios ou subsídios à indústria, regulamentação do comércio com moderadas tarifas alfandegárias, não para desencorajar a importação, mas para levantar receitas para apoiar a industrialização norte-americana mediante subsídios, e outros estímulos governamentais. Essas políticas não apenas promoveriam o crescimento da industrialização, mas também forneceriam diversificadas oportunidades de emprego e promoveriam a imigração para os jovens Estados Unidos, além de expandir as aplicações da tecnologia e da ciência para todos os setores, incluindo a agricultura. Para Hamilton, as tarifas alfandegárias levantariam receitas para capitalizar a nação e encorajar a industrialização nacional: Proteger a indústria nascente norte-americana por um curto prazo, até que ela pudesse competir com as estrangeiras; levantar receitas para cobrir as despesas do governo federal e levantar receitas para apoiar diretamente a industrialização mediante prêmios (subsídios). Hamilton argumentava que prêmios ou subsídios à indústria, os quais seriam financiados por fundos levantados por moderadas tarifas alfandegárias, seriam os melhores meios de expandir a industrialização sem diminuir a oferta ou elevar os preços dos bens. Tal estímulo mediante apoio direto tornariam os empreendimentos norte-americanos competitivos e independentes pela nação como um todo. Pretendiam encorajar o espírito de empreendimento, inovação e invenção em toda a nação; apoiar a abertura de estradas e canais para estimular o comércio interno; desenvolver um poder industrial independente do controle de poderes estrangeiros. **Como resultado das ideias de Hamilton, o governo federal passou a subsidiar o desenvolvimento, principalmente através das políticas de doação de terras, impulsionando a disseminação de escolas e gerando infraestrutura de conhecimento para desenvolver o país. O governo também proporcionou a construção de ferrovias, melhorando a comunicação entre as diversas partes do país e dinamizou o escoamento produtivo. Na área da ciência, o governo investiu pesadamente em ‘políticas de conhecimento’, construindo escolas básicas, escolas técnicas, os community colleges, faculdades e universidades, além de fomentar a pesquisa em ciência e tecnologia. Os Estados Unidos se tornaram país mais líder em tecnologia no século XX e já eram o país mais protecionista durante o século XIX até meados de 1920, além de ser a economia que mais crescia no mundo. Com suas indústrias já bem estabelecidas e com os principais concorrentes arrasados pela primeira guerra mundial, os norte-americanos se abriram ao ‘livre-comércio’, mas mesmo assim, eles encontraram outros meios para defender os seus interesses e pesar a balança a seu favor, no caso, o Banco Mundial, o FMI e a OMC. A história nos conta que no estágio inicial de seu desenvolvimento, todos os países bem-sucedidos recorreram à mistura de proteção, subsídios e regulamentação para desenvolver sua economia. E por outro lado, o receituário neoliberal recomendado hoje aos países mais pobres tem trazido prejuízos aos que adotam como aumento da desigualdade, desemprego, pobreza, instabilidade econômica, com sucessivas ondas de crise entre outros problemas.”**

Para os aliados e associados dos impérios – paraísos fiscais, grandes bancos, empresas transnacionais, corporações financeiras e militares - sempre há infinitas somas de recursos em termos de créditos, subsídios e perdões de dívidas milionárias, além de propaganda favorável ou silêncios cúmplices da grande mídia ocidental. Sempre há recursos para recuperações de desastres financeiros provocados por apostas do mercado financeiro, como em 2008, onde o mundo todo foi abalado por irresponsabilidade e ganancia de agentes financeiros dos EUA. O estado mínimo não existe para a elite do mundo, para os impérios. Os países mais poderosos fazem os demais de reféns de seus planos de domínio, buscando através das falácias neoliberais enfraquecerem os estados periféricos do sul global e fortalecem seus parceiros de negócios privados. O ocidente prega o neoliberalismo, mas pratica o protecionismo estatal. É o caso dos EUA, um estado controlado desde sua fundação pelo grande capital local.⁵⁴³

É imperativo para a subsistência do capitalismo em seu estágio neo e ultraliberal que o estado seja mínimo para a população dos países não ocidentais. Mas o que eles não reproduzem em seus meios de propaganda de massa e *think tanks* (“laboratório de ideias”) espalhados pelo mundo, é que o estado seja máximo para os 1% detentores do poder econômico.

⁵⁴³ Sobre o assunto sugiro acompanhar as colocações do escritor e pesquisador Elias Jabour, Doutor e Mestre em Geografia Humana pela FFLCH-USP, professor na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em *Debate: Capitalismo x Socialismo – Renata Barreto e Elias Jabour*. Inteligência Ltda, 29 de agosto de 2022. 3:32:46. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-dvcPHV8ck&t=1452s> Acesso em 30 de agosto de 2022. E como complemento – *Reagindo ao debate entre Elias Jabour e Renata Barreto no Inteligência Ltda*. Humberto Matos, 29 de agosto de 2022. 2:36:16. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QT_peKMCOTs Acesso em 1 de setembro de 2022.



Fig. 180 *A Elite do Atraso*
série *Leituras Necessárias*
guache, aquarela, nanquim e grafite
sobre papel, 2019, 33 x 24 cm
fotografia: Jerri Rossato Lima

O desenho *A Elite do Atraso* (fig. 180) da série *Leituras Necessárias*, representa a capa de um dos livros de Jessé Souza, que através de sua linguagem mais acessível atingiu um público mais amplo de leitores que não são necessariamente especialistas em história, sociologia, economia ou política. Penso que Jessé Souza presta um serviço fundamental de conscientização crítica para uma parcela maior da população. Considero que Jessé, assim como Byung-Chul Han e Zigmunt Bauman procuram expor questões complexas (sociais, econômicas e estruturais) de forma mais permeável, e com isso possibilitar uma introdução que poderá ser aprofundada em autores que demandam mais tempo, atenção e leituras. A começar pelas informações presentes na capa do livro: *A Elite do Atraso: Da escravidão à Lava Jato – Um livro que analisa o pacto dos donos do poder para perpetuar uma sociedade cruel forjada na escravidão*. As informações na capa já me parecem indicar que se trata de uma *leitura necessária* para se entender os motivos que levaram ao caos a que fomos submetidos: miséria, fome, desmatamento, violência, mortes, perseguições à movimentos sociais e pessoas de esquerda, sucateamento dos equipamentos estatais estratégicos (pesquisa, energia, educação, alimentação, etc).

Para Souza *a elite do atraso e seu braço midiático fazem parte, (...), do mesmo esquema de deparar a população em seu benefício:*

É o que explica a constante necessidade de criar espantalhos para desviar a atenção do público do que lhe é surrupiado e explicar a penúria que seu saque provoca por outras causas. O espantalho perfeito é a corrupção dos tolos só na política, quando esses são meros lacaios de quem financia sua eleição para que protejam seus privilégios de mercado. **Usa-se o desconhecimento da população, provocado pela distorção sistemática da realidade produzida pela própria mídia, para manipulá-la ao sabor da conjuntura que convém à elite do atraso.** Quem comanda o **assalto à população** é a fração financeira do capital e da propriedade por meio de uma dívida pública que só cresce e pelo mecanismo de transferência de renda via juros e controle do orçamento público. Como as outras frações dos proprietários, como a indústria, o comércio e o agronegócio, retiram o lucro grande também da especulação financeira, isso explica que o comando de todo processo econômico e político seja exercido pela fração dos rentistas. (...) Todo o orçamento público e toda a arrecadação tributária, que é obtida onerando precisamente os mais pobres no Brasil segundo pesquisa do IPEA⁵⁴⁴, foram capturados para o serviço dessa dívida de origem obscura. Primeiramente, para especialistas do porte de um Amir Khair, que estuda o fenômeno há décadas, as dificuldades fiscais do país não tem relação com as despesas conjuntas da população em educação, saúde e previdência, como a mídia informa, mas sim com os juros altos e a alta taxa Selic. A conclusão de suas pesquisas informa que 98% do déficit do setor público têm a ver com os juros mais altos do mundo e só 2% é déficit nominal. A balela de que as altas taxas de juro servem ao controle da inflação é desmentida pelo fato de que os juros componentes principais do IPCA⁵⁴⁵ têm impacto quase nulo na taxa de juros.

O Brasil, governado pelos lacaios do sistema financeiro, precarizou a saúde, sua educação, sua capacidade de produção de tecnologia e de pesquisa, em suma, está comprometendo seu futuro e seu presente para engordar uma ínfima elite do dinheiro, esta sim, verdadeiramente, predadora e corrupta. Afinal, para seus mais dedicados estudiosos, como a **coordenação da auditoria cidadã da dívida pública**⁵⁴⁶, a **pesquisadora Maria Lúcia Fatorelli, a dívida pública é a verdadeira corrupção.** O esquema criminoso foi tornado sagrado pela associação entre atravessadores financeiros, como os grandes bancos de investimentos aqui e lá fora, e seus sócios menores no aparelho de Estado – as corporações jurídicas mais caras do mundo que recebem uma espécie de “propina de classe” da elite do dinheiro para defender seus interesses – e na mídia. Para Fatorelli, que tem participado de auditorias de dívidas públicas em todo o

⁵⁴⁴ IPEIA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em:

https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68 Acesso em 3 de setembro de 2022.

“O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) é uma fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia. Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros. Os trabalhos do Ipea são disponibilizados para a sociedade por meio de inúmeras e regulares publicações eletrônicas, impressas, e eventos.”

⁵⁴⁵ IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplio.html?=&t=o-que-e> Acesso em 3 de setembro de 2022.

“O Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor – SNIPC produz contínua e sistematicamente o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA que tem por objetivo medir a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo, referentes ao consumo pessoal das famílias. Esta faixa de renda foi criada com o objetivo de garantir uma cobertura de 90% das famílias pertencentes às áreas urbanas de cobertura do Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor - SNIPC. Esse índice de preços tem como unidade de coleta estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, concessionária de serviços públicos e internet e sua coleta estende-se, em geral, do dia 01 a 30 do mês de referência. Atualmente, a população-objetivo do IPCA abrange as famílias com rendimentos de 1 a 40 salários mínimos, qualquer que seja a fonte, residentes nas áreas urbanas das regiões de abrangência do SNIPC, as quais são: regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, além do Distrito Federal e dos municípios de Goiânia, Campo Grande, Rio Branco, São Luís e Aracaju.”

⁵⁴⁶ Auditoria Cidadã. Disponível em: <https://auditoriacidadada.org.br/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

<https://www.youtube.com/user/auditoriadiadada>

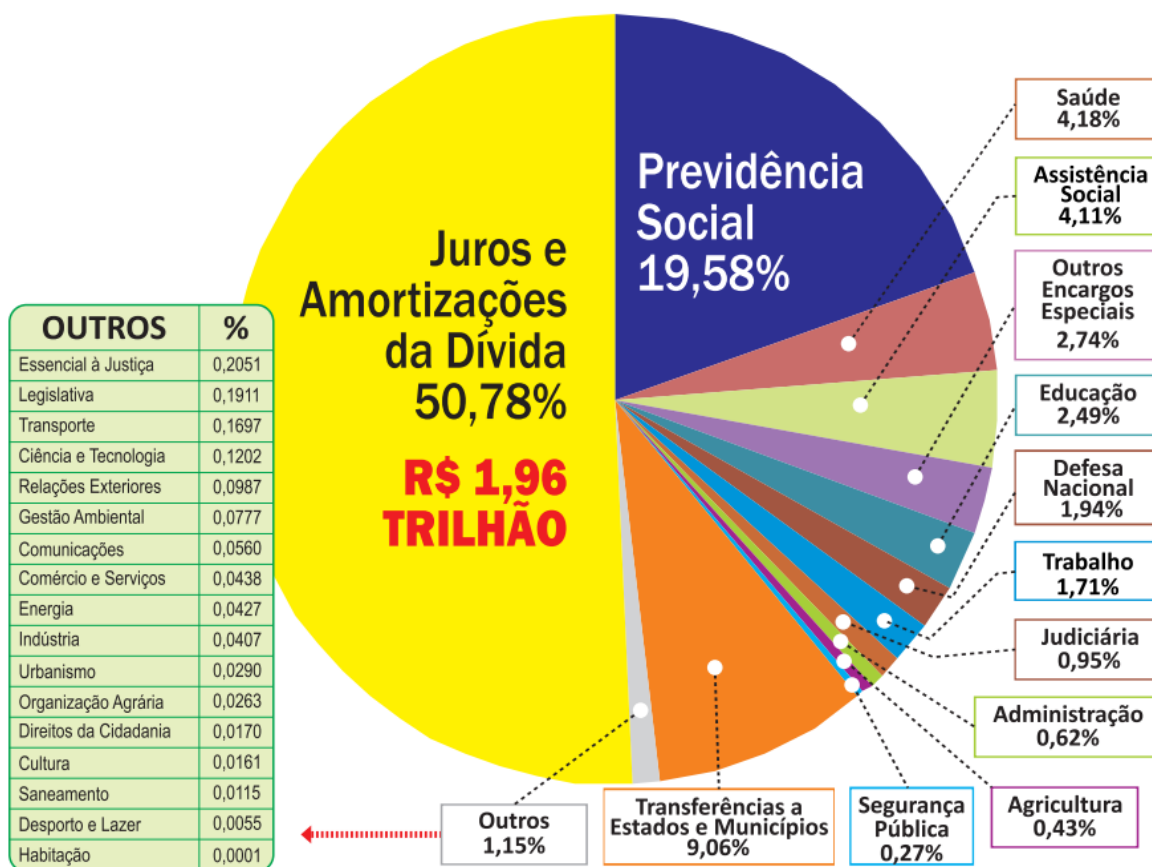
mundo, o próprio **início da dívida pública nos anos 1990**, sob o **governo do grande amigo dos bancos** que foi **Fernando Henrique Cardoso**, é obscuro e existe a suspeita bem fundada de que dívidas já prescritas tenham sido o início da bola de neve que hoje tira o futuro do presente. A taxa Selic de 45% ao ano, no governo FHC, turbinou uma dívida de origem suspeita até torná-la impagável como é hoje. **Todo o orçamento público é usado para pagar juros apenas**, sem que a dívida em si seja jamais diminuída. **Uma dívida sem contrapartida, imoral ilegal e que só engorda uma ínfima elite do dinheiro que comprou a política, a justiça e a mídia.**”

De acordo com a pesquisadora Maria Lúcia Fattorelli e o economista Rodrigo Ávila o gasto com a dívida pública sem contrapartida quase dobrou de 2019 a 2021⁵⁴⁷ (fig. 181):

Em 2021, o governo federal gastou R\$ 1,96 trilhão com juros e amortizações da dívida pública, o que representa um aumento de 42% em relação ao valor gasto em 2020, que por sua vez já tinha sido 33% superior a 2019. Portanto, nos últimos dois anos, os gastos financeiros com a dívida federal quase dobraram. Apesar desses vultosos pagamentos, em 2021 a Dívida Pública Federal aumentou R\$ 708 bilhões, tendo crescido de R\$ 6,935 trilhões para R\$ 7,643 trilhões¹. Assistimos a um verdadeiro saque das riquezas nacionais para alimentar o Sistema da Dívida, enquanto todos os outros investimentos necessários ao nosso desenvolvimento socioeconômico são deixados de lado, sob o falacioso argumento de que não haveria recursos. Recursos não faltam em nosso país! Além de cerca de R\$ 5 trilhões em caixa² houve “Superávit Primário” em 2021, no valor de R\$ 64 bilhões³. Mas todo esse dinheiro está reservado para o rentismo! O gráfico do Orçamento Federal Executado (pago) em 2021 evidencia o privilégio do Sistema da Dívida

⁵⁴⁷ *Gasto com a dívida pública sem contrapartida quase dobrou de 2019 a 2021*. Maria Lucia Fattorelli, Rodrigo Ávila, Auditoria Cidadã da Dívida Pública, 15 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/gasto-com-divida-publica-sem-contrapartida-quase-dobrou-de-2019-a-2021/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Orçamento Federal Executado (pago) em 2021 = R\$ 3,861 Trilhões



Fonte: https://www1.siof.planejamento.gov.br/QuvAJAXZfc/opendoc.htm?document=IAS%2FExecucao_Orcamentaria.qvw&host=QVS%40pqlk04&anonymous=true&sheet=SH06
 Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida. Consulta em 2/2/2022. Orçamento Fiscal e da Seguridade Social. Gráfico por Função, com exceção da Função "Encargos Especiais", que foi desmembrada em "Juros e Amortizações da Dívida" (GND 2 e 6); "Transferências a Estados e Municípios" (Programa 0903), e "Outros Encargos Especiais" (restante da função, composta por gastos com cumprimento de Sentenças Judiciais e outros gastos).

Fig. 181 O gráfico do Orçamento Federal Executado (pago) em 2021 evidencia o privilégio do Sistema da Dívida
<https://auditoriacidadadadividida.org.br/conteudo/gasto-com-divida-publica-sem-contrapartida-quase-dobrou-de-2019-a-2021/>

Segundo Fatorelli e Ávila os gastos com a dívida pública cresceram muito em 2021 em função dos seguintes pontos: juros elevados, emissão excessiva da dívida pública federal, atualização de mecanismos do sistema da dívida e a falácia da "rolagem". Por isso é necessária a implementação de uma auditoria com participação social. "O conformismo diante do imenso gasto com a chamada dívida pública sem contrapartida em investimentos de interesse do povo e a falácia de que todo o gasto com o Sistema da Dívida seria mera 'rolagem' impede o enfrentamento do problema e a mudança de rumo, condenando o país ao atraso e o nosso povo à miséria". O objetivo dos grandes

bancos e rentistas neoliberais é “tenta-se silenciar o necessário debate sobre o Sistema da Dívida no Brasil, sob argumentos equivocados (de “rolagem”, ou que bastaria emitir moeda) que se prestam a manter os privilégios dos bancos e grandes rentistas, cujos nomes são inclusive mantidos em sigilo!” (Ver anexo 5). Ainda conforme Fatorelli a grande mídia costuma retirar do gráfico os “juros e amortizações da dívida” que somam mais da metade das despesas do Estado, e fazem outro gráfico onde narram que o grande problema do país são os gastos com previdência social, para em seguida defender que a previdência seja privatizada, mas dar ainda mais dinheiro para os bancos privados.

A falta de informação e participação da sociedade tem impacto direto no tipo de democracia praticada no Brasil, conforme Rafael Valim:

Este é o chamado *mal-estar* da democracia contemporânea. Uma democracia sem povo, a serviço do mercado, e que, ao menor sinal de insurgência contra a sua atual conformação, é tomada por medidas autoritárias – a este respeito, é oportuna a observação de Alysso Mascaro: “Por isso, não se há de pensar que o modelo político democrático seja uma regra que comporta uma eventual exceção ditatorial ou fascista. O capitalismo se estrutura necessariamente nessas polaridades, incorporando a exceção como regra. Não há experiência de superação das explorações capitalistas granjeada por meio democrático-eleitoral. Toda vez que a sociabilidade capitalista pode ser superada, mecanismo políticos antidemocráticos se apresentam e interferem nesse processo”. Como diz Joseph Stiglitz, “Os ricos não precisam do Estado de Direito; eles podem, e de facto fazem, moldar os processos económicos e políticos em seu proveito”. Segundo estudo lançado pela Oxfam em 16 de janeiro de 2017, prévio ao Fórum Econômico Mundial, o patrimônio de apenas oito homens é igual ao da metade mais pobre do mundo e 1% da humanidade controla uma riqueza equivalente à dos demais 99%. Esta é a democracia que estamos a tratar. Nesse sentido, *à impotência da política perante a economia deve corresponder um aumento de sua potência em relação à sociedade*. Nas palavras de Laymert Garcia dos Santos, o mercado “precisa, evidentemente de um Estado fraco como instância de decisão e formulação de política, mas forte como organismo gestor de população e dispositivo de controle social”. Ou seja, a ruptura dos laços entre representantes e representados deve ser acompanhada do incremento da violência estatal e do esgarçamento, aberto ou dissimulado, do tecido constitucional. Disso não segue, contudo, que a economia prescindir do Estado. Ao contrário, na lúcida visão de Francisco Oliveira, o mercado reclama um Estado máximo na economia e mínimo na política. Almeja-se pois, uma economia sem política, sem conflito. (VALIM, 2017, p. 30-31)

O mercado financeiro precisa de uma população sem capital, com medo, sem casa própria, sem alimentação de qualidade, sem sono e sem descanso necessários, sem o amparo do estado, sem ter para onde recorrer a não ser pedir empréstimos aos bancos e com isso se endividar e ter de trabalhar mais e sob as piores condições de trabalho disponível, sem direitos trabalhistas, sem estabilidade, sem

planos de saúde, sem nada. É a agenda ultraliberal - *privatização, redução de impostos para os ricos e destruição do Estado de bem estar social*⁵⁴⁸.

Nesse ponto a direita burguesa neoliberal tapa o nariz e se associa com a extrema direita: cínica, violenta, racista, sexista, misógina, autoritária, perversa, sádica, sem educação.

Sobre os discursos dessas direitas, Luis Felipe Miguel ao apresentar, o que ele considerava em 2018, “os três eixos da extrema-direita brasileira”, apontava que os setores mais extremados incluíam três vertentes principais: “o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo”. E sobre o libertarianismo ele nos diz:

A ideologia libertariana, descende da chamada “escola austríaca” e influente nos meios acadêmicos e ativistas dos Estados Unidos, prega o menor Estado possível e afirma que qualquer situação que nasça de mecanismos de mercado é justa por definição, por mais desigual que possa parecer. É rotulada de ultraliberal, mas sua relação com o liberalismo clássico é tensa.⁵⁴⁹ O liberalismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos “livremente” estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social. Para liberais de feição mais canônica, não seria uma **doutrina liberal** e sim **neofeudal**: “Como o feudalismo, o libertarianismo concebe o poder político justificado como baseado numa rede de contratos privados”⁵⁵⁰.

A “liberdade” brilha como o valor central das organizações libertarianas. Seus porta-vozes se esforçam para radicalizar temas que já estão presentes, de forma mais matizada, na tradição liberal do século XVIII em diante: a oposição imanente entre liberdade e igualdade, a igualdade como ameaça à liberdade. Essa suposta oposição se torna equivalente à distinção entre esquerda, defensora da igualdade, e a direita, que veste as cores da liberdade. O Estado, agente caracterizado pela capacidade de impor coercitivamente suas decisões, é o oposto do mercado, terreno das trocas voluntárias e “livre”, onde se realiza a “liberdade econômica”. Fica adensada a separação entre política e economia, que é o ponto cego da doutrina liberal, desde seus primórdios. Estado, esquerda, coerção e igualdade compõem um universo de sentido, enquanto liberdade, mercado e direita formam outro. Esta concepção de “liberdade” (...) pode se configurar numa bandeira que não apenas é vazia de sentido como também serve para encobrir múltiplas formas de opressão.⁵⁵¹

⁵⁴⁸ RONCAGLIA, André. O Novo Caminho da Servidão: neoliberalismo como projeto de poder. 2021. (58:50). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B7v-ldWAgp4> Acesso em 31 de janeiro de 2022.

⁵⁴⁹ Sobre o assunto sugiro acompanhar as colocações do escritor e pesquisador Elias Jabour, Doutor e Mestre em Geografia Humana pela FFLCH-USP, professor na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em *Debate: Capitalismo x Socialismo – Renata Barreto e Elias Jabour*. Inteligência Ltda, 29 de agosto de 2022. 3:32:46. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-dvcPHV8ck&t=1452s> Acesso em 30 de agosto de 2022. E como complemento – *Reagindo ao debate entre Elias Jabour e Renata Barreto no Inteligência Ltda*. Humberto Matos, 29 de agosto de 2022. 2:36:16. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QT_peKMCOTs Acesso em 1 de setembro de 2022.

⁵⁵⁰ Samuel Freeman, “Illiberal Libertarians”, *Philosophy & Public Affairs*, v. 30, n. 2, 2002, p.120.

⁵⁵¹ Luis Felipe Miguel no seu capítulo *A reemergência da direita brasileira*, dentro do livro *O Ódio como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Luiz Felipe Miguel ... [et al.]; organização Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018. Tinta Vermelha. (p. 19-20)

É razoável imaginar que a doutrina libertariana tem pouco potencial para se tornar popular. Por mais que a ideia de o Estado ser ineficiente tenha se disseminado. Aqui ousou substituir o trecho *tenha se disseminado* – pois pode sugerir uma espécie de evento espontâneo, sem sujeito responsável, deixando em suspensão os reais poderes manipuladores que promovem tal ação. E esse é o ponto, é necessário que se apresentem os operadores, suas ações, motivações e ganhos. A grande mídia corporativa trabalha para incutir na opinião pública (para forjar o consenso) a noção do Estado ineficiente, deficitário e limitador. Essa é uma das informações deliberadamente mentirosas propagandeadas pela agenda neoliberal. Depois de incutida na mente da população é mais fácil que o patrimônio público, que pertence aos brasileiros, seja transferido (roubado) e colocado nas mãos de poucos, sem que a população se revolte. Uma pequena parte dos recursos públicos fica nas mãos dos operadores locais e a grande maioria do montante do saque vai para grandes corporações no exterior (bancos, mineradoras, petrolíferas, indústrias alimentícias, farmacêuticas, bélicas, etc) como sempre foi, desde os primórdios da colonização da América Latina⁵⁵². Antes da internet e dos telefones celulares a imprensa convencional tinha o monopólio da construção de narrativas.

⁵⁵² GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2020.



Fig. 182 *sMallmoro*
2019
projeto para o desenho
19, 33 x 24 cm

O desenho *sMallmoro*, a última peça da exposição *Necrocolônia 2016-2019*, ficou escondida atrás de um dos pilares do subsolo da galeria Verve. A diagramação do desenho foi feita em uma diagonal onde a figura de Moro fica no ponto mais baixo do canto esquerdo da folha, no centro fica o símbolo vermelho do cigarro estadunidense Marlboro (da empresa privada Philip Morris que ganha dinheiro provocando câncer e morte em massa), daí o jogo com o nome do infame ex-juiz parcial da Lava Jato – small moro - o pequeno moro, e no canto superior à (extrema) direita está a bandeira dos EUA, onde o azul junto das estrelas e as sete faixas vermelhas foram substituídas pelo preto. O artista estadunidense Richard Prince ficou muito conhecido por fazer séries de imagens a partir das fotos do homem da propaganda da marca que se vestia de *cowboy* e andava em um cavalo por paisagens que remetiam a filmes idealizados de Hollywood do “velho oeste”, o homem que fazia as propagandas do

cigarro morreu de câncer de pulmão – é assim que o capitalismo recompensa os seus ajudantes subalternos.

No entanto a minha referência primordial para essa obra foi a escultura do artista alemão Hans Haacke (1936), chamada *Helmsboro Country*. *sMallmoro* é uma citação direta à obra *Helmsboro Country* de Haacke, artista que tanto apresentei em minhas aulas de escultura e instalação nos últimos treze (13) anos dedicados à docência, e que possuíam vieses de denúncia e não conformismo. Nessa obra o artista confronta a poderosa empresa de cigarros e seu homem no senado, homofóbico, pró-tabagismo e sensor da arte - Jesse Helms. Lembrando alguns políticos republicanos: Theodore Roosevelt (1901-1909), Richard Nixon (1953-1962, 1969-1974), Ronald Reagan (1981-1989), George H. W. Bush (1989-1993), George W. Bush (2001-2009) e Donald Trump (2016-2020).



Fig. 183 Hans Haacke
Helmsboro Country
1990
serigrafia e fotografia sobre madeira,
cartão e papel
caixa 77 x 103 x 121 cm
cigarro 176 x 17 cm

A Philip Morris (agora chamada Altria, desde 2003), fabricante do cigarro (...) Marlboro, é considerada uma das pioneiras em doações corporativas. Na verdade, por quatro décadas, inúmeras instituições de arte em toda a cidade de Nova York há muito as consideravam a fonte mais confiável de fundos corporativos e estavam consistentemente classificadas entre as principais contribuintes corporativas para as artes na cidade. A certa altura, elas contribuíam com US\$ 7 milhões por ano para mais de 200 organizações culturais em Nova York. No entanto, um punhado de artistas e grupos de defesa da saúde há muito adotam uma visão mais cética das doações da Philip Morris e quais eram realmente seus motivos. Eles insistiram que a filantropia da empresa trouxe uma imagem melhor para ela, ao mesmo tempo em que silenciava aqueles que normalmente falariam sobre o problema de saúde pública causado pelo tabaco. Eles também argumentaram que a Philip Morris usou seu poder sobre as instituições culturais que apoiava para tentar influenciar a opinião pública e servir a seus interesses corporativos. Por exemplo, em 1994, quando o Conselho da Cidade de Nova York estava considerando um projeto de lei para proibir o fumo em locais públicos, a Philip Morris pediu a grupos de arte que financiava que fizessem uma boa palavra para eles.

Além de apoiar as artes, a Philip Morris também era muito ativa politicamente nos estados onde mantinha empresas subsidiárias. Em 1989, eles pagaram US\$ 600.000 aos Arquivos Nacionais dos EUA para usar a Declaração de Direitos em uma campanha de relações públicas de US\$ 60 milhões, da qual enviaram cópias gratuitamente em tubos com o logotipo da Philip Morris. Eles apoiaram vigorosamente a campanha eleitoral do senador republicano da Carolina do Norte, Jesse Helms, que fez campanha vigorosa contra o National Endowment for the Arts, opondo-se ao financiamento federal de obras de arte que ele considera obscenas. Ele era hostil às minorias, às vítimas da AIDS, aos homossexuais e aos direitos das mulheres.

O apoio do senador Helms chamou a atenção do artista alemão Hans Haacke. Em 1990, Haacke criou uma monumental caixa de cigarros flip-top para expor na Galeria John Weber no Soho.

À primeira vista, o trabalho de Haacke parece ser um maço de cigarros Marlboro. No entanto, olhando mais de perto, mostra “Helmsboro” escrito no lugar do nome da marca Marlboro. Um retrato do senador Helms aparece no lugar do medalhão “PM Inc.” [Philip Morris Incorporated], mostrando sua aliança com a Big Tobacco. “Philip Morris Funds Jesse Helms” está escrito em cada cigarro e a caixa contém uma cópia da Declaração de Direitos. Ao lado da caixa, em uma área normalmente reservada para a advertência do Surgeon General, há uma declaração do Sr. Helms extraída do Congressional Record de 28 de setembro de 1989: “Isso significa que os artistas podem obter dinheiro corporativo se conseguirem respeitabilidade – mesmo que não merecida – do National Endowment for the Arts. E é disso que se trata. É uma questão de achacar o contribuinte para financiar a pornografia homossexual de Robert Mapplethorpe, que morreu de AIDS enquanto passava os últimos anos de sua vida promovendo a homossexualidade.” Além dessa declaração, a caixa traz uma citação de 1980 de George Weissman, ex-presidente da Philip Morris: “Vamos ser claros sobre uma coisa. **Nosso interesse fundamental nas artes é o interesse próprio. Existem benefícios imediatos e pragmáticos a serem obtidos como entidades empresariais.**” Logo após o trabalho ser feito, a Philip Morris ameaçou a John Weber Gallery com uma ação legal se exibisse Helmsboro Country. A galeria desafiou suas ameaças e continuou com a exposição.⁵⁵³

Moro que foi construído como herói contra a corrupção pela Rede Globo⁵⁵⁴ (juntamente com os demais grupos de comunicação/propaganda neoliberal) também fez esforços pela indústria

⁵⁵³ *País de Helmsboro*. Jessica Oralkan, Collecteurs. Disponível em: <https://www.collecteurs.com/essay/helmsboro-country> Acesso em 03 de setembro de 2022.

⁵⁵⁴ *Lama da corrupção de Sergio Moro respinga na Rede Globo*. Milton Alves, Brasil de Fato, 01 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/01/31/lama-da-corrupcao-de-sergio-moro-respinga-na-rede-globo> Acesso em 03 de setembro de 2022.

“A Rede Globo impulsionou uma farsesca campanha a favor da Lava Jato, vendendo o “peixe podre” do combate à corrupção, que criminalizou empresas públicas e privadas, partidos e o conjunto do sistema político, foi a responsável, em grande medida, pela chegada ao comando do governo federal da extrema direita.

(...) O ex-juiz Sergio Moro (Podemos) sofreu um pesado revés político e de imagem com a revelação de seus ganhos astronômicos no escritório jurídico da estadunidense Alvarez & Marsal — que cuida da recuperação judicial de empresas envolvidas na ofensiva da então operação Lava Jato (2014-2019) contra a economia nacional. Segundo o próprio Moro, durante 12 meses, ele amealhou o equivalente a R\$ 3,7 milhões na Alvarez & Marsal. ‘Basicamente eram 45 mil dólares por mês. Longe de enriquecer’, afirmou em uma live com o deputado Kim Kataguirí (DEM-SP), líder do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo que atua como tropa de choque de aluguel na pré-campanha de Sergio Moro à presidência da República. O mega salário de Sergio Moro, R\$ 10 mil reais por dia, materializa um escandaloso caso de ‘revolving door’ (porta giratória), ou em bom português, o ex-juiz trocou de lado do balcão: Moro, que se projetou nacionalmente às custas da Lava Jato, agindo com métodos depois considerados ilegais pelo Supremo Tribunal Federal (STF) — considerado um juiz parcial pela suprema corte -, passou a atuar como consultor da Alvarez & Marsal, dispondo de informações privilegiadas e sigilosas da situação das empresas investigadas e criminalizadas pela operação. Porta giratória e investigação do TCU. Ou seja, o mesmo Moro, que julgou e condenou dirigentes e executivos das empresas clientes da Alvarez & Marsal em processo de

cancerígena⁵⁵⁵ e mortal do cigarro, depois de ser pago⁵⁵⁶ por J.M.B. com o cargo de Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil (01 de janeiro de 2019 a 24 de abril de 2020). Moro é lacão da direita

recuperação judicial, não teve dúvidas em atuar na consultoria, auferindo ganhos milionários. Vale lembrar que, durante a operação Lava Jato, o ex-juiz condenou diversas pessoas que atuavam como consultores de algumas empreiteiras. Em dezembro de 2021, o Tribunal de Contas da União (TCU), por determinação do ministro Bruno Dantas, iniciou um processo de investigação sobre os valores pagos ao ex-juiz com as respectivas datas de repasses dos pagamentos e acerca do andamento dos processos de recuperação judicial das empresas atendidas pela Alvarez & Marsal. Bruno Dantas determinou ainda que a corte produza um relatório de inteligência sobre as atividades do ex-juiz Sergio Moro na iniciativa privada, mas não autorizou uma espécie de devassa em suas contas por meio do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). O relatório também abrange a atuação da consultoria A & M no país. A decisão do ministro do TCU provocou mais um abalo na imagem de Sergio Moro e, certamente, o caso vai prosseguir com novos desdobramentos nos próximos dias. Rede Globo esconde escândalo de Moro. .A Rede Globo impulsionou uma farsesca campanha a favor da Lava Jato, vendendo o ‘peixe podre’ do combate à corrupção, que criminalizou empresas públicas e privadas, partidos e o conjunto do sistema político, foi a responsável, em grande medida, pela chegada ao comando do governo federal da extrema direita, com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 — após a ilegal proscrição política e a prisão por 580 dias do ex-presidente Lula. A parcialidade do ex-juiz Sergio Moro e os crimes da força-tarefa da Lava Jato, que contou com a cumplicidade das emissoras da família Marinho, custaram ao país um dano incalculável, que está sendo cobrado na forma de milhões de desempregados, da volta da fome e da quebradeira de setores econômicos inteiros — construção civil pesada, indústria naval e a cadeia de petróleo e gás. Ao insistir na farsa de Moro, agora na condição de candidato de uma pretensa 3ª via, a Rede Globo continua a sua cruzada criminoso contra a democracia e os direitos econômicos e sociais do povo brasileiro.”

⁵⁵⁵ *Baixar impostos sobre cigarro aumenta chance de câncer de pulmão*. Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia Celular e Molecular e Bioagentes Patogênicos, 2019. Disponível em: <http://rbp.fmrp.usp.br/baixar-impostos-sobre-cigarro-aumenta-chance-de-cancer-de-pulmao/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

“O ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, criou um grupo de trabalho com o intuito de avaliar a viabilidade da redução de impostos sobre a indústria tabagista. A medida visa a desincentivar o contrabando, assim, os preços do cigarro nacional cairiam. A iniciativa recebeu uma avaliação negativa de especialistas da saúde. Eles criticam a falta de membros da categoria no GT e, majoritariamente, afirmam que não haveria nenhum impacto positivo sobre a saúde pública. O impacto, na verdade, seria negativo, diz a professora da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP Suely Aparecida Kfoury Sakaguti. O carcinogênico, elemento causador do câncer, não tem relação com a qualidade do cigarro. A professora explica que essa abordagem não passa de uma estratégia das empresas do ramo para se realizarem em um mercado que está em queda. Quase sempre na contramão da saúde. Cita, ainda, o médico Drauzio Varella: ‘Existe cigarro de boa qualidade? Existe câncer de pulmão de boa qualidade e má qualidade? A indústria tabaqueira sempre usa esse subterfúgio. E o que eles querem é que o cigarro custe menos’. Suely diz que é uma estratégia comum, e relembra de um evento sobre o combate aos malefícios do tabagismo, com a participação da Philip Morris, em que se fazia publicidade do cigarro eletrônico. Os maiores consumidores de cigarro entre a população brasileira são os mais pobres e os mais jovens. O desestímulo financeiro, isto é, aumento dos preços por via dos impostos, é a medida mais efetiva, defende a professora. Em vez de baixar a taxa do tabaco, uma medida já consolidada e elogiada globalmente, o governo deveria aumentar impostos sobre outras drogas, como o álcool, argumenta a especialista da saúde.”

⁵⁵⁶ *Segunda parte: Sergio Moro, o ex-juiz que rasgou a Constituição - Retornamos à série que iniciamos na semana passada para tratar das gravíssimas violações cometidas por Moro*. Jorge Folena, Brasil de Fato, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/14/analise-segunda-parte-sergio-moro-o-ex-juiz-que-rasgou-a-constituicao-por-jorge-folena> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Jorge Folena - Doutor em ciência política (IUPERJ), com pós-doutorado (CPDA/UFRJ), mestre em Direito (UFRJ) e graduado pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), integrando a diretoria no mandato de 2020/2021, e diretor de Direitos Humanos da Casa da América Latina.

“Fica muito claro que o ex-juiz federal empregou mecanismos judiciais de repressão para perseguir inimigos políticos e se serviu da estrutura do seu cargo de magistrado para se projetar politicamente.

(...) O ex-juiz federal que comandou a operação lava jato, por meio de uma sucessão de atos notórios praticou uma série de violações à Constituição que levaram à fragilização da ordem democrática, implantada a partir da Nova República, que hoje permite que as instituições políticas sejam cotidianamente atacadas e agredidas por pessoas autoritárias e com nítidas

brasileira, aquela que o sociólogo Jessé Souza denomina de elite do atraso. E como se já não bastasse toda a destruição que ele e os seus superiores e subalternos provocaram no Brasil: prisão ilegal de Lula (e com isso fomos submetidos ao período de ódio, retrocessos, carestia, fome e mortes [com o atraso na compra de vacinas contra a Covid-19, com os assassinatos de lideranças populares e dos povos

características fascistas. Portanto, o ex-Juiz Federal Sérgio Moro, como também os integrantes da Força Tarefa da Lava Jato de Curitiba, deveriam responder por todos os atos que provocaram a instabilidade institucional, que tantos danos causaram e causam até hoje ao país, em atentado direto à ordem constitucional e ao Estado Democrático de Direito, uma vez que, sob o falso argumento de combate à corrupção, promoveram seletivas perseguições políticas, por meio de uma perigosa e articulada organização que se formou dentro da estrutura estatal repressiva e que tinha fins políticos particulares. Para alcançar seus objetivos, interferiram diretamente nas eleições presidenciais de 2018 e favoreceram a vitória de Jair Bolsonaro e da extrema direita, que hoje ameaçam e atacam abertamente as instituições políticas, a democracia e a vida dos brasileiros. De fato, se temos um governo de viés fascista e autoritário no Brasil, Sérgio Moro colaborou muito para que isto ocorresse; sendo ele e Bolsonaro frutos da mesma árvore contaminada, pois ambos desprezam o povo, a soberania e o desenvolvimento do Brasil.”

A metáfora que explica a trajetória de Sergio Moro - Sergio Moro começa a receber os despojos de uma rapina que está longe de acabar. Juiz de primeira instância percebeu entre seus surtos de grandeza que estaria na política, e não no direito, a sua maior oportunidade de brilhar num país sedento de salvadores. Carlos Fernandes, DCM, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/11/metafora-trajetoria-de-sergio-moro.html> Acesso em 03 de setembro de 2022.

“A operação Lava Jato, que a princípio não passava de tão somente mais uma investigação entre tantas outras, transformou-se no seu grande passaporte para o estrelato. Infestada de políticos corruptos de todas as estaturas e agremiações partidárias, não tardou para que o magistrado enxergasse na específica criminalização do PT, o foco de toda a sua atuação para que os despojos de uma grande rapina também lhe fosse devido. Unidos a fome com a vontade de comer, o partidarismo ululante de Sérgio Moro achou o respaldo necessário para que abdicasse de vez da condição de juiz e passasse a engrossar as fileiras dos seus detratores. A caçada que se deu a partir daí ao grande troféu a ser exibido nas primeiras páginas dos jornais, escandalizou juristas de todas as tendências garantistas ao redor do mundo. Moro sabia que se Lula não fosse condenado, preso e inabilitado de concorrer às eleições que se avizinhavam, o seu trabalho não estaria completo e sua parte no butim não lhe seria dado. Aqui cabe um esclarecimento preliminar. Dinheiro, por si só, é para principiantes, o que a malta que tomou de assalto a presidência da República queria mesmo era o poder, fonte, entre tantas outras coisas, de recursos financeiros praticamente inesgotáveis. Definidos dessa forma os despojos a serem faturados, bastaria a legitimação do golpe de 2016 via processo democrático. A eleição de Jair Bolsonaro é o resultado maior, até aqui, de todo o trabalho realizado pela ‘República de Curitiba’ encabeçada pelo sempre lustroso Sérgio Moro. Mercadoria entregue, chega a hora da recompensa. Os tratamentos para o seu cargo – acordados ainda em período de campanha como deu com a língua nos dentes o vice-presidente eleito, Hamilton Mourão – escandalizaram, mais uma vez, o universo jurídico nacional e internacional. A conversa oficial e a consequente e completamente esperada aceitação do magistrado das alterosas, coroaram um acordo prévio firmado há um bom tempo atrás. Moro, para quem em sua primeira entrevista pós-Lava Jato havia afirmado categoricamente que ‘jamais entraria para a política’, estreará como um super-ministro no mais autoritário e intolerante governo brasileiro desde o fim da ditadura militar de 64. Sua atração irremediável pelas câmeras poderá a partir de agora ser saciada diariamente ao lado de baluartes da corrupção nacional como Magno Malta e Onyx Lorenzoni, além, é claro, do seu agora superior imediato, o próprio Jair Bolsonaro.”

Sergio Moro: a patética trajetória política do nosso herói trapalhão. João Filho, Grupo Prerrô, Intercept Brasil, 19 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/sergio-moro-a-patetica-trajetoria-politica-do-nosso-heroi-trapalhao> Acesso em 3 de setembro de 2022.

Sergio Moro. O cinismo golpista por trás do discurso de Moro em defesa do Estado de Direito. Redação, Esquerda Diário, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/O-cinismo-golpista-por-tras-do-discurso-de-Moro-em-defesa-do-Estado-de->

[Direito?amp=1&gclid=CjwKCAjw9suYBhBIeIwA7iMhNC632ghdIYldAQN9hP1ZI82in1Qjp8fV2OKms7sBtbS1mDgIL0KjAhoCaCMQAvD_BwE](https://www.esquerdadiario.com.br/O-cinismo-golpista-por-tras-do-discurso-de-Moro-em-defesa-do-Estado-de-Direito?amp=1&gclid=CjwKCAjw9suYBhBIeIwA7iMhNC632ghdIYldAQN9hP1ZI82in1Qjp8fV2OKms7sBtbS1mDgIL0KjAhoCaCMQAvD_BwE) Acesso em 03 de setembro de 2022.

nativos] promovidos por quem se beneficiou da prisão – J.M.B. e os seus); destruição da indústria de construção civil brasileira, do setor de petróleo e gás, entrega da estratégica Eletrobras, etc.

Ainda mais o aumento do consumo de cigarros que Moro queria fomentar ao favorecer a indústria fumageira – novamente Philip Morris⁵⁵⁷ e também Souza Cruz (BAT Brasil, anteriormente conhecida como Souza Cruz, indústria de cigarros brasileira, atual subsidiária da British American Tobacco no Brasil) - com apoio do Grupo Globo (através de matéria no programa Fantástico e em novela da rede, com atores sendo solicitados a fumar durante as suas cenas). Apesar da diminuição do consumo de cigarros nos últimos anos, eles ainda continuam viciando e matando as pessoas de câncer (geralmente a população de mais baixa renda), isso somado aos altíssimos custos para a saúde pública brasileira⁵⁵⁸, dinheiro que poderia ser investido em outras áreas de saúde (para doenças que não

⁵⁵⁷ *Por que Moro defende tanto os fabricantes de cigarro, a indústria que mata?* Moisés Mendes, Diário do Centro do Mundo – DCM, 03 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-moro-defende-tanto-os-fabricantes-de-cigarro-a-industria-que-mata-por-mois-es-mendes/> Acesso em 3 de setembro de 2022.

“Enquanto isso, as estatísticas mostram que o número de fumantes vem caindo todos os anos. As fumageiras não podem perder mercado e jogam pesado, com apoio do xerife da Lava-Jato. Mas é fácil entender a cumplicidade da Globo, que faz tudo por merchandising e dinheiro. A **Globo** publicou ontem no **Fantástico** longa reportagem sobre fábricas clandestinas de cigarros e mencionou a alta tributação do produto, que Moro quer reduzir. No Brasil, a **Philip Morris Internacional tem sede em Curitiba**, a cidade de **Sérgio Moro** e do advogado e lobista Carlos Zucolotto Júnior, padrinho de casamento do ex-juiz. Em sua página na internet, a empresa apresenta argumentos hoje usados por Moro na defesa da redução de tributos para a indústria de cigarro. Diz a Philip Morris: ‘Nos esforçamos para ser uma empresa com responsabilidade social e ambiental e estamos dedicados a combater o comércio ilícito de cigarros.’ ‘Os nossos produtos são a escolha de 150 milhões de consumidores no mundo, e para aqueles que escolherem continuar fumando, vamos continuar oferecendo produtos da melhor qualidade.’”

⁵⁵⁸ *Sérgio Moro quer reduzir o preço do cigarro e AGU processa indústria por gasto com doentes*. Carta Campinas, 21 de maio de 2019. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2019/05/sergio-moro-tenta-reduzir-o-preco-do-cigarro-e-agu-processa-industria-por-gasto-com-doentes/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

“Em março último o ministro da Justiça, Sérgio Moro, defendeu a redução dos impostos dos cigarros no Brasil. Ele chegou a criar um grupo de trabalho para estudar o assunto. A reação da sociedade não foi boa. Agora, a Advocacia-Geral da União (AGU) pediu à Justiça Federal que condene as fabricantes de cigarros e suas matrizes no exterior a ressarcirem os gastos da rede pública de saúde com tratamentos de doenças causadas pelo tabaco nos últimos cinco anos. O valor a ser ressarcido ainda será calculado, caso a sentença seja favorável à União. Na ação civil pública que protocolou hoje (21), na Justiça Federal do Rio Grande do Sul, a AGU cobra o ressarcimento dos gastos da União com o tratamento de pacientes com 26 doenças cujo nexos causal epidemiológico com o consumo ou simples contato com a fumaça dos cigarros está cientificamente comprovada. Os alvos da ação são a Souza Cruz e a Philip Morris e suas controladoras internacionais. Juntos, os dois grupos detêm aproximadamente 90% do mercado nacional de fabricação e comércio de cigarros. No caso de câncer de pulmão, por exemplo, há estudos que, segundo a AGU, atestam que 90% da incidência da doença é consequência do uso do cigarro. A AGU também pede à Justiça Federal que decrete a obrigação das indústrias tabagistas repararem proporcionalmente os custos que os cofres públicos terão nos próximos anos com os tratamentos e o pagamento de indenização por danos morais coletivos. Segundo a AGU, o tratamento dos problemas de saúde causados pelo consumo de cigarros custam dezenas de bilhões de reais anuais à rede pública de saúde, enquanto o lucro da venda é enviada para o exterior. Além de apontar a responsabilidade objetiva das empresas, os procuradores regionais da AGU que cuidam do caso fundamentaram a ação argumentando que, durante vários anos, as fabricantes de cigarro ocultaram da população os reflexos nocivos do cigarro, tendo omitido e manipulado informações e adotado estratégias comerciais que sugerem má-fé. Ainda segundo a AGU, a ação não visa a proibição ou empecilho à atividade das fabricantes de cigarros, que, se condenadas, continuarão funcionando normalmente. A responsabilização civil e a compensação dos danos ocasionados

podem ser previamente evitadas). O cigarro é um mal que pode ser evitado, mas a indústria do tabaco (do câncer, do sofrimento e da morte) não quer isso – e Sergio Moro não se importa em ajudar a causar mais esse mal ao país, pois como serviçal da elite do atraso, o que importa é a manutenção e aumentos de seus privilégios, patrimônio financeiro e propriedades.

Conforme nos alerta recorrentemente Jessé Souza:

Não vamos ser ingênuos. O início da Lava Jato foi a perspectiva de se acabar com o sonho dos BRICS e dos brasileiros que aspiram a um país próspero para a maioria. Os [norte] americanos são os defensores de um *status quo* mundial onde o Brasil e a América Latina só entram como fornecedores de matéria-prima, sem acesso a progresso industrial e tecnologia de ponta. A tecnologia para a usina de Volta Redonda, por exemplo, antes sempre recusada pelos EUA, teve que ser conseguida como contrapartida da entrada do Brasil na Segunda Guerra. O Brasil deveria e deve subsistir, para os [norte] americanos como quintal empobrecido e mercado interno colonizado. O pré-sal e a Petrobras eram a carta na manga do país para uma inserção internacional menos dependente. Com um esquema de espionagem com acesso a todos os e-mails e a comunicação virtual de todo o mundo, como ficou povoado nos escândalos envolvendo aliados como a Alemanha e a escuta da comunicação pessoal da primeira ministra Angela Merkel, só bastava a CIA municiar os inimigos do PT para dar início à operação de desmonte. Afinal, se existe uma coisa que não muda na América Latina é que os EUA estão por trás de todos os golpes de Estado. (SOUZA, 2017, p. 225)

O que se fez com a Odebrecht e a Petrobras foi algo que só uma sociedade completamente imbecilizada por uma mídia paga por saqueadores legalizados da riqueza de todos torna possível. (SOUZA, 2017, p. 225)

E brevemente sobre o histórico de vinculação de Moro à direita, trago o livro *Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política* (publicado pela primeira vez em 1994) o filósofo italiano Norberto Bobbio (1909-2004)⁵⁵⁹ que apresenta os argumentos (em sua maioria tomando o contexto e

pelo tabagismo faz parte dos compromissos dos mais de 180 países, dentre eles o Brasil, que assinaram a Convenção-Quadro sobre Controle do Uso do Tabaco (CQCT). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o tabagismo é a principal causa de morte evitável no mundo.”

⁵⁵⁹ Filósofo político, historiador do pensamento político, escritor, filósofo da democracia e defensor dos direitos humanos. “Em sua Autobiografia, diz: ‘Fui educado a considerar todos os homens iguais e a pensar que não há nenhuma diferença entre quem é culto e quem não é culto, entre quem é rico e quem não é rico.’ E continua: ‘Recordei essa educação para um estilo de vida democrático, mas confesso ter-me sentido pouco à vontade diante do espetáculo das diferenças entre ricos e pobres, entre quem está por cima e quem está por baixo na escala social, enquanto o populismo fascista tinha em mira arregimentar os italianos dentro de uma organização social que cristalizasse as desigualdades’. Considerado por muitos como a consciência democrática da política de seu país, participou ativamente da resistência a Mussolini e ajudou a estruturar a política italiana do pós-guerra. Norberto Bobbio praticamente viveu o século 20 por inteiro. Formou-se em Direito em 1931 e em Filosofia em 1933, na Universidade de Turim, instituição da qual foi professor de Filosofia do Direito, entre 1948 e 1972, e de Filosofia Política, de 1972 a 1979. Em 1935, tornou-se livre-docente em Filosofia do Direito e, desse ano até o retorno à cidade natal, ensinou nas universidades de Camerino, Siena e Pádua. Seu interesse pelo Direito e pela Filosofia e, ainda, pela história das idéias levou-o a percorrer um trajeto acadêmico distinto do que era tradicional na Itália. Assim, ao lecionar Ciência Política com Filosofia do Direito, inaugura em Turim, paralelamente a Giovanni Sartori, em Florença, a primeira cátedra de Ciências Sociais da Itália.” Revista Cult, Sobre Norberto Bobbio. Acessado em 14/07/2020. <https://revistacult.uol.com.br/home/sobre-norberto-bobbio/>

os comentaristas italianos como exemplos) que sustentam a importância de se manter em discussão a díade esquerda/direita. Bobbio afirma que a esquerda não acaba junto com a derrubada do muro de Berlim (Alemanha, 09 de novembro de 1989) ou com fim da U.R.S.S.⁵⁶⁰ (26 de dezembro de 1991). E que, evidentemente, não existe uma única esquerda monolítica, mas muitas esquerdas e o mesmo vale para a direita. Parto de uma seleção de apontamentos indicados no livro, onde Bobbio se refere às características dessas posições, e apresento a seguir de um modo esquemático: Esquerda – progressista, historicamente anticapitalista, movimento operário, socialista, política de inclusão, para os pobres, programas de renda mínima universal, estado forte, progresso, considerando idealmente a igualdade como regra (entendendo a desigualdade como exceção), sendo essa igualdade em relação aos direitos humanos e essa mesma igualdade atendendo a critérios de necessidades básicas vitais (moradia, alimentação, saúde e educação) e trabalho; Direita – capitalismo, conservadorismo, liberalismo, financeirização da economia, meritocracia, para os ricos, para o mercado financeiro, tradição, política de exclusão, desigualdade é a regra (igualdade a exceção), patrimonialista, privilegia o consumo de bens, o mérito e a posição social. Penso que esses pontos referentes à direita descrevem bem as atitudes ex-juiz parcial e ex-ministro de J.M.B., que ajudou a colocar o Brasil em um caos impensável, mas infelizmente real.

Em 03 de setembro de 2022, Moro teve mais uma derrota política depois de ter sido abandonado por quem antes lhe alçou à condição de “Super Homem”, depois de “Super Ministro”, depois (lhe pagou por um curto período de tempo) Super salário (Alvarez & Marsal – EUA), e hoje, ele está voltado à sua insignificância de peça descartável da colônia e do Império. Hoje no próprio site G1 da Globo está a notícia (que também está em todos os outros canais de notícias): “Justiça Eleitoral do Paraná determina busca e apreensão na casa de Sergio Moro por suspeita de irregularidades em material de campanha. Moro é candidato ao Senado pelo União Brasil no Paraná. A operação também apreendeu materiais no comitê de Paulo Martins, também candidato ao Senado Federal”. Por g1 PR, 03/09/2022, 15h37.

⁵⁶⁰ “A União Soviética foi dissolvida em 26 de dezembro de 1991, como resultado da declaração nº. 142-H do Soviete Supremo da União Soviética. A declaração reconheceu a independência das antigas repúblicas soviéticas e criou a Comunidade de Estados Independentes (CEI). No dia anterior, o presidente soviético Mikhail Gorbachev, o oitavo e último líder da União Soviética, renunciou, declarou seu cargo extinto e entregou seus poderes - incluindo o controle dos códigos do arsenal nuclear soviético - para o presidente russo, Boris Iéltsin. Naquela noite às 19h32, a bandeira soviética foi baixada do Kremlin de Moscou pela última vez e a substituída pela bandeira russa pré-revolucionária. Acessado em 14 de julho de 2020. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dissolu%C3%A7%C3%A3o_da_Uni%C3%A3o_Sovi%C3%A9tica

Mas... Mesmo que os menores sanguessugas (e são muitos, de muitas áreas) que causaram os piores males ao Brasil, possam ir perdendo o seu prestígio e privilégios, não podemos, como diria Jesse Souza, ser tão ingênuos daqui para frente e considerarmos que essa fase terrível foi vencida. Pois como alertam Utsa Patnaik e Phabhat Patnaik e, em consonância com Byung-Chul Han: *a invisibilidade do imperialismo hoje significa que ele se tornou ainda mais poderoso, não que desapareceu*⁵⁶¹.

Mesmo quando agentes do império fazem falas para poucos e muito poderosos, para que sejam pouco visíveis, como no Aspen Institut⁵⁶² na fala da general *Laura Jane Richardson*⁵⁶³, chefe do Comando Sul dos Estados Unidos — divisão responsável pelas operações militares do Pentágono na

⁵⁶¹ PATNAIK, Utsa; PATNAIK, Prabhat. Imperialismo na Era da Globalização. In: LÓPEZ, Emiliano. *As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. P. 31.

⁵⁶² Segundo o texto do próprio *think tank* estadunidense The Aspen Institut, localizado em uma região refúgio de milionários: “O Aspen Institute é um fórum **apartidário** para **liderança** baseada em valores e troca de ideias. Do estímulo do Festival de Ideias, aos projetos concebidos no Resnick Aspen Action Forum, aos profundos estudos políticos realizados em nossas mesas redondas, o Aspen Institut reúne pessoas com **diferentes visões** para buscar um terreno comum e tornar o mundo um lugar melhor.” Já se sabe bem que quando se diz “apartidário” ou nem esquerda nem direita, de centro, temos uma iniciativa de direita, da elite, da burguesia, do poder econômico que quer aumentar o seu poder de opressão e desigualdade social através de um manto de naturalidade, como se o capitalismo e o “livre mercado” fossem “naturais” e não forçados artificialmente. O garimpo e a modelagem de “líderes” também é outra forma recorrente de recrutar figuras muitas vezes provenientes de estratos sociais inferiores, para que possam, depois de construídos, atuarem como exemplos de sucesso da “meritocracia” e que possam disseminar os demais valores neoliberais para os mais frágeis. Esses líderes construídos podem se colocar à extrema direita, como foi o caso do MBL, ou a centro ““esquerda””, como moderados, como foi o caso público e notório de Tabata Amaral (arregimentada pela Fundação Lemann, segundo o site da FL – “uma fundação de filantropia familiar” – a FL certamente aprendeu muito com as fundações estadunidenses de “filantropia”). Tabata está em uma legenda “socialista” e se coloca como “defensora da educação brasileira” fazendo eco à própria FL “A Fundação Lemann trabalha para garantir educação de qualidade para todas as crianças brasileiras e apoia líderes focados no desenvolvimento social do país” - <https://fundacaolemann.org.br>). Segundo Wikipedia “Tabata Claudia Amaral de Pontes é uma politóloga, astrofísica, deputada federal e ativista pela educação brasileira filiada ao Partido Socialista Brasileiro. É deputada federal por São Paulo, eleita pelo PDT. Foi a sexta candidata mais votada no estado, com 264 mil votos, nas eleições de 2018”. Lembrando que *as diferentes visões* não contemplam ideias não liberais. E por fim, *tornar o mundo um lugar melhor*, para eles explorarem, evidentemente.

⁵⁶³ “Formada em psicologia, Laura J. Richardson integra o Exército dos Estados Unidos desde a década de oitenta. Serviu como assessora militar do vice-presidente Al Gore e comandou um regimento de aviação durante a invasão ao Iraque ordenada por George W. Bush. Ganhou amplo destaque midiático na Guerra do Iraque, participando do planejamento da campanha militar que deixou mais de um milhão de mortos. Também emprestou sua face à campanha de humanização das tropas estadunidenses, sendo descrita pela revista Time com ‘uma mãe que foi para a guerra’. Em 2013, assumiu a vice-chefia de gabinete da Força Internacional de Assistência à Segurança durante a Guerra do Afeganistão. Em 2018, durante o governo de Donald Trump, Laura assumiu a chefia do Comando Norte do Exército dos Estados Unidos. Em 2021, por designação de Joe Biden, assumiu a liderança do Comando Sul. Foi a primeira mulher a ocupar os dois postos, fato que lhe rendeu amplo destaque na imprensa. Em seu discurso, comprometeu-se a consolidar as ações em favor dos ‘interesses vitais estratégicos’ dos Estados Unidos na América do Sul e a combater a crescente influência diplomática e comercial da China na região. “Os regimes autoritários e as organizações criminosas transnacionais habilitadas pela China e encorajadas pela Rússia estão tentando consolidar o poder na região, e as sociedades livres estão sendo diretamente desafiadas”, afirmou na ocasião.”

Pensar História, 04 de setembro de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CiF_ublLo5D/ Acesso em 04 de setembro de 2022.

América do Sul, América Central e Caribe. Como demonstra em seu discurso “sobre a importância estratégica dos recursos naturais sul-americanos” onde ela afirma que o comércio entre os países da região e a China ameaça a segurança nacional dos Estados Unidos”. Abaixo segue uma parte da fala colonial, que Galeano e Vijay Prashad nos alertaram. A general Laura Jane Richardson fala em nome dos “interesses [norte] americanos – e esses interesses já aparecem de maneira bastante objetiva:

Essa região é tão **rica em recursos**. É uma **riqueza muito acima da média**. Eles têm muito do que se orgulhar. E os nossos concorrentes e adversários também sabem o quão **rica em recursos** essa região é. Sessenta por cento (**60%**) de **todo o lítio do mundo** fica nessa região. **Tem petróleo** bruto pesado, petróleo doce leve, tem **metais raros**, tem a **Amazônia** que é chamada de pulmão do mundo. Trinta e um por cento (**31%**) de **toda água doce do mundo** está nessa região. E os nossos adversários estão se aproveitando dessa região todos os dias, bem aqui na nossa vizinhança. E eu observo que o que acontece nessa região, em termos de segurança, tem impacto na nossa segurança, na segurança nacional, para a segurança nacional e para os Estados Unidos.

A general também “comprometeu-se a consolidar as ações em favor dos ‘interesses vitais estratégicos’ dos Estados Unidos na América do Sul e a combater a crescente influência diplomática e comercial da China na região. ‘Os regimes autoritários e as organizações criminosas transnacionais habilitadas pela China e encorajadas pela Rússia estão tentando consolidar o poder na região, e as sociedades livres estão sendo diretamente desafiadas’, afirmou na ocasião.”⁵⁶⁴

Esta é apenas uma pequena parte da fala de uma militar de outra nação falando sobre a nossa nação. Essa fala aconteceu às 11:20 da manhã do dia 02 de julho de 2020, em Aspen, no estado do Colorado nos Estados Unidos, a palestra se chamou *Fireside Chat on Latin America*⁵⁶⁵ with General Laura Richardson, Commander, U.S. Southern Command com o moderador David Ignatius, colunista e diretor associado do *The Washington Post*. Não havia representantes do Brasil para falar do nosso país, para defender as nossas riquezas nacionais e públicas e os nossos interesses. Os interesses eram deles,

⁵⁶⁴ Pensar História, 04 de setembro de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CiF_ublLo5D/ Acesso em 04 de setembro de 2022.

⁵⁶⁵ “O Aspen Security Forum, uma conferência anual de três dias e meio em Aspen, CO, apresentada pelo Aspen Strategy Group, forneceu um local público não partidário para os líderes globais discutirem as principais questões de segurança nacional e política externa do dia nos últimos doze anos. O Fórum de Segurança de Aspen 2022 aconteceu de 19 a 22 de julho em Aspen, CO. Disponível em: <https://www.aspensecurityforum.org/2022-agenda-in-person-asf> Acesso em 04 de setembro de 2022.

como sempre. Isso é o colonialismo, o imperialismo. Decidem o nosso presente e futuro de fora, de longe, do “norte”. Fica mais claro o motivo da “visita” ao Brasil do empresário colonial Elon Musk⁵⁶⁶, que foi recebido com honras pelo governo entreguista de J.M.B.

Por isso que *novas formas de resistência devem ser desenvolvidas (...). Como disse Rosa Luxemburgo, é entre o socialismo e a barbárie.*⁵⁶⁷ Conforme Han – *os escravos não podiam se organizar, não podiam desenvolver uma estratégia. O poder do escravagista é a supremacia de um grupo graças a uma organização refletida*⁵⁶⁸, ou seja, graças a uma estratégia efetiva. *Só por meio de uma organização efetiva, de uma boa estratégia, que um grupo numericamente menor pode ser mais poderoso do que um grupo maior.*⁵⁶⁹

Que nós, o povo brasileiro, possamos através de trocas de experiências, de informações, de organizações refletidas, entre grupos, sindicatos, coletivos, associações, cooperativas, universidades, construir estratégias de ações unificadas e de resistências continuadas e não sejamos capturados e reféns dos engodos neoliberais/coloniais/imperialistas do “empreendedorismo individual”, da meritocracia, do estado mínimo, dos casos excepcionais de sucesso, dos candidatos que são “gestores” e não políticos, que não são nem de esquerda nem de direita.

Que vença o povo, que vença o socialismo.

⁵⁶⁶ *A nebulosa visita do empresário Elon Musk e o lítio brasileiro.* Elaine Santos e Maria da Penha Vasconcellos, Jornal da USP, 18 de julho de 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=541461> Acesso em 04 de setembro de 2022. Elaine Santos, pós-doutoranda do Instituto de Estudos Avançados da USP (USP-Cidades Globais), e Maria da Penha Vasconcellos, professora da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP.

“No fim de maio, estive no Brasil o empresário Elon Musk. Ao que tudo indica, ele veio em virtude do lançamento de um projeto de conectividade na Amazônia à rede de satélites da SpaceX – empresa de tecnologia espacial do bilionário. Entretanto, devido ao fato de ser o presidente da Tesla, empresa que comanda todas as fases de criação, engenharia e produção global dos veículos elétricos, produtos de baterias e energia solar, e estar envolvido em declarações polêmicas acerca da extração de lítio na Bolívia, muito se alardeou sobre os reais interesses aos recursos minerais brasileiros, especialmente, o lítio. O lítio é um metal singular de coloração prata esbranquiçada, ocupa o terceiro lugar na tabela periódica e é o mais leve dos metais. É chamado o ‘ouro branco’ ou o ‘petróleo do século 21’ devido a sua versatilidade. Dentro da utilização das energias renováveis o lítio aparece por meio da energia solar, eólica e dos reatores para a energia nuclear. Matéria-prima e protagonista dos equipamentos eletrônicos e dos veículos elétricos, seu maior destaque nos últimos anos tem sido na utilização de baterias de veículos elétricos e no sistema de armazenamento híbrido de energia. **Na Estratégia de Materiais Críticos do Departamento de Energia dos Estados Unidos, o lítio está incluído como a primeira dentre as 16 matérias-primas consideradas fundamentais para a transição energética. Segundo o Serviço Geológico dos Estados Unidos (2021), atualmente, as principais fontes de lítio são as salmouras e estão localizadas majoritariamente na América Latina, no chamado ‘triângulo do lítio’ – Argentina, Bolívia e Chile – com 68% das reservas mundiais.** Neste momento o principal produtor de lítio em salmoura é o Chile e o principal produtor de lítio em rocha é a Austrália.”

⁵⁶⁷ Idem. P. 32.

⁵⁶⁸ HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis, 2019. P. 155.

⁵⁶⁹ Idem. P. 154.

Considerações Finais

Stéphane Huchet no seu texto, dentro do livro *Trânsito Entre Arte e Política*, evoca Jacques Rancière para abordar “a possibilidade de a arte organizar e configurar um referencial ético (...), e não apenas estético para as pessoas”, e “a ideia enunciada por Rancière de que a arte é política por sua capacidade interna de propor reconfigurações do sensível, do legível e do dizível, é válida, e Rancière a aprecia por corresponder a iniciativas e projetos dos artistas e não de instâncias culturais, políticas ou estatais externas à prática artística”. Em seguida Huchet traz a figura de Joseph Beuys e diz que o artista alemão “(...) pensa que, (...) a função conscientizadora do artista é necessária.”⁵⁷⁰

Acredito na *possibilidade* das artes *organizarem e configurarem um referencial ético e estético para as pessoas*. Penso que meu trabalho como artista e professor tem também a função de conscientização (minha e do público).

No início dessa pesquisa pretendia investigar conceitualmente e apresentar estratégias críticas tanto nas proposições artísticas quanto na escrita. Com a intenção de lançar luzes sobre alguns aspectos do estado de coisas desencadeadas pelo golpe de 2016. Mas com o passar do tempo e dos eventos, os assuntos impenetráveis ou simplesmente invisíveis (por estratégia do grande capital) foram ficando mais legíveis e mais identificáveis.

Com o acompanhamento dos debates e textos de jornalistas e analistas políticos progressistas pela internet (e também através de seus livros), que apontavam para além das estratégias de cortinas de fumaça diárias da extrema-direita (muitas vezes baseadas em pautas de costumes); tive a oportunidade de aprimorar o olhar e a escuta da realidade, não em busca do fato escandaloso ou grotesco, mas das estruturas e tramas muitas vezes invisíveis ou dissimuladas que o sustentavam.

Como artista, me apoiei na exposição como uma reação possível. Em função disso, no texto procurei abordar os trabalhos da mostra *Necrocolônia 2016-2019* tentando fazer um balanço/pêndulo, quando possível, entre os estímulos iniciais para os trabalhos, a produção e as leituras complementares que vieram depois dos trabalhos prontos e exibidos. Com isso a continuidade da

⁵⁷⁰ Stéphane Huchet, A “Elasticidade” da arte para com a política: breves bases críticas in *Trânsito Entre Arte e Política*. GERALDO, Sheila Cabo (org.). Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012. (p. 33-35)

pesquisa se deu durante a escrita do texto. O texto foi o momento de tecer comentários baseados nas leituras que me forneceram subsídios conceituais para constituir alguns entendimentos sobre as motivações e noções que impulsionaram a construção das esculturas, desenhos e pinturas.

Na segunda e terceira parte do texto pude abordar noções mais estruturais, como por exemplo, o entendimento de alguns autores no sentido do Brasil ainda ser uma colônia (não mais de Portugal ou da Inglaterra, mas dos Estados Unidos), além das questões relativas às estratégias do imperialismo, tais como: guerras híbridas; intervenções; embargos econômicos e propagandas via *think tanks*, indústria de entretenimento (jogos, filmes e séries) e mídia corporativa ocidental. Além da ofensiva neo e ultraliberal de precarização das leis trabalhistas (para a ampliação da oferta de “braços baratos”⁵⁷¹), espionagens, infiltrações de agentes estrangeiros, cooptações da elite local, treinamentos de militares e de jovens lideranças (futuros políticos que façam e defendam leis neoliberais nas colônias), juízes e policiais brasileiros, *lawfare* e *fakenews*.

Com esta pesquisa tive clareza de que o grande projeto de se continuar a exploração máxima dos recursos (materiais, minerais, vegetais, animais e humanos) do país, provinha não de poucas mentes desvairadas, ineptas ou apenas perversas, mas de um firme propósito de enfraquecer e dividir a nação (que vem de longe, de pelo menos um século e de grupos de elite bastante consolidados), dentro da máxima bélica de dividir para conquistar. Dividir e destruir a indústria brasileira. Dividir e privatizar. Dividir e tomar o petróleo⁵⁷², a energia elétrica, a água, os minerais ferrosos, preciosos e estratégicos (urânio, lítio⁵⁷³). Com isso, tendo essa terrível perspectiva social, política e histórica, fui observando que as questões não poderiam ser fixadas em poucos personagens do poder privado ou político, mas na estrutura geral que sustenta os blocos de poder, e que permite que esses, controlem os demais blocos subordinados.

Este trabalho de pesquisa priorizou em sua primeira etapa a produção de trabalhos inéditos de arte contemporânea, que deram unidade e origem à exposição individual *Necrocolônia 2016-2019*.

⁵⁷¹ GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina* (2020). “A América Latina oferece braços baratos (...)”, p. 532. “O baixo nível de salários da América Latina só se traduz em preços baixos nos mercados internacionais, onde a região oferece suas matérias-primas a cotações exíguas para que sejam beneficiados os consumidores dos países ricos; nos mercados internos, em troca, onde a indústria desnacionalizada vende manufaturas, os preços são altos, para que sejam altíssimos os lucros das corporações imperialistas.” (p. 352-3)

⁵⁷² *Governo Zema vende mina de lítio de R\$ 208 mi a duas empresas com capital inferior a 1 salário mínimo – Lítio o petróleo do século XXI*. Redação, Viomundo – Diário da Resistência, 25 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/marco-aurelio-carone-governo-zema-vende-mina-de-litio-de-r-208-milhoes-a-duas-empresas-com-capital-inferior-a-1-salario-minimo.html> Acesso em 04 de setembro de 2022.

⁵⁷³ *Idem*.

Essa exposição de 2019, associada com trabalhos que a precederam fertilizou o terreno para a continuidade da pesquisa em termos textuais, de leituras e escutas que vieram em seguida. Essa segunda etapa foi baliza por insumos do campo da arte, da sociologia, da história, da política, do direito e da filosofia.

A medida que eu avançava na compreensão de novas noções vindas de campos que eu não estava habituado a transitar, tais como política internacional, direito e economia; ou autores que não era familiarizado, eu ia percebendo o quanto essas leituras eventualmente apontavam para o desafio de elaboração de novos trabalhos de arte. Trabalhos ainda não realizados, portanto, trabalhos futuros. Então esse já foi um substancial ganho, e também desafio futuro, resultante da presente pesquisa. E ainda de um modo mais crítico de perceber os trabalhos de arte já realizados, concebidos antes e durante o período da pesquisa.

Assim como o mestrado me permitiu uma expansão de repertórios em termos artísticos e intelectuais, o doutorado – ambas as pesquisas possíveis graças a instituições públicas de ensino e professores altamente comprometidos com a pesquisa - me deu ferramentas conceituais e me expôs as minhas muitas ignorâncias e limitações. No entanto, acredito que também me fez menos simplório e mais materialista (mais factual), mais atento com a realidade e as estruturas que a sustentam. Não apenas o processo de estudo e trabalho do doutorado, mas também o período histórico recente e as mudanças, adversidades, impasses, enfermidades e perdas pessoais, me colocaram à prova. Não diria que fiquei mais forte, mas sobrevivi, e isso é muito. Levando-se em consideração os dois anos sob a sombra nefasta do covid-19 assolando o mundo, juntamente com as ofensivas neoliberais, ultraliberais, fascistas, obscurantistas, entreguistas, golpistas, ultra-direitistas, colonialistas e imperialistas.

Foi um trabalho individual e também coletivo de persistência e resistência, apesar do cansaço, do isolamento, do abatimento, da desesperança. Mas era preciso juntar forças para seguir se colocando contra as coerções da ignorância, do ódio e da morte que não saem das agendas das extremas-direitas, dos ultra-liberalismos pelo mundo. Foi um esforço físico e mental para a produção e compartilhamento de um trabalho de vida, um trabalho de resistência. Não só meu evidentemente, mas de todos os envolvidos direta e indiretamente. Aos quais sou muito agradecido. Aos que estavam próximos, aos que estavam longe, aos que me acompanharam nos meus pensamentos e memórias.

Durante as etapas finais desta escrita encontrei outro breve relato de Thiago Martins de Melo que acredito estar alinhado com uma das motivações basais dessa pesquisa, o colega disse - “Só pinto sobre aquilo que quero entender”⁵⁷⁴, me ocorre que poderia ser uma variação da proposição de Michel Foucault, no caso deste, sobre a escrita – a qual me ocupou durante esses últimos três anos em especial, Foucault propôs que: “Escrever não é um ato de se comunicar o que já se sabe. Escrevo porque não sei exatamente o que pensar desta coisa que desejo tanto pensar”.

A energia vital dedicada a esse trabalho de produção artística e pesquisa conceitual foi para procurar entender o que se passou no Brasil, o que fizeram e fazem com o país e quem são essas forças. E o quanto o meu trabalho sofreu mudanças, hora lentas e sutis, hora abruptas, incertas, agudas e disruptivas.

Cultivo a crença de que consegui apontar para algumas leituras possíveis, e com isso posso compartilhar essas impressões com os colegas e interessados que lerem esse relato. Assim como cultivar uma nova energia voltada para a vida, para a educação e para a criação de novos trabalhos (ainda informes, ainda incertos, ainda em potência, ainda porvir).

Nesse escrito procurei apresentar um apanhado de dúvidas, de não saberes, que me levaram a uma busca por entendimento, por esclarecimento, que consegui através de sólidos e importantes referenciais teóricos – a maioria por aprofundar, em assunto ainda recentes, tais como economia, política, socialismo, comunismo. Penso que consegui apenas me aproximar das noções mais elementares, mais instrumentais. Esses assuntos vitais e extremamente complexos demandam a continuidade dos estudos. A partir desses rudimentos que coletei, procurei registrar alguns aspectos das transformações de pensamentos, posicionamentos e práticas artísticas que experimentei a partir dos encontros com esses novos autores e áreas do conhecimento.

O golpe de 2016 foi o catalizador, na época, que acelerou alguns processos e mudanças de percepções que já estavam em andamento. Sei que apenas arranhei a superfície das questões trazidas nesse trabalho de pesquisa. Mas em mim, sinto que em profundas mudanças abertas, novas sementes foram plantadas.

Afastei umas poucas camadas de véus que encobriam os reais detentores das decisões que afetam milhões de pessoas pelo mundo, mas acredito que existam ainda consideráveis quantidades

⁵⁷⁴ *Thiago Martins de Melo*. Solange Farkas, 2019. Disponível em: <https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/textos> Acesso em 1 de setembro de 2022.

delas, talvez cada vez mais finas, sutis e traiçoeiras. Ou talvez o oposto, mais impenetráveis, hostis, cruéis e brutais. Provavelmente ambas.

Depois de todo este período conturbado, faço um esforço consciente de cultivar a esperança em poder querer acreditar que “as práticas da arte (...) contribuem para desenhar uma paisagem nova do visível, do dizível e do factível”⁵⁷⁵, pois “... na história (...) cada ato de destruição encontra sua resposta, cedo ou tarde, num ato de criação”, conforme nos estimula Eduardo Galeano em *As Veias Abertas da América Latina* (p. 396).

Quero acreditar que daqui para frente o Brasil possa trilhar os seus caminhos com mais justiça social, moradia, alimentação sem crueldade contra animais não humanos, natureza preservada, transporte público digno, crescimento com distribuição de renda, solidariedade, educação pública de qualidade, compaixão, sensibilidade, atenção, diálogo, respeito, diversidade, ciências e artes para todos.

Pós-escrito

Em 30 de outubro de 2022, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito por voto popular pela terceira vez, feito inédito no Brasil. O Presidente Lula também ultrapassou o seu próprio recorde anterior de votos, foram 60.345.999⁵⁷⁶ votos de brasileiros que ajudaram a restituir um futuro para o Brasil. Juntos conseguimos. Encerra-se um período terrível, abrem-se novos horizontes de esperanças, desafios e lutas.

⁵⁷⁵ RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. Capítulo: Paradoxos da arte política. P. 75

⁵⁷⁶ *Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil*. Tribunal Superior Eleitoral. 30 de novembro de 2022. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil> Acesso em 1 de novembro de 2022.

Referências

Livros

- ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: Uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- A Miséria do Mundo*. Pierre Bourdieu (coord.). Petrópolis: Vozes, 2008.p. 29.
- ANDERSON, Perry. *A Política Externa Norte-Americana e Seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. Emiliano López (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- BADIOU, Alain. *Em Busca do Real Perdido*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BAUMAN, Zigmunt. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *Danos Colaterais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUME, Nicholas. *Sol LeWitt – Incomplete Open Cubes*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- BLOCK, Ernest. *O Princípio Esperança – Volume 1*. São Paulo: Contraponto, 2005.
- CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.
- DENIS, Leon; TESSUTO, Priscila; LEMES, Silvia; FELIPE, Sônia T. Leon Denis (org.). *Educação Vegana: A urgência de novos olhares*. São Paulo: FiloCzar, 2021.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A Casa Subjetiva: Matéria, afeto e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRAY, Mark. *Antifa: O manual antifascista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BRECHT, Bertolt. *Poesia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- CASARA, Rubens R. R. *Contra a Miséria Neoliberal: Racionalidade, normatividade e imaginário*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- _____. *Sociedade Sem Lei: Pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- _____. *Estado Pós-Democrático: Neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

- CAVALVANTI, Tiago Muniz. *Sub-Humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão*. São Paulo: Boitempo, 2021. Coleção Mundo do Trabalho.
- CHARLES, Sébastien. *Comte-Sponville, Conche, Ferry, Lipovetsky, Onfray, Rosset: É possível viver o que eles dizem?* São Paulo: Editora Barcarolla, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Mídia: Propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- _____. *Quem Manda no Mundo?* São Paulo: Planeta, 2017.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DIWAM, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- Doze Ensaio Sobre o Ensaio: Antologia Serrote*. Paulo Roberto Pires (organizador). São Paulo: IMS, 2018.
- DOWBOR, Ladislau. *A Era do Capital Improdutivo: Por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- DRIJVER, Peter e NIEMEIJER, Johannes. *How to construct Rietveld Furniture*. Bussum: Thoth, 2002.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os Engenheiros do Caos: Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. São Paulo: Vestígio, 2019.
- Em Nome do Corpo: Escritos e Pintura de Jacopo Pontormo*. ANDRADE, Homero Freitas de (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- ESCOBAR, Pepe. *Império do Caos*. Rio de Janeiro: Revan, 2016.
- Escritos de Artistas Anos 60/70*. Glória Ferreira e Cecília Cotrim (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- FERNANDES, Fernando Augusto. *Geopolítica da Intervenção: A verdadeira história da lava jato*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.
- FERRAJOLI, Luigi. *A democracia através dos direitos: o constitucionalismo garantista como modelo teórico e como projeto político*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.
- FLORES, Victor Manuel Esteves. *Minimalismo e Pós-Minimalismo: Forma, Anti-forma e corpo na obra de Robert Morris*. Covilhã, Livros LabCom, 2007. (Série: Estudos em Comunicação)

FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

_____. *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

_____. *Arte e Crime (e outras diatribes)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

FRANCIONE, Gary L. *Introdução os Direitos Animais*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917[1915]). In *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

GIANNETTI, Eduardo. *Autoengano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HAN, Byung-Chul. *O Que é o Poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O mundo como labirinto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

HUBERMAN, Georges Didi-. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Ser Crânio: Lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

KEHL, Maria Rita. *O Tempo e o Cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridas: Das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KRAUSS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KWON, Miwon. *One place after another: site specific art and locational identity*. Cambridge/London: MIT Press, 2002.

LE BRETON, David. *Desaparecer de Si: Uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: O romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2018.

LOSURDO, Domenico. *Colonialismo e Luta Anti-Colonial: Desafios da Revolução no Século XXI*. Jones Manoel (org.). São Paulo: Boitempo, 2020.

- _____. *A Linguagem do Império: Léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARZONA, Daniel. *Minimal Art*. Köln: Taschen, 2005.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MICHEL, Louise. *Tomada de Posse*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- MIGUEL, Luis Felipe. *O Colapso da Democracia no Brasil: Da constituição do golpe de 2016*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019.
- Mirosław Balka - Revisión 1986 - 1997 / curadoria Juan Vicente Aliaga. Valencia: IVAM Instituto Valenciano de Arte Moderna, 1997.
- O Ódio Como Política: A reinvenção das direitas no Brasil*. Esther Solano Gallego. São Paulo: Boitempo, 2018.
- PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- _____. *Ódio à Democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ROSS, kristin. *Luxo comunal: o imaginário político da Comuna de Paris*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SCHNEIDER, Norbert. *Naturezas-Mortas: A pintura de naturezas morta nos primórdios da idade moderna*. Köln: Taschen, 2009. SCULLY, Mathew. *Domínio: O Poder do ser humano, o sofrimento dos animais e um pedido de misericórdia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCLIAR, Moacir. *Saturno nos Trópicos: A melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCULLY, Mathew. *Domínio: O Poder do ser humano, o sofrimento dos animais e um pedido de misericórdia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

- SLAVUTZKY, Abraão; SOUSA, Edson Luiz André de Sousa. *Imaginar o Amanhã: Ensaio e crônicas*. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.
- SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*: Porto Alegre, L&PM, 1986.
- SOUZA, Jessé de. *A Guerra Contra o Brasil: Como os Estados Unidos se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.
- _____. *A Radiografia do Golpe: Entenda como e por que você foi enganado*. São Paulo: LeYA, 2016.
- _____. *A Elite do Atraso: Uma reinterpretação do Brasil*. São Paulo: LeYA, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- STAROBINSKI, Jean. *A Tinta da Melancolia: Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. DIWAM, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- Thiago Martins de Melo. Samantha Moreira (org.). Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2019.
- TIBURI, Marcia. *Filosofia Cinza: A melancolia e o corpo nas dobras da escrita*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. *Goya À Sombra das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- TRINDADE, Gabriel Garmendia da. *Animais como Pessoas: A abordagem abolicionista de Gary L. Francione*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- VALIM, Rafael. *Estado de Exceção: A forma jurídica do neoliberalismo*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.
- Waltercio Caldas - 1985 2000 / curadoria Ligia Canongia. Rio de Janeiro: CCBB, 2000.
- ZANIN, Cristiano, MARTINS, Valeska, VALIM, Rafael. *Lawfare: Uma introdução*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.
- ZARINS, Uldis. *Form of the Head and Neck: Anatomy for professional artists*. Nova York: Anatomy Next, Inc., 2021.
- _____. *Anatomy of Facial Expressions*. Exonicus Inc., 2017.

Digital

A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Jorge Larrosa. Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) v. 29, n. 1 (2004). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417> Acesso em 01 de março de 2022.

Observatório lança série de 30 vídeos sobre bancada ruralista. CASTILHO, Alceu Luís, *De Olho nos Ruralistas*. 09 de agosto de 2021. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2021/08/09/observatorio-lanca-serie-de-30-videos-sobre-bancada-ruralista/> Acesso em 20 de janeiro de 2022.

CPI ouve servidor que denunciou superfaturamento na compra de vacina. *CUT Brasil*, 25 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/cpi-da-covid-ouve-servidor-que-denunciou-superfaturamento-na-compra-de-vacina-a6d7> Acesso em 31 de janeiro de 2022.

Pesquisas apontam que milhares de mortes por covid poderiam ter sido evitadas no Brasil. *Agência Senado*, Brasília, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-milhares-de-mortes-por-covid-poderiam-ter-sido-evitadas-no-brasil> Acesso em 20 de janeiro de 2022.
Tunga. *Encontro com Tunga*. Sítio Arte, vídeo (47:47). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5J5hLFokkE> Acesso em 31 de janeiro de 2022.

VOLZ, Jochen; NGCOBO, Gabi; REBOUÇAS, Júlia; LARSEN, Lars Bang; OLASCOAGA, Sofía. Texto da curadoria da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 10 de setembro à 10 de dezembro de 2016. Catálogo a exposição disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/exhibition/h/> Acesso em 14 de janeiro de 2021.

ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. Fundação Perseu Abramo, publicado em 03 de março de 2006. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa/> Acesso em: 31 de janeiro de 2022.

Casa de Iberê Camargo é aberta ao público. Folha de São Paulo – Ilustrada. São Paulo, segunda, 15 de junho de 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq15069826.htm> acesso em 26 de julho de 2021.

Mobiliário Melancólico: Inflexões poéticas sobre objetos incômodos (2007). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10844>

Rachadinha. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tag/rachadinha/> Acesso em 24 de janeiro de 2022.

“Ex-assessor de Bolsonaro é o 4º nome a apontar rachadinha em gabinetes do clã”, por Estadão Conteúdo, 22 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ex-assessor-de-bolsonaro-e-o-4o-nome-a-apontar-rachadinha-em-gabinetes-do-cla/> Acesso em 24 de janeiro de 2022.

RAGAZZI, Alexandre. "A incerteza como método nos escritos e na arte de Jacopo Pontormo" *LaborHistórico* [Online], Volume 6 Número 2 (6 junho 2020). (p. 254). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/32306> Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

Luto pelo Museu Nacional, luta pela educação: Movimento estudantil encheu a Cinelândia para se manifestar sobre tragédia anunciada que incendiou o primeiro museu e parte da história brasileira. União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, 4 de setembro de 2018. Disponível em: <https://ubes.org.br/2018/luto-pelo-museu-nacional-luta-pela-educacao/> Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

Mendes, Elzilaine Domingues, Viana, Terezinha de Camargo e Bara, Olivier, Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2014, v. 30, n. 4, pp. 423-431. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/SZNKctRm7tcwQrPw37DZD4n/?lang=pt#>>. Epub 20 Jan 2015. ISSN 1806-3446. Acesso em 4 de fevereiro de 2022.

Łódź: Mirosław Bałka: Nerw. Curadoria: Kasia Redzisz. JURECKI, Krzysztof. Jaki Bałka, który Bałka?. *Ownetic Magazine*, 3 de março de 2016. Disponível em: <https://ownetic.com/magazyn/2016/krzysztof-jurecki-jaki-balka-ktory-balka> Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

‘A Sociedade de Incentivo às Belas Artes, como união de Artistas e Amantes da Arte, tem como objetivo difundir as artes plásticas no país, e ajudar e incentivar os artistas, principalmente os jovens egressos da Escola de Belas Artes de Varsóvia’.” Disponível em: <https://zacheta.art.pl/pl/kolekcja/artysci/miroslaw-balka> Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

ROCHA, Camila. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil: As denominações comandadas por homens como Edir Macedo e Valdemiro Santiago se expandem, ocupando espaço na mídia e na política. *Nexo Jornal*, 6 de abr de 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil> Acesso em 6 de fevereiro de 2022.

19ª Bienal Internacional de São Paulo de 1987. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name85b234/89> Acesso em 7 de fevereiro de 2022.

Quem é o homem que conecta a extrema-direita alemã com evangélicos brasileiros: Parlamentar da AfD Waldemar Herdt fala sobre aliança entre ultraconservadores dos dois países. Niklas Franzen e Andrea Becker, Agência Pública, *Brasil de Fato*, 01 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/01/quem-e-o-homem-que-conecta-a-extrema-direita-alema-com-evangelicos-brasileiros> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

SURAL, Agnieszka. Mirosław Bałka: Molehill, queda e trincheiras [entrevista]. *Culture PL, Artes visuais*, 3 de agosto de 2015. Disponível em: <https://culture.pl/pl/artykul/miroslaw-balka-kretowisko-upadek-i-okopy-wywiad> Acesso em 05 de fevereiro de 2022.

Exclusivo: sem contestar, Exército paga quase triplo por insumo da cloroquina. Daniel Mota, Luiz Fernando Toledo, José Brito e Vital Neto, *CNN Brasil*, 15/09/2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/exclusivo-sem-contestar-exercito-paga-quase-triplo-por-insumo-da-cloroquina/> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

TCU aponta indícios de fraude em compra de cloroquina pelo Exército. Vital Neto, José Brito e Marcos Guedes, *CNN Brasil*, 18/02/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tcu-aponta-indicios-de-fraude-em-compra-de-cloroquina-pelo-exercito/> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

Braga Netto desviou dinheiro para Covid e usou em gastos militares, segundo o TCU. Central única dos Trabalhadores, 04 Agosto, 2021, Redação CUT. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/braga-netto-desviou-dinheiro-para-covid-e-usou-em-gastos-militares-segundo-o-tcu-bfe3> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

Dinheiro do SUS para pandemia é desviado para gastos militares, diz MP. Diário de Pernambuco, 06/07/2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2021/07/dinheiro-do-sus-para-pandemia-e-desviado-para-gastos-militares-diz-mp.html> Acesso em 19 de fevereiro de 2022.

Como o lobby de um militar da reserva favoreceu mineradoras canadenses na Amazônia. Caio de Freitas Paes, Agência Pública, 21 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/02/como-o-lobby-de-um-militar-da-reserva-favoreceu-mineradoras-canadenses-na-amazonia/> Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

Ancap: Quando esquecemos o que é ser humano. Arthur Silva, Outras Mídias, 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/ancap-quando-esquecemos-o-que-e-ser-humano/> Acesso em 13 de agosto de 2022.

55% do empresariado avaliam o governo Bolsonaro como ótimo/bom - Pesquisa exclusiva do Instituto FSB mostra que 24% consideram a gestão regular e só 16% dos executivos avaliam o presidente como ruim/péssimo. Exame, 28 de agosto de 2020. Disponível em: <https://exame.com/bussola/55-do-empresariado-avaliam-o-governo-bolsonaro-como-otimo-bom/> Acesso em 29 de março de 2022.

GUIMARÃES, Sandra. Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão: Em entrevista ao Sul21, Sandra Guimarães defende que os valores principais do veganismo são os mesmos pelos quais a esquerda luta: justiça, solidariedade e igualdade. Sul 21, Marco Weissheimer, 22 de abril de 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/> Acesso em 13 de março de 2022.

Terráqueos. 2005, EUA, 1:35:29. Direção Shaun Monson; produção Shaun Monson, Libra Max, Nicole Visram, Brett Harrelson, Babak Cyrus Razi, Maggie Q, Persia White; narração Joaquin Phoenix; música Moby, Libra Max, Brian Carter, Natalie Merchant, Gabriel Mounsey, Barry Wood. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-TVktxouEY&list=PLgWjGNC47pYaldj0hq8Arh2iafhd0DMgk&index=2> Acesso em 12 de março de 2022.

Dominion (Domínio). 2018, Austrália, 2:04:58. Dirigido e produzido por Chris Delforce; Narrado por Joaquin Phoenix, Rooney Mara, Sadie Pia, Sia, Kat Von D, Editado por Chris Delforce, Música por Papa Asher. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PZO04lrg0rs&t=20s> Acesso em 12 de março de 2022.

A UVA participa de encontro com o ex-presidente Lula. Em 15 de março de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbIWcGDLrkW/> Acesso em 24 de março de 2022.

GUIMARÃES, Sandra. MST e Veganismo Popular: Em artigo para a página do MST, Sandra Guimarães reafirma a defesa de um veganismo popular em parceria da agroecologia e da Reforma Agrária. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular/> Acesso em 13 de março de 2022.

Em "nome da paz", EUA gastaram mais de US\$ 8 trilhões em invasões militares desde 2001 - EUA têm participação direta ou indireta em conflitos militares na Somália, Iêmen e Síria. Fernanda Paixão, Brasil de Fato, Buenos Aires, Argentina, 05 de março de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/05/em-nome-da-paz-eua-gastaram-mais-de-us-8-trilhoes-em-invasoes-militares-desde-2001> Acesso em 19 de maio de 2022.

FACINA, Adriana. De volta ao fardo do homem branco: o novo imperialismo e suas justificativas Culturalistas. Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAI%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m4c1.pdf> Acesso em 15 de maio de 2022.

Civilization & Barbarism: Cartoon Commentary & "The White Man's Burden" (1898-1902). Ellen Sebring, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Visualizando Culturas, 2014. Disponível em: https://visualizingcultures.mit.edu/civilization_and_barbarism/cb_essay02.html Acesso em 15 de maio de 2022

A palestra mais importante que você irá ouvir na sua vida - Gary Yourofsky, Universidade Georgia Tech, 08 de julho de 2010, EUA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U5hGQDLprA8> Acesso em 12 de março de 2022.

Vegano Periférico. 2020, 46:25, Brasil. Direção e produção: @rauany, produção: @joaofolharini e @raphacarnelos, roteiro e montagem: @elbrunoalves e @rauany, fotografia e som direto: @eusouoalt, @joaofolharini e @rauany, colorização: @pdrfrrrzz, edição de som: @victorvawo, trilha sonora: @selo_instituto e @ohcoelho, apoio e distribuição: @midianinja e @xepaativismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kr98MSULN9g> Acesso em 14 de março de 2022.

Relatório "O Impacto da Indústria da Carne no Brasil: Bem-Estar Animal, Saúde Humana, Meio Ambiente e Economia". O relatório foi lançado em um evento em Curitiba, realizado em parceria com o Laboratório de Bem-Estar Animal - LABEA, da Universidade Federal do Paraná. Animal Equality, julho

de 2022. Disponível em: https://animalequality.org.br/app/uploads/2022/07/Meat-Report_BR.pdf
Acesso em 20 de julho de 2022.

Bem-estarismo e Direitos animais. Ana María Aboglio. Olhar Animal. Tradução de Sérgio Greif – Edição Ânima. Disponível em: <https://olharanimal.org/bem-estarismo-e-direitos-animais/> Acesso em 20 de julho de 2022.

Carne e Osso. Direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros. Roteiro e edição: Caio Cavechini. Fotografia: Lucas Barreto. Pesquisa: André Campos e Carlos Juliano Barros. Produção Executiva: Maurício Hashizume. Duração: 65 min. Realização: Repórter Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=887vSql35i8&t=389s> Acesso em 13 de março de 2022.

A Carne é Fraca. Instituto Nina Rosa, 2005, 52:11, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=euvdedl-qso> Acesso em 12 de março de 2022.
A Engrenagem. Instituto Nina Rosa, 2012, 16:38, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmlprNpcd94&t=18s> Acesso em 12 de março de 2022.

GUIMARÃES, Sandra. MST e Veganismo Popular: Em artigo para a página do MST, Sandra Guimarães reafirma a defesa de um veganismo popular em parceria da agroecologia e da Reforma Agrária. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/11/10/mst-e-veganismo-popular/> Acesso em 13 de março de 2022.

Cowspiracy: O Segredo da Sustentabilidade. 2014, 1:28:05, EUA. Direção e produção Kip Andersen e Keegan Kuhn; elenco Kip Andersen, Howard Lyman, Richard Oppenlander, Michael Pollan, Michael Klapner. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ATRIfHSgHM&t=474s> Acesso em 13 de março de 2022.

Milked: White Lies In Dairy Land. 2021, 1: 30, Nova Zelândia. Direção Amy Taylor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MCwpsMtmMhM>

SOUZA, Robson Fernandes de. Guia de falácias antiveganas: saiba como responder e derrubar os mais comuns argumentos de opositores do veganismo. Veganagente, 21 de maio de 2016. Disponível em: <https://veganagente.com.br/falacias-antiveganas/> Acesso em 13 de março de 2022.

Guia das falácias usadas para “justificar” o consumo de animais. VEDDAS-RN (Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade), 06 de setembro de 2012. Disponível em: <https://veddasrn.files.wordpress.com/2013/01/guia-das-falacc81cias-carnistas.pdf> Acesso em 13 de março de 2022.

What the Health. 2017, 1:32, EUA. Direção, produção e roteiro Kip Andersen e Keegan Kuhn, edição Kip Andersen, Keegan Kuhn, Ali Tabrizi (assistente), música Kip Andersen, Keegan Kuhn e Fernando Arce. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NoYINMgImGs> Acesso em 14 de março de 2022.

GUIMARÃES, George. *Especismo, veganismo e futuro – TEDxPassoFundo*. 2019, 17:23, Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkqH97UE99Y> Acesso em 14 de março de 2022.

GUIMARÃES, Sandra. Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão: Em entrevista ao Sul21, Sandra Guimarães defende que os valores principais do veganismo são os mesmos pelos quais a esquerda luta: justiça, solidariedade e igualdade. Sul 21, Marco Weissheimer, 22 de abril de 2018, Porto Alegre. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/> Acesso em 13 de março de 2022.

LEAL, Fernanda. “Internacionalização invertida”: reflexões críticas sobre a educação superior mundial contemporânea – Desnaturalizar a ideia de internacionalização enfatizada pelo discurso político dominante implica em situar esse processo em seu próprio espaço e tempo. Iberoamérica Social, 22 de abril de 2018. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/internacionalizacao-invertida-reflexoes-criticas-sobre-a-educacao-superior-mundial-contemporanea/> Acesso em 14 de março de 2022.

“‘É urgente, hoje, que a arte se levante novamente como instigadora da transformação’, defende Priscila Arantes, diretora artística do Paço das Artes.” Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/paco-das-artes-apresenta-seminario-internacional-de-arte-contemporanea-2017/> Acesso em 19 de março de 2022.

Mais da metade dos professores da rede estadual de SP sofreu agressão na escola, diz estudo. Publicado em 27 de Setembro 2017. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/mais-da-metade-dos-professores-da-rede-estadual-de-sp-sofreu-agressao-na-escola-diz-estudo/> Acessado em 16 de dezembro de 2022.

A era da pós-verdade. Gabriel Priolli, publicado 13/01/2017. <https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade> Acesso em 12 de setembro de 2017.

TV "AL Jazeera" denuncia Rede Globo no Golpe do Brasil 1964/2016 (publicado em 31 de agosto de 2016), 9:58 – <https://www.youtube.com/watch?v=E6MpbF503b4> Acesso em 30 de abril de 2022.

Brasil Pós-Golpe é “mais capitalista, colonialista e patriarcal”. Boaventura de Sousa Santos. Publicado em 08 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/247/poder/274163/Boaventura-Brasil-p%C3%B3s-golpe-%C3%A9-%E2%80%9Cmais-capitalista-colonialista-e-patriarcal%E2%80%9D.htm> Acesso em 22 de setembro de 2017.

“Ruy Braga: O que é o precariado? - O sociólogo do trabalho, Ruy Braga, autor de "A política do precariado" (2012, <http://bit.ly/2DYKMIA>) e "A rebeldia do precariado" (2017, no prelo, <http://bit.ly/2gBZerR>), explica o conceito de precariado e fala sobre as vantagens de se usar ele para entender a realidade social, econômica e política no Brasil.” <https://www.youtube.com/watch?v=ZT471IJ7Vg> Acesso em 06 de julho de 2020.

“Quais são os termos corretos para se referir a povos indígenas?” Extrato do Programa Roda Viva da Fundação Padre Anchieta de São Paulo, exibido em 09/01/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vNJYqBE0w90> Acessado em 03 de julho de 2020.

O militarismo dos EUA e a doutrina do Destino Manifesto - #CaféBolchevique, com Mauro Iasi. TV Boitempo, 18:03, 5 de março de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xlx2_UhObaw Acesso em 5 de março de 2022.

Imperialismo Americano e a propaganda de guerra. Canal do Youtube Leitura Obriga HISTÓRIA. Publicado em 11 de abril de 2019, 29 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AwRpoiEKU8> Acessado em 06 de junho de 2022.

Imperialismo Americano e a propaganda de guerra. Canal do Youtube Leitura Obriga HISTÓRIA. Publicado em 11 de abril de 2019, 29 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AwRpoiEKU8> Acessado em 06 de junho de 2022.

DONCEL, Luis. A Alemanha fica indignada pela espionagem dos EUA, mas não reage - A chanceler Angela Merkel adia qualquer represália até o anúncio dos resultados da investigação. El País, Berlim – 07 de julho de 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/07/internacional/1404718016_005414.html Acesso em 21 de março de 2022.

Dinamarca ajudou NSA a espionar Alemanha e aliados. Deutsche Welle – DW Brasil, 31 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/dinamarca-ajudou-nsa-a-espionar-alemanha-e-aliados/a-57725423> Acesso em 21 de março de 2022.

Animais sencientes, você sabe o que isso significa? Agência de Notícias de Direitos Animais – ANDA, 2015. Disponível em: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/251287543/animais-sencientes-voce-sabe-o-que-isso-significa> Acesso em 9 de junho de 2022.

Os 12 produtos mais perigosos criados pela Monsanto - Veja a lista dos mais variados produtos que a empresa inventou; entre eles, estão fertilizantes e armas nucleares. Brasil de Fato. Redação - Resumen Latino americano, 13 de Junho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/06/13/os-12-produtos-mais-perigosos-criados-pela-monsanto/> Acesso em 9 de junho de 2022.

Bayer compra Monsanto e tenta apagar história manchada da empresa - Multinacional do agronegócio deixa de existir formalmente, mas práticas criminosas continuam. Rute Pina, Brasil de Fato, São Paulo (SP), 06 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/06/bayer-compra-monsanto-e-tenta-apagar-historia-manchada-da-empresa> Acesso em 9 de junho de 2022.

O Mundo Segundo a Monsanto, 2008, 1:49:10, diretora, produtora e roteirista: Marie-Monique Robin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWxTrKlCMnk> Acesso em 12 de março de 2022.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. O admirável mundo sombrio anunciado pela Monsanto. O Olho da História, Salvador (BA), julho de 2009. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/francisco.pdf> Acesso em 12 de março de 2022.

Fusão entre Monsanto e Bayer aumenta monopólio do veneno e da transgenia no mundo. Naiara Bittencourt. Brasil de Fato, Paraná, 02 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2018/04/02/fusao-entre-monsanto-e-bayer-aumenta-monopolio-do-veneno-e-da-transgenia-no-mundo> Acesso em 16 de junho de 2022.

Bayer compra Monsanto e tenta apagar história manchada da empresa - Multinacional do agronegócio deixa de existir formalmente, mas práticas criminosas continuam. Rute Pina. Brasil de Fato, São Paulo, SP, 06 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/06/bayer-compra-monsanto-e-tenta-apagar-historia-manchada-da-empresa> Acesso em 16 de junho de 2022.

O desastre global chamado Bayer-Monsanto. Revista IHU On-Line, Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS, 28 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596652-o-desastre-global-chamado-bayer-monsanto> Acesso em 16 de junho de 2022.

Garimpo ilegal traz fome, doença e exploração sexual para território Yanomami, diz estudo - Relatório inédito produzido por indígenas responsabiliza governo Bolsonaro e descreve abusos sexuais em troca de comida. Murilo Pajolla, Brasil de Fato, Lábrea (AM), 11 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/11/garimpo-ilegal-traz-fome-doenca-e-exploracao-sexual-para-territorio-yanomami-diz-estudo> Acesso em 18 de junho de 2022.

Estudo analisa a contaminação por mercúrio entre o povo indígena mundurucu. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 26/11/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-contaminacao-por-mercurio-entre-o-povo-indigena-munduruku> Acesso em 18 de junho de 2022.

‘As mulheres Munduruku estão envenenadas por mercúrio e temos provas’, denuncia líder indígena - Mercúrio usado em garimpo ilegal de ouro contamina 99% de aldeias da etnia no Alto Tapajós, revela pesquisa coordenada por neurologista. Elpida Nikou e Joana Moncau com colaboração de Felipe Garcia, Repórter Brasil, 19 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/02/as-mulheres-munduruku-estao-envenenadas-por-mercurio-e-temos-provas-denuncia-lider-indigena/> Acesso em 18 de junho de 2022.

Mercúrio contamina populações indígenas no Pará, mostra estudo - Em conversa com Rádio BdF, pesquisador da Fiocruz, Paulo Basta, faz alerta: “Garimpo não traz benefício nenhum”. Cristiane Sampaio, Brasil de Fato, Brasília (DF), 19 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/19/mercurio-contamina-populacoes-indigenas-no-para-mostra-estudo> Acesso em 18 de junho de 2022.

Rios na Terra Yanomami têm 8600% de contaminação por mercúrio, revela laudo da PF - Perícia analisou amostras de água corrente dos rios Couto de Magalhães, Catrimani, Paríma e Uraricoera. Danos da poluição podem afetar saúde dos indígenas que vivem próximo a garimpos ilegais. Yara Ramalho, Valéria Oliveira, Marcelo Marques e Luciano Abreu, g1 RR e Rede Amazônica — Boa Vista, 06

de junho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2022/06/06/rios-na-terrayanomami-tem-8600percent-de-contaminacao-por-mercúrio-revela-laudo-da-pf.ghtml> Acesso em 18 de junho de 2022.

Bolsonaro estimulou avanço de garimpeiros sobre os Yanomami - Presidente já descumpriu decisões do STF, defendeu garimpo em visita à TI e inaugurou ponte que beneficia garimpeiros. Murilo Pajolla, Brasil de Fato, Lábrea (AM), 06 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/06/bolsonaro-estimulou-avanco-de-garimpeiros-sobre-os-yanomami-relembre-casos-e-declaracoes> Acesso em 18 de junho de 2022.

Bom Dia 247, com Attuch e Joaquim de Carvalho (18.06.2022), Brasil 247, 1:29:37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeZRIhRmWc0> Acesso em 18 de junho de 2022.

39 quilos de cocaína constroem o Governo Bolsonaro. MARINA ROSSI
São Paulo, 26 de junho 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/politica/1561577623_739675.html Acesso em 18 de junho de 2022.

Orçamento secreto de Bolsonaro e do centrão é via para corrupção. André Accarini, CUT Brasil, 14 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/orcamento-secreto-de-bolsonaro-e-do-centrao-e-via-para-e-corrupcao-entenda-por-q-4591> Acesso em 18 de junho de 2022.

No atual governo, militares acumulam privilégios e altos salários. Redação, Partido dos Trabalhadores, 19 de maio de 2021. Disponível em: <https://pt.org.br/no-atual-governo-militares-acumulam-privilegios-e-altos-salarios/> Acesso em 18 de junho de 2022.

O ultraliberalismo enquanto categoria conceitual. João Elter Borges Miranda. LavraPalavra, 02 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2020/12/02/o-ultraliberalismo-enquanto-categoria-conceitual/> Acesso em 18 de junho de 2022.

Ultraliberalismo é a revolução da barbárie – de Hayek, o “moderado”, a Guedes, o radical. Tarso Genro. Sul 21, Porto Alegre, RS, 30 de novembro de 2019. Disponível em: <https://sul21.com.br/colunastarso-genro/2019/11/ultraliberalismo-e-a-revolucao-da-barbarie-de-hayek-o-moderado-a-guedes-o-radical/> Acesso em 18 de junho de 2022.

A morte de Walter Benjamin. Eugênio Trivinho, A Terra é Redonda, 27 de setembro de 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-morte-de-walter-benjamin/> Acesso em 18 de junho de 2022.

Joy division (documentário). Direção Grant Gee, roteiro Jon Savage, UK, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a2PzSEijg0c> Acesso em 03 de julho de 2022.

ARRUDA, Paula Trusz. *Pregnâncias da Autorreferencialidade: A produção de Mário Röhne nos anos 1980.* 2014. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. P. 117. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114686/000953102.pdf?sequence=1> Acesso em 03 de julho de 2022.

Roberto Longo. The Art Story. Disponível em: <https://www.theartstory.org/artist/longo-robert/> Acesso em 03 de julho de 2022.

ALVES, Marcelo Guimarães. Milton Kurtz: aproximações ao espírito pop. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. P. 117. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17140> Acesso em 03 de julho de 2022.

Motivado por 'raiva e desesperança', Robert Longo mira a violência armada americana em um trabalho épico para a Art Basel - A escultura monumental da seção Unlimited da feira é feita de 40.000 cápsulas. Tim Schneider, Artnet, 11 de junho de 2018. Disponível em: <https://news.artnet.com/art-world/robert-longo-gun-violence-art-basel-1300301> Acesso em 04 de julho de 2022.

Obama, o Nobel da Paz que se tornou o 1º presidente dos EUA a estar em guerra durante todos os dias de seu governo. REVISTA IHU ON-LINE, Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 20 de janeiro 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564173-obama-o-nobel-da-paz-que-se-tornou-o-1-presidente-dos-eua-a-estar-em-guerra-durante-todos-os-dias-de-seu-governo> Acesso em 04 de julho de 2022.

No último ano de presidência de Obama, EUA lançam mais de 26 mil bombas em 7 países. Sputnik Brasil, 07 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/20170107/bombas-obama-siria-afeganistao-2016-ataques-aereos-7368019.html> Acesso em 04 de julho de 2022.

O legado de bombardeamentos deixado por Obama. Nicolas J. S. Davies, Jornal GGN, Redação, 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/internacional/o-legado-de-bombardeamentos-deixado-por-obama/> Acesso em 04 de julho de 2022.

ALTMAN, Breno. *Há apenas um sistema imperialista, desde 1945 [...]*. São Paulo, 07 mar. 2022. Twitter: @brealt. Disponível em: <https://twitter.com/brealt/status/1500582930325852168?t=6megFDmYO9cFluOmwxx0PA&s=19> Acesso em: 7 de março de 2022.

The Game Changers (A dieta dos Gladiadores). Direção Louie Psihoyos, EUA, 2018, 1h 52m. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qhp_3ffoVjI

Diana Vegana, 2016, Fundação Ema Klabin, (1'42''). Disponível em: <https://www.facebook.com/luciano.zanette.73/posts/10207070693196575>

SILVA, Débora Bueno; JÚNIOR, Vicente de Paula Ataíde. Consciência e senciência como fundamentos do direito animal. Revista Brasileira de Direito e Justiça. V. 4, Jan./Dez. 2020. Disponível em: file:///E:/lz/0001_DOC%20%20UNESP_2018-

2022/0_Doc%202022/artigos%20de%20refer%C3%Aancia/direitoejustica,+4.pdf Acesso em 08 de julho de 2022.

Robertson: Lava Jato se tornou perseguidora e mídia é cúmplice - Advogados fizeram conferência na Suíça sobre a perseguição a Lula e apresentaram pesquisa sobre a parcialidade da Globo – comprovada cientificamente – contra o ex-presidente. Partido dos Trabalhadores, 16 de novembro de 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/robertson-lava-jato-se-tornou-perseguidora-e-midia-e-cumplce/> Acesso em 10 de julho de 2022.

OSTROWER, Fayga. *Käthe Kollwitz: uma vida e obra*. Transcrição da palestra de Fayga Ostrower na exposição 'Käthe Kollwitz: uma vida e obra', Paço Imperial, Rio de Janeiro, outubro de 1988. Disponível em: <https://faygaostrower.org.br/images/files/kathe-kollwitz-uma-vida-e-obra.pdf> Acesso em 16 de julho de 2022.

Glenn Greenwald. Jornalistas Livres, 10 de março de 2022. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/victoria-nuland-ucrania-tem-instalacoes-de-pesquisa-biologica-e-teme-que-sejam-confiscadas-pela-russia/> Acesso em 17 de julho de 2022.

Arte e Política no Contemporâneo: o Comum e o Coletivo... Jorge Vasconcellos. Poiésis. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense – n.1 (2000). – Niterói: PPGCA, 2012. 21 cm; II; OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; VASCONCELLOS, Jorge (Editores). Poiésis n. 20, v1, Niterói Universidade Federal Fluminense; Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes; Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação; Instituto de Arte e Comunicação Social. Dezembro de 2012, 172p. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/25579> Acesso em 23 de agosto de 2022.

Tanatocracia bolsonarista: a produção da morte como projeto de poder. José Cláudio Souza Alves. Contrapoder, 14 de abril de 2021. Disponível em: <https://contrapoder.net/colunas/tanatocracia-bolsonarista-a-producao-da-morte-como-projeto-de-poder/> Acesso em 13 de julho de 2022.

Três mulheres morrem por dia no Brasil por feminicídio - Anuário Brasileiro de Segurança Pública foi publicado hoje (28). Beatriz Albuquerque - Repórter da Rádio Nacional – Brasília, 28 de junho de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2022-06/tres-mulheres-morrem-por-dia-no-brasil-por-feminicidio> Acesso em 20 de julho de 2022.

Chacina: Policial bolsonarista mata mãe, irmão, esposa e três filhos a tiros no Paraná - Apoiador de Jair Bolsonaro nas redes, PM iniciou a chacina após deixar o batalhão de Toledo, no interior do Paraná. Além dos parentes, Fabiano Garcia matou outras duas pessoas a tiros na rua da cidade. Plínio Teodoro. Fórum, 15 de julho de 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/7/15/chacina-policial-bolsonarista-mata-me-irmo-esposa-trs-filhos-tiros-no-parana-120241.html> Acesso em 20 de julho de 2022.

Guilherme Mello: *Lula Romperá com Neoliberalismo?* Opera Mundi, Programa 20 Minutos Entrevista, 21 de julho de 2022, (1:26:56). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d72ZVXd_xpg&t=1608s Acesso em 21 de julho de 2022.

Em 2011, WikiLeaks já revelava os planos de Serra de entregar o Pré-sal. Fórum. 25 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2016/2/25/em-2011-wikileaks-ja-revelava-os-planos-de-serra-de-entregar-pre-sal-15134.html> Acesso em 21 de julho de 2022.

Nos bastidores, o lobby pelo pré-sal. WikiLeaks. 13 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://wikileaks.org/Nos-bastidores-o-lobby-pelo-pre.html> Acesso em 21 de julho de 2022.

Cartoon Analysis: Thomas Nast on Reconstruction, 1869-1874. Disponível em: <https://cnx.org/contents/NgBFhmUc@14.5:ryf3sFhG@6/8-28-%E2%9C%92%EF%B8%8F-Cartoon-Analysis-Thomas-Nast-on-Reconstruction-1869-1874> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

Bom dia 247, *Elza Soares, Lula e a luta contra a opressão.* Com Leonardo Attuch e Mauro Lopes (21.01.22), TV247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SPUVy59A3lg> Acesso em 21 de janeiro de 2022.

Bom dia 247, com Attuch e Joaquim de Carvalho (18.12.21), TV247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1gFHLISUCh8> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

“Foram 435 pessoas mortas pela Polícia Militar em serviço neste ano contra 358 do ano passado. Também cresceu o número de vítimas de policiais militares de folga. Em 2019, foram 56 e agora são 63.” A Verdade – Um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo. Disponível em: <https://averdade.org.br/tag/policia-militar/> Acesso em 21 de julho de 2022.

O Estado não é ausente, ele está a serviço da destruição. Jorge Branco. Brasil de Fato, Rio Grande do Sul. 21 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2022/06/21/o-estado-nao-e-ausente-ele-esta-a-servico-da-destruicao> Acesso em 21 de julho de 2022.

Tragédia Esquecida: Família de ex-servidor da Funai morto em 2019 investigou caso, mas segue sem respostas da PF. Parentes criticam investigação e esperam elucidação após caso de Bruno Pereira e Dom Phillips. Avenier Prado e Ciro Barros Agência Pública. Brasil de Fato. 22 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/22/familia-de-ex-servidor-da-funai-morto-em-2019-investigou-caso-mas-segue-sem-respostas-da-pf> Acesso em 21 de julho de 2022.

'Ele soa como nós': David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan, elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel. Ricardo Senra. BBC News Brasil, 16 outubro 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45874344> Acesso em 16 de dezembro de 2022.

LEIROS, Dandara Magalhaes Telles Feijó de. *De Vice Decorativo à Vampiro: Representações e enquadramentos do ator político em charges e memes de Michel Temer.* 2020. 126 p. Dissertação (Mestrado em comunicação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14956/%5BMAGALH%C3%83ES%2C%20Dandara%5D_De%20vice%20decorativo%20a%20vampiro_disserta%C3%A7%C3%A3oPPGCOMUFF_revfinal.pdf?sequence=4&isAllowed=y Acesso em 26 de julho de 2022.

David Hockney: Secret Knowledge (2002) da BBC de Londres, 1:11:54. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7W0AKH7pWZo> Acesso em 26 de julho de 2022.

Nos Reinos do Irreal (In the Realms of the Unreal), 2004, 1h 22m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IH049dXOrOo> Acesso em 27 de julho de 2022.

Grayson Perry acerca de Henry Darger, Reith Lectures 2013. Disponível em: <https://capc.com.pt/site/index.php/pt/joao-dos-santos/> Acesso em 27 de julho de 2022.

POEIRAS, Fernando. Desenho de decalque, decalque do desenho e outras distinções. Novembro de 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/9449301/Desenho_de_decalque_decalque_do_desenho_e_outras_distin%C3%A7%C3%B5es Acesso em 27 de julho de 2022.

No coração do golpe, o ataque ao pré-sal - Começou em 27/9 a entrega das enormes reservas de petróleo do país às transnacionais. Algumas, como a Exxon, apoiaram alegremente o golpe. Têm a recompensa. Outras Palavra. Sessão Direita Assanhada. José Álvaro de Lima Cardoso, 03 de outubro de 2017 (atualizado 13/12/2018). Disponível em: <https://outraspalavras.net/direita-assanhada/no-coracao-do-golpe-o-ataque-ao-pre-sal/> Acesso em 27 de julho de 2022.

Entreguismo - Projeto de José Serra em 2010 já prometia entregar o pré-sal. Helena Sthephanowitz, Rede Brasil Atual, 01 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/2018/07/projeto-de-jose-serra-em-2010-ja-prometia-entregar-o-pre-sal/> Acesso em 27 de julho de 2022.

Sob Ataque - Em seis minutos, a história da traição ao país e à democracia - Vídeo da Aepet conta como foi a conspiração que derrubou um governo, prendeu um futuro presidente, entregou o pré-sal e destruiu a maior empresa brasileira. Redação RBA, Rede Brasil Atual, 30 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/sem-categoria/2019/07/em-6-minutos-a-historia-da-traicao-ao-pais-e-a-democracia/> Acesso em 27 de julho de 2022.

Câmara trai o povo brasileiro e aprova entrega do pré-sal - Congresso aprova projeto do ministro golpista José Serra que tira da Petrobras a obrigação de participar da exploração do pré-sal. Bancada do PT foi contra. Site do Partido dos Trabalhadores, 06 de outubro de 2016. Disponível em: <https://pt.org.br/camara-trai-o-povo-brasileiro-e-aprova-entrega-do-pre-sal/> Acesso em 27 de julho de 2022.

Da escravidão a Temer vampiro: Tuiuti nos lembra que Carnaval é contestação. Leonardo Sakamoto, 12 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2018/02/12/da-escravidao-a-temer-vampiro-tuiuti-nos-lembra-que-carnaval-e-contestacao/> Acesso em 18 de dezembro de 2021.

Artista holandês acusa Fiesp de plágio do pato. Redação, Jornal GGN, 31 de março de 2016. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/crise/artista-holandes-acusa-fiesp-de-plagio-do-pato/> Acesso em 27 de julho de 2022.

O caso Marielle. The Intercept Brasil. Disponível em: <https://theintercept.com/series/caso-marielle-franco/> Acesso em 27 de julho de 2022. Dia 27 de julho é a data de aniversário de Marielle Franco.

Até o pescoço - Marielle, Bolsonaro e a milícia: os fatos que escancaram o submundo do presidente - Dois anos após a morte da vereadora, investigações expõem relações de Bolsonaro com criminosos. Igor Carvalho, Brasil de Fato, São Paulo, 14 de março de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/14/marielle-bolsonaro-e-a-milicia-os-fatos-que-escancaram-o-submundo-do-presidente> Acesso em 27 de julho de 2022.

Após prisões, delegado do caso Marielle será afastado - Motivo oficial é que o delegado, que deve fazer um intercâmbio na Itália, já cumpriu sua missão. Carta Capital, 13 de março de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apos-prisoas-delegado-do-caso-marielle-sera-afastado/> Acesso em 27 de julho de 2022.

Marielle assombra Flávio Bolsonaro mais morta do que viva - Não se pode voltar a matar os mortos, mas sua memória, sua força de denúncia, seu legado ainda continuam vivos. Nos julgam e nos perseguem. Juan Arias, El País, 25 de janeiro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/opinion/1548366291_877712.html Acesso em 29 de julho de 2022.

'Com o Supremo, com tudo': quem é Romero Jucá, o 'resolvedor-geral' da República - Presidente do PMDB, principal articulador de Michel Temer no Congresso e uma das estrelas da Lava Jato, Romero Jucá defende 'transição' no lugar do 'extermínio da classe política' encurralada pelo maior escândalo de corrupção da história. Lucas Ferraz (Agência Pública), Opera Mundi, 12 de julho de 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/47554/com-o-supremo-com-tudo-quem-e-romero-juca-o-resolvedor-geral-da-republica> Acesso em 29 de julho de 2022.

Prisão de Luiz Inácio Lula da Silva. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pris%C3%A3o_de_Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva#:~:text=A%20pris%C3%A3o%20de%20Luiz%20In%C3%A1cio,ter%20derrubado%20a%20pris%C3%A3o%20de Acesso em: 29 de julho de 2022.

Livro analisa avanços sociais durante governos Lula e Dilma. Redação, Fundação Perseu Abramo. 19 de março de 2018 - da <https://fpabramo.org.br/2018/03/19/livro-analisa-avancos-sociais-durante-governos-lula-e-dilma/> Acesso em 29 de julho de 2022.

Como os ruralistas capturaram o Congresso - Após a ditadura, o agrarismo tornou-se a maior bancada legislativa do país. Duas estratégias foram chaves: marketing pesado para camuflar seu atraso e o Instituto Pensar Agro, que articula lobistas, executivos e corporações transnacionais. Marcio Pochmann, sessão Crise Brasileira, Outras Palavras, 25 de julho de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/pochmann-como-os-ruralistas-capturaram-o-congresso/> Acesso em 29 de julho de 2022.

Bancos e grandes empresas são os que mais se beneficiarão no governo Bolsonaro - Enquanto o país "quebra", setores com maior poder econômico são capazes de manter lucros bilionários. Antonio Biondi e Napoleão de Almeida, Brasil de Fato, São Paulo, 23 de novembro de 2018, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/23/bancos-e-grandes-empresas-sao-quem-mais-se-beneficiara-no-governo-bolsonaro> Acesso em 20 de julho de 2022.

Quase R\$ 11 bilhões - Suprema Corte britânica anula decisão e mantém bloqueio de ouro venezuelano - Desde 2020, Banco Central da Venezuela tenta recuperar 31 toneladas de ouro público depositados no Banco da Inglaterra. Michele de Mello, Brasil de Fato, São Paulo, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/20/suprema-corte-britanica-anula-decisao-e-mantem-bloqueio-de-ouro-venezuelano> Acesso em 30 de julho de 2022.

STF anula decisões de Gabriela Hardt, a juíza do copia e cola substituta de Moro. Grupo Prerrogativas, 29 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/stf-anula-decisoes-de-gabriela-hardt-a-juiza-do-copia-e-cola-substituta-de-moro/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Justiça - Após ONU reconhecer parcialidade de Moro, STF anula decisões de Gabriela Hardt - Ricardo Lewandowski entendeu haver ilegalidade nas decisões proferidas pela substituta do ex-juiz Sergio Moro. Carta Capital, 29 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/apos-onu-reconhecer-parcialidade-de-moro-stf-anula-decisoes-de-gabriel-hardt/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Lava Jato - Filha da elite política catarinense, Gabriela Hardt segue perfil autoritário de Moro - Genealogia da juíza que substitui Sergio Moro na Lava Jato mostra raízes conservadoras e oligárquicas. Lia Bianchini, Brasil de Fato, Curitiba, 24 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/24/filha-da-elite-politica-catarinense-gabriela-hardt-segue-perfil-autoritario-de-moro/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Alysson Mascaro: "O que a esquerda fizer para o pobre, a elite vai tomar". TV 247, 1:06:03, 18 de julho de 2022, 36:14 – 38:09. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=336vADBLxOE&t=2469s> Acesso em 31 de julho de 2022.

Nota oficial do PT sobre bloqueio dos bens de Lula - PT repudia mais esta arbitrariedade e vai reagir, por todos os meios, para impedir que se consume essa violência inominável. Partido dos Trabalhadores, 19 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.pt.org.br/nota-oficial-do-pt-sobre-bloqueio-dos-bens-de-lula/> Acesso em 31 de julho de 2022.

Jair Bolsonaro - Empresários financiaram disparos em massa pró-Bolsonaro no Whatsapp, diz jornal - A prática é considerada ilegal pelo Tribunal Superior Eleitoral. Empresa espanhola foi contratada por brasileiros, afirma 'Folha de S.Paulo'. Gil Alessi e Manuel Viejo, São Paulo / Madri - 18 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/18/politica/1560864965_530788.html Acesso em 01 de agosto de 2022.

WhatsApp admite envio ilegal de mensagens em massa nas Eleições 2018 - Em palestra, executivo admitiu que empresas violaram os termos de uso do mensageiro, contratando ilegalmente disparos de mensagens no período eleitoral. Ana Letícia Loubak (colaboração) e Rubens Achilles (redação), 08 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/whatsapp-admite-envio-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-2018.ghml> Acesso em 01 de agosto de 2022.

Espírito de corpo militar - STM fez vista grossa a planos terroristas de Bolsonaro nos anos 1980. Conjur, 10 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-ago-10/stm-fez-vista-grossa-planos-terroristas-bolsonaro-anos-1980> Acesso em 01 de agosto de 2022.

Liberação de armas de fogo no Brasil - “Absoluto desastre”: Bolsonaro libera porte de armas para mais de 19 milhões de pessoas - Especialistas afirmam que decisão fere de morte o Estatuto do Desarmamento. Oposição irá recorrer ao STF. Gil Alessi, São Paulo, 10 de maio de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557344559_959983.html Acesso em 01 de agosto de 2022.

Da Nova República à república das milícias. Bruno Paes Manso – Ilustríssima – FSP - 25/10/2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CGxT1HKHJI_ Acesso em 01 de agosto de 2022.

Eleições - Bolsonaro acena a evangélicos, fala em "não votar com o coração" e condena aborto - Ao lado do pastor Silas Malafaia, Bolsonaro apostou em pautas ideológicas caras ao público evangélico como o aborto e drogas: "O que o outro lado quer, nós não queremos". E pediu que o povo vote com a "razão" e não com o "coração". Ingrid Soares, Correio Brasiliense, 02 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/07/5019609-bolsonaro-acena-a-evangelicos-fala-em-nao-votar-com-o-coracao-e-condena-aborto.html> Acesso em 02 de agosto de 2022.

Marcha para Jesus no ES tem Bolsonaro, arma gigante e caixão do PT - Bolsonaristas juntam os símbolos da morte e do ódio em um evento associado a um símbolo da vida e do amor. Redação, Jornal GGN, 24 de julho de 2022. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/marcha-para-jesus-no-es-tem-bolsonaro-arma-gigante-e-caixao-do-pt/> Acesso em 02 de agosto de 2022.

Visita à CIA expõe submissão de Bolsonaro aos interesses dos Estados Unidos - Fora dos compromissos oficiais, presidente Jair Bolsonaro visitou agência de informação, acusada de espionagem - inclusive pelo Brasil –, em visita diplomática ao país chefiado por Donald Trump. Redação RBA (Rede Brasil Atual), 19 de março de 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/03/visita-a-cia-expoe-submissao-de-bolsonaro-aos-interesses-dos-estados-unidos/> Acesso em 02 de agosto de 2022.

Todos os heróis de Jair Bolsonaro - No altar de Jair Bolsonaro, há uma lista com ladrões, assassinos, torturadores e um pedófilo que ganharam elogios públicos do presidente da República. João Filho, The Intercept Brasil, 03 de março de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/03/03/todos-os-herois-de-jair-bolsonaro/> Acesso em 02 de agosto de 2022.

No Acre, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’ e enviá-los à Venezuela. Poder360, 03 de setembro de 2018. Disponível em: www.poder360.com.br/eleicoes/no-acre-bolsonaro-fala-em-fuzilar-a-petralhada-e-envia-los-a-venezuela/ Acesso em 02 de agosto de 2022.

Jair Bolsonaro: "Erro da ditadura foi torturar e não matar". Redação, Fórum, Política, 08 de julho de 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2016/7/8/jair-bolsonaro-erro-da-ditadura-foi-torturar-no-matar-16711.html> Acesso em 02 de agosto de 2022.

Eduardo Bolsonaro vai à Cúpula Conservadora das Américas. Correio Brasiliense, 08 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/08/interna_politica,724092/eduardo-bolsonaro-vai-a-cupula-conservadora-das-americas.shtml Acesso em 03 de agosto de 2022.

Fatigue Society – Byung-Chul Han in Seoul / Berlin (documentário *A Sociedade do Cansaço*). Direção Isabella Gresser, Seul e Berlim, 2015,60:00. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY> Acesso em 04 de julho de 2022.

Pedro Pablo Rubens - Saturno devorando a un hijo. Museo Nacional del Prado. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/saturno-devorando-a-un-hijo/d022fed3-6069-4786-b59f-4399a2d74e50> Acesso em 05 de agosto de 2022.

Transgressão - Eugenio Merino, o artista que transformou a “cabeça” de Bolsonaro em bola de futebol - Imagens circularam esta semana e causaram controvérsia nas redes; artista espanhol explica qual foi a intenção. Maiara Marinho. Brasil de Fato, Cultura, São Paulo, 26 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/26/eugenio-merino-o-artista-que-transformou-a-cabeca-de-bolsonaro-em-bola-de-futebol> Acesso em 06 de julho de 2022.

Artistas usam cabeça falsa de Bolsonaro como bola. Manuela Dorea, Blog da Cidadania, 24 de setembro de 2020. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2020/09/artistas-usam-cabeca-falsa-de-bolsonaro-como-bola/> Acesso em 06 de agosto de 2022.

Liberdade! Liberdade? Mouzar Benedito. Editora Boitempo, 09 de maio de 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/09/cultura-inutil-liberdade-liberdade/> Acesso em 06 de agosto de 2022.

ALESSANDRI, Marcio. *Underpaintings: Grisaille*. Cozinha da Pintura. 2011. Disponível em: <https://cozinhadapintura.com.br/2011/01/18/tecnica-pintura-underpainting-grisaille-grisaglia-grisalha/> Acesso em 8 de agosto de 2022.

Bom dia 247 - Lula e Haddad no primeiro turno? TV247, 19 de agosto de 2022, 3:05:32, (39:30-40:37). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-ZnFzfnzX4> Acesso em 19 de agosto de 2022.

Manifesto - Defesa da democracia: confira o que dizem os manifestos de 11 de agosto - USP, Fiesp e OAB redigiram manifestos em defesa do Estado Democrático de Direito diante a intensificação dos ataques feitos por Bolsonaro ao processo eleitoral e às urnas. Vermelho - A esquerda bem informada.

Bárbara Luz, 10 de agosto de 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/08/10/defesa-da-democracia-confira-o-que-dizem-os-manifestos-de-11-de-agosto/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

Manifestações pelo país reafirmam apoio ao sistema eleitoral e à democracia - De Brasília a Salvador, do Rio de Janeiro a Campo Grande, brasileiros foram às ruas demonstrar seu rechaço a iniciativas golpistas do presidente Bolsonaro. Vermelho - A esquerda bem informada. Priscila Lobregatte, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/08/11/manifestacoes-pelo-pais-reafirmam-apoio-ao-sistema-eleitoral-e-a-democracia/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

Humberto Matos. *Por que a democracia burguesa é uma grande farsa?* Osório, 11 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Chlg3PcDINP/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

Assumpção, E., & Schramm, F. (2008). *A ética da sabotagem da Animal Liberation Front*. *Revista Brasileira De Bioética*, 4(3-4), 198–221. <https://doi.org/10.26512/rbb.v4i3-4.7887> Acesso em 11 de agosto de 2022.

A leitura de Achille Mbembe no Brasil. Carla Rodrigues e Suely Airesdisse, *Revista Cult*, 05 de novembro de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-leitura-de-achille-mbembe-no-brasil/> Acesso em 15 de agosto de 2022.

Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo - Após protestos nas redes sociais, banco Santander encerra mostra que abordava questões de gênero e de diversidade sexual. Heloísa Mendonça, *El País*, São Paulo, 13 de setembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html Acesso em 15 de agosto de 2022.

Conservadores atacam MAM com tese de que artistas corrompem crianças - Antes aliados de Eduardo Cunha e Geddel Vieira Lima, grupos como o MBL não encontram mais como defender a luta contra a corrupção e passam a atacar obras e manifestações de arte, defende professor da Unicamp. Redação RBA, *rede Brasil Atual*, 29 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/09/conservadores-atacam-mam-com-tese-de-que-artistas-corrompem-criancas/> Acesso em 15 de agosto de 2022.

Sem lugar para autopiedade, sem espaço para medo: Em tempos de pavor, os artistas nunca devem optar por permanecer em silêncio. Por Toni Morrison. *The Nation*, 23 de março de 2015. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/archive/no-place-self-pity-no-room-fear/> Acesso em 24 de janeiro de 2022.

O evangelho do neocolonialismo, por Philip S. Golub, 1 de setembro de 2002, *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-evangelho-do-neocolonialismo/> Acesso em 2 de dezembro de 2021.

“O Novo Caminho da Servidão: neoliberalismo como projeto de poder” por André Roncaglia de Carvalho professor de Economia na UNIFESP e organizador, juntamente com Nelson Barbosa, do livro

Bidenomics nos trópicos (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B7v-ldWAgp4>
Acesso em 28 de janeiro de 2022.

“EUA estão com a faca e o queijo na mão” – Lava Jato fez de tudo para ajudar a justiça americana – inclusive driblar o governo brasileiro. Andrew Fishman, Natalia Viana, Maryam Saleh, The Intercept Brasil em colaboração com Pública, 12 de março de 2020. Disponível em:
<https://theintercept.com/2020/03/12/lava-jato-driblou-governo-ajudar-americanos-doj/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

AIEA não pode interferir no projeto de submarino nuclear brasileiro, dizem especialistas. Solon Neto, Jornal do Brasil com Sputnik Brasil, 16 de junho de 2022. Disponível em:
<https://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/2022/06/1038074-aiea-nao-pode-interferir-no-projeto-de-submarino-nuclear-brasileiro-dizem-especialistas.html> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“Governo busca fábrica privada para substituir estatal de chips após liquidação - Ministro procura empresa para Brasil não depender de importações; estatal Ceitec era a única fábrica de chips e semicondutores da América Latina. Giovanni Santa Rosa, Tecnoblog, 27 de março de 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2022/05/27/governo-busca-fabrica-privada-para-substituir-estatal-de-chips-apos-liquidacao/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“De Costas para a América Latina”: vizinhos, mas nem tanto - Produção audiovisual questiona a ausência de cobertura jornalística sobre os países latinos e traz uma reflexão sobre a constituição histórica do território ao sul do continente, marcada por um passado de desigualdades, exploração e injustiças. Jornalistas Livres, 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/de-costas-para-a-america-latina-vizinhos-mas-nem-tanto/> Acesso em 18 de agosto de 2022.

“A América do Sul está de costas para o Brasil”- É no que acredita o colunista Pedro Dallari, diante da ação pífia do Brasil diante da pandemia de covid-19. Marcello Rollemberg, Rádio USP, 17 de março de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/a-america-do-sul-esta-de-costas-para-o-brasil/>
Acesso em 18 de agosto de 2022.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In. Revista Brasileira de Ciência Política. (11), Ago 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004> Acesso em 20 de agosto de 2022.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial. Revista de Ciências Sociais 60 (2), Apr-Jun 2017.
<https://doi.org/10.1590/001152582017127> Acesso em 20 de agosto de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Boaventura: o Colonialismo e o século XXI.* Outras Palavras, Geopolítica e Guerra, publicado em 02 de abril de 2018. Disponível em:
<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/boaventura-o-colonialismo-e-o-seculo-xxi/> Acesso em 2 de dezembro de 2021.

Em julho, Bolsonaro dedicou 40% da sua agenda para evangélicos - Às vésperas do início da campanha oficial, presidente intensificou encontros com religiosos e participação em marchas para Jesus. Mariama Correia, Pública, 1 de agosto de 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/08/em-julho-bolsonaro-dedicou-40-da-sua-agenda-para-evangelicos/> Acesso em 21 de agosto de 2022.

Boaventura de Sousa Santos, “O colonialismo insidioso”, *Jornal GGN*, 1º abr. 2018. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/artigos/o-colonialismo-insidioso-por-boaventura-sousa-santos/> Acesso em 4 de abril de 2018.

LUCE, Mathias Seibel. O subimperialismo, etapa superior do capitalismo dependente. *Tensões mund.* Fortaleza, v. 10, n. 18, 19, p. 43-65, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151487/000885705.pdf?sequence=1> Acesso em 22 de agosto de 2022.

Shaobo Xie, “*Rethinking the Problem of Postcolonialism*”, *New Literacy History – Cultural Studies: China and the West*, The Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 1, inverno de 1997, p.7-19; disponível em: <https://jstor.org/stable/20057397> Acesso em 25 de junho de 2018.

O Grande Experimento - Facebook Papers: As provas que faltavam para mostrar como a rede manipulou você. Tatiana Dias, Paulo Victor Ribeiro, Débora Lopes, The Intercept Brasil, 1 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/12/01/facebook-papers-provas-rede-manipulou-voce/> Acesso em 21 de agosto de 2022.

Algoritmo do Twitter privilegia discursos e políticos de direita. “Um estudo desenvolvido pela rede social, em conjunto com vários investigadores, demonstrou que o seu algoritmo favorece, duas a três vezes mais, perspectivas de direita, amplificando o seu alcance.” 24 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/internacional/algoritmo-do-twitter-privilegia-discursos-e-politicos-de-direita> Acesso em 23 de agosto de 2022.

Algoritmo do Twitter privilegia discursos e políticos de direita. “Um estudo desenvolvido pela rede social, em conjunto com vários investigadores, demonstrou que o seu algoritmo favorece, duas a três vezes mais, perspectivas de direita, amplificando o seu alcance.” 24 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.abrilabril.pt/internacional/algoritmo-do-twitter-privilegia-discursos-e-politicos-de-direita> Acesso em 23 de agosto de 2022.

‘Polícia brasileira é uma das que mais matam no mundo’, diz imprensa internacional após operação em favela do Rio

A incursão policial na Vila Cruzeiro foi destaque em vários países. RFI (Radio France Internationale), 26 de maio de 2022. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-brasileira-e-uma-das-que-mais-matam-no-mundo-diz-imprensa-internacional-apos-operacao-em-favela-do-rio/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

A Polícia que mais mata. Luigi Mazza, Amanda Rossi e Renata Buono, Revista Piauí, 26 de agosto de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/policia-que-mais-mata/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Negros são maioria dos mortos em ações policiais em seis estados - É o que revela pesquisa da Rede de Observatórios de Segurança. Cristina Índio do Brasil, Repórter da Agência Brasil, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/negros-sao-maioria-dos-mortos-em-acoes-policiais-em-6-estados> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Policiais negros são os que mais morrem, mesmo sendo minoria no efetivo (42%). Igor Mello, UOL, Rio de Janeiro, 15 de julho de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/07/15/--pm-com-mais-brancos-no-efetivo-policiais-negros-sao-os-que-mais-morrem.htm> Acesso em 25 de agosto de 2022.

NASCIMENRTO, Aline Maia. *“Tem que ter raça”: Polícia Militar como ascensão social negra.* Artigo escrito para o grupo de trabalho “Trajetórias e Estratégias de Ascensão Social de AfroDescendentes” da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Aline%20Maia%20Nascimento%20-%201021282%20-%204527%20-%20corrigido.pdf Acesso em 25 de agosto de 2022.

VIANA, Irma. *Arte política e a tarefa do intelectual em Terra em Transe.* Baleia na Rede, Vol. 1, nº 8, Ano VIII, Dez/2011 - ISSN 1808 -8473 – FFC/UNESP/Marília, SP, (p. 165). Disponível em: file:///E:/l/0001_DOUTORADO%20%20UNESP_2018-2022/BIBLIOGRAFIA%20GERAL/BIBLIOGRAFIA%202020/sobre%20Terra%20em%20Transe.pdf Acessado em 8 de julho de 2020.

20 Minutos História: Como nasceu o neoliberalismo? Breno Altman, Opera Mundi, 29 de novembro de 2019, 28:29. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iNEjq-iCEzg> Acesso em 24 de agosto de 2022.

Pinochet, o governante “mais violento e criminoso” da história do Chile. Rocío Montes, Ditadura Pinochet, Jornal El País, Santiago do Chile - 06 de outubro de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475720894_534437.html Acesso em 25 de agosto de 2022.

Se os Chicago Boys são tão bons, por que os EUA nunca nomearam um deles na área econômica? Marcelo Milan, Sul 21, Economia, 28 de junho de 2021. Disponível em: <https://sul21.com.br/opinioao/2021/06/se-os-chicago-boys-sao-tao-bons-por-que-os-eua-nunca-nomearam-um-deles-na-area-economica-por-marcelo-milan/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

O direito à educação como um direito humano. Benigno Núñez Novo, Jus, 26 de setembro de 2021. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/93519/o-direito-a-educacao-como-um-direito-humano> Acesso em 25 de agosto de 2022.

A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto - Cortes deliberados em ciência, tecnologia e educação são parte do plano antinacional de inviabilização do futuro do Brasil. Carta Capital, 05 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-crise-da-educacao-no-brasil-nao-e-uma-crise-e-projeto/> Acesso em 20 de julho de 2022.

O que é o Neoliberalismo? Silvio Almeida, Silvio Responde, 28:19, 27 de outubro de 2021, (9:45-10:20). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sjG5JgpnzaA> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Há 46 anos, golpe com apoio dos EUA inaugurava ditadura de Pinochet. Antonio Alonso, Fundação Perseu Abramo, 11 de setembro de 2019. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2019/09/11/ha-46-anos-golpe-militar-com-apoio-dos-eua-inaugurava-ditadura-de-pinochet/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Projeto de Bolsonaro quer tirar dinheiro do pré-sal da saúde e educação - Em ano eleitoral, governo prevê conseguir até R\$ 398 bi com venda antecipada da parte da União em blocos de petróleo. Vinicius Konchinski, Brasil de Fato, Curitiba (PR), 10 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/10/projeto-de-bolsonaro-quer-tirar-dinheiro-do-pre-sal-da-saude-e-educacao> Acesso em 25 de agosto de 2022.

Escola Sem Partido: Origens e ideologias. Fernanda Pereira de Moura, Ciência Hoje, janeiro de 2019. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/escola-sem-partido-origens-e-ideologias/> Acesso em 26 de agosto de 2022.

Sob pressão da Justiça, secundaristas completam um mês de ocupações nas escolas - Multa e até técnicas de tortura são usadas por magistrados para tentar sufocar um movimento que tem como bandeira a educação pública. Carta Capital, 4 de novembro de 2016. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/sob-pressao-da-justica-estudantes-secundaristas-completam-um-mes-de-ocupacoes-nas-escolas> Acesso em 26 de agosto de 2022.

A subversão dos alunos que ocuparam suas escolas. Luis Nassif, Jornal GGN, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/a-subversao-dos-alunos-que-ocuparam-suas-escolas/> Acesso em 26 de agosto de 2022.

Escola Sem Partido: amordaçar os professores para aprofundar os ataques à educação - Uma das pretensões da “Lei da mordaça” é o ataque à liberdade, que é uma das conquistas da sociedade moderna. Regis Clemente da Costa, Brasil de Fato, Curitiba, PR, 07 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2018/12/07/escola-sem-partido-amordacar-os-professores-para-aprofundar-os-ataques-a-educacao> Acesso em 26 de agosto de 2022.

Necropolônia 1016-2019, Verve Galeria, 2019, 7:59. Imagens e edição de Jerri Rossato Lima e som de Marcelo Armani. Disponível em:

Necropolônia 2016-2019, Verve Galeria, São Paulo, 2019, 7:59. Imagens e edição de Jerri Rossato Lima e som de Marcelo Armani. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B5oLJnthYC5/>

Acusar Bolsonaro de genocida é direito dos vivos exercido em nome de mortos. Leonardo Sakamoto, UOL e Isadora Attab, Elefante Edições, 26 de agosto de 2022. Disponível em: https://elefanteeditora.com.br/acusar-bolsonaro-de-genocida-e-direito-dos-vivos-exercido-em-nome-de-mortos/?ct=t%28DAREDA CAO_breno%2311_Tira%2323_Retratos_20201025_COPY_%29&mc_cid=9cd2a89344&mc_eid=aedfe1c0a6 Acesso em 28 de agosto de 2022.

Nem um centímetro a mais para os indígenas e para a biodiversidade no Brasil de Bolsonaro - Presidente paralisa a criação de novas unidades de conservação e de terras indígenas, o que incentiva invasões e prejudica o combate ao aquecimento global. Naiara Galarraga Gortázar, El País, São Paulo, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-20/nem-um-centimetro-a-mais-para-os-indigenas-e-para-a-biodiversidade-no-brasil-de-bolsonaro.html> Acesso em 28 de agosto de 2022.

É verdade que Bolsonaro elogiou cavalaria norte-americana por dizimar índios. Chico Marés, Lupa, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/12/06/verificamos-bolsonaro-cavalaria/> Acesso em 28 de agosto de 2022.

EUA: Trump estimula violência política dos supremacistas brancos na campanha - Entenda como se formou a nova extrema-direita racista nos EUA. Milton Alves, Brasil de Fato, Curitiba, 04 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2020/10/04/eua-trump-estimula-violencia-politica-dos-supremacistas-brancos-na-campanha> Acesso em 28 de agosto de 2022.

O pai e o avô de Trump: o historial que o liga ao Ku Klux Klan. Joana Azevedo Viana, Expresso (Portugal), 29 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2016-02-29-O-pai-e-o-avo-de-Trump-o-historial-que-o-liga-ao-Ku-Klux-Klan> Acesso em 28 de agosto de 2022.

Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG - Número de páginas na Internet que pregam a supremacia branca cresceram desde 2019 e se alimentam de discursos e de gestos do presidente e de outros apoiadores, dizem estudiosos. Gil Alessi, Naira Hofmeister, El País, São Paulo e Porto Alegre, 09 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html#?rel=mas> Acesso em 28 de agosto de 2022.

Há 5 anos, Beto Richa massacrava os professores no Centro Cívico de Curitiba. Esmael Moraes, Blog do Esmael, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.esmaelmoraes.com.br/ha-5-anos-beto-richa-massacrava-os-professores-no-centro-civico-de-curitiba/> Acesso em 28 de agosto de 2022.

“Bolsonaro compara ovada que levou com espancamento de professora”, Esquerda Diário. https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=17535 Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

“Professora é agredida por aluno de 15 anos em Santa Catarina”, Correio Brasiliense, 21 de agosto de 2017. Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/08/21/internas_polbraeco,619581/professora-e-agredida-por-aluno-de-15-anos-em-santa-catarina.shtml > Acesso em: 22 de agosto de 2017

“Professora é agredida por aluno de 15 anos em Santa Catarina”, *Correio Brasiliense*, 21 de agosto de 2017. Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/08/21/internas_polbraeco,619581/professora-e-agredida-por-aluno-de-15-anos-em-santa-catarina.shtml Acesso em: 22 de agosto de 2017

Órgãos da ONU cobram Brasil por 20 anos de assassinatos pela polícia. Jamil Chade, Uol, 21 de agosto de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/08/21/orgaos-da-onu-cobram-brasil-por-20-anos-de-assassinatos-pela-policia.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 29 de agosto de 2022.

"Escravidão foi adaptada ao capitalismo, é inerente ao sistema". Rede TVT, 27 de agosto de 2021 (5:52-7:12), 12:06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oQjw5W2Gv0U> Acesso em 20 de agosto de 2022.

Democracia em transe. Fábio Palácio, Le Monde Diplomatique Brasil, 22 de julho de 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/democracia-em-transe/> Acesso em 29 de agosto de 2022.

The Rise of Bolsonaros. PBS, série com lançamento em 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.pbs.org/show/rise-bolsonaros/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

“João Cezar de Castro Rocha explica quem foi Olavo de Carvalho”, TV 247, (mín.13:45-15:45). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0rtKplvYYc> Acesso em 26 de janeiro de 2022.

Temer teria comprado silêncio de Eduardo Cunha na prisão, diz reportagem de O Globo - Donos da JBS teriam gravado momento em que presidente golpista teria dado aval para compra de ex-deputado. Brasil de Fato, São Paulo, 17 de maio de 2017. Disponível em: Brasil de Fato, São Paulo, 17 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/05/17/temer-teria-comprado-silencio-de-eduardo-cunha-na-prisao-diz-reportagem-de-o-globo> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Os golpistas Eduardo Cunha e Michel Temer entregam-se ao próprio ethos e agem contra Lula na eleição. André Barrocal, Carta Capital, 04 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-escorpiones/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

FHC é golpista, o PSDB é derrotado e a marcha de 15 de março é contra o Brasil. Davis Sena Filho, Sindicato dos Servidores Públicos Federais de Pernambuco - SINDSEP-PE, 03 de março de 2015. Disponível em: <https://www.sindsep-pe.com.br/artigos-detalle/fhc-e-golpista-o-psdb-e-derrotado-e-a-marcha-de-15-de-marco-e-contra-o-brasil/4165#.Yw4-XHbMLIU> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Dez principais motivos do golpe contra Dilma (e a culpa dos golpistas). Leonardo Attuch (TV 247), Fundação Perseu Abramo, 25 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2021/01/25/os-dez-principais-motivos-do-golpe-contra-dilma/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Sergio Moro está cada vez mais parecido com Aécio Neves - Moro pensa que ninguém vai se lembrar da Vaza Jato, que provou perseguição a Lula, ao PT e a esquerda. Rogério Correia, Brasil de Fato MG, Belo Horizonte, 03 de fevereiro de 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefatomg.com.br/2022/02/03/artigo-sergio-moro-esta-cada-vez-mais-parecido-com-aecio-neves> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Entre Amigos - O que a foto de Moro, Aécio, Alckmin e Temer revela sobre a conjuntura nacional.

Guilherme de Almeida Soares, Esquerda Diário, São Paulo, 7 de dezembro de 2016. Disponível em:

https://www.esquerdadiario.com.br/O-que-a-foto-de-Moro-Aecio-Alckmin-e-Temer-revela-sobre-a-conjuntura-nacional?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter

Acesso em 30 de agosto de 2022.

Toffoli detalha atuação do STF para blindar Bolsonaro e manter Lula preso - Presidente da Suprema Corte diz que agora julgará prisão em segunda instância, pois 'não causará tumulto'. Alexandre Putti, Carta Capital, 12 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/toffoli-detalha-atuacao-do-stf-para-blindar-bolsonaro-e-manter-lula-presos> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Toffoli admite interferência para evitar impeachment de Bolsonaro. Rafael Duarte, Saiba Mais, 09 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-26/toffoli-arquiva-acao-bolsonaro-divulgacao-repasses> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Toffoli arquiva ação contra Bolsonaro por divulgação de repasses aos estados. Rafa Santos, Revista Consultor Jurídico, 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2019/08/toffoli-admite-interferencia-para-evitar-impeachment-de-bolsonaro/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Autores de impeachment não comprovam supostos crimes de Dilma - Janaína Paschoal e Miguel Reale Jr não conseguiram provar existência de crime de responsabilidade. Senadores contra o golpe desmontaram teses golpistas. Camilo Toscano, da Agência PT de Notícias, 29 de abril de 2016.

Disponível em: <https://pt.org.br/autores-de-impeachment-nao-comprovam-supostos-crimes-de-dilma/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

A acusadora - Como a advogada Janaina Paschoal, uma desconhecida professora da USP, se transformou em peça-chave do impeachment. Julia Duailibi, Revista Piauí, Edição 122, Novembro 2016. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-acusadora-janaina-paschoal/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Janaína Paschoal admite farsa do impeachment: "Alguém acha que Dilma caiu por um problema contábil?". Fabio M Michel, RBA, 14 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/09/janaina-paschoal-admite-farsa-do-impeachment-alguem-acha-que-dilma-caiu-por-um-problema-contabil/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Previdência - Bolsonaro, Maia e Toffoli firmam pacto: para que milhões trabalhem até morrer. Máira Machado e Felipe Guarnieri, 28 de maio de 2019. Disponível em:

<https://www.esquerdadiario.com.br/Bolsonaro-Maia-e-Toffoli-firmam-pacto-para-que-milhoes-trabalhem-ate-morrer> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Amizade de Gilmar com Aécio o torna suspeito, dizem especialistas - Na última semana, ministro do STF mandou arquivar processo contra senador tucano, com quem mantém relação de amizade. Leonardo Fernandes, Brasil de Fato, São Paulo, 03 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/03/amizade-de-gilmar-com-aecio-o-torna-suspeito-dizem-especialistas> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Moro, Deltan e Janot na política: Lava Jato assume o partido que sempre foi Ex-coordenador da Lava Jato, Dallagnol anunciou que entrará na política, seguindo os passos de Moro. A Vaza Jato deu o spoiler. João Filho, The Intercept Brasil, 6 de novembro de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/11/06/moro-deltan-dallagnol-janot-lava-jato-partido-politica/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Moro defende Dallagnol, parceiro de abusos na Lava Jato: “Arbitrariedade” - O ex-juiz, considerado suspeito e parcial pelo STF, se solidarizou com Dallagnol e Rodrigo Janot, condenados pelo TCU na “farra das diárias e passagens”. Lucas Vasques, Revista Fórum, 09 de agosto de 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/8/9/moro-defende-dallagnol-parceiro-de-abusos-na-lava-jato-arbitrariedade-121423.html> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Agente da CIA? Treinado pelo FBI? Um raio-x da relação Moro-EUA. Daniel Giovanaz, Brasil de Fato, Curitiba, 05 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2017/06/05/agente-da-cia-treinado-pelo-fbi-um-raio-x-da-relacao-moro-eua> Acesso em 30 de agosto de 2022.

O Le Monde disse o que já se sabia: a Lava Jato atuou como uma agência dos EUA no Brasil. Larissa Liz Odreski Ramina, Grupo Prerrogativas, 12 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/o-le-monde-disse-o-que-ja-se-sabia-a-lava-jato-atuou-como-uma-agencia-dos-eua-no-brasil/> Acesso em 30 de agosto de 2022.

NASSIF, Luís. *JK e Lucas Lopes*. Folha de São Paulo, Mercado, São Paulo, domingo, 15 de janeiro de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1501200608.htm> Acesso em 27 de março de 2022.

CARVALHO, Joaquim de. *A Grande Farsa – Como Moro enganou o Brasil e ficou rico*. TV 247, 27 de abril de 2022, 2:19:57. Disponível em: Acesso em 2 de abril de 2022.

Bom dia 247, com Attuch, Rodrigo e Florestan (27.03.22), Leonardo Attuch 34:14-34:47; Florestan Fernandes Jr. 35:00-37:11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C66IMINMeW0&t=2086s> Acesso em 27 de março de 2022.

Le naufrage de l’opération anticorruption « Lava Jato » au Brésil. Par Gaspard Estrada (Opalc, Sciences Po) et Nicolas Bourcier. Le Monde. Publié le 09 avril 2021 à 16h33. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2021/04/09/au-bresil-une-operation-anticorruption-aux-methodes-contestables_6076204_3210.html Acesso em 27 de março de 2022.

O Mal em nome do Bem. Jornal francês mostra como os EUA usaram a "lava jato" para seus próprios fins. Revista Consultor Jurídico - Conjur, 10 de abril de 2021, 12h49. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-abr-10/jornal-frances-mostra-eua-usaram-moro-lava-jato> Acesso em 27 de março de 2022.

Entenda: como um governo militarizado corrói a democracia brasileira - Protagonismo de militares na gestão Bolsonaro compromete políticas públicas e cria ambiente de ameaça golpista no país. Pedro Rafael Vilela, Brasil de Fato, Brasília, 31 de março de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/31/entenda-como-um-governo-militarizado-corroi-a-democracia-brasileira> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Presença militar no governo Bolsonaro é corporativista e sem projeto, diz pesquisador - Cientista político e professor da FESPSP, William Nozaki analisa militarização da administração pública no Brasil. Lu Sudré, Brasil de Fato, São Paulo, 23 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/23/presenca-militar-no-governo-bolsonaro-e-corporativista-e-sem-projeto-diz-pesquisador> Acesso em 30 de agosto de 2022.

"Tem que impor", diz Bolsonaro a Ibaneis sobre militarização das escolas - Em fala, o presidente fez referência ao governador do DF que propôs a adoção da militarização em algumas escolas da capital e algumas escolas rejeitaram. Rodolfo Costa, Correio Brasiliense, 05 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/09/05/interna_politica,780922/tem-que-impor-diz-bolsonaro-a-ibaneis-sobre-militarizacao-das-escolas.shtml Acesso em 30 de agosto de 2022.

Conforme site do IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/13/5908> - a fonte é o INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2021. Brasília: Inep, 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> Acesso em: 30.05.2022.

O que se sabe sobre a militarização das escolas proposta por Bolsonaro - Em decreto publicado na quarta-feira, Ministério da Educação prevê que escolas estaduais e municipais possam aderir a modelo inspirado nos colégios militares. Itamar Melo, Gaúcha ZH, 3 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/01/o-que-se-sabe-sobre-a-militarizacao-das-escolas-proposta-por-bolsonaro-cjqh7ysdq0p9j01pixvus15oj.html> Acesso em 30 de agosto de 2022.

REIS, L. C. R. d.; ALVES, M. F. A.; SANTOS, E. J. F.; SILVA, F. L. S.; FERREIRA, N. S. R. Militarização de escolas públicas e o governo Bolsonaro. Tecnia – Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do Instituto Federal de Goiás, v. 4, n. 2 (2019). Disponível em: <https://revistas.ifg.edu.br/tecnica/article/view/744> Acesso em 30 de agosto de 2022.

O Partido Militar é a verdadeira ameaça à democracia Lenta, segura e gradual é a ascensão dos militares, que iniciaram de novo a politização das Forças Armadas. José Dirceu, Poder 360, 01 de maio

de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/o-partido-militar-e-a-verdadeira-ameaca-a-democracia> Acesso em 30 de agosto de 2022.

O projeto de poder do Partido Militar e os riscos da 'militarização da vida'. Entrevista especial com Ana Penido e Suzeley Kalil - Para as pesquisadoras, essa organização visa perpassar Executivo, Legislativo, Judiciário, imprensa e outras organizações da sociedade civil, além da própria democracia. João Vitor Santos, Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 22 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/611312-o-projeto-de-poder-do-partido-militar-e-os-riscos-da-militarizacao-da-vida-entrevista-especial-com-ana-penido-e-suzeley-kalil> Acesso em 30 de agosto de 2022.

O partido militar. Lincoln Secco, Instituto Humanitas Unisinos - IHU, 03 outubro 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/593117-o-partido-militar> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Educador critica plano militar para a Educação: 'A única escola ideologizada no Brasil é a cívico-militar' – Carta Capital, 22 de maio de 2022. Para Daniel Cara, o 'projeto' para 2035 e a proposta que chega à Câmara prevendo mensalidade em universidades públicas mostram a falta de compromisso da caserna com o Brasil. Ana Luiza Basilio, Carta Capital, 22 de maio de 2022. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/educador-critica-plano-militar-para-a-educacao-a-unica-escola-ideologizada-no-brasil-e-a-civico-militar> Acesso em 1 de setembro de 2022.

Metade do patrimônio do clã Bolsonaro foi comprada em dinheiro vivo. Thiago Herdy e Juliana Dal Piva, Uol, 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/30/patrimonio-familia-jair-bolsonaro-dinheiro-vivo.htm> Acesso em 1 de setembro de 2022.

Banditismo, necropolítica e lucro a qualquer custo: a Amazônia virou uma terra sem lei? - Criminosos ambientais capturaram o estado e desmontam políticas cuidadosamente construídas ao longo de décadas. Murilo Pajolla, Brasil de Fato, Lábrea, AM, 22 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/22/banditismo-necropolitica-e-lucro-a-qualquer-custo-a-amazonia-virou-uma-terra-sem-lei> Acesso em 21 de julho de 2022

“O Museu é uma instituição autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação que completou 200 anos em 2018”. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html> Acesso em 17 de julho de 2021.

Por que o crânio de Luzia é tão importante para a ciência? Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-o-cr%C3%A2nio-de-luzia-%C3%A9-t%C3%A3o-importante-para-a-ci%C3%Aancia/a-45336595> Acesso em 17 de julho de 2021.

“Descoberto na década de 1970 no sítio arqueológico da Lapa do Santo, em Lagoa Santa (MG), o crânio de Luzia foi encontrado recentemente nos escombros deixados pelo incêndio do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.” Disponível em:

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/dna-antigo-conta-nova-historia-sobre-o-povo-de-luzia/> acesso em 17 de julho de 2021.

A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto. Carta Capital, 05 de setembro de 2017 - 14:53. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-crise-da-educacao-no-brasil-nao-e-uma-crise-e-projeto>

Acesso em 17 de julho de 2021

Encarar a morte, para recuperar a vida - Ideia da finitude dos corpos é igualitária e desalienante. Por isso, a modernidade capitalista ocultou-a por séculos. A pandemia reembaralha as cartas. A certeza de que todos pereceremos precisa ser convite a transformar a vida em comum. Gustavo Assano, Outras Palavras, Pós-Capitalismo, 10 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/encarar-a-morte-para-recuperar-a-vida/> Acesso em 1 de setembro de 2022.

Thiago Martins de Melo, *Necrobrasiliãna*, 2019, Galeria Leme. Disponível em: <https://galerialeme.com/en/expo/necrobrasiliãna/?section=photos> Acesso em 1 de setembro de 2022.

Poder e desenvolvimento: o declínio dos mitos liberais - Em toda parte, volta-se a reconhecer o papel dos Estados na defesa das economias nacionais. Para escândalo dos liberais brasileiros, da elite financeira e dos generais, que insistem em manter país na contramão dos ponteiros do mundo. José Luís Fiori e William Nozaki, Outras Palavras, 04 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/poder-e-desenvolvimento-o-declinio-dos-mitos-liberais/> Acesso em 02 de setembro de 2022.

O mito do livre-mercado nos Estados Unidos: O papel do estado no desenvolvimento norte-americano. Marlon Andrey Nunes da Silva. 10º Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros, 2016. Disponível em: <http://www.fepeg2016.unimontes.br/index.php/anais/ver/1104> Acesso em 02 de setembro de 2022.

Em Debate: Capitalismo x Socialismo – Renata Barreto e Elias Jabour. Inteligência Ltda, 29 de agosto de 2022. 3:32:46. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-dvcPHV8ck&t=1452s> Acesso em 30 de agosto de 2022.

Reagindo ao debate entre Elias Jabour e Renata Barreto no Inteligência Ltda. Humberto Matos, 29 de agosto de 2022. 2:36:16. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QT_peKMCOTs Acesso em 1 de setembro de 2022.

IPEIA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68 Acesso em 3 de setembro de 2022.

IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=o-que-e> Acesso em 3 de setembro de 2022.

Auditoria Cidadã. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/> Acesso em 03 de setembro de 2022.
Gasto com a dívida pública sem contrapartida quase dobrou de 2019 a 2021. Maria Lucia Fattorelli, Rodrigo Ávila, Auditoria Cidadã da Dívida Pública, 15 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/gasto-com-divida-publica-sem-contrapartida-quase-dobrou-de-2019-a-2021/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

RONCAGLIA, André. O Novo Caminho da Servidão: neoliberalismo como projeto de poder. 2021. (58:50). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B7v-ldWAgp4> Acesso em 31 de janeiro de 2022.

País de Helmsboro. Jessica Oralkan, Collecteurs. Disponível em: <https://www.collecteurs.com/essay/helmsboro-country> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Lama da corrupção de Sergio Moro respinga na Rede Globo. Milton Alves, Brasil de Fato, 01 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2022/01/31/lama-da-corrupcao-de-sergio-moro-respinga-na-rede-globo> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Baixar impostos sobre cigarro aumenta chance de câncer de pulmão. Universidade de São Paulo, Departamento de Biologia Celular e Molecular e Bioagentes Patogênicos, 2019. Disponível em: <http://rbp.fmrp.usp.br/baixar-impostos-sobre-cigarro-aumenta-chance-de-cancer-de-pulmao/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Segunda parte: Sergio Moro, o ex-juiz que rasgou a Constituição - Retornamos à série que iniciamos na semana passada para tratar das gravíssimas violações cometidas por Moro. Jorge Folena, Brasil de Fato, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/14/analise-segunda-parte-sergio-moro-o-ex-juiz-que-rasgou-a-constituicao-por-jorge-folena> Acesso em 03 de setembro de 2022.

A metáfora que explica a trajetória de Sergio Moro - Sergio Moro começa a receber os despojos de uma rapina que está longe de acabar. Juiz de primeira instância percebeu entre seus surtos de grandeza que estaria na política, e não no direito, a sua maior oportunidade de brilhar num país sedento de salvadores. Carlos Fernandes, DCM, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/11/metafora-trajetoria-de-sergio-moro.html> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Sergio Moro: a patética trajetória política do nosso herói trapalhão. João Filho, Grupo Prerrô, Intercept Brasil, 19 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.prerro.com.br/sergio-moro-a-patetica-trajetoria-politica-do-nosso-heroi-trapalhao> Acesso em 3 de setembro de 2022.

Sergio Moro. O cinismo golpista por trás do discurso de Moro em defesa do Estado de Direito. Redação, Esquerda Diário, 24 de abril de 2020. Disponível em: https://www.esquerdadiario.com.br/O-cinismo-golpista-por-tras-do-discurso-de-Moro-em-defesa-do-Estado-de-Direito?amp=1&gclid=CjwKCAjw9suYBhBIEiwA7iMhNC632ghdIYldAQN9hP1ZI82in1Qjp8fV2OKms7sBtbS1mDgIL0KjAhoCaCMQAvD_BwE Acesso em 03 de setembro de 2022.

Por que Moro defende tanto os fabricantes de cigarro, a indústria que mata? Moisés Mendes, Diário do Centro do Mundo – DCM, 03 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-moro-defende-tanto-os-fabricantes-de-cigarro-a-industria-que-mata-por-moises-mendes/> Acesso em 3 de setembro de 2022.

Sérgio Moro quer reduzir o preço do cigarro e AGU processa indústria por gasto com doentes. Carta Campinas, 21 de maio de 2019. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2019/05/sergio-moro-tenta-reduzir-o-preco-do-cigarro-e-agu-processa-industria-por-gasto-com-doentes/> Acesso em 03 de setembro de 2022.

Pensar História, 04 de setembro de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CiF_ublLo5D/ Acesso em 04 de setembro de 2022.

<https://www.aspensecurityforum.org/2022-agenda-in-person-asf> Acesso em 04 de setembro de 2022.

A nebulosa visita do empresário Elon Musk e o lítio brasileiro. Elaine Santos e Maria da Penha Vasconcellos, Jornal da USP, 18 de julho de 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=541461> Acesso em 04 de setembro de 2022.

Governo Zema vende mina de lítio de R\$ 208 mi a duas empresas com capital inferior a 1 salário mínimo – Lítio o petróleo do século XXI. Redação, Viomundo – Diário da Resistência, 25 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/marco-aurelio-carone-governo-zema-vende-mina-de-litio-de-r-208-milhoes-a-duas-empresas-com-capital-inferior-a-1-salario-minimo.html> Acesso em 04 de setembro de 2022.

Thiago Martins de Melo. Solange Farkas, 2019. Disponível em: <https://www.thiagomartinsdemelo.com.br/textos> Acesso em 1 de setembro de 2022.

Lula é eleito novamente presidente da República do Brasil. Tribunal Superior Eleitoral. 30 de novembro de 2022. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presidente-da-republica-do-brasil> Acesso em 1 de novembro de 2022.

Apêndice 1

***O que resta de um encontro*¹:**

Estâncias, distâncias, passagens

Para este lado do infinito, turvo finito, os cantos vazam, os cantos ocam, desprotegem, desguardam corpos.

Não confinam, confins.

Então...

Que a distância nos guarde

Descontinuidades, os planos não funcionam, as linhas não cercam. Marcam, mas falham, o olhar atravessa. O corpo através. Sem descanso. Estar só acompanhado. Desacompanhado. Só. *Nhado*. Des. *Enhado*. Separar sílabas, se parar fica. Então, sem parar, como se fraccionasse o átomo em palavra, pequenas experiências podem ocorrer, ou correr, escapar do nome, porque o nome prende.

Eu quero muito, o mínimo. Tenho grandiosidades com o pouco. Aqui sou o meu limite sobre Manoel², aqui sou um termômetro e duas estátuas egípcias³. Madeira de construção. Linha de rumo. Depois farei melhor. Depois faço. Depois, depois, depois...

Estas peças como uma descrição (austeridade, qualidade de discreto, reservado) – descrição (traçado, delimitação, definição, exposição), descrever - descrever, ver. Ver para descrever. Ver para descrever, escrever. Desescrever, desver. Escrever para esquecer, e assim abrir espaços (na cabeça). *Crânio último abrigo*⁴. Lugar mínimo. Lugar de estar.

Para este lado do finito, descontinuidades. As paredes caem, as fronteiras linha. Passagem aberta, perigos possíveis. Te quero aqui para sempre... agora é sombra de desejo. Bandeira a meio-pau. O que resta deste encontro é sombra de meio tom. Absoluta finitude. Amargor escuro. Sombra dos dias, angústia das noites. Mesa jaula. Breuer, Rietveld. A distância nos grade. Ofensas brandas, reverências ao vazio. Nenhum sonho é permitido aqui. Aqui eficiência. Não sou aqui. Me falta potência de ser aqui. Me falta.

Eu declino. Sou mais as *desexatidões* das casas de Ouro Preto. Pisos em declive, aclave, parede torta, porta morta. Camas vazias. Lugar Fantasma. Sombras em lombas, sombras queimadas. Coisa de Sombra. Caixas vazias. Vazios de crânio. Órbitas vazias. Medidas de morte. Vazios de caixa, fins de

saída. Continente, conforto, confronto. Objeto de contorno. O canto de espaço que me envolve.
Dimensões do estar. O lugar de estar. Estou aqui. Não estou aqui. Eu passo.
Declino da eficiência, da produção em série, das lições de campeão. Rever valores.
Declino das estruturas de controle social. Declino do permitido, do não permitido. Consciência de norte, norte, norte. Molduras vazias, problemas portáteis. *Monocromossomias*. Não quero afirmar o mito de essência ou destino. A cultura é a régua, a arte a potência. A matemática vai salvar o mundo, a arte vai torná-lo suportável.
Liberdades condicionadas. Desencontros, desconversas, desconfortos. Cruzamentos, desolhares, deslocamentos, desolamentos, isolamentos. Contornos. Objeto lugar. Móvel-lugar. *Casamínima*.
Habitar o móvel.
Ainda Melancolia.
Deleuze nos livre!
Demorei para chegar aqui...
no meio

LZ 2012 SP

Escrito montado entre meados de junho e agosto de 2012 SP, pensando nos trabalhos da primeira exposição individual na galeria Virgílio, em 12 de setembro de 2012 (a partir de anotações precedentes que acompanham desenhos de projetos). As notas de rodapé foram incluídas depois do escrito já constituído, para propiciar uma leitura mais ampla, e para não deixar de indicar leituras e contatos com autores fundamentais que permitiram a chegada neste ponto.

Notas

- 1 Proposição apresentada na forma de pergunta nas aulas do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS por Edson Luiz André de Sousa (escritor, pesquisador, psicanalista e professor da pós-graduação em psicologia social e institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS). Aqui proponho uma possível contribuição (reverberação) sobre a questão.
- 2 Manoel de Barros, poeta brasileiro. Manoel escreve sobre as coisas ínfimas, já nos títulos de seus livros é possível identificar este interesse recorrente: *Gramática expositiva do chão* (1966), *O livro das ignorâncias* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Retrato do artista quanto coisa* (1998), *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), entre outros.
- 3 Os poucos objetos presentes no pequeno quarto do escultor suíço Alberto Giacometti, conforme documentário

apresentado dentro da exposição sobre o artista na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2012.

- 4 Samuel Beckett, *Poèmes* (1978) in DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ser Crânio: Lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. “Georges Didi-Huberman vai construindo, assim, uma teoria da escultura, cujo enfoque não é mais o objeto, mas a espacialidade, o lugar por onde a escultura passa”. (p. 14). Ainda: “... surgem não exatamente coisas, não exatamente espaços... uma escultura que transforma os objetos em sutis atos de lugar, em ter-lugares”. (p.45). Texto publicado em 1997 no catálogo da exposição de Giuseppe Penone no Musée d’art Contemporain de Nîmes.

Anexo 1

Texto do curador e crítico Cauê Alves que integra o catálogo da exposição Que a Distância nos Guarde,

Estrutura e corpo

A presente mostra de Luciano Zanette trata da relação do espaço com o corpo. E o espaço, tal como ele se revela nos trabalhos tridimensionais, não possui uma dimensão pública, ao contrário, trata-se do campo privado. As obras se aproximam de ambientes domésticos fundidos a móveis como mesa, cadeira ou cama. Entretanto, as referências ao mobiliário são indiretas. Nenhum dos trabalhos poderia ser usado para apoiar, sentar ou deitar. Apesar do primoroso acabamento em madeira, eles se afastam do campo do design e não possuem qualquer utilidade. O artista desconstrói os objetos e formas cotidianas com as quais estamos acostumados e reinventa uma espécie de mobília sem função que se conecta de modo franco e aberto ao espaço circundante.

Todas as esculturas possuem linhas retas e formas geométricas com clara referência às vanguardas construtivas. A diferença central é que enquanto os concretistas, por exemplo, almejaram um futuro melhor, um mundo mais justo, e viam nas formas regulares e na própria razão a possibilidade de alcançar a utopia, o trabalho de Zanette é mais sombrio e avesso a utopias. Longe da atmosfera solar e otimista de algumas das vertentes construtivas, suas peças possuem tons mais escuros e certa morbidez ressaltada por pequenos crânios esculpidos e pintados. Não há nesses trabalhos qualquer aposta num mundo melhor, mas a percepção de que sobre o presente e o futuro pairam nuvens escuras e pesadas.

Num primeiro olhar as pinturas se assemelham às tradicionais naturezas-mortas do gênero “vanitas”, que com frequência apresentam crânios. Comuns nos séculos XVI e XVII, especialmente no norte da Europa e nos Países Baixos, as pinturas no estilo “vanitas” são símbolos da brevidade da vida e da consciência da inevitável chegada da morte, ou seja, de que tudo apodrece e vira pó. Elas são como lições de moral que nos lembram que os prazeres mundanos, as vaidades, são passageiros e que o apego aos bens materiais assim como o abandono da vida espiritual e contemplativa, não nos

leva a nada. Mas mesmo que exista algo de sinistro na mostra de Zanette, suas pinturas estão distantes dos significados morais das “vanitas”. A relação direta entre as pinturas e as esculturas nos proporciona uma compreensão de que o crânio e os ossos são carcaças tão estruturais para o corpo quanto as madeiras que sustentam as peças são para os trabalhos tridimensionais.

As formas vazadas, abertas, que permitem que o olhar as atravesse completamente, guardam uma proporção em relação ao corpo humano a ponto de estimular uma aproximação tátil e corporal. Trata-se da mobilização de uma espécie de memória corporal que está implicada em cada uma das peças. E mesmo que a figuração da totalidade do corpo esteja fora da exposição, a noção de corpo se revela a partir do contato com o corpo do público visitante.

A limpeza e o silêncio visual presentes na montagem da mostra criam um jogo entre ausência e presença do corpo. É como se cada uma das peças exigisse um corpo para se relacionar. Mas essa relação não é harmônica, participativa, ao contrário, as peças tridimensionais não atraem completamente o corpo do visitante, na verdade também o repele, uma vez que não são ergonômicas nem feitas para usar. Os trabalhos pedem um envolvimento corporal ao mesmo tempo em que impossibilitam isso. É dessa contradição que surge o estranhamento e também grande parte da força desses trabalhos.

O artista desenvolve e constrói manualmente cada um dos trabalhos. E eles surgem de um contato com as dimensões de seu próprio corpo. Mas isso não impede a incontornável relação com o corpo de quem os contempla, na verdade as peças requerem esse vínculo. Sem nunca tratar o corpo como uma coisa ou um objeto, os trabalhos de Zanette insinuam a presença de um corpo invisível, que não pode ser representado, mas que é pressuposto e constitutivo das peças, elas sim completamente visíveis. Partindo da escala humana, o artista nos mostra que há uma íntima ligação entre espaço e corpo a ponto de um não existir separado e isolado do outro. Suas esculturas nos revelam que o contorno das salas e espaços que habitamos podem ser sentidos como análogos ao contorno do nosso próprio corpo.

Cauê Alves

Anexo 2

Jornal El País Brasil – 22 de julho de 2021

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-22/extrema-direita-mundial-estreita-lacos-com-governo-bolsonaro-que-segue-passos-de-orban-e-trump.html>

Brasil

GOVERNO BRASIL JAIR BOLSONARO STF CONGRESSO NACIONAL COVID-19 ELEIÇÕES BRASIL

GOVERNO BOLSONARO

Extrema direita mundial estreita laços com Governo Bolsonaro

Após troca de comando nos EUA, Brasil ganha centralidade entre nações que pregam contra o que chamam de comunismo e defendem pautas ultraconservadoras. País emula modelo húngaro de controle



O presidente Jair Bolsonaro abraça a deputada alemã Beatrix von Storch e o marido dela, Sven von Storch.**REPRODUÇÃO/INSTAGRAM**



JAMIL CHADE

Genebra - 22 JUL 2021 - 20:15Atualizado:26 JUL 2021 - 13:20 BRT

A [deputada](#) alemã Beatriz von Storch, do partido de extrema direita AfD, esteve no Brasil na semana passada para diversos encontros com integrantes do Governo. Os brasileiros tomaram conhecimento depois que a deputada bolsonarista Bia Kicis (PSL-DF) divulgou uma foto das duas na última quinta-feira, 22 de julho. “Hj recebi a deputada Beatrix von Storch, do Partido Alternativa para Alemanha [AfS], o maior partido conservador daquele país. Conservadores do mundo se unindo p/ defender valores cristãos e a [família](#)”, [escreveu](#) Kicis em sua rede social. A foto causou choque, especialmente pelo fato de Storch ser neta de Lutz Graf von Krosigk, ministro de Finanças do Governo nazista de Adolph Hitler. Nascido em 2013, o partido AfD é alvo de [investigação do serviço secreto alemão](#) por conexões com atos extremistas no país. Nesta segunda, 26, uma nova foto de von Storch circulou, mas desta vez ao lado do presidente Jair Bolsonaro. A imagem foi postada no Instagram da alemã, em que agradece ao presidente brasileiro “a amistosa recepção”. “Impressionada com sua clara compreensão dos problemas da Europa e dos desafios dos políticos de nosso tempo”, escreveu ela, sobre Bolsonaro. “Em um momento em que a esquerda está promovendo sua ideologia por meio de suas redes e organizações internacionais em nível global, nós, conservadores, também devemos trabalhar em rede mais estreitas e em nível internacional por nossos valores conservadores”, completou.

Não é primeira demonstração de proximidade da base de Bolsonaro com grupos extremistas. No final do ano passado, o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) promoveu uma live com o líder do Vox, Santiago Abascal. Um ano antes, [o deputado esteve na Hungria com o premiê Viktor Orbán](#), do partido Fidesz. Em comum entre a AfD, o Vox e o Fidesz, a busca por pautas conservadoras radicais, a xenofobia, a hostilização à esquerda e à imprensa.

O Brasil virou terreno fértil para expandir suas ideias sob o governo Bolsonaro, que ainda traz um elemento extra: após o fim do [Governo de Donald Trump nos Estados Unidos](#), a ofensiva ultraconservadora colocou no Brasil de Jair Bolsonaro todas as suas fichas, considerado o país com maior influência de consolidar a agenda ultraconservadora. O papel do Governo brasileiro ficou claro em janeiro de 2021, quando funcionários de alto escalão de Trump enviaram mensagens a outros países informando que projetos que tinham sido conduzidos pela Casa Branca seriam assumido a partir daquele momento por Bolsonaro. Seria do presidente brasileiro a função de liderar a aliança internacional ultraconservadora criada para influenciar as decisões da ONU, OMS e outros organismos. A informação faz parte de um e-mail enviado a colaboradores por Valerie Huber, a pessoa escolhida pela Casa Branca no governo Trump para tratar de temas de saúde da mulher. Numa mensagem de 20 de janeiro de 2021 obtida pelo EL PAÍS, Huber anuncia que o Brasil, gentilmente, ofereceu-se para coordenar essa “coalizão histórica”.



A deputada bolsonarista Bia Kicis (DEM-DF) em encontro com a parlamentar alemã Beatrix von Storch, do partido de extrema direita Alternativa para Alemanha. **TWITTER**

A coalizão de cerca de 30 países ganhou o nome de Declaração de Genebra e se transformou numa referência das alas mais radicais em movimentos religiosos. “Países que desejam se unir à Declaração podem fazer isso contatando a embaixada do Brasil nos EUA, por mais detalhes”, explicou. Huber foi a pessoa que arquitetou a coalizão e, ao longo dos últimos meses, costurou uma aproximação [importante com a pasta de Damareo Alves](#).

O Governo Bolsonaro não é o único neste movimento de manter viva a agenda de extrema direita no mundo. Mas, tornou-se chave para o fortalecimento desse grupo. [De fato, a ausência de Trump](#) não desfez a coordenação internacional. Nos últimos meses e em plena pandemia, membros do Governo brasileiro foram convidados de destaque em encontros fechados com representantes de ONGs cristãs americanas, com grupos de lobby anti-LGBT e antiaborto, além de reuniões com partidos como o Vox e outros grupos de extrema-direita.

Para diplomatas estrangeiros, o que se vê na atuação do Brasil não é nada mais que um roteiro já desenhado e implementado em países menores, mas que tiveram já anos de governos ultraconservadores. Agora, a meta é sua internacionalização. “Há um script e ele é assustador”, afirmou um negociador da UE, na condição de anonimato. O script é a transformação [dos governos da Hungria](#) e da [Polônia que, ao longo de uma década, conseguiram desmontar](#) uma democracia liberal e instaurar uma nova base ultraconservadora.

A costura dessa aliança começou a ganhar forma já nos primeiros dias do governo Bolsonaro. De forma inédita, o Brasil enviou ao menos seis missões em menos de um ano em 2019, com agendas que incluíam a promessa de uma coordenação na luta contra a perseguição sofrida por cristãos, a defesa da

família e a necessidade de proteger a “soberania”. Não faltou ainda um encontro entre o [então secretário da Cultura de Bolsonaro, Roberto Alvim, com equipes](#) do ministério da Cultura da Hungria. Alvim acabou caindo diante de um polêmico vídeo no qual ele usou referências nazistas.

Longe dos encontros ministeriais, reuniões informais, conferências fechadas e um intercâmbio intenso também foram estabelecidos entre membros do segundo escalão do governo brasileiro e húngaro. Não faltou nem mesmo uma visita de Eduardo Bolsonaro ao primeiro-ministro em Budapeste. A frequência dos encontros se contrasta ainda mais diante da constatação de que, em toda a era republicana, o Brasil jamais havia enviado uma missão com um chanceler para Budapeste.



O primeiro-ministro Húngaro Viktor Orbán, em abril de 2018. **DARKO VOJINOVIC (AP)**

Modelo Orbán

As coincidências entre a agenda internacional de Bolsonaro e suas ações no Brasil chamam a atenção por sua semelhança em relação aos projetos que, ao longo de anos, foram implementados por Viktor Orbán. O húngaro assumiu o poder em 2010. Mas, durante uma década, o que ocorreu foi o esvaziamento da democracia e um abalo nos pilares da liberdade. Hoje, [Orbán controla a Corte Constitucional](#), o Ministério Público e dois terços do Parlamento, além da imprensa, clubes de futebol, as artes, os espaços públicos e universidades.

Com eleições se aproximando em 2022 e com a oposição tentando criar pela primeira vez uma frente única para derrotá-lo, o primeiro-ministro ampliou sua radicalização e o uso da guerra cultural como forma de reagir à pressão. No Parlamento, leis foram aprovadas nas últimas semanas tornando a adoção de crianças por casais homossexuais um ato praticamente impossível. Ele ainda modificou normas que acabaram impedindo que menores de 18 anos tenham acesso a qualquer tipo de [material que possa fazer alusão ao movimento LGBT](#). Livros com tais conteúdos são obrigados a trazer um alerta em suas capas e a publicidade de qualquer empresa terá de seguir regras sobre a divulgação de conteúdo.

Em seu projeto de destruição da democracia num caminho similar ao que adota Bolsonaro hoje, [Orbán foi em busca da construção de uma Justiça](#) que fosse leal a ele e sua ideologia. Se uma primeira tentativa de reforma do Judiciário esbarrou em protestos da UE, ele agora modifica de forma mais sutil, transformando o sistema de pontos pelos quais os candidatos são julgados para ganhar vagas de juízes. Quem passou por funções no governo, segundo a nova lei, ganha pontos extras. Resultado: o fim de qualquer investigação sobre corrupção no governo e entre seus aliados e o respaldo legal às mudanças de leis sobre o conceito de família, religião, imigração e do próprio sistema democrático.

Outro foco dos ataques de Orbán tem sido as ONGs, ativistas ou qualquer movimento que questione de forma dura o governo, outra bandeira também adotada pelo governo Bolsonaro. Uma das formas de intimidação em Budapeste sobre os movimentos sociais foi a proliferação de controles de auditoria e de impostos, principalmente entre 2014 e 2016. Além disso, todas as entidades que recebem algum tipo de recursos do exterior passaram a ser registradas por “agentes externos”. Apesar de o país ter cerca de 60.000 ONGs, elas passaram a ser excluídas do processo de elaboração de políticas públicas.

Assim como Bolsonaro argumenta que o único termômetro da representatividade da democracia é a eleição, o governo Orbán usa exatamente esse argumento para justificar que organizações da sociedade civil não têm mandato para atuar na formulação de políticas públicas. As coincidências na forma de agir entre os dois governos também ocorrem no tratamento da imprensa. Tanto em Brasília como em Budapeste, os meios de comunicação são considerados como uma força a ser neutralizada.

Por anos, aliados do governo passaram a comprar jornais locais, rádios e outros canais. Quando praticamente toda a imprensa estava nas mãos desses empresários, eles decidiram doar seus impérios para uma obscura fundação, em 2018. No total, 400 meios de comunicação estariam sob uma só direção. Uma semana depois, [Orbán assinou um decreto isentando](#) essa fusão de qualquer controle externo, numa centralização sem precedentes. A coordenação entre jornais regionais, revistas, rádios e TVs passou a ser completa, com títulos parecidos para suas manchetes, mesmas imagens e argumentos.

Enquanto financia quem o apoia, o governo “leva à fome” os meios independentes. Empresas que fazem publicidade em jornais contrários ao governo temem perder contratos públicos e o governo passou a não mais responder aos emails e pedidos de informação por parte desses jornais. Enquanto isso, jornalistas são assediados e a oposição passou a ser praticamente vetada de todos os debates nas televisões.

O mesmo movimento de controle também passou pela academia de ciência, dirigidas por leais seguidores do partido de Orbán. Tais estruturas passaram a concentrar grande parte do dinheiro do Estado, com professores com salários mais elevados, esvaziamento dos cursos de Ciências Humanas, o controle das universidades e, na prática, o fim de suas autonomias.

A guerra cultural ainda teve como objetivo reescrever a história do país e estabelecer o comando de teatros e museus para que a ideologia de extrema direita prevalecesse nas peças escolhidas, nas mostras e até mesmo na programação da Opera Nacional. Com uma diferença de dez anos em relação ao governo Bolsonaro, a Hungria serve de modelo de uma guinada iliberal. E que agora é assumida em parte pelo Brasil para influenciar na agenda internacional.

Anexo 3

O Sesc - Serviço Social do Comércio convida para



Programa de exposições que tem como objetivo apresentar e estimular a produção de jovens artistas, exibindo obras contemporâneas em diálogo com os espaços do Sesc Osasco.

Objetos / Oblíquos

Luciano Zanette

A exposição *Objetos/Oblíquos* do artista Luciano Zanette dá continuidade à sua produção escultórica de mais de quinze anos com referências a objetos do mobiliário cotidiano atravessados conceitualmente por questões indicativas de modos de uso e eficiência, hábitos culturais brasileiros, ações de descanso e trabalho, situações de relações e confrontamentos, assim como interdições da aparente funcionalidade usual dos objetos e com isso gerando possíveis provocações no sentido de buscar evocar memórias corporais de experiências pessoais sensíveis do público.

De 11/8 a 31/12/2015

Terça a sexta, das 13h às 21h30

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h30

Espaços do Sesc Osasco

Grátis. 

Sesc Osasco

Av Sport Club Corinthians Paulista, 1300

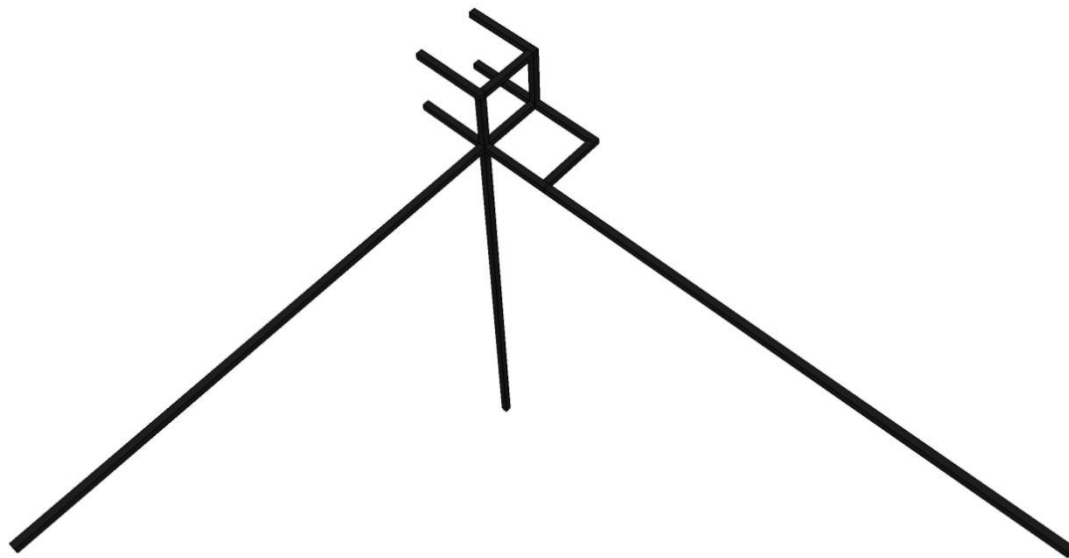
CEP 06132-380 - Osasco - SP

TEL 11 3184-0900

email@osasco.sescsp.org.br

sescsp.org.br/osasco

   /sescosasco



Luciano Zanette, Esteio, RS, 1973. Vive e trabalha em São Paulo. Graduação e Mestrado em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Artista e professor de Artes Visuais do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Texto Crítico

À prova do corpo

Levantar. Andar. Sentar. Deitar. Nossos cotidianos são ritmados essas por ações aparentemente banais e inócuas, que incessantemente se reiteram, se sucedem seguindo a pulsação do relógio e o decorrer dos dias. Por trás dessas repetições singelas se dissimulam uma coreografia normatizada por nossa sociedade que ensaiamos desde crianças. O mobiliário do dia-a-dia tem um protagonismo central nessa dança uma vez que ele sugere sub-reptícias etiquetas corporais. A adaptação e uniformização das posturas pelo mobiliário cotidiano é precisamente uma das premissas fundamentais na obra de Luciano Zanette.

De fato, o artista evidencia as estruturas de poder e submissão por trás das tipologias de mobiliário mais difundidas, que funcionam como ferramentas de contenção e adequação do corpo individual às normas e padrões de um corpo coletivo. Esse interesse já é latente em suas primeiras instalações, nas quais reconfigurava peças encontradas de mobiliário cotidiano investidos com uma certa carga afetiva.

Progressivamente, essa reflexão acerca dos condicionamentos insinuados por esses móveis foi se depurando e o artista começou a trabalhar com uma ideia mais abstrata e gráfica desse mobiliário em estruturas compostas e vazadas como as esculturas recentes do conjunto presente na mostra *Objetos/Obliquos*. Apesar de tomarem forma de estruturas simplificadas e geometrizadas, as esculturas se referem às tipologias reconhecíveis de móveis que povoam nossas casas e escritórios: mesas, cadeiras, camas, entre outros. As composições de Zanette muitas vezes apresentam algum eixo deslocado ou um elemento que impossibilita a sua utilização, frustrando o apelo físico que esses móveis em tamanho real suscitam. É desnortando o espectador, impossibilitando o uso desses objetos, que o artista aponta para nossas respostas corporais e automatismos escondidos diante desse mobiliário, assim como eles reverberam em valores e princípios difundidos na sociedade.

A cadeira usual, objeto recorrente no trabalho de Zanette, por exemplo, corresponde a um modo de sentar propriamente ocidental: o que implica uma postura na qual o tronco forma um ângulo reto com as coxas e, por sua vez, com os joelhos. No entanto, se trata apenas de uma entre outras fórmulas que existem em outras partes do mundo como sentar ajoelhado ou ainda de pernas cruzadas. Além do mais, essa cadeira, é sintomática da condição atual de crescente inatividade física e, por extensão, dos padrões de passividade que progressivamente imprime nos indivíduos¹.

Zanette se refere a essa contenção mental suscitada pela contenção física induzida pela posição sentada em *Inscrição*, escultura na qual uma cadeira de tamanho real parece contida em uma estrutura que denota um teto. A escultura sugere, por um lado, o conforto de uma casa, mas por outro, também um certo conformismo que essa comodidade pode ocasionar. Esse conforto domiciliar e sua relação com uma inércia conformista também é evocada em *Estruturas do Hábito*, que consiste em uma estrutura de aço vazada que resulta em um conglomerado de diferentes móveis: uma cama, cadeira, uma porta e um genuflexório. O espectador pode adentrar esse espaço da esfera privada, do quarto e da fé individual. O título é indicativo dos diferentes entendimentos do termo "estrutura" que permeiam os trabalhos do artista: a própria estrutura da escultura, a casa como metáfora de uma estrutura familiar, religiosa e social e, por fim, as estruturas comportamentais que esses diferentes agentes privilegiam.

A escultura *Quatro Poderes* é sintomática tanto da continuidade da reflexão sobre as diferentes implicações por trás do sentar e da cadeira, quanto de um direcionamento explicitamente político no trabalho recente de Luciano Zanette. A escultura consiste em quatro cadeiras equilibradas por uma de suas pernas é mais longa do que as outras. Cada perna prolongada é levemente inclinada de maneira a que as pernas das diferentes cadeiras se cruzem em um ponto, possibilitando um equilíbrio. Desta maneira, por estarem em altura e inclinadas, o uso das cadeiras fica impossibilitado. A altura e dificuldade de acesso remetem à história dessa peça de mobiliário, que originalmente e durante muito tempo era atribuída a figuras de poder político ou religioso, antes de se tornar uma peça *standard* de mobiliário no século XIX². As quatro cadeiras inacessíveis, que representam os poderes executivo, legislativo, judiciário e o da mídia, se apoiam uma na outra em uma configuração frágil, mas que ainda assim mantém o seu equilíbrio.

Para além das camadas e leituras políticas do trabalho recente de Zanette, dessas estruturas frias norteadas pelo que parecem linhas de força matemáticas e impessoais, parece sempre se desprender uma certa melancolia. De fato, as estruturas parecem suspensas em um estado de desequilíbrio, sem nenhum resquício de individualidade e na constante iminência da queda do conjunto. Talvez porque essas estruturas que ditam suas próprias regras resistem as resiliências e organicidades do corpo de cada indivíduo e que, em última instância, foram elaborados à prova dos corpos que as habitam.

Olivia Ardui
2015

1 Peter OPSVIK, *Rethinking Sitting*, New York, 2009. Capítulos: *Our passive Present e Post-industrialized societies* (p. 14-15).

2 Idem. Capítulo: *The chair and the authority* (p. 22-23).

Anexo 4

Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito!

Em agosto de 1977, em meio às comemorações do sesquicentenário de fundação dos cursos jurídicos no país, o professor Goffredo da Silva Telles Junior, mestre de todos nós, no território livre do Largo de São Francisco, leu a Carta aos Brasileiros, na qual denunciava a ilegitimidade do então governo militar e o estado de exceção em que vivíamos. Conclamava também o restabelecimento do estado de direito e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

A semente plantada rendeu frutos. O Brasil superou a ditadura militar. A Assembleia Nacional Constituinte resgatou a legitimidade de nossas instituições, restabelecendo o estado democrático de direito com a prevalência do respeito aos direitos fundamentais.

Temos os poderes da República, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, todos independentes, autônomos e com o compromisso de respeitar e zelar pela observância do pacto maior, a Constituição Federal.

Sob o manto da Constituição Federal de 1988, prestes a completar seu 34º aniversário, passamos por eleições livres e periódicas, nas quais o debate político sobre os projetos para o país sempre foi democrático, cabendo a decisão final à soberania popular.

A lição de Goffredo está estampada em nossa Constituição “Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de seus representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.

Nossas eleições com o processo eletrônico de apuração têm servido de exemplo no mundo. Tivemos várias alternâncias de poder com respeito aos resultados das urnas e transição republicana de governo. As urnas eletrônicas revelaram-se seguras e confiáveis, assim como a Justiça Eleitoral.

Nossa democracia cresceu e amadureceu, mas muito ainda há de ser feito. Vivemos em país de profundas desigualdades sociais, com carências em serviços públicos essenciais, como saúde, educação, habitação e segurança pública. Temos muito a caminhar no desenvolvimento das nossas potencialidades econômicas de forma sustentável. O Estado apresenta-se ineficiente diante dos seus inúmeros desafios. Pleitos por maior respeito e igualdade de condições em matéria de raça, gênero e orientação sexual ainda estão longe de ser atendidos com a devida plenitude.

Nos próximos dias, em meio a estes desafios, teremos o início da campanha eleitoral para a renovação dos mandatos dos legislativos e executivos estaduais e federais. Neste momento, deveríamos ter o ápice da democracia com a disputa entre os vários projetos políticos visando convencer o eleitorado da melhor proposta para os rumos do país nos próximos anos.

Ao invés de uma festa cívica, estamos passando por momento de imenso perigo para a normalidade democrática, risco às instituições da República e insinuações de desacato ao resultado das eleições.

Ataques infundados e desacompanhados de provas questionam a lisura do processo eleitoral e o estado democrático de direito tão duramente conquistado pela sociedade brasileira. São intoleráveis

as ameaças aos demais poderes e setores da sociedade civil e a incitação à violência e à ruptura da ordem constitucional.

Assistimos recentemente a desvarios autoritários que puseram em risco a secular democracia norte-americana. Lá as tentativas de desestabilizar a democracia e a confiança do povo na lisura das eleições não tiveram êxito, aqui também não terão.

Nossa consciência cívica é muito maior do que imaginam os adversários da democracia. Sabemos deixar ao lado divergências menores em prol de algo muito maior, a defesa da ordem democrática.

Imbuídos do espírito cívico que lastreou a Carta aos Brasileiros de 1977 e reunidos no mesmo território livre do Largo de São Francisco, independentemente da preferência eleitoral ou partidária de cada um, clamamos às brasileiras e brasileiros a ficarem alertas na defesa da democracia e do respeito ao resultado das eleições.

No Brasil atual não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições.

Em vigília cívica contra as tentativas de rupturas, bradamos de forma uníssona:

Estado Democrático de Direito Sempre!!!!⁵⁷⁷

⁵⁷⁷ *Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito!* USP. Estado de Direito Sempre. Disponível em: <https://www.estadodedireitosempre.com/> Acesso em 11 de agosto de 2022.

Anexo 5

POR QUÊ OS GASTOS COM A DÍVIDA CRESCERAM TANTO EM 2021?

A explosão do crescimento da Dívida Pública Federal em 2021 é explicada pelas seguintes razões:

1ª) JUROS ELEVADOS:

Enquanto o mundo todo está praticando taxas de juros próximas de zero ou até negativas há anos, o custo médio da dívida divulgado pelo Tesouro Nacional em 2021 foi de 8,91% ao ano, custo bem mais elevado que a média da taxa básica de juros Selic, uma vez que a maior parte da dívida está indexada a outras taxas de juros bem superiores.

Os juros consumiram bem mais que o valor de R\$ 256 bilhões⁴ informado pelo governo no SIAFI a título de juros da dívida! Este valor está extremamente subestimado, o que se evidencia pela simples estimativa calculada pela multiplicação do estoque da dívida federal no final de 2020 (de R\$ 6,935 trilhões) pela taxa média divulgada pelo Tesouro Nacional⁵ (8,91% a.a.), que resulta no valor estimado de no mínimo R\$ 618 bilhões.

Essa estimativa conservadora, que sequer considerou os juros decorrentes de novas dívidas surgidas em 2021, escancara a falta de transparência do governo em relação ao efetivo gasto com juros, o que reforça a urgente necessidade de realização da auditoria da dívida.

O gasto com juros tem sido, historicamente, o principal fator de crescimento da dívida pública, e em 2021 a situação se tornou ainda mais grave diante da disparada da Selic pelo Banco Central⁶, sob a falsa justificativa de “controlar inflação”.

2ª) EMISSÃO EXCESSIVA DE TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA FEDERAL

O volume total de operações de crédito realizadas pelo governo federal em 2021 (em sua imensa maioria resultantes da emissão de títulos públicos) alcançou o patamar exagerado de R\$ 2,031 trilhões⁷!

Caso esse montante tivesse sido empregado em investimentos para o desenvolvimento socioeconômico do país, estaríamos vivenciando outra realidade!

Essa montanha de dinheiro foi consumida da seguinte forma:

– R\$ 1,670 trilhões se destinaram aos gastos com juros e mecanismos financeiros da própria dívida;

– R\$ 307 bilhões ficaram parados no caixa do governo federal, aumentando o chamado “colchão de liquidez” que serve para dar garantias aos rentistas e deixar os bancos tranquilos de que o dinheiro para o pagamento dos próximos juros já se encontra armazenado em caixa. Para se ter uma ideia do absurdo que vivemos neste país, enquanto faltam recursos para garantir as necessidades básicas de grande parte da população que está nas ruas, vivendo de ossos e restos, e o governo alega diariamente que não há dinheiro para um auxílio emergencial para todos, corta investimentos em saúde, educação pesquisa etc., o saldo de dinheiro disponível na Conta Única do Tesouro Nacional ao final de 2021 atingiu R\$ 1,736 TRILHÃO!⁸

– Apenas R\$ 54 bilhões decorrentes da emissão de títulos da dívida foram destinados para áreas sociais, o que demonstra a falácia do argumento neoliberal, copiado por alguns outros economistas, no sentido de que a dívida pública estaria financiando áreas sociais como a Previdência Social por exemplo. Na verdade, no Brasil a dívida tem servido para SUBTRAIR recursos das áreas sociais: além de consumir praticamente todos os recursos advindos da emissão de novos títulos, ainda absorve recursos provenientes de outras fontes, que poderiam ser destinados a investimentos em áreas sociais. Conforme dados do próprio governo, R\$ 291 bilhões dos gastos com a dívida em 2021 foram financiados com outras fontes de receita, tais como lucros do Banco Central (R\$ 121 bilhões) e Royalties do Petróleo (R\$ 41 bilhões). Esse elevado volume de Royalties do Petróleo destinado ao pagamento da dívida também revela o impacto direto do Sistema da Dívida na vida do povo, que sofre com o altíssimo preço do gás de cozinha e demais combustíveis, como diesel e gasolina, enquanto o lucro da Petrobras enriquece acionistas e a parcela destinada ao governo é consumida no gasto com a dívida.

3º) ATUAÇÃO DE MECANISMOS DO SISTEMA DA DÍVIDA

Enquanto países desenvolvidos continuamente tomam empréstimos para investir na economia, gerando resultado em termos de desenvolvimento socioeconômico, geração de emprego e renda – no Brasil novos títulos têm sido sucessivamente emitidos para pagar juros e amortizações de dívidas anteriores, além de alimentar outros mecanismos do Sistema da Dívida. Além de não servir para financiar o nosso desenvolvimento socioeconômico, como já declarado inclusive pelo TCU⁹, o Sistema da Dívida transfere sistematicamente renda e riqueza dos mais pobres para os muito ricos, acirrando a injustiça social e o atraso tecnológico.

Dentre os mecanismos que alimentam o Sistema da Dívida no Brasil, sobressaem os operados pelo Banco Central e sua política monetária suicida, que consome centenas de bilhões de reais anualmente, responsável pela geração e crescimento exponencial de dívida ilegítima¹⁰, devido às taxas de juros historicamente elevadas, à remuneração diária da sobra de caixa dos bancos¹¹, escandalosos contratos de swap¹², entre outros.

Todos esses mecanismos “geram” dívida pública, ou seja, o seu estoque aumenta, mas o dinheiro não é empregado em investimentos de interesse da sociedade que vai pagar a conta da dívida, mas retroalimenta o próprio Sistema da Dívida.

4º) A FALÁCIA DA “ROLAGEM”

Um dos expressivos fatores que provocam o crescimento exponencial da dívida pública é representado pelo mecanismo da contabilização de grande parte dos juros como se fosse amortização, conforme já denunciado pela Auditoria Cidadã da Dívida¹³ desde a CPI da Dívida Pública na Câmara dos Deputados (2009/2010).

Alguns liberais desconhecem esse mecanismo inconstitucional (fere o Art. 167, III, da CF/88) e criticam o gráfico do orçamento executado divulgado pela Auditoria Cidadã da Dívida, que corretamente soma os gastos com juros e amortizações, tendo em vista que grande parte dos juros é contabilizada pelo governo como se fosse amortizações (ou “refinanciamento”), vulgarmente chamada de “rolagem”.

Em 2021, como já mencionado, o custo estimado dos juros da dívida pública federal foi de R\$ 618 bilhões, mas o governo somente contabilizou R\$ 256 bilhões na rubrica dos juros¹⁴, ou seja, cerca de pelo menos R\$ 362 bilhões referentes a juros estão sendo indevidamente embutidos na rubrica das amortizações, e são propagandeados como se fossem “rolagem”.

O falacioso discurso de que estaríamos apenas “rolando” a dívida dá a impressão de que a situação não estaria se agravando e que essa “rolagem” não teria efeito orçamentário ou econômico, pois rolagem significa a mera troca de título que está vencendo por outro. Na realidade os dados comprovam o contrário: nova dívida está sendo contraída, o estoque está aumentando, e os novos títulos públicos emitidos são consumidos pelo Sistema da Dívida, inclusive para pagar gastos com juros (despesa corrente), e isso não pode ser chamado de “rolagem”.

Em 2021, por exemplo, verificamos que quase R\$ 1 TRILHÃO de gastos com a chamada dívida nada tem a ver com a chamada “rolagem”, tendo em vista que no mínimo R\$ 618 bilhões foram gastos com o pagamento de juros e R\$ 291 bilhões de amortizações foram financiados com outras fontes de receita que nada têm a ver com emissão de novos títulos públicos.

Além disso, o montante passível de ser considerado como “rolagem” ou “refinanciamento” deve ser considerado no custo do serviço da dívida pública, por isso está somado no gráfico. Quando o governo toma um empréstimo, ele está fazendo uma opção política sobre o que fazer com o dinheiro: investir na sociedade, ou pagar uma dívida repleta de ilegalidades, que jamais foi auditada com a participação da sociedade civil. Conforme colocado acima, em países desenvolvidos, novos empréstimos são continuamente utilizados para investimentos sociais (inclusive com juros negativos), enquanto no Brasil são utilizados para continuar enriquecendo os muito ricos, o que tem nos condenando à calamidade social, à injustiça e ao atraso tecnológico. Portanto, os que dizem que a “rolagem” ou “refinanciamento” não teria nenhum significado econômico estão tentando evitar o debate sobre como o endividamento público tem prejudicado o país.

NECESSIDADE DE AUDITORIA COM PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O gráfico divulgado anualmente pela ACD incomoda analistas ligados aos beneficiários da dívida pública (representantes de bancos, consultorias e comentaristas de grandes empresas de telecomunicações financiadas por instituições financeiras) que, evidentemente, se recusam a enfrentar

o injustificado e sigiloso gasto financeiro com o Sistema da Dívida, e ficam alegando que o problema das contas públicas estaria em gastos com Previdência e servidores públicos.

A centralidade da dívida pública é inegável, pois essa dívida está por trás de todas as contrarreformas, teto e corte de gastos, insanas privatizações, funcionando como um dos principais pilares do modelo econômico produtor de escassez em nosso rico Brasil.

O conformismo diante do imenso gasto com a chamada dívida pública sem contrapartida em investimentos de interesse do povo e a falácia de que todo o gasto com o Sistema da Dívida seria mera “rolagem” impede o enfrentamento do problema e a mudança de rumo, condenando o país ao atraso e o nosso povo à miséria.

Tenta-se silenciar o necessário debate sobre o Sistema da Dívida no Brasil, sob argumentos equivocados (de “rolagem”, ou que bastaria emitir moeda¹⁵) que se prestam a manter os privilégios dos bancos e grandes rentistas, cujos nomes são inclusive mantidos em sigilo!

Por tudo isso, é urgente a realização da auditoria integral dessa chamada dívida, com participação da sociedade, pois a auditoria é a ferramenta que possibilita documentar a ilegitimidade do Sistema da Dívida, que não tem servido ao povo, e virar esse jogo!

<https://auditoriacidada.org.br>